

ROBERT  
MUSIL



O HOMEM  
SEM  
QUALIDADES



ROMANCE



EDITORA  
NOVA  
FRONTEIRA

4ª IMPRESSÃO

ROBERT MUSIL

**O HOMEM  
SEM QUALIDADES**

ROMANCE

**Livro II/II**

Tradução de  
LYA LUFT

e

CARLOS ABBENSETH

EDITORA  
NOVA FRONTEIRA

Título original: DER MANN OHNE EIGENSCHAFTEN  
© 1978, by ROWOHLT VERLAG - Gmbh, Reinbeck bei Hamburg

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela  
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A  
Rua Bambina, 25 - CEP 22251 - Botafogo - Tel.: 286-7822  
Endereço telegráfico: NEOFRONT - Telex: 34695 ENFS BR  
Rio de Janeiro, RJ

Tradução do Livro Primeiro e capítulos 1 a 38 do Livro Segundo feita  
por Lya Luft, com revisão de Carlos Abbenseth.  
Tradução da obra póstuma feita por Carlos Abbenseth, com revisão  
de Cristina Blink.

Organização da edição brasileira:

Carlos Abbenseth, de acordo com a edição original alemã de Adolf Frisé.

Revisão tipográfica  
CRISTINA BLINK  
VERA LÚCIA SANTANA DE SOUZA  
VALDETE LIMA  
TEREZA BATISTA DA ROCHA

Capa: Victor Burton

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M975h Musil, Robert 1880-1942  
O homem sem qualidades / Robert Musil; tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. —  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. (Grandes romances)

Tradução do original.

1. Romance alemão. I. Luft, Lya. 1938. II. Abbenseth, Carlos. III. Título. IV. Série

CDD - 833 89-0726

## **LIVRO SEGUNDO**

**TERCEIRA PARTE**  
**RUMO AO REINO DOS MIL ANOS**  
**[OS CRIMINOSOS]**

## A IRMÃ ESQUECIDA

Quando ao anoitecer do mesmo dia Ulrich chegou em X... e saiu da estação, encontrou uma ampla praça de linhas suaves, que desembocava em duas ruas nas extremidades, exercendo um efeito quase doloroso em sua memória, como acontece com paisagens que vimos muitas vezes mas esquecemos.

— Asseguro-lhe que os proventos diminuiram em vinte por cento e que a vida encareceu vinte por cento: isso dá quarenta por cento!

— E eu lhe asseguro que corrida de seis dias é um acontecimento que une os povos!

Essas vozes vinham do ouvido dele; vozes do trem. Depois ouviu dizer, bem nitidamente:

— Apesar disso, prefiro a ópera a tudo mais!

— A ópera é o seu esporte?

— Não, é uma paixão.

Ele inclinou a cabeça, como se tivesse de tirar água do ouvido: o trem estivera repleto e a viagem fora longa; gotas da conversa generalizada que ali tinham entrado durante a viagem brotaram do fundo e emergiram. Ulrich esperara, na alegria e pressa da chegada que fazia o portão da estação jorrar pessoas como a boca de um cano d'água na calma da praça, até que, por fim, só escorressem gotas; estava agora parado naquele vácuo do silêncio que segue à zoeira. E, acompanhando a inquietação em seus ouvidos que isso provocava, divisou diante dos olhos uma inusitada calma. Tudo o que era visível estava mais nítido do que habitualmente, e olhando a praça viu do outro lado caixilhos comuns de janelas, tão negros na luz crepuscular contra o pálido e fosco brilho das vidraças, como cruces do Gólgota. Também as coisas móveis destacavam-se na rua sossegada como não acontece nas cidades muito grandes. Era patente que tanto os objetos móveis quanto os hirtos tinham aqui espaço para mostrar toda a sua importância. Com alguma curiosidade do reencontro, fez essas descobertas e contemplou a grande cidade de província na qual passara pequenas e desagradáveis fases de sua vida. Na sua essência, ele sabia muito bem, havia algo de colonial e apátrida: o cerne mais antigo, de burguesia alemã há séculos em terras

eslavas, estava agora decadente, de modo que afora algumas igrejas e nomes de família pouca coisa lembrava aquele passado, e também da sede das cortes regionais, que mais tarde a cidade deixara de ser, pouco se via exceto um belo palácio ainda conservado; mas sobre aquele passado incrustara-se nos tempos do governo absolutista a grande pompa de uma administração imperial com as repartições centrais da província, escolas e universidade, casernas, tribunais, prisões, sede de bispado, teatro e fortaleza, todas as pessoas que disso faziam parte, e os comerciantes e artesãos por elas atraídos, de modo que, por fim, ainda se anexou a isso uma indústria de empresários imigrados, cujas fábricas encheram, casa a casa, os subúrbios, e, nas últimas gerações, tinham influenciado mais fortemente que todo o resto o destino daquele pedaço de terra. Essa cidade tinha história e também tinha rosto, mas nele os olhos não combinavam com a boca, ou o queixo não combinava com os cabelos; e sobre tudo isso pairavam os sinais de uma vida muito agitada, porém interiormente vazia. Talvez isso favorecesse, em condições pessoais especiais, coisas muito inusitadas.

Para resumir numa palavra tampouco impecável: Ulrich sentia algo “espiritualmente insubstancial” em que nos perdemos, pois desperta em nós uma inclinação para fantasias desenfreadas. Trazia no bolso o estranho telegrama do pai, e sabia-o de cor: “Dou-lhe a conhecer meu falecimento ocorrido”, mandara-lhe dizer o ancião — ou devemos dizer, “participara-lhe?” —, expressando isso já pela assinatura: “seu pai”. Sua Excelência, o Conselheiro, nunca brincava nos momentos sérios: por isso, aquela excêntrica maneira de dar a notícia era diabolicamente lógica, pois era ele mesmo quem avisava seu filho, ao escrever ou ditar a alguém aquele texto na expectativa da própria morte, determinando que essa notícia fosse dada após o seu último suspiro; talvez nem se pudesse expressar melhor a ocorrência, mas era fato que essa tentativa do presente de dominar o futuro que já não conseguiria viver exalava o sinistro sopro cadavérico de uma vontade que se fora decompondo sob grande indignação!

Dada essa circunstância, que por alguma ligação também lhe recordava o gosto minuciosamente desequilibrado de pequenas cidades, Ulrich pensava preocupado em sua irmã, casada na província, que certamente encontraria em alguns minutos. Já na viagem pensara nela, pois pouco sabia a seu respeito. De tempos em tempos recebera notícias familiares com as cartas do pai, mais ou menos assim: “sua irmã Ágata casou”, seguindo-se os pormenores, pois Ulrich na ocasião não pudera vir para casa. E por volta de um ano depois, já recebera a notícia da morte do jovem marido; e, três anos mais tarde, se não se enganava, chegara a participação: “para minha alegria, sua irmã Ágata decidiu casar-se novamente”. A esse segundo casamento, há cinco anos, ele estivera presente, e vira a irmã durante alguns dias; mas só recordava que aqueles dias tinham sido como uma roda gigantesca de roupas brancas girando sem cessar. E lembrava-se do marido, que lhe desagradara. Ágata devia ter naquele tempo vinte e dois anos, ele mesmo vinte e sete, pois acabava de obter seu título de doutor; portanto, agora a irmã tinha vinte e sete, e ele nem a vira nem trocara cartas com ela desde então. Apenas recordava que mais tarde muitas vezes o pai escrevera que “infelizmente no casamento de sua irmã nem tudo parece ser como deveria, embora o marido seja uma excelente pessoa”. Lia-se também: “Muito me alegrei com os mais recentes êxitos do marido de sua irmã Ágata.”

Pelo menos assim diziam as cartas, às quais lamentavelmente nunca dera maior atenção; mas uma vez, isso Ulrich recordava muito bem, ligara-se, à censura pela

ausência de filhos no casamento da irmã, à esperança de que mesmo assim ela se sentisse bem em seu matrimônio, embora seu caráter jamais a deixasse admitir isso.

Como será que ela está agora?, pensou Ulrich. Uma das singularidades do ancião que tão cuidadosamente transmitia notícias de um ao outro fora afastar os dois de casa logo depois da morte da mãe, ainda em tenra idade; foram educados em colégios separados, e Ulrich, que não se saía nada bem, muitas vezes não pudera vir para casa nas férias, de modo que, na verdade, desde a infância, quando se haviam amado muito, ele não revira direito a irmã, exceto um convívio mais demorado quando Ágata tinha dez anos.

Ulrich achava natural que, nessas circunstâncias, também não se correspondessem. O que haveriam de escrever um ao outro? Quando Ágata se casara pela primeira vez, ele lembrava agora, Ulrich era tenente e estava hospitalizado por ter levado um tiro num duelo: Deus, como fora burro! No fundo, fora como vários burros. Pois viu que aquela recordação do tempo de tenente, com o tiro, nem vinha daquela fase: ele já era quase engenheiro, e tinha “coisas importantes” a fazer, o que o mantivera afastado daquela festa familiar! Mais tarde, ouvira dizer que sua irmã amara muito ao primeiro marido: não sabia mais quem lhe dissera isso, mas afinal o que significa “ela o amava muito?” É uma maneira de dizer. Ela voltara a se casar, e Ulrich detestava seu segundo marido: isso era a única coisa certa em tudo aquilo! Não apenas desgostava dele por impressão pessoal, mas por alguns livros seus que lera, e era possível que desde então tivesse até mesmo querido esquecer a irmã. Não era coisa correta; mas tinha de admitir que, no último ano, em que refletira sobre tantas coisas, nunca se lembrara dela, nem mesmo quando soubera da morte do pai. Mas, na estação, perguntara ao velho que o fora apanhar se seu cunhado já chegara, e quando soube que o professor Hagauer só era esperado para o enterro, alegrou-se com isso. E embora só faltassem dois ou três dias para o enterro, esse tempo lhe pareceu uma clausura de duração ilimitada, que passaria junto da irmã, como se fossem as pessoas mais íntimas do mundo. Teria sido em vão indagar-se como explicava isso; provavelmente o pensamento “irmã desconhecida” era uma dessas amplas abstrações em que se concentram muitos sentimentos sempre meio deslocados.

Ocupado com essas questões, Ulrich entrara lentamente na cidade estranha e familiar, que se abria à sua frente. Mandou um carro com sua bagagem, na qual à última hora incluía muitos livros, seguir com o velho criado que o apanhara e, parte de suas memórias de infância, unia os cargos de mordomo, e administrador e servente da Universidade, cargos esses que, com os anos, haviam adquirido limites bastante vagos. Provavelmente fora àquele homem modesto e fechado que o pai de Ulrich ditara seu telegrama de morte. Os pés de Ulrich seguiam admirados e contentes o caminho que os levaria para casa, enquanto seus sentidos percebiam, agora alertas e curiosos, as impressões frescas com que qualquer cidade em desenvolvimento nos surpreende quando não vimos por muito tempo. Num determinado ponto do qual se recordavam antes dele, os pés de Ulrich saíram do caminho principal, e pouco depois ele se viu numa ruela estreita, formada unicamente por dois muros de jardim. A casa de quase dois andares aparecia enviesada diante do recém-chegado, com a parte central mais alta, o velho estábulo lateral e, apertada como sempre contra o muro do jardim, a casinha onde o criado morava com sua mulher; era como se apesar da familiaridade o velho patrão os tivesse afastado de si o mais possível e ainda assim rodeado com seus muros. Imerso em pensamentos, Ulrich chegara à entrada fechada do jardim, ba-



tendo o grande anel da aldrava presa em lugar de sineta na porta baixa, enegrecida pelo tempo, antes de seu acompanhante chegar correndo, avisando-o do seu engano.

Tiveram de rodear o muro até a entrada da frente, onde estava o carro, e somente lá, no momento em que viu diante de si a fachada cerrada da casa, Ulrich lembrou que sua irmã não o fora apanhar na estação. O criado avisou que a patroa estava com enxaqueca e se recolhera depois da refeição dando ordens de acordá-la assim que o Senhor Doutor chegasse. Ulrich indagou se sua irmã sofria de enxaquecas freqüentes, e logo se arrependeu dessa falta de tato, que revelava sua estranheza diante de um velho íntimo da casa paterna, e tocava em relações de família que era melhor não comentar.

— A jovem patroa deu ordem de servir o chá em meia hora — respondeu o educado ancião, com um rosto de criado cortês e cego, dando a perceber cautelosamente que não entendia de nada que estivesse acima de suas obrigações.

Involuntariamente, Ulrich ergueu os olhos para as janelas, pensando que Ágata poderia estar parada atrás delas, examinando-o, e constatou com uma sensação incômoda que sua estada ali ficaria frustrada se ela lhe desagradasse. Pareceu-lhe um traço de familiaridade ela não ter ido à estação nem estar no portão à sua espera, um certo parentesco de sensibilidades, pois na verdade não teria fundamento correr ao seu encontro como se ele próprio, mal chegando, tivesse corrido para junto do caixão do pai. Mandou dizer que estaria pronto em meia hora, e ajeitou-se um pouco. O quarto onde fora alojado ficava no segundo andar da parte central, uma espécie de mansarda, e fora seu quarto de criança, agora estranhamente completado por alguns utensílios visivelmente reunidos às pressas, que serviam para o conforto de um adulto.

“É provável que não se possa dar outra arrumação enquanto o morto estiver em casa”, pensou Ulrich, instalando-se, não sem dificuldades, entre as ruínas de sua infância, mas também com um pouco da sensação agradável que subia como nevoeiro daquele chão. Queria trocar de roupa e, nisso, lembrou-se de vestir um traje caseiro que parecia um pijama, que lhe caiu nas mãos ao desfazer as malas. “Pelo menos, ela podia ter-me cumprimentado assim que entrei”, pensou, e naquela descuidada escolha da roupa havia uma vaga censura, embora continuasse sentindo que a irmã devia ter algum motivo para seu comportamento, conferindo à sua troca de roupas algo da cortesia que existe numa forma descontraída de intimidade.

Era um grande pijama de lã macia, quase uma espécie de roupa de pierrô, xadrez preto-e-cinza, amarrado nos punhos e tornozelos, e na cintura; gostava dele por sua comodidade, que, enquanto descia a escada, lhe agradou muito depois da noite insone e da longa viagem. Mas quando entrou na sala onde a irmã o aguardava, espantou-se com suas vestimentas, pois, como por uma dessas secretas determinações do acaso, encontrou-se diante de um grande pierrô louro, envolto em listras e quadrados cinza-claro e cor de ferrugem, que ao primeiro olhar era muito parecido com ele.

— Mas eu não sabia que éramos gêmeos! — disse Ágata, o rosto iluminado de alegria.

## CONFIANÇA

Não se beijaram pelas boas-vindas, ficaram apenas parados um diante do outro, amavelmente, depois trocaram de lugar e Ulrich pôde contemplar a irmã. A altura deles combinava. O cabelo de Ágata era mais claro que o dele, e tinham a mesma pele seca e perfumada, a única coisa que ele amava em seu próprio corpo. O peito dela não se diluía em seios, mas era esguio e forte; e os membros de sua irmã pareciam ter a forma estreita e longa de fusos, reunindo beleza e força natural.

— Espero que sua enxaqueca tenha passado, não se nota mais nada — disse Ulrich.

— Eu não estava com enxaqueca, só mandei dizer isso porque era mais simples — explicou ela —, porque não podia lhe mandar recados complicados pelo criado: eu só estava com preguiça. Estava dormindo. Aqui, acostumei-me a dormir em todos os momentos livres. Aliás, sou mesmo preguiçosa; acho que é por desespero. E quando recebi a notícia de que você vinha, pensei: espero que seja a última vez que vai me dar sono, e então me permiti uma espécie de sono de convalescença: mas depois de pensar bastante, disse ao criado que era enxaqueca.

— Você não pratica nenhum esporte? — perguntou Ulrich.

— Um pouco de tênis. Mas detesto esporte.

Enquanto ela falava, ele voltou a contemplar-lhe o rosto. Não lhe pareceu muito semelhante ao seu; mas talvez se enganasse, talvez fosse parecido como um quadro em pastel se parece com uma gravura em madeira, de modo que, pela diferença de material, se ignorava a coincidência de linhas e superfícies. Aquele rosto o inquietava por algum motivo. Algum tempo depois, ele descobriu: simplesmente não podia ver o que expressava. Faltava ali aquilo que permite tirar as conclusões habituais sobre uma pessoa. Era um rosto expressivo, mas nada sublinhado nem concentrado em traços de caráter como habitualmente acontece.

— Como foi que você também se vestiu assim? — perguntou Ulrich.

— Não sei — respondeu Ágata. — Achei que era simpático.

— É muito simpático! — respondeu Ulrich, rindo. — Mas é um verdadeiro truque do acaso! E a morte do pai, como vejo, também não a abalou muito.

Ágata ergueu devagar o corpo nas pontas dos pés, e baixou-o outra vez.

— Seu marido também já chegou? — perguntou o irmão, para dizer alguma coisa.

— O professor Hagauer só vem para o enterro. — Ela pareceu gostar de pronunciar aquele nome com tanta formalidade, e afastar-se dele como de alguma coisa estranha.

Ulrich não soube o que responder.

— Ah, sim, já me disseram.

Contemplaram-se novamente; depois, como indica a etiqueta, foram até a saleta onde estava o morto.

O dia inteiro aquele aposento ficara artificialmente escurecido; estava denso de negrume. Flores e círios acesos brilhavam lá dentro, exalando seus odores. Os dois

pierrôs pararam, muito eretos, diante do morto, e ficaram olhando como se assistissem a algum espetáculo.

— Não vou mais voltar para Hagauer! — disse Ágata. Era como se o morto também devesse escutar.

Mas ele estava deitado em seu catafalco conforme suas próprias ordens: de fraque, mortalha até o peito, por cima a camisa engomada, mãos cruzadas sem crucifixo, todas as condecorações. Órbitas pequenas e cavas, faces encovadas, lábios também. Costurado naquela horrenda pele de cadáver sem olhos, que ainda é parte do ser, mas já alheia: o saco de viagem da vida. Sem querer, Ulrich sentiu-se abalado na raiz de sua existência, onde não há pensamentos nem emoções; mas só ali. Se o tivesse de expressar, teria apenas podido dizer que terminava uma relação incômoda e sem amor. Como um mau casamento transforma em pessoas más àqueles que não se podem libertar dele, o mesmo acontece com toda a ligação calculada para a eternidade, quando o que há de temporal encolhe por baixo dela.

— Eu queria que você tivesse vindo mais cedo — prosseguiu Ágata. — Mas papai não permitiu. Ele próprio organizou tudo o que se referia à sua morte. Acho que não teria gostado de morrer diante de seus olhos. Estou aqui há duas semanas, e foi horrível.

— Pelo menos ele amava você? — perguntou Ulrich.

— Ele deu todas as ordens ao seu velho criado e depois deu a impressão de uma pessoa que não tem nada a fazer, e se sente sem sentido. Mas mais ou menos a cada quinze minutos levantava a cabeça para ver se eu estava no quarto. Isso foi nos primeiros dias. Em seguida, passavam-se meias horas, e depois horas inteiras, e durante o pavoroso último dia só aconteceu duas, três vezes. E em todos esses dias não me disse uma única palavra, a não ser quando eu lhe fazia alguma pergunta.

Enquanto ela contava isso, Ulrich pensou: “Na verdade ela é bem dura. Já em criança, com seu jeito quieto, sabia ser incrivelmente teimosa. Apesar disso, tem um ar tão indulgente.” E de repente, pensou numa avalanche. Uma vez, ele quase morrera numa floresta devastada por uma avalanche. Fora uma nuvem macia de poeira de neve, que, dominada por uma violência incontável, se tomara dura como uma montanha caindo.

— Você me mandou aquele telegrama? — perguntou.

— Claro que foi o velho Franz! Estava tudo determinado. Ele também não deixou que eu tratasse dele. Certamente nunca me amou, não sei por que me mandou chamar. Eu me sentia mal e me trancava no quarto sempre que podia. E numa hora dessas, ele morreu.

— Provavelmente quis lhe provar com isso que você cometeu um erro. Venha! — disse Ulrich, amargurado, e puxou-a para fora. — Mas quem sabe queria que você lhe acariciasse a testa? Ou que se ajoelhasse ao lado de sua cama? Ainda que fosse apenas por sempre ter lido que isso se deve fazer na última despedida de um pai. E não conseguiu lhe pedir isso.

— Quem sabe — disse Ágata.

Ficaram parados mais uma vez e olharam para ele.

— Na verdade tudo isso é horrível! — disse ela.

— Sim — disse Ulrich. — E sabemos tão pouco a respeito. Quando saíram da sala, Ágata parou mais uma vez, e disse a Ulrich:

— Estou importunando você com uma coisa que naturalmente não há de lhe interessar em nada: mas durante a doença de papai tomei a decisão de que em circunstância nenhuma volto para meu marido!

Seu irmão sorriu sem querer diante daquela obstinação, pois Ágata tinha uma ruga vertical entre os olhos e falava com veemência; parecia temer que ele não se pusesse do seu lado, e lembrava um gato com muito medo, que por isso mesmo ataca ainda com maior bravura.

— Ele está de acordo? — perguntou Ulrich.

— Ele ainda não sabe de nada — disse Ágata. — Mas não vai concordar!

O irmão fitou a irmã, interrogativo. Ela, porém, sacudiu a cabeça com força:

— Não, não é o que você está pensando. Não há nenhum terceiro em jogo! — retrucou.

Com isso, por enquanto o diálogo terminara. Ágata desculpou-se por não ter tido mais consideração com a fome e o cansaço de Ulrich, levou-o a uma sala onde o chá esperava, e, como faltasse uma coisa, foi ela mesma tratar do assunto. Ulrich aproveitou aquele instante de solidão para recordar da melhor maneira possível o marido dela, a fim de a compreender melhor. Era um homem de estatura média, costas eretas, pernas redondas em calças malfeitas, lábios grossos debaixo de um bigode hostil, e predileção por gravatas de estampados graúdos, destinadas a mostrar que não se tratava de um professor vulgar mas com futuro. Ulrich sentiu a velha desconfiança contra a escolha de Ágata, mas achou impossível que aquele homem escondesse vícios secretos, lembrando aquela luz clara que brilhava na fronte e olhos de Gottlieb Hagauer. “É simplesmente aquele tipo de sujeito esclarecido e aplicado, o homem de brio que, no seu campo, estimula a humanidade, sem se meter em coisas que lhe são distantes”, constatou Ulrich, recordando também os livros de Hagauer, e mergulhou em pensamentos pouco agradáveis.

Pessoas desse tipo se podem reconhecer já nos bancos de escola. No aprender, são menos conscienciosos — como se diz confundindo consequência com causa — do que corretos e práticos. Antes de iniciarem uma tarefa, ajeitam tudo direitinho, como quem à noite arruma as roupas do dia seguinte, inclusive os botões, para, de manhã, ficar pronto depressa e sem problemas; não há pensamento que não abotoem firmemente no campo de sua compreensão, com cinco a dez desses botões já preparados, e é preciso admitir que isso faz boa figura e resiste a um exame. Assim, tomam-se alunos-modelo, sem se tornarem moralmente desagradáveis aos colegas; e pessoas como Ulrich, que por natureza tendem a exagerar um pouco para cima ou para baixo, ficam atrás deles de um modo tão sutil quanto o esgueirar-se do destino, ainda que sejam muito mais talentosas. Ele notou que na verdade tinha uma secreta timidez diante dessas pessoas exemplares, pois a precisão dos pensamentos delas fazia o seu próprio entusiasmo pela exatidão parecer um pouco leviano.

“Eles não têm nem vestígios de alma”, pensou Ulrich, “e são pessoas bondosas; depois dos dezesseis anos, quando em geral os jovens se entusiasma por questões intelectuais, eles aparentemente ficam um pouco atrás, sem uma verdadeira capacidade de entenderem novas idéias ou emoções, mas também aí trabalham com seus dez botões, e chega o dia em que podem demonstrar que sempre compreenderam tudo ‘evidentemente sem todos os extremos insustentáveis’. E são ainda eles que introduzem as novas idéias na vida quando para outros se tornaram apenas fantasmas de uma juventude passada, ou exageros solitários!”

Assim, quando sua irmã voltou, Ulrich ainda não conseguia imaginar o que realmente ela teria vivido, mas sentia que uma luta contra o marido dela, ainda que injusta, lhe daria uma possibilidade muito indigna de se divertir um bocado.

Ágata parecia achar impossível explicar de modo sensato a sua decisão. Seu casamento estava exteriormente na mais perfeita ordem, o que nem se podia duvidar tratando-se de um caráter como o de Hagauer. Nenhuma briga, mal-e-mal algumas diferenças de opinião, especialmente porque Ágata, segundo dizia, não confiava sua opinião ao marido em caso algum. Naturalmente nada de excessos, nem bebida nem jogo. Nem ao menos hábitos de solteirão. Divisão justa dos ganhos. Economia em ordem. Reuniões tranqüilas com muitas pessoas, e desagradáveis a dois.

— Então, se você o está abandonando sem motivo — disse Ulrich —, o casamento terá fracassado por culpa sua; isto é, se ele for a juízo.

— Ele que vá! — exigiu Ágata.

— Talvez fosse bom dar-lhe uma pequena vantagem financeira, caso ele concorde numa solução pacífica.

— Eu só trouxe comigo o necessário para uma viagem de três semanas — respondeu ela —, além de algumas coisas tolas e lembranças do tempo antes de Hagauer. Ele que fique com todo o resto, eu não o quero. Mas no futuro, ele não deve tirar a menor vantagem de mim!

E repetiu essas frases com surpreendente veemência. Talvez fosse porque Ágata desejava vingar-se por ter concedido vantagens excessivas àquele homem no passado. O senso agressivo de Ulrich, seu espírito esportivo, sua capacidade criativa em vencer dificuldades despertaram, embora ele notasse isso com desgosto; pois era como o efeito de algum excitante, que agita as paixões exteriores, enquanto as interiores permanecem intocadas. Ele desviou a conversa e procurou, hesitante, abarcar o assunto:

— Li e ouvi algumas coisas dele — disse. — Até onde sei, no campo da educação e instrução ele passa por ser um homem de futuro!

— Sim, ele é — respondeu Ágata.

— Até onde conheço seus textos, ele não é apenas um professor versado em todos os assuntos, mas também se empenhou cedo pela reforma de nosso ensino superior. Recordo que certa vez li um livro dele onde de um lado se falava no valor insubstituível do ensino histórico-humanista para a formação moral, e de outro lado do valor insubstituível do ensino de ciências naturais e matemática para a formação intelectual, e, terceiro, do valor insubstituível da sensação concentrada de vida proporcionada pelo esporte e a educação militar. Está correto?

— Deve estar — disse Ágata. — Mas já notou como ele usa citações?

— Citações? Espere: parece que realmente notei alguma coisa. Ele cita os velhos mestres. Ele... naturalmente também cita os contemporâneos, agora lembro; cita não só os grandes pedagogos, mas, de maneira bem revolucionária para um professor de colégio, os construtores de aviões, políticos e artistas da moda... Mas afinal é exatamente o que eu já disse há pouco... — ele concluiu com a humilde sensação final de uma recordação que saiu dos trilhos e esbarrou num batente.

— Ele cita de tal modo — completou Ágata — que, por exemplo, na música irá sem pensar até Richard Strauss, ou na pintura até Picasso; mas jamais, nem que seja como exemplo de coisa errada, citará um nome que já não tenha adquirido certo valor nos jornais, ainda que apenas como objeto de reprovação!

Era isso. Era isso que Ulrich estivera procurando na memória. Ergueu os olhos. A resposta de Ágata alegrara-o com o gosto e a observação nela expressos.

— Assim, com o tempo ele se tornou um líder, sendo um dos primeiros a correr atrás do dito tempo —, concluiu ele, rindo. — Todos os que vêm depois dele já o vêm à sua frente. Mas você não aprecia os nossos expoentes?

— Não sei. Pelo menos, não os cito.

— Mesmo assim, sejamos modestos — disse Ulrich. — O nome de seu marido é um programa que para muitos já hoje representa o máximo. Sua atuação não deixa de ser um pequeno e sólido progresso. Sua ascensão exterior não demorará em vir. Cedo ou tarde, ele será pelo menos um catedrático de universidade, embora tenha-se desgastado no seu ganha-pão como professor de ensino secundário; e eu, está vendo, que não tinha nada a fazer senão o que estivera à minha frente num caminho fácil, cheguei a um ponto em que provavelmente nem conseguirei a posição de docente. Já é alguma coisa!

Ágata estava decepcionada, e provavelmente por isso seu rosto assumiu a inexpressiva expressão de porcelana de uma dama, enquanto respondia amavelmente:

— Não sei, quem sabe você deve ter consideração para com Hagauer?

— Quando é que ele chega? — perguntou Ulrich.

— Só para o enterro, uma folga maior ele não tira. Mas não quero que more aqui em casa, isso eu não vou permitir!

— Como você quiser! — decidiu Ulrich inesperadamente. — Eu o apanho e o deixo diante de um hotel. E lá, se você quiser, eu lhe direi: “reservamos seu quarto aqui mesmo!”

Ágata ficou surpresa, e subitamente entusiasmada.

— Ele vai ficar furioso porque isso custa dinheiro, e certamente espera ficar aqui em casa! — Seu rosto se modificara momentaneamente, recuperando algo de selvagem e infantil, como em alguma molecagem.

— Mas como é que está determinado? — perguntou o irmão. — Esta casa pertence a você, a mim ou a nós dois? Há um testamento?

— Papai mandou me entregar um grande pacote onde deve estar tudo o que devemos saber. — Foram ao escritório, do outro lado do morto.

Mais uma vez deslizaram por aquele brilho de velas, aroma de flores, pelo círculo daqueles dois olhos que já nada viam. Na penumbra bruxuleante, por um segundo Ágata era apenas um nevoeiro brilhante de ouro, cinza e rosa. O testamento foi encontrado, mas voltaram com os documentos para a mesa do chá, onde se esqueceram de abrir o pacote.

Pois quando se sentaram, Ágata disse ao irmão que vivia praticamente separada do marido, embora sob o mesmo teto; não disse há quanto tempo era assim.

A princípio, isso causou má impressão em Ulrich. Mulheres casadas, quando acreditam que um homem pode se tornar seu amante, muitas vezes costumam inventar essa história; e embora a irmã lhe revelasse isso constrangida, na verdade aos arrancos, com uma decisão desajeitada de o escandalizar um pouco — o que se notava logo —, ele aborreceu-se por não lhe ocorrer nada de melhor para contar, e achou que era tudo um exagero.

— Nunca entendi como é que você podia viver com um homem desses! — declarou, sincero.

Ágata disse que fora vontade do pai; e o que podia ter feito?, indagou ainda.

— Mas naquele tempo você já era viúva, não uma virgenzinha dependente!

— Por isso mesmo; eu tinha voltado a morar com papai; todo mundo dizia que eu ainda era moça demais para já morar sozinha, pois embora fosse viúva, só estava com dezenove anos; e acabei não agüentando viver aqui!

— Mas por que não procurou outro marido? Ou foi estudar, começando assim uma vida independente? — perguntou Ulrich, sem a menor delicadeza.

Ágata apenas sacudiu a cabeça. Só depois de uma pequena pausa respondeu:

— Eu já disse que sou preguiçosa. Ulrich achou que não era resposta:

— Então você teve algum motivo especial para casar com Hagauer!

— Sim.

— Amava outro homem, a quem não conseguiu ter? Ágata hesitou:

— Eu amava o meu falecido marido.

Ulrich lamentou ter usado tão vulgarmente a palavra amor, como se considerasse inviolável a instituição social que ela designa. “A gente quer consolar, e logo serve uma sopa de mendigos!”, pensou. Apesar disso, sentiu-se tentado a continuar falando da mesma maneira.

— E aí notou o que acontecera e causou dificuldades a Hagauer.

— Sim — confirmou Ágata. — Mas não logo... só mais tarde — acrescentou. — Bem mais tarde.

Nesse ponto, começaram a brigar um pouquinho.

Via-se que essas confissões custavam certo sacrifício a Ágata, embora dissesse tudo voluntariamente, e, conforme convinha à sua idade, visse na vida sexual um tema importante de conversas para todo mundo. Parecia querer que se entendessem ou desentendessem logo de saída, procurava confiança, e estava decidida, não sem paixão e franqueza, a conquistar o irmão. Mas Ulrich, ainda moralmente numa disposição de superioridade, não conseguia ir imediatamente ao encontro dela. Apesar de toda a força de sua alma, ele nem sempre era livre dos preconceitos que seu espírito desprezava, pois muitas vezes na vida agira como bem entendia, enquanto seu espírito seguia outros rumos. E como sua influência sobre as mulheres fora malbaratada com demasiada freqüência no prazer do caçador em apanhar e observar, quase sempre se deparara com a imagem correspondente: da mulher como uma presa que tomba sob a lança de amor do homem, e recordava-se do prazer sensual da humilhação com que a mulher apaixonada se entrega, enquanto o homem está longe de um tipo de entrega semelhante. Essa idéia dominadora que o homem faz da fraqueza feminina é ainda hoje bastante comum, embora com as ondas sucessivas da juventude tenham aparecido outros conceitos; e a naturalidade com que Ágata tratava sua dependência de Hagauer magoava seu irmão. Para Ulrich, era como se a irmã, sem ter bem consciência disso, tivesse sofrido alguma infâmia quando se colocara sob a influência de um homem que desagradava a ele, tendo ficado assim anos a fio. Ele não disse isso, mas Ágata devia ter lido algo semelhante em seu rosto, pois, de repente, disse:

Afinal, já que me casara, eu não podia simplesmente fugir logo em seguida; teria sido excêntrico!

Ulrich sempre o Ulrich na situação de irmão mais velho, limitado por uma postura didático-altaneira — ergueu-se bruscamente e exclamou:

— Seria realmente excêntrico suportar a repugnância e tirar logo todas as conseqüências disso? — sorriu e encarou a irmã da maneira mais amável possível, tentando suavizar o que dizia.

Ágata também o fitou; seu rosto estava totalmente aberto naquele esforço de analisar os traços dele.

— Uma pessoa saudável não é tão sensível assim às coisas constrangedoras — repetiu ela. — Afinal, o que tem isso?

Como conseqüência, Ulrich controlou-se e não quis mais deixar seus pensamentos entregues a um eu parcial. Agora, era novamente o homem de compreensão funcional.

— Tem razão — disse. — Afinal, o que são os fatos enquanto fatos? Dependem do sistema de conceitos através dos quais os encaramos e do sistema pessoal em que são inseridos.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Ágata, desconfiada. Ulrich desculpou-se por aquela maneira abstrata de se expressar, mas enquanto

procurava uma comparação mais fácil, seu ciúme fraterno voltou, e influenciou sua escolha:

— Imaginemos uma mulher que não nos é indiferente, e que é violentada — declarou. — Segundo um sistema conceptual heróico, teríamos de esperar vingança ou suicídio; segundo um sistema cínico-empírico, esperaríamos que ela se livrasse do caso como uma galinha sacudindo as penas; e o que hoje realmente aconteceria seria uma mistura das duas coisas: mas essa incerteza interior é pior do que tudo.

Ágata também não concordou com essa colocação.

— Então isso tudo lhe parece tão horrível assim? — perguntou com simplicidade.

— Não sei. Pareceu-me que é humilhante viver com uma pessoa a quem não se ama. Mas agora... seja como você quiser!

— Será pior do que uma mulher que quer voltar a se casar antes de três meses depois de seu divórcio ser levada por ordem do Estado a um supervisor médico e ter seu útero examinado para ver se está grávida, por questões do direito de herança? Eu li que isso se faz! — A testa de Ágata parecia arredondar-se na ira da defesa e mostrava novamente aquela pequena ruga vertical entre as sobrancelhas. — E todo mundo supera isso, se tem de ser! — disse, desdenhosa.

— Não digo que não — respondeu Ulrich. — Todos os acontecimentos, quando chegam de verdade, passam como chuva e sol. Provavelmente você é muito mais sensata que eu, encarando isso com tanta naturalidade; mas a natureza de um homem não é natural, ela quer modificar a natureza e, por isso, às vezes é um pouco excêntrica. — O sorriso dele pedia amizade, e seus olhos viam o quanto o rosto dela era jovem. Quando excitado, ficava quase sem rugas, tornava-se ainda mais liso pelo que ocorria atrás, como luva dentro da qual o punho se fecha.

— Nunca pensei nisso tudo de um modo tão geral — respondeu ela. — Mas depois de ouvi-lo, parece-me outra vez que vivi num erro terrível!

— Tudo isso vem — disse o irmão equilibrando com uma brincadeira essa confissão mútua de culpa — porque você já me disse muita coisa espontaneamente, mas ainda não o decisivo. Com posso acertar em cheio, se você não me diz nada sobre esse homem pelo qual, afinal, está deixando Hagauer?



Ágata encarou-o como uma criança ou um estudante ofendido pelo seu professor.

— Mas tem de ser um homem? Não pode vir por si? Fiz algo errado porque fugi sem ter amante? Eu mentiria para você se quisesse dizer que nunca tive nenhum; não quero ser ridícula; mas não tenho nenhum agora, e ficaria ofendida se você pensasse que preciso de um amante para deixar Hagauer!

Nada restou ao seu irmão além de assegurar que mulheres apaixonadas também largam seus maridos sem amantes, e que na opinião dele isso era até mais digno.

O chá para o qual tinham-se encontrado passara a um jantar irregular e antecipado, porque Ulrich estava exausto e pedira que fosse assim, pois desejava ir cedo para a cama e dormir bastante para o dia seguinte, que traria muita agitação. Fumaram seus cigarros antes de se separarem, e ele não compreendia a irmã. Ela não tinha nada de emancipado nem boêmio, embora estivesse ali sentada, nas calças largas em que recebera aquele irmão desconhecido. Havia nela algo de hermafrodita, pareceu-lhe agora; o traje levemente masculino deixava adivinhar, nos movimentos durante a conversa, as delicadas formas que ocultava com a translucidez de um espelho d'água, e contrastando com pernas livres e independentes, ela trazia o cabelo preso no alto, de maneira muito feminina. O centro dessa impressão ambígua, porém, ainda era o rosto, que possuía em alto grau o encanto da mulher, mas com alguma lacuna e reserva cuja natureza ele não conseguia entender.

E como soubesse tão pouco sobre ela, e convivessem agora com tanta familiaridade, mas, por outro lado, de modo bem diverso do que lidaria com uma mulher para quem fosse um homem, havia também algo muito agradável naquela fadiga à qual também ele começava a se entregar.

“Grande transformação desde ontem!”, pensou.

Sentia-se grato por isso e esforçou-se por dizer na despedida algo bem fraterno para Ágata, mas como isso lhe era inusitado, nada lhe ocorreu. Portanto, apenas a tomou nos braços e a beijou.

### 3

## MANHÃ NUMA CASA ENLUTADA

Na manhã seguinte, Ulrich acordou cedo, e tão rapidamente como um peixe saltando da água; era resultado de sono sem sonhos que consumira totalmente o cansaço do dia anterior. Atravessou a casa procurando algo como desjejum. Ainda não se notava direito o luto, apenas um odor de luto pairando em todos os aposentos: lembrava-lhe uma loja que abriu as venezianas de manhã cedo enquanto na rua ainda não há ninguém. Depois, tirou da mala seu trabalho científico e foi com ele até o escritório do pai. Sentado no meio do aposento, o fogo ardendo na estufa, o lugar parecia mais humano do que na noite anterior: embora um espírito pedante, dado a avaliação tipo por-um-lado e por-outro-lado o tivesse decorado até os bustos de gesso simetricamente dispostos frente a frente no alto das prateleiras, os muitos pequenos objetos pessoais por toda parte — lápis, monóculo, termômetro, um livro aberto,

estojo de penas e coisas assim — conferiam à sala o comovente vazio de uma morada que a vida acabasse de abandonar. Ulrich sentou-se no centro, perto da janela, mas na escrivaninha que formava o ponto de convergência do quarto, e sentiu uma estranha fadiga da vontade. Nas paredes pendiam retratos de seus antepassados, e parte dos móveis ainda era daqueles tempos; quem morara ali formara com a casca daquelas vidas o ovo de sua própria vida: agora morrera, e seus objetos ainda estavam ali, tão nítidos como se tivessem sido esculpidos no espaço, mas a ordem já queria começar a desmoronar, adaptando-se ao sucessor, e sentia-se que a duração maior das coisas começava a renascer, quase invisível, por trás daquela hirta expressão de luto.

Nesse estado de espírito, Ulrich abriu seu trabalho interrompido há semanas, ou meses, e seu olhar recaiu, logo no começo, sobre o local em que havia equações físicas da água, que não conseguira resolver. Lembrava-se vagamente de que pensara em Clarisse quando fizera uma comparação com os três estados principais da água para mostrar com esse exemplo uma nova possibilidade matemática; e Clarisse desviara o assunto. Mas há uma lembrança que não evoca as palavras e sim a atmosfera em que tudo foi dito, e por isso, de repente Ulrich pensou: “Carbono”... e, quase que a partir de nada, teve a impressão de que, se de momento soubesse em quantos estados o carbono pode aparecer, conseguiria ir adiante; mas nada lhe ocorreu, e em vez disso ele pensou: “O ser humano aparece em duas formas. Homem e mulher.” Pensou nisso bastante tempo, aparentemente imóvel de espanto como se fosse uma descoberta sensacional que o homem vivesse em dois estados distintos e permanentes. Mas, atrás daquela parada de seus pensamentos, escondia-se outro fenômeno. Pois pode-se ser duro, egoísta, esforçado, extrovertido, e de repente, como o mesmo Ulrich Tal-e-Tal, sentir-se ao contrário, recolhido como uma criatura desinteressada e feliz, num estado indescritivelmente sensível, e de alguma forma também despegado de todas as coisas que o rodeassem. E perguntou a si mesmo: “Quanto tempo faz que senti isso pela última vez?” Para sua surpresa, eram pouco mais de vinte e quatro horas. O silêncio que o envolvia era repousante, e o estado de que se recordava não lhe pareceu tão inusitado quanto costumava. “Somos todos organismos”, pensou, apaziguado, “que precisam impor-se uns contra os outros com toda a força e ânsia num mundo hostil. Mas, em companhia de seus inimigos e vítimas, cada qual também é parte e filho deste mundo; talvez nem esteja tão separado e independente deles quanto imagina”.

Isso posto, não lhe pareceu incompreensível que por vezes brotasse no mundo um pressentimento de unidade e amor, quase uma certeza de que a palpável precariedade da vida em condições normais deixa conhecer apenas uma das metades do todo formado pelas criaturas. Isso nada tinha em si que ferisse uma pessoa de sentimentos matemáticos, científicos e exatos: Ulrich até se recordou do trabalho de um psicólogo com quem mantinha ligações pessoais: esse trabalho dizia que há dois grupos grandes e contrários de idéias, dos quais um se estrutura sobre o ser-abrangido pelo conteúdo das experiências, e outro sobre a abrangência, e apresentava a certeza de que este “estar dentro de uma coisa” e “ver alguma coisa de fora”, uma “percepção de côncavo e de convexo”, um “ser espacial e um ser objetual”, repete uma “intelecção” e uma “contemplação” em tantas outras formas contrárias de experiência e suas formas lingüísticas, que se deveria presumir, atrás disso, uma forma dupla primitiva da experiência humana. Não era uma dessas análises severas e objetivas, mas sim daquelas um pouco fantasiosas e precursoras que deviam seu surgimento a um impulso que

fica fora dos domínios da atividade científica cotidiana; mas nos fundamentos era sólida, e nas conclusões muito provável, movendo-se em direção de uma secreta unidade de percepção dissimulada atrás de nevoeiros ancestrais, de cujas ruínas mil vezes trocadas, pressupunha Ulrich, poderia finalmente ter nascido o comportamento atual, ordenado imprecisamente segundo o contraste de uma forma de percepção masculina e feminina, misteriosamente sombreada por velhos sonhos.

Nesse ponto, ele procurou — textualmente, como ao descer de uma encosta perigosa se usam corda e ganchos — firmar-se e começar uma nova reflexão:

“As mais antigas tradições da filosofia e, para nós, obscuras e já quase incompreensíveis, muitas vezes falam de um ‘princípio’ masculino e feminino!”, pensou.

“As deusas que havia ao lado dos deuses nas religiões primitivas na verdade já não são atingidas pela nossa sensibilidade”, pensou. “Para nós, a relação com essas mulheres de força sobre-humana seria masoquismo!”

“Mas a natureza”, pensou, “dá ao homem mamilos, e à mulher um rudimento de genitália masculina, sem que disso se devesse concluir que nossos ancestrais foram hermafroditas. Portanto, também não terão sido espiritualmente híbridos. E a dupla possibilidade da visão que dá e que toma terá sido recebida de fora, como um duplo rosto da natureza, e de alguma forma tudo isso é muito mais antigo do que a diferença dos sexos, que mais tarde completaram com isso seu traje espiritual...”

Eram essas as coisas em que pensava, mas em seguida recordou um detalhe de sua infância, e ele o distraiu, porque, coisa que há muito não lhe acontecia, achou agradável recordar. É preciso explicar que antigamente seu pai cavalgava e possuía cavalos de montaria, do que era testemunho ainda hoje o estábulo vazio no muro do jardim que Ulrich vira na chegada. Provavelmente era a única veleidade aristocrática que o pai adotara, em sua admiração pelos amigos feudais, mas Ulrich naquele tempo era um menininho, e aquela sensação de infinito, pelo menos de imensurável, que um corpo de cavalo alto e musculoso exerce sobre uma criança assombrada voltou agora na sua sensibilidade como uma montanha lendária e terrível recoberta pela pradaria dos pêlos através dos quais os tremores do couro corriam como ondas encrespadas pelo vento.

Era essa, ele percebia agora, uma daquelas recordações cujo brilho nasce da impotência da criança de realizar seus desejos; mas isso diz pouco, comparado com a grandiosidade desse brilho, praticamente sobrenatural, ou com aquele brilho não menos maravilhoso que pouco mais tarde o pequeno Ulrich tocava com as pontas dos dedos ao procurar o brilho primeiro. Pois naquele tempo havia na cidade cartazes anunciando um circo, mostrando não apenas cavalos mas leões, tigres, e grandes cães magníficos que conviviam amigavelmente com eles; contemplara longamente esses cartazes quando conseguiu obter um desses papéis coloridos e recortar os animais, que apoiou em pequenos suportes de madeira. Mas o que então aconteceu só é comparável com a bebida que não sacia inteiramente a sede por mais que se beba; pois não tinha paradeiro, nem, estendendo-se por semanas a fio, progredia: era um constante ser atraído por aquelas criaturas maravilhosas e admiradas, cuja posse ele ligava, então como agora, à indizível felicidade da criança solitária, assim como sentia que faltava alguma coisa última que nada poderia preencher, e que conferia àquele anseio o brilho desmedido através do corpo.

Com essa lembrança singularmente ilimitada, porém, emergiu naturalmente do esquecimento outra recordação de uma experiência apenas um pouco posterior daquele

tempo jovem, tomando posse de seu corpo grande que sonhava de olhos abertos, apesar da sua fragilidade de criança: era a memória de uma menininha que só tinha duas qualidades: a de ter de pertencer a ele, e as brigas que por sua causa ele tinha com os outros meninos. E, de ambas, só as brigas eram reais, pois nem existia a tal menina. Época singular, em que, qual cavaleiro andante, saltava no peito de inimigos desconhecidos, de preferência se eram maiores que ele e o encontravam numa estrada solitária e passível de mistério, onde lutava com o adversário surpreso! Isso lhe custara muitas surras, mas por vezes grandes vitórias; porém, não importa o resultado, sempre se sentia frustrado na sua satisfação.

E sua sensibilidade não aceitava a evidência de que as menininhas que realmente conhecia fossem criaturas idênticas àquela pela qual lutava, pois como todos os meninos de sua idade ficava todo hirto e tolo em presença feminina; até que um dia acontecera uma exceção. E agora, Ulrich lembrava, tão nitidamente como se a imagem estivesse no fundo de um binóculo que varasse os anos, uma noite em que Ágata estava sendo vestida para uma festa infantil. Usava um vestido de veludo, e seus cabelos fluíam sobre ele como ondas de veludo claro, de modo que, de repente, contemplando-a, embora ele próprio estivesse metido num assustador traje de cavaleiro, sentiu um indizível desejo, semelhante àquele que sentia vendo os animais nos cartazes do circo, de ser menina. Naquele tempo sabia tão pouca coisa sobre homens e mulheres que não considerou isso totalmente impossível, mas sabia o bastante para não fazer como as crianças em geral fazem, tentando forçar imediatamente a realização daquele desejo; em conjunto, buscando expressá-lo hoje, era como se ele tateasse no escuro à procura de uma porta, deparando com algum obstáculo quente como sangue, ou doce e quente, contra o qual ele se apertava e se apertava, e que cedia ternamente a seu desejo de o atravessar, mas sem lhe dar lugar. Talvez também se parecesse com uma espécie inofensiva de paixão vampíresca que sugava para dentro de si o ser desejado; mas aquele homenzinho não queria puxar para si aquela mulherzinha, e sim colocar-se inteiramente no lugar dela, e isso com uma ternura ofuscante, característica de experiências sexuais prematuras.

Ulrich ergueu-se e esticou os braços, espantado com aqueles devaneios. A nem dez passos dele, atrás da parede, jazia o cadáver de seu pai, e ele percebeu que há bastante tempo havia entre os dois um burburinho de gente que parecia subir da terra, pessoas trabalhando naquela casa morta que continuava a viver. Mulheres velhas colocavam tapetes e acendiam novos círios, das escadas vinham marteladas, flores chegavam, o assoalho era encerado, e aquela atividade se aproximava dele, pois anunciaram-lhe pessoas que já estavam acordadas tão cedo porque precisavam saber ou fazer alguma coisa, e a partir dali essa corrente não se interrompeu mais. A Universidade pedia uma informação sobre o enterro, chegou um comprador de velharias perguntando timidamente se havia roupas; um antiquário local apresentou-se com muitas desculpas por ordem de uma firma alemã fazendo uma oferta por uma obra jurídica rara que se supunha pertencer à biblioteca do falecido, um capelão quis falar com Ulrich por ordem da paróquia por causa de alguma dúvida, um senhor do seguro de vida veio com uma longa explicação, alguém procurava um piano barato, um agente imobiliário entregou seu cartão para o caso de desejarem vender a casa, um funcionário aposentado ofereceu-se para sobrescritar envelopes. Assim, havia constantemente idas e vindas, perguntas e desejos naquelas horas matinais favoráveis, ligações objetivas à morte, exigências orais e escritas de um direito à existência. No

portão da casa, o velho criado despachava toda aquela gente da melhor maneira possível, e lá em cima, apesar disso, Ulrich tinha de receber os que conseguiam escapar. Jamais tivera a menor idéia de quantas pessoas aguardam cortesmente a morte de outras e quantos corações se põem a pulsar na hora em que o nosso próprio pára. Ele estava bastante espantado, e viu: um besouro está morto na floresta, e outros besouros, formigas, pássaros e borboletas esvoaçantes aproximam-se dele.

Pois à constância dessa atividade prática legava-se também um bruxulear, um tatarar das sombras de uma floresta profunda. O interesse pessoal espreitava através das vidraças de olhos comovidos, como um lanterna que se deixa acesa em plena luz do dia, quando entrou um cavaleiro de tarja negra sobre o terno negro, um meio-termo entre prova de luto e traje de escritório; o homem parou na porta, parecendo esperar que Ulrich ou ele próprio rompessem em soluços. Mas como nada disso acontecesse, pareceu mesmo assim satisfeito depois de alguns segundos, e entrou inteiramente no aposento; como o teria feito qualquer comerciante comum, apresentou-se como diretor da funerária, que vinha saber se Ulrich estava contente com o que se fizera até ali. Assegurou que também dali em diante tudo seria executado de uma maneira com que até o falecido senhor seu pai teria concordado e, como todos sabiam, não era fácil contentá-lo. Enfiou na mão de Ulrich um papel coberto de muitos textos e quadrados, e forçou-o a ler algumas palavras do contrato padronizado para toda a sorte de categorias de serviço, como: ...parelha de oito e parelha de dois... carruagem com as coroas... número... arreios à... com um cavaleiro à frente, ajazeado em prata... acompanhamento à... tochas à maneira de Marienburg... à maneira admontesa... número de acompanhantes... tipo de iluminação... duração das tochas... madeira do caixão... plantas ornamentais... Nome, nascimento, sexo, profissão... liberação de qualquer responsabilidade não prevista.

Ulrich não tinha idéia de onde vinham aqueles termos em parte arcaicos: perguntou, o diretor o fitou espantado, e também não soube responder. Estava parado diante de Ulrich como um centro de reflexos do cérebro humano ligando estímulo e ação sem produzir consciência. Aquele negociante da morte, depositário de uma história secular que podia usar como designação de mercadoria, tinha a sensação de que Ulrich soltara um parafuso errado, esforçou-se por apertá-lo de novo com um comentário destinado a reconduzir o assunto para a efetivação da encomenda. Explicou que, infelizmente, todas essas distinções estavam prescritas no contrato-padrão da associação de agentes funerários do Império, mas que não tinha nenhuma importância se não fossem cumpridas, aliás, ninguém o fazia, e se Ulrich assinasse — a senhora sua irmã não quisera fazê-lo no dia anterior sem a presença do senhor seu irmão —, isso significaria simplesmente que o cavaleiro concordava com a ordem dada pelo pai, e não teria nada a reclamar no serviço de primeira classe que seria realizado.

Enquanto Ulrich assinava, perguntou ao homem se já vira na cidade uma daquelas máquinas de fazer lingüiça movidas a eletricidade, que tinham no corpo a imagem de São Lucas, padroeiro dos açougueiros; ele próprio as vira certa vez em Bruxelas — mas não esperou a resposta, pois no lugar daquele homem já havia-se postado outro, querendo alguma coisa; era um jornalista pedindo dados para o necrológio do principal jornal da província Ulrich deu as informações e despediu o agente funerário, mas assim que começou a responder a pergunta sobre a coisa mais importante na vida do pai, não soube o que fora importante ou não, e seu visitante teve de ajudá-lo. Só então, com a colaboração do fórceps de uma curiosidade profissional treinada para farejar

o que vale a pena saber, a coisa progrediu, e Ulrich teve a impressão de assistir à criação do mundo. O jornalista, um homem moço, perguntou se a morte do ancião ocorrera depois de longo sofrimento ou repentinamente, e quando Ulrich respondeu que seu pai dera suas aulas até a última semana, o outro formulou: em plena atividade e vigor. Depois saltaram as lascas da vida do ancião até sobraarem apenas algumas costelas e nós: nascido em Protiwin em 1844, freqüentara tal e tal escola, nomeado para... nomeado em...; com cinco nomeações e distinções, quase se esgotara o essencial. Entrementes, um casamento. Alguns livros. Certa vez quase fora ministro da Justiça; o fracasso se devera à objeção de algum partido. O jornalista escrevia, Ulrich conferiu tudo, estava correto. O jornalista ficou satisfeito, tinha a quantidade necessária de linhas. Ulrich estava assombrado com o montinho de cinzas que sobra de uma vida. Para todas as informações recebidas, o jornalista trouxera fórmulas de seis ou oito pares: grande erudito, aberto ao mundo, político cauteloso mas criativo, talento universal e assim por diante; há muito não devia ter morrido ninguém, as palavras não tinham sido empregadas por longo tempo e estavam famintas de uso. Ulrich refletiu; teria gostado de dizer ainda algo de bom sobre seu pai, mas o cronista, que agora guardava lápis e papel, já perguntara as coisas devidas, e o resto era como se se quisesse pegar na mão, sem copo, o conteúdo de um copo d'água.

O ir-e-vir diminuía, pois no dia anterior Ágata mandara todas as pessoas procurarem o irmão, e esse dilúvio acabara; Ulrich ficou sozinho quando o repórter se despediu. Alguma coisa o deixara amargurado. Seu pai não tivera razão arrastando os sacos do saber e revolvendo um pouco a montanha de grãos do saber, submetendo-se simplesmente a uma vida que acreditava ser poderosa? Pensou em seu trabalho, intocado na escrivaninha. Provavelmente dele nem ao menos se poderia dizer, um dia, como de seu pai, que fora um esquadrinhador. Ulrich entrou no pequeno aposento onde se velava o morto. Aquela cela hirta de paredes retas no meio de toda a agitação que dela provinha era fantasticamente sinistra; o morto boiava duro como um pedaço de pau entre as torrentes de atividade, mas, por instantes, aquele quadro podia mudar, e o que era vivo parecia hirta, enquanto o morto deslizava num movimento lúgubre e calmo.

— De que interessam ao viajante — disse ele — as cidades que vão ficando atrás nos ancoradouros: eu morei aqui e me portei como exigiam, mas agora, parto outra vez!

A insegurança do ser humano que, vivendo entre outros, deseja algo diferente deles, oprimia o coração de Ulrich: olhava o rosto do pai. Talvez tudo o que julgasse sua singularidade pessoal não fosse senão uma contradição dependente daquele rosto, adquirida infantilmente alguma vez? Procurou um espelho, mas não havia nenhum, e nada naquele rosto cego refletia luz. Ele o pesquisou, procurando semelhanças. Talvez houvesse. Talvez ali estivesse tudo, a raça, a ligação, o não-pessoal, a torrente da hereditariedade da qual somos apenas um pequeno arpejo, a limitação, o desencorajamento, o eterno repetir-se e girar em círculo do espírito, que odiava do fundo de sua vontade de viver!

Subitamente contagiado por aquele desencorajamento, refletiu se não deveria fazer as malas e viajar ainda antes do enterro. Se realmente ainda podia fazer alguma coisa na vida, o que fazia ali?

Mas quando saiu pela porta, chocou-se na sala ao lado com a irmã que vinha à sua procura.

“AH, EU TIVE UM COMPANHEIRO”

Pela primeira vez Ulrich a via vestida de mulher, e depois da impressão do dia anterior pareceu-lhe que agora estava fantasiada. Uma luz artificial entrava pela porta aberta naquele cinza trêmulo do começo da manhã, e a aparição negra de cabelo louro parecia pairar numa gruta de ar pela qual jorrasse um brilho radiante. O cabelo de Ágata estava mais ajustado à cabeça e com isso seu rosto parecia mais feminino do que no dia anterior, o delicado peito de mulher acomodava-se no negror do vestido severo com aquele perfeito equilíbrio entre resistência e maciez próprio da dureza levíssima de uma pérola, e sobre as esguias, longas pernas, parecidas com as dele, que vira ontem, saias haviam-se baixado. E como aquela aparição de hoje fosse, no conjunto, diferente dele, notou a semelhança dos dois rostos. Parecia que era ele próprio quem entrava pela porta e se dirigia ao seu encontro: apenas mais belo e imerso num brilho que ele jamais vira em si mesmo. Pela primeira vez pensou que sua irmã era uma repetição e transfiguração onírica de si próprio; mas, como essa impressão durasse apenas um instante, logo a esqueceu.

Ágata viera para lembrar pressurosamente o irmão dos deveres que ela quase esquecera, pois dormira demais: trazia o testamento nas mãos e chamou sua atenção para determinações urgentes. Especialmente uma ordem um tanto complicada sobre as condecorações do ancião, de que também o criado Franz estava informado, e Ágata sublinhara em vermelho aquele trecho, zelosa mas um tanto ímpia. O morto queria ser enterrado com elas, e não possuía poucas, mas, como não fazia isso por vaidade, havia anexa uma profunda justificação; a filha lera apenas o começo, e deixara ao irmão explicar-lhe o resto.

— Como é que posso explicar! — disse Ulrich, depois de verificar o que era. — Papai quer ser enterrado com suas condecorações porque considera errada a teoria individualista do Estado! Recomenda-nos a universalista. O ser humano só recebe através da comunidade criadora do Estado uma finalidade suprapessoal, sua bondade e justiça; sozinho, nada é; por isso, o monarca é um símbolo espiritual: em suma, quando morre, o homem precisa por assim dizer enrolar-se em suas condecorações, assim como se enrola um marinheiro morto na bandeira, ao jogá-lo no mar!

— Mas eu li que as condecorações têm de ser devolvidas? — perguntou Ágata.

— As condecorações devem ser devolvidas pelos herdeiros à Chancelaria Imperial. Por isso, papai mandou fazer duplicatas. Mas parece que não considera adequadas as que comprou no joalheiro, e quer que só façamos a troca em seu peito quando se fechar o caixão: essa é a dificuldade. Quem sabe, talvez seja um protesto mudo contra essa prescrição, e ele só o quis fazer assim!

— Já haverá cem pessoas aqui a essa hora, e nós vamos acabar esquecendo! — receou Ágata.

— Mas podemos fazer isso logo!

Não temos tempo; você precisa ler o que ele escreve sobre o Professor Schwung: este pode chegar a qualquer momento, esperei por ele o dia inteiro ontem!

— Pois então fazemos a troca depois da visita do Schwung!

— E tão desagradável não cumprir o desejo dele — objetou Ágata.

— Ele não sabe mais disso. Ela o fitou, duvidando:

— Tem certeza?

— Ora! — exclamou Ulrich, rindo. — Será que você não tem?

— Não tenho certeza de nada — respondeu Ágata.

— E ainda que não fosse certo: ele de qualquer modo nunca esteve satisfeito conosco!

— É verdade — disse Ágata. — Então vamos fazer a troca mais tarde. Mas diga-me uma coisa — acrescentou. — Você nunca se importa com o que as pessoas lhe pedem?

Ulrich hesitou:

“Ela sabe o que faz”, pensou. “Eu não precisava me preocupar inutilmente, pensando que talvez fosse provinciana!” Mas como a essas palavras se ligasse de alguma forma toda a noite passada, quis dar uma resposta sólida e que contentasse; mas não soube como começar, para que não o interpretasse mal, e disse num indesejado tom jovial:

— Não é só o pai que está morto, mas todo esse cerimonial que o rodeia também morreu. Seu testamento está morto. As pessoas que vêm aqui estão mortas. Não quero dizer nada de mal com isso; Deus sabe como talvez se deva agradecer às criaturas que colaboram para a solidez desta terra, mas tudo isso faz parte do cal da vida, não do mar! — Notou um olhar indeciso da irmã, e sentiu que falava coisas obscuras. — As virtudes da sociedade são pecados para os santos — completou, rindo.

E colocou os braços nos ombros dela, condescendente ou animado, apenas por estar encabulado. Mas Ágata afastou-se, séria, e não entrou no jogo.

— Foi você quem inventou isso? — perguntou.

— Não, quem disse isso foi um homem de quem gosto muito.

Ela mostrava algo de um amuo de criança que tem de se atormentar com reflexões, quando reuniu numa frase as respostas de Ulrich:

— Então você não chamaria de bom um homem que é honesto por hábito? Mas um ladrão que rouba pela primeira vez, com o coração quase lhe saltando do peito, a esse você chamaria bom?

Ulrich espantou-se com essas palavras singulares, e ficou mais sério:

— Realmente, não sei — disse lacônico. — Eu próprio não costumo me interessar muito pelo fato de uma coisa ser boa ou ruim, mas não lhe posso dar nenhuma regra segundo a qual nos guiarmos.

Ágata desviou lentamente dele o olhar perquiridor e retomou o testamento:

— Temos de continuar a leitura, há mais uma coisa sublinhada! — exortou-se a si mesma.

Antes de ficar definitivamente acamado, o ancião escrevera uma série de cartas, e em seu testamento dava explicações quanto à sua compreensão e envio. O que estava especialmente sublinhado referia-se ao Professor Schwung, aquele velho colega que tanto enchera de fel o último ano de vida do pai dos dois irmãos, com sua luta pelo parágrafo sobre a responsabilidade reduzida, e isso depois de terem sido amigos por uma vida inteira. Ulrich reconheceu imediatamente as notórias e longas disputas sobre conceito e vontade, rigor da lei e indeterminação da natureza, de que seu pai ainda lhe fizera uma exposição resumida antes de partir, e nada parecia ter ocupado mais o velho nos últimos dias do que a denúncia da escola social, à qual se havia li-



gado, como emanção do espírito prussiano. Ele começara a trabalhar numa brochura que levaria o título: “Estado e Direito ou Coerência e Denúncia”, quando se sentira fraquejar, vendo, amargurado, o adversário tornar-se dono do campo. Em palavras solenes que só a proximidade da morte e a luta pelo sagrado bem da reputação concedem, ele exortava seus filhos a não deixarem deteriorar-se sua obra, e pedia especialmente ao filho que utilizasse suas relações com círculos importantes, devidas às perorações incansáveis do pai, para aniquilar completamente as esperanças do Professor Schwung quanto à realização de seus esforços.

Quando se escreveu algo assim, não é impossível que, depois da obra feita, ou pelo menos prevista, se sinta necessidade de perdoar um antigo amigo dos erros causados pela vaidade vulgar. Quando se sofre muito, ainda em vida sentindo no corpo como se vai descosturando o casulo terreno, tendemos a perdoar e pedir perdão; havendo melhoras, volta-se atrás, pois o corpo saudável tem por natureza algo de irreconciliável: o ancião devia ter sentido as duas coisas nas alternâncias de seu estado de saúde antes da morte, e uma devia ter-lhe parecido tão justa quanto a outra. Mas uma situação dessas é incontrollável para um respeitado jurista, de modo que, com sua lógica treinada, descobrira um meio de fazer valer sua vontade, como última vontade, sem influências perniciosas: escreveu uma carta de perdão, mas não a assinou nem datou, ordenando que Ulrich colocasse como data a hora da sua morte, assinando juntamente com a irmã como testemunhas da sua vontade, como sói acontecer num testamento oral que o moribundo não tem mais forças de assinar.

Na verdade, sem querer se dar conta disso, aquele velhinho era um excêntrico velado, que se submetera às hierarquias da vida e as defendera com zelo, mas escondia toda a sorte de revoltas que não pudera manifestar no tipo de vida escolhido. Ulrich pensou na participação de falecimento que recebera e que provavelmente tinha sido determinada nas mesmas condições; sim, quase sentia um parentesco com tudo aquilo, desta vez não irado, e sim compadecido, pois, diante dessa fome de expressão, compreendia o ódio do velho pelo filho que facilitara a própria vida com toda sorte de liberdades indevidas. Porque assim sempre parecem aos pais as soluções de vida dos filhos, e Ulrich sentiu respeito ao pensar no irresolvido que havia em si próprio. Mas não teve mais tempo de dar-lhe uma forma justa e compreensível para Ágata: mal começara, quando, com grande ímpeto uma pessoa precipitou-se para dentro, carregada pela penumbra da sala, arrastada pelo próprio movimento até o círculo de claridade dos círios; lá, com um gesto amplo, pôs a mão diante dos olhos, a um passo do catafalco, antes que o criado do morto, surpreso, pudesse correr atrás anunciando a visita; não é à toa que *Schwung* em alemão quer dizer ímpeto.

— Prezado amigo! — exclamou o visitante com voz embargada, e o velhinho jazia ali, de maxilares apertados, diante de seu inimigo.

— Jovens amigos: a majestade do céu estrelado sobre nós, a majestade da lei moral dentro de nós! — prosseguiu este, olhando seu companheiro de Faculdade com olhos enlutados. — Nesse peito agora frio morou a majestade da lei moral! — Só depois virou-se e apertou as mãos dos irmãos.

Mas Ulrich aproveitou essa primeira oportunidade para livrar-se do seu encargo.

— O Senhor Conselheiro e meu pai infelizmente foram adversários nos últimos tempos? — disse, tateando.

A impressão era de que o velho de barba branca precisava recordar-se disso com certo esforço:

— Diferenças de opinião que nem vale a pena comentar — respondeu generosamente, contemplando o morto com afeto. Mas como Ulrich insistisse, deixando transparecer que se tratava de uma Última Vontade, a situação tornou-se subitamente tensa na sala, como numa espelunca quando todos sabem: agora alguém puxou o punhal debaixo da mesa, e vai atacar num instante. Portanto, o velho, mesmo morrendo, conseguira causar mais um aborrecimento ao seu colega Schwung. Naturalmente uma tal inimizade antiga há muito não era mais um sentimento, mas um hábito de pensamento; se nada voltasse a avivar da hostilidade, ela nem mais existiria, e todo o conteúdo concentrado de incontáveis e desagradáveis fatos passados assumiria a forma de um recíproco juízo depreciativo, tão independente do ir-e-vir das emoções quanto uma verdade imparcial. O Professor Schwung sentia a mesma coisa que seu inimigo, agora morto, sentira; pareceu-lhe inteiramente supérfluo e infantil perdoar, pois aquela emoção condescendente antes do fim, ainda por cima mero sentimento e não retratação científica, naturalmente não tinha nenhum poder de comprovação ante uma disputa de muitos anos, e, segundo pensava Schwung, servia apenas, muito despidoradamente, para fazer parecer injusta sua vitória.

Naturalmente era coisa bem diversa o Professor Schwung ter necessidade de despedir-se do amigo morto. Meu Deus, conheciam-se desde quando eram meros professores assistentes, ainda solteiros! Você se lembra de como brindamos ao sol crepuscular no Burggarten discutindo Hegel? Quantos sóis devem ter-se posto desde então, mas lembro particularmente aquele! E você recorda nossa primeira disputa científica, que, já então, quase nos fez inimigos? Como foi bonito! Agora, você está morto, e eu para minha alegria ainda estou de pé, embora diante do seu caixão! Sabemos que são essas as emoções dos idosos diante da morte de pessoas da mesma idade. Quando chegamos à idade do gelo, a poesia irrompe. Muitas pessoas que desde os dezessete anos não faziam mais poesias escrevem de repente um poema ao elaborar seu testamento aos setenta e sete. Assim como no Juízo Final os mortos serão chamados individualmente pelos nomes — embora repousem no fundo do tempo com seus séculos, como cargas de navios naufragados! —, no testamento as coisas são chamadas com seus nomes e recuperam a personalidade gasta durante o muito uso. “O tapete Buchará com o furo do charuto, que está no meu escritório”, diziam esses manuscritos, ou “o guarda-chuva com o cabo de chifre de rinoceronte, que comprei na Sonnenschein & Winter em 1887”; até os pacotes de ações são interpelados e nomeados segundo seus números.

Não é acaso que, com esse último clarão de todos os objetos, nasça também o anseio de ligar a eles uma moral, uma exortação, uma bênção, uma lei, para evocar ainda mais uma vez, com uma fórmula poderosa, essa multiplicidade que emerge antes do fim. Com a poesia do nosso testamento, desperta por isso também a filosofia, em geral velha e empoeirada, depois de ter ficado esquecida por cinquenta anos. De repente, Ulrich entendeu que nenhum daqueles dois velhos poderia ter cedido. “A vida que faça o que quiser desde que os princípios permaneçam inatacados!” é uma necessidade bem sensata, quando se sabe que em poucos meses, ou anos, nossos princípios sobreviverão a nós. Via-se nitidamente que os dois impulsos ainda se digladiavam no velho Conselheiro: seu romantismo, sua juventude, sua poesia, exigiam um grande, belo gesto, e uma palavra nobre; sua filosofia, porém, exigia por outro lado que expressasse a intangibilidade da lei da razão apesar de súbitos lampejos emocionais e passageiras fraquezas de ânimo, que seu inimigo morto lhe preparara

como armadilha. Há dois dias Schwung vinha imaginando: ele está morto, e o conceito schwungiano da responsabilidade reduzida não encontrará mais obstáculo algum; portanto, sua emoção jorrara em grandes ondas sobre o velho amigo, e, como um plano de mobilização cuidadosamente elaborado, que precisava apenas de um sinal para se concretizar, ele imaginara aquela cena de despedida. Mas tudo acabara dando errado, e o efeito fora revelador. Schwung começara com emoção poderosa, mas agora era como quando alguém fica lúcido no meio de um poema e não consegue mais lembrar os últimos versos. Assim defrontavam-se a barbicha branca e as brancas barbas, ambas com os maxilares implacavelmente ferrados.

“O que será que ele vai fazer?”, pensou Ulrich, contemplando tenso aquela cena. Por fim, o Conselheiro Schwung, com a feliz certeza de que agora o § 318 do Código Penal seria interpretado segundo a sua sugestão, venceu a indignação e, livre dos maus pensamentos, teria gostado de entoar a canção “Ah, eu tive um companheiro”, para expressar seu único sentimento, agora bondoso. Mas como não pudesse fazer isso, virou-se para Ulrich e disse:

— Acredite, jovem filho de meu amigo, é a crise moral que lidera; a decadência social vem logo depois!

Em seguida, dirigiu-se a Ágata, e prosseguiu:

— Essa foi a grandeza do senhor seu pai, estar sempre disposto a ajudar uma concepção idealista a impor-se nos fundamentos do Direito! — Pegou a mão de Ágata e a de Ulrich, sacudiu-as e exclamou: — Seu pai dava importância exagerada a pequenas diferenças de opinião inevitáveis entre pessoas que trabalham juntas longo tempo. Sempre estive convencido de que ele precisava fazer isso para não ter de censurar seu senso de justiça. Amanhã, muitos professores se despedirão dele, mas nenhum se iguala a seu pai!

Assim, aquela cena terminou em tom de reconciliação, e, ao sair, Schwung ainda insistiu com Ulrich para que contasse com os amigos do pai caso se decidisse por uma carreira acadêmica.

Ágata escutara de olhos arregalados, contemplando a sinistra forma final que a vida confere ao ser humano. Mais tarde disse ao irmão:

— Aquilo parecia uma floresta de árvores de gesso! Ulrich sorriu e respondeu:

— Eu fiquei tão sentimental como um cão em noite de luar!

## 5

### ELES AGEM MAL

— Você se lembra — perguntou Ágata algum tempo depois — de como, quando eu ainda era bem pequena, você, brincando com outros meninos, caiu um dia até os quadris na água, e quis esconder isso, sentou-se à mesa com a parte de cima seca, mas os dentes batiam e, assim, acabaram descobrindo a parte inferior encharcada?

Quando Ulrich voltava para casa nas férias do Instituto, o que por longo tempo só sucedera aquela única vez —, e quando aquele cadáver pequeno e murcho fora um

homem quase onipotente para os dois irmãos, não raro Ulrich não queria reconhecer algum erro, e teimava em não se arrepender, embora não conseguisse negar sua falta. Dessa forma, naquela ocasião, acabara com uma febre muito alta, e fora rapidamente levado para a cama.

— E só ganhou sopa para comer! — acrescentou Ágata.

— Certo! — confirmou o irmão, sorrindo. A lembrança de que fora punido, algo que nem lhe interessava mais, foi naquele momento como ver seus sapatinhos de criança no chão, que também não lhe interessavam mais.

— Já por causa da febre, você só podia comer mesmo sopa — repetiu Ágata — mas mesmo assim isso também lhe foi imposto como castigo!

— Certo! — confirmou Ulrich mais uma vez. — Mas naturalmente não foi por maldade, e sim para cumprir o chamado dever. — Ele não sabia o que a irmã estava pretendendo. Ele próprio ainda via apenas os sapatinhos de criança. Não os via; via-os apenas como se os estivesse enxergando. Sentia igualmente as mágoas que agora não eram mais as suas, de adulto. Pensou: “Nesse ‘não me interessa mais’ expressa-se de alguma forma o fato de que em nenhuma fase da vida somos realmente nós mesmos!”

— Mas você não teria podido comer nada além de sopa! — repetiu Ágata, e acrescentou: — Acho que a vida toda tive medo de ser talvez a única pessoa a não entender uma coisa dessas!

As lembranças de duas pessoas que falam de um passado comum conseguem não apenas completar-se mas também diluir-se antes mesmo de serem pronunciadas? Nesse momento, aconteceu algo semelhante! Um estado comum aos dois surpreendeu, sim, perturbou os irmãos como mãos que surgem debaixo de mantos em lugares inusitados e que se agarram uma à outra inesperadamente. Cada um, de repente, sabia do passado mais do que pensara saber, e Ulrich sentiu novamente a claridade da lampadazinha fraca que outrora subia pelas paredes, como agora, na sala onde estavam, acontecia com a luz das velas; então o pai viera, atravessara a cunha de luz do abajur de mesa, e sentara-se junto de sua cama. “Se tua consciência dos efeitos do teu ato estava consideravelmente limitada, pode ser vista a uma luz mais branda, mas para isso tens de reconhecê-lo primeiro.” Talvez fossem palavras do testamento ou das cartas sobre o § 318, entrando pela sua memória. Normalmente, ele não tinha memória para detalhes nem para palavras; por isso, era bem inusitado de repente frases inteiras aparecerem na sua lembrança, e aquilo se ligava à presença da irmã ali perto, como se fosse sua proximidade a causadora daquela mudança.

— Se você teve a força de escolher por si só uma maldade, independente de qualquer necessidade, então tem de reconhecer que agiu de maneira culposa! — prosseguiu ele, e afirmou: — Ele também deve ter falado assim com você!

— Talvez não fosse exatamente assim — disse Ágata. — Comigo, normal mente ele levava em consideração minha “tendência interior para desculpas condicionadas”. Sempre me censurou dizendo que uma vontade ligada ao pensamento não é ação instintiva.

— É a vontade — citou Ulrich — que, com a evolução da razão e do entendimento, tem de submeter a si o desejo, e igualmente o instinto, na forma de reflexão e da decisão subsequente!

— É verdade? — perguntou a irmã.

— Por que pergunta?

— Provavelmente porque sou burra.

— Você não é burra.

— Sempre tive dificuldade em aprender, e nunca entendia direito as coisas.

— Isso não prova nada.

— Pois então provavelmente eu sou ruim, porque não assimilo aquilo que entendo.

Estavam parados, recostados à moldura da porta que levava à sala ao lado, e que ficara aberta depois da saída do Professor Schwung; um diante do outro, e bem próximos; a luz do dia e a luz dos círios brincavam em seus rostos, suas vozes se entrelaçavam como num responsório. Ulrich continuava tecendo suas frases, que os lábios de Ágata seguiam, indiferentes. O velho tormento das exortações, que constava em forçar na terna e incompreensiva mente infantil uma ordem dura e alheia, divertia-os, e brincavam com isso.

E de repente, sem ter sido diretamente estimulada pelos acontecimentos, Ágata exclamou:

— Imagine só tudo isso estendido a todas as coisas, e você terá Gottlieb Hagauer! — E começou, como menina de colégio, a imitar o marido: — “Mas você realmente não sabe que *Lamium album* é urtiga morta?” — “E como vamos progredir se não for devolvendo às mãos de um líder leal o mesmo laborioso curso da indução que trouxe a raça humana num trabalho penoso de muitos milênios, passo a passo, com muitos enganos, ao atual estado de compreensão das coisas?” — “Mas, minha cara Ágata, você não consegue entender que o pensamento também é uma tarefa moral? Concentrar-se significa uma superação constante do próprio comodismo.” — “E disciplina intelectual significa aquela disciplina do espírito através da qual o ser humano entra cada vez mais na condição de elaborar seqüências de idéias sob dúvida constante diante das próprias inspirações, de maneira sensata, isto é, por silogismos incontestáveis, por cadeias de silogismos e silogismos em cadeia, por induções ou deduções, e submeter o julgamento assim obtido à verificação, até que todos os pensamentos se adaptem uns aos outros!”

Ulrich estava espantado com a memória da irmã. Parecia divertir Ágata imensamente repetir aquelas frases de mestre-escola que ela adquirira sabe Deus como, talvez de um livro, recitando-as de maneira impecável. Ela afirmava que era Hagauer quem falava assim.

Ulrich não acreditou.

— Como você poderia ter guardado frases tão compridas e complexas, apenas de conversa?

— Elas se imprimiram em mim — disse Ágata. — Eu sou assim.

— Mas você sabe o que é uma dedução, ou uma verificação?

— Nem idéia! — disse Ágata, rindo. — Talvez ele também só tenha lido isso em alguma parte. Mas é assim que ele fala. E aprendi tudo de cor de tanto ouvir, como uma cadeia de palavras sem sentido. Acho que foi de raiva, porque ele fala assim. Você é diferente de mim: em mim as coisas permanecem porque não sei o que fazer com elas... essa é a minha boa memória. Por ser burra, tenho uma memória incrível! — Ela agia como se nisso houvesse alguma triste verdade que tinha de rejeitar para continuar naquele entusiasmo: — Hagauer é assim até quando joga tênis: “Se ao aprender tênis pela primeira vez dou intencionalmente uma determinada posição à minha raquete, para conferir determinada direção à bola cujo vôo até ali

me contentou, estou interferindo no curso de um processo: estou fazendo experiências!”

— Ele joga bem tênis?

— Eu ganho dele, seis a zero. Os dois riram.

— Sabe — disse Ulrich — que, com tudo isso que você o faz dizer, Hagauer tem bastante razão? Só que ele é engraçado.

— Pode ser que ele tenha razão — retrucou Ágata —, disso eu não entendo. Mas uma vez, sabe, um rapazinho do colégio dele traduziu assim, textualmente, uma passagem de Shakespeare:

“Covardes muitas vezes morrem antes de sua morte;

Os bravos não saboreiam a morte senão uma vez.

De todos os milagres de que ouvi falar,

Muito estranho me parece que se tenha medo

Vendo que a morte, fim necessário,

Há de vir quando quiser vir.” Mas ele corrigiu, e eu mesma vi o caderno do menino:

“O covarde morre muitas vezes antes de morrer!

Os bravos saboreiam a morte uma vez só.

De todos os milagres que ouvi,

Parece-me o maior...” e assim por diante, como se fosse a tradução de Schlegel! E sei mais um trecho desses, acho que é do Píndaro, e diz: “A lei da Natureza, rei de todos os mortais e imortais, reina com mão onipotente, aprovando a maior violência!” E depois ele deu a “última polida”: “A lei da Natureza, que impera sobre todos os mortais e imortais, governa com mão onipotente, também aprovando a violência.”

— Mas não era bonito — perguntou ela — que o menino do colégio, com o qual ele não estava satisfeito, tivesse traduzido as palavras tão textualmente, tão horripilantes como as encontrara ali, como um monte de pedras desmoronadas? — E repetiu: — “Covardes morrem muitas vezes antes de sua morte / Os bravos não saboreiam a morte senão uma vez / De todos os milagres de que ouvi falar / Muito estranho me parece que se tenha medo / Vendo que a morte, fim necessário / Há de vir quando quiser vir”...!!!

Ela enlaçara a moldura da porta com a mão como se fosse um tronco de árvore, e exclamava aqueles versos toscos com tamanho ímpeto e beleza, do jeito que eles eram, sem se importar com o fato de que havia um infeliz murcho jazendo sob seus olhos que refletiam a altivez da juventude.

Ulrich fitava a irmã, testa franzida.

“Uma pessoa que não ajeita um velho poema, mas o deixa na deterioração de seu sentido meio destruído, é como alguém que jamais colocaria, numa estátua antiga à qual falta o nariz, um nariz de mármore novo”, pensou. “Pode-se chamar a isso de sentimento de estilo, mas não é. E também não é que a fantasia da pessoa seja tão viva a ponto de não lhe perturbar que falte um pedaço. Antes disso, trata-se de alguém que não dá nenhum valor à perfeição e, por isso, não exigirá de suas próprias sensações que sejam inteiras.” E numa súbita mudança de curso, pensou: “Ela deve ter beijado sem que desabasse logo de corpo inteiro!” Naquele momento pareceu-lhe que nada precisava saber de sua irmã exceto aqueles versos apaixonados, para concluir

que ela jamais estaria “inteiramente dentro” de alguma coisa, que também ela era um ser de “apaixonada obra imperfeita”, como ele.

Com isso, até esqueceu a outra metade do seu ser, que pedia comedimento e domínio. Teria podido dizer com toda a segurança à irmã que nenhuma de suas ações combinava com seu ambiente imediato, mas que todas dependiam de um ambiente mais amplo e altamente duvidoso, onde nada começa e nada tem limites, e as contraditórias impressões da primeira noite teriam encontrado uma explicação favorável. Mas a reserva à qual se habituara foi mais forte, e ele esperou, curioso, não sem algumas dúvidas, para ver como Ágata desceria daquele alto galho em que subira. Ainda estava ali parada com o braço erguido envolvendo o caixilho da porta, e um instante a mais teria destruído toda a cena. Ele desprezava mulheres que se portam como se tivessem sido postas no mundo por um pintor ou encenador, ou que, depois de uma excitação como a de Ágata, acabam num *piano* artificial. “Talvez”, refletiu ele, “ela se deixe deslizar de sua altura de repente com alguma expressão meio tola e sonâmbula, como a de um médium ao despertar; não lhe restará outra coisa a fazer, e será muito penoso!” Mas Ágata parecia também saber disso, ou lera no olhar do irmão o perigo que a ameaçava: saltou alegremente das alturas onde se encontrava, caindo sobre os dois pés, e botando a língua para Ulrich!

Mas depois ficou séria e calada, não disse mais nada, e foi apanhar as condecorações. Assim, os irmãos trataram de ir de encontro à última vontade do pai.

Ágata executou tudo. Ulrich não se sentia à vontade para tocar aquele velho desamparado que ali jazia, mas Ágata tinha uma maneira de agir mal que não deixava ninguém pensar em má ação. Os movimentos de seu olhar e mãos pareciam os de uma mulher cuidando de um enfermo, e por vezes também tinham o jeito comovente e original de jovens animais que interrompem seu brinquedo para se certificar de que seu dono está vendo.

Este recebia as condecorações que iam sendo retiradas, lhe entregava as peças de substituição. Lembrava-se do ladrão com o coração saltando no peito. Tinha a impressão de que as estrelas e cruzeiras brilhavam mais vivamente nas mãos de sua irmã do que nas suas, tornando-se quase objetos mágicos, e isso talvez fosse verdade naquele aposento negro e verde, repleto dos muitos reflexos de grandes folhagens, mas também podia dever-se ao fato de que sentia a vontade hesitante mas dominadora da irmã, tocando jovialmente a sua própria; e como não se notasse nisso intenção alguma, surgiu novamente naqueles momentos de puro contato uma sensação quase que pontual e portanto fortíssima da existência de ambos.

Então, Ágata interrompeu sua lida, acabara. Mas ainda faltava qualquer coisa, e depois de uma pequena pausa de reflexão, ela disse sorrindo:

— Quem sabe cada um de nós escreve uma coisa bonita num bilhete, e metemos no bolso dele?

Desta vez, Ulrich logo soube a que ela se referia, pois não havia muitas dessas memórias comuns; lembrou que em certa idade ela tivera grande predileção por versos e histórias tristes, em que alguém morria e era esquecido por todos. Talvez isso se devesse ao abandono de sua infância, e muitas vezes inventavam juntos alguma história; mas, já então, Ágata tendia a concretizar tais histórias, enquanto Ulrich apenas liderava nas empresas mais masculinas, audaciosas e cruéis. Por isso, a decisão que certa vez tomaram de cortarem cada um uma unha e a enterrarem no jardim viera de Ágata, e ela ainda juntara às unhas uma pequena mecha de seus cabelos louros.

Ulrich declarara, orgulhoso, que em cem anos talvez alguém encontrasse aquilo e se perguntasse, espantado, quem teria sido, e estava influenciado pela intenção de chegar à posteridade; mas a pequena Ágata interessava-se mais pelo ato de enterrar os objetos e tinha a sensação de estar ocultando um pedaço de si mesma, subtraindo-o permanentemente à vigilância de um mundo cujas exigências pedagógicas a inibiam, sem que as valorizasse muito. E como naquele tempo se tivesse construído no jardim a pequena moradia dos criados, combinaram fazer algo insólito. Queriam escrever versos maravilhosos em dois bilhetes, acrescentando seus nomes, para que tudo fosse cimentado junto com a casa: mas quando começaram a escrever os versos, que deveriam ser especialmente bonitos, não lhes ocorreu nada, dia após dia, e as paredes já se erguiam sobre os alicerces. Então, por fim, quando a hora chegava, Ágata copiou uma frase de seu livro de aritmética, e Ulrich escreveu: “Eu sou...”, e depois seu nome. Apesar disso, os dois sentiram o coração bater terrivelmente, quando se esgueiravam no jardim perto dos dois pedreiros que trabalhavam, e Ágata simplesmente jogou seu bilhete no buraco e saiu correndo. Mas Ulrich, que, como era maior, e homem, naturalmente sentia mais medo ainda de ser interpelado pelos pedreiros, que haveriam de indagar, espantados, o que queria ali, não conseguira mexer braços nem pernas, de tanto nervosismo; de modo que Ágata, mais corajosa agora porque nada lhe acontecera, finalmente voltou levando também o bilhete dele. Dessa vez fingiu estar fazendo algum passeio inocente; vira na extremidade da parede um tijolo que acabava de ser colocado; levantou-o e enfiou o nome de Ulrich na parede antes que alguém pudesse mandá-la embora; enquanto isso, Ulrich a seguia, hesitante, e no momento daquela ação sentiu a inibição terrível transformar-se numa roda com lâminas afiadas girando tão depressa em seu peito que no momento seguinte passava a ser um sol espirrando faíscas, como um fogo de artifício.

Fora nisso que Ágata pensara, e Ulrich nada respondeu, apenas sorriu, rejeitando a idéia, pois repetir aquela brincadeira com um morto lhe parecia proibido.

Mas Ágata já se abaixara, retirando da perna uma larga liga de seda que usava para aliviar a cinta das meias; levantou a mortalha luxuosa e colocou a liga no bolso do pai.

E Ulrich? No primeiro momento, ele nem acreditou no que via, diante daquela lembrança ressuscitada. Em seguida, quase saltou para junto do caixão a fim de impedir a irmã; simplesmente porque era tão contra toda a ordem. Mas depois, percebeu nos olhos dela um cintilar de puro orvalho da madrugada no qual ainda não caiu nenhuma impureza do dia, e isso o deteve.

— O que você está fazendo? — disse baixinho, censurando. Não sabia se ela pensava em apaziguar o morto por lhe ter acontecido injustiça, ou se desejava lhe dar alguma coisa boa, por ele próprio ter cometido tantas injustiças: podia ter indagado, mas a idéia bárbara de colocar junto àquele morto congelado uma liga de meias ainda quente da perna de sua filha fechava-lhe a garganta e perturbava enormemente suas idéias.



## POR FIM, O ANCIÃO PODERÁ DESCANSAR

O breve tempo que ainda faltava para o enterro fora preenchido com incontáveis pequenas tarefas inusitadas, e passara depressa, e por fim, a chegada dos visitantes, que corria como um fio negro através de todas as horas, se tornara, na última meia hora antes da partida do morto, um festival negro. Os agentes funerários tinham martelado e raspado ainda mais que antes — com a gravidade de um cirurgião a quem confiamos nossas vidas e que daí por diante não nos permite mais qualquer intromissão —, e tinham instalado em todo aquele cotidiano intocado do restante das peças da casa uma vereda de sentimentos solenes que levava do portão, pela escada, até a sala funerária.

As flores e folhagens, panos pretos e de crepe, candelabros de prata, e pequenas, trêmulas línguas douradas de chamas que recebiam os visitantes, conheciam melhor sua tarefa do que Ulrich e Ágata, que tinham, em nome da família, de saudar a todos os que vinham prestar a última homenagem ao morto, e só de pouquíssimos sabiam de quem se tratava, se o velho criado do pai não chamasse discretamente sua atenção para visitantes especialmente importantes. E todos os que vinham deslizavam ao encontro deles, e afastavam-se de novo, deslizando, ancoravam por ali em qualquer lugar no aposento, isolados ou em pequenos grupos, observando, imóveis, os dois irmãos. Os rostos deles ficaram recobertos pela hirta máscara do autocontrole, até que, por fim, o condutor da carruagem fúnebre ou dono da agência funerária — o homem que visitara Ulrich com seus impressos e na última meia hora subira e descera pelo menos vinte vezes as escadas — interpelou Ulrich de lado, trazendo-lhe com ar importante, como um ordenança no desfile a traria a seu general, a participação de que tudo estava preparado.

Como o cortejo devesse passar solenemente pela cidade, só mais tarde entrariam nos carros, e Ulrich teve de caminhar à frente dos demais, ao lado do governador real e imperial, que aparecera pessoalmente em honra do último descanso de um membro do senado; do outro lado de Ulrich, seguia um cavalheiro igualmente importante, o mais velho de uma delegação de três membros do Senado; atrás, vinham os outros dois estadistas, em seguida o reitor e o colegiado da Universidade, e só depois, mas à frente de uma torrente de cartolas de personalidades públicas, que baixavam em dignidade na medida em que ficavam mais para trás, caminhava Ágata, rodeada de mulheres de negro, marcando o ponto em que, entre as autoridades, tomava lugar a dor particular; pois a simpatia desordenada dos “apenas consternados” começava só atrás do séquito oficial, e era até possível que não se constituísse senão do velho casal de criados que caminhava solitário no fim do cortejo. Assim, esse era principalmente um cortejo de homens, e ao lado de Ágata não caminhava Ulrich mas seu marido, Professor Hagauer, cujo rosto de maçã vermelha com o bigode hirsuto) sobre a boca se lhe tornara entrementes estranho, e que, atrás do denso véu negro que lhe permitia observá-lo às escondidas, parecia azul-escuro. O próprio Ulrich, que nas muitas horas anteriores estivera sempre ao lado da irmã, tinha de repente a sensação de que a antiquíssima regulamentação do enterro, que vinha do período de fundação da Universidade, lhe havia roubado Ágata, e sentia falta dela sem sequer poder virar-se

para vê-la. Imaginava uma brincadeira com que a saudaria quando se revissem, mas seus pensamentos não podiam correr livres por causa do governador, que andava a seu lado, imperioso e calado, mas por vezes lhe dirigia alguma palavra em voz baixa, que ele precisava escutar; aliás, todas aquelas excelências e magnificências e notabilidades lhe tinham dado atenção, pois agora ele era a sombra do Conde Leinsdorf, e a desconfiança generalizada em relação à Ação Patriótica conferia destaque a Ulrich.

Nas margens das ruas e atrás das janelas havia muitos curiosos, e embora ele soubesse que em uma hora tudo teria terminado, como numa apresentação teatral, naquele dia sentia vivamente todos os acontecimentos, e a compaixão geral pelo seu destino pesava-lhe nos ombros como um manto carregado de debruns. Pela primeira vez, percebia a postura reta da tradição. A comoção das multidões às margens, que corria diante do cortejo como uma onda, que tagarelava, calava-se e depois respirava aliviada, a magia do clero, o som cavo dos torrões de terra caindo sobre o caixão, que já se fazia adivinhar, o silêncio acumulado do cortejo, tudo isso tocava as vertebbras do ser como um instrumento musical primitivo, e Ulrich sentiu com espanto dentro de si um eco indescritível, em cujo ritmo seu corpo se endireitava, como se estivesse realmente sendo carregado pela solenidade que o rodeava. E como naquele dia estivesse mais próximo das outras pessoas, imaginou como seria diferente se nesse momento, correspondendo ao sentido original de toda aquela pompa semi-esquecida e assumida pelo presente, ele realmente caminhasse ali como herdeiro de um grande poder. A esse pensamento, a melancolia cedeu, e a morte passava de uma terrível circunstância pessoal a uma transição realizada com pública solenidade; não se escancarava mais aquele buraco que todos olhavam com horror, que cada pessoa com cuja presença estávamos habituados deixa nos primeiros dias de seu desaparecimento, mas o herdeiro já caminhava em lugar do morto, a multidão o fitava, a cerimônia fúnebre era ao mesmo tempo uma festa de celebração de virilidade para aquele que agora assumia a espada e pela primeira vez caminhava em direção de seu próprio fim, sozinho e sem protetor.

“Eu deveria ter fechado os olhos de meu pai!”, pensou Ulrich, sem querer. “Não por causa dele, ou de mim, mas...” Não soube concluir esse pensamento; o fato, porém, de que nem ele tivesse amado o pai, nem o pai a ele, pareceu-lhe diante de toda aquela ordem uma supervalorização mesquinha da importância pessoal, e diante da morte todo o pensamento pessoal tinha sabor insípido e vazio, enquanto tudo o que era significativo naquele instante parecia emanar daquele gigantesco corpo constituído pelo cortejo que passava pela alameda humana, ainda que cheio de ócio, curiosidade e participação fútil.

Mas a música continuava tocando, era um dia leve, claro, magnífico, e as emoções de Ulrich oscilavam de um lado para outro como o dossel carregado sobre o Santíssimo nas procissões. Por vezes, Ulrich via as vidraças espelhadas da carruagem fúnebre que seguia à sua frente, via sua própria cabeça com chapéu e ombros, e de tempos em tempos notava no chão do veículo, ao lado do caixão ornado de brasões, pequenos pingos de cera de outros enterros, que não haviam sido devidamente removidos; e então, tinha pena do pai, simples e irracionalmente como se tem pena de um cão atropelado na rua. Seus olhos se umedeciam, e quando olhava sobre aquele vasto negrume até os espectadores nas margens da rua, estes pareciam flores úmidas e coloridas, e a idéia de que ele, Ulrich, agora via tudo isso, mas não o via aquele que ali vivera e amara muito mais as coisas solenes do que ele, era tão estranha que lhe pare-

cia totalmente impossível seu pai não poder estar presente ao partir de um mundo que de modo geral considerava bom. Era uma emoção íntima, mas, apesar disso, Ulrich não ignorou que o agente ou empresário da funerária, que conduzia o cortejo católico para o cemitério e mantinha a ordem, era um grande judeu robusto, de uns trinta anos: tinha como enfeite um longo bigode louro, trazia papéis no bolso, como um guia de viagens, corria à frente e para trás, e ajeitava alguma coisa nos arreios de um cavalo, ou sussurrava algo aos músicos. Isso lembrou Ulrich de que o cadáver de seu pai não estivera em casa no último dia, e só pouco antes do enterro fora trazido de volta para lá, devido a uma determinação de sua última vontade, ditada pelo espírito de pesquisa, que ordenara que o pusessem à disposição da ciência; e era de acreditar que, depois daquela intervenção anatômica, sem dúvida teriam costurado o ancião às pressas; lá rolava ele, pois, atrás dos vidros da carruagem que devolviam a imagem de Ulrich, uma coisa mal costurada, centro daquela grande, bela, solene ilusão.

“Com suas condecorações ou sem elas?”, indagou-se Ulrich, consternado; não pensara mais nisso, e não sabia se haviam tornado a vestir seu pai depois da anatomia, antes de trazerem o caixão fechado de volta para casa. Também era incerto o destino da liga de Ágata; podiam tê-la encontrado, e ele imaginava as brincadeiras dos estudantes. Tudo isso era sobremaneira penoso, e assim, as objeções do presente mais uma vez fragmentaram sua emoção em muitos detalhes, depois de, por um momento, quase se ter arredondado na casca lisa de um sonho vivo. Ele apenas sentia ainda o absurdo, o balançar confuso da ordem humana e de si mesmo.

“Estou completamente só no mundo”, pensou, “rompeu-se uma corrente de âncora... vou emergir!” Lembrando-se dessa impressão, a primeira sentida ao receber a mensagem da morte do pai, sua emoção vestiu-se novamente, enquanto ele caminhava entre aquelas paredes humanas.

7

## CHEGA CARTA DE CLARISSE

Ulrich não deixara seu endereço com nenhum conhecido, mas Clarisse o soube através de Walter, a quem ele era tão familiar quanto sua própria infância.

Ela escrevia:

“Meu amorzinho — meu medrosinho? — meu *inho*!

Você sabe o que é um *inho*! Não consigo descobrir. Acho que Walter é um *fraqzinho*. (As sílabas *inho* estavam bem sublinhadas em todo o trecho.).

Acha que vim ao seu encontro bêbada? Eu não consigo me embriagar! (Homens se embriagam mais facilmente que eu. Coisa digna de *nota*)

Mas não sei o que lhe disse; não me lembro. Receio que você ache que eu disse coisas que não disse. Eu não as disse.

Mas quero que isto se torne uma carta — *logo*! Antes disso: você sabe como os sonhos se abrem. Sabe, quando sonha, às vezes: você já esteve ali, já falou com aquela pessoa, ou... É como se a gente reencontrasse a memória.

*Notei na vigília que estava vigiando!*

(Tenho amigos-de-sono.)

Você ainda se lembra quem é Moosbrugger? Preciso lhe contar uma coisa:

*De repente seu nome estava ali de novo.*

Aquelas três sílabas musicais.

Mas a música é uma farsa. Quer dizer, quando vem sozinha. Música sozinha é esteticismo ou coisa assim; fraqueza. Mas quando a música se liga com o rosto, então as paredes balançam, e do túmulo do presente ressurge a vida dos que estão por vir. Eu não apenas ouvi as três sílabas musicais, também as vi. Elas *emergiram* da lembrança. De repente, sabe: lá onde emergem há outra coisa ainda. Uma vez eu escrevi ao seu conde uma carta sobre Moosbrugger, como se pode esquecer uma coisa dessas! Agora eu vejo-ouço um mundo em que as coisas estão paradas e as pessoas andam, do jeito de sempre, mas *sonoramente visíveis*. Não sei descrever isso direito, pois, por enquanto, só emergiram três sílabas. Você entende? Talvez seja cedo demais para comentar.

Eu disse a Walter ‘Quero conhecer Moosbrugger!’

Walter perguntou: ‘Mas quem é Moosbrugger?’

Eu respondi: ‘O assassino que é amigo de Ulo.’

Estávamos lendo jornais; era de manhã, e Walter tinha de ir logo para o escritório. Você se lembra de que lemos jornais, nós três? (Você tem uma memória *fraca*, e *não* vai lembrar!) Então, eu desdobrei a parte do jornal que Walter me dera — um braço à direita, um braço à esquerda — e de repente senti madeira dura, estava crucificada. Eu pergunto a Walter: ‘Ontem não havia no jornal alguma coisa sobre o acidente de trem em Budweis?’

Ele respondeu: ‘Sim, mas por que pergunta? Um pequeno acidente, só um morto ou dois.’

Algum tempo depois, eu disse: ‘Porque na América também aconteceu um acidente. Onde fica a Pensilvânia?’

Ele não sabe, e diz: ‘Na América.’

Eu digo: ‘Os maquinistas nunca deixam suas locomotivas se chocarem de propósito!’

Ele olha para mim. Vê-se que não me entende. ‘Claro que não’, diz.

Pergunto quando o Siegmund vem nos ver. Ele não tem certeza.

E agora, está vendo: claro que os maquinistas de trem não deixam seus trens se chocarem de propósito: *mas então, por que o fazem?* Eu vou lhe dizer: nessa monstruosa rede de trilhos, desvios e sinais, que se estende sobre todo o globo terrestre, perdemos toda a força da nossa consciência. Pois se tivéssemos a força de nos examinarmos mais uma vez e darmos mais uma vez atenção à nossa tarefa, sempre faríamos o que é necessário, evitando desgraças. *A desgraça é sempre ficarmos parados no penúltimo passo!*

Naturalmente não se podia esperar que Walter entendesse isso logo. Acho que consigo atingir essa imensa força da consciência, e tive de fechar os olhos, para Walter não notar o raio dentro deles.

Por todos esses motivos, julgo meu dever conhecer Moosbrugger.

Você sabe, meu irmão Siegmund é médico. Ele vai me ajudar.

Fiquei esperando por ele.

Ele veio nos ver no domingo.

Quando lhe apresentam alguém, ele diz: ‘mas eu não sou nem..., nem musical.’ Essa é a piada dele. Pois por se chamar Siegmund, não quer nem ser considerado

judeu, nem musical. *Ele foi concebido na embriagues de Wagner.* É impossível obter uma resposta sensata dele. Enquanto eu lhe falava, ele só resmungava coisas idiotas. Jogou uma pedra num pássaro e enfiou a bengala na neve. Também queria limpar a neve do caminho com a pá; vem seguidamente trabalhar em nossa casa, pois não gosta de ficar na sua, com a mulher e os filhos. Espantoso que você nunca o tenha encontrado. ‘Vocês têm as Flores do Mal e uma horta!’, diz ele. Eu lhe puxei as orelhas, e lhe dei uns socos nas costelas, mas não adiantou.

Então, entramos em casa, onde Walter estava naturalmente no piano, e Siegmund botou o casaco debaixo do braço, suas mãos estavam sujas até os cotovelos.

‘Siegmund’, eu lhe disse na frente de Walter, ‘quando é que vai compreender uma peça musical?’

Ele deu uma risada cínica e disse: ‘Nunca.’

‘Quando você mesmo a *compuser*, em seu íntimo’, disse eu. ‘Quando é que se entende uma pessoa? É preciso compreendê-la!’ *Compreender!* É um grande mistério, Ulrich. Você tem de ser como ela: mas não *entrando* nela, e sim ela *saindo* para dentro de você. Redimimos *saindo*: esta é a forma *forte*! Nós nos envolvemos com as ações das pessoas, mas as exaurimos e excedemos.

Desculpe que eu lhe escreva tanto. Mas os trens se chocam porque a consciência não dá o passo derradeiro. Os mundos não emergem se não os puxarmos. Outro dia lhe falo mais sobre isso. *A pessoa genial tem dever de atacar!* E tem a gigantesca força para fazer isso! Mas Siegmund, o covarde, olhou o relógio e lembrou o jantar, porque tinha de ir para casa. Sabe, Siegmund sempre faz uma cara entre o esnobismo de um médico experiente que não valoriza muito os conhecimentos de sua especialidade, e o pedantismo do homem moderno que, superando a tradição intelectual, voltou à higiene da simplicidade e da jardinagem. Mas Walter exclamou: ‘Por amor de Deus, por que vocês estão falando dessas coisas? Afinal, o que querem com esse tal Moosbrugger?’ E isso nos ajudou.

Pois então, Siegmund disse: ‘Ou ele é louco, ou criminoso, isso é certo. Mas, se Clarisse imagina poder regenerá-lo? Eu sou médico e também tenho de permitir ao capelão do hospital que imagine isso! Ela falou em redimir? Bem, e por que ela não pode pelo menos ver o homem?’

Ele escovou as calças, fingiu de calmo, lavou as mãos; então, combinamos tudo durante o jantar.

Também já estivemos com o Dr. Friedenthal; é o médico-assistente, que ele conhece. Siegmund disse abertamente que assumia a responsabilidade de me introduzir através de algum título falso, dizendo que sou escritora e quero ver o homem.

Mas foi um erro, pois diante de um pedido tão franco o outro só podia mesmo dizer não. ‘Se a senhora fosse a Selma Lagerlöf, eu ficaria encantado com sua visita, aliás naturalmente estou encantado de qualquer modo, mas infelizmente aqui só se reconhecem interesses científicos!’

Foi bem bonito passar por escritora. Eu o olhei firme e disse: Nesse caso sou mais do que a Lagerlöf, porque não quero vê-lo apenas para o estudar!’

Ele me encarou, depois disse: ‘A única possibilidade seria se viesse procurar o chefe da clínica com uma recomendação da sua embaixada.’ Ele me tomara por uma escritora estrangeira, sem notar que sou irmã de Siegmund.

Por fim, combinamos que eu não veria o doente Moosbrugger, mas o prisioneiro Moosbrugger. Siegmund me consegue a recomendação de alguma associação beneficente, e uma permissão com o tribunal da comarca. Depois, Siegmund me contou que o Dr. Friedenthal considera psiquiatria uma ciência meio artística, e chamou-o de diretor de um circo de demônios. Mas eu bem que gostaria.

O mais bonito foi que a clínica está alojada num velho mosteiro. Tivemos de esperar na entrada, e a sala de conferências fica numa capela. Tem grandes janelas de igreja, e pude ver o pátio. Os doentes vestem roupa branca e sentam-se na cátedra junto do professor. E o professor inclina-se amavelmente para as poltronas deles. Fiquei pensando: quem sabe agora vão trazer Moosbrugger. Tive a impressão de que nesse caso voaria sala adentro através da alta janela de vidro. Você vai dizer que não sei voar: então, saltar pela janela? Mas não teria saltado, não era isso que sentia.

Espero que você volte logo. *Nunca* se consegue exprimir as coisas. Muito menos numa carta.”

E embaixo, sublinhado com traço bem grosso: “Clarisse”.

## 8

### FAMÍLIA A DOIS

Ulrich diz:

— Se dois homens ou mulheres têm de partilhar o mesmo espaço por mais tempo — na viagem, no vagão-leito ou na estalagem lotada —, não raro se ligam por uma amizade singular. Cada um tem uma maneira de gargarejar, ou de agachar-se para calçar os sapatos, ou de dobrar a perna quando entra na cama. A roupa de baixo e os outros trajes, embora semelhantes, mostram nos detalhes diminutas diferenças que se revelam aos olhos do outro. Provavelmente pelo exagerado individualismo da vida atual há, no começo, uma resistência que parece uma leve repulsa, e uma defesa contra uma excessiva aproximação que feriria a própria personalidade; uma vez isso superado, forma-se uma comunidade com origem inusitada, como uma cicatriz. Depois dessa mudança, muitas pessoas ficam mais alegres do que habitualmente são; a maior parte, mais inofensivas; muitas, mais falastronas; quase todas, mais amáveis. A personalidade muda, quase se pode dizer que foi trocada subrepticamente por uma personalidade menos particular: em lugar do eu surgiu o primeiro esboço de um *nós*, sentimos como algo desconfortável, uma redução de nós mesmos, mas por outro lado irresistível.

Ágata responde:

— Essa repulsa pelo convívio é coisa que as mulheres sentem especialmente. Nunca pude me acostumar com mulheres.

— Isso também existe entre homem e mulher — opinou Ulrich. — Apenas é disfarçado pelos deveres da ligação amorosa, que ocupam a atenção. Mas não é raro que as pessoas assim entrelaçadas despertem subitamente e então vejam — segundo sua natureza com espanto, ironia ou desejo de fugir — um ser totalmente estranho locupletado a seu lado; algumas pessoas sentem isso mesmo depois de muitos anos.

E não sabem dizer o que é mais natural: sua ligação com o outro, ou aquela retração do seu eu ferido, querendo sair da ligação, imaginando ser único — as duas coisas estão em nossa natureza. E as duas se confundem no conceito de família! A vida numa família não é a vida plena; jovens sentem-se roubados, diminuídos, pouco à vontade no círculo familiar. Veja filhas solteiras de certa idade: foram sugadas pela família, esvaziadas, roubaram-lhes seu sangue; elas se transformaram em estranhos híbridos de eu e nós.

Ulrich sentira a carta de Ciarisse como um estorvo. As irrupções ali expressas aos saltos inquietavam-no bem menos do que o trabalho calmo, quase sensato, que ela fazia interiormente em favor de um plano obviamente louco. Pensou em falar com Walter a respeito, na volta, e desde então intencionalmente só fala de outras coisas.

Ágata, estendida no divã, encolhe um joelho e lhe fala insistentemente:

— Mas isso que você está dizendo esclarece por que eu deveria casar de novo!

— Mas, por outro lado, existe algo no chamado “sagrado sentimento de família”, nesse entrelaçar-se, servir-se mutuamente, nesse movimento altruísta em círculo fechado — prossegue Ulrich, sem se importar com o que ela disse, e Ágata se admira por suas palavras viverem se afastando dela depois de terem estado tão próximas. — Habitualmente, esse eu coletivo é apenas um egoísta coletivo, e um sentimento intenso de família é então a coisa mais intolerável que se possa imaginar. Mas também posso conceber esse um-por-todos-todos-por-um incondicional, essa luta em comum, essa solidariedade comum na dor, como um sentimento de bem-estar primitivos forjado no fundo dos tempos da humanidade, e mesmo já na manada de animais — Ágata o escuta dizer, sem conseguir pensar ela própria grande coisa a respeito. E também não o conseguirá quando da próxima frase dele:

— Esse estado degenera facilmente, como todos os estados antigos cuja origem se perdeu. — E só quando ele encerra, dizendo: — E provavelmente deve-se exigir que os indivíduos sejam algo de especialmente ordeiro, para que o quadro que formam não se torne uma caricatura absurda —, é que ela se sente outra vez abrigada ao lado dele, e, enquanto o encara, não quer deixar seus olhos se fecharem, para que ele não desapareça por um só momento, porque é tão estranho ele estar ali sentado falando coisas que se perdem nas alturas e de repente voltam a cair como uma bola de borracha presa entre a galharia.

Os irmãos tinham-se encontrado na sala de visitas no fim da tarde vários dias depois do enterro.

Naquele salão comprido o estilo burguês Império se fazia presente não apenas pelo gosto, mas por móveis legítimos; entre as janelas pendiam os altos retângulos dos espelhos em molduras douradas e lisas, e as cadeiras de uma rigidez harmoniosa estavam colocadas junto das paredes, de modo que o assoalho vazio parecia inundar o aposento com o brilho escuro de seus quadrados, enchendo um tanque raso no qual só depois de vacilar se punha o pé. No canto desse salão inóspito tão cheio de estilo — pois o escritório, onde ele se instalara na primeira manhã, ficara para Ulrich —, mais ou menos ali onde, num nicho recuado, ficava a estufa como um severo pilar, carregando um vaso (e, exatamente na linha central de sua parte dianteira, sobre uma beira que corria a todo o seu redor na altura dos quadris, um candelabro solitário), Ágata criara para si mesma uma península muito pessoal. Mandara colocar um divã, e a seus pés um tapete, cujo azul-e-vermelho antigo, acompanhando o padrão turco do

diva repetido insensatamente ao infinito, consistia um opulento desafio ao delicado gris e às linhas leves e racionais que imperavam no aposento por vontade ancestral. Além do mais, ela maculara aquela vontade disciplinada e nobre colocando, como “floresta” à sua cabeça, uma planta de grandes folhas verdes da altura de um homem, que guardara da ornamentação fúnebre da casa; do outro lado, um grande abajur para poder ler deitada, e que, na paisagem classicista do aposento, parecia um holofote ou um mastro de antenas. Aquele salão com seu teto dividido em quadrados, as pilastras da parede e armarinhos de colunatas, não mudava há cem anos, pois raramente fora usado e jamais fora realmente incluído na vida dos últimos moradores; talvez no tempo dos antepassados as paredes ainda tivessem sido recobertas de tecidos delicados em vez da tinta clara de agora, e o revestimento das cadeiras podia ter sido diferente, mas Ágata conhecia o salão no estado atual desde sua infância, e nem sabia se tinham sido seus bisavôs que o tinham mobiliado daquele jeito ou pessoas estranhas, pois crescera naquela casa e a única particularidade que conhecia era a lembrança de sempre ter entrado com medo naquela sala, o medo que se incute nas crianças diante de algo que facilmente poderiam sujar ou quebrar. Mas agora, depois de tirar o último símbolo do passado, o luto, e vestir novamente seu pijama, estava deitada naquele divã rebeldemente introduzido, e desde o começo da tarde lia livros bons e ruins, que reunira, interrompendo-se de vez em quando para comer ou cochilar; e quando o dia assim passado terminava, olhou através da penumbra do aposento para as cortinas claras que, mergulhadas no lusco-fusco, se entufavam nas janelas como velas, e sentiu que viajava na dura claridade da lâmpada pelo aposento hirto e gracioso, e que acabara de ancorar.

Foi assim que o irmão a encontrou, abrangendo com um só olhar aquela decoração iluminada; pois também conhecia o salão, e até soube lhe dizer que o primeiro dono da casa fora um rico comerciante que mais tarde se dera mal nos negócios, de modo que o bisavô dela, o notário imperial, conseguira comprar barato aquela bela propriedade. Ulrich sabia contar uma porção de outras coisas sobre aquele salão, que examinara detidamente, e que o que mais impressionou sua irmã foi que nos tempos de seus bisavôs aquele tipo de decoração rígida fora considerado muito natural; era-lhe difícil entender isso, pois parecia-lhe o aborto de uma aula de geometria, e levou algum tempo até ter uma idéia da maneira de ver de uma época tão saturada pelas formas insistentes do barroco que sua própria postura simétrica e um tanto dura era envolvida pela delicada fantasia de agir conforme uma natureza despojada e sensata. Mas quando por fim se deu conta de todas aquelas mudanças de conceitos, com todos os detalhes que Ulrich lhe fornecia, achou bonito saber tanta coisa que, como resultado de sua experiência de vida, até então desprezara; e quando o irmão quis saber o que estava lendo, ela jogou depressa o corpo sobre a sua provisão de livros, e afirmou, atrevidamente, que gostava tanto de livros bons quanto de ruins.

Ulrich estivera trabalhando de manhã, depois saíra de casa. Até aquele dia, sua esperança de concentração não se realizara, e o efeito produtivo que era de se esperar daquela interrupção em sua vida habitual fora compensado pelas distrações com a sua nova situação. Só depois do enterro aconteceu uma mudança, quando as relações com o mundo exterior, a princípio tão vivas, se romperam de um golpe. Os irmãos, que só como uma espécie de representantes do pai tinham sido durante alguns dias centro do interesse geral, sentindo as variadas obrigações de sua posição, não conheciam naquela cidade ninguém a quem quisessem visitar além do velho pai de Walter. E por



consideração ao luto, ninguém os convidava; apenas o Professor Schwung não só aparecera no enterro, mas viera também no dia seguinte perguntar se o amigo morto não deixara algum manuscrito sobre a questão da responsabilidade reduzida, com cuja publicação póstuma se pudesse contar.

Aquela transição direta da agitação anterior em constante efervescência para a plúmbea quietude que lhe seguia era quase um golpe físico. Ainda por cima, como a casa não tivesse quartos de hóspedes, os dois irmãos continuavam dormindo na mansarda em seus quartos de criança, sobre camas improvisadas, rodeados do precário mobiliário da infância, com algo da falta de decoração de uma cela de hospício, penetrando até em nossos sonhos com o brilho desonroso dos oleados sobre as mesas e o chão em cuja solidão, outrora, sua caixa de blocos de construir lançava as idéias fixas da sua arquitetura. Essas lembranças, tão insensatas e infinitas quanto a vida para a qual deveriam ter sido preparados, faziam com que os irmãos achassem agradável que seus quartos de dormir, separados apenas por um quatinho de vestir e de guardados, ao menos estivessem lado a lado; e como o banheiro ficasse um andar abaixo, também depois de acordar dependiam um do outro, encontravam-se a partir da manhã na escada e na casa vazias, tinham de ter consideração um para com o outro, e precisavam responder juntos a todas as indagações sobre os problemas daquela casa estranha que de repente lhes fora confiada. Dessa maneira, naturalmente também sentiam a comicidade que não deixava de existir naquela convivência tão íntima quanto imprevista: parecia a aventura cômica de um naufrágio que os tivesse lançado juntos sobre a ilha de sua infância, e as duas coisas fizeram com que, depois dos primeiros dias, cujo curso não haviam influenciado, procurassem independência, mas cada um fazia isso mais por consideração para com o outro do que para consigo mesmo.

Por isso, Ulrich já se levantara antes de Ágata construir a península no salão, e esgueirara-se silenciosamente até o escritório onde iniciou sua pesquisa matemática interrompida, mais para se distrair do que tencionando obter resultados. Mas para sua grande surpresa, nas poucas horas de uma manhã conseguiu terminar tudo o que deixara intocado meses a fio, exceto detalhes sem importância. Para atingir essa solução inesperada, ajudara-o um desses pensamentos fora da regra, sobre os quais não se deveria dizer que só aparecem quando não os esperamos mais, e sim que seu surpreendente clarão lembra a amada que há muito estava ali entre outras amigas, antes que o consternado pretendente deixe de entender como pôde igualar as outras a ela. Dessas idéias participam não apenas o juízo, mas também alguma outra condição de paixão, e Ulrich sentia como se naquele momento tivesse de chegar ao fim e ficar livre, mais ainda, por não reconhecer motivo nem causa, sentia-se como quem fica pronto antes da hora, e agora a energia restante lançava-se para o sonho.

Ele divisava a possibilidade de aplicar a questões bem maiores o pensamento que levava a cabo sua tarefa, e, como brincadeira, esboçou a primeira fantasia de um tal sistema; nesses momentos, feliz e descansado, sentiu-se até, dada a insinuação do Professor Schwung, tentado a retornar à sua profissão e procurar o caminho que leva à importância e influência. Mas quando, poucos minutos depois de se sentir intelectualmente tão bem, percebeu quais seriam as conseqüências se cedesse à ambição e enveredasse agora, como retardatário, pelo caminho acadêmico, viu pela primeira vez que se sentia velho demais para uma empresa dessas. Desde seus tempos de menino, esse conceito meio impessoal dos anos não lhe parecera algo de conteúdo independente, e muito menos pensara: agora há coisas que você não pode fazer mais!

Quando Ulrich contou isso à irmã no fim da tarde, usou ao acaso a palavra destino, o que despertou o interesse dela, que quis saber o que era “destino”.

— Uma coisa intermediária entre “minhas dores de dente” e “as filhas do Rei Lear!” — respondeu Ulrich. — Não sou das pessoas que gostam de lidar com essa palavra.

Mas para jovens ela faz parte do cântico da vida; querem ter um destino e não sabem o que é.

Ulrich respondeu:

— No futuro, em tempos mais esclarecidos, provavelmente a palavra destino terá um conteúdo estatístico.

Ágata tinha vinte e sete anos. Bastante jovem para ter mantido algumas das formas ocas de percepção que a princípio se adquirem; bastante adulta para já adivinhar outros conteúdos que a realidade preenche. Ela retrucou:

— Envelhecer já é por si só um destino! — e ficou muito insatisfeita com essa resposta, na qual sua melancolia juvenil se expressava de um modo que lhe pareceu insignificante.

Mas o irmão não se preocupou, e deu um exemplo:

— Quando me tornei matemático — explicou —, queria ter sucesso científico e empreguei toda a minha força nisso, embora só o considerasse um degrau para outra coisa. E realmente meus primeiros trabalhos — naturalmente incompletos como sempre são os começos — continham idéias novas naquele tempo, que ficaram despercebidas ou foram rejeitadas, embora de resto eu fosse bastante bem recebido. Mas poderia-se dizer talvez que foi destino que eu logo perdesse a paciência para continuar aplicando toda a minha energia nessa brecha.

— Brecha? — interrompeu Ágata como se pronunciar esse vocábulo ligado a uma atividade masculina lhe causasse desconforto. — Por que você chama isso de brecha?

— Porque era só isso que eu queria fazer no começo: queria abrir uma brecha, e aí perdi a paciência. E hoje, depois de concluir o que talvez seja meu último trabalho ainda ligado àqueles tempos, entendi que provavelmente poderia me considerar líder de um movimento, se naquele tempo tivesse tido mais sorte ou persistência.

— Mas você ainda podia recuperar isso! — disse Ágata de novo. — Um homem não envelhece tão facilmente para as coisas quanto uma mulher.

— Não — respondeu Ulrich —, não o quero recuperar! Pois é espantoso, mas verdadeiro, que, com isso, objetivamente nada teria mudado no curso das coisas, na evolução da própria paciência. Posso ter estado uns dez anos à frente do meu tempo; mas um pouco mais lentamente, e por outros caminhos, também outras pessoas chegaram, sem mim, a um ponto ao qual eu, quando muito, as teria conduzido um pouco mais depressa, e é duvidoso que uma tal mudança na minha vida venha agora a bastar para me fazer tomar novamente a dianteira. Eis aí um pedaço do que se chama destino pessoal e que, em suma, é algo de visivelmente impessoal.

— Aliás — prosseguiu ele —, quanto mais velho fico, tanto mais freqüente mente me acontece ter odiado uma coisa que mais tarde, por desvios, correrá na mesma direção do meu próprio caminho, de modo que de repente não posso mais negar-lhe o direito de existir; ou acontece que aparecem defeitos em idéias ou acontecimentos pelos quais me exaltei. A longo termo parece ser inteiramente indiferente se

nos excitamos, e em que sentido aplicamos essa excitação. Tudo chega ao mesmo objetivo e serve a uma evolução insondável e infalível.

— Antigamente, a gente atribuía tudo aos insondáveis desígnios de Deus — respondeu Ágata franzindo a testa com o tom de quem fala sem grande respeito de experiências próprias.

Ulrich recordou que ela fora educada num convento. Estava deitada no divã em suas calças compridas, amarradas embaixo, ele sentado a seus pés, e a lâmpada do abajur iluminava os dois, de modo que no assoalho surgia uma grande folha de luz sobre a qual ambos se encontravam na escuridão.

— Hoje, o destino dá mais a impressão de um movimento de massa, que se sobrepõe a nós — disse ele. — Estamos metidos lá dentro e somos carregados com ela. — Ele lembrou ter pensado certa vez que hoje cada verdade aparece dividida em suas metades, e apesar disso, pode-se, dessa maneira leviana e ágil, obter uma realização maior do que se cada um cumprisse, grave e solitário, todo o seu dever. Esse pensamento, preso em seu amor-próprio como um anzol, embora com certa possibilidade de grandeza, ele certa vez o concluíra de uma forma que não levava a sério, dizendo que, portanto, podia-se fazer o que bem se entendesse! Pois nada lhe estava mais distante do que essa conclusão, e logo agora que seu destino o parecia ter esquecido, não lhe deixando nada a fazer, naquele momento perigoso para a sua ambição, em que, por estímulos singulares, conseguira concluir o último trabalho que o ligava aos velhos tempos, trabalho tardio, exatamente naquele momento pois, em que pessoalmente estava despojado, sentia, em vez de abatimento, uma nova tensão que surgira desde a partida. Ela não tinha nome; podia-se dizer que um jovem aparentado com ele procurava seu conselho, e podia-se dizer outra coisa: mas ele via com espantosa nitidez a radiante esteira de ouro-claro sobre o verde-negro da sala, com os delicados losangos do traje de pierrô de Ágata, via a si próprio e, destacado na escuridão com seus pregnantos contornos, o acaso de estarem juntos.

— O que foi que você disse? — perguntou Ágata.

— O que hoje ainda se chama de destino pessoal está sendo substituído por fenômenos coletivos e, por fim, estatisticamente comprováveis — repetiu Ulrich.

Ágata refletiu, depois teve de rir.

— Naturalmente não entendo, mas não seria maravilhoso sermos dissolvidos pela estatística? O amor há muito não consegue isso!

Essa observação levou Ulrich a subitamente contar à irmã o que lhe acontecera depois de concluir seu trabalho, quando saíra de casa e fora ao centro da cidade para ocupar com alguma coisa aquela vaguidão que lhe restara.

Não tinha querido falar nisso, por lhe parecer um assunto pessoal demais. Pois sempre que suas viagens o levavam a cidades com que não se ligava nenhum negócio, ele apreciava enormemente o singular sentimento de solidão daí resultante, que raramente fora tão intenso quanto dessa vez. Vira as cores do bonde, dos carros, vitrines, portões, as formas das torres de igrejas, os rostos, e fachadas de casas, embora mostrassem a generalizada semelhança européia, o olhar passava sobre elas como um inseto que se confundiu num campo de cores sedutoras e desconhecidas, e não pode pousar embora queira. Esse andar sem objetivo e determinação numa cidade animada e ocupada consigo mesma, a tensão avolumada da experiência numa intensa estranheza, fortalecida ainda pela certeza de não termos importância, mas que só importam essas somas de rostos, esses movimentos, compactados em pernas, braços ou dentes

apartados do corpo, aos quais pertence o futuro, pode despertar a sensação de que, como pessoa totalmente isolada, andando sozinha, já somos anti-sociais e criminosos. Mas, se cedermos a ela mais um pouco, imprevisivelmente pode também surgir uma sensação física tão agradável, uma tamanha irresponsabilidade, como se o corpo não fosse mais deste mundo onde o eu sensorial se encerra em pequenos nervos, mas de um mundo inundado por uma doçura irreal.

Com essas palavras, Ulrich descreveu à sua irmã o que talvez fosse a consequência de um vagar sem meta e ambição, ou de uma reduzida sensação de personalidade, mas talvez apenas o “mito primitivo dos deuses”, aquela “dupla face da natureza”, aquela “visão doadora” e “visão receptora” que ele procurava como um caçador. Esperou, curioso, para ver se Ágata dava sinal de entender, ou se mostraria também conhecer tais impressões, e, como nada acontecesse, explicou mais uma vez:

— É como uma leve divisão da consciência. A gente se sente abraçado, rodeado, e invadido até o coração por uma agradável falta de personalidade e vontade própria; mas de outro lado permanecemos lúcidos e capazes de crítica, até prontos a brigar com essas pessoas e coisas tão empoeiradas e arrogantes. É como se houvesse duas camadas relativamente independentes em nós, que habitualmente se mantêm em profundo equilíbrio. E como falamos de destino, é também como se tivéssemos dois destinos: um ágil e desimportante que se cumpre, outro imóvel e importante que jamais descobrimos.

Então, Ágata, que escutara por longo tempo sem se mexer, disse:

— É assim quando se beija Hagauer!

Apoiara-se no cotovelo, e ria; as pernas ainda repousavam estendidas sobre o divã. E ela acrescentou: — Claro que nunca foi tão bonito como você descreveu! — Ulrich também riu. Não estava bem claro por que riam. De alguma forma, esse riso viera aos dois pelo ar, ou da casa, ou dos rastros de espanto e desconforto que os acontecimentos solenes dos últimos dias, que tocavam inutilmente o Além, tinham deixado neles; ou daquele inusitado prazer que sentiam em sua conversa. Pois qualquer costume humano levado ao extremo traz em si a semente de uma transformação e toda a excitação que supera o usual logo se cobre de um sopro de tristeza, absurdo e saciedade.

Dessa maneira, e por esse desvio de caminho, os dois tinham finalmente chegado, como que para repousar, ao diálogo inocente sobre eu, nós, família, e à descoberta, entre assombro e zombaria, de que formavam uma família. E enquanto Ulrich fala do anseio de comunidade — agora outra vez com o zelo de um homem que causa um sofrimento à sua própria natureza; apenas não sabe se o dirige contra sua natureza verdadeira ou presumida —, Ágata escuta as palavras dele se aproximarem e afastarem-se de novo dela; e Ulrich percebe que há muito tempo procurava nela, naquela luz clara e roupagem excêntrica tão desamparada à sua frente, alguma coisa que lhe causasse repulsa, como infelizmente era seu costume, mas nada encontrou; e agradece por isso com uma ternura pura que habitualmente não sente. E está encantado com a conversa. Quando ele termina, porém, Ágata pergunta abertamente:

— Afinal, você é a favor do que chama família, ou contra?

Ulrich responde que não se trata disso, pois no fundo falara de uma indecisão do mundo e não da irresolução dos indivíduos. Ágata reflete.

— Mas eu não posso julgar isso! — acaba dizendo francamente. — Contudo, gostaria de estar ao menos uma vez inteiramente de acordo comigo mesma e também... bem, viver assim! Você também não gostaria de tentar?

## ÁGATA, QUANDO NÃO CONSEGUE FALAR COM ULRICH

No momento em que Ágata entrara no trem iniciando a súbita viagem para ver o pai, acontecera algo muito semelhante a um inesperado dilaceramento, e os dois pedaços violentamente separados no momento da partida voaram para tão longe um do outro como se jamais se tivessem pertencido. Seu marido a levava à estação, tirara o chapéu, e como convém numa despedida, segurara obliquamente à sua frente aquele objeto duro, redondo, preto, que ia ficando cada vez menor, enquanto ela partia; e a Ágata parecia que a estação rolava para trás com a mesma velocidade do trem rodando para frente. Nesse momento, embora a instantes ainda acreditasse que não ficaria longe muito mais tempo do que as circunstâncias exigiam, ela decidiu nunca mais voltar, e sua consciência inquietou-se como um coração que de repente se vê livre de um perigo do qual nem tivera idéia.

Quando, mais tarde, pensava a respeito, Ágata não ficava totalmente satisfeita. Desdenhava em sua própria atitude o fato de ela lhe recordar, pela forma, uma estranha doença que a atacara na meninice, logo depois de começar a freqüentar a escola. Naquele tempo sofrerá mais de um ano de uma febre nada desprezível, que nem subia nem cedia, e emagrecera chegando a uma fragilidade que preocupava os médicos, pois não conseguiam encontrar a causa. Essa enfermidade também não fora explicada mais tarde. Provavelmente Ágata gostara de ver os grandes médicos da Universidade, cheios de dignidade e sabedoria ao entrar pela primeira vez no quarto, perdendo semana a semana algo da sua confiança; e embora ela tomasse obedientemente os remédios que lhe receitavam, e até tivesse desejado ficar boa porque lhe pediam isso, alegrava-se ao ver que os médicos não o conseguiam com suas prescrições e sentia-se num estado sobrenatural, ou pelo menos incomum, enquanto cada vez sobrava menos de sua pessoa. Orgulhava-se porque a ordem dos adultos não tinha poder sobre ela enquanto estava doente, e não sabia como seu corpinho fazia isso. Mas, por fim, ele convalesceu por vontade própria e de maneira aparentemente não menos extraordinária.

Hoje, ela pouco lembrava daquilo senão o que os criados lhe tinham contado mais tarde, afirmando que fora enfeitiçada por uma mendiga que vinha seguidamente à casa, mas uma vez fora grosseiramente enxotada; e Ágata nunca descobrira quanto havia de verdade nessa história, pois as pessoas da casa gostavam de fazer alusões, mas jamais consentiam em explicar nada e mostravam medo da severa proibição que o pai de Ágata lhes impusera. Ela própria só guardava daquele tempo uma única mas viva memória de seu pai batendo louco de raiva numa mulher de aspecto suspeito, atingindo-a várias vezes no rosto com a mão espalmada; ela só vira aquele homenzinho, habitualmente de uma sensatez penosa, perder o controle essa única vez na vida; mas até onde podia recordar isso não fora antes, e sim durante a sua enfermidade, pois parecia-lhe que estava deitada na cama e que, em vez de estar em seu quarto de criança,

a cama estivera um andar abaixo, “com os adultos”, numa das salas em que a criadagem não deveria ter deixado entrar a mendiga ainda que não fosse estranha nos locais da cozinha e escadarias. Ágata achava que esse fato acontecera no fim de sua enfermidade, e que poucos dias depois repentinamente ficara curada, sendo levantada da cama por aquela singular impaciência com que a doença tanto se encerrara como iniciara.

Na verdade, ela não sabia se todas essas lembranças provinham da realidade ou se eram ficção ditada pela febre. “Provavelmente”, pensou mal-humorada, “essas imagens ficaram em mim entre verdade e fantasia, sem que eu o tivesse considerado inusitado!”

Os solavancos do táxi passando por ruelas mal calçadas impediam qualquer conversa. Ulrich sugerira aproveitarem o tempo de inverno seco para um passeio, e também sabia de um lugar, que nem era uma meta certa mas um avanço por paisagens vagamente lembradas. Encontravam-se num carro que os deveria levar à periferia da cidade.

“Com certeza só isso é que deve ser o singular em toda aquela história!”, repetiu Ágata em pensamento. De forma semelhante ela também aprendera na escola, de modo que nunca sabia se era boba ou inteligente, ativa ou preguiçosa: as respostas que lhe exigiam marcavam-se nela com facilidade, sem que, porém, entendesse o objetivo dessas questões de aula, contra as quais se sentia protegida por uma profunda indiferença interior. Depois da doença continuara a ir à escola com a mesma boa vontade de antes, e como um dos médicos tivera a idéia de que poderia ser vantajoso retirá-la da solidão da casa paterna reunindo-a com meninas da mesma idade, tinham-na colocado num internato religioso: lá também consideravam-na alegre e dócil; e foi onde mais tarde freqüentou o ginásio. Quando lhe diziam que uma coisa era verdade, ou era necessária, ela seguia essas palavras e aceitava de boa vontade o que lhe pediam, porque isso lhe parecia menos cansativo, e teria-lhe parecido insensato fazer algo contra instituições sólidas que nada tinham a ver com ela e pertenciam claramente a um mundo construído segundo a vontade de pais e professores. Não acreditava numa palavra do que aprendia, e como, apesar do seu comportamento aparentemente dócil, não fosse uma aluna modelo, e, sempre que desejos alheios contradiziam suas convicções, fizesse de maneira impassível o que bem entendia, gozava do respeito das colegas, até de uma simpatia cheia de admiração que se dá, nas escolas, aos que sabem viver. Era possível até que tivesse arranjado aquela estranha enfermidade infantil, pois na verdade com essa única exceção sempre fora saudável e pouco nervosa. “Sou simplesmente de caráter preguiçoso e imprestável!”, concluía, insegura. Lembrava-se de como suas amigas se rebelavam freqüentemente com muito mais veemência do que ela contra a dura disciplina do internato, e dos argumentos indignados com que justificavam as infrações à ordem; mas, na medida em que pôde observar, exatamente as colegas que se rebelavam mais apaixonadamente contra detalhes foram as que mais tarde se saíram melhor na vida como um todo, tendo-se transformado em mulheres bem instaladas, que não educavam os filhos de modo muito diverso do que tinham sido educadas. Por isso, apesar de insatisfeita consigo mesma, ela não estava convencida de que seria melhor ser um caráter ativo e bom.

Ágata detestava a emancipação feminina exatamente como desdenhava a necessidade feminina de ser como uma galinha que deixa o homem prover-lhe o ninho. Gostava de recordar o tempo em que sentira pela primeira vez o seio reter a roupa, e os lábios ardendo no ar fresco das ruas. Mas o erotismo desenvolvido da mulher, que

nasce do invólucro da meninice como um joelho redondo emerge de um tule rosa, sempre lhe provocara desprezo. Quando se perguntava de que afinal estava realmente convencida, respondia-lhe um sentimento de ter sido escolhida para viver algo diferente e insólito; já naquele tempo em que praticamente nada sabia do mundo e não acreditava no pouco que lhe ensinavam, era assim. E sempre lhe parecera uma atividade misteriosa, correspondente a essa impressão, vir no futuro a passar pelo que tivesse de passar, sem dar a isso demasiada importância.

Ágata fitou Ulrich de lado; ele sacolejava no carro, sério e hirto; lembrou como na primeira noite lhe fora difícil entender por que ela não havia fugido do marido logo na noite de núpcias, embora não o amasse. Sentira um enorme respeito pelo irmão mais velho, enquanto esperava pela sua vinda, mas agora sorria e recordava secretamente a impressão que lhe tinham causado nos primeiros meses os grossos lábios de Hagauer arredondando-se apaixonados debaixo do bigode hirsute; todo o rosto se enrugava então em gordas pregas em direção dos cantos da boca, e ela sentia irremediavelmente como que empanturrada: meu Deus, como esse homem é feio! Também suportara a branda vaidade e bondade professoral dele como a um mal-estar meramente físico, mais exterior que interior. Depois de passada a primeira surpresa, ela o traía aqui e ali com outros. “Se se quiser usar essa expressão”, pensava, “quando uma pessoa sem experiência, cujos sentidos se calam, sente no primeiro momento os esforços de um homem estranho como trovões que se chocam contra a porta!” Pois revelara ter pouco talento para a infidelidade: assim que conhecera os amantes, eles lhe pareciam tão pouco sedutores quanto os maridos, e em breve percebeu que dava no mesmo levar a sério as máscaras de dança de uma tribo negra ou as máscaras do amor que o homem europeu veste. Não que jamais tivesse se descontrolado por amor: mas depois da primeira tentativa de repetição, tudo passava logo! O mundo imaginário concretizado e a teatralidade do amor não a embriagavam. Essa série de prescrições para a alma, construídas principalmente pelo homem, que se destinam todas a conferir à dura vida, aqui e ali, uma horinha de fraqueza — qualquer forma inferior de fraqueza: afogar-se, morrer, ser possuída, entregar-se, submeter-se, enlouquecer e assim por diante — pareciam-lhe de um exagero espalhafatoso, pois em momento algum sentia outra coisa senão que era fraca num mundo tão excelentemente elaborado pela força masculina.

A filosofia que Ágata conseguira dessa maneira era simplesmente a do ser feminino que não se deixa enganar, e involuntariamente observa o que o ser masculino pretende fingir. Aliás, nem era filosofia, era apenas uma decepção obstinadamente dissimulada, e misturada ainda com a disposição reprimida de encontrar alguma solução desconhecida, que talvez até aumentasse na medida em que se reduzia a rebeldia exterior. Como Ágata fosse uma mulher lida, mas por natureza não adequada às teorias, muitas vezes, comparando suas próprias experiências com os ideais dos livros e do teatro, admirava-se de ver que nem seus sedutores a tinham fascinado como a armadilha prende a caça, o que teria correspondido à auto-imagem de um Dom João, cuja postura costumavam assumir naqueles tempos os homens que davam um passo em falso com alguma mulher, nem sua convivência com o marido se transformava, à maneira strindbergiana, numa luta de sexos na qual a mulher aprisionada, como era igualmente moda, atormentasse seu amo e senhor imperioso e desajeitado com astúcia e fraqueza. Sua relação com Hagauer era bastante boa, ao contrário de seus sentimentos mais profundos.

Na primeira noite, Ulrich usara expressões totalmente incorretas, como pavor, choque, estupro. Ela lamentava, pensou Ágata ainda rebelando-se contra essa lembrança, não saber portar-se como um anjo, mas no seu casamento era tudo muito natural. Seu pai apoiara o pedido do noivo com motivos sensatos, ela própria decidira casar-se de novo: muito bem, assim se fez; tinha que agüentar as conseqüências, o que não era nem especialmente bonito, nem demasiadamente desagradável! Até agora ainda lamentava magoar conscientemente Hagauer como queria fazer. Não desejara amor; pensara que de alguma forma iria dar certo, pois ele afinal era um bom homem!

Na verdade, ele era antes uma dessas pessoas que sempre agem direito; mas, dentro delas não há verdadeira bondade, pensou Ágata. Parece que a bondade some da pessoa quando se toma boa vontade ou boa ação! Como dissera Ulrich? Um regato que impulsiona fábricas perde suas cachoeiras. Também isso ele dissera, também isso, mas não era o que ela buscava. Agora encontrara: “Parece que na verdade só pessoas que não fazem muitas coisas boas são capazes de guardar intacta a sua bondade!” Mas no momento em que chegara a essa frase, com a mesma clareza com que Ulrich a devia ter pronunciado, ela lhe pareceu totalmente absurda. Não podia ser retirada do contexto da conversa, que esquecera. Tentou colocar as palavras de outro modo, e trocou-as por outras parecidas; mas via-se então que apenas a primeira frase era a correta, pois as outras pareciam pronunciadas ao vento, e nada sobrava delas. Portanto, Ulrich dissera realmente aquilo, mas: “Como podemos chamar de boas as pessoas que se portam mal?”, pensou ela. “Isso é realmente absurdo!” E descobriu: enquanto ele a pronunciara, aquela afirmação fora maravilhosa, sem que por isso tivesse mais conteúdo! Maravilhosa não era a palavra adequada: ela quase sentira náusea de tanta felicidade ao ouvir a frase! Frases como aquela explicavam toda a sua existência. Por exemplo, essa fora dita na última longa conversa depois do enterro, e da partida do Professor Hagauer; de repente, ela vira como sempre agira com negligência, inclusive naquela ocasião em que simplesmente pensara que as coisas “iam dar certo” com Hagauer por ele ser um “bom homem!”

Ulrich fazia freqüentemente esse tipo de comentário, que por momentos a deixavam absolutamente feliz ou infeliz, embora não se pudessem “guardar” tais momentos. Quando, perguntou-se Ágata, dissera ele, por exemplo, que em certas circunstâncias poderia amar um ladrão, mas nunca uma pessoa que fosse honesta por hábito? De momento, não conseguia recordar, mas o delicioso era que logo percebia que não fora ele quem afirmara isso, mas ela própria. Aliás, ela pensara muitas das coisas que ele depois diria; apenas sem palavras, pois antigamente, sem poder contar com ninguém, jamais teria elaborado sozinho afirmações tão determinadas! Entre os saltos e solavancos do carro que passava por precárias estradas de subúrbio, envolvendo os dois, impossibilitados de falar, numa rede de abalos mecânicos, Ágata até ali se sentira muito bem, e também usara o nome do marido sem outra emoção no meio de suas reflexões, apenas como uma indicação de tempo e conteúdo para elas; mas agora, sem especial motivo, lentamente a perpassava um infinito terror: Hagauer estivera com ela em pessoa! A maneira objetiva com que pensara nele desapareceu, sua garganta fechou-se, amargamente.

Ele viera na manhã do enterro, apesar do atraso ainda insistira amavelmente em ver o sogro, fora até a Anatomia, adiar o fechamento do caixão, e de um modo delicado, honesto, comedido, parecera muito emocionado. Depois do enterro, Ágata pre-



textara exaustão e Ulrich tivera de comer fora com o cunhado. Segundo contaria depois, a presença constante de Hagauer o deixara enfurecido como um colarinho justo demais, e por isso mesmo fizera tudo para o afastar o mais depressa possível. Hagauer tencionava viajar para um congresso de educação na capital, dedicar ainda um dia a visitas e encontros no Ministério, tendo, como marido solícito, previsto passar antes disso dois dias junto à esposa para cuidar da herança dela; segundo combinação prévia com a irmã, porém, Ulrich inventara uma história que fazia parecer impossível receberem Hagauer na casa, anunciando que fizera reservas para ele no melhor hotel da cidade. Conforme esperado, Hagauer hesitou; o hotel seria desconfortável, caro, e, por decência, ele mesmo o teria de pagar; de outro lado, talvez pudesse dedicar dois dias às visitas e encontros na capital, e, viajando de noite, economizaria uma diária.

Portanto, fingindo lamentar, Hagauer disse que mal poderia desfrutar da hospitalidade de Ulrich, e finalmente lhe revelou sua decisão praticamente irreversível de viajar ainda naquela noite. Assim, faltava apenas regulamentar as questões da herança, e nesse ponto Ágata sorriu outra vez, pois por desejo dela Ulrich contara ao seu marido que só se poderia abrir o testamento alguns dias mais tarde. Ágata, disse Ulrich, estaria presente para cuidar dos direitos dele, que também receberia uma participação judicial, e quanto a móveis, lembranças e coisas assim, Ulrich, como solteiro, não tinha nenhuma exigência que não estivesse disposto a subordinar aos desejos da irmã. Para finalizar, ainda perguntou a Hagauer se, caso quisessem vender a casa que ninguém usava, ele concordaria, naturalmente sem compromisso, porque ainda não se abria o testamento, e Hagauer declarou, naturalmente sem compromisso, que de momento não sabia de nenhuma objeção, mas que no caso de isso realmente acontecer ainda precisaria tomar uma posição.

Ágata sugerira tudo isso ao irmão, e ele o tinha repetido, porque não pensara muito a respeito, e só queria ver-se livre de Hagauer. De repente, porém, Ágata sentiu-se outra vez muito mal, porque, depois de terem arranjado tudo tão bem, o marido ainda a viera procurar, em companhia do irmão, para se despedir. Ágata portara-se da pior maneira possível, declarando que não tinha a menor idéia de quando pretendia voltar para casa. Conhecendo-o, ela pôde verificar imediatamente que ele não estava preparado para isso e ficara magoado por estar parecendo pouco amável com sua decisão de logo seguir viagem; e de repente, ele se aborreceu com atraso pela idéia de o quererem hospedar na estalagem e pela fria recepção que tivera; mas, sendo um homem ponderado, decidiu falar disso só mais tarde com a mulher, e, depois de tirar o chapéu, beijou-a na boca, como mandava a etiqueta. E esse beijo, a que Ulrich assistira, pareceu aniquilar Ágata. “Como foi possível”, perguntava-se consternada, “eu agüentar tanto tempo ao lado desse homem? Mas não aceitei, sem resistir, a minha vida toda?” E censurou-se, apaixonadamente: “Se eu valesse alguma coisa, jamais teria chegado a esse ponto!”

Ágata desviou o rosto de Ulrich, a quem estivera contemplando, e olhou pela janela. Casas baixas de subúrbio, estrada gelada, pessoas embuçadas: eram as impressões de um lugar ermo e feio que passavam pela janela, representando para ela a solidão da vida em que se sentia metida por pura negligência. Agora não se sentava mais ereta, mas se deixara deslizar um pouco no estofamento do carro, que cheirava a coisa velha, para poder olhar mais comodamente pela janela; e não mudou mais essa postura feia, em que os solavancos do carro atingiam e sacudiam grosseiramente seu ventre. O corpo lhe provocava sensações lúgubres, assim dilacerado, pois era a única

coisa que possuía. Às vezes, quando, como menina de internato, acordava de manhã na penumbra, tivera a impressão de que seu corpo parecia passar em direção do futuro entre as tábuas de uma canoa. Tinha agora mais ou menos o dobro da idade de então. No carro reinava a mesma penumbra. Ela, porém, ainda não conseguia imaginar o que seria sua vida, e não tinha idéia de como deveria ser. Homens eram uma complementação e realização do seu corpo, mas não um conteúdo espiritual; possuíam-na de qualquer jeito. Seu corpo lhe dizia que em poucos anos começaria a perder a beleza; portanto, a perder as sensações que, nascendo diretamente de sua consciência de si mesma, só em pequena parte se deixavam exprimir por palavras ou pensamentos. Então, tudo teria acabado, sem que nada tivesse acontecido. Ocorreu-lhe que Ulrich falara de maneira semelhante sobre a inutilidade do seu esporte, e enquanto forçava seu rosto a permanecer virado para a janela, decidiu interrogá-lo.

10

CONTINUA O PASSEIO PELA SCHWEDENSCHANZE. MORAL DO PRÓXIMO PASSO

Os irmãos tinham deixado o carro junto às últimas casas baixas do limite da cidade, que já eram casas de aldeia, e subiam uma estrada larga, toda sulcada e íngreme, onde as marcas de rodas, congeladas, se desfaziam em pó sob os seus passos. Em breve, seus sapatos se cobriam do triste cinza daquele parquet de carroças e camponeses, contrastando com seus elegantes trajes citadinos, e, embora não estivesse frio, um vento áspero soprava do alto, e suas faces começaram a arder, de modo que uma secura de vidro na boca os impedia de falar.

A lembrança de Hagauer levava Ágata a explicar-se ao irmão. Estava convencida de que aquele casamento errado lhe devia ser incompreensível sob todos os aspectos, até segundo as mais simples exigências sociais; mas, embora em seu interior as palavras já estivessem preparadas, não conseguia decidir-se a superar a resistência da subida, do frio e do vento que lhe soprava no rosto. Ulrich andava à frente dela, num largo sulco de rodas que usavam como trilha; ela via seus ombros largos e esbeltos, e hesitou. Sempre o julgara duro, inflexível e um pouco aventureiro, talvez só devido às censuras que ouvia sobre ele do pai e de Hagauer, envergonhando-se, por sua própria docilidade diante da vida, diante desse irmão afastado e alheio à família. “Ele tinha razão de não se interessar por mim!”, pensou, e sua perplexidade por ter persistido tantas vezes em situações inadequadas repetiu-se. Na verdade, porém, havia nela a mesma paixão tempestuosa e contraditória que a fizera pronunciar aqueles versos selvagens entre os umbrais da sala em que velavam o pai. Aproximou-se de Ulrich, o que a fez ficar sem fôlego, e de repente, aos arrancos, soaram perguntas que provavelmente aquela estrada tão pragmática jamais escutara, e o vento era cortado por palavras que jamais haviam ressoado em todos os irmãos daquele roceiro vento das colinas.

— Você ainda se lembra... — gritou ela, e deu o nome de alguns exemplos famosos na literatura. — Você não me disse se pode desculpar um ladrão; mas acharia bons esses assassinos?!

— Claro! — berrou Ulrich de volta. — Quer dizer, não; espere: talvez sejam apenas pessoas de boas inclinações, gente de valor, o que continuam sendo mais tarde, como criminosos; mas deixam de ser bons!

— Mas então por que gosta delas mesmo depois de terem agido mal? Certamente não por causa de suas antigas boas tendências, mas porque ainda lhe agradam!

— É sempre assim — disse Ulrich. — O ser humano dá o caráter à ação, e não o contrário! Separamos bem e mal, mas no fundo sabemos que são uma coisa só!

Ágata já estava vermelha por causa do frio, mas corou ainda mais por só conseguir ligar a livros a paixão de suas perguntas, a um tempo manifesta e oculta nas palavras. O mau uso que se costuma dar às “questões culturais” é tão grande que se poderia ter a impressão de que ficam deslocadas onde sopra vento e crescem árvores, como se a cultura humana não fosse uma síntese de todas as formas da natureza! Ela, porém, se controlara valentemente, pusera o braço no do irmão, e respondia agora, junto do seu ouvido, para não ter mais de gritar, com uma singular euforia que lhe fazia tremer o rosto:

— Então é por isso que exterminamos as pessoas más, mas lhes oferecemos amavelmente uma última refeição!

Ulrich, pressentindo um pouco da paixão a seu lado, inclinou-se para a irmã e disse-lhe ao ouvido, mas bastante alto:

— Todo mundo pensa que não pode fazer nada de mau por ser uma pessoa boa! Com essas palavras, chegaram ao alto, onde a estrada não subia mais, passando

a cortar as ondas de um planalto sem árvores. O vento cessara subitamente, e não estava mais frio, mas a conversa emudeceu naquele silêncio agradável, como se a tivessem cortado, e não prosseguiu mais. Algum tempo depois Ulrich indagou:

— Como é que no meio de toda essa ventania você foi pensar em Dostoievski e Beyle? Se alguém nos tivesse observado, ia nos achar uns loucos!

Ágata deu uma risada:

— Teria entendido tão pouco das nossas palavras quanto dos gritos dos pássaros!... Aliás, não faz muito tempo você me falou de Moosbrugger.

E apuraram o passo.

Algum tempo depois, Ágata disse:

— Mas eu não gosto dele!

— Eu também quase o tinha esquecido — respondeu Ulrich. Depois de andarem mais algum tempo calados, Ágata parou.

— Como é isso? — perguntou. — Você fez muita coisa irresponsável? Lembro, por exemplo, que uma vez você esteve no hospital por ter levado um tiro. Com certeza não reflete muito nas coisas...

— Mas que perguntas você anda fazendo hoje! — disse Ulrich. — O que quer que eu lhe responda?

— Não se arrepende do que faz? — perguntou Ágata, depressa. — Tenho a impressão de que você nunca se arrepende de nada. Uma vez você mesmo disse algo assim.

— Deus do céu — respondeu Ulrich, apressando o passo outra vez —, em cada “menos” há um “mais”. Talvez eu tenha dito algo assim, mas não se precisa interpretar tudo tão textualmente.

— Em todo o “menos” um “mais”?

— Em todo o mal, algo de bom. Ou pelo menos em muitas coisas más. Habitualmente, numa variante humana negativa existe uma variante positiva não conhecida: provavelmente foi o que eu quis dizer. E quem se arrepende de alguma coisa pode encontrar nisso forças para fazer algo tão bom como nunca teria sido capaz. O que fazemos nunca é decisivo, só aquilo que fazemos depois!

— E depois que se matou alguém, o que se poder fazer?

Ulrich deu de ombros. Tinha vontade de responder, apenas por coerência: ‘Talvez eu pudesse me tornar capaz de escrever um poema que daria a milhares a vida interior, ou de fazer alguma grande descoberta!’ Mas controlou-se: “Isso nunca me aconteceria!”, ocorreu-lhe. “Só um doente mental poderia imaginar algo assim. Ou um esteta de dezoito anos. Sabe Deus por que, são pensamentos contrários às leis da natureza. De resto...”, corrigiu-se, “o homem primitivo matava porque o sacrifício humano era um grande poema religioso!”

Ele não disse nem uma coisa nem outra, mas Ágata prosseguiu:

— Posso estar lhe fazendo objeções idiotas, mas quando o ouvi pela primeira vez dizer que não importa o passo que damos, mas o passo seguinte, pensei: então, se uma pessoa pudesse voar internamente, por assim dizer um vôo amoral, e depois, em grande velocidade, avançar sempre para novas melhorias, não saberia o que é remorso! E senti uma inveja incrível de você!

— Isso não faz sentido — respondeu Ulrich enfaticamente. — Eu disse que não importava o passo em falso mas o passo depois dele. Mas o que importa depois do passo seguinte? O que lhe seguir, é certo? E depois do enésimo, o n mais um? Uma pessoa dessas teria de viver sem fim nem decisão, sem realidade. E mesmo assim, o que interessa é sempre o passo seguinte. A verdade é que não dispomos de um método para lidar direto com essa série agitada. Minha querida — encerrou inesperadamente —, há momentos em que me arrependo de toda a minha vida!

— Pois é exatamente isso que você não consegue! — opinou a irmã.

— E por que não? Por que é exatamente isso que não consigo?

— Eu — respondeu Ágata — nunca fiz nada e sempre tive tempo de me arrepender do pouco que fazia. Estou convencida de que você não sabe o que é isso: um estado tão pouco iluminado! Chegam as sombras, e o que passou tem poder sobre mim. Torna-se presente nos menores detalhes, e não consigo esquecer nem entender nada. Um estado desagradável...

Ela disse isso sem emoção, muito contida. Ulrich realmente não conhecia esse jorrar-para-trás da vida, pois a sua sempre se dirigira para a frente, e apenas recordou que sua irmã já se queixara de si mesma algumas vezes de maneira bastante estranha. Mas não perguntou nada, pois entretantes haviam chegado a uma colina que, ele decidira, seria a meta de seu passeio e dirigiram-se para a sua beirada. Era uma grande elevação de solo, que a lenda ligava a um sítio de suecos na Guerra dos Trinta Anos, porque parecia um fortim, embora grande demais, um verde baluarte da natureza, sem arbusto nem árvore, quebrando-se do lado da cidade numa parede de rocha alta e clara. O local era rodeado de uma profunda e deserta paisagem de colinas; não se via aldeia nem casa, só sombras de nuvens e pastagens cinzentas.

Aquele lugar arrebatou Ulrich mais uma vez, conhecido que era dos tempos da juventude: ainda se via a cidade a distância lá embaixo, medrosamente apertada em torno de algumas igrejas que pareciam galinhas com seus pintos, de modo que sem

querer se desejava alcançá-las de um salto e sentar-se no meio delas, ou pegá-las com dedos de gigante.

— Deve ter sido uma sensação magnífica, a desses aventureiros suecos: depois de caminharem semanas a fio, chegar a um lugar destes, e, ainda da sela, contemplarem pela primeira vez a sua presa! — disse depois de explicar à irmã o significado do lugar. — O doloroso da vida — esse mal que pesa sobre nós secretamente: temos de morrer, tudo é tão breve e provavelmente tão inútil! — na verdade só em momentos como este se alça de nós!

— A que momentos você se refere? — perguntou Ágata.

Ulrich não sabia o que responder. Nem mesmo queria responder. Lembrava-se de que, quando jovem, sempre sentira naquele local necessidade de morder os dentes e calar-se. Por fim, respondeu:

— Nos momentos aventurecos em que os fatos nos arrebatam. Portanto, principalmente nos momentos insensatos! — Sentiu a cabeça como uma noz vazia sobre o pescoço, cheia de velhos provérbios como “Comadre Morte”, ou “Construí minha casa sobre nada”; e, ao mesmo tempo, o perdido *fortissimo* dos anos em que a fronteira entre vida e expectativas de vida ainda não se erguera. Ele pensou: “Que experiências tive desde então, verdadeiramente luminosas e felizes? Nenhuma.”

Ágata respondeu:

— Eu sempre agi sem sentido, isso só deixa a gente infeliz.

Estava bem próxima da beirada; as palavras do irmão chegavam abafadas aos seus ouvidos, ela não as entendia, e contemplava uma paisagem grave e nua, cuja tristeza combinava com a sua própria. Ao virar-se, disse:

— Esse é um ambiente bom para a gente se matar — e sorriu. — O vazio da minha cabeça se diluiria com infinita doçura no vazio dessa paisagem! — E deu alguns passos para trás, em direção de Ulrich. — Toda a minha vida me censuraram dizendo que não tenho vontade própria, não amo nada, não respeito nada, em suma, que não sou uma pessoa decidida a viver. Papai sempre me acusou disso, Hagauer me censurou por isso. Agora, pelo amor de Deus, me diga você, por fim, em que momentos alguma coisa nos parece necessária na vida!

— Quando nos viramos na cama! — disse Ulrich, mal-humorado.

— O que significa isso?

— Desculpe o exemplo vulgar — disse ele. — Mas realmente é assim: esta nos descontentes na nossa posição; pensamos o tempo todo em mudá-la, e tomamos uma decisão após a outra, sem realizar nenhuma. Por fim, desistimos: e de repente já nos viramos! Na verdade, teríamos de dizer que fomos virados! Não há outro modelo para nossas ações, seja nas paixões, seja nas decisões longamente planejadas. — Não a filava ao falar, respondia a si próprio. Ainda sentia: “Estive parado aqui desejando algo que nunca foi satisfeito.”

Agora, Ágata também sorria, mas o sorriso passou em sua boca como um movimento doloroso. Voltou ao seu lugar e contemplou em silêncio aquela distância fantástica. Seu casaco de peles destacava-se escuro contra o céu, seu vulto esguio formava um contraste forte com a vasta calmaria da paisagem e as sombras das nuvens voavam no alto. Essa visão deu a Ulrich uma sensação indescritivelmente forte de estar acontecendo algo. Quase se envergonhava de estar ali na companhia de uma mulher em vez de um cavalo selado. E apesar da calma sensação de pintura que

naquele momento sua irmã transmitia, quando a causa se tomou bem nítida ele teve a impressão de que algo sucedia, não com ele mas no mundo, e que estava perdendo isso. Achou-se ridículo. Mas havia alguma coisa correta na sua afirmação impensada de que se arrependia da vida. Às vezes ansiava por se envolver em acontecimentos, como numa luta romana, ainda que fossem insensatos, ou criminosos. Algo definitivo, sem aquele permanente provisório que as coisas têm sempre que a pessoa fica acima de suas experiências.

“Portanto, acontecimentos em si mesmos finais e definitivos”, refletiu Ulrich, agora seriamente em busca de uma expressão qualquer, e sem querer esse pensamento não procurou mais acontecimentos imaginados, mas terminou na visão que Ágata oferecia ela própria, apenas como espelho de si mesma, naqueles instantes. Assim, os irmãos ficaram longo tempo parados, apartados um do outro e isolados, uma hesitação repleta de contradições não lhes permitia nenhuma mudança. O mais estranho, porém, era certamente que Ulrich naquela ocasião não pensava que afinal algo já acontecera, pois, por incumbência de Ágata, e desejando livrar-se do cunhado, ele lhe contara a mentira de que havia um testamento fechado que só poderia ser aberto em alguns dias, e assegurara igualmente que Ágata cuidaria de seus interesses, o que mais tarde Hagauer chamou de favorecimento.

Mas de alguma forma afastaram-se juntos daquele local em que tinham estado mergulhados em si próprios, sem terem dito tudo o que queriam. O vento recomeçara, e como Ágata mostrasse cansaço, Ulrich sugeriu procurarem uma cabana de pastores que sabia haver ali perto. Era uma cabana de pedras, que encontraram logo, e tiveram de baixar as cabeças ao entrar; a mulher do pastor os fitava constrangida e pouco hospitaleira. No idioma misto de alemão e eslavo que se usava ali e que ele recordava obscuramente, Ulrich pediu permissão de se aquecerem e de comerem, sob a proteção da casa, a merenda que tinham trazido; e reforçou esse pedido tão espontaneamente com uma moeda, que a pouco hospitaleira mulher começou a se lamentar, horrorizada, por não poder receber melhor os “belos visitantes” devido à sua repulsiva pobreza.

Limpou a mesa gordurosa colocada junto à janela, acendeu um fogo de gravetos no fogão e colocou leite de cabra em cima. Mas Ágata logo se espremera ao longo da mesa, indo até a janela, e não dera atenção a todas essas circunstâncias, como se fosse natural encontrar refúgio em qualquer lugar, não importa onde fosse. Olhou pelo pequeno quadrado escuro das quatro vidraças a paisagem que ficava atrás do “fortim”; sem aquela ampla visão lá de cima, ela lembrava a sensação de um nadador rodeado de ondas verdes. O dia ainda não terminava, mas já passara do seu auge e perdera seu brilho. De repente, Ágata perguntou:

— Por que você nunca fala sério comigo?

Que resposta mais correta Ulrich poderia dar do que um olhar breve, de inocência e surpresa? Estava ocupado espalhando sobre um pedaço de papel, entre ele e sua irmã, a provisão de presunto, lingüiça e ovos.

Mas Ágata prosseguia:

— Quando esbarro sem querer no seu corpo, dói, e me assusto com a enorme diferença. Mas quando quero lhe fazer perguntas importantes, você se desmancha no ar! — Ela não tocou na comida que ele lhe oferecia; sua repulsa de concluir aquele dia com uma festa camponesa a deixara tão hirta que nem tocou na mesa. E repetiu-se algo que lembrava a subida pela estrada. Ulrich empurrou de lado os canecos com

leite de cabra que acabavam de chegar do fogão à mesa, exalando um odor muito desagradável para quem não fosse habituado a esses prazeres; e o lúcido, leve nojo que sentiu foi tão decisivo como às vezes uma súbita amargura.

— Sempre falei sério com você ■— respondeu. — Se não lhe agrada, não tenho culpa; pois o que não lhe agrada nas minhas respostas é a moral dos nossos tempos. — Naquele momento soube muito bem que queria explicar à irmã, da maneira mais completa possível, tudo o que ela precisava saber para entender melhor a si mesma e um pouco também ao irmão. E com a decisão de um homem que considera supérflua qualquer interrupção, começou um longo discurso:

— A moral dos nossos tempos, seja lá o que for que se diga, é a das realizações. Cinco falências mais ou menos fraudulentas são boas se depois da quinta vier uma fase de prosperidade e bênçãos. O sucesso faz esquecer o resto. Se chegamos ao ponto de doarmos dinheiro para eleições e comprarmos quadros, conseguimos a indulgência do Estado. Há regras tácitas para isso: se alguém faz doações para ajudar igrejas, obras benemerentes e partidos políticos, basta que aplique um décimo do que teria de gastar se lhe ocorresse mostrar sua boa vontade estimulando as artes. Também há limites para o êxito: não se pode conseguir qualquer coisa por qualquer caminho; alguns princípios básicos da Coroa, da nobreza e da sociedade têm certo efeito de freio sobre o “arrivista”. Mas, de outro lado, o Estado mesmo, na sua pessoa suprapessoal, afirma cruamente o princípio de que se pode matar, roubar e enganar para que surjam poder, civilização e brilho. Naturalmente, não estou dizendo que tudo isso seja teoricamente reconhecido, ao contrário, teoricamente é muito obscuro. Mas, com isso, acabo de lhe contar os fatos mais comuns. A argumentação moral, ao lado disso, é apenas um meio a mais para o fim, um instrumento de luta, que usamos mais ou menos como usamos da mentira. Esse é o mundo criado pelos homens, e eu quereria ser mulher se... as mulheres não amassem homens!

— Julgamos bom, hoje, o que nos dá a ilusão de nos levar a alguma coisa: mas essa convicção é exatamente o que você chamou de homem voador sem arrependimento, e eu designei como problema para cuja solução nos falta o método. Como homem de formação científica, em todas as situações tenho a sensação de que meus conhecimentos são inacabados, meros marcos de caminho, e que talvez amanhã eu já tenha nova experiência, que me fará pensar diferente de hoje; de outro lado, também um homem totalmente dominado pelo seu sentimento, um “homem em ascensão”, como você imaginou, sentirá todas as suas ações como degraus para chegar à ação seguinte. Então, existe em nosso espírito e alma algo como a “moral do próximo passo”, mas trata-se apenas da moral das cinco falências e será que a moral do empresário de nossos tempos chega tão fundo, ou trata-se apenas da aparência de uma harmonia, ou será que a moral do carreirista é o aborto prematuro de fenômenos mais profundos? Não lhe posso responder nesse momento!

A pequena pausa para respiração que Ulrich introduziu em suas explicações era apenas retórica, pois pretendia continuar desenvolvendo seus pontos de vista. Mas Ágata, que até então escutara naquela sua maneira por vezes singularmente animada-inanimada, levou em frente a conversa com o simples comentário inesperado de que essa resposta lhe era indiferente, pois só desejava saber o que Ulrich achava pessoalmente, e era incapaz de entender tudo o que se podia imaginar.

— Mas se você me pedir que eu realize alguma coisa, prefiro não ter moral alguma — acrescentou.

— Graças a Deus! — exclamou Ulrich. — Sempre me alegre ao ver sua juventude, beleza e força, e depois a escuto dizer que não tem energia nenhuma! Nossa época de qualquer modo já transborda de energia. Não quer mais pensamentos, somente ações. Essa terrível energia nasce apenas do fato de não termos nada a fazer. Interiormente, quero dizer. Mas afinal, também exteriormente, qualquer pessoa repete a vida inteira uma única ação: entra numa profissão e avança dentro dela. Acho que chegamos novamente à pergunta que você me fez há pouco, lá fora. É tão simples ter energia e tão difícil procurar um sentido no emprego dela! Hoje, pouquíssimas pessoas percebem isso. Por isso, os homens de ação parecem jogadores de boliche, que, com gestos napoleônicos, conseguem derrubar nove pedaços de pau. Eu nem me admiraria se no fim caíssem violentamente uns por cima dos outros, apenas porque não entendem essa incompreensível verdade de que todas as ações do mundo não bastam!...

Ele começara com vivacidade, mas depois tornara-se novamente pensativo, e até se calou algum tempo. Por fim, apenas ergueu os olhos sorrindo e contentou-se em dizer

— Você diz que se eu lhe exigisse algum esforço moral você me decepcionaria. Eu lhe digo que, se você me pedir conselhos morais, eu a decepcionarei. Quero dizer, não temos nada determinado a exigir um do outro: nós todos juntos. Na verdade, não deveríamos exigir ações uns dos outros, mas primeiro criar seus pressupostos: é isso que eu sinto!

— Mas como se faria isso? — disse Ágata. Notava que Ulrich se afastara do grande discurso geral que tinha começado, e entrara em algo que o atingia pessoal mente, mas para o gosto dela também era geral demais. Como se sabe, ela tinha um preconceito contra análises gerais e considerava bastante desesperançado qualquer esforço que a lançasse fora de si mesma. Isso valia com certeza na medida em que ela própria precisasse se esforçar, mas era provável que também o estendesse às afirmações gerais dos outros. Ainda assim, entendia Ulrich bastante bem. Notou que enquanto mantinha a cabeça baixa, falando baixinho contra a energia, sem saber ele continuava segurando o canivete fazendo riscos e marcas na tampa da mesa, todos os músculos da mão tensos. O gesto impensado mas quase passional daquela mão, e o fato de ele ter dito tão aberta e sinceramente a Ágata que ela era bela e jovem, constituía um insensato diálogo acima da orquestra das demais palavras, à qual ela não dava maior significado senão o de estar ali sentada, contemplando.

— O que se deveria fazer? — replicou Ulrich da mesma maneira como estivera falando até ali. — Em casa de nossa prima, certa vez sugeri ao Conde Leinsdorf que fundasse um Secretariado Universal da Precisão e da Alma, para que também as pessoas que não vão à igreja soubessem o que fazer. Naturalmente, eu disse isso só de brincadeira, pois já há muito tempo criamos a ciência para a verdade, mas se quiséssemos pedir algo semelhante para o resto, hoje em dia quase nos teríamos de envergonhar por estarmos fazendo alguma tolice. Mesmo assim, tudo o que até aqui falamos nos conduziria a esse Secretariado! — Ele desistira do seu discurso e recostou-se no banco, endireitando o corpo. — Certamente, vou estar me dissolvendo outra vez se acrescentar: — Mas como isso aconteceria hoje? — Como Ágata não respondesse, fez-se silêncio. E algum tempo depois, Ulrich disse: — De resto eu mesmo às vezes creio que não consigo suportar essa convicção! Quando há pouco vi você ali parada — prosseguiu a meia-voz —, ali naquele fórum, não sei por quê, tive



uma necessidade louca de repente fazer alguma coisa. Antigamente, às vezes fazia coisas impensadas; o encanto está nisso: quando acontecera, continuava existindo alguma coisa a meu lado. Às vezes posso imaginar que uma pessoa se torne feliz até pelo crime, porque lhe dá certo lastro, e com isso, quem sabe, uma jornada mais firme.

Também dessa vez sua irmã não respondeu logo. Ele a contemplava calmamente, talvez até com ar perquiridor, mas sem que se repetisse aquela experiência de que falara, sem na verdade pensar em nada. Pouco tempo depois, ela disse:

— Você ficaria zangado comigo se eu cometesse um crime?

— O que devo responder? — disse Ulrich, novamente debruçado sobre sua faca.

— Não há decisão?

— Não, hoje realmente não há decisão. Depois, Ágata disse:

— Eu queria matar Hagauer.

Ulrich forçou-se a não erguer os olhos. As palavras tinham entrado leves e tênues em seu ouvido, mas quando terminaram de soar deixaram em sua memória algo como uma grande marca de rodas. Ele esquecera logo o tom, teria de ter visto o rosto dela para saber como deviam ser interpretadas as palavras, mas não lhes queria conferir tanta importância assim.

— Muito bem — disse —, e por que não o faria? Quem nunca desejou uma coisa dessas? Faça isso, se realmente pode! É como se tivesse dito: quero amá-lo por seus erros!

Só agora ele se endireitou outra vez e fitou o rosto da irmã. Estava fechado, e surpreendentemente excitado, aquele rosto. Deixando o olhar pousado nele, esclareceu devagar

— Está vendo, alguma coisa está errada; nessa fronteira entre o que acontece dentro de nós e fora de nós, falta hoje uma intermediação qualquer, só com enormes perdas uma coisa se transmuda na outra. Quase se poderia dizer que nossos maus desejos são o lado sombrio da vida que realmente vivemos; e a vida que realmente vivemos é o lado sombrio de nossos bons desejos. Imagine só se você realmente fizesse aquilo: não seria o que pretendia fazer, e você no mínimo ficaria terrivelmente decepcionada...

— Talvez, de repente, eu pudesse ser outra pessoa: você mesmo admitiu isso! — interrompeu Ágata.

Quando, nesse momento, Ulrich olhou para o lado, recordou que não estavam sozinhos, mas que havia duas pessoas ouvindo sua conversa. A velha dona da casa — não devia ter mais de quarenta anos, e só os farrapos e sinais de sua vida humilde a envelheciam — sentara-se amigavelmente ao lado do seu fogão, ao lado dela o pastor, que voltara à cabana durante aquele diálogo, sem que os visitantes, tão entretidos consigo mesmos, tivessem percebido. Os dois velhos estavam de mãos pousadas nos joelhos, e pareciam escutar, lisonjeados e assombrados, a conversa que enchia sua cabana, muito satisfeitos com ela embora não entendessem palavra. Viram que o leite não fora bebido, a lingüiça não fora comida, era tudo um teatro, quem sabe edificante. Nem ao menos sussurraram nada entre si. O olhar de Ulrich mergulhou em seus olhos arregalados, e ele lhes sorriu constrangido, sorriso a que só a mulher correspondeu, enquanto o homem continuava sério, numa postura respeitosa

— Temos de comer! — disse Ulrich à irmã em inglês. — Estão espantados conosco!

Ela tocou um pouco no pão e na carne, obediente, ele próprio comeu, decidido, até bebendo um pouco aquele leite. E Ágata disse, alto e desinibida:

— A idéia de realmente o ferir me é desagradável, quando penso direito. Talvez então eu não o queira matar. Mas gostaria de apagá-lo! Dilacerar em pedacinhos, esmagá-los num almofariz, e jogar o pó na água. É isso que eu queria! Anular inteiramente tudo o que existiu!

— Sabe, estamos falando umas coisas bem engraçadas — comentou Ulrich. Ágata ficou calada algum tempo, mas depois disse:

— Você me prometeu no primeiro dia que me apoiaria contra Hagauer!

— Claro que vou. Mas não assim.

Ágata calou-se outra vez, depois disse de repente:

— Se você quisesse comprar ou alugar um carro, poderíamos ir à minha casa, passando por Iglau, e voltar pelo trajeto mais longo, acho que por Tabor. Ninguém imaginaria que estivemos lá de noite.

— E os criados da casa? Por sorte nem sei dirigir um carro! — Ulrich riu, mas de repente, sem querer, sacudiu a cabeça: — São bem as idéias de hoje em dia!

— É, você diz isso — comentou Ágata. Empurrava pensativamente com a unha um pedaço de toucinho de um lado para outro, e parecia que aquela unha agia sozinha, manchando-se de um pouco de gordura. — Mas você também diz: as virtudes da sociedade são pecados para os santos!

— Só que eu não disse que os pecados da sociedade são virtudes para os santos! — corrigiu Ulrich. Riu, pegou a mão de Ágata e limpou-a com seu lenço.

— Você sempre se desdiz! — censurou Ágata e sorriu insatisfeita, enquanto o sangue lhe subia ao rosto, pois procurava livrar o dedo.

Os dois velhos ao fogão, olhando exatamente como antes, agora sorriram francamente, com eco.

— Quando você fala assim comigo — disse Ágata baixinho — sinto como se me visse em cacos de espelho: com você a gente nunca se vê inteira!

— Não — respondeu Ulrich, que não soltara a mão dela. — Hoje a gente não se vê inteiro, nem nos movemos inteiros. É isso!

Ágata cedeu, e de repente desistiu de retirar o braço.

— Eu certamente sou o oposto de uma santa — declarou em voz baixa. — Talvez, na minha indiferença, tenha sido pior do que uma mulher paga. Também certamente não sou dinâmica, e talvez não consiga matar ninguém. Mas quando você falou pela primeira vez dos seus santos, já faz bastante tempo, eu vi algo “de corpo inteiro”... — Ela baixou a cabeça para refletir, ou não deixar ver o rosto. — Eu vi um santo que talvez estivesse parado sobre um poço. Para dizer a verdade, talvez não tenha visto nada, mas senti algo que se teria de expressar assim. A água corria, e o que o santo fazia também vinha jorrando sobre a beirada, como se ele fosse um tanque mansamente transbordando para todos os lados. Acho que deveríamos ser assim, pois então sempre agiríamos direito, pois seria completamente indiferente o que fazemos.

— Ágata se vê em sagrada plenitude, se vê no mundo, tremendo por causa de seus pecados, e percebe, incrédula, que as serpentes e rinocerontes, montanhas e desfiladeiros se deitam a seus pés, quietos e muito menores ainda do que ela. Mas, e o que houve com Hagauer? — brincou ele, baixinho.

— É isso. Ele não pode ficar. Tem de sumir.

— Eu também vou lhe contar uma coisa — disse o irmão. — Sempre que tive de participar de algo em comum, qualquer acontecimento humano, me senti como um homem que sai do teatro antes do último ato para respirar por um momento, vê o grande vazio das trevas cheias de estrelas, e deixa o chapéu, casaco, espetáculo, e parte.

Ágata o encarou, curiosa. Aquilo servia e não servia de resposta. Ulrich também a fitava no rosto.

— Você também muitas vezes é atormentada por uma repulsa para a qual ainda nem existe a atração — disse ele, pensando: “Ela será realmente parecida comigo?” Mais uma vez lhe pareceu: talvez como uma pintura em pastel se parece com uma gravura em madeira. Considerava-se o mais sólido dos dois. Ela era mais bonita. De uma beleza tão agradável. Então, ele passou do dedo para a mão inteira; uma mão cálida, longa, cheia de vida, e até ali ele só a segurara na sua quando se cumprimentavam. Sua jovem irmã estava agitada, e embora não tivesse lágrimas nos olhos, havia neles um ar úmido.

— Em poucos dias você também vai me abandonar — disse ela —, e como vou me arranjar com tudo isso?

— Mas podemos ficar juntos, você pode ir ter comigo depois.

— Como imagina isso? — perguntou Ágata e a pequena ruga de reflexão lhe apareceu na fronte.

— Bem, eu ainda não imagino nada; recém me ocorreu. — Ele levantou-se, deu uma moeda aos pastores, “pela mesa cortada”. Ágata viu através de uma nuvem o sorriso dos camponeses que fizeram uma mesura e disseram algo amável em palavras breves e incompreensíveis. Quando passou por eles, sentiu os quatro olhos hospitaleiros nus e comovidos sobre o rosto, e compreendeu que eles os tinham considerado um casal de amantes que brigara e fizera as pazes.

— Eles nos tomaram por amantes! — disse. Atrevida, enfiou o braço no do irmão, e toda a sua alegria irrompeu. — Você devia me dar um beijo! — pediu, e, rindo, apertou o braço de Ulrich junto ao corpo no momento em que pararam na soleira da cabana e a porta baixa se abriu sobre a escuridão da noite.

## DIÁLOGOS SAGRADOS. COMEÇO

Durante o resto da estada de Ulrich, pouco se falou em Hagauer, mas também por longo tempo os irmãos não voltaram a comentar a idéia de darem continuação a seu convívio e assumirem uma vida em comum. Apesar disso, o fogo que irrompera como centelha inicial, o incontrolável desejo de Ágata de eliminar o marido, continuava ardendo debaixo das cinzas. Estendeu-se em diálogos intermináveis, que mesmo assim viviam recomeçando; talvez se devesse dizer: a alma de Ágata procurava outra maneira de arder livremente.

De hábito, no começo dessas conversas ela fazia alguma pergunta pessoal e determinada, cuja forma interna era “posso ou não posso?”. A anarquia de sua personalidade tivera até ali a figura triste e cansada da convicção: “Posso tudo, mas mesmo assim não quero.” Dessa forma, as perguntas de sua jovem irmã por vezes davam a Ulrich impressão semelhante às de uma criança, tão cálidas como as pequenas mãos dessa criaturinha desamparada.

Suas próprias respostas tinham outra natureza, para ele não menos significativa: sempre gostava de apresentar algo dos despojos de sua vida e pensamento, e, segundo seu costume, expressava-se de maneira igualmente franca e intelectual. Sempre começava a falar da “moral da história” que sua irmã contava, sintetizava as fórmulas, gostava de tomar-se como exemplo, e dessa maneira foi contando muita coisa de si a Ágata, isto é, de sua antiga vida movimentada.

Ágata nada lhe contava de si, mas admirava aquela capacidade de falar assim da própria vida, e o fato de ele levar moralmente a sério todos os seus propósitos agradava-lhe muito. Pois a moral não é senão uma ordem da alma e das coisas, abrangendo as duas, de modo que não é estranho que jovens, cuja vontade de viver ainda não ficou embotada em nenhum aspecto, falem muito dela. Seria preciso antes explicar isso num homem da idade e experiência de Ulrich; pois homens só falam de moral profissionalmente, quando faz parte da linguagem de seu ofício, caso contrário essa palavra já foi, para eles, engolida pelas atividades da vida, e não se liberta mais. Quando Ulrich falava em moral, isso significava uma profunda desordem, atraindo Ágata que vibrava no mesmo tom. Ela envergonhava-se um pouco de sua ingênua confissão de querer viver “inteiramente de acordo consigo mesma”, pois via que complexas condições seriam necessárias para isso, e mesmo assim desejava com impaciência que o irmão chegasse mais depressa a um resultado, pois muitas vezes parecia-lhe que tudo o que ele dizia se movia exatamente nessa direção, de forma sempre mais precisa ao chegar ao fim, só parando a um passo da soleira em que toda vez desistia de seu empreendimento.

O local dessa virada, e desses últimos passos, cujo efeito paralisante Ulrich percebia, pode ser designado de modo geral afirmando que cada frase da moral européia leva a um ponto de onde não se pode mais prosseguir; de modo que uma pessoa que se justifica tem primeiro os gestos de quem chapinha na água rasa com convicções firmes sob os pés, mas, de repente, se for um pouco mais adiante, assume gestos de quem se afoga angustiadamente, como se o chão da vida descesse diretamente para uma profundidade insegura. Isso manifestava-se nos irmãos de maneira determinada: Ulrich podia falar de forma calma e esclarecedora sobre todas as coisas enquanto participasse delas com a razão, e Ágata sentia zelo semelhante ao escutar. Mas depois, quando paravam e ficavam calados, uma tensão bem mais agitada aparecia em seus rostos. E assim, certa vez foram levados além da fronteira na qual até ali haviam parado inconscientemente. Ulrich afirmava:

— A única característica verdadeira de nossa moral é que seus mandamentos se contradizem. A mais moral de todas as frases é: a exceção confirma a regra!

Provavelmente, ele expressara apenas a repulsa contra um procedimento moral que se pretende inflexível e, na prática, tem de ceder a todas as flexões, consistindo assim no exato oposto de um procedimento exato, que considera primeiro a experiência e extrai a lei dessa observação. Naturalmente, ele conhecia a diferença entre leis da natureza e da moral, feita de modo que se possam deduzir umas da natureza sem

moral, mas as outras se precisam impor à natureza humana, menos obstinada; ele pensava, entretanto, que alguma coisa andava errada nessa distinção; por isso, queria dizer que a moral estava intelectualmente cem anos atrasada, motivo pelo qual era difícil adaptá-la a situações tão mudadas. Mas antes de ter chegado lá com sua explicação, Ágata o interrompeu com uma resposta que lhe pareceu simples mas no momento o deixou pasmado.

— Então ser bom não é bom? — perguntou ao irmão, e nos seus olhos havia algo que lembrava aquela vez em que fazia, com as condecorações do pai, algo que provavelmente nem todo mundo julgaria bom.

— Você tem razão — respondeu ele, animado. — É preciso realmente formar uma frase dessas, para ter novamente o significado original! Mas crianças gostam tanto de ser boas quanto de um doce.

— Aliás, também de ser más — completou Ágata.

— Mas ser bom não faz parte das paixões do adulto? — perguntou Ulrich. — Faz parte de seus princípios! Os adultos não são bons, isso lhes pareceria infantil: eles praticam o bem; homem bom é aquele que tem bons princípios, e faz boas obras: é um mistério conhecido de todos, que ele ao mesmo tempo pode ser a mais repulsiva das pessoas!

— Veja Hagauer — completou Ágata.

— Há um absurdo paradoxal nessas pessoas boas — opinou Ulrich. — Transformam um estado numa exigência, uma graça em norma, e um ser em objetivo! Nessa família dos bons, pela vida inteira só se comem restos, enquanto se comenta que um dia houve uma festa, do qual se originam! Claro, de tempos em tempos algumas virtudes entram novamente em moda, mas assim que isso acontece, perdem o frescor!

— Uma vez você disse que a mesma ação pode ser boa ou má, conforme o contexto? — perguntou Ágata.

Ulrich concordou. Era sua teoria, que os valores morais não são grandezas absolutas mas conceitos funcionais. Mas quando moralizamos e generalizamos, nós os separamos de seu todo natural:

— E provavelmente é aí que alguma coisa anda errada no caminho da virtude — disse ele.

— De outro modo, como as pessoas morais poderiam ser tão monótonas — completou ela —, quando sua intenção de serem boas deveria ser a coisa mais encantadora, difícil e interessante que se possa imaginar?!

O irmão vacilou; mas de repente, sem querer, deixou escapar uma afirmação através da qual em breve os dois entrariam em relações inusitadas.

— Nossa moral — explicou — é a cristalização de um movimento interior totalmente diferente dela! Nada do que dizemos está correto! Pegue qualquer frase, lembrei uma por acaso: “Deve imperar arrependimento nas prisões!” Frase que se pode dizer com a melhor das consciências; mas ninguém a toma ao pé da letra, senão quereríamos o fogo do inferno para os encarcerados! Então, como a interpretamos? Certamente poucos sabem o que é arrependimento, mas todo mundo diz onde ele deve reinar. Ou imagine algo que a eleve: de onde veio essa moral? Quando é que caímos com o rosto no pó a ponto de ficarmos felizes por sermos elevados? Ou interprete ao pé da letra que uma idéia a comova: no momento em que sentisse esse encontro fisicamente, já estaria nas fronteiras da loucura! E assim, cada palavra quer ser tomada ao

pé da letra, ou apodrece e toma-se mentira, mas não devemos tomar nenhuma ao pé da letra, ou o mundo se transforma num hospício! Alguma grande embriaguez emerge daí como obscura recordação, e por vezes pensamos que tudo o que vivemos são partes arrancadas e desfeitas de um antigo grande todo, que simplesmente recompusemos do modo errado.

O diálogo em que esse comentário se deu tinha lugar na biblioteca e escritório, Ulrich sentado diante de algumas obras que trouxera em viagem, sua irmã folheando os livros de Direito e Filosofia de que também era herdeira, em parte retirando deles o estímulo para suas perguntas.

Desde a excursão, os irmãos raramente saíam de casa. Ocupavam-se daquela maneira. Por vezes iam passear no jardim, cujos arbustos tinham perdido as folhas no inverno, de modo que a terra aparecia por baixo delas inchada de umidade. Era uma visão torturante. O ar estava pálido como algo que ficou tempo demais na água. O jardim não era grande. Os caminhos logo voltavam sobre si mesmos. O estado de espírito em que os dois andavam por essas veredas girava em círculo, como uma torrente diante de um dique que a está represando. Quando voltavam para casa, as salas estavam escuras e protegidas, as janelas pareciam profundas clarabóias pelas quais o dia entrava doce e hirto como marfim translúcido.

Depois da última e agitada exclamação de Ulrich, Ágata tinha descido da escada da estante, onde estivera sentada; passou o braço pelo ombro dele, sem responder. Era uma carícia inusitada, pois além dos dois beijos, um na noite de seu primeiro encontro, o outro há poucos dias ao iniciarem o caminho de casa, na cabana de pastores, a natural inibição fraterna nunca os deixara passar de palavras ou pequenas amabilidades, e também daquelas duas vezes o efeito do toque fraterno fora encoberto pelo inesperado e pela euforia.

Mas, dessa vez, Ulrich logo pensou na liga quente que sua irmã dera ao morto em lugar de muitas palavras. E passou-lhe pela cabeça: “É certo que ela tem um amante; mas não parece se importar muito com ele, senão não ficaria aqui tão calma!” Era evidente que ela era uma mulher que levava vida de mulher independente dele, e que isso continuaria assim. O ombro de Ulrich sentiu naquele peso tranqüilo a beleza do braço da irmã, e, no lado voltado para ela, captou como uma sombra a proximidade da axila loura e o contorno do seio. Mas para não ficar ali sentado exposto sem resistência àquele silencioso abraço, rodeou com a mão os dedos dela pousados junto de seu pescoço, e com esse toque recobriu o outro.

— Sabe, estamos falando infantilidades — disse com algum mau-humor. — O mundo está cheio de decisões dinâmicas, e nós aqui sentados, falando nesse nosso ócio luxuoso das doçuras de ser bom e das panelas teóricas que podíamos encher com isso.

Ágata libertou os dedos mas deixou a mão voltar ao lugar.

— Afinal o que você anda lendo aí todos esses dias? — perguntou.

— Você sabe — respondeu ele. — Fica a toda hora espiando o livro pelas minhas costas!

— Mas não entendo direito o que é.

Ele não quis falar a respeito. Ágata, que aproximara sua cadeira, estava agachada atrás do irmão, e pousara serenamente o rosto em seus cabelos como se dormisse dentro deles. Ulrich lembrou-se estranhamente do momento em que seu amigo Arnheim passara o braço em volta dele, e o contato de outro ser, jorrando des-

controlado, entrara nele como por uma brecha. Mas dessa vez, sua própria natureza não repelia a estranha, ao contrário, lançava-se ao encontro dela com algo que estivera soterrado sob os pedregulhos da desconfiança e da repulsa com que se enche o coração de um ser humano que já viveu algum tempo. A postura de Ágata em relação a ele, oscilando entre comportamento de irmã e mulher, estranha e amiga, não se igualava ao de nenhuma delas, também não constava (e ele refletira sobre isso várias vezes) de uma harmonia de pensamentos e emoções particularmente forte; mas, sentiu ele quase assombrado naquele instante, combinava perfeitamente com o fato, nascido de incontáveis impressões naqueles poucos dias, que não se poderiam citar com brevidade, de a boca de Ágata pousar nos cabelos dele sem nenhuma outra exigência, e esses cabelos se tornarem quentes e úmidos da respiração dela. Era a um tempo espiritual e físico; pois, quando Ágata repetiu sua pergunta, Ulrich foi tomado por uma seriedade que nunca mais sentira desde a juventude, e antes que se desfizesse essa nuvem de seriedade imponderável que ia do espaço às suas costas até o livro em que pensava, varando o seu corpo inteiro, ele deu uma resposta que o surpreendeu mais pelo tom despido de qualquer ironia do que pelo conteúdo:

— Estou-me instruindo sobre os caminhos da vida santa — disse.

Ele se levantara; mas não para se afastar da irmã, colocando-se a alguns passos de distância dela, e sim para poder vê-la melhor.

— Não precisa rir — disse. — Não sou devoto; analiso o caminho sagrado perguntando se também poderia andar de automóvel sobre ele!

— Eu só ri porque tenho tanta curiosidade de saber o que você vai dizer — respondeu Ágata. — Os livros que trouxe são desconhecidos para mim, mas me parece que não são totalmente incompreensíveis.

— Conhece isso? — perguntou seu irmão, já convencido de que ela o conhecia. — Pode-se estar no meio da mais intensa comoção, mas, de repente, o olho cai sobre qualquer coisa que Deus e o mundo abandonaram, e não podemos mais nos afastar dela? Somos subitamente carregados por aquela insignificante existência como se fôssemos uma pluma voando no vento, livre de todo o peso e força.

— Penso que reconheço isso, exceto essa intensa comoção de que você fala com tanta ênfase — disse Ágata, e sorriu novamente do intenso constrangimento que se desenhava no rosto do irmão e não combinava com suas ternas palavras. — De vez em quando esquecemos de ver e ouvir, e não conseguimos falar. Mas, exatamente nesses minutos, por um instante recuperamos a lucidez.

— Eu diria — prosseguiu Ulrich vivamente — que é como olhar para um grande espelho d'água: o olho pensa ver a escuridão, tão claro tudo está, e na margem do outro lado as coisas não parecem pousadas na terra, mas pairam no ar com uma doce nitidez exagerada, que quase dói, e nos perturba. Nessa impressão há ao mesmo tempo intensificação e perda. Estamos ligados a tudo e não podemos nos aproximar de nada. Estamos do lado de cá, o mundo do lado de lá, numa superação da identidade e da concretude, mas ambos quase doloridamente nítidos. E o que então separa e une o que habitualmente está misturado é uma cintilação sombria, um jorrar e apagar, um impulso para dentro e para fora. Flutuamos como o peixe na água ou o pássaro no ar, mas não há margem, nem ramo, nada senão essa flutuação!

Ulrich fazia literatura; mas o fogo e firmeza de sua fala destacavam-se, metálicos, do seu conteúdo delicado e difuso. Ele parecia ter abandonado a cautela que normalmente o dominava, e Ágata o fitou espantada, mas também com inquieta alegria.

— E você acha que existe algo — perguntou —, algo por trás disso? Mais que um “capricho”, ou seja lá qual dessas horrendas palavras tranquilizadoras?

— Claro que censo! — Ele sentou-se outra vez em seu antigo lugar e folheou os livros, enquanto Ágata se levantava para abrir-lhe espaço. Em seguida, dizendo as palavras “os santos descrevem assim”, ele abriu um dos textos e leu em voz alta:

— Durante esses dias estive particularmente inquieto. Ora me sentava um pouco, ora andava de um lado para outro pela casa. Era como um sofrimento, mas antes se deveria chamar doçura do que sofrimento, pois não havia aborrecimento naquilo, mas uma sensação singular e muito sobrenatural de bem-estar. Eu superara todas as minhas capacidades, chegando à obscura força. Então, escutei sem som, visem luz. Então, meu coração se tornou algo sem fundo, meu espírito informe, minha natureza insubstancial.

Os dois acharam aquelas palavras semelhantes à inquietação que os impelia pela casa e pelo jardim, e Ágata ficou surpreendida por também os santos chamarem seu coração de algo sem fundo, e seu espírito de informe; mas Ulrich logo pareceu retomar sua ironia costumeira.

— Os santos dizem: um dia estive encerrado e então fui arrancado de mim mesmo e mergulhado em Deus sem saber. Os imperadores na caçada, de que ouvimos falar nos livros de história, descrevem a coisa de outra forma: contam que lhes apareceu um cervo com uma cruz na galhada, de modo que sua espada assassina caiu; e então mandaram erguer uma capela naquele local, para poderem continuar caçando. E as damas ricas e inteligentes com quem convivi lhe responderão imediatamente, se você perguntar uma coisa dessas, que o último a pintar esse tipo de experiência foi Van Gogh. Talvez em lugar de pintura também falem dos poemas de Rilke; mas, de modo geral, preferem Van Gogh, que representa uma excelente aplicação de capital, e cortou a orelha porque pintar não lhe bastava diante do fervor das coisas. A maioria de nosso povo dirá pelo contrário que cortar a orelha não é uma expressão de sentimento alemão, mas sim a inconfundível experiência do vazio da paisagem vista dos cumes das montanhas. Para eles, solidão, florzinhas e agüinhas rumorejantes são o máximo da elevação humana. E também na burrice sublime dessa insípida contemplação da natureza há um último reflexo mal interpretado de uma misteriosa segunda vida, e, portanto, ela no fim das contas deve existir ou ter existido!

— Então era melhor você não zombar disso — objetou Ágata, séria pela ânsia de saber, e irradiando impaciência.

— Eu só zombo porque eu gosto — respondeu Ulrich laconicamente.

## DIÁLOGOS SAGRADOS. CONTINUAÇÃO COM VICISSITUDES

Depois disso, havia sempre grande quantidade de livros na mesa, em parte trazidos de casa, em parte comprados depois, e ora Ulrich falava livremente, ora, para comprovar ou repetir algo textualmente, abria um livro num dos muitos lugares que marcara inserindo algum bilhete. Eram em geral biografias e manifestações pessoais



de místicos, ou trabalhos científicos a respeito deles, e habitualmente ele desviava a conversa para aquele rumo dizendo: “Vamos olhar do modo mais lúcido possível o que está acontecendo por aqui.” Era uma postura cautelosa, de que ele não desistia facilmente, e uma vez até disse:

— Se você pudesse ler do princípio ao fim essas descrições que homens e mulheres de séculos passados fizeram do seu arrebatamento por Deus, veria que letra por letra há verdade e realidade, mas as afirmações constituídas por essas letras causariam a maior repulsa à sua vontade de pessoa atual. — E prosseguiu: — Eles falam de um brilho que tudo inunda. De uma infinita amplidão, um infinito reino de luz. De uma “unidade” flutuante de todas as coisas e forças espirituais. Do ímpeto maravilhoso e indescritível do coração. De conhecimentos tão rápidos que são todos simultâneos, como gotas de fogo caindo no mundo. E, por outro lado, falam de um esquecer e não entender mais, até de um aniquilamento das coisas. Falam de uma imensa paz, livre das paixões. De um emudecimento. Um desaparecimento de idéias e intenções. Uma cegueira na qual vêem claramente, e uma claridade na qual estão mortos e sobrenaturalmente vivos. Chamam a isso “deixar de ser”, mas afirmam viver então mais plenamente do que nunca. Não são as mesmas sensações, embora envoltas pela dificuldade de expressão, que ainda temos hoje quando eventualmente o coração — “sôfrego e saciado” como dizem! — atinge aquelas regiões utópicas que ficam em algum lugar e em lugar nenhum entre uma ternura infinita e uma infinita solidão?

Na pequena pausa que Ulrich fez para refletir, intrometeu-se a voz de Ágata:

— E isso que você uma vez chamou de duas camadas sobrepostas em nós?

— Eu... quando?

— Você andava pela cidade sem objetivo, e sentia que estava sendo desfeito nela mas ao mesmo tempo não a queria; e eu lhe disse que também sinto isso muitas vezes.

— Ah, sim. Até disse “Hagauer” depois disso! — exclamou Ulrich. — E nós dois rimos; agora me recordo bem. Mas não estávamos querendo dizer isso realmente. Eu também lhe contei da visão que dá e que recebe, do princípio masculino e feminino, do hermafroditismo da fantasia primitiva, e de coisas semelhantes: posso falar muito a esse respeito! Como se minha boca estivesse tão distante de mim quanto a lua, que também está a postos quando de noite precisamos de alguém íntimo para conversar! Mas o que esses devotos contam das aventuras de sua alma — prosseguiu ele, enquanto na amargura de suas palavras voltavam a se mesclar objetividade e admiração — foi por vezes escrito com a força e absoluta convicção de uma análise de Stendhal. Mas apenas — restringiu — na medida em que se atenham aos fenômenos e não introduzam seu julgamento, que é falseado pela lisonjeira convicção de serem escolhidos por Deus para experimentá-lo diretamente. Pois a partir desse momento, naturalmente não contarão mais suas percepções tão difíceis de descrever, nas quais não há substantivos nem verbos, mas falarão em frases com sujeito e objeto, porque acreditam na sua alma e em Deus como em umbral de porta entre os quais se abrirá o milagroso. E assim fazem esses depoimentos, de que a alma lhes é arrancada do corpo e mergulhada no Senhor, ou de que o Senhor entra neles como um amante; são apanhados por Deus, devorados por ele, cegos, roubados, violentados, ou sua alma se estende até ele, entra nele, saboreia-o, envolve-o com amor e ouve-o falar. O modelo terreno é sempre evidente; e essas descrições já não parecem terríveis descobertas,

mas apenas imagens familiares com que um poeta amoroso enfeita seu objeto, sobre o qual pode haver somente uma opinião: para mim, pelo menos, educado para a contenção, esses relatos são uma tortura, porque os eleitos, exatamente no momento em que asseguram que Deus lhes falou, ou que entenderam a linguagem dos animais e das árvores, deixam de me dizer o que lhes foi revelado; e se alguma vez o dizem, aparecem apenas assuntos pessoais ou notícias de igreja que já são conhecidas. É uma pena que cientistas não tenham visões! — disse, encerrando sua longa resposta.

— Acha que poderiam ter? — instigou Ágata.

Ulrich hesitou um momento. Depois respondeu como numa profissão de fé:

— Não sei. Talvez pudesse acontecer comigo! — Ouvindo suas próprias palavras, sorriu para limitá-las novamente.

Ágata também sorriu; parecia ter recebido a resposta que desejara, e seu rosto espelhou um breve momento da perplexa decepção que surge quando uma tensão acaba de repente. Por isso, talvez ela objetasse unicamente para instigar o irmão outra vez:

— Você sabe que fui educada num estabelecimento muito religioso: o resultado é que sinto uma vontade simplesmente escandalosa de fazer caricatura sempre que alguém me fala de ideais piedosos. Nossas educadoras usavam um hábito cujas duas cores formavam uma cruz, e isso lembrava um dos mais nobres pensamentos que de veríamos ter diante dos olhos o dia todo. Mas não pensávamos nele um segundo, e chamávamos nossas Mães de aranhas-cruzeiras, por causa da sua aparência e do seu jeitinho meloso de falar. Assim, enquanto você falava há pouco, eu tinha vontade ora de rir, ora de chorar!

— Sabe o que isso prova? — exclamou Ulrich. — Simplesmente que a força para o bem que existe em nós de alguma maneira ao mesmo tempo devora as paredes em que a encerramos numa forma fixa, e por esse buraco imediatamente foge para o mal! Isso me lembra o tempo em que fui oficial e, com meus camaradas, era o esteio da Coroa e do Altar: nunca mais na vida pude falar mal dos dois tão livremente como naquele nosso meio! Os sentimentos não suportam serem algemados, especialmente certos sentimentos. Estou convencido de que suas bravas educadoras acreditavam no que lhes ensinavam: mas a crença não pode envelhecer uma hora sequer. É isso!

Ágata entendeu, embora Ulrich na sua pressa não tivesse expressado, como desejaria, que a crença daquelas freiras, que tirara a Ágata a vontade de acreditar, fora apenas algo “em conserva”. Por assim dizer, conservado no próprio caldo natural e sem perder as qualidades de fé, mas, apesar disso, não era mais fresco, já atingira de uma maneira não comprovável um estado diferente do original, coisa que, naquele momento, a renitente e fugida aluna de santidade pressentia vagamente.

Isso, além de todo o resto que já tinham falado sobre moral, fazia parte das mais comovedoras dúvidas que o irmão despertara nela, e de um estado de renascimento interior que sentia desde então sem tê-lo compreendido claramente. Pois o estado de indiferença que habitualmente aparentava e cultivava não dominara sempre sua vida. Certa vez acontecera uma coisa que fizera brotar diretamente de uma profunda depressão aquela necessidade de autopunir-se, fazendo-a parecer indigna, porque não se julgava capaz de ser leal a sentimentos nobres, e desprezava-se desde então, devido a essa indolência de seu coração.

Esse acontecimento se localizava entre sua vida de menina na casa do pai, e o incompreensível casamento com Hagauer, e era tão estreitamente limitado que nem

Ulrich com sua simpatia se lembrara de perguntar por ele. É fácil contar o que acontecera. Ágata se casara aos dezoito anos com um homem pouco mais velho que ela. Numa viagem que começara com seu casamento e terminara com a morte dele, em poucas semanas, antes mesmo de terem escolhido sua futura residência, ele lhe fora novamente arrebatado por uma doença que o contagiara a caminho. Os médicos chamavam-na de tifo, e Ágata repelia essa palavra, encontrando nisso uma aparência de ordem, pois esse era o lado do acontecimento burilado para uso público; mas no lado cru havia outra coisa: até ali, Ágata vivera com seu pai, a quem o mundo respeitava, de modo que assumiu, cheia de dúvidas, que agia mal por não o amar, e aquela permanência indefinida no internato, entregue a si mesma, não fortalecera sua relação com o mundo, devido à desconfiança que a escola despertava nela; mais tarde, quando, numa súbita animação e em meio a esforços em comum com um companheiro de juventude, em poucos meses superara todos os obstáculos que um casamento teria de enfrentar devido à pouca idade dos dois, embora as famílias dos apaixonados nada tivessem a objetar, ela de repente não estava mais solitária, e encontrou-se consigo mesma. Podia-se perfeitamente chamar a isso de amor; mas há apaixonados que fitam o amor como se fosse o sol, apenas acabam cegos, e há apaixonados que, com espanto, vêem pela primeira vez a vida e são iluminados pelo amor: Ágata era dessas, e nem sabia se amava o seu companheiro ou a alguma outra coisa, quando acontecera aquilo que na linguagem do mundo não-iluminado se chamava doença infecciosa. Fora uma tempestade súbita de horror vinda de territórios desconhecidos da vida, uma luta, um bruxulear, um apagar-se, a provação de dois seres que se agarravam um ao outro, e a deterioração de um mundo inocente em vômito, fezes e medo.

Ágata jamais admitira esse fato que aniquilara seus sentimentos. Perturbada pelo desespero, ajoelhara-se diante da cama do moribundo, convencida de que ainda poderia esconjurar novamente a força com que em criança vencera a própria enfermidade; mas como o declínio prosseguisse, e a consciência dele já se tivesse apagado, ela, no quarto de um hotel estranho, incapaz de compreender o que se passava, olhava fixamente o rosto exangue, abraçando o moribundo sem atentar ao perigo, e sem atentar à realidade da qual cuidava uma enfermeira indignada; nada fizera senão murmurar-lhe horas a fio ao ouvido ensurdecido: “você não pode, não pode, não pode!”

Quanto tudo terminara, ela se levantara, assombrada, e sem acreditar nem pensar em nada de especial, apenas pela capacidade onírica e pela tenacidade de uma natureza solitária, em seu íntimo, ela a partir daquele momento de vazio espanto tratara o fato como não definitivo. Provavelmente toda pessoa tem tendência semelhante quando não quer acreditar nalguma mensagem de desgraça ou dá uma coloração consoladora a coisas fatais. Mas o singular no comportamento de Ágata era a força e extensão desse efeito retroativo, na verdade aquele desprezo pelo mundo, que subitamente irrompera. Depois disso, obstinha-se em só assimilar coisas novas como se não fossem presentes, mas algo muito incerto, comportamento grandemente facilitado pela desconfiança que sempre tivera para com a realidade. Em contrapartida, o acontecido se congelara sob o choque sofrido, era desgastado pelo tempo muito mais lentamente do que em geral acontece com as recordações. Mas isso nada tinha do quente vapor dos sonhos, obsessões e desvios que fazem chamar o médico; Ágata, ao contrário, vivia exteriormente de maneira muito clara, virtuosa, apenas um pouco entediada, num leve exacerbamento da irritação com a vida, realmente semelhante à febre de que em criança sofrera de modo tão singularmente deliberado.

E o fato de que na sua memória, que jamais diluía suas impressões no geral, o terrível acontecido continuasse presente hora a hora como um cadáver envolto num pano branco, animava-a apesar de todo o tormento ligado àquela lembrança tão precisa, pois agia como alusão misteriosamente tardia de que nem tudo acabara, e mantinha-lhe, na deterioração do espírito, uma indefinida mas nobre tensão. Na verdade, tudo isso ocorria por ela ter voltado a perder o sentido da vida, e voluntariamente se transportar a um estado que não condizia com sua idade; pois assim só vivem os velhos presos às experiências e sucessos do passado, sem serem tocados pelo presente. Para sorte de Ágata, porém, na idade em que ela estava tomamos decisões para a eternidade, mas um ano já parece metade dela, de modo que era natural que depois de algum tempo sua natureza reprimida, e a fantasia contida, se libertassem violentamente.

Era indiferente, nos detalhes, como isso acontecera; um homem cujos esforços em outras condições certamente jamais teriam conseguido tirá-la do equilíbrio, conseguiu isso, tornou-se seu amante, e essa tentativa de repetição terminou, depois de brevíssimo tempo de fanática esperança, em apaixonada desilusão.

Ágata sentiu-se então esvaziada de sua vida real e da irreal, e indigna de altos propósitos. Era uma dessas pessoas que podem se manter longo tempo imóveis, esperando, até que, de repente, em algum momento, ficam totalmente perturbadas, e, por isso, na sua decepção tomou outra decisão irrefletida que, em suma, consistia em castigar-se em maneira oposta à do seu pecado, condenando-se a partilhar da vida de um homem que lhe provocava leve repugnância. E esse homem, a quem escolhera para se autopunir, era Hagauer.

“Não agi com justiça, nem tive consideração para com ele!”, admitia Ágata, e é preciso dizer que isso aconteceu pela primeira vez nesse momento, pois justiça e consideração não são virtudes apreciadas pelos jovens. Mesmo assim, sua própria “autopunição” nesse convívio não fora pequena, e Ágata continuava analisando o fato.

Afastara-se muito em pensamentos, e Ulrich também procurava algo em seus livros; aparentemente esquecera de continuar o diálogo. “Em séculos passados”, pensou ela, “uma pessoa com meu estado de alma entraria num convento”. E o fato de em vez disso ter-se casado era de uma comicidade inocente, que até ali lhe havia escapado. A comicidade que sua mente juvenil antes não percebera, não era senão a do tempo presente, que, na pior das hipóteses, satisfaz a necessidade de fugir do mundo numa pensão para turistas, em geral um hotel dos Alpes, e até deseja mobiliar de modo simpático as prisões. Manifesta-se aí a profunda necessidade européia de nunca exagerar. Nenhum europeu se flagela, se cobre de cinzas, corta a própria língua, entrega-se de verdade ou afasta-se realmente das outras pessoas, morre de paixão, tortura com a roda ou por empalamento; mas cada um tem por vezes necessidade disso, de modo que é difícil dizer o que realmente deve ser evitado, se o desejar ou o nada fazer. Por que, pois, um asceta passaria fome? Isso apenas lhe provocaria fantasias perturbadoras! Uma ascese sensata consta em ter repulsa pela comida, mas alimentando-se bem! Essa ascese promete durar, e permite ao espírito aquela liberdade que ele não tem quando depende do corpo numa apaixonada rebelião! Essas explicações amargas e divertidas que aprendera com o irmão faziam grande bem a Ágata, pois decompunham o “trágico” — em que sua inexperiência acreditara longo tempo como num dever — em ironia, e numa paixão que não tinha nome nem meta, e por isso mesmo não se extinguiu com aquilo que ela até então vivera.

Aliás, dessa maneira, desde que estava com o irmão percebera que na grande fissura entre vida irresponsável e fantasia espectral, que sofrera, surgia um movimento que a aliviava e ao mesmo tempo prendia novamente. Lembrou-se, por exemplo, durante aquele silêncio profundo entre livros e lembranças que pairava entre ela e o irmão, da descrição que Ulrich lhe fizera de sua andança pela cidade, penetrando por ela e sendo por ela penetrado: isso lembrava-lhe muito exatamente suas poucas semanas de felicidade. E era verdade que ela rira, sim, rira sem fundamento, loucamente, quando ele lhe contara isso, pois notara que algo dessa inversão do mundo, desse virar do avesso feliz e engraçado de que ele falava, existia até nos grossos lábios de Hagauer quando se preparavam para beijar. Embora fosse como um calafrio de horror; mas um calafrio, pensou ela, também se sente na clara luz do meio-dia, e de alguma forma sentira então que não haviam acabado todas as suas possibilidades. Um nada qualquer, uma interrupção que sempre houvera entre presente e passado, sumira nos últimos tempos.

Ela olhou em volta, dissimuladamente. A sala onde estava formara parte do espaço onde seu destino nascera; pensava pela primeira vez nisso desde que estava ali. Pois ali, quando sabia que o pai estava fora de casa, encontrara-se com seu companheiro de juventude, quando tinham tomado a grave decisão de se amarem, ali também recebera por vezes aquele “indigno”, parara diante da janela com disfarçadas lágrimas de ódio ou desespero, e ali, finalmente, estimulado pelo pai dela, Hagauer lhe fizera a corte. Enquanto mero lado avesso dos fatos, despercebido, os móveis, paredes, a luz singularmente cerrada, se tornavam estranhamente sólidos naquele momento de reconhecimento, e o que ali transcorreria formava um passado tão corpóreo, não mais ambíguo, como se fossem cinzas ou madeira carbonizada. Apenas aquela sensação cômica e espectral do passado, aquela estranha comichão que sentimos diante de um rastro antigo, ressequido, pulverizado, de nós mesmos, e no momento em que tocamos não o conseguimos espantar nem agarrar, continuava ali e era quase intoleravelmente forte.

Ágata certificou-se de que Ulrich não prestava atenção nela, e abriu cautelosamente o vestido no seio, onde trazia sobre a pele um medalhão com o retratinho do qual não se separara em todos aqueles anos. Foi até a janela, como se olhasse para fora. Cautelosamente, abriu a minúscula tampa da ostra de ouro e contemplou disfarçadamente o amado morto. Tinha lábios cheios, cabelo macio e basto, e o olhar atrevido de alguém com vinte anos brilhava num rosto ainda um tanto infantil. Por muito tempo ela não soube o que estava pensando, mas, de repente, pensou: “Meu Deus, um rapaz de vinte e um anos!”

O que conversam pessoas dessa idade? Que significados dão aos acontecimentos? Como são por vezes engraçados e petulantes! Como a vivacidade de suas idéias engana quanto ao seu valor! Ágata desenrolou curiosa, do papel de seda da memória, velhas frases que ali guardara imaginando-as muito inteligentes: meu Deus, foi quase importante, pensou. Mas na verdade nem isso se podia afirmar com segurança, quando não se imaginava o jardim onde fora pronunciado, com as flores estranhas, cujo nome desconheciam, as borboletas que se sentavam como ébrios cansados sobre elas, e a luz que jorrava sobre os rostos de ambos como se céu e terra se diluíssem neles.

Comparando-se a isso, ela era agora uma mulher idosa e experiente, embora o número de anos passados não fosse grande, e notou um pouco perturbada aquele fato errado, de que ela, com vinte e sete anos, até agora amara um rapaz de vinte; tornara-

se moço demais para ela! E indagou de si mesma: “Que sentimentos eu deveria ter, se na minha idade esse homem adolescente devesse ser a coisa mais importante para mim?” Deveriam ser emoções bem singulares; nada lhe significavam, ela nem ao menos conseguia imaginá-las direito. Na verdade, tudo se desfazia em nada.

Ágata reconheceu, numa grande sensação de entumescimento, que sucumbira a um engano na única paixão ativa de sua vida, e que o cerne desse engano fora o nevoeiro ardente que não se deixava tocar nem agarrar, ainda que se dissesse que a fê não devia envelhecer um só minuto, ou qualquer outra coisa; e era sempre aquilo de que o seu irmão falava desde que estavam juntos, e sempre era dela que falava, embora fizesse toda a sorte de alusões conceptuais, e sua cautela fosse muitas vezes lenta demais para a impaciência dela. Voltavam sempre à mesma conversa, e Ágata ardia de desejo de que o fervor dele não diminuísse.

Mas quando interpelou Ulrich, ele nem notara o quanto durara a interrupção. Quem, pelos sinais, ainda não tiver reconhecido o que acontecia entre os irmãos, que largue este relato, pois será descrita uma aventura que ele jamais poderá aprovar: uma viagem à beira do possível, passando e talvez nem sempre apenas passando pelos perigos do impossível e antinatural; um “caso limite”, como Ulrich diria mais tarde, de validade limitada e especial, lembrando a liberdade com que a matemática por vezes se serve do absurdo para chegar à verdade. Ele e Ágata enveredaram por um caminho que tinha muito a ver com os assuntos daqueles místicos arrebatados por Deus, mas seguiram-no sem serem devotos, sem acreditarem em Deus ou na alma, ou na eternidade e no reencontro. Enveredaram por ela como seres deste mundo e assim o trilharam: e exatamente isso é que era notável. Ulrich, que, no momento em que Ágata o interpelava novamente, ainda se ocupava de seus livros e dos problemas que lhe propunham, apesar disso não esquecer um só momento o diálogo interrompido pela resistência da irmã à devoção de suas professoras e sua própria exigência de “visões exatas”, e logo respondeu:

— Não é preciso ser santo para experimentar um pouco disso! Também pode mos estar sentados sobre uma árvore caída ou um banco nas montanhas, e contemplar uma manada de bois pastando, e de repente sermos transportados para uma outra vida. A gente se perde de si, e de repente volta a si: você mesma já falou disso!

— Mas o que acontece nessa hora? — perguntou Ágata.

— Para isso você primeiro precisa saber o que é o comum, Irmã Criatura! — explicou Ulrich, tentando frear o pensamento vertiginoso com uma brincadeira. — O comum é que um rebanho não nos signifique senão carne de gado pastando. Ou é um objeto pictórico, com paisagem. Ou mal tomamos conhecimento dele. Rebanhos de gado em trilhas de montanha fazem parte das trilhas de montanha, e só notaríamos o que experimentamos ao vê-los se de repente em seu lugar aparecesse um relógio elétrico ou uma casa bancária. Do contrário, refletimos se devemos nos levantar ou ficar sentados; achamos aborrecidas as moscas que rodeiam as manadas; observamos se há um touro entre eles; imaginamos aonde levará o caminho; são incontáveis pequenas intenções, preocupações, cálculos e conhecimentos, e formam juntos o papel sobre o qual está o quadro com o rebanho. Nada sabemos do papel, só do rebanho sobre ele...

— E de repente o papel se rasga! — interveio Ágata.

— Sim. Quer dizer: algum tecido habitual dentro de nós se rompe. Não há mais algo comestível pastando ali; nada que se possa pintar; nada nos cerra o caminho. Nem ao menos podemos formar as palavras “pastar” ou “relva”, porque para

isso é preciso uma série de idéias úteis e pragmáticas, que de repente perdemos. O que permanece na superfície do quadro poder-se-ia antes chamar de ondulação de sensações, que se ergue e baixa, ou respira e cintila como se preenchesse todo o campo de visão, embora sem ter contornos. Naturalmente, ali dentro estão contidas muitas percepções isoladas, cores, chifres, movimentos, cheiros, e tudo o que faz parte da realidade: mas isso já não é reconhecido, embora deva ter sido percebido. Eu diria: os detalhes não possuem mais aquele egoísmo com o qual chamam nossa atenção, mas ligaram-se entre si de maneira fraterna, ao pé da letra “intimamente”. E, é claro, também não existe mais “superfície de quadro”, mas de alguma forma tudo passa sem transição para dentro de nós.

Ágata assumiu outra vez a descrição, animada:

— Agora basta dizer egoísmo das pessoas em vez de egoísmo dos detalhes — exclamou —, e é isso que é tão difícil de expressar: “Ama teu próximo!” não significa ama-o como vocês são, mas designa uma espécie de estado onírico!

— Todas as frases da moral — afirmou Ulrich — designam uma espécie de estado onírico que já escapou das regras em que o colocamos!

— Na verdade, então não se trata de bem e mal, mas apenas de crença ou dúvida!, exclamou Ágata, a quem o estado de crença original parecia agora muito próximo, como também sua perda na moral, de que o irmão falara ao afirmar que a fé não pode envelhecer uma hora sequer.

— Sim, no momento em que escapamos da vida insubstancial, tudo assume novas relações entre si — disse Ulrich. — Quase se poderia dizer, nenhuma relação. Pois ela é totalmente desconhecida, não temos dela experiência alguma, e todas as outras relações se desfizeram; mas essa única, apesar de sua obscuridade, é tão nítida que não a podemos negar. Ela é forte, mas impalpavelmente forte. Poderíamos também dizer: habitualmente encaramos algo, e o olhar é como um pauzinho ou fio esticado no qual olho e objeto visto se apóiam mutuamente, e alguma grande trama desse tipo apóia cada segundo; mas agora, nessa relação, existe algo doloridamente doce, apartando os raios do olhar.

— Não possuímos nada no mundo, não seguramos nada, nada nos segura — disse Ágata. — É tudo como uma árvore alta em que nenhuma folha se move. E, nesse estado, não podemos cometer nenhuma baixeza.

— Diz-se que nesse estado nada pode acontecer que não harmonize com ele — completou Ulrich. — Um anseio de “lhe pertencer” é o único motivo, a doce destinação e a única forma de todo o pensamento e toda a ação que nele acontecem. Ele é algo infinitamente tranqüilo e abrangente, e tudo o que acontece nele aumenta sua significação que cresce calmamente; ou não a aumenta, e isso é o mal, mas o mal não pode acontecer, porque no mesmo momento a quietude e a claridade se rompem, e o maravilhoso estado deixa de existir.

Ulrich encarou a irmã como que a analisando, mas de modo que ela não notasse; ainda tinha a sensação de que agora teriam de interromper o diálogo. Mas o rosto de Ágata estava fechado; pensava em coisas há muito passadas. E respondeu:

— Fico admirada comigo mesma, mas realmente houve um breve tempo em que não conheci inveja, mal, vaidade, cobiça e coisas assim; é difícil de acreditar, mas parece-me que naquele tempo desapareceram de um golpe, não só do coração, mas do mundo! Então, não apenas nós não podemos ter uma atitude vil, mas os outros também não. Uma pessoa boa torna bom tudo aquilo em que toca, façam os outros con-

tra ela o que quiserem: no momento em que as coisas entram no reino dela, ficam transformadas!

— Não — disse Ulrich —, não é bem assim. Ao contrário, seria um dos mais velhos mal-entendidos! Pois uma pessoa boa não melhora o mundo em nada, não realiza nada com o mundo, apenas se isola dele!

— Mas fica no meio dele!

— Fica no meio dele, mas sente como se o espaço fosse retirado das coisas ou acontecesse algo imaginário: é difícil dizer!

— Apesar disso, tenho a impressão de que um homem “confiante” — é palavra que me ocorre! — nunca encontra algo vil em seu caminho. Pode ser bobagem, mas é uma experiência.

— Pode ser uma experiência — respondeu Ulrich —, mas também há a experiência contrária! Ou você acha que os soldados que crucificaram Jesus não tinham sentimentos vis? E eram instrumentos de Deus! Além disso, até nos testemunhos dos extáticos há tais sentimentos; queixam-se de caírem do estado de graça e sentirem uma indizível repugnância, conhecem medo, dor e vergonha, e talvez até ódio. Só quando recomeça aquele fogo quieto, o remorso, a ira, o medo e a dor se transformam em felicidade. E tão difícil julgar tudo isso!

— Quando é que *você* esteve tão apaixonado? — perguntou Ágata inesperadamente.

— Eu? Ah, já lhe contei. Eu tinha fugido para mil quilômetros de distância da amada, e quando me senti seguro contra qualquer possibilidade de ela me abraçar realmente, uivei para ela como um cão para a lua!

Então, Ágata lhe confessou a história do seu amor. Estava excitada. Já a última pergunta se desprendera como uma corda tensa demais, e o resto seguiu da mesma maneira. Seu interior fremia quando revelou o que escondera anos a fio.

Mas o irmão não ficou particularmente abalado.

— Habitualmente, as lembranças envelhecem com as pessoas — explicou — e os acontecimentos mais passionais assumem com o tempo uma perspectiva cômica, como se os víssemos ao fim de noventa e nove portas abertas umas atrás das outras. Mas, às vezes, quando se ligam a emoções muito fortes, antigas lembranças isoladas não envelhecem, e mantêm presas em si camadas inteiras do ser. Foi o seu caso. Em quase todas as pessoas há tais pontos que deformam um pouco a simetria psíquica; seu comportamento jorra sobre elas como um rio sobre uma rocha invisível, e em você isso apenas foi muito forte, de modo que quase aconteceu uma parada. Mas, por fim, você se libertou, voltou a se mover!

Ele explicou isso com a calma de um raciocínio quase profissional; desviava-se facilmente do assunto! Ágata ficou infeliz, e disse, obstinada:

— Claro que estou me movendo, mas não é disso que falo! Quero saber aonde quase cheguei! — Também estava aborrecida, sem querer, apenas porque precisava expressar de alguma forma a sua excitação; mas, apesar dela, continuou falando no sentido original de sua emoção, e sentia-se completamente tonta entre a ternura de suas palavras e a raiva do fundo. Assim, falou do singular estado de receptividade e sensibilidade exacerbadas, que provoca um transbordar e retomar de impressões, o que leva à sensação de estar-se ligado a todas as coisas como no macio espelho das águas, e de dar e receber involuntariamente; essa maravilhosa sensação de deslimitação e ilimitado do exterior e do interior, comum ao amor e à mística!



Naturalmente, Ágata não colocou isso nessas palavras que já implicam uma explicação, mas apenas enfileirou apaixonados fragmentos de sua lembrança; também Ulrich, embora já tivesse refletido sobre isso muitas vezes, não possuía explicação para esses fatos, nem sabia se deveria tentar explicá-los na maneira deles ou segundo o processo comum, pela razão; ambos os modos não lhe eram estranhos, mas o mesmo não se dava com sua irmã, presa de sensível paixão. O que ele expressou na resposta foi por isso apenas uma intermediação, uma espécie de análise de possibilidades. Apontou para o singular parentesco que existia entre pensamento e moral naquele estado de exaltação de que falavam, de modo que cada pensamento era sentido como felicidade, acontecimento e dádiva, não entrando em depósitos nem se ligando aos sentimentos de posse e domínio, conservação e observação: tanto na cabeça como no coração o prazer pela posse de si mesmo era substituído por um ilimitado dar-se e entrelaçar-se.

— Uma vez na vida — respondeu Ágata, romanticamente decidida —, tudo o que fazemos acontece para outra pessoa. Vemos o sol brilhar para ela. Ela está por toda parte, e nós em parte alguma. Mas isso não é um “egoísmo a dois”, pois o outro precisa sentir a mesma coisa. Por fim, os dois quase não existem mais um para o outro, e o que resta é um mundo para duas pessoas apenas, constando de reconhecimento, entrega, amizade e altruísmo!

Na escuridão do quarto, a face dela ardia de fervor como uma rosa posta à sombra. Ulrich pediu:

— Vamos falar com mais sobriedade outra vez; essas questões vivem sendo embrulhadas!

Ela também achou que estava certo. Talvez a raiva que ainda não desaparecera de todo fizesse seu encantamento ficar um pouco afastado pela realidade evocada; mas não era uma sensação desagradável, aquele inseguro tremor de um limite.

Ulrich começou a falar do erro que era explicar as experiências de que falavam como se nelas não acontecesse apenas uma modificação singular do pensamento, mas um pensamento sobre-humano aparecesse em lugar do comum. Não importa se se chamava isso de iluminação divina ou, segundo a moda do tempo, apenas intuição, ele o considerava o principal obstáculo para uma verdadeira compreensão. Estava convencido de que nada se ganhava cedendo a fantasias que não resistissem a um exame detido. Era como as asas de cera de ícaro, que derretem nas alturas, exclamou. Se não se queria voar apenas em sonho, era preciso tentar também com asas de metal.

Apontando para os livros, ele prosseguiu algum tempo depois:

— Esses são depoimentos cristãos, judaicos, indianos, e chineses; entre alguns deles há mais de um milênio. Apesar disso, reconhece-se em todos a mesma estrutura do movimento interior, que se desvia do comum, mas em si é coerente. Distinguem-se uns dos outros praticamente por aquilo que provém da ligação com uma determinada doutrina teológica e de sabedoria celestial, sob cujo teto protetor encontraram abrigo. Portanto, podemos pressupor um segundo e inusitado estado de grande importância, de que o homem é capaz, e que é mais antigo do que as religiões.

— De outro lado, as igrejas — disse ele —, isto é, as comunidades civilizadas de pessoas religiosas, sempre trataram esse estado com uma desconfiança parecida à de um burocrata diante da empresa privada. Jamais reconheceram sem reservas essa experiência de exaltação interior, ao contrário, fizeram grandes e aparentemente justi-

ficados esforços para colocar em seu lugar uma moral regulamentada e compreensível. Assim, a história desse estado parece uma progressiva negação e diluição, lembrando a drenagem de um pântano. — E depois concluiu:

—E quando o regime espiritual da Igreja e seu vocabulário envelheceram, compreensivelmente começamos a considerar nosso estado unicamente fantasia. Por que a cultura burguesa, quando assumiu lugar da religiosa, seria mais religiosa que ela? Ela transformou aquele outro estado no cão que traz conhecimentos à mão do dono. Hoje, há uma porção de pessoas que se queixam da razão e gostariam de nos persuadir de que, nos seus momentos de maior sabedoria, pensam com ajuda de uma capacidade especial, superior ao pensamento. Isso é um último resquício público, já totalmente racionalizado; o último resquício daquela drenagem tornou-se conversa mole! Portanto, admite-se o velho estado unicamente na poesia ou em pessoas incultas, nas primeiras semanas do amor, como perturbação passageira; são, por assim dizer, folhas verdes tardias, que por vezes brotam na madeira das camas e das cátedras: mas onde ele pretende recuperar seu intenso crescimento primitivo, é cruelmente arrancado e exterminado!

Ulrich falara mais ou menos tanto tempo quanto um cirurgião leva para lavar as mãos e braços a fim de não levar micróbios ao campo cirúrgico; também com a paciência, a entrega e a indiferença opostas à excitação que o trabalho iminente trará consigo. Depois de haver-se esterilizado totalmente, porém, ele pensou quase que com nostalgia em um pouco de infecção e febre, pois não apreciava a sobriedade apenas por si mesma. Ágata estava sentada numa escadinha que servira para apanhar os livros, e, mesmo quando o irmão se calou, não deu sinal de entender; estava olhando para fora, para o infinito cinzento do céu que parecia um mar, e escutou o silêncio como antes escutara palavras. Então Ulrich continuou falando um pouco por birra que mal conseguia disfarçar sob um tom de brincadeira:

— Voltemos ao nosso banco nas montanhas com a manada de bois — pediu. — Imagine algum funcionário de escritório sentado ali em calças de couro recém-compradas, com suspensórios verdes, sobre os quais está bordado “Deus convosco”: ele representa o conteúdo real da vida, que está de férias. Com isso, a consciência que ele tem de sua existência naturalmente mudou por um momento. Quando vê o rebanho, não conta, não calcula, não avalia o peso das reses, perdoa os inimigos e tem pensamentos ternos sobre a família. O rebanho passou de objeto prático a objeto moral para ele. Naturalmente, também pode ser que ainda avalie e calcule um pouco, e não perdoe inteiramente, mas então pelo menos tudo isso estará rodeado de rumor de floresta, murmúrio de regato, e brilho de sol. Numa frase, pode-se dizer assim: O que normalmente forma o conteúdo da vida parece-lhe agora “distante” e “na verdade sem importância”.

— E um estado de espírito de férias — completou Ágata mecanicamente.

— Muito bem! E se a existência não-de-férias lhe parece “na verdade sem importância” nessa hora, isso apenas acontece enquanto durarem as férias. Portanto, essa é a verdade, hoje: o homem tem dois estados de vida, de consciência e de pensamento, e defende-se de um mortal susto que isso lhe causaria, considerando um como férias do outro, para interrupção, descanso ou qualquer coisa que pensa conhecer. Em compensação, a mística se ligaria ao propósito de férias permanentes. O chefe de escritório consideraria isso coisa desonrosa e, como aliás sempre faz no fim das férias, sentiria que a verdadeira vida fica no seu bem arrumado escritório. E nós, sen-

timos coisa diferente? Em última análise, levamos a sério aquilo que pode ser posto em ordem. E essas experiências têm pouca sorte, pois não superaram em milhares de anos a sua incompletude e desordem primitiva. E para isso existe o conceito de loucura — loucura religiosa ou loucura de amor, como quiser; pode ter certeza: hoje, até a maioria das pessoas religiosas estão de tal maneira contagiadas pelo pensamento científico que não se atrevem a examinar o que arde no mais íntimo de seus corações, e a qualquer momento estariam dispostas a dar a esse fervor a designação médica de loucura, embora oficialmente falem de outro modo!

Ágata fitou o irmão, o olhar crepitando como fogo na chuva.

— Agora, você afinal conseguiu manobrar e nos tirar da confusão! — acusou-o, quando ele não falou mais.

— Tem razão — admitiu ele. — Mas o singular é que vedamos tudo isso como a um poço suspeito, mas, mesmo assim, alguma gota remanescente dessa inquietante água milagrosa queima abrindo um buraco em todos os nossos ideais. Nenhum deles é inteiramente correto, nenhum deles nos faz felizes; todos apontam alguma coisa que não existe; hoje mesmo já falamos bastante sobre isso. Nossa cultura é um templo daquilo que, sem reservas, chamaríamos de loucura, mas é ao mesmo tempo seu reservatório, e não sabemos se sofremos por excesso ou carência.

— Talvez você nunca tenha tido coragem de se dedicar inteiramente a esse assunto — disse Ágata lamentando, e desceu de sua escadinha; pois estavam ocupados com a urgente arrumação dos manuscritos do pai, só se tinham desviado disso pelos livros, depois pela conversa.

Agora, recomeçavam a examinar as ordens e anotações que se relacionavam com a divisão da sua fortuna, pois o dia em que Hagauer chegaria estava próximo; antes, porém, de começarem seriamente esse trabalho, Ágata ergueu-se dos papéis e perguntou de novo:

— Até que ponto você mesmo acredita em tudo o que me contou? Ulrich respondeu sem erguer os olhos:

— Imagine que no rebanho se encontre um touro furioso, enquanto seu coração está afastado do mundo! Tente acreditar realmente que a enfermidade mortal de que você falou tivesse transcorrido de outra forma, se sua emoção não tivesse cessado um segundo! — Depois, ergueu a cabeça e apontou para os papéis sob suas mãos. — É lei, direito, medida? Você acha que tudo isso é totalmente supérfluo?

— Então, até que ponto você acredita? — repetiu Ágata.

— Sim e não — disse Ulrich.

— Então é não — completou Ágata.

Foi um acaso que interveio na conversa; quando Ulrich, que não tinha vontade de retomar esse diálogo, nem estava suficientemente calmo para pensar em negócios, juntava os papéis espalhados à sua frente, alguma coisa caiu no chão. Era um amontoado de toda a sorte de coisas, retirado por engano com o testamento de um canto da gaveta da escrivaninha, onde certamente estivera décadas a fio, sem que seu dono soubesse.

Ulrich contemplou, distraído, o que levantara do chão, e reconheceu em algumas folhas a letra do pai; mas não era a letra da sua velhice, e sim dos anos de maturidade; olhou melhor, e viu que além de textos escritos havia cartas de baralho, fotografias e toda a sorte de quinquilharia, e compreendeu depressa o que encontrara. Era a gaveta secreta da escrivaninha. Havia toda a sorte de piadas picantes, anotadas com

cuidado; fotografias de mulheres despidas; cartões postais fechados, ainda por serem enviados, mostrando robustas pastoras cujas calcinhas se podiam abrir atrás; baralhos que pareciam normais mas, postos contra a luz, mostravam coisas horríveis; homenzinhos que punham tudo para fora quando se apertavam suas barrigas; e muitas coisas desse tipo. Certamente o ancião nem se lembrara mais desses objetos na gaveta, pois senão os teria destruído em tempo. Obviamente ainda vinham dos anos viris, em que não poucos solteirões e viúvos que começam a envelhecer se excitam com tais sem-vergonhices, mas Ulrich corou diante da fantasia insperadamente exposta do pai, agora liberta da carne pela morte. A relação com o diálogo interrompido lhe foi clara no mesmo instante. Apesar disso, pretendia seriamente destruir esses documentos antes que Ágata os visse, mas ela já vira que havia algo inusitado na sua mão, de modo que ele mudou subitamente de idéia e a chamou.

Quis ver o que diria. De repente, estava outra vez dominado pela idéia de que afinal ela era mulher experiente, o que ficara totalmente esquecido durante as conversas. Mas o rosto dela não traiu o que pensava; fitou séria e calma aquele espólio ilícito do pai, e por vezes sorriu abertamente, mas sem animação. Assim, contrariando suas intenções, Ulrich começou:

—Esse é o último resquício da mística! — disse em tom aborrecido e divertido. — Na mesma gaveta as severas e éticas exortações do testamento, e essa imundície!

Ele se levantara e começou a andar pelo quarto. E mal começara a falar, o silêncio da irmã o levou a dizer outras coisas:

—Você me perguntou em que acredito — começou. — Acredito que todas as regras de nossa moral são concessões a uma sociedade de selvagens.

Creio que nenhuma é justa.

Há outro sentido por trás disso. Um fogo que as deve derreter e transformar.

Creio que nada terminou.

Creio que nada se equilibra mas que tudo gostaria de se elevar mutuamente.

É nisso que creio; nasci com isso, ou essa crença nasceu comigo. Ele parará depois de cada frase, pois não falava alto e precisava enfatizar de alguma forma sua profissão de fé. Agora, seus olhos se prenderam às estátuas clássicas de gesso, lá em cima na beira das prateleiras; viu uma Minerva, um Sócrates; lembrou que Goethe colocara no quarto uma cabeça de Juno maior do que o natural. Essa preferência lhe pareceu assustadoramente distante: o que outrora fora uma idéia florescente, agora passara a ser classicismo morto. Tornara-se aquele discurso ressequido e serôdio sobre justiça e dever, próprio dos contemporâneos do pai. Fora tudo em vão.

—A moral que nos foi transmitida é como se nos mandassem sobre um arame oscilante acima de um abismo — disse ele —, e não nos dessem nenhum conselho senão: fique bem duro!

Parece que, sem minha colaboração, nasci com outra moral. Você me perguntou em que acredito! Creio que se pode provar mil vezes por razões válidas que uma coisa é boba ou bela, e me será indiferente, e eu só me orientarei segundo os sinais em mim: se sua presença me eleva ou me arrasta para baixo!

Se me desperta para a vida, ou não.

Se só minha língua fala a respeito, e meu cérebro, ou os raios do calafrio nas pontas de meus dedos. Mas também não consigo provar nada.

E até estou convencido de que um ser humano que cede a isso está perdido. Perde-se na penumbra. No nevoeiro e no palavrório. Em um tédio informe.

Se você retirar da nossa vida o que é unívoco, resta um tanque de carpas sem o lúcio que as persiga.

Creio então que o mais infame ainda é o espírito que nos protege. Portanto, não creio!

Mas especialmente não creio na dominação do mal pelo bem, que forma a nossa confusa cultura: isso me repugna! Portanto, creio e não creio!

Mas talvez creia que em algum tempo as pessoas se tomem em parte inteligentes, em parte místicas. Talvez nossa moral já hoje esteja se dividindo nesses dois elementos. Eu também poderia dizer: em matemática e mística. Em melhoria prática, e aventura desconhecida! Há anos ele não se mostrava tão abertamente excitado. Os “talvez” em sua fala, ele não os sentia, apenas lhe pareciam naturais.

Enquanto isso, Ágata se ajoelhara diante da estufa; tinha o pacote de fotos e escritos ao lado no chão, contemplou mais uma vez cada um e depois os foi colocando no fogo. Não era totalmente insensível à grosseira sensualidade daquelas indecências que contemplava. Sentia o corpo excitado interiormente. Parecia-se tão pouco com ela mesma como quando num lugar deserto e solitário se escuta uma lebre farfalhar. Não sabia se deveria sentir vergonha diante do irmão se lhe dissesse isso; mas estava cansada demais, e não quis falar. Também não escutava o que ele dizia; seu coração fora abalado demais por aquele ir e vir, e não conseguia mais prestar atenção. Os outros sempre tinham sabido melhor que ela o que estava certo; pensou nisso, mas, talvez por sentir vergonha, pensou com um segredo desafio. Seguir um caminho secreto ou proibido: nisso sentia-se superior a Ulrich. Ouviu-o desdizer cautelosamente tudo aquilo que dissera arrebatado, e suas palavras soaram como grandes gotas de felicidade e tristeza nos ouvidos dela.

## ULRICH RETORNA E O GENERAL O ÍNFORMA DE TUDO O QUE PERDEU

Quarenta e oito horas depois, Ulrich estava em sua casa abandonada. Era no começo da tarde. A casa estava cuidadosamente arrumada, limpa e lustrada; e exatamente como os deixara antes de sua precipitada partida, sobre as mesas, lá estavam seus livros e manuscritos, mantidos assim pela mão do criado, abertos ou varados de sinais incompreensíveis, um ou outro papel ainda com um lápis entre as folhas, que ele largara ali. Mas tudo frio e hirto, como o conteúdo de um cadinho cujo fogo se esquecessem de alimentar.

Ulrich fitou, doloridamente lúcido e perplexo, aquela marca de uma hora passada, matriz de intensas excitações, e idéias que a tinham enchido. Sentiu uma indizível repugnância de tocar esses restos de si mesmo. “Agora isso se estende pelas portas por toda a casa até aquela ridícula galharia no saguão”, pensou. “Que vida levei nesse último ano!” E, parado como estava, fechou os olhos para não ver nada. “Que bom que em breve ela virá ter comigo e aí vamos mudar tudo por aqui!”, pensou. Mas depois, desejou reviver as últimas horas que passara naquele lugar; pareceu-lhe ter sido há uma eternidade, e quis fazer comparações. Clarisse: não era nada. Mas antes e depois: a excitação singular com que corraera para casa, e depois aquele desmoronamento tresnoitado do mundo! “Como ferro quando amolece ao calor muito forte”, refletiu. “Começa a escorrer, mas continua sendo ferro. Um homem entra no mundo, com toda a força”, pensou, “mas, de repente, ele se fecha ao seu redor, e tudo parece diferente. Não há mais relações, nem caminhos que ele tenha trilhado e precise prosseguir. Um cintilante estar encerrado no local onde há pouco se via um objetivo, o vazio que há antes de qualquer objetivo.”

Ulrich continuava de olhos cerrados. Lentamente, como sombra, retornou a sensação. Foi como se voltasse ao lugar onde ele estivera parado aquela vez, e estava agora novamente, essa sensação, que ficava mais no espaço fora dele do que em seu interior; na verdade, não era nem uma sensação nem um pensamento, mas um acontecimento misterioso. Quando se esteve superexcitado e solitário como ele naquela ocasião, podia-se acreditar que o ser do mundo se virasse pelo avesso; e de súbito ele viu claramente — inconcebível era apenas isso só acontecer agora —, exposto como uma retrospectiva calma e aberta, que já naquela vez sua sensação prenunciara o encontro com a irmã, pois a partir daquele instante seu espírito fora dirigido por forças estranhas, até... mas aí, Ulrich virou-se, antes de poder pensar “ontem”, afastou-se rapidamente de suas lembranças, como se tivesse batido numa aresta; ali havia algo em que ainda não queria pensar!

Aproximou-se da escrivaninha e examinou a correspondência, sem tirar as roupas de viagem. Ficou decepcionado por não ver um telegrama da irmã, embora não devesse esperar nenhum. Uma montanha de votos de pêsames jazia ali misturada com relatórios científicos e prospectos de livrarias. Duas cartas de Bonadéia, tão grossas ao tato que ele nem chegou a abri-las. Também um pedido urgente do Conde Leinsdorf, para que o visitasse, e duas cartinhas melífluas de Diotima, que também o convidava a aparecer assim que chegasse; lida com atenção, uma, a posterior, continha nas entrelinhas um tom amigável, não oficial, muito delicado, melancólico e quase terno. Ulrich conferiu as chamadas telefônicas anotadas durante sua ausência: General von Stumm, subsecretário Tuzzi, duas vezes o secretário particular do Conde Leinsdorf, várias vezes uma dama que não deu o nome, e provavelmente fora Bonadéia, o diretor de banco Leo Fischel, e outros assuntos de negócios.

Enquanto Ulrich lia tudo isso, ainda parado junto à escrivaninha, o aparelho tocou, e, quando ele atendeu, anunciou-se um “Cabo Hirsch, Ministério da Guerra, Seção de Educação e Cultura”, chocado por deparar inesperadamente com a voz do próprio Ulrich, assegurando com insistência que o senhor general dera ordens de telefonar todas as manhãs pelas dez horas e que estaria imediatamente em pessoa ao telefone.

Cinco minutos depois, Stumm protestava que na mesma manhã teria de assistir a “reuniões extraordinariamente importantes”, e que precisava sem falta falar com Ulrich antes delas; quando este perguntou o que era e por que não podia ser resolvido

ao telefone, Stumm suspirou no aparelho e anunciou “comunicações, preocupações, problemas”, sem dizer nada de determinado. Vinte minutos mais tarde, porém, um fiacre do Ministério da Guerra parou diante do portão, e o General Stumm entrou na casa, seguido de um ordenança com uma grande pasta de couro pendurada no ombro. Ulrich, que conhecia esse receptáculo das preocupações espirituais do general, dos planos de marcha e cadastros de grandes ideais, enrugou a testa interrogativamente. Stumm von Bordwehr sorriu, mandou o ordenança de volta ao carro, abriu o casaco para tirar a chavezinha do fecho de segurança, que trazia numa corrente ao pescoço, não disse palavra, e tirou da pasta, que não tinha mais nada, dois pedaços de pão do exército.

— Nosso novo pão — explicou depois de uma pausa teatral —, eu o trouxe para você saborear!

— Mas que simpático de sua parte — disse Ulrich —, trazer-me pão depois de eu passar a noite toda viajando, em vez de me deixar descansar.

— Se você tiver aguardente em casa, o que deve ter — contrapôs o general —, pão e aguardente são o melhor café da manhã depois de uma noite sem dormir. Uma vez, você me disse que nosso pão do exército é a única coisa de que gostou no serviço do Imperador, e eu desejaria afirmar que o exército austríaco está à frente de todos os outros exércitos no fabrico do pão, especialmente desde que a Intendência instaurou esse novo tipo “1914”! Por isso eu o trouxe, é um dos motivos. E além do mais, também vim por uma questão de princípios. Naturalmente não preciso passar o dia sentado na minha poltrona e prestar contas de cada passo que dou fora da sala, isso é claro; mas você sabe que o estado-maior não se chama em vão de Corpo de Jesuítas; sempre se comenta quando alguém sai muito, e Sua Excelência von Frost, meu chefe, afinal também ainda não deve ter uma idéia bem clara das dimensões do espírito — do espírito civil, quero dizer — e por isso, há algum tempo sempre levo comigo a pasta e o ordenança quando preciso dar uma saidinha, e para que o ordenança não pense que a pasta está vazia, sempre coloco dois pedaços de pão lá dentro.

Ulrich teve de rir, e o general também riu, divertido.

— Você parece se divertir menos com as grandes idéias da humanidade do que antes, hem? — perguntou Ulrich.

— Agora, todos se divertem menos — explicou Stumm, cortando pão com seu canivete. — Agora foi dado o lema: ação!

— Vai ter de me explicar isso.

— Para isso estou aqui. Você não é um verdadeiro homem de ação!

— Não?

— Não.

— Não sei!

— Talvez eu também não saiba. Mas as pessoas comentam.

— Quem são “as pessoas”?

— Arnheim por exemplo.

— Você está se dando bem com Arnheim?

— Ora, claro. Nos damos maravilhosamente bem. Se ele não fosse um espírito tão grande, até já estaríamos nos tratando por você!

— Você também está ligado às jazidas de petróleo?

O general bebeu da aguardente que Ulrich mandara trazer e mastigou pão, para ganhar tempo.

— Gosto ótimo — disse, e continuou mastigando.

— Claro que está ligado ao petróleo! — constatou Ulrich numa súbita iluminação. — É um assunto que interessa ao seu setor da Marinha, por causa do abastecimento de navios. E se Arnheim quiser comprar esses poços de petróleo, tem de concordar em fornecer-lhes barato. De outro lado, a Galícia é território de concentração e barreira contra a Rússia, portanto vocês terão de tomar providências para que a exploração de petróleo que ele pretende instalar ali seja especialmente bem protegida em tempos de guerra. Portanto, ele vai atender a vocês com sua fábrica de blindados para os canhões que desejam. Como é que não vi isso antes! Vocês simplesmente nasceram uns para os outros!

O general, por cautela, mastigara mais um pedaço de pão; mas agora não podia mais conter-se e disse, com grande esforço de engolir o que lhe enchia a boca:

— Atender? Falar é fácil; você nem tem idéia de como ele é unha-de-fome! Desculpe! — corrigiu —, com que dignidade ética ele trata um negócio desses! Eu não tinha idéia de que, por exemplo, dez reais por tonelada de quilômetro de ferrovia fossem um problema ideológico, que nos obriga a reler o Goethe ou uma história da filosofia!

— É você quem está dirigindo essas negociações? O general bebeu mais aguardente.

— Eu nem disse que existem negociações! Por mim, pode dizer que são trocas de idéias.

— E você está encarregado delas?

— Ninguém foi encarregado de nada. A gente está simplesmente falando. De vez em quando, pode-se falar de outro assunto que não a Ação Paralela. E se alguém fosse encarregado, certamente não seria eu. Isso não é assunto para o Departamento de Cultura e Educação. Uma coisa dessas cabe ao Gabinete Central ou quando muito à Intendência. Se eu estou participando, é só como uma espécie de conselheiro perito em questões do espírito civil, e por assim dizer como intérprete, porque Arnheim é tão culto.

— E porque, através de mim e de Diotima, você se encontra o tempo todo com ele! Caro Stumm, se quiser que eu continue a escutar pacientemente, terá de me dizer a verdade!

Entrementes, Stumm se preparara para isso.

— Por que pergunta, seja sabe tudo? — respondeu decepcionado. — Acha que pode me fazer de bobo, e que eu não sei que Arnheim lhe faz confidências?

— Eu não sei de nada!

— Mas acaba de dizer que sabe!

— Sei isso das jazidas de petróleo.

— E depois disse que temos interesses comuns com o Arnheim nessas jazidas. Dê-me sua palavra de honra de que sabe, e aí posso lhe dizer tudo.

Stumm von Bordwehr pegou a mão relutante de Ulrich, fitou-o nos olhos e disse com jeito maroto:

— Bom, já que me deu a palavra de honra de que já sabia de tudo, dou-lhe a minha de que sabe mesmo, certo? Mas não há. O Arnheim gostaria de nos usar, e nós a ele. Sabe, às vezes tenho os mais complicados conflitos de alma por causa de Diotima! — exclamou. — Mas não conte nada a ninguém, é segredo militar! — O general ficou alegre. — Aliás, você sabe o que é um segredo militar? — prosseguiu.



— Quando, há alguns anos, houve a mobilização na Bosnia, quiseram me cortar do Ministério da Guerra, eu ainda era coronel, e me nomearam comandante de um batalhão de recrutas; eu podia naturalmente dirigir uma brigada, mas, como passo por cavalariano, e porque queriam me cortar, me mandaram para um batalhão. E como é preciso dinheiro para fazer guerra, quando cheguei lá embaixo também me deram a caixa-forte do batalhão. Você viu uma coisa assim, no seu tempo de soldado? Parece um caixão fúnebre ou um caixote de ração. É de madeira grossa e tem tiras de ferro ao redor, como um portão de fortaleza. Há três fechaduras, e três homens carregam as chaves, para que ninguém possa abrir a caixa sozinho: o comandante e dois guardas da caixa. Então, nós nos juntamos como para uma reza, quando cheguei lá embaixo, e abrimos as fechaduras um depois do outro, e retiramos respeitosamente os pacotes de notas; eu me senti como um arcebispo com dois ajudantes, só que em vez do Evangelho se liam cifras de protocolos do erário. Quando acabamos, fechamos a caixa de novo, colocamos as tiras de ferro, trancamos as fechaduras, tudo como no começo, apenas em ordem inversa; tive de dizer alguma coisa que não lembro mais, e a solenidade terminou. Aí eu pensei, e você também teria pensado, como se tem de respeitar a inabalável prudência da administração militar em tempo de guerra. Mas naquele tempo, eu tinha um cachorrinho fox, antes desse que tenho agora, era um bicho inteligente e não havia regulamento dizendo que ele não podia participar; só que ele não podia ver buraco sem começar logo a cavar feito louco. Quando estou querendo ir embora, percebo que o Spot, era o nome dele, pois era inglês, estava mexendo na caixa, e não havia jeito de tirá-lo de lá. Muitas vezes se ouviu dizer que, pela fidelidade, os cães desmascararam muitas das mais secretas conspirações, e estávamos quase em guerra, então pensei: vamos ver o que o Spot tem, e o que imagina que havia com o Spot? Sabe, a Intendência não dá as coisas mais novas para os batalhões de recrutamento, por isso também a caixa do nosso batalhão era velha e venerável, mas eu nunca teria imaginado que, enquanto nós três, na frente, a trancávamos, ela tivesse um buraco atrás, perto do chão, tão grande que dava para enfiar o braço! Havia um nó na madeira, que tinha caído numa das guerras anteriores. Mas, o que vai se fazer; todo o alarma na Bosnia passara quando chegou o substituto pedido, e até ali, todas as semanas pudemos celebrar nossa solenidade; eu apenas deixei o Spot em casa, para ele não trair um segredo. Portanto, às vezes um segredo militar tem esse aspecto!

— Bom, penso que você ainda não está sendo tão aberto quanto esse seu baú — respondeu Ulrich. — Afinal, vocês vão ou não fechar o negócio?

— Não sei. Minha palavra de estado-maior: ainda não chegamos a esse ponto.

— E Leinsdorf?

— Esse naturalmente não tem idéia. Também não o conquistamos para o lado de Arnheim. Ouvi dizer que se aborreceu terrivelmente com a manifestação, que você ainda presenciou: agora é totalmente contra os alemães.

— Tuzzi? — perguntou Ulrich continuando seu interrogatório.

— E o último que deve saber de qualquer coisa! Ele estragaria o plano imediatamente. Naturalmente todos queremos a paz, mas nós militares temos outra maneira de servir a paz do que os burocratas!

— E Diotima?

— Mas pelo amor de Deus! Isso é absolutamente assunto de homem, nem de luvas ela pode pensar numa coisa dessas! Nem tenho coragem de a incomodar com a verdade. Entendo que o Arnheim não lhe diga nada. Sabe, ele fala muito, e bem!

Deve assim ser um prazer ao menos uma vez calar sobre um assunto. Imagino que seja como tomar um *bitter* para o estômago!

— Você sabe que virou um canalha? Saúde! — Ulrich bebeu.

— Não, canalha não — defendeu-se o general. — Sou membro de uma comissão ministerial. Numa comissão cada um apresenta o que deseja obter e julga certo, e por fim resulta algo que não é inteiramente a vontade de nenhum dos participantes: o resultado. Não sei se me entende, não posso me expressar melhor.

— Claro que entendo. Mas, mesmo assim, estão-se portando muito mal com Diotima.

— Eu lamentaria muito isso — disse Stumm. — Mas, sabe, um carrasco é um sujeito desonesto, não há como negar; em compensação, o fabricante de cordas, que apenas as fornece à direção da prisão, pode ser membro de uma Sociedade Ética. Você não está levando isso em consideração.

— Você aprendeu isso com Arnheim!

— Pode ser. Não sei. Hoje em dia a gente acaba com um espírito tão complicado — queixou-se o general honestamente.

— E o que querem que eu faça?

— Olhe, pensei que afinal você foi oficial...

— Tudo bem, mas como é que isso combina com “homem de ação”? — perguntou Ulrich, ofendido.

— Homem de ação? — repetiu o general espantado.

— Mas você começou todo esse assunto dizendo que eu não sou um homem de ação.

— Ah, sim. Naturalmente não tem nada a ver. Foi só um jeito de começar. Quero dizer, o Arnheim não acha que você seja exatamente um homem de ação. Uma vez disse isso. Ele acha que você não tem nada para fazer, e aí fica pensando coisas. Mais ou menos isso.

— Quer dizer, coisas inúteis, que não se deixam transferir para “as esferas do poder”? Pensamentos apenas pelos pensamentos? Em suma, corretos e independentes, é isso? Ou, quem sabe, os pensamentos de um “esteta desligado do mundo”?

— Sim — disse Stumm diplomaticamente. — Mais ou menos isso.

— Mais ou menos o quê? Que acha você mais perigoso para o espírito: sonhos ou jazidas de petróleo? Não precisa ficar entupindo a boca de pão, pare com isso! Não me interessa o que Arnheim pensa de mim. Mas você disse no começo: “por exemplo, Arnheim”. Então, quem mais acha que não sou suficientemente homem de ação?

— Bom, você sabe, — assegurou Stumm —, não são poucos. Eu lhe disse que agora deram como lema a ação.

— Que quer dizer isso?

— Também não sei direito. O Leinsdorf disse que tem de acontecer alguma coisa, logo! Foi assim que tudo começou.

— E Diotima?

— Diotima disse que há um novo espírito. E, no concílio, muitas pessoas estão dizendo isso. Eu queria saber se você conhece a sensação: uma tontura na barriga, diante de uma mulher que também tem uma cabeça tão fantástica!

— Acredito — admitiu Ulrich, que não deixava Stumm escapar —, mas quero saber o que Diotima diz desse novo espírito.

— O que todos dizem — respondeu Stumm. — As pessoas do concílio dizem que nosso tempo terá um novo espírito. Não logo, mas em alguns anos; caso não aconteça nada de especial antes disso. Esse espírito não conterà muitas idéias. Também não é hora de emoções. Idéias e emoções são mais para gente que não tem o que fazer. Em suma, trata-se de um espírito de ação, mais não sei também. Mas, por vezes — acrescentou o general, pensativo —, já imaginei se isso não seria simples mente o espírito militar.

— Uma ação precisa de sentido! — desafiou Ulrich, e, com toda a gravidade por trás daquele diálogo com tons amalucados recordou a primeira conversa que tivera a respeito com Ágata, no fortim dos suecos.

Mas também o general disse:

— Foi o que acabei de dizer. Quando não se tem nada a fazer, e não se sabe o que fazer consigo mesmo, fica-se ativo! A gente berra, bebe, briga e atormenta o cavalo e os homens. Mas, de outro lado, você tem de admitir: quando se sabe direito o que se quer, acaba-se ficando um hipócrita. Veja um desses rapazes do estado-maior, quando fecha os lábios calado, e faz uma cara como a do Moltke: dez anos mais tarde ele terá uma pança de comandante debaixo dos botões; não uma barriga benevolente como a minha, e sim cheia de veneno. Portanto, é difícil dizer quanto sentido precisa haver numa ação. — Ele refletiu e acrescentou:

— Quando a gente se dedica de verdade, pode-se aprender uma porção de coisas no exército, cada vez me convenço mais disso; mas não acha que seria por assim dizer mais simples se encontrássemos a grande idéia?

— Não — objetou Ulrich. — Aquilo foi bobagem.

— Bom. Mas então, resta realmente só a ação — suspirou Stumm. — Eu próprio já estou quase declarando isso. Aliás, você se lembra que uma vez o preveni de que todos esses pensamentos arrogantes iam acabar num golpe de morte? A gente teria de impedir isso! — constatou. — Alguém teria de assumir a liderança!

— E que tarefa a sua bondade pretende me atribuir? — perguntou Ulrich bocejando sem disfarçar.

— Eu já estou indo — afirmou Stumm. — Mas depois de nos termos, entendido tão bem, você teria uma tarefa importante, se quisesse ser um camarada fiel: algumas coisas não andam bem entre Diotima e Arnheim!

— Não me diga! — O dono da casa animou-se um pouco.

— Você mesmo vai ver, nem preciso lhe contar nada! Além disso, ela faz mais confidências a você do que a mim.

— Ela anda lhe fazendo confidências? Desde quando?

— Ela se acostumou um pouco comigo — disse o general orgulhoso.

— Parabéns.

— Sim. Mas você tem de procurar o Leinsdorf sem demora. Por causa da repulsa dele pelos prussianos.

— Não vou.

— Olhe aqui, eu sei que você não gosta do Arnheim. Mas tem de ir.

— Não por isso. Eu não vou ver Leinsdorf.

— Por que não? Um velho tão fino. Arrogante, eu não o suporto, mas para com você ele é fantástico.

— Eu vou me retirar de toda essa história.

— Mas o Leinsdorf não vai permitir. Nem Diotima. Muito menos eu! Você não vai me deixar sozinho, vai?

— Eu acho toda essa história idiota demais.

— Nisso você tem razão, como sempre. Mas o que não é idiota? Olhe, eu sou completamente idiota sem você. Portanto, vá ver o Leinsdorf por amor a mim!

— Mas o que há com Diotima e Arnheim?

— Não lhe digo, senão você acaba não indo procurar nem Diotima! — De repente, o general teve uma idéia que o iluminou: — Se quiser, o Leinsdorf pode lhe arranjar um secretário que o substitua em todas as coisas que o aborrecem. Ou eu lhe dou um, do Ministério da Guerra. Você se afasta o quanto quiser, mas continua me protegendo!

— Primeiro, me deixe dormir direito — pediu Ulrich.

— Não vou enquanto você não disser sim.

— Muito bem, vou consultar o travesseiro — concedeu Ulrich. — Não esqueça de botar de novo na pasta o pão da ciência militar!

## 14

### NOVIDADES ENTRE WALTER E CLARISSE. UM EXIBICIONISTA E SEU PÚBLICO

Foi a inquietação que fez Ulrich ir até a casa de Walter e Clarisse pelo fim do dia. A caminho, procurou evocar a carta que guardara na bagagem e não encontrara mais, ou que perdera, mas não lembrava detalhes, só da última frase: “Espero que você volte logo”; recordou também a impressão de que precisava falar com Walter, o que lhe provocava não só desconforto e aborrecimento, mas uma certa maligna alegria. Ficou saboreando aquela sensação fugidia e involuntária, sem significado maior, sem a afastar, e sentia-se mais ou menos como um homem que ficou tonto e melhora ao se abaixar.

Quando dobrou a rua para chegar à casa, viu Clarisse parada ao sol junto da parede lateral, onde ficava a latada de pessegueiros; tinha as mãos às costas, recostava-se contra a ramaria flexível e olhava ao longe, sem notar quem chegava. Sua postura tinha algo de ausente e hirto; mas, ao mesmo tempo, algo quase imperceptivelmente teatral, que só o amigo notava, por conhecer suas qualidades: ela parecia estar representando as importantes idéias que a ocupavam, estar arrebatada por uma delas e não poder mais se libertar. Ele recordou as palavras dela: “Eu quero um filho seu!” Hoje não lhe eram mais tão desagradáveis quanto daquela vez; chamou a amiga, baixinho, e esperou.

Mas Clarisse pensava: “Desta vez, Meingast vai se transformar, aqui conosco!” A vida dele sofrerá várias transformações muito singulares, e, sem retrucar nada à extensa resposta de Walter, um dia concretizara a promessa de que viria. Clarisse estava convencida de que o trabalho que ele imediatamente começara na casa deles se relacionava com alguma transformação. A lembrança de um deus hindu, que antes de toda purificação se recolhia em qualquer local, misturou-se nela com a recordação de

que os animais escolhem certo lugar para se encasular. E dessa idéia, que lhe dava a impressão de incrivelmente saudável e segura, ela passara ao sensual aroma dos pêssegos amadurecendo numa ensolarada parede de casa: o resultado lógico de tudo isso era ela ficar parada nos raios ardentes do sol poente sob a janela, enquanto o profeta se recolhera na caverna de sombras atrás dela. Explicara a ela e a Walter, há dias, que criado, *knight*, no sentido original significava adolescente, menino, valete, guerreiro e herói; ela pensava: “Eu sou o criado dele!”, e protegia o seu trabalho, e o atendia. Não era preciso palavras, ela apenas sustentava, imóvel, os raios de sol no rosto ofuscado.

Quando Ulrich lhe falou, ela virou lentamente o rosto para aquela voz inesperada, e ele viu que algo se modificara. Os olhos que o encaravam continham o frio das cores da natureza depois de apagar-se o dia, e Ulrich soube de imediato: ela não quer mais saber de você! Nem sinal restava no olhar dela, de que o tivesse querido “arrancar do bloco de pedra”, que ele fora um grande demônio ou deus, que quisesse fugir com ele “através da fenda da música”, de que o tivesse querido matar se não a amasse. Isso lhe era indiferente: podia ser uma pequena experiência bem vulgar, aquele apagado calor egoísta num olhar; apesar disso, era como um pequeno rasgão no véu da vida, pelo qual espreita o nada indiferente, e naquela ocasião criou-se o alicerce de muita coisa que sucederia mais tarde.

Ulrich soube que Meingast estava lá, e compreendeu. Entraram em casa sem ruído para buscar Walter, e sem ruído retornaram para fora, a fim de não perturbar quem trabalhava lá dentro. Ulrich flagrou duas vezes por uma porta aberta uma visão das costas de Meingast. Ele se hospedava num quarto vazio, separado, que pertencia ao apartamento; em algum lugar, Clarisse e Walter haviam conseguido uma cama de ferro; uma banquetta de cozinha e uma bacia de zinco serviam de lavatório, e, além desse mobiliário, havia no quarto sem cortinas apenas um velho armário de louças com livros, e uma mesinha de madeira macia não pintada.

Meingast estava sentado diante dessa mesa escrevendo, sem virar a cabeça para os que passavam. Ulrich em parte vira tudo isso, em parte o soubera pelos amigos, que não se incomodavam com o fato de o mestre estar tão mais mal acomodado do que eles próprios viviam, mas ao contrário, por alguma razão orgulhavam-se por ele se conformar com isso. Era comovente, e era cômodo para eles: Walter assegurou que quando entravam nele na ausência de Meingast, esse quarto tinha aquele algo indescritível, como uma velha luva usada sobre uma mão nobre e enérgica! E realmente, Meingast trabalhava com grande alegria naquele ambiente cuja simplicidade espartana o lisonjeava. Lá dentro, sentia sua vontade formando palavras sobre o papel. E caso, como há pouco, ainda por cima Clarisse estivesse parada sob sua janela ou na escada, ou apenas sentada em seu próprio quarto — “envolvida pelo manto de uma invisível luz do Norte”, como lhe confessara ela —, essa ambiciosa discípula, por ele paralisada, alimentava ainda mais sua alegria. Então, a pena tinha caprichos, e os grandes olhos escuros sobre o nariz adunco e fremente começavam a arder. Trabalhava num novo e importante capítulo de seu livro, que pensava terminar nessas condições; a obra nem deveria ser chamada livro, mas uma ordem de mobilização para o espírito dos novos homens! Quando, do lugar onde se achava Clarisse, subira uma voz de homem estranho, ele se interrompera e espiara cautelosamente; não tinha reconhecido Ulrich, mas lembrava-se vagamente dele, e não considerou os passos subindo a escada razão de fechar sua porta, nem desviar a cabeça do trabalho. Usava debaixo do

casaco um grosso suéter de lã, mostrando insensibilidade em relação ao tempo e às pessoas.

Levaram Ulrich a passear e confessaram-lhe seu entusiasmo pelo mestre, enquanto este cumpria seu trabalho.

Walter disse:

— Quando se é amigo de um homem como Meingast, é que se entende por que sempre sofremos de uma aversão pelos outros! Na relação com ele tudo parece pintado a cores puras, sem tom cinza.

Clarissee disse:

— Convivendo com ele, temos a sensação de ter um destino; a gente fica tão pessoal, tão iluminado.

Walter completou:

— Hoje tudo se fragmenta em cem camadas, torna-se opaco e borrado; o espírito dele é como vidro!

Ulrich respondeu:

— Há bodes expiatórios para pecados e para virtudes; além disso, há ovelhas que precisam deles!

Walter devolveu o comentário:

— Era de se esperar que você não gostasse dele! Clarisse exclamou:

— Uma vez, você afirmou que não se pode viver segundo a idéia: lembra? Pois Meingast pode!

Walter disse, mais ponderado:

— Naturalmente eu poderia fazer algumas objeções a ele... Mas Clarisse interrompeu:

— A gente sente calafrios de luz escutando Meingast. Ulrich retrucou:

— Cabeças de homem especialmente bonitas em geral são burras; filósofos particularmente profundos habitualmente têm pensamento raso; na literatura, em geral os contemporâneos consideram grandes aqueles talentos comuns que ficam um pouco acima da média.

É um fenômeno singular, a admiração. Na vida do indivíduo é apenas limitada a alguns “casos”, mas na vida geral ela forma uma instituição duradoura. Na verdade, Walter teria achado mais satisfatório ocupar o lugar de Meingast em sua própria opinião e na de Clarisse, e não entendia por que não era assim; mas havia nisso também uma pequena vantagem. E o sentimento assim economizado ia em proveito de Meingast, como quando alguém adota um filho alheio. De outro lado, exatamente por isso não era um sentimento puro e sadio, essa admiração por Meingast, o próprio Walter o sabia; era antes o desejo exagerado de entregar-se à crença nele. Havia nele algo de deliberado. Era uma “sensação de piano”, que se desencadeia sem muita convicção.

Também Ulrich percebia isso. Uma das mais primitivas necessidades de paixão que a vida hoje desfaz em pedacinhos e mistura até a tornar irreconhecível procurava ali um retorno, pois Walter elogiava Meingast com uma fúria parecida à de uma platéia num teatro aplaudindo lugares-comuns que estimulam sua necessidade de aplaudir, embora nem de longe os julgue merecedores de tanto aplauso; elogiava-o numa urgência de admiração, para a qual existem as festas e comemorações, os

grandes nomes ou idéias contemporâneos, e as honradas que lhes são prestadas, das quais participamos sem que ninguém saiba ao certo para quem ou para quê, estando todos dispostos a serem, no dia seguinte, duplamente triviais para não ter de que se acusar. Era isso que Ulrich pensava de seus amigos, e, de tempos em tempos, com comentários afiados dirigidos contra Meingast, mantinha-os em agitação; pois como qualquer pessoa que sabe das coisas, ele se aborrecera incontáveis vezes com essa capacidade de entusiasmo de seus contemporâneos, que quase sempre atinge o alvo errado, e assim aniquila o que a indiferença deixara sobrar.

Escurecera quando voltaram para casa, falando nessas coisas.

— Esse Meingast — disse Ulrich, por fim — vive do fato de hoje em dia se confundirem pressentimento e crença. Quase tudo o que não é ciência só se pode pressentir, e, para isso, precisa-se de paixão e cautela. Assim, uma metodologia do que não sabemos seria quase o mesmo que uma metodologia da vida. Mas vocês “acreditam”, mal aparece alguém como Meingast! Todo mundo faz isso. E essa “crença” é mais ou menos como se lhes ocorresse sentarem-se com toda a sua digna pessoa sobre um cesto de ovos para chocar o conteúdo desconhecido!

Pararam ao pé da escada. De repente, Ulrich soube o que viera fazer ali, e por que falava com os dois como antigamente. Não se espantou quando Walter respondeu:

— E você quer que o mundo pare até terminar sua metodologia? Obviamente não davam grande coisa por ele, porque não entendiam como era

negligenciado esse território da fé, que se estende entre a segurança do saber e o nevoeiro do pressentimento! Velhas idéias concentravam-se na sua cabeça; o pensamento quase morria sob essa pressão. Mas então, ele soube que não era mais necessário começar do princípio, como um tapeceiro a quem um sonho perturbou os sentidos; e que só por isso estava novamente ali parado. Nos últimos tempos, tudo se tornara muito mais simples. Os últimos quinze dias tinham revogado todas as coisas antigas, reunindo as linhas do movimento interior com um nó muito forte.

Walter esperava que Ulrich respondesse algo com que pudesse se irritar. E então lhe pagaria em dobro! Tomara o propósito de lhe dizer que pessoas como Meingast trazem a salvação. “Originalmente, salvo significa mais ou menos o mesmo que intacto”, pensou. E: “salvadores podem se enganar, mas nos deixam inteiros!”, quis dizer. E depois também queria dizer: “Você talvez nem possa imaginar uma coisa assim!” E sentia contra Ulrich uma repulsa parecida com a que sentia quando tinha de ir ao dentista.

Mas Ulrich apenas indagou, distraído, o que afinal Meingast andara escrevendo e fazendo naqueles últimos anos.

— Está vendo! — disse Walter decepcionado. — Está vendo, você nem sabe isso, mas o está insultando!

— Ora — disse Ulrich —, nem tenho de saber, bastam algumas linhas! — E pôs o pé na escada.

Mas aí, Clarisse o segurou pelo casaco e sussurrou:

— Mas ele nem se chama Meingast!

— Claro que não; isso será segredo?

— Uma vez ele se tornou Meingast, e agora, em nossa casa, se transforma de novo! — sussurrou Clarisse, intensa e misteriosa, e o sussurro tinha algo de uma língua de fogo. Walter precipitou-se, para a abafar.

— Clarisse! — exortou. — Clarisse, pare com essa loucura!

Clarisse calou-se, sorrindo. Ulrich subiu a escada à frente deles; queria finalmente ver esse mensageiro que baixara das montanhas de Zaratustra para a vida doméstica de Walter e Clarisse, e quando chegaram lá em cima, Walter não estava apenas zangado com Ulrich, mas com Meingast também.

Este recebeu seus admiradores no apartamento escuro. Vira-os chegando, e Clarisse logo se colocou junto dele diante da superfície gris da janela, pequena sombra esguia ao lado da dele, grande e magra; não houve apresentações, ou só uma, unilateral, pois evocaram o nome de Ulrich na memória do mestre. Depois, todos se calaram; Ulrich, por estar curioso, e para ver como se desenrolariam as coisas, colocou-se junto da outra janela, desimpedida, e Walter, surpreendentemente, juntou-se a ele; é provável que, sendo as duas forças de repulsão momentaneamente iguais, ele tenha apenas sido atraído pela luminosidade da vidraça mais desimpedida, que se espalhava foscamente pelo quarto.

Era o mês de março. Mas a meteorologia nem sempre é confiável, às vezes antecipa ou retarda uma noite de junho: pensou Clarisse, enquanto a escuridão diante da janela lhe parecia a de uma noite de verão. Onde caía a luz dos lampiões a gás, a noite era laqueada de amarelo claro. Os arbustos ao lado formavam uma massa negra ondulante. Onde havia luz, tornavam-se verdes ou esbranquiçados — não podia dar um nome certo —, recortavam-se em ziguezagues de folhas, e pairavam na luz dos lampiões como peças de roupa boiando numa água que corre de leve. Um arame entre dois postes baixinhos — nada senão um aviso, para lembrar a ordem — corria algum tempo ao longo do gramado onde ficavam os arbustos, e depois sumia na escuridão: Clarisse sabia que terminava ali; talvez algum dia tivessem planejado dar àquele local a beleza de um jardim cuidado, mas haviam desistido.

Clarisse chegou bem perto de Meingast, para poder ver melhor o caminho, do canto de janela onde ele estava; o nariz achatado contra a vidraça, os dois corpos tocando-se, tão duros, tão variados, como se ela se estendesse sobre uma escada, o que por vezes fazia; ao redor de seu braço direito, que teve de ceder lugar, puseram-se então, junto do cotovelo, os longos dedos de Meingast, como musculosas garras de uma águia muito distraída que amassasse um paninho de seda. Há algum tempo Clarisse via um homem, com um problema que ela não percebera logo qual era: andava ora hesitante, ora descuidado; dava a impressão de que algo se enrolava em torno de sua vontade de andar, e sempre que o rasgava, andava um trecho como qualquer pessoa que não tem pressa mas tampouco hesita. O ritmo dessas irregularidades chamara a atenção de Clarisse; quando o homem passou por um lampião, ela procurou reconhecer seu rosto, que lhe pareceu encovado e inexpressivo. No penúltimo lampião, achou que era um rosto insignificante, mau e arisco; mas quando ele chegou ao último, quase debaixo da janela dela, o rosto era muito pálido, boiando na luz, de um lado para outro, assim como a luz flutuava de um lado para outro na treva, de modo que o fino poste de ferro do lampião pareceu muito ereto e nervoso junto dele, expondo-se à vista com um verde-claro mais intenso do que na verdade seria natural.

Aos poucos, os quatro tinham começado a observar aquele homem que se julgava inobservado. Ele percebeu os arbustos banhados de luz, e recordou-se dos recortes da saia de baixo de uma mulher, tão grossa como nunca vira outra, mas bem desejava ver. Nesse momento, foi dominado por uma decisão. Passou sobre a cerca baixa, parou no gramado que lhe lembrou a lanugem verde debaixo das árvores de



uma caixa de brinquedos, olhou diante de seus pés algum tempo, perplexo, foi despertado pela sua cabeça que olhou em tomo, cautelosa, e escondeu-se na sombra, como era seu costume.

Excursionistas, atraídos para o campo pelo tempo quente, voltavam para casa, de longe se ouviam seu ruído e alegria, que encheram o homem de medo, e ele procurou compensar-se debaixo daquela anágua de folhagens. Clarisse ainda não sabia o que havia com ele. Aparecia sempre que um bando de pessoas passava, e os olhos ficavam cegos para a escuridão, devido à luz dos lampiões. Então, sem caminhar, ele deslizava para junto desse círculo de luz como quem anda numa margem muito rasa, onde a água não chega a cobrir as solas dos sapatos. Clarisse notou como o homem estava pálido, seu rosto desfigurado em uma rodela lívida. Sentiu uma intensa compaixão por ele. Mas ele executava estranhos gestos curtos, que ela levou tempo para entender, até que, subitamente, precisou encontrar apoio para sua mão; e como Meingast ainda segurasse seu braço, não a deixando fazer movimentos maiores, ela agarrou as calças largas dele, segurando-se no tecido em busca de proteção, e o tecido balançou na perna de Meingast como uma bandeira ao vendaval. Os dois ficaram assim parados, sem se largarem.

Ulrich, que pensava ser o primeiro a notar que o homem debaixo da janela era um daqueles doentes que pela irregularidade de sua vida sexual excitam fortemente a curiosidade dos regradados, preocupou-se algum tempo superfluamente por Clarisse, imaginando como ela, tão insegura, encararia isso. Depois, esqueceu tudo, e teria gostado de saber o que afinal acontece numa pessoa dessas. A mudança devia ser tão completa no momento em que ele passava sobre a cerca, que nem se poderia descrever em detalhes. E, tão naturalmente como se fosse uma comparação adequada, ele recordou um cantor que há pouco esteve comendo e bebendo, e que se aproxima do piano, cruza as mãos sobre o ventre, abre a boca para cantar, e que se torna em parte outra pessoa, em parte não. Também pensou em Sua Alteza o Conde Leinsdorf, que conseguia funcionar ligando-se numa corrente ético-religiosa ou numa bancária despreconceituosa. O caráter absoluto dessa metamorfose que se realiza dentro mas, fora, se confirma pela receptividade do mundo, atraía Ulrich: era-lhe indiferente como o homem ali embaixo era psicologicamente capaz disso, mas tinha de imaginar aquela cabeça paulatinamente enchendo-se de tensão como um balão em que se deixa entrar gás, provavelmente dias a fio, aos poucos, ainda oscilando nos fios que o amarram ao chão firme, até um comando inaudível, um motivo eventual ou o curso de um determinado tempo, que transforma o que bem vier na melhor causa, desatar esses fios, e a cabeça flutuar sem ligação com o mundo humano, no vazio do desnaturado.

E, com efeito, o homem estava parado ali com seu rosto encovado e inexpressivo, na proteção dos arbustos, espreitando como um animal de rapina. Para realizar sua intenção, teria de esperar até que os excursionistas fossem rareando, e o lugar lhe parecesse mais seguro; mas assim que entre os grupos passava uma mulher sozinha, às vezes até quando uma se destacava dançando num grito, rindo, protegida pelos outros, para ele já não eram pessoas mas bonecos que sua consciência recortava loucamente. Sentia por elas a cruel desconsideração de um assassino, e o medo mortal das mulheres não lhe teria significado nada. Mas ao mesmo tempo, sofria leves tormentos imaginando que elas o poderiam descobrir e escorraçar como a um cão, antes de ele chegar ao auge da sua loucura, e a língua lhe tremia de medo na boca. Esperou, com a cabeça apalermada, e aos poucos o último clarão de crepúsculo se apagou. En-

tão, uma mulher solitária aproximou-se do esconderijo dele, e, quando os lampiões ainda os separavam, já pôde perceber, apartado de tudo, que ela emergia e submergia nas ondas de claro-escuro, um torrão negro que pingava luz, antes de se aproximar.

Ulrich também notou que era uma mulher informe, já idosa, que se aproximava. Seu corpo era um saco cheio de pedregulhos, o rosto não era simpático mas dominador e belicoso. Mas o magro pálido nos arbustos saberia aproximar-se dela antes que ela percebesse, antes de ser tarde demais. Os movimentos embotados dos olhos dela, e de suas pernas, provavelmente já faziam tremer a carne dele, que se preparava para a assaltar, sem lhe dar tempo de defender-se, atacá-la com sua imagem que entraria na surpreendida mulher e ficaria metida dentro dela eternamente, por mais que ela procurasse se defender.

Essa excitação disparava e zunia em joelhos, mãos e garganta; ao menos era o que Ulrich achava observando o homem tatear na parte dos arbustos sobre a qual já pousava uma meia-luz, preparando-se para aparecer e exhibir-se no momento exato. Pasmado, o infeliz se recostava no último e leve obstáculo dos ramos, grudava seus olhos no rosto feio que já emergia aos solavancos em plena luz, e sua respiração ar-fava obedecendo ao ritmo da pessoa estranha.

“Será que ela vai gritar?”, pensou Ulrich. Aquela pessoa grosseira seria bem capaz de, em vez de se assustar, ficar furiosa e passar ao ataque: então, o louco covarde teria de fugir, e a volúpia perturbada enfiaria suas facas no seu ventre, com o cabo grosso à frente! Nesse momento tenso, Ulrich escutou a voz desavisada de dois homens que vinham pelo caminho, e assim como eram vistos pela vidraça, talvez também tivessem sentido aquele chiado da excitação, pois o homem debaixo da janela deixou, cauteloso, que se fechasse novamente o véu já aberto dos arbustos, recuando sem ruídos para o centro da escuridão.

— Que porco! — sussurrou Clarisse intensamente ao vizinho naquele momento, mas não havia nenhuma indignação em sua voz. Antes de se transformar, Meingast ouvira muitas vezes essas palavras dela, naquele tempo dirigidas contra o seu comportamento livre, e a expressão deveria ser até histórica. Clarisse pressupunha que também Meingast devia se recordar disso, apesar de sua metamorfose, e, com efeito, pareceu-lhe que os dedos dele se moviam bem de leve no braço dela, em resposta.

Aliás, naquela noite nada era casual; também aquele homem não escolhera por acaso a janela de Clarisse para se postar ali embaixo: a opinião dela, de que atraía cruelmente os homens anormais, era firme, e muitas vezes antes provara ser correta! De modo geral, suas idéias não eram confusas, muito antes excluía meios-termos, ou eram embebidas de emoções em muitos pontos onde outras pessoas não possuem essa fonte interior. Sua convicção de que fora ela que antigamente possibilitara a Meingast uma transformação radical não era em si inacreditável; se, além disso, se pensar em como essa transformação acontecera sem conexão, pois se dera na distância, no curso de anos em que não tiveram contatos, e como era imensa, pois transformara um mundano superficial num profeta; e se por fim considerarmos que logo depois da partida de Meingast o amor de Walter e Clarisse chegara ao auge das lutas que ainda travavam, a suposição de Clarisse, de que Walter e ela tinham tido de assumir os pecados de um Meingast ainda não transformado, para possibilitarem a ascensão dele, não era um fundamento pior do que incontáveis outros pensamentos respeitados em que hoje se acredita. Mas daí surgia aquela relação servil e cavalheiresca

de Clarisse para com aquele que regressava, e, se falava de sua nova “metamorfose” em vez de dizer simplesmente modificação, apenas expressava adequadamente a exaltação em que se achava. A consciência de ser parte numa relação importante podia exaltar Clarisse no sentido mais textual. Não sabemos bem se pintamos os santos com uma nuvem aos pés, ou simplesmente os colocamos pairando no nada um dedo acima do solo, e a mesma coisa acontecia com ela desde que Meingast escolhera sua casa para escrever ali sua grande obra, que provavelmente teria uma profunda significação. Clarisse não o amava como mulher apaixonada, antes como um menino que admira um homem; feliz por, quando tiver ocasião, colocar o chapéu na cabeça como o outro o faz, e repassado daquele secreto anseio de o superar.

Walter sabia disso. Não conseguia escutar o que Clarisse sussurrava com Meingast, nem seus olhos conseguiam divisar, dos dois, mais que massas de sombra estreitamente confundidas no lusco-fusco da janela, mas entendia tudo. Reconhecera também o que acontecia nos arbustos, e o silêncio que dominava o aposento pesava especialmente sobre ele. Consequia notar que Ulrich, imóvel a seu lado, olhava pela janela, tenso, e pressupôs que os dois na outra janela faziam o mesmo.

“Por que ninguém rompe esse silêncio?”, pensou. “Por que ninguém abre a janela e enxota esse monstro?” Ocorreu-lhe que teriam obrigação de chamar a polícia, mas não havia telefone na casa, e ele não tinha coragem de fazer uma coisa dessas, que seus companheiros desprezariam. Aliás, não queria ser um “filisteu indignado”, apenas estava tão irritado! A “relação cavalheiresca” entre sua mulher e Meingast era algo que até podia compreender muito bem, pois Clarisse não conseguia imaginar exaltação sem esforço, nem no amor: não se exaltava pela sensualidade, mas apenas pela ambição. Ele se recordou de como às vezes fora assustadoramente viva em seus braços, quando ele ainda lidava com arte; mas só a conseguia aquecer assim, por aqueles desvios.

“Quem sabe todas as pessoas só consigam exaltação eficaz através da ambição?”, pensou, duvidando. Não lhe escapara que Clarisse ficava “de sentinela” quando Meingast trabalhava, para proteger com seu corpo os pensamentos dele, embora ela mesma nem soubesse que pensamentos eram.

Walter contemplava doloridamente o solitário egoísta nos arbustos, e o infeliz lhe dava um exemplo das devastações que podem ocorrer numa alma excessivamente solitária. E martirizava-o a idéia de que sabia exatamente o que Clarisse sentia vendo aquilo.

“Ela deve estar levemente excitada, como se tivesse subido uma escada correndo”, pensou. Ele próprio sentia, no quadro que divisava, uma pressão, como se houvesse ali algo encasulado, querendo romper seu envoltório, e sabia que, naquela misteriosa pressão que Clarisse também sentia, se movia a vontade não apenas de observar mas de fazer alguma coisa, logo, já, e precipitar-se no acontecimento, para o libertar. Em outras pessoas certamente os pensamentos nascem da vida, mas em Clarisse as experiências sempre brotavam dos pensamentos: era uma coisa tão invejavelmente doida! E Walter inclinava-se mais para os exageros de sua esposa talvez mentalmente enferma do que para o raciocínio de seu amigo Ulrich, que se imaginava cauteloso e ousado: de alguma forma agradava-lhe mais aquela insensatez, talvez o deixasse intocado, apelava para sua compaixão e até lhe causava certa satisfação que Clarisse sussurrasse ali no escuro com Meingast, enquanto Ulrich estava condenado a ficar ao lado dele, sombra muda. Apreciava vê-lo derrotado por Meingast

Mas, de tempos em tempos, martirizava-o a expectativa de que de repente Ciarisse abrisse a janela num arranco, ou correria escadas abaixo até os arbustos: então, desprezava as duas sombras masculinas e aquela indecente postura com que observavam, calados, que tornava de minuto a minuto mais precária a posição daquele pobre pequeno Prometeu que ele protegia, exposto a todas as tentações do espírito.

Nessa hora, a vergonha e o desejo frustrado do doente que se recolhera aos seus arbustos se haviam fundido numa unidade de decepção, que vazava seu vulto oco como uma massa de substância amarga. Quando chegara ao interior mais escuro, dobrou os joelhos, deixou-se cair por terra, a cabeça pendendo do pescoço como uma folha. O mundo se punha diante dele, punitivo, e ele via sua situação mais ou menos como teria parecido aos dois homens que haviam passado, se o tivessem descoberto. Mas depois de chorar por si mesmo algum tempo, de olhos secos, o homem sofreu novamente aquela transformação original, desta vez até com mais desafio e vingança. E mais uma vez falhou. Uma mocinha de mais ou menos quinze anos, que devia estar atrasada, passou e lhe pareceu bonita, um pequeno ideal passando rápido: o perverso sentiu que devia aparecer e falar-lhe amigavelmente, mas isso o lançou instantaneamente num terror imenso. Sua fantasia, pronta a mostrar-lhe todas as possibilidades que uma mulher podia lembrar, ficou medrosamente desamparada diante da única possibilidade natural de admirar a beleza daquela criaturinha desprotegida que se aproximava. Tanto menos prazer teria o seu eu de sombras, quanto mais se adequasse para agradar ao seu eu diurno, e procurou odiá-la, em vão, já que não a podia amar. Assim, ficou parado, incerto, na fronteira de sombra e luz, exibindo-se. Quando a pequena notou seu segredo, já passara por ele, e estava uns oito passos adiante; primeiro, apenas vira a agitação nas folhas, sem entender o que acontecia, e quando percebeu, já estava tão distante e segura que não teve mais medo mortal: sua boca ficou aberta algum tempo, mas depois ela gritou, alto, e começou a correr, e, marota, parecia até divertir-se em olhar para trás, e o homem sentiu-se abandonado e envergonhado. Esperou, irado, que uma gota de veneno tivesse caído nos olhos dela e mais tarde lhe corroesse o coração.

Esse final bastante inocente e engraçado foi um alívio para a humanidade dos observadores, que desta vez teriam certamente agido se o incidente não se tivesse desfeito daquela maneira; e, sob o efeito dessa impressão, mal notaram como as coisas lá embaixo chegaram ao fim, e só descobriram definitivamente que tinham ocorrido quando a “hiena” humana, como disse Walter, de repente não apareceu mais. Fora diante de uma criatura medíocre que ele conseguira realizar seu intuito; ela parou um momento, assustada, fitou-o pasmada e enojada, depois procurou fingir não ter notado nada. Nesse segundo, ele se sentiu deslizar, junto com seu telhado de folhas e todo o mundo emborcado do qual brotara, para o fundo do olhar repugnado daquela pessoa indefesa. Devia ter sido assim, ou de outro modo. Clarisse não prestara atenção. Respirando fundo, endireitou-se, depois que Meingast e ela já se haviam separado. Pareceu que de repente aterrassava com as solas no assoalho de tábuas, e um redemoinho de sensualidade indizível e cruel apaziguou-se em seu corpo. Estava convencida de que tudo o que acontecera tinha um significado especial, destinado a ela; e por mais estranho que pareça, o repulsivo incidente lhe dera a impressão de ser uma noiva a quem tinha feito uma serenata, e na sua cabeça giravam propósitos que pretendia concluir, dançando loucamente com outros que ainda eslava tomando.

— Engraçado! — disse de repente Ulrich na escuridão, e foi o primeiro a quebrar o silêncio do aposento. — Na verdade é um pensamento ridículo que esse sujeito teria perdido inteiramente o prazer se soubesse que estava sendo observado! — A sombra de Meingast destacou-se do nada, e ficou parada na direção da voz de Ulrich, como estreita condensação de trevas.

— As pessoas dão importância excessiva ao sexual — disse o Mestre. — São na verdade exemplos caricaturais da vontade dos tempos.

E não disse mais nada. Mas Clarisse, que estremeceu sem querer ouvindo Ulrich, sentia que as palavras de Meingast, embora no escuro não se soubesse aonde a levavam, a tinham impelido para a frente.

## 15

### O TESTAMENTO

Quando Ulrich voltou para casa — e a experiência que tivera o deixara ainda mais insatisfeito — não quis fugir mais a uma decisão e evocou o “incidente” da melhor maneira possível; era assim que designava, abrandando-o, o que acontecera nas últimas horas de seu convívio com Ágata, poucos dias depois daquele grande diálogo.

Ulrich estivera pronto para viajar, iria num trem-leito que passava tarde pela cidade, e os irmãos encontraram-se para um último jantar. Havia combinado que Ágata seguiria pouco depois, e avaliavam aquela separação em cerca de cinco a quinze dias.

À mesa, Ágata disse:

— Temos uma coisa a fazer antes!

— O quê? — perguntou Ulrich.

— Precisamos mudar o testamento.

Ulrich recordava-se de ter encarado a irmã com surpresa; apesar de tudo o que já tinham conversado, esperara que aquilo fosse só uma brincadeira. Mas Ágata baixara o olhar sobre o prato e tinha entre as sobrancelhas a conhecida ruga de reflexão. Depois, disse lentamente:

— Não quero que ele guarde entre seus dedos mais de mim do que um fio de lã queimado!

Nos últimos dias, alguma coisa devia ter agido intensamente em seu interior. Ulrich quis dizer que julgava proibido pensar em lograr Hagauer, e não queria mais falar a respeito: nesse momento, porém, entrou o velho criado do pai, trazendo a comida, e só conseguiram comunicar-se disfarçadamente, por alusões.

— Tia Malvina — disse Ágata sorrindo para o irmão —, você se lembra da tia Malvina? Ela deixou toda a sua fortuna para nossa prima; era uma coisa combinada, e todos sabiam. E por isso, sua herança paterna fora limitada ao estritamente obrigatório, em favor do seu irmão, para que nenhum dos irmãos ternamente amados pelo pai recebesse mais que o outro. Você tem de se lembrar disso. A renda anual que Ágata... Alexandra, sua prima — corrigiu-se, rindo — recebeu desde seu casamento foi, até segunda ordem, sendo tirada dessa reserva; era um assunto complicado, para dar a tia Malvina tempo de morrer...

— Não estou entendendo — resmungou Ulrich.

— Mas é simples! Tia Malvina está morta, mas antes de morrer perdeu toda a fortuna; até precisou de ajuda. Basta que papai tenha esquecido por qualquer motivo de anular sua própria alteração testamentária, e Alexandra não receberá coisa alguma, ainda que seu casamento tenha sido com comunhão de bens!

— Não sei, acho que é muito improvável! — disse Ulrich, involuntariamente. — E deve ter havido certas promessas do pai. Ele não pode ter feito tudo isso sem alguma discussão com seu genro! — Sim, ele recordava perfeitamente que respondera assim porque simplesmente não podia ficar calado diante do grave erro da irmã. Também o sorriso com que esta o fitara depois disso ainda estava bem presente:

“É assim que ele é!”, parecia pensar. “Basta apresentar-lhe um assunto como se não fosse de carne e osso, e sim algo geral, e a gente o leva pelo nariz!” E perguntara brevemente:

— Esses acordos foram escritos? — e deu ela mesma a resposta: — Nunca ouvi falar disso, e deveria saber! Papai era esquisito em todas as coisas.

Nesse momento, serviram a comida, e ela aproveitou a situação de Ulrich, que não podia reagir, para acrescentar

— Acordos orais podem ser negados a qualquer momento. Mas se o testamento tiver sido mudado depois que tia Malvina empobreceu, tudo diz que essa segunda versão se perdeu!

Mais uma vez Ulrich quis corrigir e disse:

— Mas continua a parte obrigatória, que não é pequena; não se pode tirar essa parte dos descendentes diretos!

— Mas eu já lhe disse que essa parte foi paga em vida! Alexandra casou-se duas vezes! — Ficaram a sós um momento, e Ágata acrescentou rapidamente:

— Eu li muito bem essa passagem: basta mudar algumas palavras, então parecerá que já recebi toda a parte obrigatória. Quem é que sabe disso? Quando, depois das perdas da tia, papai nos colocou novamente com partes iguais, isso aconteceu num adendo que se pode destruir, além disso, eu podia ter renunciado à minha parte obrigatória, para deixá-la a você por qualquer motivo!

Ulrich fitou a irmã, atônito, e não conseguiu lhe dar a resposta que deveria; quando quis começar, já eram novamente três na sala, e ele teve de dissimular o que dizia:

— Na verdade, nem se deveria pensar nesse tipo de coisa! — começou, hesitante.

— E por que não? — revidou Ágata.

Essas questões são muito simples quando não tocamos nelas; mas, assim que se levantam, são uma serpente monstruosa que estava enrolada numa manchinha aparentemente inofensiva: Ulrich lembrava-se de ter respondido:

— Até Nietzsche prescreve aos “espíritos livres” que observem certas regras exteriores por amor à liberdade interior! — Dissera isso com um sorriso, mas sentindo que era covardia esconder-se atrás de palavras alheias.

— Princípio falso! — decidiu Ágata, laconicamente. — Por esse princípio foi que me casei!

E Ulrich pensou:

“Sim, é realmente um princípio falso.” Parece que pessoas que respondem com algo novo e revolucionário a questões especiais, em compensação fazem um com-

promisso com todo o resto, o que as deixa viver uma comportada moral de chinelos. Tanto mais que esse método, que tenta manter constantes todas as condições menos aquela que tenta modificar, corresponde inteiramente à economia criadora do pensamento que lhes é familiar.

Ulrich sempre considerara isso antes algo severo do que negligente, mas naquela conversa com a irmã, sentira-se atingido; não suportava mais a indeterminação que antes apreciara, e parecia-lhe que exatamente Ágata tinha a missão de o levar a esse ponto. Enquanto ele, mesmo assim, lhe apresentava mais uma vez a regra dos espíritos livres, ela riu, perguntando se ele não percebia que no momento em que tentava formar regras gerais outra pessoa aparecia em seu lugar.

— E embora você certamente a admire com razão, no fundo ela lhe é bem indiferente! — afirmou. Encarava o irmão, desafiadora e voluntariosa. Ele sentiu-se novamente impedido de responder, calou-se aguardando que os interrompessem a qual quer momento, mas não conseguia mudar de assunto. A situação a encorajava.

— No breve tempo de nosso convívio — prosseguiu ela —, você me deu conselhos tão maravilhosos para a minha vida, que eu mesma nem teria ousado imaginar; mas cada vez você perguntou se eram verdade! Parece-me que usa a verdade como uma força que maltrata as pessoas!

Ela não sabia bem de onde tirava o direito de o censurar daquele modo; sua própria vida lhe parecia tão sem valor, que teria de se calar. Mas tirava forças dele mesmo, e apoiar-se nele enquanto o atacava era um estado tão singularmente feminino, que também Ulrich o percebeu.

— Você não entende o anseio de reunir pensamentos em grandes massas articuladas, não conhece as lutas do espírito; vê nisso apenas uma espécie de colunas em movimento, uma centopéia impessoal, cujos pés erguem a verdade como nuvens de poeira! — disse Ulrich.

— Mas não foi você mesmo que me descreveu os dois estados em que poderia viver, tão exata e claramente como eu mesma jamais poderia? — respondeu ela.

Uma nuvem de calor cujos limites se modificavam rapidamente passou pelo rosto dela. Tinha desejos de levar seu irmão a um ponto de onde não pudesse mais voltar. Essa idéia deixava-a febril, mas não sabia se teria coragem suficiente, e adiava o fim da refeição.

Ulrich sabia tudo, adivinhava tudo; mas agora controlara-se e tentou persuadi-la. Sentado diante dela, sem a fitar, forçando-se a falar, tinha a impressão de que não estava em si, mas que ficara atrás de si mesmo, e gritava para si próprio o que dizia:

— Imagine que na viagem eu queira roubar uma cigarreira de ouro de um estranho — disse. — Pergunto-lhe se isso não é simplesmente impensável! Então, agora também não quero discutir se uma decisão como essas que você imagina se pode justificar com uma liberdade de espírito superior. Talvez até esteja certo fazer Hagauer sofrer. Mas imagine que, no hotel, eu não esteja passando necessidade, nem seja um ladrão profissional, nem um débil mental com deformações na mente ou corpo, nem tenha mãe histérica, nem pai ébrio, nem seja perturbado ou estigmatizado por coisa alguma, mas mesmo assim fosse roubar: creio que isso não existe! Simplesmente não acontece! Pode-se dizer com precisão científica que é impossível!

Ágata deu uma risada clara:

— Mas Ulo! E se apesar disso a gente o fizer?

Diante dessa resposta, que não previra, Ulrich também teve de rir: ergueu-se de um salto, empurrou a cadeira para trás para não a animar demais com sua concordância. Ágata levantou-se da mesa.

— Não faça isso! — pediu ele.

— Mas Uli — respondeu ela —, você está pensando em sonhos, ou sonhando com algo que acontece?

Essa pergunta lembrou-lhe sua afirmação, feita há poucos dias, de que todas as exigências da moral indicam uma espécie de estado onírico que fugiu delas quando se cristalizaram. Mas, depois de ter dito aquilo, Ágata fora ao escritório do pai, que se mostrava agora iluminado atrás de duas portas abertas, e Ulrich, que não fora atrás, viu-a parada nessa moldura. Ela segurava um papel na luz, e lia. “Terá uma idéia do que está assumindo?”, pensava ele. Mas o chaveiro dos conceitos contemporâneos, como inferioridade nervosa, estado de exceção, debilidade e coisas assim, não combinava com ela, e na bela visão que Ágata oferecia durante seu crime não se lia nem cobiça nem rastros de vingança ou de alguma feiúra interior. E embora com a ajuda desses conceitos até as ações de um criminoso ou semilouco tivessem parecido relativamente mansas e civilizadas a Ulrich, pois nelas os motivos deformados e deslocados da vida comum resplandecem no fundo, aquela determinação a um tempo louca e branda da irmã, em que se misturavam indistintamente pureza e crime, nesse momento o deixava totalmente pasmado. Não conseguia ceder à idéia de que essa pessoa, tão francamente inclinada a cometer um mau ato, fosse uma pessoa má, e viu Ágata tirar um papel atrás do outro da escrivaninha, lendo todos, pondo-os de lado e procurando seriamente certas anotações. Sua determinação dava a impressão de ter descido de outro mundo para a planura das decisões comuns.

Enquanto a observava, Ulrich inquietou-se especialmente pensando por que havia convencido Hagauer a viajar, confiante. Parecia-lhe que desde o começo agira como instrumento da vontade da irmã, e, até o fim, ainda quando objetava, dera-lhe respostas que a ajudavam a prosseguir. Ela dissera que a verdade maltratava as pessoas. “Muito bem dito, mas ela nem sabe o que significa verdade!”, refletiu Ulrich. “Com os anos, fica-se reumático de tanta verdade, mas na juventude é uma vida de caçadas e barcos a vela!”

Ela voltara a se sentar. Ocorreu-lhe que Ágata não apenas obtivera dele o que dizia sobre a verdade, mas que também o que agora fazia na sala ao lado fora indicado por ele. Ele dissera que no estado mais elevado do ser humano não havia bem ou mal, só crença ou dúvida; que regras fixas contrariavam a essência mais íntima da moral, e que a crença nunca deveria envelhecer; que acreditando nunca se poderia fazer nada de infame; que o pressentimento era um estado mais passional do que a verdade. E agora, Ágata estava na iminência de abandonar o território da paz moral, lançando-se naquela ilimitada profundidade em que não há outra decisão senão a de subir ou cair. E executava aquilo como outro dia tirara as condecorações da mão hesitante dele, para trocá-las; e naquele momento, ele a amou apesar dessa falta de escrúpulos, com a singular sensação de que eram seus próprios pensamentos que tinham passado para ela, e agora retornavam, vindos dela, mais pobres em reflexão, mas com um aroma balsâmico de liberdade, como alguma criatura selvagem. E enquanto ele tremia no esforço de se controlar, sugeriu-lhe, cauteloso:

— Vou adiar minha viagem em um dia e pedir informações ao tabelião ou a algum advogado. Talvez o que você quer fazer seja terrivelmente fácil de descobrir.



Mas Ágata já descobrira que o tabelião de que seu pai se servira não vivia mais.

— Ninguém sabe do caso — disse ela —, não mexa nele!

Ulrich notou que ela pegara uma folha de papel e tentava imitar a letra do pai.

Atraído por isso, aproximou-se e postou-se atrás dela. Lá estavam pilhas de folhas em que a mão do pai vivera, cujo movimento quase se podia ainda sentir, e lá, Ágata produzia magicamente, como numa imitação teatral, praticamente a mesma coisa. Era estranho de se ver. A finalidade para a qual isso acontecia, a idéia de que servia para uma falsificação, desapareceu. E na verdade Ágata nem tinha refletido nisso. Ao seu redor pairava uma justiça inflamada em vez de lógica. Bondade, decência e justiça, assim como aprendera a conhecê-las nas pessoas, especialmente no Professor Hagauer, pareciam-lhe sempre apenas tirar uma nódoa dum vestido; mas o erro que pairava em torno dela naquele momento era como o mundo naufragar na luz de um amanhecer. Parecia-lhe que certo e errado não eram mais conceitos gerais, e um compromisso para milhões de pessoas, mas um encontro mágico entre eu e você, a loucura de uma primeira criação, ainda não mensurável com nenhum critério.

Na verdade, ela presenteava Ulrich com um crime, entregando-se em suas mãos, confiante de que ele entenderia sua insensatez, e como crianças que, quando querem dar um presente e nada possuem, têm as mais extravagantes idéias. E Ulrich adivinhava a maior parte de tudo. Quando seus olhos seguiam os movimentos dela, sentia um prazer que jamais sentira, pois havia naquilo algo de um absurdo desejo mágico de ceder, sem nenhuma prevenção, ao que outra criatura fazia. Mesmo quando lembrava que havia um terceiro envolvido, a quem faziam mal, essa idéia cintilava apenas um segundo, como um machado, e Ulrich rapidamente se acalmava pensando que afinal não era da conta de ninguém o que sua irmã estava fazendo; não era certo que realmente iam utilizar aquelas tentativas, e o que Ágata fazia entre suas quatro paredes era assunto dela, enquanto não tivesse efeitos fora da casa.

Ela chamou o irmão, virou-se e ficou surpresa ao vê-lo parado atrás de si. Escrevera tudo o que queria escrever e agora bronzeava-o levemente na chama de uma vela para conferir ao texto uma aparência envelhecida. Estendeu a mão livre a Ulrich, que não a tomou, mas não conseguiu também fechar a cara em rugas muito sombrias. Ela disse:

— Escute! Se uma coisa é uma contradição, e você a ama dos dois lados — ama de verdade! —, não a supera simplesmente com isso, querendo ou não?

— Essa pergunta é leviana demais — rosnou Ulrich. Mas Ágata sabia o que ele diria no seu “segundo pensamento”. Pegou uma folha limpa e escreveu, animada, naquela letra antiquada que sabia imitar tão bem: “Minha má filha Ágata não dá motivo para modificar as determinações outrora tomadas em favor de meu bom filho Ulo!” Mas ainda não estava satisfeita, e escreveu numa segunda folha: “Por mais algum tempo desejo que minha filha Ágata seja educada pelo meu bom filho Uli!”

Assim tudo se passara, mas depois que Ulrich o havia recordado em detalhes, soube tão pouco o que devia fazer como antes.

Não deveria ter viajado sem esclarecer aquela situação: estava fora de dúvida! E obviamente a superstição daqueles tempos, de que não se devia levar nada demasiadamente a sério, lhe pregara uma peça, sugerindo-lhe que saísse de campo prematuramente e não aumentasse o valor daquele incidente resistindo a ele com suscetibilidade. Nada é comido tão quente quanto se cozinhou; com o tempo, os mais intensos

exageros, entregues a si mesmos, produzem um novo comedimento; não poderíamos nos sentar em nenhum trem, e na rua deveríamos ter sempre na mão uma pistola carregada, se não pudéssemos confiar na lei mediana que torna improváveis as possibilidades exageradas: Ulrich obedecera a essa crença empírica européia quando, apesar de todos os receios, voltara para casa. No fundo, até se alegrava por ver que Ágata era diferente.

Apesar disso, o fim desse incidente, do ponto de vista jurídico, deveria ser Ulrich recuperar o mais cedo possível o que omitira. Deveria ter mandado uma carta urgente ou um telegrama à irmã, sem hesitar, e deu-se conta de que nesse texto deveria dizer mais ou menos: “Recuso qualquer comunhão enquanto você não...!” Mas não pensava em absoluto escrever isso, era-lhe simplesmente impossível naquele momento.

Além do mais, aquela grave cena fora precedida da decisão de, nas semanas seguintes, passarem a viver juntos, ou pelo menos morar juntos, e no breve tempo que restava até a despedida tinham falado principalmente naquilo. Primeiro, tinham concordado em fazê-lo “enquanto durasse o processo de divórcio”, para que Ágata tivesse proteção e conselhos. Mas agora, recordando tudo, Ulrich também lembrou um comentário mais antigo de sua irmã, de que queria “matar Hagauer”, e obviamente aquele “plano” andara agindo nela, assumindo nova forma. Ela insistira vivamente em que se vendesse depressa a residência da família, e isso poderia significar que a propriedade deveria diluir-se rapidamente, ainda que parecesse aconselhável venderem-na por outros motivos. De qualquer modo, os irmãos tinham decidido encarregar uma firma corretora, e estabelecido as condições de venda.

Portanto, Ulrich também teve de pensar no que deveria acontecer com a irmã depois que ele voltasse à sua vida despreocupada de outrora, que ele mesmo não admitia. A situação em que ela se encontrava não podia de modo algum perdurar. Por mais surpreendentemente próximos que tivessem ficado naquele breve tempo — aparentemente um encontro predestinado, pensou Ulrich, embora muita coisa resultasse de uma série de detalhes independentes —, sabiam pouco um do outro naquelas múltiplas relações superficiais das quais depende uma vida em comum. Quando pensava imparcialmente na irmã, Ulrich até encontrava muitas perguntas irrespondidas, e mesmo sobre seu passado não sabia dar um julgamento certo. Pois a melhor revelação parecia-lhe vir do fato de que ela tratava com grande negligência tudo o que acontecia a ela ou através dela, e que vivia muito indefinida e talvez fantasiosamente em expectativas que corriam ao lado de sua vida real; pois essa explicação também era sugerida pelo fato de ter vivido longo tempo com Hagauer e de repente haver rompido tão depressa com ele. E também a maneira impensada com que tratava o futuro combinava com isso: saíra de casa, por enquanto isso parecia lhe bastar, e evitava perguntas sobre o que aconteceria depois.

Também Ulrich não conseguia imaginar que ela ficasse agora sem homem, continuando a viver como mocinha numa expectativa indefinida, nem podia imaginar como seria o homem que deveria combinar com ela; e dissera-lhe isso pouco antes da despedida.

Ela, porém, o fitara assustada — provavelmente com um susto um tanto fingido e brincalhão — e depois respondera calmamente com outra pergunta:

— Mas nos próximos tempos não posso viver simplesmente com você, sem termos logo de decidir tudo?

Assim, sem maior definição, fora pois reforçada a decisão de morarem juntos. Mas Ulrich entendeu que, com essa tentativa, teria de acabar a sua própria tentativa de ter “vida de férias”. Não queria refletir nas conseqüências disso, mas não achava ruim que sua vida a partir dali viesse a ter certas limitações; pela primeira vez, voltou a pensar no grupo e particularmente nas mulheres da Ação Paralela. A idéia de afastar-se de tudo isso, ligada com a modificação de sua vida, lhe parecia maravilhosa. Assim, como muitas vezes numa sala basta mudar um detalhe para que um eco sem graça se transforme numa ressonância magnífica, na sua fantasia sua casinha se transformava numa concha, na qual se ouviria como uma torrente distante o rumor da cidade.

Mas na última parte dessa conversa houvera ainda um pequeno diálogo especial:

— Vamos viver como eremitas — disse Ágata com um sorriso divertido —, mas naturalmente em questões de amor cada um será livre. Pelo menos você será desimpedido! — assegurou.

— Sabe — respondeu Ulrich — que estamos entrando no Reino dos Mil Anos?

— O que é isso?

— Mas já falamos tanto desse amor que não corre como um regato para um objetivo, e sim forma um estado, como o mar! Se na escola lhe contaram que os anjos no Paraíso apenas ficam na presença do Senhor e o louvam, você pôde imaginar esse beatífico não-fazer-nada, sem sequer pensar coisa alguma?

— Sempre achei que devia ser meio monótono, o que certamente se deve à minha imperfeição — respondeu Ágata.

— Mas depois de tudo o que conversamos — explicou Ulrich —, você agora precisa imaginar que esse mar é uma imobilidade e isolamento recheado por dentro com acontecimentos constantemente puros e cristalinos. Tempos antigos tentaram imaginar um estado desses já na terra: é o Reino de Mil Anos, formado segundo nós próprios, e que não é nenhum dos reinos que conhecemos. E assim nós vamos viver. Vamos nos despir de todo egoísmo, não colecionaremos bens, conhecimentos, amantes, amigos ou princípios, nem a nós mesmos; e nossa natureza vai se abrir, diluir-se diante de homens e animais, e assim se descobrir de tal modo que nós não seremos mais nós, e apenas nos conseguiremos manter enquanto entrelaçados ao mundo inteiro!

Esse pequeno diálogo fora uma brincadeira. Ele tinha papel e lápis na mão, tomava notas, entre uma coisa e outra discutia com sua irmã o que tinham a fazer quando realizassem a venda da casa e de sua mobília. Ele continuava zangado, e não sabia mais se estava blasfemando ou fantasiando. E, com tudo isso, não tinham mais chegado a discutir seriamente o testamento.

Também hoje, naquela complexa compreensão residia o motivo por que Ulrich jamais chegara a sentir um remorso eficaz. O golpe de sua irmã lhe agradara em muitas coisas, embora fosse ele próprio o derrotado; precisava admitir que o homem que vivia “segundo a regra dos espíritos livres”, a quem ele internamente permitira excessivo comodismo, de repente entrara numa perigosa contradição com aquele homem profundamente indeterminado do qual emana a verdadeira seriedade. Não quis fugir ao que acontecia, reparando-o rapidamente da maneira habitual. Mas então, não havia regra, e era preciso deixar as coisas evoluírem.

## REENCONTRO COM O DIPLOMÁTICO MARIDO DE DIOTIMA

Pela manhã, Ulrich não estava com as idéias mais claras, e no meio da tarde decidiu — a fim de aliviar as preocupações — visitar sua prima ocupada em libertar a alma da civilização.

Para surpresa sua, ainda antes de Raquel voltar dos aposentos de Diotima, foi recebido pelo subsecretário Tuzzi, que veio ao seu encontro.

— Minha mulher não está-se sentindo bem hoje — explicou o treinado marido com aquela vaga ternura na voz cujo tom, devido ao seu regular uso mensal, já se tornou uma fórmula, que revela um segredo doméstico. — Não sei se vai poder receber sua visita. — Estava vestido para sair, mas de boa vontade ficou fazendo companhia a Ulrich.

Este aproveitou a ocasião para indagar sobre Arnheim.

— Arnheim esteve na Inglaterra e agora está em Petersburgo — contou Tuzzi. Aquela notícia desimportante e natural, sob a impressão das suas opressivas experiências, foi para Ulrich como se mundo, plenitude, movimento jorrassem sobre ele.

— Nada mal — disse o diplomata. — Ele que viaje bastante de um lado para outro. Assim, podemos fazer nossas observações e descobrir uma porção de coisas.

— Então acha que ele viaja com alguma missão pacifista por ordem do czar? — perguntou Ulrich divertido.

— Mais do que nunca — assegurou com simplicidade o funcionário encarregado da execução da política austro-húngara. Mas, de repente, Ulrich começou a duvidar de que Tuzzi fosse realmente tão inocente, ou se apenas fingia para enganá-lo; um pouco aborrecido, desistiu de falar de Arnheim, e perguntou:

— Ouvi dizer que entrementes aqui se proclamou o lema da Ação!

Como sempre, Tuzzi pareceu divertir-se bancando o inocente e esperto diante da Ação Paralela; deu de ombros, sorriu zombeteiro:

— Não quero me adiantar à minha mulher, o senhor vai saber por ela, assim que o puder receber! — Mas, algum tempo depois, o bigodinho começou a dançar no seu lábio superior, e os grandes olhos escuros no rosto de couro marrom brilharam de alguma dor incerta. — O senhor também é um desses literatos — disse hesitante —, pode me explicar o que significa um homem ter alma?

Tuzzi parecia realmente desejar falar sobre o assunto, e sua insegurança provocava a nítida impressão de estar sofrendo.

Como Ulrich não respondesse logo, ele prosseguiu:

— Quando se diz “ele é uma boa alma”, queremos dizer um homem leal, cumpridor, sincero... tenho um chefe de escritório assim. Mas isso é uma qualidade subalterna! Ou a alma é uma qualidade de mulheres, então será por isso que choram e coram mais facilmente que os homens?

— A sua esposa tem alma — corrigiu Ulrich, tão sério como se constatasse que ela tinha cabelo negro como a noite.

Uma leve palidez recobriu o rosto de Tuzzi.

— Minha mulher tem espírito — disse ele devagar —, parece-me uma mulher de muito espírito. Às vezes eu a atormento e censuro de ser uma esteta. E ela se aborrece. Mas isso não é ter alma. — Ele refletiu um pouco. — O senhor já visitou

alguma mística? — perguntou. — Ela lê o futuro na sua mão, ou por um fio de cabelo, e às vezes com espantosa correção. São talentos, ou truques. Mas pode imaginar algo de sensato na afirmação de que há sinais de um tempo em que nossas almas se poderão contemplar sem intervenção dos sentidos? E quero acrescentar logo — completou depressa — que isso não se deve entender apenas metaforicamente, e sim no sentido que, se o senhor não for bom, pode fazer o que quiser, que hoje, num tempo de despertar da alma, se sentirá isso muito mais intensamente do que em séculos passados. Acredita nisso?

Com Tuzzi, nunca se sabia quando suas farpas se dirigiam ao interlocutor ou a ele mesmo, e Ulrich respondeu para qualquer eventualidade:

— Em seu lugar, eu faria uma experiência!

— Não faça brincadeiras, meu caro, isso é pouco nobre quando se está em segurança — queixou-se Tuzzi. — Mas minha mulher exige que eu compreenda seria mente esse tipo de frase, embora não as possa aprovar, e tenho de capitular, sem poder sequer me defender. Assim, na minha aflição, lembrei que o senhor também é um desses literatos eruditos...

— As duas afirmações são de Maeterlinck, se não me engano — ajudou Ulrich.

— Ah, é? De...? Bom, pode ser. Então é aquele...? Olhe, muito bem: então também será ele quem afirma que não existe verdade? Exceto para o ser apaixonado! diz ele. Se eu amo uma pessoa, participo diretamente de uma misteriosa verdade, mais profunda do que a comum. Em compensação, quando dizemos alguma coisa baseados no exato conhecimento e observação das pessoas, naturalmente não vale nada. Isso também virá desse Mae... desse homem?

— Realmente não sei. Talvez. Combinaria com ele.

— Achei que era de Arnheim.

— Arnheim adotou muito coisa dele, e ele por sua vez muita coisa de outros, ambos são telentosos ecléticos.

— Ah, é? Então são coisas velhas? Mas explique-me por amor de Deus como é que imprimem esse tipo de coisa hoje em dia! — pediu Tuzzi. — Quando minha mulher me responde: “A razão não prova nada, os pensamentos não chegam até a alma!”, ou: “Acima da precisão existe um reino de sabedoria e amor que palavras racionais só profanam!”, entendo como ela chega a isso: é uma mulher, e assim defende-se da lógica do homem! Mas como é que um homem pode dizer isso? — Tuzzi aproximou-se mais e colocou a mão no joelho de Ulrich. — A verdade bóia como um peixe num princípio invisível; assim que a retiramos de lá, morre. O que me diz disso? Quem sabe se relaciona com a diferença entre “erótico” e “sexual”?

Ulrich sorriu:

— Quer que eu lhe diga de verdade?

— Estou ansioso!

— Não sei como começar!

— Está vendo! Não é fácil para homens falarem dessas coisas. Mas, se o senhor tivesse alma, simplesmente contemplaria a minha agora, e a admiraria. Alcançaríamos alturas onde não há pensamentos, palavras e ações. Mas forças misteriosas, e um silêncio chocante! Uma alma pode fumar? — perguntou de repente, e acendeu um cigarro. Depois, recordou seu dever de dono da casa e estendeu a cigarreira a Ulrich. No fundo, estava um pouco orgulhoso de ter lido os livros de Arnheim e,

como continuavam a lhe ser insuportáveis, lisonjeava-o como uma descoberta pessoal ter reconhecido a possível vantagem de sua forma de expressão torrencial para as impenetráveis intenções da diplomacia. Na verdade, ninguém mais teria querido cumprir aquela dura tarefa em vão, e qualquer um em seu lugar ter-se-ia divertido um pouco, mas logo sucumbiria ao desejo de tentar empregar uma ou outra citação, ou vestir com um desses novos pensamentos incomodamente obscuros alguma coisa que não se consegue dizer direito.

Isso acontece com certa dificuldade, porque achamos a roupa nova ainda ridícula, mas logo nos habituamos a ela, e assim, imperceptivelmente, o espírito dos tempos muda suas formas de aplicação, e nesse particular Arnheim podia ter ganho um novo admirador. Até Tuzzi admitia que, diante da exigência de unir alma e finanças, apesar de toda a contradição se podia imaginar algo como uma psicologia financeira, e na verdade era só Diotima que inabalavelmente o protegia de Arnheim. Pois entre ela e Arnheim, sem que ninguém soubesse, já começava a se instalar um esfriamento, prejudicando tudo o que Arnheim dissera sobre alma, pela suspeita de ser apenas uma desculpa; como resultado, essas frases atingiam Tuzzi mais irritante-mente do que nunca. Era perdoável que, nessas circunstâncias, ele imaginasse que a relação da sua esposa com o estranho ainda estava crescendo; uma relação que não era amor contra o qual um marido pudesse tomar suas providências, mas um “estado amoroso”, e um “pensamento amoroso”, e tão nobre, acima de qualquer suspeita, que Diotima expressava abertamente as idéias a que era levada por ele, exigindo até que Tuzzi participasse espiritualmente.

Ele andava incrivelmente perplexo e sensível, rodeado por aquela atmosfera que o cegava como uma luz de sol jorrando de todos os lados, mas sem um sol firme pelo qual pudesse se orientar para obter sombra e alívio.

E ouvia Ulrich falar:

— Mas eu queria fazê-lo refletir no seguinte. Habitualmente existe em nós um constante fluxo e refluxo de experiências. As excitações que se produzem em nós são instigadas de fora e correm novamente para fora, em forma de atos ou palavras. Imagine isso como um jogo mecânico. E depois, imagine que isso sofra um distúrbio: haverá um represamento, um transbordamento? Em certas circunstâncias, pode ser apenas uma bolha...

— O senhor pelo menos fala de modo sensato, embora seja tudo bobagem... — disse Tuzzi, com admiração. Não entendera logo que ali havia realmente uma explicação amadurecendo, mas mantinha a postura, e embora se perdesse na sua miséria interior, em seus lábios continuava o pequeno sorriso maldoso, tão altivo que bastava reassumi-lo outra vez.

— Creio que os fisiologistas dizem — prosseguiu Ulrich — que isso que chamamos ato consciente nasce porque o estímulo não entra e sai simplesmente por um arco diestáltico, mas é forçado a algum desvio; então, o mundo que vivenciamos e o mundo em que agimos se assemelham, embora nos pareçam a mesma coisa, às águas superiores e inferiores de uma roda de moinho, ligadas entre si por uma espécie de represa do consciente, de cuja altura, força e coisas parecidas depende a regulamentação do fluxo de entrada e saída. Ou, em outras palavras: se em um dos dois lados surge uma perturbação — um alheamento do mundo, ou falta de vontade de agir —, poder-se-ia imaginar que se forme uma segunda consciência, mais elevada? Ou acha que não?

— Eu? — disse Tuzzi. — Devo dizer que acho que isso me é totalmente indiferente. Os catedráticos que discutam isso entre si, se acharem importante. Mas, falando de modo prático — ele enfiou pensativo o cigarro no cinzeiro e depois ergueu os olhos, aborrecido —, as pessoas que decidem sobre o mundo têm uma represa ou duas?

— Pensei que desejasse ouvir como eu imagino que surjam essas idéias.

— Se me disse isso, infelizmente não o compreendi — opinou Tuzzi.

— Muito simples: o senhor não tem a segunda represa, portanto não possui o princípio da sabedoria, e não entende uma palavra do que falam as pessoas que têm alma. E eu lhe dou os parabéns!

Aos poucos, Ulrich tomava consciência de que, de maneira insultuosa e em estranha companhia, expressava pensamentos nada inadequados para manifestar emoções que inquietavam seu próprio coração. A impressão de que, numa receptividade exacerbada, pudesse surgir um transbordamento e retorno das experiências, que ligasse os sentidos com todas as coisas, ilimitadamente, mansamente, como um espelho d'água, lembrou-lhe os grandes diálogos com Ágata, e involuntariamente seu rosto assumiu uma expressão em parte hirta, em parte sonhadora. Tuzzi contemplava-o sob pálpebras pesadas, e notou no sarcasmo de Ulrich que não era ele o único a não gostar nada dos próprios “representamentos”.

Os dois mal tinham notado quanto tempo se ausentara Raquel, detida pela patroa para ajudá-la a impor a si mesma e ao quarto de enferma certa ordem de sofrimento, que fosse espontânea mas elegante, para receber Ulrich. Por fim, a moça trouxe o recado de que ele não fosse embora, mas tivesse um pouco mais de paciência. E voltou depressa para junto da patroa.

— Todas as frases que o senhor mencionou naturalmente são alegorias — prosseguiu Ulrich depois dessa interrupção, para recompensar o dono da casa pela gentileza de lhe fazer companhia. — Uma espécie de linguagem das borboletas! E gente como Arnheim me dá mais ou menos a impressão de encherem a pança com esse néctar tenuíssimo! Queria dizer — acrescentou depressa, porque lhe ocorreu em tempo que não podia incluir Diotima nesse insulto —, é exatamente de Arnheim que tenho essa impressão, assim como, apesar disso, também acho que ele carrega a sua alma como uma carteira no bolso do peito!

Tuzzi largou novamente pasta e luvas, que pegara quando Raquel havia entrado, e respondeu veemente:

— Sabe o que é? Quero dizer, o que me explicou de modo tão interessante. Não é senão o espírito do pacifismo! — Ele fez uma pausa, deixando tempo para suas palavras fazerem efeito. — O pacifismo nas mãos de diletantes sem dúvida representa um grande perigo — acrescentou significativamente.

Ulrich teve vontade de rir, mas Tuzzi estava mortalmente sério e associara duas coisas realmente aparentadas de longe, por mais cômico que fosse ver amor e pacifismo ligados, porque os dois lhe davam impressão de uma libertinagem de amadores. Assim, Ulrich não soube o que responder, e aproveitou a ocasião para voltar à Ação Paralela, objetando que acabavam de dar ordem de ação.

— Isso é idéia de Leinsdorf! — disse Tuzzi, desdenhoso. — Lembra ainda nossa última conversa aqui, antes de sua partida? Leinsdorf disse: “Alguma coisa tem de acontecer!” Foi tudo, e a isso chamam agora palavra de ordem de ação! E naturalmente Arnheim procura nos impingir seu pacifismo russo. Lembra que eu preveni

contra isso? Receio que ainda vão pensar em mim! Em lugar algum a política externa é tão difícil como aqui entre nós, eu já disse isso aquela vez: quem hoje se atreve a concretizar idéias políticas básicas, tem de ser um pouco especulador, e um pouco criminoso!

Dessa vez, Tuzzi se descontrolara bastante, certamente porque no momento seguinte Ulrich poderia ser chamado para junto de sua mulher ou porque não queria ser apenas o que recebia informações nessa conversa.

— A Ação Paralela desperta desconfiança internacional — relatou —, e seu efeito na política interna, de a julgarem tanto antialemã quanto antieslava, também é sensível na política externa. Mas para que entenda bem a diferença entre pacifismo diletante e profissional, vou lhe explicar uma coisa: A Áustria poderia impedir pelo menos por trinta anos qualquer guerra, caso se filiasse à *entente cordiale*! E no jubileu do governo poderia fazer isso com um belo gesto pacifista, assegurando à Alemanha o seu amor fraterno, para que esta a imite ou não. A maioria de nossas nacionalidades ficaria entusiasmada. Poderíamos, com créditos franceses e ingleses baratos, fortalecer nosso exército a ponto de a Alemanha não nos intimidar mais. Ficaríamos livres da Itália. A França não poderia fazer nada sem nós. Em suma, seríamos a chave da guerra e da paz, e faríamos o grande negócio político. Não estou lhe revelando nenhum segredo: é um simples cálculo diplomático que qualquer adido comercial poderia fazer. Por que não se pode executar? Imponderabilidades da Corte: lá, não suportam S.M., a ponto de acharem indecente ceder a isso. Monarquias hoje em dia estão em desvantagem, pois estão oneradas de decência! E imponderabilidade do chamado espírito público: com isso, chego à Ação Paralela. Por que ela não educa o espírito público? Por que não lhe ensina uma visão objetiva? Veja — mas aí as explicações de Tuzzi perderam parte da credibilidade, dando a impressão de esforço por esconder alguma mágoa oculta —, esse Arnheim realmente me diverte com seus textos! Não foi ele quem inventou aquilo, e outro dia, adormecendo tarde, tive tempo de refletir um pouco a respeito. Sempre houve políticos escrevendo romances ou teatro, por exemplo Clemenceau ou Disraeli; não Bismarck, mas este foi um destruidor. E veja esses advogados franceses que hoje dão as cartas: invejável! Especuladores políticos, mas aconselhados por uma excelente diplomacia profissional, que lhes dá as diretrizes, e todos alguma vez escreveram romances ou peças de teatro indecentes, pelo menos na juventude, e ainda hoje escrevem livros. Pensa que esses livros valem alguma coisa? Não creio. Mas eu lhe juro que ontem de noite pensei: nossa própria diplomacia perde alguma coisa porque não produz livros, e direi por quê: primeiro, natural mente, para um diplomata tanto quanto para um esportista vale que ele tem de suar bastante. Segundo, aumenta a segurança pública. Sabe o que é o equilíbrio europeu?...

Nisso, foram interrompidos por Raquel anunciando que Diotima estava à espera de Ulrich. Tuzzi pediu casaco e chapéu.

— Se o senhor fosse um patriota... — disse, enfiando as mangas enquanto Raquel segurava o sobretudo.

— O que eu faria então? — perguntou Ulrich fitando os negros olhos de Raquel.

— Se fosse um patriota, chamaria um pouco a atenção de minha mulher ou do Conde Leinsdorf para essas dificuldades. Eu não posso, pois, como marido, pareceria mesquinho.



— Mas ninguém me leva a sério — respondeu Ulrich calmamente.

— Ora, não diga isso! — exclamou Tuzzi vivamente. — Não o levam a sério como às outras pessoas, mas todos têm muito medo do senhor. Receiam que possa dar um conselho muito louco ao Leinsdorf. Sabe o que é o equilíbrio europeu? — insistiu o diplomata.

— Acho que sei, mais ou menos.

— Então parabéns! — respondeu Tuzzi, irritado e infeliz. — Nós diplomatas profissionais não sabemos. É aquilo que não se pode perturbar, ou vão todos cair uns por cima dos outros. Mas ninguém sabe ao certo o que é isso que não se deve perturbar. Lembre-se um pouco do que andou havendo e há ao nosso redor nos últimos anos: Guerra Turco-Italiana, Poincaré em Moscou, Questão de Bagdá, intervenção armada na Líbia, tensão austro-sérvia, o problema do Adriático... isso é equilíbrio? Nosso inesquecível Barão Ährenthal... mas não quero detê-lo mais tempo.

— Pena — assegurou Ulrich. — Se podemos conceber assim o equilíbrio europeu, então o espírito europeu se expressa magnificamente nele!

— Sim, isso é que é o interessante — devolveu Tuzzi, já na porta, sorrindo resignado. — E nesse sentido, a façanha espiritual de nossa Ação não deve ser menosprezada!

— Por que não impede isso? Tuzzi deu de ombros.

— Se entre nós um homem na posição de Sua Alteza quer uma coisa, não se pode resistir. Só podemos ter cautela!

— E a senhora, como vai? — perguntou Ulrich, depois da partida de Tuzzi, àquela pequena sentinela em preto-e-branco que agora o levava a Diotima.

## 17

### DIOTIMA MUDOU DE LEITURAS

— Querido amigo — disse Diotima quando Ulrich entrou em seu quarto —, eu não queria deixá-lo ir sem lhe falar, mas preciso recebê-lo neste estado! — Usava um traje caseiro que fazia a majestade de suas formas lembrar vagamente uma gravidez, conferindo ao corpo que jamais dera à luz um pouco daquele adorável despudor dos sofrimentos maternos. Ao seu lado no sofá jazia uma estola de peles com que estivera aquecendo o ventre, e na testa trazia uma compressa contra enxaqueca, que deixara no lugar sabendo que lembrava uma venda grega.

Embora fosse tarde, não havia luz, e o cheiro de remédios e água-de-colônia para combater algum mal secreto pairava no ar, misturado a um intenso perfume lançado sobre todos os outros odores como uma nuvem.

Ulrich baixou fundo o rosto beijando a mão de Diotima, e tentou perceber no braço alterações de perfume que tivessem acontecido na sua ausência. Mas da pele apenas emanava o cheiro denso, pleno, limpo, de todos os dias.

— Ah, querido amigo — repetiu Diotima —, é bom que tenha voltado... — Ah — gemeu de repente, sorrindo —, estou com tanta dor de estômago!

Essa participação, tão natural como uma notícia sobre o tempo, assumia na boca de Diotima uma expressão de fraqueza e confissão.

—Prima! — exclamou Ulrich e curvou-se sorrindo para ver seu rosto. Na sua mente, a terna alusão de Tuzzi ao incômodo da esposa misturou-se com a suposição de Diotima estar grávida, o que faria uma decisão desabar sobre aquela família.

Adivinhando isso vagamente, ela fez um pálido gesto negativo. Na verdade, tinha apenas eólicas menstruais, o que antigamente nunca acontecera e se relacionava obscuramente com sua vacilação entre Arnheim e o marido, que há meses era acompanhada por esse tipo de problemas. Quando ouvira falar do retorno de Ulrich, sentira-se consolada, e saudava nele o amigo familiarizado com suas lutas, motivo pelo qual o recebera. Jazia ali, mal-e-mal sentada, entregue as dores que a dilaceravam, um pedaço de natureza exposta diante de Ulrich sem cercas nem placas proibitivas, o que era raro nela. Mesmo assim, achava que soaria plausível falar em dores de estômago nervosas como um sinal de natureza sensível; do contrário, não se teria exposto.

—Mas tome algum remédio — sugeriu Ulrich.

—Ah — suspirou Diotima —, tudo vem dessas excitações. Meus nervos não vão mais agüentar muito tempo!

Houve uma pequena pausa, porque Ulrich teria na verdade de indagar por Arnheim, mas estava curioso por saber dos assuntos que lhe interessavam pessoalmente, e não encontrou logo uma saída. Por fim, indagou:

—Libertar a alma da civilização está trazendo problemas? — e acrescentou: — Infelizmente, devo sentir-me lisonjeado, pois a avisei há muito tempo de que seus esforços de abrir caminho para o espírito no mundo fracassariam dolorosamente!

Diotima lembrou-se de como fugira do grupo e se sentara com Ulrich sobre a sapateira, na saleta; seu abatimento fora quase o mesmo daquela vez, mas entre as duas ocasiões houvera incontáveis esperanças e decepções.

—Como era magnífico, meu amigo — disse ela — quando ainda acreditávamos na grande idéia! Hoje, devo dizer que o mundo parou para escutar, mas como estou decepcionada!

—Por quê? — perguntou Ulrich.

—Não sei. Deve ser problema meu.

Quis acrescentar algo sobre Arnheim, mas Ulrich indagou como se haviam ajeitado com a manifestação; sua última lembrança era de não ter encontrado Diotima quando o Conde Leinsdorf o mandara procurar por ela para a preparar para alguma intervenção mais enérgica, e ao mesmo tempo tranquilizá-la.

Diotima fez um gesto altivo.

—A polícia prendeu alguns jovens e os soltou de novo: Leinsdorf está muito aborrecido, mas o que mais se poderia fazer? Ele se apegou ainda mais a Wisnietzky, dizendo que alguma coisa tem de acontecer: mas Wisnietzky não consegue fazer propaganda, se nem sabe para quê!

—Ouvi dizer que deve-se lançar a palavra de ordem de ação! — disse Ulrich. O nome do Barão Wisnietzky, que fracassara como ministro diante da resistência dos partidos alemães e, por isso mesmo, causava extrema desconfiança encabeçando a comissão que lutava por um maior interesse pela desconhecida e grandiosa idéia da Ação Paralela, evocou-lhe vivamente a atuação política de Sua Alteza, que lograra esse êxito. Parecia que o livre curso dos pensamentos leinsdorfianos — talvez reforçados pelo esperado fracasso de todos os esforços em assustar o espírito austríaco, e

mesmo europeu, através da colaboração de seus homens mais importantes — levava a reconhecer que era melhor dar um empurrão nesse espírito, não importando de onde viesse tal choque. Possivelmente as reflexões de Sua Alteza também se apoiavam nas experiências feitas com histéricos, para os quais por vezes é ótimo alguém gritar brutalmente com eles, ou sacudi-los; mas essa suspeita, que Ulrich tivera precipitadamente, antes de Diotima poder retrucar, foi interrompida pela resposta dela. Mais uma vez a enferma usou a expressão “querido amigo”.

— Querido amigo! — disse. — Há algo de verdadeiro nisso! Nosso século tem sede de ação. Uma ação...

— Que ação? Que espécie de ação? — interrompeu Ulrich.

— Não importa! Na ação existe um grande pessimismo contra as palavras; não neguemos que no passado só fizemos falar. Vivemos para grandes e eternas palavras e ideais; por uma exaltação do humano; por nossa singularidade interior; por uma crescente sensação de existência global. Buscamos uma síntese, vivemos para novos prazeres de beleza e de felicidade, e não nego que a busca da verdade é um brinquedo de crianças diante da imensa gravidade de nos tornarmos nós mesmos uma verdade. Mas havia um exagero diante do atual insignificante conteúdo de realidade da alma, e, por assim dizer, vivemos para nada, num estado de sonhadora nostalgia! — Diotima soerguera-se, apoiando-se com insistência sobre o cotovelo. — Existe algo do saudável em renunciarmos à busca da entrada soterrada da alma, e preferirmos tentar assumir a vida tal como ela é! — encerrou.

Agora, além da explicação que Ulrich suspeitava haver de parte de Leinsdorf para a palavra de ordem de ação, havia outra, com firma devidamente reconhecida. Diotima devia ter mudado suas leituras. Ele recordava tê-la visto, ao entrar, rodeada de muitos livros, mas estava escuro demais para decifrar os títulos; além disso, parte deles estava coberta pelo corpo da jovem mulher, como por uma grossa serpente, que se soerguia mais, para encará-lo cheia de expectativa. Depois de ter preferido desde a infância livros suaves e românticos, Diotima, a julgar por suas palavras, agora entusiasmava-se com essa força renovadora que está sempre atuando para, com os conceitos dos próximos vinte anos, não encontrar o que não encontrara com os conceitos dos vinte anos passados; o que talvez até produza as grandes mudanças de estado de alma na história, vacilando entre humanitarismo e crueldade, tempestade e indiferença, ou outros comentários para os quais não existe razão suficiente. Ocorreu a Ulrich, rapidamente, que aquele pequeno e inexplicado resquício de indeterminação que sobra em cada experiência moral, de que tanto falara com Ágata, na verdade devia ser a causa dessa insegurança humana; mas como não se quisesse permitir a felicidade de lembrar aqueles diálogos, obrigou seus pensamentos a se afastarem e dirigirem-se para o general, que fora o primeiro a lhe contar que havia naqueles tempos um novo espírito, fazendo-o de um modo cujo saudável mau humor não deixava espaço para dúvidas fascinantes. E já que estava pensando no general, ocorreu-lhe também o pedido dele, de que cuidasse das perturbações reinantes entre sua prima e Arnheim e, por isso, ao discurso de despedida que Diotima fizera à alma, respondeu simplesmente:

— E o “amor ilimitado?” Parece que não lhe fez bem!

— Ah, o senhor! Sempre o mesmo! — suspirou a prima, deixando-se recair sobre os travesseiros, onde fechou os olhos; pois a ausência de Ulrich a desabituara desse tipo de perguntas diretas, e teve de recapitular primeiro o quanto lhe confiara de

si. E de repente, a proximidade dele começou a agitar coisas esquecidas. Recordou vagamente uma conversa com Ulrich sobre “amor desmedido”, que ainda prosseguira no seu último ou penúltimo encontro, em que ela jurara que as almas podiam sair da prisão do corpo ou pelo menos debruçar-se para fora dele pela metade, e Ulrich lhe respondera que isso eram apenas delírios da fome de amor, e que ela devia permitir a “permissividade” de Arnheim, dele ou de quem quer que fosse. Mencionara até Tuzzi nesse contexto, também isso veio à memória de Diotima: sugestões desse tipo são lembradas mais facilmente do que o resto que uma pessoa como Ulrich costuma dizer. E ela provavelmente tivera razão em considerar aquilo uma insolência; o considerara malcriação mas como, em comparação com a dor atual, a dor antiga parece um velho camarada inofensivo, hoje aquilo parecia apenas uma lembrança de camaradagem e intimidade. Portanto, Diotima abriu outra vez os olhos e disse:

— Provavelmente não existe amor perfeito na terra!

E sorriu, mas havia rugas de preocupação debaixo da tira em sua testa, conferindo ao rosto, na penumbra, uma expressão singularmente desfeita. Diotima inclinava-se a acreditar em possibilidades sobrenaturais em assuntos que lhe diziam respeito de perto. Até a inesperada aparição do General von Stumm no concílio a assustara como obra de espíritos, e quando criança rezava para nunca morrer. Isso lhe facilitara assumir também em relação a Arnheim uma crença sobrenatural, ou, melhor dito, aquela descrença não-total, aquele não-considerar impossível, que hoje se tornou a relação fundamental na fê.

Se Arnheim não fosse capaz apenas de retirar da alma dela e dele algo invisível que, a cinco metros de distância, se tocasse no ar, ou se seus olhares fossem capazes de fazer isso, mas de maneira a no fim restar algo concreto, um grão de café ou de semolina, uma manchinha de tinta, qualquer sinal de uso ou avanço, Diotima teria esperado que um dia tudo se alçasse ainda mais, numa daquelas relações sobrenaturais que não se podem imaginar direito, como, de resto, não se imaginam direito a maioria das relações terrenas. Também aí demonstrava paciência, pois nos últimos tempos Arnheim viajava mais, e ficava fora mais tempo do que antes, e até nos dias em que estava na cidade andava surpreendentemente ocupado pelos negócios. Não se permitia duvidar que o amor por ela ainda fosse o grande acontecimento da vida dele, e quando voltavam a ficar sozinhos juntos, a exaltação de suas almas era tão grande, e o contato tão concreto, que as emoções emudeciam assustadas, e quando não havia oportunidade de falar em algo impessoal, surgia um vácuo que deixava depois uma amarga fadiga. Assim como não achava possível que isso fosse paixão, também não podia excluir — habituada como estava pelo seu tempo a considerar tudo que não fosse prático apenas objeto de fé, isto é, daquela insegura não-crença — que ainda acontecesse outra coisa, contrariando todas as hipóteses sensatas. Mas nesse minuto em que abria os olhos, encarando Ulrich e vendo dele apenas um contorno escuro, que não respondia, ela se indagou: “O que estou esperando? O que afinal deverá acontecer?”

Por fim, Ulrich respondeu:

— Mas Arnheim queria casar com a senhora, não queria? Diotima voltou a soerguer-se um pouco sobre o braço, e disse:

— Mas pode-se resolver o problema do amor com divórcio ou casamento? “Enganei-me quanto à gravidez”, constatou Ulrich silencioso, pois não soube o que responder à exclamação da prima. Mas acabou dizendo de supetão:

— Eu a preveni contra Arnheim!

Talvez nesse momento se sentisse obrigado a dizer-lhe o que sabia, que o nababo ligara as almas dos dois aos seus negócios, mas desistiu; pois achou que nesse diálogo cada palavra tinha seu lugar como os objetos em seu quarto, que ele encontrara cuidadosamente limpos ao voltar, como se tivesse estado morto por um momento. Diotima o censurou:

— Não leve isso assim na brincadeira. Há uma profunda amizade entre Arnheim e mim; e se, apesar disso, de vez em quando existe também algo que eu chamaria um grande medo, vem exatamente da nossa sinceridade. Não sei se jamais viveu, ou é capaz de viver isso: entre duas pessoas que atingem certo nível de sentimentos, qualquer mentira é tão impossível, que mal se consegue dialogar!

Com ouvido refinado, Ulrich escutou, nessa censura, que para ele a porta da alma da prima estava mais aberta que habitualmente, e como se divertisse muito por ela ter confessado, sem querer, que não podia falar com Arnheim sem mentir, achou que devia provar sua sinceridade ficando calado; e, como Diotima se deitara novamente, curvou-se sobre o braço dela para beijar-lhe a mão de maneira amigável e mansa. A mão pousou na dele, leve como cerne de sabugueiro, e ficou ali depois do beijo. O pulso batia sobre os dedos dele, e o aroma de pó-de-arroz era como uma nuvem envolvendo-lhe o rosto. E embora o beija-mão fosse apenas uma brincadeira galante, tinha em comum com a traição aquele amargo ressaibo de prazer sensual de haver-se inclinado tão perto de uma pessoa que se podia beber dela como um animal, sem ver mais a própria imagem saindo da água.

— Em que está pensando? — perguntou Diotima.

Ulrich apenas sacudiu a cabeça, e assim — no escuro ainda iluminado por um último clarão aveludado — deu-lhe nova oportunidade de fazer reflexões sobre o silêncio. Ela recordou uma frase maravilhosa: “Há pessoas com quem o maior herói não ousaria se calar.” Ao menos, era algo parecido. Ela pensou lembrar que era uma citação; Arnheim a usara, e ela a tomara para si mesma. E, além das mãos de Arnheim, desde as primeiras semanas de seu casamento nenhuma outra mão de homem ficara entre as suas mais que dois segundos; só agora, a mão de Ulrich. Entretida consigo mesma, ignorou como isso prosseguiria, mas pouco depois ficou agradavelmente surpreendida por ver que tivera razão ao pensar que não aguardaria inativa a hora impossível do máximo amor, mas que usava o tempo de hesitação dedicando-se um pouco mais ao marido. Os casados são felizes: enquanto outros quebrariam a fidelidade com o amado, eles podem dizer que pensaram no seu dever, e como Diotima pensava que, viesse o que viesse, no lugar onde o destino a colocara cumpriria seu dever, tentara compensar os defeitos do marido e incutir-lhe um pouco mais de alma. Ocorreu-lhe novamente uma frase de poeta, dizendo mais ou menos que não havia pior aflição do que ver seu destino ligado ao de uma pessoa a quem não se amava, e isso também provava que era preciso esforçar-se por sentir algo por Tuzzi, enquanto o destino não os separasse. E começara isso sistematicamente, em compreensível oposição aos imprevisíveis acontecimentos da sua alma, que já não queria impor-lhe por mais tempo. E com orgulho sentia os livros sobre os quais estava deitada, pois tratavam da fisiologia e psicologia do casamento, e de alguma forma isso tudo se completava mutuamente, o fato de estar escuro, de estar com esses livros, de Ulrich estar segurando sua mão, de ela ter-lhe dado a entender o grandioso pessimismo que talvez também expressasse publicamente em breve, renunciando a

seus ideais. E, de tempos em tempos, Diotima apertava a mão de Ulrich, pensando em todas essas coisas, como se as malas estivessem prontas para a despedida de tudo o que acabara. Depois, ela gemeu baixinho, e uma levíssima onda de dor percorreu seu corpo, como desculpa; mas Ulrich respondeu bondosamente à pressão com as pontas de seus dedos, e, depois de isso se repetir algumas vezes, Diotima achou que era demais, mas não se atrevia a tirar a mão porque esta jazia na dele, tão leve e seca, e às vezes até tremia, de modo que a ela isso pareceu um indício inadmissível da fisiologia do amor, que não queria trair fugindo desajeitadamente.

Foi “Rachelle”, que se ocupava no quarto ao lado e há algum tempo andava singularmente insolente, que terminou a cena, acendendo repentinamente a luz do outro lado da porta de comunicação aberta. Diotima retirou rapidamente sua mão da de Ulrich; nesta ficou por algum tempo um espaço de imponderabilidade.

— Rachelle — chamou Diotima, baixinho —, acenda a luz aqui também!

Quando isso aconteceu, as cabeças iluminadas pareciam ter emergido da água, como se a escuridão ainda não tivesse secado inteiramente nelas. Havia sombras em torno da boca de Diotima, conferindo-lhe aparência de umidade e inchume; as pequenas pregas cor de madrepérola no pescoço e debaixo das faces, habitualmente parecendo feitas para os amantes de delícias opulentas, estavam duras como linóleo, e sombreadas de tinta. Também a cabeça de Ulrich erguia-se branca e negra como a de um homem primitivo numa trilha de guerra, naquela luz inesperada. Ele piscou, tentou decifrar os títulos das obras que rodeavam Diotima e reconheceu com espanto a ânsia de saber de sua prima, sobre higiene da alma e do corpo, expressa na escolha daqueles livros.

“Um dia ele ainda vai tentar alguma coisa comigo”, pensou ela de repente, seguindo o seu olhar e inquietando-se por ele, mas não chegou a formular isso numa frase; apenas se sentiu exposta demais ao primo, assim deitada na luz, e teve necessidade de assumir alguma aparência mais segura. Com um gesto que devia parecer refletido, como convém a uma mulher “independente”, ela apontou para suas leituras e disse com o tom mais objetivo possível:

— Não vai acreditar que o adultério por vezes me parece uma solução simples demais para o conflito conjugal!

— Pelo menos, é a mais inofensiva! — respondeu Ulrich, aborrecido com seu próprio tom irônico. — Quero dizer, ele não faz mal em nenhum caso.

Diotima lançou-lhe um olhar de censura e fez sinal de que Raquel poderia escutar do quarto vizinho. Depois, disse alto:

— Eu não penso assim! — e chamou a criada, que apareceu, mal-humorada, vindo com mágoa que seria mandada embora dos quartos. Com esse incidente, porém, haviam-se acalmado as emoções; a idéia, favorecida pela penumbra, de cometerem uma pequena infidelidade, embora indeterminada e contra ninguém, desfez-se na claridade, e Ulrich tratou de falar ainda alguma coisa social, para poder ir embora.

— Eu ainda não lhe disse que estou me demitindo de meu posto de secretário — começou.

Mas Diotima mostrou estar informada e declarou que ele precisava ficar, não havia outro jeito.

— O trabalho que temos a fazer ainda é enorme — pediu. — Tenha só um Pouco de paciência, em breve terá de vir uma solução! Vão lhe dar um secretário de verdade.

Esse vago “vão” chamou a atenção de Ulrich, e ele quis saber detalhes.

— Arnheim ofereceu-se para lhe emprestar um secretário.

— Não, obrigado — respondeu Ulrich. — Tenho a impressão de que não seria um gesto inteiramente desinteressado. — Nesse momento, teve outra vez vontade de explicar a Diotima a simples ligação com as jazidas de petróleo, mas ela nem ao menos notara a expressão ambígua da resposta dele, e continuava falando:

— Além disso, também meu marido se disse disposto a lhe confiar um dos empregados de seus escritórios.

— Acharia bom, isso?

— Francamente, eu não apreciaria muito — disse Diotima, desta vez com de terminação. — Pois não temos necessidade. Também seu amigo, o general, me disse que com prazer lhe poria à disposição algum ajudante do seu setor.

— E Leinsdorf?

— Essas três possibilidades me foram oferecidas voluntariamente; por isso, não tive motivo para perguntar a Leinsdorf: mas certamente ele não teria receio de nenhum sacrifício.

— Estão-me mimando. — Com essas palavras, Ulrich juntou a surpreendente solicitude de Arnheim, Tuzzi e Stumm, mostrando de maneira simplória que desejavam ter certo controle sobre todos os fatos da Ação Paralela. — Mas talvez o mais inteligente seria eu aceitar algum homem de confiança do seu marido.

— Querido amigo... — objetou Diotima, mas não soube bem como prosseguir, e provavelmente diria alguma coisa complicada. Apoiou-se de novo nos cotovelos e disse vivamente: — Eu recuso adultério como solução grosseira de conflitos matrimoniais: já lhe disse isso! Mas, mesmo assim: nada é tão difícil quanto estar ligada a uma pessoa, num *mesmo* destino, se não a amamos o suficiente!

Era um grito da natureza, extremamente antinatural. Mas, imperturbável, Ulrich teimava na sua decisão.

— Sem dúvida, o subsecretário Tuzzi gostaria de obter influência sobre o que a senhora está fazendo: mas os outros também querem isso! Os três homens a amam, e cada um tem de harmonizar isso de alguma forma com o seu dever.

Ele admirou-se por ver que Diotima não entendia nem a linguagem dos fatos nem a dos seus comentários, e concluiu ainda mais irônico, enquanto se levantava para despedir-se:

— O único que a ama desinteressadamente sou eu; porque não tenho nada a fazer, nem dever algum. Mas sentimentos sem distração são destruidores: a senhora mesma sentiu isso, e sempre teve em relação a mim uma desconfiança justificada, embora apenas instintiva.

Diotima não soube por que, mas talvez exatamente por esse motivo tão simpático agradava-lhe ver Ulrich tomar partido de sua casa na questão do secretário, e não largou a mão que ele lhe oferecera.

— E como isso se coaduna com seu caso com “aquela” mulher? — perguntou ela, eufórica, usando do comentário dele — na medida em que Diotima era capaz de euforia, o que dava a impressão de um halterofilista brincando com uma pluma.

Ulrich não compreendeu o que ela queria dizer.

— Com a mulher do presidente do tribunal, que o senhor me apresentou!

— Então notou isso, prima?

— O Dr. Arnheim chamou minha atenção para o fato.

— Ah, é? Muito lisonjeiro, ele acreditar que pode me prejudicar diante da senhora. Mas naturalmente minhas relações com essa dama são totalmente inocentes!

— disse Ulrich, defendendo a honra de Bonadéia na maneira tradicional.

— Na sua ausência, ela esteve apenas duas vezes em sua casa! — Diotima riu.

— Uma vez, nós a observamos casualmente, da segunda soubemos por outra via. Portanto, a sua discrição é inútil. Gostaria de compreender o senhor! Mas *não consigo*!

— Meu Deus, como vou lhe explicar tudo?

— Faça isso! — ordenou Diotima. Colocara no rosto a expressão de “impudor oficial”, uma espécie de expressão com óculos, que assumia quando seu espírito lhe ordenava escutar coisas, ou dizer coisas, que na verdade seriam proibidas para sua alma de dama. Mas Ulrich negou-se e repeliu que só poderia fazer conjecturas sobre a natureza de Bonadéia.

— Muito bem — admitiu Diotima. — Sua amiga não poupou alusões! Parece acreditar que precisa defender alguma injustiça que me foi feita! Mas fale, se prefere, apenas como se fossem suposições!

Ulrich ficou curioso e acabou descobrindo que Bonadéia fora recebida algumas vezes por Diotima, e não apenas em ocasiões ligadas com a Ação Paralela ou a posição de seu marido.

— Devo admitir que acho essa mulher muito bonita — concedeu ela. — E tem tendências idealistas incomuns. Na verdade, estou zangada porque o senhor exige confiança e sempre me negou a sua!

Nesse momento, Ulrich pensava: “Vão todos para o diabo! “.Queria assustar Diotima e vingar-se da insistência de Bonadéia, e sentiu por um momento a total distância entre si mesmo e a vida que se permitira levar.

— Pois então, ouça — disse com ar fingidamente sombrio. — Essa mulher é uma ninfomaníaca, e não consigo resistir a ela!

“Oficialmente”, Diotima sabia o que era ninfomania. Houve uma pausa, e ela respondeu, com voz arrastada:

— Pobre mulher! E ama uma criatura dessas?

— É uma coisa tão idiota! — disse Ulrich.

Diotima quis saber mais “detalhes”; ele teve de explicar o “lamentável fenômeno”, e “torná-lo humano”. Não fez isso muito detalhadamente, mas, aos poucos, Diotima foi sentindo uma satisfação cuja base era provavelmente a conhecida gratidão ao Senhor por não ser como a outra; mas a ponta desse sentimento perdia-se em susto e curiosidade, e não deixaria de influenciar suas relações futuras com Ulrich. Ela disse, pensativa:

— Mas deve ser horrível abraçar uma pessoa sem ter convicção interior!

— Acha? — respondeu o primo, em tom inocente. Diotima sentiu indignação e mágoa com essa insolência, mas não podia mostrar isso; contentou-se em soltar a mão dele, e recair nos travesseiros com um gesto de adeus. — Nunca deveria ter me contado isso! — disse de lá. — Acaba de se portar muito mal com relação a essa pobre mulher, e é indiscreto!

— Nunca sou indiscreto! — defendeu-se Ulrich e teve de rir da prima. — E realmente injusta; foi a primeira mulher a quem fiz confissões sobre outra mulher, e foi a senhora quem me levou a isso!



Diotima ficou lisonjeada. Quis saber algo parecido a: que sem transformação espiritual ficamos privados do melhor; mas não conseguiu, porque de repente isso a atingia de perto. Por fim, porém, a lembrança de um dos livros que a rodeavam ajudou-a a dar uma resposta neutra, protegida por limites oficiais:

— Está cometendo o erro de todos os homens — censurou. — Trata sua parceira de amor não como alguém de direitos iguais, mas como mera complementação para si próprio, e depois fica decepcionado. Nunca se perguntou se talvez o caminho de um erotismo harmonioso e cheio de ímpeto não passa necessariamente por uma auto-educação mais rígida?

Ulrich quase ficou de boca aberta; mas, defendendo-se involuntariamente desse ataque erudito, respondeu:

— Sabe, hoje também o subsecretário Tuzzi me perguntou sobre as possibilidades de educação e surgimento da alma.

Diotima ergueu-se, num impulso:

— Como, Tuzzi anda falando com o senhor a respeito da alma? — perguntou espantada.

— Sim, claro; ele quer saber o que é isso — assegurou Ulrich, mas nada mais conseguiria interromper sua partida, e apenas prometeu quem sabe de uma próxima vez quebrar o dever do silêncio e revelar esse assunto.

## 18

### DIFICULDADES DE UM MORALISTA AO ESCREVER UMA CARTA

A inquietação da volta terminou com essa visita a Diotima; já no dia seguinte, Ulrich sentou-se à escrivaninha, pelo fim da tarde, sentindo imediatamente a familiaridade com o móvel, e começou a escrever uma carta para Ágata.

Estava claro para ele — tão leve e claro, como certos dias sem vento — que a ação irrefletida dela era extremamente perigosa; o que acontecera podia não significar nada além de uma brincadeira audaciosa, que só interessava a eles dois, mas precisava ser desfeito antes de tornar-se realidade, perigo que a cada dia ficava maior. Ulrich escrevera até esse ponto, quando se interrompeu e teve dúvidas quanto a entregar ao correio uma carta que mencionasse tudo aquilo tão abertamente. Disse a si mesmo que seria mais adequado, de todos os modos, ele mesmo viajar com o primeiro trem, em vez de mandar a carta; mas, naturalmente, também lhe pareceu esquisito fazer isso depois de ter ignorado o assunto dias a fio, e sabia que não o faria.

Notou que havia na base disso algo quase tão sólido quanto uma decisão: tinha vontade de esperar para ver o que a resultaria daquele incidente. A questão apresentada era apenas: até que ponto podia querer isso, realmente, claramente, e toda a sorte de pensamentos difusos lhe passava pela cabeça.

Assim, logo de saída percebeu que até ali, sempre que assumia uma postura “moral”, encontrara-se em situação espiritual pior do que em ações ou pensamentos que habitualmente se poderiam chamar de “imorais”. E um fenômeno generalizado: pois em fatos que os colocam em contradição com seu ambiente, todos desenvolvem

suas forças, enquanto lá onde apenas cumprem seu mínimo dever, compreensivelmente se portam como ao pagar seus impostos; do que resulta que todo o mal se realiza com maior ou menor fantasia e paixão, e o bem se distingue por uma inconfundível pobreza emocional e precariedade. Ulrich recordava-se de que sua irmã expressara essa precariedade moral muito desinibidamente perguntando se ser bom deixara de ser bom. E afirmara que devia ser difícil e arrebatador, e espantara-se de que, apesar disso, pessoas moralistas quase sempre fossem tão aborrecidas.

Ele sorriu satisfeito e desenvolveu esse pensamento imaginando que ele e Ágata, juntos, formavam um singular contraste com Hagauer, que se poderia designar como contraste de pessoas que são ruins de maneira boa, diante de um homem que é bom de maneira ruim. E ignorando a grande parte central da vida, assumida por pessoas em cujo pensamento as palavras comuns “bem” e “mal” nem existem mais desde que se libertem da saia da mãe, as margens em que ainda há esforços morais intencionais ficam entregues a essas pessoas boas-más e más-boas, das quais umas nunca viram o bem voar nem o ouviram cantar, e por isso exigem que todos os outros se extasiem com eles diante de uma natureza da moral, na qual pássaros empalhados pousam em árvores mortas; enquanto os outros, os mortais maus-bons, irritados pelos seus rivais, manifestam pelo menos em pensamento uma zelosa inclinação pelo mal, como se estivessem convencidos de que somente nas más ações, não tão desgastadas como as boas, freme um pouco de vida moral. Dessa maneira, o mundo — naturalmente sem que Ulrich tivesse plena consciência dessa possibilidade — tinha a opção de arruinar-se com sua moral rígida ou com seus agitados imoralistas, e certamente o dito mundo até hoje não sabe o que afinal decidiu com tão imenso sucesso, a não ser que aquelas pessoas mais numerosas, que nunca têm tempo de se ocupar da moral em geral, tenham feito isso em particular, por terem perdido a confiança no ambiente que as rodeia, além de outras perdas mais, em ulterior sucessão; pois pessoas más-más, que tão facilmente podem ser responsabilizadas por tudo, já naquele tempo as havia tão poucas quanto hoje, e os bons-bons são um ideal tão distante quanto a mais remota nebulosa. Mas era exatamente neles que Ulrich pensava, enquanto todo o resto em que aparentemente pensava se lhe tornara totalmente indiferente.

E ele deu uma forma ainda mais geral e impessoal a seus pensamentos colocando em lugar do bem e do mal a relação que há entre as exigências “faça !” e “não faça!”. Pois enquanto está em ascensão uma moral — isso vale igualmente para o espírito do amor ao próximo e o de um bando de hunos — o “não faça!” é apenas o avesso e a consequência natural do “faça!”; o fazer e não-fazer crepita, e os erros que inclui não importam muito, pois são erros de mártires e de heróis. Nesse estado, o bem e o mal são iguais à felicidade e infelicidade do ser humano global. Assim, porém, que o discutível começa a dominar, ampliando-se, e sua realização já não se liga com dificuldades especiais, a relação entre estímulo e proibição necessariamente atravessa uma situação decisiva em que o dever não nasce todos os dias, mas, esvaziado e dividido em “se” e “mas”, tem de estar sempre pronto para variados usos; e, com isso, começa um processo em cujo curso virtude e pecado se tornam cada vez mais semelhantes, pela origem que vem de mesmas regras, leis, exceções e limitações, até finalmente nascer aquela singular, mas no fundo intolerável, contradição interior da qual Ulrich partira, de que a diferença entre bem e mal perde toda a importância diante da satisfação por uma ação pura, profunda e original, que pode brotar como

uma centelha tanto de fatos permitidos como dos proibidos. Quem indagar francamente, provavelmente reconhecerá que a parte proibitiva da moral está mais fortemente carregada com essa tensão do que a parte que contém exigências: enquanto parece bastante natural que certos atos ditos “maus” não devem ou não podem ser cometidos, ou, quando os cometemos, pelo menos não deveriam ter sido cometidos — como apropriação de objetos alheios ou desmesura nos prazeres —, as correspondentes tradições afirmativas da moral — nesse caso seria a entrega total de si mesmo, ou o desejo de aniquilar as coisas terrenas — foram quase perdidos, e onde ainda se exercem não passam de assuntos de loucos e visionários, ou pálidos santarrões. E num estado desses, em que a virtude está moribunda e a postura moral consta especialmente da limitação do imoral, pode acontecer facilmente que este não apenas pareça mais legítimo e vigoroso do que o outro, mas mais moral, na medida em que for permitido usar esse termo não no sentido de lei e direito, mas como medida de todas as paixões que ainda são excitadas pelo remorso. Mas, pode haver algo de mais contraditório do que favorecer internamente o mal porque ainda procuramos o bem, com o restinho de alma que possuímos?

Ulrich nunca sentira essa contradição tão intensamente como no momento em que o arco ascendente de sua reflexão voltava para Ágata. A disposição da natureza dela, de usar de uma forma de expressão boa-má — para usar mais uma vez essa efêmera palavra —, o que se corporificara de maneira intensa na intervenção no testamento paterno, feria a mesma disposição da própria natureza de Ulrich, que assumia apenas uma forma mental, podia-se dizer, uma admiração pastoral pelo diabo, enquanto ele, como pessoa, não apenas conseguia viver razoavelmente, mas não queria ser perturbado. Constatou com melancólica satisfação e clareza irônica, que toda a sua ocupação teórica com o mal no fundo se resumia no fato de ele defender os acontecimentos maus contra as pessoas más que deles se aproveitam; e de repente sentiu uma nostalgia de bondade, como alguém que vagou inutilmente pelo estrangeiro imagina chegar em casa, e ir direto beber água da fonte de sua aldeia. Mas se essa comparação não lhe tivesse ocorrido, talvez ele tivesse notado que toda a sua tentativa de imaginar Ágata sob o conceito de uma pessoa moralmente mista, como o presente os produz em quantidade, era apenas um pretexto para proteger-se de uma perspectiva que o assustava muito mais. Pois, singularmente, o comportamento de sua irmã, que se precisava censurar se analisado conscientemente, era perturbadoramente atraente assim que se participava do seu devaneio; pois então tudo que era equívoco e litigioso desaparecia, e formava-se uma impressão de bondade apaixonada, afirmativa, atuante, que facilmente pareceria, ao lado de suas formas cotidianas insípidas, um antiquíssimo pecado.

Ulrich não se permitia facilmente essa exacerbação de emoções, muito menos queria fazê-lo diante da carta que recusava escrever, de modo que novamente dirigiu seus pensamentos para o terreno geral. Teriam sido incompletos se não se tivesse lembrado de como, nos tempos que vivera, muitas vezes o anseio de um dever absoluto o levava a retirar, da provisão de virtudes, uma ou outra, colocando-a no centro de uma espetacular veneração. Tinha havido a época das virtudes nacionais, cristãs, humanistas, uma vez a firmeza do aço, outra vez a bondade, ora a personalidade, ora a comunidade, hoje uma fração de segundo, um dia antes a serenidade histórica: a alternância de disposições da vida pública repousa no fundo na troca dessas idéias-mestras: mas Ulrich sempre ficara indiferente a isso, que só o fizera sentir-se parado à margem

de tudo. Também agora, isso só lhe significava uma complementação do quadro geral, pois só um conhecimento parcial pode fazer crer que se possa interpretar a inexplicabilidade moral da vida, ligada a um nível de excessiva complicação, com um dos significados que ela já contivesse. Essas tentativas apenas se assemelham aos movimentos de um enfermo que troca de posição, inquieto, enquanto a paralisia que o prende ao leito prossegue incansavelmente. Ulrich estava convencido de que o estado em que essas tentativas acontecem é inevitável, e marca o degrau a partir do qual cada civilização voltou a decair, porque até aqui nenhuma foi capaz de colocar, em lugar da tensão interna que se perdeu, alguma tensão nova. Também estava persuadido de que o que aconteceu a toda a moral já existente acontecerá com outra. Pois o enfraquecimento moral não está no reino dos mandamentos e seu cumprimento independe de suas diferenças, é inatingível para a severidade exterior, é um processo totalmente interno, comparável ao enfraquecimento do sentido das ações e da crença na unidade de sua responsabilidade.

Assim, sem que ele tivesse pretendido, os pensamentos de Ulrich dirigiram-se novamente para aquela idéia que ele apresentara ironicamente ao Conde Leinsdorf como “secretariado geral da precisão e da alma”; e embora também jamais tivesse falado nisso senão com graça e por brincadeira, agora reconhecia que desde que era homem nunca se portara senão como se um secretariado desses fosse possível. Talvez, podia desculpar-se com isso, todo ser humano pensante trouxesse em si essa idéia de ordem, assim como adultos trazem debaixo das roupas uma medalha de santo que a mãe lhes colocou no peito quando crianças, e essa imagem da ordem, que ninguém leva demasiadamente a sério nem se anima a retirar, não parece muito diferente do que o que segue: de um lado representa obscuramente a nostalgia de uma lei da vida justa, severa e natural, que não admite exceções nem omite objeção, libertadora como uma embriaguez e lúcida como a verdade; de outro lado, porém, forma-se ali a convicção de que os próprios olhos jamais vêem uma lei assim, que os próprios pensamentos jamais a pensarão, que não se conseguirá pela proclamação ou violência individual, mas só por um esforço de todos, se não for mera utopia. Ulrich hesitou por um momento. Sem dúvida era um crente, apenas não acreditava em nada: sua maior devoção à ciência jamais conseguira fazê-lo esquecer que a beleza e bondade das pessoas vinha daquilo em que acreditavam, e não daquilo que sabiam. Mas a crença sempre estivera ligada ao saber, embora apenas como um saber imaginado, desde os primeiros dias de seu mágico nascimento. E essa antiga parcela de saber há muito apodreceu e levou consigo, na mesma decomposição, a crença: portanto, hoje é preciso reconstruir essa ligação. E naturalmente não só de maneira a levar a crença “às alturas do saber”; mas de modo a fazê-la sair voando daquelas alturas. A arte de erguer-se acima do saber tem de ser novamente exercitada. E como tal não é possível a um indivíduo, todos deveriam voltar seu sentido para isso, não importa onde o tenham posto; e se naquele momento Ulrich pensava num plano de uma década, século ou milênio que a humanidade precisaria conceder-se para dirigir seus esforços sobre a meta que ainda nem conhece direito, não foi preciso perguntar muito para saber que há longo tempo imaginara isso, sob muitos nomes, como vida verdadeiramente experimental. Pois com a palavra crença não pensava naquela pobre ânsia de saber, naquela crédula ignorância que em geral se entende por esse nome, mas sim um pressentimento ciente, que não é nem saber nem imaginação, mas também não é crença, e sim “aquela outra coisa” que escapa a tais conceitos.

Ele pegou a carta rapidamente, mas depois a afastou outra vez.

Seu rosto, há pouco ainda iluminado de uma luz severa, apagou-se outra vez, e seu perigoso pensamento predileto lhe pareceu ridículo. Como num olhar através de uma janela rapidamente aberta, sentiu o que realmente o rodeava: os canhões e os negócios da Europa. A idéia de que as pessoas que viviam daquela maneira poderiam reunir-se para comandarem juntas o seu destino espiritual era simplesmente impossível, e Ulrich teve de admitir que também a evolução histórica jamais se realizara naquela reunião planificadora de idéias, como em uma emergência acontece no espírito do indivíduo, e sim sempre com desperdício e esbanjamento, como se o punho de um grande jogador as tivesse lançado sobre a mesa. Até se envergonhou um pouco. Tudo o que pensara naquela hora recordava de maneira suspeita uma certa “enquete para tomar uma decisão diretiva e estabelecer os desejos dos círculos participantes da população”. Até o fato de ele estar moralizando, aquele pensamento teórico que contempla a natureza à luz de velas, lhe pareceu antinatural, enquanto o homem simples acostumado à claridade solar sempre procura o que está mais próximo, e nunca se detém em outra questão senão aquela, bem determinada, de poder ousar e executar aquele gesto.

Nesse momento os pensamentos de Ulrich voltaram novamente do geral para ele mesmo, e sentiu a importância que tinha sua irmã. A ela ele revelara aquele singular, ilimitado, inverossímil e inesquecível estado em que tudo é um sim. O estado em que não se consegue nenhum outro movimento espiritual senão o moral, portanto o único no qual existe uma moral ininterrupta, mesmo que ela conste apenas de ficarem todas as ações pairando sobre um abismo. E Ágata nada fazia senão estender a mão para isso. Era ela a pessoa que estende a mão, e em lugar das reflexões de Ulrich apareciam corpo e imagem do mundo real. Tudo o que ele pensara agora lhe pareceu apenas adiamento e transição. Queria “ver o que aconteceria”, ver o que resultaria da idéia de Ágata, e naquele instante era-lhe totalmente indiferente que a misteriosa promessa começara com uma ação censurável segundo os conceitos comuns. Só se podia aguardar paia ver se a moral do “fluxo e refluxo” se mostraria tão aplicável aqui como aquela da honestidade simples. Recordou a pergunta apaixonada da irmã, querendo saber se ele mesmo acreditava no que estava lhe contando, mas não a podia confirmar, agora como naquela vez. Admitiu que estava esperando por Ágata para responder a essa questão.

Nisso, tocou o telefone, de repente Walter lhe falava com motivos atropelados e palavras precipitadas. Ulrich escutou, indiferente e solícito, e quando largou o fone e endireitou o corpo, ainda sentia o tilintar que finalmente parará; profundidade e escuridão voltaram a envolvê-lo num jorro benéfico, mas ele não podia dizer se isso acontecia em sons ou cores, era como um aprofundar-se de todos os sentidos. Sorrindo, pegou a folha de papel em que começara a escrever à irmã, e, antes de sair do quarto, rasgou-a devagar em pedacinhos.

## AO ENCONTRO DE MOOSBRUGGER

Ao mesmo tempo, Walter, Ciarisse e o profeta Meingast estavam sentados em torno de uma travessa de rabanetes, tangerinas, amêndoas com casca, queijos e grandes ameixas secas turcas, devorando aquele jantar saudável e delicioso. O profeta mais uma vez usava apenas o casaco de lã sobre o tronco algo mirrado, e de tempos em tempos elogiava aquelas delícias naturais que lhe eram oferecidas, enquanto o irmão de Ciarisse, Siegmund, sentado de chapéu e luvas um pouco afastado da mesa, falava de uma entrevista com o Dr. Friedenthal, assistente da clínica psiquiátrica, para possibilitar à sua irmã “totalmente doida” uma visita a Moosbrugger.

— Friedenthal insiste em que isso só pode ser feito com uma permissão do tribunal — concluiu ele, francamente —, e esse não se contenta com a indicação da Sociedade Beneficente “Última Hora” que eu consegui para vocês, mas exige uma recomendação da embaixada, uma vez que infelizmente mentimos, dizendo que Clarisse era estrangeira. Agora, só há uma solução: o Dr. Meingast tem de procurar a embaixada suíça, amanhã mesmo!

Siegmund era parecido com a irmã, apenas seu rosto era mais inexpressivo, embora fosse mais velho. Contemplando os irmãos lado a lado, nariz, boca e olhos no rosto pálido de Clarisse pareciam fendas num solo ressequido, enquanto os mesmos traços no semblante de Siegmund assumiam as linhas macias, um pouco borradas, de um terreno gramado, embora fosse totalmente escanhado exceto pelo bigodinho. O ar burguês era mais visível nele do que na irmã, e dava-lhe uma inocente naturalidade, mesmo no momento em que ocupava tão despudoradamente o tempo de um filósofo. Ninguém teria-se admirado se relâmpagos e trovões caíssem sobre a travessa de rabanetes; mas o grande homem aceitou amavelmente aquela impertinência — coisa que seus admiradores consideraram um incidente cômico — e concordou com o olho, como uma águia que tolera um pardal ao seu lado no poleiro.

Mesmo assim, a tensão súbita e não suficientemente desfeita fez Walter perder o controle. Afastou seu prato, ficou rubro como uma nuvenzinha da manhã, e disse, veemente, que uma pessoa saudável que não fosse médico nem enfermeiro não tinha nada a fazer num hospício. Também ele foi tratado com um sinal quase imperceptível de concordância de parte do mestre. Siegmund, vendo isso e tendo compreendido muitas coisas no curso de sua vida, completou essa aquiescência com as higiênicas palavras:

— Sem dúvida é um hábito repelente da burguesia rica, ver algo de diabólico nos loucos e criminosos.

— Mas então me expliquem finalmente — exclamou Walter — por que todos vocês estão querendo ajudar Clarisse a fazer uma coisa que não aprovam, e que só a pode deixar ainda mais nervosa!

Sua mulher não se dignou a responder. Fez um ar de desagrado, uma expressão ausente que podia causar medo; duas longas Unhas altivas corriam ao longo do nariz, e o queixo tinha uma ponta dura. Siegmund não se julgou obrigado nem capaz de

responder pelos outros. Por isso, houve um pequeno silêncio depois das palavras de Walter, até Meingast dizer, baixinho, em tom indiferente:

— Clarisse sofreu uma impressão forte demais, a gente não deve deixar isso como está!

— Quando? — perguntou Walter em voz alta.

— Recentemente; à noite, na janela.

Walter empalideceu, porque era o único a saber disso só agora, enquanto obviamente Clarisse fizera confidências a Meingast, e até a seu irmão. “Mas ela é assim mesmo!”, pensou.

E embora não fosse absolutamente necessário, de repente, por cima da travessa de verduras, ele teve a sensação de que todos eram mais ou menos dez anos mais jovens. Fora o tempo em que Meingast, ainda o velho e não transformado Meingast, se despedira, e Clarisse optara por Walter. Mais tarde ela lhe confessara que, naquele tempo, embora já tivesse renunciado, Meingast ainda a beijara e acariciara algumas vezes. A lembrança era como o grande movimento de um balanço. Walter fora erguido cada vez mais alto, e naquele tempo conseguia tudo, embora houvesse algumas profundezas no meio. E também naquele tempo, quando Meingast estava por perto, Clarisse não conseguia falar com Walter; muitas vezes ele ficava sabendo através de outros o que ela pensava ou fazia. Perto dele, ficava rígida.

— Quando *você* me toca, fico dura! — dissera . — Meu corpo fica sério, é diferente do que com Meingast! — E quando ele a beijara pela primeira vez, ela lhe dissera:

— Prometi a mamãe que nunca faria uma coisa dessas!

E isso embora mais tarde admitisse que naquele tempo Meingast sempre tocava secretamente os pés dela com os seus debaixo da mesa. Era influência de Walter! A riqueza do crescimento interior que ele lhe provocara a impedia de ter movimentos desinibidos; foi assim que ele explicou o fato para si mesmo.

E lembrou as cartas que naquele tempo trocara com Clarisse: ainda hoje acreditava que não era fácil superá-las em paixão e singularidade, mesmo investigando a literatura toda. Naquela época tempestuosa, punia Clarisse indo embora quando ela permitia a Meingast ficar lá, e depois escrevia-lhe; e ela lhe escrevia cartas nas quais assegurava sua fidelidade, dizendo sinceramente que Meingast mais uma vez beijara seu joelho por cima da meia. Walter tinha querido editar essas cartas em forma de livro, e ainda hoje pensava nisso. Infelizmente nada resultará, senão, logo no começo, um grave mal-entendido com a preceptora de Clarisse: Walter lhe dissera um dia: — Vai ver, em pouco tempo eu acerto tudo isso!

Referia-se a isso no seu próprio sentido, imaginando a grande justificação diante da família de Clarisse, assim que a edição das “Cartas” o fizesse famoso; pois, para ser exato, naquele tempo muitas coisas entre ele e Clarisse não andavam em ordem. A preceptora de Clarisse — uma peça de herança da família, que mantinha sua posição sob o pretexto honroso de ser uma espécie de segunda mãe — entendera tudo errado, e à sua maneira, com o que logo surgiu na família o boato de que Walter pretendia fazer algo que lhe possibilitasse pedir a mão de Clarisse; e quando isso fora dito, surgiram estranhas felicidades e imposições. A vida real despertara, por assim dizer, com um golpe: o pai de Walter declarou não querer mais prover pelo seu filho, se este não ganhasse nada por si; o futuro sogro de Walter chamou-o ao ateliê e lá falou das dificuldades e decepções da arte pura, nada senão sagrada, fossem as artes

plásticas, música ou literatura; por fim, o próprio Walter, e Clarisse, tiveram de repente a idéia de terem vida independente, filhos e quarto de dormir publicamente comum, como um risco na pele, que não se consegue curar porque involuntariamente o arranhamos sempre. Assim, poucas semanas depois de sua precipitada confissão, Walter estava noivo de Clarisse, o que deixou os dois muito felizes, mas também muito nervosos, pois agora começava aquela procura de um lugar estável na vida, o que trazia consigo todas as dificuldades da Europa, pois o emprego que, sem constância, Walter procurara não dependia só dos ganhos mas de seus possíveis efeitos: sobre Clarisse, sobre ele próprio, sobre seu erotismo, a literatura, a música e a pintura. Na verdade, despertavam agora dos confusos turbilhões ligados ao seu acesso de loquacidade diante da velha *Mademoiselle*, quando aceitara o emprego no departamento de monumentos históricos, e fora morar com Clarisse na casinha modesta onde o destino tinha agora de decidir o que viria.

E no fundo, Walter pensava que seria bastante aceitável que o destino agora se desse por satisfeito, pois então o final não seria exatamente o que o começo tinha pretendido, mas também as maçãs, quando maduras, não caem árvore acima, e sim árvore abaixo.

Walter pensava assim, e enquanto isso, por sobre a travessa colorida com a saudável refeição de verduras, pairava a cabecinha de sua esposa, e Clarisse esforçou-se por complementar a declaração de Meingast tão objetivamente quanto possível, ou seja, tão objetiva quanto ele:

— Preciso fazer alguma coisa para diluir essa impressão; a impressão foi forte demais para mim, diz Meingast — explicou ela e acrescentou por conta própria: — E não foi mero acaso aquele homem se colocar nos arbustos logo debaixo da minha janela!

— Besteira! — recusou Walter, como quem espanta uma mosca. — Também era a minha janela!

— Muito bem, a nossa janela! — corrigiu Clarisse, com seu sorriso — defenda-de-lábios, sendo impossível, diante de tal impertinência, distinguir se era amargo ou sarcástico. — Nós o atraímos. Mas quer que eu lhe diga o que... o homem fazia? Ele roubava prazer sexual!

Aquilo fez doer a cabeça de Walter: estava repleta de passado, e o presente se inseria como uma cunha, sem que a diferença entre presente e passado fosse convincente. Ainda havia arbustos adensando-se na cabeça de Walter em claras massas de folhagens, atravessadas por veredas de bicicleta. Experimentava-se, como naquela manhã, a audácia de longas excursões e caminhadas. Novamente balouçavam vestidos de mocinhas que naqueles anos pela primeira vez liberavam atrevidamente os tornozelos, e a bainha de alvas anáguas espumava em novos movimentos esportivos. O fato de Walter achar que entre ele e Clarisse muita coisa “não era como devia ser” era um raciocínio muito brando, pois na verdade naqueles passeios de bicicleta de seu ano de noivado acontecera tudo o que permitia uma moça continuar virgem. “Quase inacreditável, tratando-se de uma moça decente”, pensou Walter lembrando-se de tudo com encantamento. Clarisse chamara aquilo de “assumir os pecados de Meingast”, que naquele tempo ainda tinha outro nome e acabava de ir para o exterior. “Seria covardia não ser sensual agora, só porque ele foi!” Clarisse explicava tudo dessa maneira, e anunciara: “Mas *nós* queremos isso de um modo espiritual!”



Walter algumas vezes se preocupara pensando que esses fatos ainda se ligavam com o homem que recém desaparecera mas Clarisse respondera:

— Quando se quer alguma coisa grandiosa, como nós queremos na arte, é proibido preocupar-se com outros assuntos.

Walter lembrava com que zelo destruíam o passado, repetindo-o no seu novo espírito, e com que grande prazer descobriam a capacidade mágica de desculpar prazeres físicos proibidos, atribuindo-lhes uma missão suprapessoal. Na verdade, naquele tempo Clarisse mostrara na sensualidade a mesma espécie de energia que aplicaria mais tarde a negar-se a ele, admitiu Walter, e, esquecendo por um momento essa analogia, um pensamento renitente lhe disse que os seios dela hoje continuavam duros como naquele tempo. Todos podiam ver isso, mesmo através da roupa. Meingast até estava olhando aqueles seios nesse momento; talvez não se desse conta disso. “Os seios dela são mudos!”, declarou Walter de si para si, numa tal riqueza de relações como se fosse um sonho ou um poema; e quase da mesma forma, pelos acolchoamentos da emoção, introduziu-se o presente:

— Clarisse, diga o que a senhora está pensando — ouviu Meingast dizer, animando a moça como um médico ou professor; por algum motivo, depois da volta ele às vezes a tratava de senhora.

Walter percebeu também que Clarisse encarava Meingast com ar interrogativo.

— A senhora me disse que Moosbrugger era carpinteiro... Clarisse olhava.

— Quem também foi carpinteiro? O Salvador! A senhora não me disse isso?! Até me contou que por isso escreveu uma carta a alguma pessoa influente.

— Parem com isso! — pediu Walter, veemente. Sua cabeça girava. Mas mal ele protestara seu aborrecimento, ficou claro que também jamais ouvira falar naquela carta, e, sentindo-se fraco, indagou:

— Que carta é essa?!

Ninguém lhe deu resposta. Meingast ignorou a pergunta e disse: — Essa é uma das idéias mais atuais. Não somos capazes de nos libertarmos, não há dúvida; chamamos isso de democracia, mas essa é apenas a expressão política do estado espiritual do “podemos isso, mas também podemos aquilo”. Estamos na era do voto. Determinamos anualmente com voto nosso ideal sexual, nossa rainha da beleza, e o fato de termos tornado a ciência positiva nosso ideal significa colocar nosso voto na mão dos chamados fatos, para que eles votem em nosso lugar. A nossa era é antifilosófica e covarde; não tem a coragem de decidir o que vale ou não vale, e democracia, no sentido mais estrito, significa: fazer o que acontece! De passagem, é um dos mais desonestos círculos viciosos que já houve na história da nossa raça!

O profeta quebrara uma noz, aborrecido, tirara a casca, e já enfiava seus fragmentos na boca. Ninguém o entendera. Ele interrompeu seu discurso para mover lentamente os maxilares, mastigando, mexendo também a ponta recurvada do nariz, enquanto o restante do rosto continuava asceticamente imóvel, mas não desviava o olhar de Clarisse, pousado na região dos seios dela. Involuntariamente, também os olhos dos dois outros homens deixaram o rosto do mestre e seguiram aquele seu olhar distraído. Clarisse sentiu um sugar, como se, caso a encarassem mais tempo, aqueles seis olhos a fossem arrancar para fora de si mesma. Mas o mestre engoliu com força o resto na noz e prosseguiu sua doutrinação:

— Clarisse descobriu que a lenda cristã admite que o Salvador seja carpinteiro; não é inteiramente certo: apenas o seu pai adotivo o era. Naturalmente não é correto que Clarisse queira tirar uma conclusão do fato de um criminoso por acaso ser também carpinteiro. Intelectualmente, está abaixo da crítica. Moralmente, é leviano. Mas é corajoso da parte dela: é isso!

Meingast fez uma pausa para deixar a palavra “corajoso” ter seu efeito. Depois, continuou calmamente:

— Recentemente, ela viu um psicopata exibicionista, o que nós também vimos; ela supervaloriza isso, aliás, tudo o que é sexual é supervalorizado hoje em dia, mas Clarisse diz: não foi por acaso que esse homem se postou debaixo de minha janela... e agora queremos compreender isso! É falso, pois casualmente o encontro foi apenas um acaso. Mesmo assim, Clarisse pensa: se eu considero tudo explicado, o ser humano jamais modificará nada no mundo. Ela considera inexplicável que um assassino que, se não me engano, se chama Moosbrugger, seja carpinteiro; considera isso tão inexplicável quanto um doente desconhecido, que sofre de perturbações sexuais, postar-se logo debaixo de sua janela; e assim habituou-se a considerar inexplicável muitas outras coisas que lhe acontecem — mais uma vez Meingast deixou seus ouvintes esperarem um pouco; sua voz recordava os movimentos de um homem determinado que se aproxima nas pontas dos pés com grande cautela; e então, esse homem atacou: — E por isso, ela vai fazer alguma coisa! — explicou Meingast, com firmeza.

Clarisse sentiu frio.

— Repito — disse Meingast — que não se deve criticar isso intelectualmente. Mas a intelectualidade, como sabemos, é apenas a expressão ou instrumento de uma vida ressequida; em contrapartida, isso que Clarisse expressa vem provavelmente de outra esfera: a da vontade. E de se supor que Clarisse jamais poderá explicar o que lhe acontece, mas talvez possa resolvê-lo; e ela já chama isso, corretamente, de “redimir”, usando por instinto a palavra certa. Pois facilmente um de nós poderia dizer também que isso lhe parece alucinação, ou que Clarisse tem nervos fracos; mas não adiantaria nada: o mundo está tão despojado de delírios, que não sabe nunca se deve amar ou odiar as coisas, e como tudo é ambivalente, todas as pessoas são fracas ou neurastênicas. Em suma — concluiu o profeta de repente —, não é fácil para o filósofo renunciar ao conhecimento, mas ter de fazê-lo é provavelmente o grande conhecimento em processo neste século vinte. Eu, em Genebra, considero hoje em dia mais importante do ponto de vista espiritual que haja na cidade um professor de boxe francês, do que o demolidor Rousseau ter trabalhado por lá!

Já que começara, Meingast teria falado mais. Primeiro, diria que a idéia de redenção sempre fora antiintelectual. “Portanto, hoje nada se deve desejar senão um bom e intenso delírio”: essa frase estivera na ponta da língua, mas engolira-a em favor de outras tiradas. Em segundo lugar, falaria da importância física da idéia de redenção, que já na origem se liga a readquirir, retomar, importância física que indica que só ações podem redimir, isto é, experiências que incluam o ser humano todo, pele e cabelos. Em terceiro lugar, desejaria dizer que, devido à superintelectualização do homem, em certas circunstâncias a mulher iria assumir a liderança instintiva da Ação, sendo Clarisse um dos primeiros exemplos. Por fim, falaria da transformação do pensamento de redenção na história dos povos, e de como predomina nessa evolução a secular crença de que redenção é um conceito apenas religioso, dando hoje

em dia, entretanto, lugar a uma noção de que ela deve ser determinada pela vontade, e, se preciso, até pela violência. Pois a redenção do mundo pela violência era de momento o centro dos pensamentos dele. Mas Clarisse começara a achar insuportável a sensação de sugamento daquela atenção centrada nela, e cortara a palavra do mestre, dirigindo-se a Siegmund como ponto de menor resistência, em voz excessivamente alta:

— Eu tinha lhe dito: a gente só pode entender aquilo de que participa: por isso nós temos de ir pessoalmente ao hospício!

Walter, que descascava uma tangerina para controlar-se, cortou fundo demais, e um jorro ácido atingiu seu olho, fazendo-o recuar e procurar um lenço. Siegmund, como sempre cuidadosamente vestido, observou primeiro, com espírito profissional, a irritação do olho do cunhado, depois olhou as luvas de pelica pousadas em seu joelho com o chapéu-coco — uma natureza-morta da honradez — e só quando o olhar da irmã se prendeu insistentemente em seu rosto, e como ninguém respondesse por ele, ergueu os olhos, com um grave aceno de cabeça, e murmurou indiferente:

— Nunca duvidei de que todos nós devíamos estar num hospício. Clarisse virou-se para Meingast e disse:

— Eu lhe falei da Ação Paralela: seria uma possibilidade e um dever imenso, acabar com o “fazer o que bem entender”, que é o pecado do nosso século!

O mestre rejeitou a idéia com um gesto, sorrindo.

Clarisse, transbordando de entusiasmo pela sua própria importância, exclamou, bastante obstinada e abruptamente:

— Uma mulher que deixa um homem, cujo espírito assim enfraquece, fazer o que bem entenda também é uma criminoso sexual!

Meingast a censurou:

— Devemos pensar só em termos gerais! Aliás, posso tranquilizá-la: naquelas reuniões um pouco ridículas, nas quais a democracia moribunda gostaria de parir ainda uma grande missão, eu já introduzi meus observadores e homens de confiança, e faz bastante tempo!

Clarisse sentiu gelo na raiz dos cabelos.

Walter tentou em vão travar mais uma vez o que estava se desenvolvendo. Lutando contra um grande respeito por Meingast, e num tom de voz totalmente diferente do que usara com Ulrich, dirigiu-se a ele, dizendo:

— O que você diz deve ser o mesmo que eu digo há muito tempo, que a gente deveria pintar só em cores puras. É preciso acabar com o matizado e borrado, concessão ao vazio, a covardia do olhar que não ousou ver nada além de que cada coisa tem um contorno firme e uma cor local: digo isso de maneira pictórica, você filosófica. Mas, embora tenhamos a mesma opinião... — de repente, ele ficou constrangido e sentiu que não podia dizer, diante dos outros, por que temia o contato de Clarisse com o demente: — Não, não quero que Clarisse faça isso — exclamou — e não vou dar meu consentimento!

O mestre escutara amavelmente, e depois respondeu com a mesma amabilidade, como se nenhuma daquelas palavras, ditas com solenidade, tivessem chegado ao seu ouvido:

— Aliás, Clarisse disse mais uma coisa com grande beleza: afirmou que todos possuímos, além da “figura de pecador” com que vivemos, uma “figura de inocente”; pode-se conferir a isso o belo significado de que nossa imaginação, independente-

mente do miserável mundo dito empírico, tem acesso a um mundo grandioso, no qual, em momentos iluminados, sentimos nossa imagem mover-se numa dinâmica mil vezes diferente! Como foi que disse isso, Clarisse? — perguntou animando-a e virando-se para ela. — Não afirmou que, se conseguisse colocar-se sem inibição ao lado desse homem indigno, chegar até ele e tocar piano dia e noite na sua cela sem se cansar, haveria de arrancar os pecados de dentro dele, assumi-los e ascender com eles? Naturalmente — comentou, voltando a dirigir-se a Walter — isso não deve ser levado ao pé da letra, mas é um acontecimento das profundezas da alma dos nossos tempos, que, vestindo-se com a parábola desse homem, se insere na vontade de Clarisse...

Naquele momento, ele não soube se devia falar mais alguma coisa sobre a relação de Clarisse com a história da idéia de redenção, ou se seria mais fascinante explicar ainda uma vez, a sós com ela, a sua missão de liderança; mas ela saltara de sua cadeira, como uma criança eufórica, ergueu o braço com punho cerrado, sorriu entre envergonhada e violenta, e cortou qualquer elogio com uma exclamação aguda:

— Avante, ao encontro de Moosbrugger!

— Mas não há quem consiga nos introduzir lá... — disse Siegmund.

— Eu não vou junto! — assegurou Walter, com firmeza.

— Não posso pedir favores a um Estado da liberdade e igualdade em todos os preços e tamanhos! — explicou Meingast.

— Então é Ulrich quem tem de nos conseguir a permissão! — exclamou Clarisse.

Os outros concordaram logo, sentindo-se liberados depois de um grande esforço, e até Walter, apesar de resistir, por fim teve de assumir a tarefa de telefonar da loja mais próxima ao amigo designado para ajudar. Com isso, interrompeu definitivamente Ulrich na escrita daquela carta a Ágata. Ele ouviu, espantado, a voz de Walter, e seu recado. Podia-se discordar, acrescentou Walter por conta própria, mas no fundo não era mero capricho. Talvez se precisasse realmente começar alguma coisa e não era tão importante qual seria. Naturalmente a aparição de Moosbrugger nesse contexto era apenas um acaso; mas Clarisse tinha uma tão singular espontaneidade, seu pensamento parecia feito de imagens sempre novas pintadas em cores puras e isoladas, duras e rebeldes, mas que, quando se entende seu jeito de ser, muitas vezes se revelam surpreendentemente corretas. Ele não conseguia explicar tudo ao telefone; que Ulrich não o abandonasse agora...

Ulrich ficou satisfeito por o terem chamado e aceitou o convite, embora a extensão do trajeto não combinasse com os breves quinze minutos que teria para conversar com Clarisse; pois esta fora convidada pelos pais para jantar com eles, em companhia de Walter e Siegmund. No trajeto, Ulrich espantou-se por ter passado tanto tempo sem pensar em Moosbrugger, e que fosse sempre Clarisse a lembrá-lo, embora antigamente esse indivíduo tivesse ocupado seus pensamentos quase sem interrupção. Mesmo na escuridão que Ulrich atravessou da parada final do bonde até a casa dos amigos, não havia lugar para aquele espectro; o vazio em que surgira voltara a se fechar. Ulrich notou isso satisfeito, e com aquela branda incerteza a respeito de si mesmo, consequência de transformações maiores do que suas causas. Atravessou a escuridão frouxa, com sensação de bem-estar, varando-a com o negrume mais denso de seu próprio corpo, quando viu Walter chegando ao seu encontro, inseguro, com medo daquele lugar isolado, mas querendo trocar algumas palavras com ele antes de se

reunirem aos outros. E continuou a sua conversa animadamente, onde fora interrompida. Parecia querer defender a si e a Clarisse de mal-entendidos. Por toda parte, embora as idéias dela parecessem desconexas, deparava-se com um material enfermo, que realmente fermentava naqueles tempos; essa era a capacidade mais estranha dela. Clarisse era como uma vara revelando processos ocultos no solo. Nesse caso, era a necessidade de se colocarem novamente “valores” em lugar da postura passiva, meramente intelectual e sensível do homem contemporâneo; a inteligência da época não deixara em parte alguma um ponto firme, e então, só a vontade, e, se fosse preciso, até a violência, podiam criar uma nova hierarquia de valores, na qual o ser humano encontrasse começo e fim para seu interior... E repetiu, hesitante mas entusiasmado, o que ouvira de Meingast.

Adivinhando isso, Ulrich perguntou mal-humorado:

— Por que você usa expressões tão empoladas? É por causa desse profeta de vocês? Antigamente, você apreciava tanto a simplicidade e naturalidade!

Walter tolerou isso por causa de Clarisse, para que o amigo não lhes negasse ajuda; mas se houvesse ao menos um raio de luz naquela noite sem lua, teriam-se visto rebrilhar seus dentes, a boca entreaberta num ar impotente. Nada respondeu, mas a raiva contida o deixou fraco, e a proximidade do amigo musculoso, que o protegia contra aquela solidão assustadora, o deixava mole. De repente, disse:

— Imagine que você ama uma mulher e encontra um homem a quem você admira, e reconhece que sua mulher também o admira, e ama, e vocês dois sentem, com o amor, ciúme e admiração, a inatingível superioridade desse homem...

— Não consigo imaginar isso! — Ulrich devia ter-lhe dado ouvidos, mas ergueu os ombros, rindo, enquanto o interrompia.

Walter lançou um olhar venenoso em sua direção. Queria perguntar: “O que você faria nesse caso?” Mas o velho jogo de amigos de juventude repetiu-se: caminharam pela semiclaridade do vestibulo da escada, e ele exclamou:

— Não finja: você não é convencido a ponto de ficar tão insensível!

E teve de correr para alcançar Ulrich, e instruí-lo ainda na escada, em voz baixa, sobre tudo o que deveria saber.

— O que foi que Walter lhe contou? — perguntou Clarisse, lá em cima.

— Posso fazer o que vocês querem — respondeu Ulrich sem rodeios —, mas duvido que seja coisa sensata.

— Está ouvindo, a primeira palavra dele é “sensato”! — exclamou Clarisse para Meingast, dando risada. Estava em plena atividade entre armário de roupa, lavatório, espelho e porta semi-aberta ligando seu quarto com o aposento onde estavam os homens. Mostrava-se de tempos em tempos; com rosto molhado e cabelos soltos por cima, cabelo escovado, pernas nuas, de meias sem sapato, da cintura para baixo metida num vestido social, em cima ainda com um penteador que parecia um avental branco de hospício...: esse aparecer e desaparecer lhe fazia bem. Uma vez que impusera sua vontade, todos os seus sentimentos mergulhavam numa branda volúpia.

— Estou dançando em cima de arames de luz! — exclamou para dentro do aposento. Os homens sorriram; só Siegmund olhou o relógio e, com ar profissional, pediu pressa. Encarava tudo aquilo como um exercício de ginástica.

Então, Clarisse deslizou até o canto do quarto sobre um “arame de luz”, para apanhar um broche, e fechou a gaveta do criado-mudo.

— Eu fico pronta mais depressa que um homem! — respondeu a Siegmund no quarto ao lado, mas de repente parou, pensando no duplo sentido do termo que usara, que para ela significava naquele momento tanto vestir-se quanto estar pronta para misteriosos destinos. Terminou de vestir-se depressa, meteu a cabeça pela porta e olhou com o rosto sério seus amigos, um após o outro. Quem não considerasse isso brincadeira, poderia ter-se assustado, por ver que naquele semblante sério se apagara algo que faria parte de um rosto comum e saudável. Ela fez uma mesura diante dos amigos, e disse, solene:

— Então, agora, estou pronta para meu destino! — Mas quando se endireitou, tinha a aparência habitual, até bem encantadora, e seu irmão Siegmund exclamou:

— Adiante, vamos! Papi não gosta que a gente chegue atrasado para o jantar!

Quando andavam os quatro até o bonde, Meingast tendo sumido antes da despedida, Ulrich ficou um pouco atrás com Siegmund, e perguntou se este não andava preocupado com a irmã ultimamente. O cigarro bruxuleante de Siegmund descreveu um arco levemente ascendente na escuridão.

— Sem dúvida, ela é anormal — respondeu ele. — Mas Meingast é normal? Ou mesmo Walter? Tocar piano é normal? E um estado inusitado de excitação, ligado a um tremor nas juntas das mãos e dos pés. Para o médico, nada é normal. Mas se me perguntar a sério: minha irmã está um tanto superexcitada, e penso que isso irá melhorar assim que o grão-mestre tiver ido embora. O que pensa dele? — Ele acentuara com leve malignidade os dois tempos futuros dos verbos.

— Um falastrão! — disse Ulrich.

— Não é mesmo? — disse Siegmund, contente. — Nojento, nojento!

— Mas interessante como pensador, não nego isso totalmente! — acrescentou depois de uma pausa.

## 20

### O CONDE LEINSDORF SE MOSTRA CÉTICO QUANTO À PROPRIEDADE E CULTURA

E foi assim que Ulrich visitou novamente o Conde Leinsdorf.

Encontrou Sua Alteza rodeado de silêncio, devoção, solenidade e beleza diante da escrivaninha, com o jornal em cima de uma alta pilha de documentos, lendo. O Conde sacudiu a cabeça preocupado depois de dar novamente os pêsames a Ulrich.

— Seu papai foi um dos últimos verdadeiros representantes da propriedade e cultura — disse. — Lembro-me muito bem do tempo em que participei com ele da Assembléia da Boêmia: ele merecia a confiança que sempre lhe dedicamos!

Para ser cortês, Ulrich perguntou que progressos a Ação Paralela fizera durante sua ausência.

— Devido às arruaças diante de minha casa, que o senhor ainda presenciou, iniciamos agora uma “enquete para constatar os desejos dos círculos interessados da população quanto à reforma da administração interna” — contou o Conde Leinsdorf. — O Primeiro Ministro pessoalmente desejou que o livrássemos dessa tarefa, porque, como empreendimento patriótico, gozamos por assim dizer da confiança geral.

Ulrich assegurou, com rosto sério, que de qualquer modo o nome fora muito bem escolhido, e prometia ter certo efeito.

— Sim, uma expressão correta é importante — disse Sua Alteza, pensativo, e perguntou de súbito: — E sobre essa história dos funcionários municipais de Trieste? Acho que para o governo está mais do que em tempo de tomar uma postura decidida!

— Ele fez gesto de passar a Ulrich o jornal que tinha dobrado quando o outro entrara, mas no último momento decidiu abri-lo ele mesmo e leu, animadamente, uma longa passagem ao seu visitante. — Acha que há no mundo outro país onde uma coisa dessas seria possível? — perguntou ao terminar. — A cidade austríaca de Trieste faz isso há anos, aceitando apenas cidadãos italianos em seu serviço, para acentuar que não se sente parte de nós, mas da Itália. Uma vez, estive lá no aniversário do imperador: nem uma única bandeira em toda a Trieste, exceto no Palácio do Governo, na Secretaria da Fazenda, na prisão e em alguns telhados de casernas! Mas se tiver alguma coisa a fazer em qualquer repartição de Trieste no dia de aniversário do rei da Itália, não encontrará um funcionário sem flor na lapela!

— Mas por que toleraram isso até hoje? — perguntou Ulrich.

— Por que não se toleraria? — respondeu o Conde, aborrecido. — Se o governo força a comunidade a demitir seus funcionários estrangeiros, logo dirão que estamos germanizando. E todo governo receia esse tipo de acusação. Sua Majestade também não gosta de ouvi-la. Afinal, não somos prussianos!

Ulrich pensou recordar que a cidade portuária e costeira de Trieste fora fundada em solo eslavo pela República Veneziana em expansão, incluindo hoje uma grande população eslovena; mesmo que fosse encarada apenas como assunto particular de seus habitantes, embora além disso fosse porta para o comércio oriental de toda a monarquia, dependendo e vivendo dela em todos os modos, não se podia ignorar o fato de que sua populosa pequena burguesia eslava questionava apaixonadamente o direito da alta burguesia de fala italiana, privilegiada, de considerar a cidade propriedade sua. E foi o que Ulrich disse.

— É correto — doutrinou o Conde Leinsdorf. — Mas assim que se afirma que estamos germanizando, os eslovenos imediatamente se aliam aos italianos, embora fora isso estejam sempre brigando! Nesse caso, os italianos recebem também apoio de todas as outras nacionalidades. Passamos por isso muitas vezes. Se quisermos pensar em termos de *Realpolitik*, querendo ou não é preciso ver nos alemães um perigo para o nosso entendimento! — O Conde Leinsdorf concluiu muito pensativo, e ficou assim algum tempo, pois tocara no grande esboço político que o preocupava, sem ter dele, até hoje, idéia mais precisa. De repente, animou-se outra vez, e prosseguiu, aliviado. — Mas pelo menos, desta vez lhes dissemos poucas e boas!

— E colocou novamente o pincenê no nariz, com um gesto inseguro, devido à impaciência, e leu, com prazerosa ênfase, mais uma vez todas as passagens que mais lhe agradavam do decreto do governo imperial-real de Trieste, reproduzido no jornal:

— “Repetidas exortações das autoridades de fiscalização foram inúteis. ...Prejuízo aos nativos do país... Diante dessa postura observada, de teimosia em relação às determinações oficiais, o governador de Trieste viu-se obrigado a fazer valer as determinações legais por intervenção pessoal de sua parte...” Não acha que é uma linguagem digna? — interrompeu-se. Ergueu a cabeça, baixou-a de novo, pois seu interesse já se dirigia para o trecho final, cuja urbana dignidade oficial foi sublinha-

da pela sua voz com prazer estético: — “O governo reserva-se enfim o direito de, em qualquer tempo, tratar com benevolência eventuais pedidos de naturalização isolados desses funcionários públicos, na medida em que os mesmos, devido a longos serviços à comunidade e postura impecável, parecerem dignos de tratamento especial, e o governo imperial-real inclina-se em tais casos, sem abandonar seu ponto de vista e atribuições, a renunciar provisoriamente à aplicação imediata deste decreto.” O governo devia ter falado sempre assim! — exclamou o Conde Leinsdorf.

— Vossa Alteza não acha que devido a esse trecho final... no fim tudo continua como estava? — perguntou Ulrich um pouco depois que o rabo daquela cobra frasal oficial sumira inteiramente no seu ouvido.

— Sim, é isso! — respondeu Sua Alteza, girando o polegar de uma das mãos em torno do da outra durante um minuto, como sempre fazia quando refletia intensamente. Mas depois, encarou Ulrich com ar perquiridor e abriu-se:

— Lembra-se de que o Ministro do Interior, quando estivemos na inauguração da exposição policial, previu um espírito de “solidariedade e severidade”? Bem, não exijo que se trancafiem logo todos os elementos heréticos que fizeram arruaça à minha porta, mas o Ministro deveria ter encontrado palavras de repúdio dignas diante do Parlamento! — disse, magoadado.

— Achei que isso acontecera na minha ausência! — exclamou Ulrich com fingido espanto, que pareceu natural, pois sabia que uma dor legítima revolvía a alma de seu benevolente amigo.

— Não aconteceu coisa nenhuma! — disse Sua Alteza. Fitou Ulrich mais uma vez, examinando-o com olhos preocupados e saltados, e continuou desabafando:

— Mas vai acontecer! — Endireitou-se, e recostou-se calado no encosto de sua cadeira.

Tinha os olhos cerrados. Quando os abriu de novo, começou a explicar em tom calmo: — Veja, caro amigo, nossa constituição de mil oitocentos e sessenta e um deu à nacionalidade alemã, e nela à propriedade e cultura, inquestionavelmente, a liderança na vida política experimentalmente instaurada. Foi um presente grandioso, cheio de confiança e talvez até um tanto fora de época, dado pela generosidade de Sua Majestade; pois o que se tornou essa propriedade e cultura desde então? — O Conde Leinsdorf ergueu uma mão e deixou-a tombar de novo sobre a outra, resignado. — Quando, em mil oitocentos e quarenta e oito, Sua Majestade subiu ao trono em Olmuz, portanto no exílio — prosseguiu ele, devagar, mas de repente ficou impaciente, ou inseguro, tirou do bolso, com dedos trêmulos, um rascunho, lutou nervosamente com o pincenê para ajeitá-lo corretamente sobre o nariz, e continuou lendo, em certos trechos com voz fremente de emoção, sempre ocupado com o trabalho de decifrar seu esboço —, estava rodeado pelo desenfreado anseio de liberdade dos povos. Conseguiu dominar os excessos. Apesar de algumas concessões ao desejo dos povos, por fim saiu vitorioso, ainda por cima vencedor misericordioso e clemente, que perdoou os erros de seus súditos e lhes estendeu a mão para uma paz honrosa. A constituição e outras liberdades tinham sido concedidas por ele sob a pressão dos fatos, é verdade, mas eram um ato de livre vontade de Sua Majestade, fruto de sua sabedoria e misericórdia, e da esperança no progresso cultural dos povos. Mas essa bela relação entre Imperador e Povo foi nos últimos anos perturbada por elementos instigadores e demagógicos. — O Conde Leinsdorf interrompeu a leitura de sua des-



crição da história política, em que cada palavra fora cuidadosamente ponderada e burilada, e contemplou pensativo o retrato de seu antepassado, o Cavaleiro de Maria Teresa, o Marechal, pendurado na parede à sua frente. E quando o olhar insistente de Ulrich atraíu o seu olhar, o Conde disse:

— Ainda não consegui escrever mais que isso. Mas está vendo que nos últimos tempos ponderei intensamente essas relações — disse. — O que acabo de ler para o senhor é o começo da resposta que o Ministro teria de ter dado ao Parlamento, por ocasião daquela manifestação dirigida contra mim, se tivesse ocupado direito o lugar que lhe cabia! Eu mesmo elaborei isso aos poucos, e posso confidenciar-lhe que também terei ocasião de apresentar meu esboço a Sua Majestade, assim que tiver terminado. Pois, veja, a constituição de sessenta e um não confiou por acaso a liderança à propriedade e cultura; era uma espécie de garantia. Mas onde estão, hoje, propriedade e cultura?

Parecia muito zangado com o Ministro do Interior, e, para distraí-lo, Ulrich disse ingenuamente que pelo menos da propriedade podia-se dizer, hoje, que estava nas mãos dos bancos e da nobreza feudal experiente.

— Não tenho nada contra os judeus — assegurou o Conde Leinsdorf, espontaneamente, como se Ulrich tivesse dito alguma coisa que exigisse essa justificação. — Eles são inteligentes, aplicados, e leais. Mas cometeu-se um grande erro dando-lhes nomes inadequados. Rosenberg e Rosenthal, por exemplo, são nomes aristocráticos; Löw, Bär e animaizinhos parecidos\* são animais de brasões familiares; Meier\*\* vem da propriedade rural; Gelb, Blau, Rot, Gold\*\*\* são cores de escudos; todos esses nomes judeus — explicou Sua Alteza surpreendentemente — não passam de insolência de nossa burocracia contra a aristocracia. Era esta que devia ser atingida, não os judeus, por isso deram, além desses nomes, outros ainda aos judeus, como Abeles, Jüdel ou Tröpfelmacher. Esse ressentimento de nossa burocracia contra a velha aristocracia é coisa que o senhor, se estivesse completamente inteirado, também hoje em dia iria constatar com freqüência — predisse ele, sombrio e obstinado, como se a luta da administração central com o feudalismo há muito não tivesse sido superada pela história, e não tivesse sumido totalmente do rosto dos vivos. E, com efeito, nada irritava tanto Sua Alteza quanto aqueles privilégios sociais de altos funcionários, devidos a sua posição, ainda que se chamassem burguesmente Fuchsenbauer ou Schlosser. O Conde Leinsdorf não era um senhor feudal obstinado, pretendia ter sentimentos modernos, tais nomes não o estorvavam num parlamentar, ainda que fosse ministro, nem em algum particular influente, nem ele jamais se fechava contra o valor político e econômico da burguesia, mas exatamente altos funcionários da administração com nomes burgueses o irritavam com um fervor que continha um resquício de veneráveis tradições.

Ulrich ficou pensando se o comentário de Leinsdorf não teria sido provocado pelo marido de sua prima, o que não era impossível, mas o Conde Leinsdorf continuou falando, e, como sempre, em breve foi arrebatado por uma idéia que há muito o ocupava, acima de todo o terreno pessoal.

---

\* Respectivamente “Leão” e “Urso”.

\*\* Administrador rural. (N. da T.)

\*\*\* Amarelo, Azul, Vermelho, Ouro. (N. da T.)

— Toda a chamada questão judaica seria eliminada do mundo, se os judeus quisessem decidir-se a falar hebraico, assumir de novo seus velhos nomes, e vestir roupas orientais — explicou. — Admito que um homem da Galícia que acabou de enriquecer não fique bem na esplanada de Ischl com traje de tirolês e penacho no chapéu. Mas meta-o numa túnica comprida e ondulante, rica, que lhe cubra as pernas, e verá como seu rosto e seus grandes gestos animados combinam com esse traje! Tudo aquilo que hoje dá origem a piadas estaria então no seu lugar certo; até os preciosos anéis que gostam de usar. Sou adversário da assimilação, como é praticada pela aristocracia inglesa; é um processo muito demorado e inseguro. Mas devolva-se aos judeus sua verdadeira natureza, e verão como eles serão uma pedra preciosa, uma aristocracia singular entre os povos que se colocam agradecidos ao redor do trono de Sua Majestade, ou, se prefere uma idéia cotidiana e clara, passeiam no nosso Ring, tão singular no mundo, onde, no meio da maior elegância européia ocidental, se pode ver um maometano de barrete vermelho, um eslovaco em pele de ovelha, ou um tirolês de pernas de fora!

Ulrich não pôde deixar de manifestar sua admiração pela aguda visão de Sua Alteza, que conseguira agora descobrir o “verdadeiro judeu”.

— Sim, sabe, a legítima fé católica nos educa para vermos as coisas como realmente são — explicou o Conde, benevolente. — Mas não adivinharia como cheguei a isso. Não foi através de Arnheim, não estou falando do prussiano. Mas tenho um banqueiro, naturalmente de religião mosaica, com quem há longo tempo conferencio; no começo, seu tom sempre me perturbava um pouco, de modo que não conseguia prestar direito atenção ao lado profissional da conversa. Ele fala exatamente como se quisesse me persuadir de que é meu tio; quero dizer, assim como se tivesse acabado de descer do cavalo ou querendo fazer-se de sabichão.

Eu diria, como falam os nossos próprios conterrâneos; mas resumindo, aqui e ali, quando fica veemente, fracassa, e, bem, começa a falar como judeu. Isso me atrapalhava muito, aliás acho que já o disse no começo; porque sempre acontecia no momento mais importante da conversa sobre negócios, de modo que, sem querer, eu ficava esperando por isso, e não conseguia mais prestar atenção no resto, ou simplesmente escutava algo de importante em tudo que ele dizia. Então, tive uma idéia: simplesmente, cada vez que ele começava a falar assim, imaginei que falava hebraico, e o senhor precisava ouvir: que som mais agradável de escutar! Simplesmente fascinante; é uma língua de igreja; uma cantilena melodiosa — eu sou muito musical, devo dizer: em suma, ele insinuava em mim, como se tocasse piano, os mais complexos cálculos de juros e descontos. — O Conde Leinsdorf sorriu melancolicamente, por algum motivo.

Ulrich permitiu-se uma observação, dizendo que os que eram distinguidos pela benevolente simpatia de Sua Alteza provavelmente iriam rejeitar sua sugestão.

— Naturalmente não vão querer aceitar! — disse o Conde. — Mas a gente os teria de forçar, para sua própria felicidade! Nossa monarquia teria de cumprir nesse campo uma verdadeira missão mundial, e não importa se o outro quer ou não! Sabe, muitas coisas tiveram de ser forçadas no começo. Mas pense no que significaria se mais tarde fôssemos aliados a um estado judeu agradecido, em vez de nos aliarmos com alemães do Reich e prussianos! Com nossa Trieste, que é por assim dizer a Hamburgo do Mediterrâneo, sem falar em que seremos diplomaticamente insuperáveis se tivermos os judeus do nosso lado, além do Papa!

E acrescentou abruptamente:

— Naturalmente deve pensar que agora me ocupo também com questões monetárias!

Chamava atenção que Sua Alteza, tendo solicitado repetida e insistentemente a visita de Ulrich, agora, que esse finalmente viera, não lhe falasse das questões urgentes, mas divagasse. Provavelmente, enquanto tivera de se privar do interlocutor, muitas idéias lhe tinham nascido, lembrando a inquietação de abelhas que voam longe, mas em tempo virão reunir-se com seu mel.

— Talvez o senhor objete — começou novamente o Conde Leinsdorf, embora Ulrich se calasse — que em ocasiões anteriores falei com bastante desprezo sobre finanças. Não quero negar isso: pois o que é demais naturalmente é demais, temos finanças demais na vida atual; mas exatamente por isso temos de nos ocupar com elas! Veja: a cultura não equilibrou a propriedade, esse é todo o segredo da evolução desde mil oitocentos e sessenta e um. E por isso temos de cuidar da propriedade.

Sua Alteza fez uma pausa quase imperceptível, apenas para anunciar ao interlocutor que agoraalaria no segredo da propriedade, mas depois prosseguiu numa familiaridade mais grave:

— Veja, numa cultura o mais importante é o que ela proíbe ao homem; não faz parte dela, e acabou-se. Um homem culto por exemplo jamais comerá molho com faca; sabe Deus por quê; não se pode provar isso na escola. É o chamado tato, que exige uma posição privilegiada para a qual a cultura ergue os olhos como para um modelo, em suma, se posso dizer assim, uma aristocracia. Admito que a nossa não foi sempre a que deveria ter sido. E exatamente nisso reside o sentido, a tentativa revolucionária da constituição de mil oitocentos e sessenta e um: propriedade e cultura deveriam ter-se colocado ao lado dela. Fizeram isso? Conseguiram aproveitar a grande possibilidade que a benevolência de Sua Majestade lhes proporcionou? Estou convencido de que também o senhor não afirmará que as experiências que temos semanalmente nessa grande tentativa realizada agora pela senhora sua prima correspondam a tais esperanças!

Sua voz animou-se novamente, e ele exclamou:

— Sabe, é muito interessante ver tudo o que hoje em dia se intitula espírito! Recentemente falei disso a Sua Eminência o Cardeal, durante a caçada em Mürzsteg — não, foi em Mürzbruck, no casamento da pequena Hostnitz! Ele bateu palmas e riu: “Cada ano uma novidade!”, disse. “Aí você vê como somos pouco exigentes: faz quase dois mil anos que não contamos nada de novo às pessoas!” E é bem verdade, isso! A crença consta principalmente em se acreditar sempre na mesma coisa, eu diria, embora seja uma afirmação herética. “Está vendo”, me disse ele, “eu estou sempre caçando porque meu antecessor, sob Leopold von Babenberg, também caçava. Mas eu não mato nenhum animal” — ele é conhecido por nunca disparar um tiro nas caçadas — “porque uma repulsa interior me diz que isso não combina com minhas vestes. E com você posso falar disso, porque ainda meninos aprendemos juntos a dançar. Mas nunca aparecerei em público dizendo: não atirem nos animais! Meu Deus, quem sabe se seria verdade, e de qualquer modo não faz parte da doutrina da Igreja. As pessoas que freqüentam a casa de sua amiga, porém, dizem tudo que mal lhes ocorreu! E isso que hoje se chama de espírito!” Para ele, é fácil — disse o Conde Leinsdorf, falando agora em seu próprio nome —, porque sua função é efetiva. Nós leigos temos a difícil função de encontrar o bem na diversificação constante. E eu lhe

disse isso. Perguntei: “Por que Deus permitiu que existisse uma literatura, pintura e assim por diante, se no fundo nos parecem tão sem graça?” E ele me deu uma explicação muito interessante. “Você já ouviu falar de psicanálise?”, perguntou. Eu não soube direito o que responder. “Bom”, disse ele, “talvez você responda que ela é uma imundície. Não vamos discutir isso, todo mundo afirma a mesma coisa; apesar disso, procuram mais esses médicos moderninhos do que a nossos confessorários católicos. Eu lhe digo, eles correm para lá aos bandos, porque a carne é fraca! Comentam seus pecados secretos porque isso lhes dá um grande prazer, e quando falam mal da psicanálise, acredite: quem fala mal, compra! Mas eu também podia lhe provar que o que aqueles médicos ímpios pensam ter inventado não é senão o que a Igreja faz desde seus primórdios: exorcizar o demônio e curar os possessos. A semelhança com o ritual dos exorcismos vai até os menores detalhes, por exemplo, quando tentam, por seus meios, fazer o possuído dizer o que está dentro dele: segundo a doutrina da Igreja, isso é exatamente o ponto crítico em que o diabo tenta atacar a primeira vez! Apenas não percebemos que devíamos nos adaptar em tempo às necessidades diferentes das pessoas, e, em vez de imundície e demônio, falar de psicose, inconsciente e coisas assim.” Não acha isso interessante? — perguntou o Conde Leinsdorf. — Mas talvez seja mais interessante ainda o que ele disse em seguida: “Não vamos dizer que a carne é fraca, mas que também o espírito é fraco! Nisso, a Igreja foi esperta, e não permitiu que nada lhe acontecesse! O homem teme o demônio que lhe entra na carne, embora finja que o está combatendo, mas nem de longe o teme na mesma medida que as iluminações do espírito. Você não estudou teologia, mas pelo menos a respeita, e isso é mais que um filósofo mundano na sua cegueira jamais conseguiu: posso lhe dizer que a teologia é tão difícil, que quem só se ocupou dela por quinze anos sabe que não entende realmente uma só palavra dela! E naturalmente, ninguém acreditaria se soubesse como isso no fundo é difícil: todos simplesmente começariam a nos insultar! Da mesma forma — você está entendendo agora?”, disse ele com ar astuto — “como insultam hoje os que escrevem seus livros e pintam seus quadros e fazem suas colocações. É com o coração alegre que damos espaço à pretensão deles, pois você pode crer: quanto mais sério falar um deles, quanto menos ele pretender apenas divertir e ganhar dinheiro, quanto mais, portanto, servir a Deus por um descaminho, tanto mais insípido será para as pessoas, e tanto mais elas o insultarão. ‘Isso aí não é a vida!’, dirão. Nós, porém, sabemos o que é a verdadeira vida, e vamos lhes mostrar isso, e, como podemos esperar, talvez você próprio ainda os veja correndo de volta para nós, cheios de ódio pela sua vã inteligência. Hoje, você já o pode observar em nossas próprias famílias: e nos tempos de nossos pais, sabe Deus, acreditaram que poderiam transformar o céu numa universidade!”

O Conde Leinsdorf concluiu essa parte de seu relato, e abriu outra, dizendo: — Não quero afirmar que ele próprio tomasse tudo isso ao pé da letra. Os Hostnitz em Mürzbruck têm um famoso vinho do Reno, que o General Marmont deixou lá no ano de mil oitocentos e cinco, e esqueceu, porque teve de marchar tão depressa sobre Viena; e na hora do casamento, foi esse vinho que serviram. Mas em geral, acho que o cardeal acertou em cheio. E se eu agora me pergunto como devo entender isso, só posso dizer: é correto, mas certamente não funciona. Quer dizer, não pode haver dúvida de que as pessoas que convidamos porque nos dizem que devem representar o espírito de nosso tempo nada têm a ver com a verdadeira vida. E a Igreja pode esperar calmamente; mas nós políticos civis não podemos esperar, temos de

extrair o bem da vida como ela é. O ser humano não vive só de pão, mas também da alma que, por assim dizer, faz parte da sua possibilidade de digerir bem o pão; e por isso é preciso... — o Conde Leinsdorf era de opinião que a política devia estimular a alma —, quer dizer, alguma coisa tem de acontecer, nosso tempo exige isso — disse ele. — Todas as pessoas têm hoje essa sensação, não só os políticos. Os tempos têm algo de provisório, coisa que ninguém agüenta a longo prazo.

Ele concebera a idéia de que era preciso dar um empurrão naquele precário equilíbrio das idéias sobre o qual repousava o não menos precário equilíbrio das potências européias.

— É quase secundário saber que empurrão! — assegurou a Ulrich, que declarou, com fingido horror, que Sua Alteza se transformara quase num revolucionário desde que se tinham separado.

— Sim, e por que não? — disse o Conde, lisonjeado. — Sua Eminência naturalmente também achou que pelo menos seria um pequeno passo em frente, poder mos levar Sua Majestade a ocupar com outras pessoas o Ministério do Interior, mas a longo prazo essas pequenas reformas não dão resultado, por mais necessárias que sejam. Sabe que às vezes, em minhas atuais reflexões, chego a pensar nos socialistas? — Ele deixou tempo para que seu interlocutor se recuperasse do espanto que julgava inevitável, e depois prosseguiu, determinado:

— Pode acreditar que o verdadeiro socialismo nem seria coisa tão assustadora como se pensa. Talvez objete dizendo que os socialistas são republicanos: com certeza não se deve ouvir o que dizem, mas se os encaramos do ponto de vista da política realista, quase nos convencemos de que uma república social-democrática com um soberano forte no topo não seria uma forma impossível de governo. Pessoalmente, estou certo de que, se fôssemos um pouco ao encontro deles, renunciam com prazer ao uso de violência crua e se afastariam de seus condenáveis princípios; de qualquer modo, já tendem a um abrandamento da luta de classes e da negação da propriedade. E há realmente entre eles pessoas que ainda colocam o Estado à frente do partido, enquanto os burgueses, desde as últimas eleições, radicalizaram totalmente suas oposições nacionais.

E prosseguiu com voz abafada e tom familiar:

— Resta o Imperador. Eu já aludi há pouco que temos de aprender a pensar em termos de economia nacional; uma política unilateral de nacionalidades levou o Império ao deserto. O Imperador, no fundo do coração, nem sei como lhe dizer, mas, digamos: está pouco ligando para essa falação de liberdade tcheca-polonesa-alemã-italiana. O que Sua Majestade sente no fundo do coração é apenas o desejo de que se concedam sem cortes os meios de defesa, para que o Império seja forte, e depois, ainda sente uma viva repulsa por todas as petulâncias do mundo de idéias burguês, que provavelmente mantém desde o ano de quarenta e oito. Mas, com esses dois sentimentos, Sua Majestade é no fundo o Primeiro Socialista do País: acho que, agora, o senhor reconhece a grandiosa perspectiva de que lhe falo! Resta apenas a religiosidade, na qual ainda existe uma contradição insuperável, e sobre isso eu teria de falar mais uma vez com Sua Eminência.

Sua Alteza mergulhou, calado, na convicção de que a História, especialmente a de sua pátria, dado o nacionalismo estéril em que caíra, se veria em breve levada a dar um passo para o futuro, e, nesses termos, imaginava a natureza da História com duas pernas, mas de outro lado como uma necessidade filosófica. Assim, era compreen-

sível que dissesse de repente, com olhos irritados como os de um mergulhador que foi fundo demais e volta à superfície:

— De qualquer modo, temos de nos preparar para cumprir nosso dever!

— E o que Vossa Alteza julga ser nosso dever? — perguntou Ulrich.

— Nosso dever? Bem, é cumprir nosso dever! É a única coisa que sempre se pode fazer! Mas, para falar de outra coisa — o Conde Leinsdorf parecia ter-se lembrado agora da pilha de jornais e documentos em que seu punho pousara: — Veja, o povo exige mão forte hoje em dia; uma mão forte precisa de palavras bonitas, senão o povo não a tolerará mais. E o senhor, exatamente o senhor, penso eu, tem muito dessa capacidade. O que disse por exemplo na última vez, quando antes de sua viagem estivemos todos reunidos em casa de sua prima, de que na verdade — se é que se lembra — agora deveríamos instalar uma comissão especial para a salvação da alma, para que ela possa se harmonizar com nossa precisão terrena de pensamento: bem, não seria tão fácil, mas Sua Eminência riu muito quando lhe falei no assunto; como se costuma dizer, eu lhe esfreguei isso um pouco debaixo do nariz, e embora ele tenha mania de zombar de tudo, sei muito bem quando sua ironia vem do coração ou da bília. Não podemos desistir do senhor, meu caro doutor...

Enquanto todas as manifestações do Conde Leinsdorf naquele dia tinham tido a consistência de sonhos complicados, o desejo seguinte, de que Ulrich desistisse de “renunciar definitivamente, ao menos por enquanto”, ao posto de secretário honorífico da Ação Paralela, era tão concreto e vivo, e o Conde colocou tão insinuante-mente a mão no braço de Ulrich, que este quase teve a impressão, não muito tranquilizadora, de que os discursos prolixos de antes tinham sido muito mais astutos do que imaginara, destinados unicamente a adormecer sua cautela. Nesse momento, teve bastante raiva de Clarisse, que o levara àquela situação. Como, entretanto, tivesse solicitado o obséquio do Conde Leinsdorf já ao primeiro intervalo da conversa, e o benevolente senhor, que desejava continuar falando sem interrupção, o tivesse atendido de maneira tão amável, nada lhe restava senão pagar na mesma moeda, embora com relutância.

— O Tuzzi já me mandou dizer — respondeu o Conde Leinsdorf, satisfeito — que talvez o senhor se decidisse por um homem do escritório dele, que se incumbiria dos trabalhos desagradáveis. E eu respondi: “Muito bem, desde que ele o faça!” Afinal, é um funcionário público que lhe queremos oferecer, e meu secretário, que eu lhe colocaria à disposição de muito bom grado, infelizmente é um palerma. Apenas é melhor talvez não lhe mostrar os assuntos reservados, pois afinal não é muito agradável que o homem nos tenha sido recomendado logo por Tuzzi, mas, de resto, faça seu futuro o mais confortável possível — concluiu Sua Alteza, magnânimo, encerrando a exitosa conversa.

## JOGUE NO FOGO TUDO O QUE TIVER, ATÉ OS SAPATOS

Durante esse tempo, e a partir do momento em que ficara sozinha, Ágata vivia alheia a tudo e a todos, envolta numa doce melancolia; era como se estivesse a grande altura e só avistasse o amplo céu azul. Andava um pouco pela cidade diariamente, para se distrair; quando estava em casa, lia; cuidava de seus negócios, vivendo com agradecido prazer aquela leve e insignificante atividade. Nada ameaçava sua condição, não se prendia ao passado nem lutava pelo futuro; quando seu olhar caía sobre algum objeto ao redor, era como se atraísse um cordeirinho: ou o objeto se aproximava docemente, ou nem ligava para ela — mas jamais o percebia com esse movimento interior de quem agarra, que confere a toda a razão fria algo de violento mas vão, pois espanta a felicidade que existe nas coisas. Dessa maneira, tudo que rodeava Ágata parecia-lhe muito mais compreensível do que antes, mas principalmente ocupava-se ainda dos diálogos com seu irmão. Conforme a singularidade de sua memória extremamente fiel, que não deformava o assunto com nenhum tipo de julgamento e plano, emergiam novamente as palavras vivas, as pequenas surpresas da tonalidade e dos gestos daqueles diálogos, sem muita conexão, como tinham sido, ainda antes de Ágata os entender e saber o que queriam. Apesar disso, tudo era extremamente pleno de sentido; sua memória, na qual reinara muitas vezes o remorso, dessa vez estava repleta de tranqüilo afeto, e de um modo lisonjeiro o tempo passado continuava estreitamente apertado ao calor do corpo, em vez de, como de hábito, perder-se em gelo e treva que devoram o que se viveu inutilmente.

E assim, envolta numa luz invisível, Ágata também falava com os advogados, tabeliães e comerciantes a quem seu caminho a levava. Ninguém a rejeitava; todos concordavam com tudo o que aquela encantadora jovem mulher, recomendada pelo nome do pai, queria. E ela agia no fundo com segurança não menor que seu alheamento: o que decidira estava firme, mas ao mesmo tempo ficava fora dela, e sua experiência, adquirida na vida — portanto, também algo que se pode distinguir da pessoa — continuava trabalhando nessa decisão como um assalariado esperto que aproveita impassível as vantagens que sua tarefa oferece; jamais se inseria, nos seus pensamentos desse tempo, a idéia de que estava na iminência de fraudar alguém, coisa evidente para quem estivesse de fora. A unidade de sua consciência impedia isso. O brilho de sua consciência iluminava aquele ponto escuro que jazia ali no meio como o centro de uma chama. Ágata não sabia como se expressar: por seu propósito, estava imensamente distante desse mesmo propósito tão feio.

Já na manhã depois da partida de seu irmão Ágata se examinara atentamente; começara casualmente com o rosto, pois seu olhar deparara com ele, e não saíra mais do espelho. Ficara tão presa como quando às vezes não se quer andar mas se acaba dando mais passos até uma coisa que finalmente se avista, da qual se pretende retornar definitivamente, sem no entanto o fazer. Dessa maneira, ela ficou fascinada sem vaidade pela paisagem do seu eu, que surgia diante de seus olhos debaixo de um sopro de vidro. Chegou ao cabelo que ainda parecia veludo claro; abriu a gola de seu reflexo no espelho e afastou-lhe o vestido dos ombros; por fim, despiu-o completamente e

examinou-o até as unhas rosadas, onde o corpo termina em pés, mãos, e quase nem se pertence mais. Tudo ainda era como o dia cintilante que se aproxima do zênite: erguendo-se puro, exato, repassado daquele vir a ser que é a manhã, e que se expressa numa pessoa ou num animal jovem da mesma maneira indescritível que numa bola que ainda não atingiu seu ponto mais alto, mas está perto dele.

“Talvez ele o esteja atingindo exatamente neste momento”, pensou Ágata, e esse pensamento a assustou. Mesmo assim, podia durar mais algum tempo: ela tinha apenas vinte e sete anos. Seu corpo, sem influência de esportes e massagens, nem partos e maternidade, não fora formado senão por seu próprio crescimento. Se o tivessem podido transportar, despido, para uma daquelas vastas paisagens solitárias formadas pelas encostas de altas montanhas viradas para o céu, teria sido carregado como o de uma deusa paga pelas amplas e estéreis ondas das alturas. Numa natureza desse tipo, o meio-dia não despeja nuvens de luz e calor, parece apenas subir mais um pouquinho acima de seu auge, e passa imperceptivelmente para a beleza descendente da tarde. O espelho lhe devolvia a sensação um tanto sinistra de uma hora indefinida

Nesse momento, Ágata pensara que também Ulrich deixava passar sua vida como se fosse durar eternamente. “Talvez seja um erro não nos termos conhecido só como anciãos”, disse para si mesma, e teve a melancólica visão de dois bancos de nevoeiro que baixam sobre a terra ao anoitecer. “Não são tão bonitos como o meio-dia radiante”, pensou, “mas que importa a esses dois informes tons cinzentos o que os humanos pensam deles? Sua hora chegou, e é tão doce quanto a mais ardente das horas!” Quase dera as costas para o espelho, mas, na sua tendência ao exagero, sentia-se estimulada a virar-se novamente, e teve de rir da lembrança de dois gordos hóspedes da estação de águas de Marienbad, que observara há anos num banco verde, onde se acariciavam com as mais ternas e doces emoções. “Também o coração deles bate esguio no meio da gordura, e, mergulhados numa visão interior, nada sabem da comicidade do seu exterior”, pensou ela, e fez uma cara delicada enquanto tentava inflar o corpo e apertá-lo, formando dobras de gordura. Quando aquele excesso de euforia passou, parecia que algumas diminutas lágrimas de raiva tinham subido a seus olhos, e, controlando-se, fria, ela voltou a examinar minuciosamente sua imagem. Embora passasse por esguia, observou em seus membros, excitada, uma possibilidade de ficar pesada demais. Talvez o tórax também fosse muito largo. Da pele muito alva, escurecida no rosto pelo louro dos cabelos como por velas acesas de dia, o nariz se destacava um pouco demais e, de um lado, sua linha quase clássica era um pouco côncava na ponta. Aliás, em toda parte podia esconder-se naquela forma básica de labareda uma outra mais larga e melancólica, como uma folha de tília que se meteu entre ramos de loureiro. Ágata teve curiosidade em relação a si mesma, como se pela primeira vez se contemplasse direito. Assim a poderiam ter visto facilmente homens com quem tivera casos, e ela própria nada soubera a respeito. Essa sensação não era suspeita. Mas por algum caminho da fantasia ela ouviu, antes de poder interrogar sua própria memória, atrás de tudo o que vivera o longo e intenso grito de amor dos burros, que sempre a excitara estranhamente: ele soa infinitamente tolo e feio, mas exatamente por isso talvez nenhum outro heroísmo de amor seja tão desconsoladamente doce. Ela deu de ombros pensando em sua vida, e virou-se novamente para a sua própria imagem, com a vontade firme de descobrir nela um lugar onde já aparecessem sinais de velhice. Havia pequenos locais nos olhos e orelhas, que se transformam



primeiro, e no começo parecem apenas como se tivéssemos dormido sobre eles, ou a redondeza debaixo da parte interna dos seios, que tão facilmente perde a sua nitidez: nesse momento ela se teria tranqüilizado e sentido uma promessa de paz se notasse qualquer mudança, mas ainda não se percebia nenhuma, e a beleza do corpo pairava quase inquietante na profundidade do espelho.

Nesse momento, Ágata sentiu verdadeira estranheza por ser a Sra. Hagauer, e a diferença entre as relações nítidas e densas que isso estabelecia e a incerteza que, vinda de fora, se estendia para ela era tão forte, que pareceu estar ali parada sem corpo, enquanto o corpo pertencia àquela Sra. Hagauer no espelho, que deveria ver o que faria com ele, pois ele estava preso a certas circunstâncias abaixo de sua dignidade. Também naquilo pairava algo do prazer da vida que por vezes é como um susto, e a primeira coisa que Ágata decidiu, depois de rapidamente se vestir de novo, levou-a ao quarto para procurar uma cápsula que devia estar em meio à sua bagagem. Essa pequena cápsula vedada que possuía durante quase todo o tempo de seu casamento com Hagauer, e da qual jamais se separava, continha uma diminuta quantidade de uma substância de cor estranha, que lhe tinham dito ser um veneno fortíssimo. Ágata lembrava-se de certos sacrifícios que tivera de fazer para adquirir aquela substância proibida da qual nada sabia senão o que tinham falado de seus efeitos, além da denominação química que soava como fórmula mágica, que o não-iniciado precisa gravar sem entender. Mas parece que todos os meios que, como posse de veneno e armas, ou a procura de certos perigos, tornam o fim mais próximo, fazem parte do romantismo do prazer de viver; e pode ser que a vida oprima tanto a maioria das pessoas, transcorrendo tão vacilante, com tanta escuridão na claridade, e de modo geral tão retorcida, que só essa distante possibilidade de dar cabo dela libera a alegria que nela existe. Ágata sentiu-se apaziguada quando seus olhos depararam com o pequeno objeto de metal que, na incerteza que se abria diante dela, lhe parecia um amuleto ou talismã.

Isso não significava que Ágata já naquele tempo tivesse intenção de se matar. Ao contrário, temia a morte como todo jovem a teme quando por vezes à noite, antes de adormecer depois de um dia saudável, se lembra: “É inevitável que alguma vez, num dia tão bonito quanto o de hoje, estarei morto.” E não dá vontade de morrer quando temos de assistir outro morrendo, e a morte do pai dela a torturara com impressões cujo horror voltava desde que, com a partida do irmão, ficara sozinha na casa. Mas: “estou um pouco morta” — essa sensação lhe vinha freqüentemente. E exatamente em momentos como esse, em que há pouco tivera consciência da beleza e saúde de seu jovem corpo — essa beleza tensa, que na sua misteriosa unidade é tão insondável como a corrupção dos elementos na morte — facilmente a tirava de sua feliz segurança dando-lhe medo, espanto e mudez, como sentimos ao sair de um aposento animado e repleto, entrando subitamente sob o brilho das estrelas. Sem ligar para as intenções que se moviam nela, e apesar da satisfação que lhe dava ter conseguido libertar-se de uma vida frustrada, sentia-se um pouco apartada de si mesma, ligada a si própria apenas por fronteiras vagas. Pensou friamente na morte como num estado em que nos livramos de todos os esforços e ilusões, e imaginou-a como um profundo sono: deitamo-nos na mão de Deus, e essa mão é como um berço ou uma rede presa em duas grandes árvores, que o vento balança de leve. Imaginava a morte como um grande sossego e cansaço, livre de todo o querer e tensão, atenção e reflexão, parecida com a agradável fraqueza que sentimos nos dedos quando o sono os des-

prende cautelosamente de qualquer última coisa do mundo que ainda estejam agarrando. Sem dúvida ela tinha com isso uma idéia bastante cômoda e negligente da morte, correspondendo à necessidade de alguém que não tem inclinação para suportar os esforços da vida, e por fim ela mesma se alegrou ao observar o quanto aquilo a fazia lembrar o divã que mandara colocar no severo salão do pai, para deitar-se nele, lendo, única alteração feita na casa por seu próprio esforço.

Apesar disso, a idéia de renunciar à vida não era absolutamente um jogo para Ágata. Parecia-lhe profundamente crível que depois de uma agitação tão decepcionante deveria seguir um estado cuja feliz serenidade na sua fantasia assumia involuntariamente uma forma física. Sentia isso, porque não tinha necessidade da tensa ilusão de que devemos melhorar o mundo, e estava sempre pronta para liquidar inteiramente sua participação nele, desde que isso se processasse de modo agradável; além disso, ainda tivera um singular encontro com a morte naquela enfermidade de criança e adolescente. Naquela fase — num esvair-se de suas forças, que parecia inserir-se nos menores lapsos de tempo, e de modo geral transcorria irresistivelmente —, uma a uma as partes de seu corpo tinham-se apartado dela e sido aniquiladas; mas, no mesmo passo dessa decadência e afastamento da vida, também despertara nela um inesquecível novo impulso em direção de um objetivo, que afastava toda a inquietação e medo da doença. E era um estado singularmente pleno de sentido, no qual ela exercia até mesmo certa dominação sobre os adultos cada vez mais inseguros ao seu redor. Não é impossível que essa vantagem que ela aprendera a conhecer em circunstâncias tão impressionantes tenha mais tarde formado o centro de sua disponibilidade de alhear-se da vida, cujas excitações por alguma razão não correspondiam às suas expectativas; mas é mais provável que o contrário fosse verdade, e que aquela enfermidade, através da qual se esquivara das exigências da escola e da casa paterna, fosse a primeira manifestação de sua relação com o mundo, uma relação transparente, como que permeável a um jorro de emoções desconhecidas. Pois por uma inclinação natural simples, Ágata sentia-se cálida, viva, até alegre, fácil de contentar, como acontecera nas mais diversas épocas da vida; com ela, nunca acontecera aquela queda na indiferença que sucede a mulheres que já não conseguem suportar sua decepção: mas no meio de um riso ou da turbulência de uma aventura sensual, que por isso prosseguiram, residia a desvalorização que deixava cada fibra de seu corpo cansada e ansiosa de outra coisa, que se designava mais facilmente como nada.

Esse nada tinha um conteúdo determinado, embora indeterminável. Por longo tempo, ela recitara para si mesma, em muitas ocasiões, a frase de Novalis: “O que posso fazer, pois, pela minha alma, que reside em mim como um enigma irresolvido? Que deixa ao homem visível o maior arbítrio, porque não o consegue dominar de maneira alguma?” Mas a bruxuleante luz dessas frases apagava-se depois de a iluminar rápida como um raio, voltando sempre à escuridão, pois ela não acreditava numa alma, porque isso lhe parecia presunçoso e determinado demais para a sua pessoa. Mas também não conseguia acreditar nas coisas terrenas. Para entender isso direito, basta lembrar que esse afastamento da ordem terrena sem crença em uma ordem supraterrana é algo muitíssimo natural, pois em cada cabeça existe, além do pensamento lógico, com seu senso de ordem severo e simples, reflexo das relações exteriores, uma esfera emocional, cuja lógica, na medida em que se possa falar nisso, corresponde às características dos sentimentos, paixões e humores, de modo que as leis

dessas duas esferas se relacionam umas com as outras como as leis de uma madeireira, em que se cortam e empilham em ângulos retos as toras de madeira, se relacionam com as sombrias e enredadas leis da floresta com seu movimento e rumorejar. E como os objetos de nosso pensamento não são absolutamente independentes de suas situações, essas duas maneiras de pensar não apenas se misturam em cada pessoa, mas podem até certo grau contrapô-la a dois mundos, pelo menos imediatamente antes e depois daquele “primeiro momento misterioso e indescritível”, que um famoso pensador religioso afirmou existir em cada percepção sensorial antes de sentimento e contemplação se separarem um do outro e assumirem os lugares em que estamos habituados a encontrá-los: como um objeto no espaço, e um refletir agora encerrado no observador.

Como quer que seja a relação entre coisas e sentimento no universo elaborado do homem civilizado, qualquer um conhece os momentos de arrebatamento em que ainda não aconteceu a fissura, como se água e terra ainda não se tivessem apartado, e as ondas da emoção estivessem no mesmo horizonte das montanhas e vales que configuram os objetos. Não precisamos nem mesmo supor que Ágata vivesse tais momentos com muita frequência e intensidade, apenas os percebia mais vivamente, ou, se quisermos, com mais superstição, pois estava sempre pronta a acreditar no mundo ou a não acreditar nele, como acontecera desde seus tempos de escola, e continuara acontecendo quando entrara em maior contato com a lógica masculina. Nesse sentido, muito distante de capricho e arbítrio, se fosse mais segura de si, Ágata teria podido considerar-se a mais ilógica das mulheres. Mas nunca lhe ocorrera ver nos sentimentos de abandono que experimentava mais do que uma singularidade pessoal. Só quando encontrara seu irmão acontecera uma mudança. Nos aposentos vazios, escavados nas sombras da solidão, até há pouco ainda repletos de diálogo e comunhão que entravam no mais fundo da alma, perdia-se involuntariamente a distinção entre separação física e presença espiritual, e enquanto os dias deslizavam sem marcas peculiares, Ágata sentia-se como nunca antes sensível ao singular encanto da onipresença e onipotência ligadas à transição do mundo dos sentimentos ao das percepções. Sua atenção parecia ter-se aberto não apenas nos sentidos, mas fundo dentro da alma, que nada iluminava senão o que brilhasse tanto quanto ela mesma; a despeito da ignorância de que costumava se acusar, lembrando as palavras do irmão pensava entender tudo que era importante, sem precisar refletir a respeito. E como, dessa maneira, seu espírito estivesse tão repleto de si mesmo que a mais viva idéia tinha algo do silencioso flutuar de uma recordação, tudo o que lhe acontecia alargava-se numa presença ilimitada. Mesmo quando fazia algo, entre ela, que o executava, e o que acontecia, derretia-se apenas uma separação, e seu movimento parecia ser o caminho pelo qual as coisas vinham vindo quando estendia o braço para elas. Mas, quando ela se interrogava sorrindo o que estava fazendo, esse brando poder, seu saber, e a eloquente presença do mundo mal se distinguiam de uma ausência, impotência e profunda mudez do espírito. Com um pequeno exagero da sensibilidade, Ágata teria podido dizer que já não sabia onde estava. Sentia-se inserida para todos os lados em algo imóvel, onde ficava a um tempo enaltecida e desaparecida. Teria podido dizer: estou apaixonada, mas não sei por quem. Uma vontade clara, que sempre sentira faltar em si, enchia-a agora, mas não sabia o que fazer com essa claridade, pois tudo o que houvera em sua vida de bom ou mau perdera todo o sentido.

Ágata não pensava nisso apenas ao contemplar a cápsula de veneno, pois todos os dias pensava que gostaria de morrer ou que a felicidade da morte deveria ser parecida com a felicidade em que passava aqueles dias esperando para seguir viagem atrás do irmão, fazendo exatamente aquilo que ele lhe pedira para não fazer. Não conseguia imaginar o que aconteceria quando estivesse com o irmão na capital. Lembrava quase com desgosto que ele por vezes revelara o quanto esperava que ela tivesse sucesso lá, e em breve arranjasse novo marido ou ao menos um amante, pois exatamente isso não aconteceria, ela sabia! Amor, filhos, belos dias, alegre companhia, viagens e um pouco de arte: a vida boa é tão simples, ela entendia seus favores e não era insensível a eles. Mas por mais que estivesse disposta a julgar-se inútil, Ágata trazia em si todo o desprezo do ser humano nascido para a rebelião, contra essa ingênua simplicidade. Reconhecia que ela era um logro. A vida aparentemente vivida em plenitude na verdade “não rima”, falta-lhe no fim, e realmente no verdadeiro fim, na morte, alguma coisa. É — ela procurava uma expressão — como objetos empilhados que não foram assim arranjados por algum desejo mais elevado: incompleto em sua plenitude, o contrário da simplicidade, apenas uma confusão que se aceita com a alegria do hábito! E, desviando-se inesperadamente, ela pensou: “E como um bando de crianças estranhas que contemplamos com agrado, cheios de medo crescente, porque não conseguimos ver entre elas a nossa própria!”

Tranquilizava-a ter decidido pôr fim à vida se depois da última curva que ainda esperava por ela nada se tivesse modificado. Como a fermentação no vinho, jorrava nela a expectativa de que morte e horror não fossem a última palavra da verdade. Não sentia necessidade de refletir sobre isso. Tinha até medo dessa necessidade a que Ulrich se entregava com tanto gosto, e era um medo agressivo. Pois sentia que tudo o que a dominava com tamanha intensidade continha uma constante alusão ao fato de ser apenas aparência. Mas igualmente certo era que aquela aparência continha realidade diluída e líquida: talvez uma realidade ainda não tomada terra, pensou. E num daqueles maravilhosos momentos em que o lugar onde ela estava parecia desfazer-se em vaguidão, conseguiu acreditar que atrás dela, no espaço onde jamais se conseguia ver nada, talvez estivesse Deus. E assustou-se com aquela demasia! Uma terrível vastidão e vazio varou-a de súbito, uma claridade ilimitada obscureceu seu espírito, e lançou pânico em seu coração. Sua juventude — facilmente disposta a esse tipo de preocupação trazida pela inexperiência — sussurrava-lhe que estava em perigo de ceder a uma loucura iniciante: e ela recuava, resistindo. Dizia-se, veemente, que afinal não acreditava em Deus. E, com efeito, não acreditava, desde que lhe tinham ensinado a fazê-lo, o que era uma subdivisão da desconfiança que sentia contra todas as coisas que lhe haviam ensinado. Ela não era absolutamente religiosa naquele sentido sólido de uma convicção moral ou sobrenatural. Mas, exausta e trêmula, depois de algum tempo sempre tinha de reconhecer que sentira “Deus” tão nitidamente quanto sentia um homem que parasse atrás dela e lhe colocasse um manto sobre os ombros.

Depois de refletir o suficiente sobre isso, e recuperar a coragem, descobriu que o significado da experiência que vivera não ficava naquela região de “eclipse” que dominara suas sensações físicas, mas principalmente num terreno moral. Uma transformação súbita do seu estado interior, e, subordinada a isso, de todas as suas relações com o mundo, conferira-lhe por momentos aquela “unidade da consciência e dos sentidos” que até ali apenas conhecera em mínimas alusões que apenas bastavam para deixar na sua vida comum algo de desolado e melancolicamente apaixonado, quer ten-

tasse agir bem ou mal. Essa mudança parecia-lhe um incomparável fluxo correndo tanto do ambiente para ela quanto dela para o ambiente, uma unificação do sublime com o menor movimento do espírito que mal se apartava das coisas. As coisas tinham sido repassadas pelas sensações e as sensações pelas coisas, de maneira tão convincente que Ágata sentia jamais ter sido sequer tocada por todas as coisas que até ali ligara com a palavra convicção. E isso acontecera em circunstâncias que, numa concepção normal, excluía que alguém se desse por convencido.

Assim, o significado daquilo que ela vivia na sua solidão não estava no papel que lhe conviria psicologicamente como algum indício de uma personalidade excitável ou levemente perturbada, pois nem residia na pessoa e sim no geral, ou na relação da pessoa com ele, que Ágata chamava, não sem razão, de Moral. Pois, jovem mulher decepcionada consigo mesma, pensava que se pudesse viver sempre como naqueles minutos de exceção, e não fosse fraca demais para persistir neles, poderia amar o mundo e submeter-se docemente a ele; de outro modo não o conseguiria! Agora, enchia-a um apaixonado ímpeto de retorno, mas tais momentos de máxima exaltação não se podem recuperar à força; e com a nitidez de um dia pálido depois de o sol se pôr, ela percebeu, com a inutilidade de seus tempestuosos esforços, que a única coisa que deveria esperar e realmente esperava com impaciência apenas escondida na solidão, seria aquela possibilidade singular que o irmão certa vez mencionara vagamente em tom de brincadeira, e que designara como Reino dos Mil Anos. Ele teria podido escolher outra palavra, pois significava para Ágata apenas aquele som persuasivo e confiável de algo que está por vir. Não teria ousado afirmar isso. Nem agora sabia com segurança se era realmente possível. Aliás, nem sabia o que era. No momento esquecera todas as palavras com as quais seu irmão provara que, atrás do que o espírito dela apenas sentia como luminosos nevoeiros, as possibilidades se estendiam até o imensurável. Mas enquanto estivera junto do irmão ela apenas sentira como se suas palavras construíssem um país, e que este não se formava na sua mente mas debaixo de seus pés. O fato de que muitas vezes ele só tivesse falado com ironia, como aliás toda aquela sua alternância entre frieza e emoção que antes a perturbava tanto, agora alegrava Ágata em sua solidão, como uma espécie de garantia de ter sido tudo afirmado a sério, vantagem de todos os estados de alma menos alegres diante dos de encantamento. “Provavelmente só pensei na morte por medo de que ele não tivesse falado suficientemente a sério”, admitiu.

E foi surpreendida pelo último dia que tinha de passar sozinha; de repente, tudo em casa estava arrumado e esvaziado, apenas faltava entregar as chaves ao velho casal que, amparado pelo testamento, ficaria na casa de criados até a propriedade encontrar novo dono. Ágata se recusara a ir para um hotel, e até sua partida, que aconteceria entre meia-noite e o amanhecer, pretendia ficar no seu lugar. A casa estava embrulhada, os móveis cobertos de panos. Ardia apenas uma iluminação precária. Caixotes empilhados constituíam mesa e cadeira. Na beira de uma garganta escura, sobre um terraço formado por um caixote, mandara servir o jantar. O velho criado do seu pai balançava a louça entre luz e sombra; ele e sua mulher faziam questão de servi-la de sua própria cozinha, para que a jovem senhora, como diziam, não fosse mal servida na última refeição na casa paterna. E de repente, Ágata pensou, totalmente fora do espírito com que passara aqueles últimos dias: “Será que no fim notaram alguma coisa?” Ela talvez não tivesse destruído todos os papéis onde treinara a letra para mudar o testamento. Sentiu um medo gelado, uma inibição de pesadelo tolhendo-lhe os membros, o terror

do real que não concede nada ao espírito mas apenas lhe rouba coisas. Nesse momento, deu-se conta, apaixonadamente, de que nela havia um novo desejo de viver. E ele resistia violentamente à possibilidade de ser impedida de realizá-lo. Procurou, decidida, analisar o rosto do velho criado quando este retornou. Mas o ancião andava de lá para cá com seu ar inofensivo e o sorriso cauteloso, com uma vaga sensação silenciosa e solene. Ela não conseguia ver no seu interior, como não conseguiria ver através de um muro, e não sabia se atrás daquele brilho fosco havia mais alguma coisa. Também ela tinha apenas uma sensação muda, solene e triste. Ele sempre fora o confidente de seu pai, disposto a lhe entregar qualquer segredo dos seus filhos de que ficasse sabendo: mas Ágata nascera naquela casa, e tudo o que acontecera desde então estava terminando naquele dia; Ágata comovia-se por estar tão solenemente sozinha com aquele homem. Decidiu dar-lhe um presentinho em dinheiro, e numa súbita fraqueza tomou o propósito de dizer que era ordem do professor Hagauer; e não pensou nisso por astúcia, e sim por penitência, e por não querer omitir nada embora visse claramente que era tudo tão inútil quanto supersticioso. Antes que o velho voltasse, ela também pegou suas duas diferentes cápsulas e, depois de contemplar pela última vez, testa franzida, a imagem do inesquecível amado, enfiou-a debaixo da tampa de uma caixa mal fechada, que ficaria depositada por tempo indeterminado e aparentemente continha painéis ou abajures, pois ouviu metal caindo sobre metal como ramos de árvore; a cápsula de veneno foi então colocada no lugar onde antes usara o retrato.

“Como sou antiquada!”, pensou sorrindo. “Certamente há coisas mais importantes do que experiências de amor!” Mas não acreditou naquilo.

Naquele momento não se poderia dizer que ela receasse manter relações ilícitas com o irmão, nem que o desejasse fazer. Dependia, talvez, do futuro; mas no seu estado presente nada correspondia à importância decisiva daquela pergunta.

A luz pintava de branco intenso e negro profundo as tábuas entre as quais estava sentada. E uma máscara semelhante, trágica, conferindo um toque sinistro à sua significação simples, recobria o pensamento de estar passando a última noite na casa onde fora parida por uma mulher da qual jamais se lembrara, e da qual também nascera Ulrich. Foi assaltada por uma antiqüíssima sensação de estar rodeada de palhaços com rostos mortalmente sérios, portando instrumentos musicais singulares, que começavam a tocar. Ágata reconheceu um devaneio da sua infância. Não conseguia escutar a música, mas todos os palhaços a encaravam. Ela pensou que naquele momento sua morte não seria prejuízo para nada e ninguém, e que para si mesma talvez significasse apenas o encerramento de uma longa morte interior. Era nisso que pensava enquanto os palhaços alçavam suas melodias até o teto, ela aparentemente sentava num chão de circo coberto de serragem, as lágrimas lhe pingando nos dedos. Era uma sensação de profunda falta de sentido, que antigamente, quando mocinha, tivera muitas vezes, e pensou: “Será que fiquei infantilizada até hoje?”, o que não a impediu de pensar simultaneamente nalguma coisa que parecia desmedidamente grande através das lágrimas: que logo na primeira hora de seu reencontro ela e o irmão haviam-se defrontado metidos naqueles trajes de palhaço. “O que significa que seja logo ao meu irmão que se ligou isso que trago dentro de mim?”, perguntou-se. E de repente chorava de verdade. Não teria podido dar outro motivo senão um desejo do seu coração, e sacudiu a cabeça violentamente, como se houvesse dentro dela alguma coisa que não conseguia desatar nem reunir.

E numa ingenuidade natural ficou pensando que Ulrich teria respostas a todas as perguntas, até o velho chegar outra vez e contemplar comovido a moça tão emocionada.

— Minha jovem patroa...! — disse ele, também sacudindo a cabeça. Ágata contemplou-o, perturbada, mas quando entendeu o engano daquela compaixão, dirigida ao seu luto filial, despertou nela mais uma vez a insolência da juventude.

— Jogue no fogo tudo o que tiver, até os sapatos. Quando não possuir mais nada, não pense nem mesmo na mortalha, e lance-se nu ao fogo! — disse. Era um antigo dito que Ulrich lera em voz alta, encantado, e o velho sorriu do tom grave e doce dessas palavras que ela lhe recitava com olhos brilhantes de lágrimas, um vestígio de sorriso de compreensão, e, seguindo o gesto da mão de sua patroa, que pretendia facilitar sua compreensão iludindo-o, olhou as altas pilhas de caixas que formavam quase um patíbulo. Ouvindo a palavra mortalha, o ancião concordara com a cabeça, pronto a obedecer, embora o caminho das palavras lhe parecesse um pouco acidentado; mas diante da palavra nu seu rosto enrijeceu-se na máscara cortês de criado, a expressão assegurando que ele não queria ver, escutar, nem julgar.

Enquanto ele servira ao velho senhor, aquela palavra não fora pronunciada na sua frente uma única vez, quando muito se dizia despido; mas os jovens de hoje eram diferentes, e ele provavelmente não a conseguiria mais servir a contento. Com a calma de uma noite de folga, ele sentiu que sua carreira chegara ao fim. O último pensamento de Ágata antes de partir, porém, foi: “Ulrich realmente jogaria tudo no fogo?”

## 22

### DA CRÍTICA DE KONIATOWSKI DA TESE DE DANIELLI AO PECADO ORIGINAL. DO PECADO ORIGINAL AO ENIGMA AFETIVO DA IRMÃ

O estado em que Ulrich saíra à rua ao deixar o palácio do Conde Leinsdorf parecia-se com a lúcida sensação de fome; parou diante de um cartaz e saciou sua fome de trivialidades com anúncios e participações. O cartaz, com vários metros de altura, estava coberto de palavras.

“Na verdade”, ocorreu-lhe, “a gente devia presumir que exatamente essas palavras, repetidas em todas as esquinas e cantos da cidade, têm um valor de conhecimento”. Pareciam-lhe aparentadas com as expressões que personagens de romances conhecidos usam em momentos importantes de sua vida, e leu:

“Já usou algo mais agradável e prático do que a meia de seda Topinam?” — “Sua Alteza se diverte.” — “Nova versão da Noite de São Bartolomeu” — “Conforto no Cavalinho Preto.” — “Audacioso erotismo e danças no Cavalinho Vermelho.” E chamou-lhe atenção ainda um anúncio político sobre “maquinações criminosas”. Mas não se tratava da Ação Paralela, e sim do preço do pão. Ele virou-se, e alguns passos adiante olhou a vitrine de uma livraria. “Nova obra do grande poeta”, leu num cartaz de papelão colocado ao lado de quinze volumes iguais enfileirados. Diante desse cartaz

havia, no outro canto da vitrine, uma página anunciando, em letra impressa, uma segunda obra: “O cavalheiro e a dama mergulham com igual atenção em *Babel do Amor*, de...”

“O ‘grande poeta’?”, pensou Ulrich. Lembrava-se de ter lido só um livro dele, e ter decidido jamais ler outro: desde então, porém, o homem ficara famoso. E diante daquela exposição do intelecto alemão, Ulrich recordou uma piada de caserna: “Mortadela!” Assim chamavam em seus tempos de soldado a um general de divisão pouco estimado, segundo aquela apreciada lingüiça italiana, e quem perguntasse pelo significado daquele jogo de palavras receberia a seguinte resposta: “É porque ele é metade porco, metade burro.” Ulrich teria levado adiante essa comparação se não fosse interrompido por uma mulher que o interpelou perguntando:

— Também está esperando o bonde? — E só então percebeu que não estava mais parado diante da livraria.

Também não sabia que ficara parado imóvel ao lado da placa de parada do bonde. A dama que o fizera notar isso carregava uma mochila e usava óculos; era uma astrônoma conhecida sua, professora assistente do Instituto, uma das poucas mulheres que realizava trabalho importante naquela disciplina masculina. Ele a olhou, no nariz e debaixo dos olhos onde a pele assumira um vago aspecto de borracha, pelo esforço da reflexão constante; depois percebeu, embaixo, sua saia de pano grosseiro, e, em cima, uma pena de ganso sobre um chapéu verde, pairando sobre aquele semblante intelectualizado, e sorriu:

— Está indo para as montanhas? — perguntou.

A Dra. Stratil ia “relaxar” três dias nas montanhas.

— Que me diz do trabalho de Koniatowski? — perguntou. Ulrich não disse nada. — Kneppler vai ficar aborrecido — disse ela. — Mas a crítica de Koniatowski sobre a dedução que Kneppler faz da tese de Danielli é interessante; não acha? Julga essa dedução possível?

Ulrich deu de ombros.

Era daqueles matemáticos chamados logicistas, que não achavam coisa alguma correta, e elaboravam uma nova doutrina fundamental. Mas também não julgava inteiramente correta a lógica dos logicistas. Se tivesse prosseguido no seu trabalho, teria retornado mais uma vez a Aristóteles; tinha lá seus pontos de vista próprios sobre o assunto.

— Eu nunca considereei a dedução de Kneppler errada, apenas falsa — disse a Dra. Stratil. Poderia ter afirmado da mesma forma que julgava a dedução errada mas, em traços fundamentais, não inteiramente falsa; sabia do que falava, mas na linguagem comum, em que as palavras não estão definidas, ninguém consegue expressar-se sem ambigüidade: debaixo do seu chapéu de turista manifestava-se, naquela linguagem de férias, algo da tímida altivez que o sensual mundo leigo deve despertar num monge que lida descuidadamente com ele.

Ulrich entrou no bonde com a Srta. Stratil: mas não soube por quê. Talvez porque ela achasse a crítica de Koniatowski a Kneppler tão importante. Talvez quisesse falar com ela sobre literatura, coisa da qual ela nada entendia.

— O que vai fazer nas montanhas? — perguntou. Ela queria subir o Hochschwab.

— Ainda vai encontrar muita neve por lá. Não se consegue subir com esquis, e também ainda não sem eles — desaconselhou Ulrich, que conhecia a montanha.



— Pois então ficarei embaixo — explicou a Srta. Stratil. — Já passei três dias nas cabanas do prado de Färsen, que ficam no começo da encosta. Tudo o que eu quero é estar um pouco na natureza!

A cara que a correta astrônoma fez ao pronunciar a palavra natureza instigou Ulrich a indagar para que afinal ela queria a natureza.

A Dra. Stratil ficou sinceramente indignada. Podia ficar três dias inteiros deitada no prado sem se mexer. Como uma rocha! — anunciou.

— Quando muito, por ser uma cientista! — interveio Ulrich. — Um camponês há de achar isso aborrecidíssimo!

A Dra. Stratil não concordou. Falou dos milhares que procuram a natureza em todos os feriados, a pé, de bicicleta, de barco.

Ulrich por sua vez falou do êxodo dos camponeses que procuram a cidade.

A Srta. Stratil duvidou de que ele tivesse sentimentos muito elementares.

Ulrich afirmou que elementar era, além da comida e do amor, a comodidade, mas não a visita a um prado das montanhas. A sensibilidade natural que levava as pessoas a fazerem isso era antes um rousseauianismo, uma postura sentimental e enrolada.

Ele não sentia estar falando bem, era-lhe indiferente o que dizia, apenas continuava falando porque ainda não era o que pretendia expressar. A Srta. Stratil lançou-lhe um olhar desconfiado. Mão conseguia entendê-lo; sua grande experiência no campo dos conceitos puros não a ajudava absolutamente, ela não conseguia nem dissociar nem reunir as idéias com que ele parecia lidar vagamente; presumiu que ele falava sem pensar. E o fato de estar escutando tais palavras com uma pluma de ganso no chapéu foi a única compensação, fortalecendo sua alegria pela solidão ao encontro da qual viajava.

Nesse momento, o olhar de Ulrich caiu sobre o jornal do seu vizinho e ele leu em grandes manchetes o título de um artigo: *O tempo nos questiona, o tempo responde*: por baixo podia estar a propaganda de uma palmilha de sapatos ou de uma conferência, não se pode mais distinguir isso hoje em dia, mas de repente seus pensamentos saltaram sobre os trilhos de que ele precisava. Sua companheira esforçava-se por ser objetiva, e admitiu, insegura:

— Infelizmente conheço pouco literatura, a gente não tem tempo para isso. Talvez eu nem conheça a literatura certa. Mas, por exemplo — ela citou um nome de que gostava —, me dá inacreditavelmente muito. Acho que se um poeta nos faz sentir tão vivos, é uma coisa extraordinária! — Mas como Ulrich pensasse que já apreciara o bastante a ligação existente no espírito da Dra. Stratil entre extraordinário desenvolvimento do pensamento conceptual com grande debilidade do entendimento da alma, ergueu-se contente, disse um grande elogio à sua colega de disciplina, e desembarcou rapidamente, pretextando já estar duas paradas adiante de onde pretendia descer. Quando estava parado lá fora, cumprimentando-a mais uma vez, a Srta. Stratil recordou ter ouvido falar coisas desfavoráveis sobre os últimos trabalhos dele, e sentiu-se comovida pela onda de sangue que suas lisonjeiras palavras de despedida tinham provocado, o que, segundo suas convicções, não depunha grandemente em favor dele; mas ele sabia, e ao mesmo tempo não sabia direito, por que seus pensamentos giravam em torno do tema literatura e o que pretendiam lá, desde a comparação interrompida com a mortadela até aquele inconsciente induzir a boa Stratil a fazer confissões. Afinal, a literatura não o interessava desde que aos vinte anos compusera seu

último poema; mesmo assim, antes disso costumara escrever secreta e regularmente, e não desistira desse hábito por ter ficado mais velho, ou por ter reconhecido seu pouco talento, e sim por razões para as quais, sob as impressões de agora, deveria ter usado alguma palavra que, depois de muitos esforços, expressa um desembocar no vazio.

Pois Ulrich era daqueles amantes de livros que não querem mais ler porque sentem escrever e ler como uma coisa absurda. “Se essa sensata Strastil pretende que a façam ‘sentir’”, pensou ele (“no que aliás tem razão! Se eu tivesse objetado, ela me teria mencionado a música como testemunha-chave!”), e, como costuma acontecer, ele pensava em parte em palavras, em parte com a reflexão entrando sem palavras no seu consciente, portanto, se a sensata Dra. Strastil queria que a fizessem sentir, era isso que todos queriam, que a arte comovesse as pessoas, que as abalasse, distraísse, surpreendesse, as fizesse farejar nobres pensamentos, ou, em resumo, as fizesse realmente “viver” alguma coisa ou que fosse, ela mesma, algo de “vivo”, uma “vivência”. E Ulrich não queria negar isso. Num pensamento secundário, que terminou numa mistura de leve emoção e ironia, ponderou: “Emoção é coisa muito rara. Proteger do resfriamento uma certa temperatura de emoção significa provavelmente proteger o calor no qual é chocada toda a evolução espiritual. E quando uma pessoa é erguida por alguns momentos de sua confusão de intenções inteligentes que a envolvem com incontáveis objetos estranhos, e é colocada num estado totalmente alheado, quando, por exemplo, ouve música, chega quase ao estado de vida de uma flor, sobre a qual caem sol e chuva.”

Ele queria admitir que uma eternidade mais eterna do que essa que o espírito humano tem em sua atividade está em suas pausas e descansos; mas pensara ora “emoção”, ora “vivência”, e isso trazia em si uma contradição. Pois havia vivências da vontade! Havia vivências de um ápice de ação! Provavelmente era de supor que cada uma delas, atingindo sua mais alta e radiante amargura, era apenas sentimento, mas com isso haveria uma contradição maior ainda, pois o estado de sentimento, em sua pureza plena, seria um “repousar”, um baixar de atividade! Ou não seria contradição? Haveria uma singular relação segundo a qual a mais alta atividade no fundo seria imobilidade? Aqui via-se porém que essa seqüência de idéias era menos um pensamento secundário do que um pensamento indesejado, pois de repente, numa resistência súbita contra sua sensível mudança, Ulrich negou toda a reflexão que fizera. Não pretendia refletir sobre certos estados, e, quando refletia sobre emoções, não pretendia entregar-se a elas.

Nisso, pensou que o melhor e mais direto era designar o que ele pretendia como vã atualidade ou eterna momentaneidade da literatura. Afinal, tem ela algum resultado? Ou bem ela é um monstruoso desvio entre vivência e vivência, e volta sobre si mesma, ou é a essência de estados de excitação, da qual nada nasce de determinado.

“Muitas vezes”, pensou ele, “uma poça d’água deu ao indivíduo mais intensa impressão de profundidade do que o oceano, pelo simples motivo de que se tem mais ocasiões de vivenciar poças do que oceanos.” Assim, pareceu-lhe, acontecia com o sentimento, e por nenhum outro motivo os sentimentos cotidianos pareciam profundos. Pois preferir o sentir ao sentimento, que caracteriza todas as pessoas sentimentais, acontece como o desejo de fazer sentir e ser levado a sentir, que é comum a todas as instituições que servem ao sentimento, trazendo uma redução de hierarquia e natureza dos sentimentos diante do momento, como um estado pessoal, e, mais ainda,

leva àquela superficialidade, inibição e total insignificância, para a qual há tantos exemplos.

“Naturalmente”, pensou Ulrich completando seus pensamentos, “esse conceito deve repugnar a todas as pessoas que se sentem bem em seus sentimentos como o galo nas plumas, e que possivelmente ainda acham que a eternidade começa de novo com cada ‘personalidade’!” Ele teve a clara idéia de um monstruoso erro, com toda a desmedida humana, mas não conseguiu exprimir isso de maneira que o satisfizesse inteiramente, pois as relações eram complexas demais.

Enquanto isso o entretinha, observava os bondes que passavam, esperando um que o deixasse de volta o mais perto possível do centro da cidade. Via as pessoas entrando e saindo, e seu olhar, tecnicamente experiente, brincava, distraído, com aquelas relações de fundição e forja, lâminas e rebites, construção e oficina, evolução histórica e estado atual, de que constava a invenção daquelas barracas rolantes de que as pessoas se serviam. “Por fim chega uma delegação da administração dos bondes na fábrica de vagões e decide quanto à cobertura de madeira, a pintura, o estofamento, os apoios de mão e braços, os cinzeiros e coisas assim”, pensou, de passagem, “e exatamente essas ninharias importam, e a cor verde ou vermelha do caixote, e o impulso com que as pessoas conseguem trepar pelo estribo, para dezenas de milhares de pessoas o que importa é isso, é isso que elas vivenciam e guardam de toda essa genialidade. Isso forma seu caráter, confere-lhe rapidez ou comodidade, faz com que sintam bondes vermelhos como sua pátria e azuis como estrangeiro, e forma aquele inconfundível aroma de pequenos fatos, que os séculos trazem em suas vestes”. Portanto, o traço principal do pensamento de Ulrich era inegável, e de repente ligava-se ao resto: em grande parte também a vida desemboca numa atualidade sem significação, ou, falando tecnicamente, o coeficiente de efeito anímico é mínimo.

Subitamente, enquanto ele se sentia subir ao vagão com um impulso, disse para si mesmo: “Preciso incutir em Ágata que a moral é a organização dos estados momentâneos de nossa vida num estado permanente!” Essa frase lhe ocorrera de repente como definição. Esse pensamento extremamente burilado fora precedido de inspirações não totalmente elaboradas e analisadas, que agora seguiam e completavam a compreensão. Uma concepção e atribuição severa de tarefas para a inocente atividade do sentir, uma grave hierarquia eram previsíveis, ainda vagas: sentimentos precisam servir, ou então pertencer a um estado ainda não descrito, que vá às últimas conseqüências, grande como um mar sem praias. Deve-se chamar isso de idéia ou de nostalgia? Ulrich teve de deixar isso em aberto, pois no momento em que lhe ocorrera o nome da irmã, a sombra dela obscurecera seus pensamentos. Como sempre quando pensava nela, sentia que no tempo passado em sua companhia entrara noutro estado de espírito que não o habitual. Sabia também que desejava apaixonadamente voltar àquele estado. Mas a mesma lembrança o recobria com o opróbrio de haver-se portado de maneira indevida, ridícula e ébria, como alguém que se pôs de joelhos diante de espectadores que nos próximos dias não poderá mais olhar de frente. Isso, diante da refreada relação espiritual entre os dois irmãos, era monstruosamente exagerado, e se não o devessem considerar totalmente infundado, seria visto apenas como reflexo de sentimentos que ainda não tinham forma definida. Ele sabia que Ágata chegaria em poucos dias, e não a impedia. Ela fizera realmente algo de errado? Podia-se supor que, esfriando o seu capricho, desfizera tudo de novo. Mas uma intuição muito viva assegurava-lhe que Ágata não desistira de seu intento. Ele teria podido perguntar. Sentia-

se novamente obrigado a preveni-la por carta. Mas em vez de levar esse propósito a sério por um momento que fosse, imaginou o que teria levado Ágata àquele comportamento inusitado: encarava isso como um gesto incredivelmente forte, pelo qual ela lhe dava sua confiança, e entregava-se em suas mãos. “Ela tem muito pouco senso de realidade”, pensou, “mas uma maneira maravilhosa de fazer o que deseja. Podia-se dizer, irrefletida; mas por isso também ardente! Quando está zangada, vê o mundo todo vermelho!” Sorriu ternamente e olhou em torno para as pessoas que viajavam com ele. Cada uma delas tinha maus pensamentos, isso era certo, e cada uma os controlava, ninguém os levava demasiadamente a sério: mas nenhuma centrava esses pensamentos fora de si, numa pessoa que lhes proporcionasse a encantadora inacessibilidade de uma experiência sonhada.

Desde que deixara de terminar a carta, Ulrich pela primeira vez via claramente que não tinha mais escolha, mas já caíra no estado do qual sentia medo. Segundo as leis — ele se permitiu a petulante ambigüidade de chamá-las sagradas — o erro de Ágata não podia ser objeto de arrependimento, mas apenas compensado por fatos que lhe seguissem, o que de resto correspondia ao sentido original de arrependimento, estado de fogo purificador e não de prejuízo. Indenizar o incômodo marido de Ágata, ou recompensá-lo, não seria senão a revogação de um mal causado a ele, portanto significaria aquela dupla e paralisante negação da qual consta o bom comportamento comum, que corresponde a zero. “Levantar” o que devia acontecer a Hagauer como a um peso flutuante seria possível apenas se lhe devotassem algum sentimento forte, e só se podia pensar nisso com horror. Assim, segundo a lógica à qual Ulrich procurava adaptar-se, não era o mal feito que poderia ser reparado, e sim outra coisa, e ele não duvidava um minuto de que isso seria: toda a vida dele e de sua irmã.

“Falando de maneira arrogante”, pensou ele, “isso significa: Saulo não reparou cada consequência isolada de seus pecados antigos, mas transformou-se em Paulo!” Contra essa lógica singular, porém, sentimento e convicção objetavam com a força do hábito que teria sido mais decente, sem interromper futuros arrebatamentos, acertar primeiro a conta com o cunhado, e só depois pensar numa nova vida. Aquela ética que o atraía tanto não fora feita para organizar assuntos financeiros e as contradições resultantes. Na fronteira daquela outra vida e da vida cotidiana, tinham de acontecer por isso incidentes insolúveis e paradoxais, que era melhor não permitir tornarem-se casos-limite, mas eliminar do mundo com a maneira habitual e desapaixonada de uma postura decente. Mas aí Ulrich sentiu novamente que não se deviam manter dentro das condições habituais de bondade, se quisessem atrever-se a entrar no reino da bondade incondicional. A tarefa que lhe fora imposta, de dar o passo para dentro do novo, parecia não tolerar nenhuma restrição.

O último reduto que ainda o defendia era a repulsa intensa contra o fato de que idéias como Eu, Sentimento, Bondade, outra Bondade, o Mal, que tanto utilizara, fossem tão pessoais, e ao mesmo tempo tão elevadas e rarefeitas na sua generalidade, como só o conseguiam ser as ponderações de ordem moral em pessoas muito mais jovens. Passava-se com ele o que certamente com muitos dos que estão lendo a história dele: destacava, irritado, uma ou outra palavra, perguntando-se: “Produção e resultado de sentimentos?” — que conceito maquinai, racional, inumano! “Moral, o problema de um estado duradouro, ao qual todos os estados isolados se submetem”, e nada mais? Que desumanidade! Encarando isso com olhos de pessoa sensata, tudo parecia monstruosamente errado. “A natureza da moral repousa exatamente no fato de

que os sentimentos importantes são sempre os mesmos”, pensava Ulrich, “e tudo o que o indivíduo tem a fazer é agir em harmonia com eles!” Mas exatamente aí as linhas feitas com régua e compasso naquele espaço móvel que o rodeava interrompiam-se num ponto onde seu olho, saindo do corpo do moderno meio de transporte, e involuntariamente ainda participando de seu sistema, caiu numa coluna de pedra que ficava na beira da rua desde os tempos do barroco, de modo que a comodidade técnica inconscientemente assumida da criação sensata de repente entrou em contradição com a insinuante paixão da antiga figura que não era muito diferente de uma eólica petrificada. O efeito desse choque ótico era uma confirmação singularmente intensa dos pensamentos dos quais há pouco Ulrich quisera esquivar-se. A insensatez da vida poderia se revelar mais nitidamente do que através daquele olhar casual? Sem tomar partido estético em favor do agora ou do outrora, como costuma acontecer nesse tipo de confrontação, seu espírito não hesitou um momento em sentir-se abandonado tanto pelos novos tempos quanto pelos velhos, e via apenas a grande apresentação de um problema que no fundo é certamente moral. Não podia duvidar de que a transitoriedade do que se considera estilo, cultura, espírito dos tempos ou sentimento de vida, e se admira como tal, é uma fragilidade moral. Pois no grande curso dos tempos, ela nada significa senão o que significaria, na pequena medida da própria vida, que se desenvolvessem as capacidades unilateralmente, dispersando-se em excessos dissolventes, sem conseguir jamais uma medida da própria vontade, jamais obtendo uma formação completa, fazendo ora isso, ora aquilo, em paixões desconexas. Por isso, também o que chamamos alternância ou progresso dos tempos pareceu-lhe apenas uma palavra para dizer que nenhuma tentativa alcança o local onde todas deveriam se unir, no caminho de uma convicção que abrangesse o todo, para com isso chegar à possibilidade de uma evolução constante, de um prazer duradouro, e daquela gravidade da grande beleza, da qual hoje não recai mais do que uma sombra eventual em nossa vida.

Naturalmente Ulrich julgava uma incrível presunção pensar que tudo deveria ter sido nada. Mas não era nada. Imensurável como ser, e confuso como sentido. Pelo menos, medido segundo os resultados, não era senão aquilo que constitui a alma do presente, portanto bem pouco. Enquanto Ulrich pensava isso, entregava-se a esse “pouco” com o prazer da última refeição na mesa da vida, que suas intenções lhe permitiam. Deixara o bonde e entrara num caminho que o levava rapidamente de volta ao centro da cidade. Parecia-lhe emergir de um porão. Nas ruas, guinchos de alegria, um calor precoce, como um dia de verão. O doce sabor de veneno do falar consigo mesmo abandonou sua boca; tudo se comunicava entre si, exposto ao sol. Ulrich parava quase diante de cada vitrine. Aquelas garrafinhas em tantas cores, perfumes encapsulados, incontáveis variedades de tesourinhas de unhas; que soma de genialidade havia num instituto de beleza! Uma loja de luvas: que relações e intenções antes de se cobrir uma mão feminina com pelica e o couro do animal se tornar mais nobre do que a nossa própria pele! Ele admirava as obviedades, os simpáticos e incontáveis utensílios do bem-estar, como se os visse pela primeira vez. *Habseligkeiten*: que palavra encantadora para nossos pequenos haveres! , sentiu ele — formada de *hab* e *Seligkeit*, *ter e felicidade\**. E que felicidade, essa incrível harmonia do convívio! Nada mais se sentia ali da cresta de terra da vida, dos caminhos não asfaltados da paixão, do — ele realmente sentia isso: do não-civilizado da alma! Clara e estreita corria a atenção por sobre um jardim de frutos, pedras preciosas, tecidos, formas e seduções, cujos olhos brandos e penetrantes se abriam em todas as cores.

Como naquele tempo se amava e protegia do sol a brancura da pele, já pairavam algumas sombrinhas coloridas sobre a multidão, lançando sombras sedosas sobre pálidos semblantes femininos. Até a cerveja cor de ouro fosco encantava o olhar de Ulrich, vendo-a ao passar sobre as toalhas de mesas de um restaurante, através das janelas, toalhas tão alvas que nos limites de sombra formavam superfícies azuladas. Depois, o arcebispo passou por ele: uma caleche macia e pesada, com um escuro tom de vermelho e roxo: só podia ter sido a carruagem do arcebispo, pois o veículo, puxado por cavalos, tinha um ar muito eclesiástico, e dois policiais fizeram posição de sentido, saudando o seguidor de Cristo, sem pensarem em seus antepassados que Lhe tinham enfiado a lança entre as costelas.

Ele entregava-se a essas impressões, que há pouco ainda chamara de “vã atualidade da vida”, e com tanto zelo que, aos poucos, enquanto se saciava no mundo, recuperava seu antigo estado de combatividade. Ulrich sabia agora precisamente onde estava a fragilidade de suas ponderações. “O que significará”, indagava-se, “diante de tanta onipotência pedir ainda um resultado que fique por cima, por trás, por baixo disso?! Deveria ser uma filosofia? Uma convicção totalmente abrangente, uma lei? Ou o dedo de Deus? Ou em vez disso, a suposição de que a moral até aqui foi desprovida de ‘senso indutivo’, de que é muito mais difícil ser bom do que se julgava, e de que para isso seria preciso uma colaboração interminável, como existe na pesquisa? Presumo que não haja moral porque ela não se deixa deduzir de nada constante, mas que haja apenas regras para manter-se inutilmente estados transitórios; e presumo que não haja felicidade profunda sem uma moral profunda: porém, parece-me ser um estado pálido e pouco natural, eu refletir no assunto, e não é absolutamente isso o que desejo!”

Na verdade, teria podido continuar indagando, mais simplesmente: “O que foi que assumi sobre meus ombros?”, e fez isso. A pergunta, porém, atingia mais sua sensibilidade do que seu pensamento, até o interrompia, e já roubara de Ulrich, pedaço a pedaço, o desejo sempre alerta de planejamento estratégico, antes mesmo de ele a poder entender. No começo, ela fora como uma obscura melodia junto ao seu ouvido, que o acompanhava; depois, a melodia estava nele mesmo, apenas uma oitava abaixo de todo o resto, e agora finalmente Ulrich se fundira com sua pergunta, sentindo-se um som singularmente grave naquele mundo claro e duro, ao redor do qual se abria um amplo intervalo. O que era que ele realmente assumira sobre seus ombros, e prometera?

Ulrich se esforçou. Sabia que não usara apenas por brincadeira, embora apenas como comparação, aquela expressão “Reino dos Mil Anos”. Levando a sério essa promessa, chegava-se ao desejo de viver, com ajuda do amor recíproco, num estado secular tão elevado que só se poderia sentir e fazer o que o intensificasse e mantivesse. O fato de que um tal estado do ser humano existisse em alusões, era-lhe coisa certa, até onde podia pensar. Começara com “a história da esposa do major”, e as experiências posteriores não tinham sido grandes, apenas sempre as mesmas. Reunindo tudo isso, não se ia muito além do fato de Ulrich acreditar no “pecado original” e na “quedá”. Isso é, poderia presumir que alguma vez acontecera uma modificação no ser humano, que o atingira até no fundo, mais ou menos como quando um apaixonado se torna lúcido: então ele vê toda a verdade, mas algo maior rompeu-se e a verdade é por toda parte apenas um pedaço que sobrou e foi remendado. Talvez fosse realmente a maçã do “conhecimento” que tivesse causado essa modificação no

espírito, e expulsado a raça humana de um estado original, ao qual só depois de tornar-se sábio por infinitas experiências e pecados seria capaz de retornar. Mas Ulrich não acreditava nessas histórias assim como nos foram transmitidas, e sim como as descobrira: acreditava nelas como um calculador que tem à frente o sistema de seus sentimentos e não consegue justificar um só, portanto conclui a necessidade de introduzir uma premissa fantástica cuja natureza se deixa intuir. Não era pouca coisa! Pensara coisas semelhantes muitas vezes, mas nunca estivera em situação de ter de decidir em poucos dias se queria levar aquilo realmente a sério.

Debaixo do chapéu e colarinho apareceu-lhe um leve suor, e a proximidade das pessoas que passavam o deixou excitado. O que ele pensava significava apartar-se da maioria das relações vivas; não se enganava quanto a isso. Pois hoje vivemos divididos, e ligados parte a parte com outras pessoas; o que sonhamos liga-se com o sonhar, e o que os outros sonham; o que fazemos depende de si, mas mais ainda do que os outros fazem; e nossas convicções dependem de convicções das quais nós mesmos só temos a menor parte: querer agir por nossa própria e total realidade é uma exigência totalmente irreal. E exatamente ele estivera certo a vida toda de que é preciso partilhar as convicções, ter coragem de viver no meio das maiores contradições morais, pois tal seria o preço da realização máxima. Pelo menos ele estaria convencido do que pensava sobre a possibilidade e significado de viver outra forma de vida? De modo algum! Apesar disso, não conseguia evitar que seu sentimento enveredasse por ali, como se tivesse à frente os sinais indiscutíveis de um fato pelo qual esperara anos a fio.

Teve de perguntar-se com que direito chegava, como um apaixonado de si mesmo, a não querer mais fazer nada que lhe fosse indiferente à alma. Isso contraria o sentido da vida prática, que hoje todo mundo carrega em si, e embora épocas tementes a Deus pudessem desenvolver esse tipo de esforço, ele se desmanchou como penumbra ao sol mais forte. Ulrich sentiu em si um aroma de isolamento e doçura, que cada vez mais contrariava seu gosto. Por isso esforçou-se em limitar, assim que pôde, suas digressões de pensamento, e, embora não muito sinceramente, fingiu que aquela promessa estranhamente feita à irmã, de um Reino dos Mil Anos, vista sensatamente nada significa senão uma espécie de obra benemerente; o convívio com Ágata exigiria dele um mandamento de ternura e altruísmo que até ali lhe fora bastante estranho. Recordava, como recordamos uma nuvem transparente que passou pelo céu, certos momentos do seu passado convívio, que já tinham sido daquela natureza. “Talvez o conteúdo do Reino dos Mil Anos nada seja senão o crescimento dessa força que no começo surge apenas em dois, até chegar a uma rumorosa comunidade de todos”, refletiu ele, um tanto abalado. Procurou novamente conselho evocando sua própria “história com a esposa do major”: abandonando as fantasias do amor, pois na sua imaturidade tinham sido causa do engano, concentrou toda a sua atenção nas delicadas sensações de bondade e veneração que naquela ocasião conseguira ter, na sua solidão, e pareceu-lhe que confiança e afeto, ou querer viver para outra pessoa, deveria ser uma felicidade que traria lágrimas aos olhos, bela como o ardente imergir do dia numa paz noturna, e por outro lado tão despida de divertimento e tão espiritualmente imóvel que também dava vontade de chorar. Pois entrementes sua intenção já lhe parecia engraçada, como a combinação de dois velhos solteirões de morarem juntos, e naquelas crispções da fantasia sentiu como os conceitos de um serviçal amor fraterno eram pouco adequados a dar-lhe plenitude. Com relativa objetividade admitiu que a relação

entre ele e Ágata fora desde o começo grandemente mesclada com algo de a-social. Não só os negócios com Hagauer e o testamento, mas também toda a tonalidade de sentimentos indicava algo intenso, e sem dúvida naquela fraternidade havia tanto amor recíproco como repulsa pelo restante do mundo. “Não!”, pensou Ulrich. “Querer viver para outra pessoa não é senão a falência do egoísmo, que abre, ao lado, novo negócio com um sócio!”

Com efeito, apesar dessa observação lapidada e brilhante, sua tensão interior já ultrapassara seu auge no momento em que ele fora tentado a colocar numa lampadazinha terrena aquela luz que o enchia vagamente; e quando viu que fora um erro, seu pensamento já não tinha a intenção de procurar decisão alguma, e ele deixou-se distrair. Perto dele, dois homens tinham-se chocado e trocavam insultos como se quisessem se atacar; observou-os com nova atenção, e, mal se afastara deles, seu olhar topou com o de uma mulher, olhar que parecia uma gorda flor balançando num caule. Naquele estado de espírito agradável que consta de atenção externa e de emoções em medidas iguais, percebeu que a exigência ideal de amar ao próximo é seguida pelas pessoas reais em duas partes, a primeira dizendo que não suportamos os outros, a segunda querendo que se mantenham relações sexuais com uma metade deles. Sem refletir, ele virou-se depois de alguns passos para seguir a mulher; foi algo mecânico, resultado do toque dos olhos dela. Via o vulto dela à sua frente como um grande peixe branco debaixo do vestido, nadando próximo da superfície da água. Quis fisgá-la virilmente e poder vê-la retorcer-se, e nisso havia tanta repulsa quanto desejo. Sinais quase imperceptíveis revelaram-lhe que a mulher sabia que era seguida e aprovava aquilo. Ele tentou descobrir a que camada social ela pertenceria, e adivinhou ser uma classe média alta, onde é difícil determinar exatamente a posição das pessoas. “Família de comerciantes? De funcionários públicos?”, indagava-se. Mas apareceram aleatoriamente várias imagens, entre elas até a de uma farmácia: ele sentiu o aroma forte e adocicado do homem que volta para casa; a atmosfera compacta do lar, que já nada revela dos bruxuleios com que há pouco a iluminava a lanterna de bolso de um arrombador. Sem dúvida, era repulsivo, mas de uma sedução vulgar.

E enquanto Ulrich andava atrás da mulher, na verdade receando que ela parasse diante de uma vitrine forçando-o a tropeçar como um idiota ou a interpelá-la, alguma coisa nele ainda estava concentrada e alerta. “O que será que Ágata quer *de mim*?”, perguntou-se pela primeira vez. Não sabia. Presumia que seria semelhante ao que desejava dela, mas para isso tinha apenas motivos sentimentais. Não era de admirar como tudo acontecera rápido e imprevisível? Além de algumas lembranças da infância, ele nada soubera dela, e o pouco que sabia, por exemplo a relação de alguns anos com Hagauer, não lhe era nada simpático. Recordou a singular hesitação, quase resistência, com que se aproximara da casa paterna. E de repente, uma idéia insinuou-se nele: “Meu sentimento por Ágata é mera fantasia!” Num homem que sempre desejava algo diferente dos outros — pensou, novamente sério —, num homem que sempre sente a repulsa e nunca chega à simpatia, toda a habitual benevolência e a morna bondade humana decompor-se-iam facilmente numa dureza fria, sobre a qual pairasse um nevoeiro de amor impessoal. Uma vez chamara isso de amor seráfico. Podia-se também dizer, amor sem parceiro, ou: amor sem sexualidade. Alias, hoje em dia as pessoas só tinham amores sexuais: não suportamos nossos semelhantes, e no entrelaçamento dos sexos as pessoas se amam com crescente revolta contra a exagerada valorização desse impulso. Mas o amor seráfico estava livre das duas coisas. Era o



amor livre das contracorrentes da repulsa social ou sexual. Na verdade, sentido junto com a crueldade da vida atual, podia-se chamá-lo de amor de irmã de uma época que não tinha lugar para amor de irmão — pensou ele, estremecendo irritado.

Mas embora acabasse tendo essas idéias, continuava sonhando, paralela e alternadamente, com uma mulher inatingível. Imaginava-a como os tardios dias outonais na montanha, quando o ar tem algo de mortalmente exangue, mas as cores ardem na maior paixão. Via as distâncias azuladas, infinitas na sua misteriosa gradação. Esqueceu por completo a mulher que realmente andava à sua frente, estava distante de todo o desejo, e talvez próximo do amor.

Só o olhar de outra mulher, insistente, o desviou desses pensamentos; era semelhante ao outro olhar, mas não tão insolente e gordo, e sim educado, como um traço em cor pastel, mas gravando-se nele em uma fração de segundo: ergueu os olhos, e num estado de total exaustão interior reconheceu uma dama muito bonita: Bonadéia.

Fora atraída à rua pelo dia magnífico. Ulrich olhou seu relógio: fazia apenas quinze minutos que passeava, e não tinham-se passado quarenta e cinco desde que saíra do palácio de Leinsdorf. Bonadéia disse:

— Hoje não estou livre.

Ulrich pensou: “como é longo um dia, um ano, uma resolução para a vida inteira!”. Era realmente imensurável.

## 23

### BONADÉIA, OU A RECAÍDA

Assim aconteceu que, pouco depois, Ulrich tenha recebido a visita de sua amiga abandonada. O encontro na rua não bastara para as acusações que ele lhe desejava fazer por ter usado seu nome a fim de conseguir a amizade de Diotima, nem dera a Bonadéia tempo suficiente de o acusar por seu longo silêncio, e, além de defender-se da acusação de indiscrição e chamar Diotima de “cobra vulgar”, inventar ainda uma prova para isso. Por isso, ela e seu amigo aposentado haviam combinado, às pressas, que teriam de falar-se mais uma vez.

Quem apareceu não era mais a Bonadéia que enrolava o cabelo nas mãos até conferir à sua cabeça um relativo ar grego, quando se contemplava no espelho, piscando os olhos, imaginando-se tão pura e nobre quanto Diotima; nem era aquela que, em noites desvairadas pela privação, insultava desavergonhadamente, com experiência feminina, o seu modelo; mas era novamente a boa velha Bonadéia, com cachinhos caindo na testa não muito inteligente, ou afastados dela, conforme a moda, e em cujos olhos algo parecia o ar subindo sobre uma fogueira. Enquanto Ulrich a interpelava por ter revelado à prima dele a sua relação, ela tirou calmamente o chapéu diante de um espelho e, quando ele quis saber o quanto ela dissera à outra, Bonadéia descreveu, contente e exata, qua mentira para Diotima ter recebido uma carta dele pedindo que cuidasse para Moosbrugger não cair no esquecimento, e que não pensara em nada melhor do que dirigir-se à mulher de cujas nobres intenções o autor da carta

falara tantas vezes. Depois, sentou-se no braço da cadeira de Ulrich, beijou sua testa, e assegurou, modestamente, que tudo aquilo era verdade, à exceção da carta. Dos seios dela saía um calor intenso.

— E por que chamou minha prima de “cobra”? Você é que é uma cobra! — disse ele.

Bonadéia afastou os olhos dele, pensativa, para a parede.

— Ora, não sei — respondeu —, ela é tão simpática comigo. Interessa-se tanto por mim!

— O que significa isso? — perguntou Ulrich. — Agora você partilha dos esforços dela pelo Bom, Belo e Verdadeiro?

Bonadéia retrucou:

— Ela me explicou que nenhuma mulher pode viver para seu amor segundo suas forças, nem ela nem eu. Por isso, cada mulher precisa cumprir seu dever no lugar que o destino lhe reservou. Ela é uma mulher decentíssima — prosseguiu Bonadéia, mais pensativa ainda. — Está me persuadindo a ter consideração com meu marido, e afirma que uma mulher superior encontra grande felicidade na preservação do seu casamento; coloca isso muito acima do adultério: na verdade, eu mesma sempre achei isso!

E era verdade, pois Bonadéia nunca pensara de outro modo, simplesmente agira, podendo assim concordar com Diotima sem maior problema. Quando Ulrich respondeu isso, ela lhe deu um beijo, desta vez já um pouco abaixo da testa.

— Você perturba meu equilíbrio poligâmico! — disse com um pequeno suspiro para desculpar a contradição entre seu pensamento e suas atitudes.

Através de muitas indagações, ele descobriu que ela quisera dizer “equilíbrio poliglandular”, termo fisiológico naquele tempo recém-introduzido, que se poderia traduzir como equilíbrio dos humores, presumindo que eram certas glândulas, agindo sobre o sangue, que, com seus impulsos e inibições, influenciam o caráter e o temperamento, especialmente certos tipos de temperamento como o que Bonadéia, em certas circunstâncias, possuía dolorosamente.

Ulrich enrugou a testa, curioso.

— Portanto, uma questão glandular — disse Bonadéia. — É de certa forma tranquilizador saber que não se tem culpa disso! — Ela sorriu doloridamente para o amigo perdido: — E quando se perde o equilíbrio facilmente, acontecem facilmente experiências sexuais fracassadas!

— Mas, Bonadéia — disse Ulrich, admirado —, que jeito de falar!

— Foi como aprendi. Você é uma experiência sexual fracassada, diz sua prima. Mas também diz que podemos nos esquivar de consequências físicas e espirituais dolorosas, pensando que nada do que fazemos é unicamente assunto pessoal nosso. Ela é muito boa comigo. Diz que meu erro pessoal é ter-me prendido demais a um detalhe do amor, em vez de considerar a vida amorosa como um todo. Entende? Por de talhe ela quer dizer o que também chama de “experiências grosseiras”: em geral é muito interessante ver os fatos sob essa luz. Mas uma coisa nela não me agrada: pois afinal, embora diga que uma mulher forte tem de procurar na monogamia a obra de sua vida, e que deve amar isso como um artista, ela tem três, com você talvez quatro, homens de reserva, e eu, para sorte minha, agora não tenho nenhum!

O olhar com que ela examinou seu desertor era cálido e cheio de dúvidas. Mas Ulrich fingiu não notar.

— Então vocês falam a meu respeito? — perguntou, cheio de pressentimentos.

— Ora, só de vez em quando — respondeu Bonadéia. — Quando sua primaprocure um exemplo, ou quando está presente o seu amigo, o general.

— E certamente Arnheim também está?

— Ele escuta cheio de dignidade a conversa das nobres damas — zombou Bonadéia, não sem talento para imitação, mas acrescentou, gravemente: O comportamento dele para com sua prima não me agrada nada. Ele está quase sempre viajando; e quando está presente, fala demais com todo mundo, e quando ela menciona o exemplo da Sra. von Stern...

— Sra. von Stein? — corrigiu Ulrich, numa pergunta.

— Claro, falo da Stein; Diotima fala seguidamente nela. E quando ela fala da relação entre a Sra. von Stein e aquela outra, a Vul... ora, como é que se chama? Tem um nome meio indecente.

— Vulpus.

— Naturalmente. Entende, eu ouço tantas palavras estrangeiras, que já nem sei as mais simples! Pois quando ela compara a Sra. von Stein com aquela, o Arnheim fica me olhando o tempo todo, como se ao lado da sua adorada eu apenas fosse uma dessas, como você mesmo disse há pouco!

Ulrich exigiu explicação para essas mudanças.

Descobriu que, desde que usava o título de íntima de Ulrich, Bonadéia também progredira muito na intimidade de Diotima.

A fama de ser louca por homens, que Ulrich, num momento de raiva, revelara levemente, deixara sua prima excitadíssima. Admitindo a recém-chegada em seus salões como dama vagamente benemerente, ela a observara algumas vezes, às escondidas, e aquela intrusa com olhos de mata-borrão macio, que sugavam a imagem de sua casa, não apenas fora muito inquietante, mas lhe despertara tanta curiosidade feminina quanto horror. Para dizer a verdade, quando Diotima pronunciava a palavra “doença venérea”, tinha sensações parecidas com aquelas sentidas ao imaginar as atividades de sua nova conhecida, e esperava com consciência inquieta algum comportamento extravagante, opróbrio e vergonha. Mas Bonadéia conseguira abrandar essa desconfiança com sua postura cheia de zelo, correspondendo à postura muito bem comportada de crianças malcriadas num ambiente que desperte sua ambição moral. Até esqueceu que tinha ciúmes de Diotima, e esta notou com espanto que sua inquietante protegida estava tão interessada no ideal quanto ela própria. Pois na ocasião, a “irmã transviada”, como a chamava, já se tornara sua protegida, e em breve Diotima lhe dedicava uma simpatia muito ativa, porque sentia que sua própria situação a levava a ver no indigno segredo de ser “louca por homens” uma espécie de espada de Dâmocles feminina, da qual se dizia que poderia pender, num tênue fio, até sobre a cabeça de uma Genoveva

— Eu sei, filha — instruí a Bonadéia, quase da sua idade —, nada é tão trágico como abraçar uma pessoa da qual não estamos intimamente convencidas! — e beijava a boca impudica com um impulso de coragem que teria bastado para comprimir os lábios entre as barbas sangrentas de um leão.

A situação em que Diotima se encontrava então oscilava entre Arnheim e Tuzzi: uma situação horizontal, podia-se dizer figuradamente, na qual um tinha peso excessivo, outro peso de menos. No seu retorno, o próprio Ulrich ainda encontrara a

prima com uma faixa na testa e panos quentes; mas aquelas mazelas femininas, cuja intensidade ela intuía ser a resistência do corpo a tantas orientações contraditórias recebidas da alma, tinham despertado em Diótima aquela nobre decisão que lhe era própria sempre que não queria ser como as outras mulheres. No começo era duvidoso se essa tarefa devia ser assumida pela alma ou pelo corpo, se poderia ser respondida melhor mudando a postura com relação a Arnheim ou Tuzzi; mas isso se decidia com ajuda do mundo, pois enquanto a alma e seu enigma amoroso lhe escapavam como um peixe que queremos segurar na mão, para surpresa sua a sofredora mulher encontrou abundantes conselhos nos livros da época, quando decidiu pela primeira vez agarrar seu destino pela outra extremidade, a extremidade física, representada pelo marido. Não sabia que nossa época, que aparentemente se esquivou do conceito da paixão amorosa porque é um conceito mais religioso que sexual, despreza como coisa infantil ocupar-se do amor, mas em compensação dirige seus esforços para o casamento, cujos procedimentos naturais examina com vigoroso detalhe. Já naquele tempo tinham surgido vários livros falando com o senso de um professor de ginástica em “revoluções da vida sexual”, querendo ajudar as pessoas casadas a terem prazer. Nesses livros, homem e mulher chamavam-se apenas “portadores de germens masculinos ou femininos”, ou “parceiros sexuais”, e o tédio que devia ser eliminado entre eles por toda a sorte de variações físicas e espirituais era chamado de “o problema sexual”. Enveredando por essa literatura, primeiro sua testa se enrugou, depois alisou-se, pois era um golpe no seu orgulho o fato de até ali lhe ter escapado um grande movimento do espírito de seu tempo, e por fim, arrebatada, punha a mão na testa espantada por poder dar uma finalidade ao mundo (embora não tivesse decidido qual seria), mas também poder tratar os aspectos desagradáveis do casamento com superioridade espiritual. Essa possibilidade correspondia às suas tendências e dava-lhe a perspectiva de tratar a relação com seu marido, que até ali apenas lhe causara sofrimento, como ciência e arte.

— Por que buscar nas distâncias quando o bem está tão perto? — disse Bonadéia, e reforçou isso com sua predileção por lugares-comuns e citações. Pois em breve a protetora Diótima a assumira como sua aluna, tratando-a como tal nesses assuntos. Isso acontecia segundo o princípio pedagógico de aprender enquanto se ensina, e em parte ajudava Diótima a extrair, das impressões ainda bastante desordenadas e obscuras de suas novas leituras, algo de que estivesse firmemente convencida — dirigida pelo feliz segredo da “intuição” que lhe dizia que acertamos na mosca quando falamos ao léu. De outro lado, porém, também Bonadéia tirava disso uma vantagem que lhe possibilitava uma retroação sem a qual mesmo para o melhor mestre o aluno continua estéril: sua rica sabedoria prática representava, ainda que cautelosamente contida, uma fonte de experiências que a teórica Diótima observava com medo, desde que começara a corrigir sua vida conjugal com auxílio dos livros.

— Veja, eu sou muito menos inteligente do que ela — disse Bonadéia —, mas com frequência nos livros dela há coisas de que nem eu tinha a menor idéia, e isso por vezes a deixa tão intimidada que me diz com pena: “Isso não se pode decidir na mesa de jogo que é a cama conjugal, mas exige infelizmente uma grande experiência e prática sexual, treinada em material vivo!”

— Mas por amor de Deus — exclamou Ulrich, dominado pelo riso só de imaginar que sua casta prima errava por aquela “ciência sexual” —, afinal, o que é que ela pretende?

Bonadéia juntou suas lembranças da feliz ligação dos interesses científicos do seu tempo com uma expressão verbal totalmente superficial:

— Trata-se de uma melhor formação e administração do seu impulso sexual — respondeu no espírito de sua mestra —, e ela defende a convicção de que esse caminho para um erotismo vivaz e harmonioso tem de passar por uma dura auto-educação.

— Vocês estão se educando cuidadosamente? E de maneira duríssima?! Você está falando de um jeito incrível! — exclamou Ulrich novamente. — Mas tenha a bondade de me explicar para que Diotima está se educando.

— Naturalmente, primeiro está educando o marido! — corrigiu Bonadéia. Coitado!”, pensou Ulrich sem querer, e pediu:

— Então, por favor, eu gostaria de saber como é que ela faz isso: não comece a ficar inibida de repente!

Na verdade, diante dessas perguntas, Bonadéia se sentia inibida pela ambição, como um estudante modelar na hora do exame.

— A atmosfera sexual dela está envenenada — declarou cautelosamente. — E se ela quiser salvar essa atmosfera, isso só será possível se ela e Tuzzi examinarem suas atuações com grande cuidado. Não há regras gerais. É preciso esforçar-se por observar o outro em suas reações. E para poder observar direito, é preciso ter certa visão da vida sexual. É preciso poder comparar a experiência prática adquirida com os resultados da pesquisa teórica, diz Diotima. Pois hoje há uma nova e mudada postura da mulher em relação ao problema sexual: ela não exige do homem apenas uma atuação, mas uma atuação nascida do correto conhecimento do feminino! — E para distrair Ulrich, ou porque isso a divertia, acrescentou, com hilariedade:

— Imagine o efeito que isso deve ter sobre o marido dela, que não tem a menor idéia dessas novidades e fica sabendo da maioria delas ao despir-se no quarto de dormir, quando Diotima, digamos, procura seus grampos no cabelo meio desfeito, prendeu as saias entre as pernas e de repente começa a falar nesse assunto. Eu experimentei isso com meu marido, e ele quase morreu sufocado. Uma coisa pode-se admitir: quando tem de haver um “casamento duradouro”, pelo menos haverá a vantagem de se poder extrair do parceiro de vida todo o conteúdo erótico, e é isso que Diotima se esforça por obter de Tuzzi, que não é lá muito refinado.

— Duros tempos esses, para os maridos de vocês! — provocou Ulrich. Bonadéia riu, e ele notou o quanto ela ficaria contente por poder escapar por vezes à opressiva gravidade daquela escola amorosa.

Mas a curiosidade de Ulrich não afrouxara ainda: ele sentiu que sua mudada amiga escondia alguma coisa que no fundo teria gostado muito de comentar. Ele objetou com intimidade que o erro desses dois maridos, reunidos na desgraça, era exatamente terem tido um grande “conteúdo erótico”, segundo se dizia.

— Sim, você fica o tempo todo pensando só nisso! — explicou Bonadéia com um olhar cuja longa ponta tinha um ganchinho que se podia entender como pena pela sua recente inocência. — Você também abusa da fraqueza fisiológica da mulher!

— Do que é que eu abuso? Você encontrou uma expressão ótima para a história do nosso amor!

Bonadéia deu-lhe um tapinha e arrumou o cabelo diante do espelho, com dedos nervosos. Olhando-o pelo espelho, disse:

— Isso é de um livro!

— Claro. E muito conhecido.

— Mas Diotima nega isso. Ela encontrou outra coisa em outro livro; chama-se *A inferioridade fisiológica do homem*, livro escrito por uma mulher. Você acredita que isso tem realmente uma importância tão grande?

— Não sei o que é, e não consigo responder nada!

— Então preste atenção! Diotima parte de uma descoberta que chama de “constante disposição da mulher para o prazer”. Pode imaginar o que seja isso?

— Não em Diotima!

— Não seja grosso! — censurou a amiga. — Essa teoria é muito sutil, e preciso me esforçar para explicá-la de modo que você não tire falsas conclusões por estarmos sozinhos aqui em sua casa. Bem, essa teoria repousa no fato de que uma mulher também pode ser amada quando não quer. Entendeu agora?

— Sim.

— Infelizmente, isso não se pode negar. Em contrapartida, o homem, muitas vezes, quer amar e não pode. Diotima diz que isso está cientificamente provado. Acredita nisso?

— Dizem que acontece.

— Não sei — duvidou Bonadéia. — Mas Diotima diz que quando a gente encara isso à luz da ciência, parece bem óbvio. Pois ao contrário da constante disposição da mulher para o prazer, o homem, em resumo, a parte mais masculina do homem, facilmente se intimida. — O rosto dela estava cor de bronze quando o afastou do espelho.

— Isso me admira, tratando-se de Tuzzi — disse Ulrich, evasivo.

— Também não creio que antigamente fosse assim — disse Bonadéia —, mas deve vir como confirmação ulterior da teoria, porque ela lhe fala nisso todo o dia. Chama isso de “teoria do fiasco”. Pois como o portador de germens masculino faz fiasco tão facilmente, ele só se sente sexualmente seguro onde não precisa reear nenhuma superioridade espiritual da mulher, não importa de que tipo, e por isso os homens quase nunca têm coragem de aceitar uma mulher humanamente igual a eles. Diotima diz que o *leitmotiv* de todas as ações amorosas dos homens, especialmente o da superioridade masculina, é puro medo. Grandes homens mostram medo; ela se refere ao Arnheim. Homens menores disfarçam isso com uma brutal arrogância física e abusam da alma feminina: estou me referindo a você! E ela, ao Tuzzi. Esse “agora ou nunca!” com que vocês nos derrotam tantas vezes é apenas uma espécie de supercomp... ela ia dizer supercompressa, e Ulrich ajudou:

— Compensação.

— Sim. Com isso vocês se esquivam da impressão de serem fisicamente inferiores.

— E o que vocês decidiram fazer? — perguntou Ulrich, derrotado.

— Precisamos nos esforçar para sermos agradáveis aos homens! E por isso, vim procurar você. Vamos ver como você reage!

— Mas, e Diotima?

— Santo Deus, o que lhe interessa Diotima? Arnheim faz cara de lesma quando ela lhe diz que infelizmente os homens espiritualmente superiores só parecem encontrar plena satisfação com mulheres inferiores, enquanto fracassam diante de mulheres espiritualmente iguais a eles, o que no caso da Sra. von Stein e da Vulpius ficou provado cientificamente. (Está vendo, agora o nome não me traz

mais problemas. Mas que ela foi a parceira sexual do velho Goethe, eu sempre soube!)

Ulrich tentou levar mais uma vez a conversa para Tuzzi, a fim de desviar o assunto de si mesmo. Bonadéia começou a rir; não era desprovida de compreensão para com a lamentável situação do diplomata, que lhe agradava bastante como homem, e sentia uma maligna alegria e certa cumplicidade pelo fato de ele ter de sofrer sob a chibata disciplinadora da alma. Contou então que, no tratamento do marido, Diotima partia do pressuposto de que precisava libertá-lo do medo dela, e que, para tanto, se reconciliaria um pouco com a “brutalidade sexual” dele. Confessava ter reconhecido que o erro de sua vida fora ter valor demais diante daquele ingênuo desejo de superioridade do seu cônjuge, e tratava de abrandar isso escondendo agora sua superioridade espiritual atrás de uma flexível coqueteria erótica.

Ulrich interrompeu-a vivamente, perguntando o que entendia com isso.

O olhar de Bonadéia prendeu-se cheio de seriedade ao rosto dele.

— Ela lhe diz, por exemplo, que a vida deles foi até agora estragada pela luta por uma afirmação pessoal, e mostra então que o efeito envenenador da procura de prestígio por parte do homem também domina toda a vida pública...

— Mas isso não é coquete nem erótico — objetou Ulrich.

— É sim! Pois você tem de pensar que um homem realmente apaixonado age com relação à sua mulher como um verdugo diante da vítima. Isso faz parte do esforço de afirmar-se, como se diz agora. E de outro lado, você não vai querer negar que o impulso sexual também é importante para a mulher!

— Claro que não nego isso!

— Muito bem. Mas a relação sexual, para transcorrer direito, exige igualdade. É preciso tratar o parceiro de amor como igual, se quisermos obter dele um amplexo feliz, e não apenas como uma passiva complementação do próprio eu — prosseguiu ela, usando as expressões de sua mestra, como alguém que, numa superfície lisa, se sente impelido, medrosamente, involuntariamente, pelos seus próprios movimentos. — Pois se nenhuma relação humana suporta um permanente pressionar e ser pressionado, isso vale mais ainda para a relação sexual...

— Não diga! — retorquiu Ulrich.

Bonadéia apertou o braço dele, e seus olhos cintilaram como uma estrela cadente.

— Fique quieto! — exclamou. — Falta a todos vocês o conhecimento vivo da psique feminina! E se você quiser que eu continue a lhe falar de sua prima... — mas também ela chegara ao fim de suas forças, e seus olhos rebrilhavam como os de uma tigresa diante de cuja jaula se carrega um pedaço de carne. — Não, eu mesma não consigo mais ouvir isso! — exclamou.

— Ela realmente fala assim? — perguntou Ulrich. — Disse isso de verdade?

— Mas eu não escuto, todos os dias, senão falar de prática sexual, amplexos bem-sucedidos, pontos erógenos, glândulas, secreções, desejos contidos, treinamento erótico e regulação do impulso sexual! Provavelmente, cada um tem a sexualidade que merece, pelo menos sua prima diz isso, mas será que eu precisava merecer uma tão intensa?

Seu olhar prendia o do amigo.

— Você não precisa nada — afirmou Ulrich lentamente.

— Afinal, pode-se dizer que minha intensa capacidade de viver representa uma vantagem fisiológica? — perguntou Bonadéia, com um riso feliz e ambíguo.

Não houve mais resposta. Quando, longo tempo depois, surgiu de novo alguma resistência em Ulrich, o dia claro cintilava pelas frestas das janelas, e, olhando para lá, o quarto escuro parecia a sepultura de um sentimento encolhido a ponto de tornar-se irreconhecível. Bonadéia jazia ali de olhos fechados, sem dar sinal de vida. As sensações que recebia agora de seu corpo semelhavam às de uma criança cuja teimosia foi quebrada depois de uma surra. Cada polegada de seu corpo, inteiramente saciado e abatido, exigia um perdão moral depois das carícias. Certamente não do homem em cuja cama estava deitada, a quem suplicara que a matasse porque seu desejo não se desfazia por nenhuma repetição e excitação. Mantinha os olhos fechados, para não ter de vê-lo. Pensou, apenas para experimentar: “Estou na cama dele!” E: “Nunca mais me deixo expulsar daqui!”, gritara interiormente há pouco tempo; agora, isso significava apenas uma situação da qual não era possível sair sem atravessar alguns fatos penosos que ainda precisava sofrer. Lenta e preguiçosamente, Bonadéia ligava seus pensamentos ao ponto em que se haviam interrompido.

Pensou em Diotima. Aos poucos recordou palavras, frases inteiras e fragmentos de frases, mas em geral era apenas de satisfação com sua existência, que sentia quando palavras incompreensíveis e irrecordáveis como hormônios, glândulas, cromossomos, zigotos ou secreção interna passavam zunindo junto de seu ouvido durante longas conversas. Pois a castidade de sua mestra não se continha assim que os limites eram diluídos pela luz da ciência. Diotima era capaz de dizer diante de seus ouvintes: “A vida sexual não é um ofício que se possa aprender, mas deve ser para nós, sempre, a forma mais elevada de arte, para cuja aprendizagem recebemos a vida!” Mas ao mesmo tempo sentia coisas tão pouco científicas como quando falava exaltada em “ponto de aproximação” ou “ponto difícil”.

Sua discípula recordava com precisão essas expressões. Uma análise crítica do amplexo, um esclarecimento corporal da situação, zonas excitáveis, caminho para a mais alta felicidade da mulher, homens bem disciplinados que prestassem atenção à sua parceira.... Bonadéia sentira-se, há mais ou menos uma hora, mesquinamente fraudada por essas expressões tão científicas, intelectualizadas e nobres que normalmente admirava. Para sua surpresa, notara, com toda a lucidez, que essas palavras não importavam apenas para a ciência, mas também para a emoção, quando as chamadas se erguiam de um lado emocional não vigiado. E odiara Diotima. “Falar tanto de uma coisa a ponto de acabar perdendo todo o prazer com ela!”, pensou, e com horrendas idéias de vingança parecera-lhe que Diotima tinha quatro homens, mas a ela não permitia prazer algum, e assim a estava logrando. Bonadéia considerara esse esclarecimento, através do qual a ciência sexual ordena os obscuros fenômenos da sexualidade, uma verdadeira intriga de Diotima. Não conseguia entender isso, como não entendia seu apaixonado desejo por Ulrich. Procurou lembrar onde fora que seus pensamentos e sensações haviam entrado naquele delírio: tudo tão incompreensível quanto alguém que sofre de uma hemorragia ao pensar na impaciência que o levava a arrancar a atadura!

Bonadéia pensou no Conde Leinsdorf, que chamara o casamento de “nobre ofício”, e comparara os livros de Diotima, que tratavam dele, a uma racionalização dessa vida oficial. Pensou em Arnheim, que era multimilionário e chamara a revalorização da fidelidade conjugal a partir da idéia de corpo de “legítima necessidade dos tempos”.



E pensou nos muitos outros homens famosos que conhecera nesse tempo, sem lembrar se tinham pernas curtas ou longas, se eram gordos ou magros: pois via neles apenas o radiante conceito de fama, complementado por uma incerta massa corporal, como se dá conteúdo às delicadas paredes de uma pombinha assada através de um recheio grosso e repleto de ervas. Com essas lembranças, Bonadéia jurou nunca mais ser vítima das súbitas tempestades que se confundiam em cima e embaixo, e jurou isso a si mesma tão vivamente que já se via, fiel a seus princípios, espiritualmente e sem determinação física, como amante do mais refinado dos homens, que escolheria entre os admiradores de sua grande amiga. Mas como de momento não pudesse negar que estava deitada, semidespida, na cama de Ulrich, sem querer abrir os olhos, esse rico sentimento de voluntária contrição, em vez de consolá-la, passou a um desgosto miserável e irritante.

A paixão cujos efeitos dividia a vida de Bonadéia nessas contradições não nascia do fundo de sua sensualidade, mas da ambição. Era nisso que refletia Ulrich, conhecendo bem sua amiga, e calou-se para não provocar suas acusações, enquanto contemplava seu rosto de pálpebras baixadas. A forma primitiva de todos os desejos dela lhe parecia uma ânsia de honrarias, que se desviara por trilhos falsos, sim, até, textualmente, por ramificações nervosas falsas. E por que uma ambição de recorde social, que normalmente pode festejar seus triunfos bebendo a maior quantidade de cerveja ou pendurando no pescoço a maior pedra preciosa, não se poderia expressar, em Bonadéia, sob forma de ninfomania? Depois de acontecerem, ela negava tristemente essas manifestações, ele reconhecia isso, e entendia bastante bem que aquela enfadonha falta de naturalidade de Diotima impressionasse como coisa paradisíaca aquela mulher a quem o diabo sempre montara em pêlo! Contemplou suas pupilas pesadas e exauridas sob as pálpebras; viu o nariz moreno erguido de maneira decidida, e as narinas vermelhas e afiladas; percebeu, um pouco perturbado, as diversas linhas daquele corpo: a dos grandes seios redondos sobre o espartilho reto das costelas; aquela onde nascia, da polpa das ancas, o dorso côncavo; as unhas agudas e hirtas sobre a branda ponta dos dedos. E enquanto, com certa repulsa, contemplava alguns pelinhos brotando das narinas da amante deitada diante de seus olhos, recordou como aquela mesma pessoa, há pouco, despertara sedutoramente seus desejos. O sorriso vivo e ambíguo, com que Bonadéia aparecera para terem aquela “conversa”, a maneira natural com que rejeitara todas as acusações, ou revelara alguma novidade sobre Arnheim, aquela quase cômica exatidão de suas observações: ela realmente se modificara vantajosamente, parecia mais independente, as forças que a puxavam para cima e para baixo mantinham-se num equilíbrio mais frouxo, e essa falta de peso moral fora repousante e benéfica para Ulrich, que ultimamente sofrera muito com sua própria gravidade. Ainda agora podia sentir o prazer com que a escutara e contemplara as expressões no seu rosto, como ondas e sol. E de repente, enquanto encarava o rosto agora mal-humorado, lembrou que só pessoas sérias podem ser más. “Pode-se dizer que pessoas alegres estão salvas disso”, pensou. “Assim como o intrigante numa ópera é sempre o que tem voz de baixo!” De alguma forma estranha isso significava, também para ele, que o profundo e o sombrio se relacionavam; pois é certo que toda culpa é aliviada quando cometida “levianamente” por uma pessoa alegre. Mas de outro lado talvez isso só valesse no amor, onde os sedutores pensativos são muito mais destrutivos e imperdoáveis do que os levianos, embora façam exatamente a mesma coisa. Seus pensamentos vagavam, e ele não estava apenas decepcionado

porque aquela hora de amor, que começara tão fácil, terminava em melancolia, mas também inesperadamente animado.

Com isso, esquecia-se da presença de Bonadéia, sem saber ao certo como, e, apoiando a cabeça no braço e dirigindo o olhar para longe, através das paredes, virava-lhe as costas, pensativo, quando ela, diante daquele total silêncio, decidiu abrir os olhos. Nesse momento, inocentemente, ele pensava que certa vez desistira de uma viagem sem chegar ao destino, pois um dia muito claro, que revelava a paisagem de maneira sedutora, o atraía da estação para um passeio, para deixá-lo no começo da noite, sem bagagem, numa aldeia a várias horas dali. Pensava recordar sempre ter tido a qualidade de ficar fora por um tempo imprevisível e nunca voltar pelo mesmo caminho; e, de uma lembrança bem distante, nalgum degrau de sua infância que normalmente nunca alcançava, entrou um raio de luz em sua vida. Num lapso de tempo imensuravelmente breve, pensou sentir mais uma vez aquele misterioso anseio que leva uma criança para um objeto que avista, querendo tocá-lo ou metê-lo na boca, com o que o encantamento termina como num beco sem saída; e pareceu-lhe durante o mesmo período de tempo que também a ânsia dos adultos não é melhor nem pior, a ânsia que os leva a qualquer distância para transformá-la em proximidade, como acontecia com ele mesmo, e depois revelar-se, por uma falta de substância disfarçada de curiosidade, como compulsão. E essa imagem fundamental transformava-se pela terceira vez no impaciente e decepcionante acontecimento para o qual, sem que os dois quisessem, se dirigira aquele reencontro com Bonadéia. Esse deitar-se lado a lado na cama lhe pareceu agora muito infantil.

“Mas o que significa o contrário disso, o hirto amor distante, o incorpóreo, como um dia de começos de outono?”, indagou-se. “Provavelmente apenas mais um jogo de crianças, modificado”, pensou, duvidando, e lembrou-se dos bichos coloridos que em criança amara muito mais do que hoje amava à sua amiga. Mas nisso, Bonadéia ficou farta de olhar as costas dele, medindo nelas a sua própria infelicidade, e interpelou-o dizendo:

— Foi culpa sua!

Ulrich virou-se sorrindo e respondeu sem refletir:

— Minha irmã chega dentro de alguns dias, e vai morar comigo: eu já lhe falei disso? E aí, vai ser difícil nos vermos!

— Quanto tempo? — perguntou Bonadéia.

— Para sempre — respondeu Ulrich, sorrindo outra vez.

— E daí? — disse Bonadéia. — Qual é o impedimento? Vai querer me convencer de que sua irmã não lhe permitirá ter uma amante?

— É exatamente isso que quero lhe dizer — disse Ulrich. Bonadéia deu uma risada.

— Eu vim ao seu encontro hoje numa total inocência, e você nem me deixou acabar de falar! — censurou-o.

— Minha natureza é uma máquina que desvaloriza constantemente a vida! Quero ser diferente! — respondeu Ulrich. Ela não poderia entender isso, mas lembrou-se com teimosia de que amava Ulrich. De repente, não era mais o espectro vacilante de seus nervos, mas conseguiu uma naturalidade convincente, e disse com simplicidade:

— Você começou um caso com ela!

Ulrich proibiu-a de dizer isso; com mais seriedade do que pretendia.

— Eu tomei o propósito de por muito tempo não amar nenhuma mulher senão como se fosse minha irmã! — explicou, e calou-se.

Esse silêncio, pela sua duração, causou em Bonadéia uma impressão de maior determinação do que seu conteúdo lhe conferia.

— Mas você é perverso! — exclamou de repente, num tom de profecia e aviso, e saltou da cama, para voltar à sábia escola de amor de Diótima, cujas portas se abriam inocentemente para aquela mulher arrependida e saciada.

## ÁGATA CHEGA REALMENTE

Na noite daquele dia veio um telegrama e, na tarde seguinte, Ágata chegou.

A irmã de Ulrich veio com poucas malas, como imaginara, deixando tudo atrás de-si. Mas a quantidade de malas não correspondia exatamente ao propósito: jogue no fogo tudo o que tiver, até os sapatos. Quando Ulrich soube desse propósito, riu: até duas caixas de chapéus tinham escapado ao fogo.

A testa de Ágata assumiu a adorável expressão de quem está magoado e reflete em vão sobre essa mágoa.

Não se soube se Ulrich tinha razão ao criticar essa imperfeita expressão de um sentimento que fora grande e arrebatador, pois Ágata não entrou nessa questão; alegria e desordem, causadas involuntariamente pela chegada dela, zuniam em seus ouvidos e olhos como a dança ao redor de uma charanga: ela estava alegre e sentia-se levemente decepcionada, embora não tivesse esperado nada de determinado, e durante a viagem até tivesse, propositadamente, evitado qualquer expectativa. Apenas, de repente, ficou muito cansada, lembrando a noite passada em vigília. Agradou-lhe que depois de algum tempo Ulrich confessasse que, quando chegara a notícia da vinda dela, ele não tinha podido desfazer um compromisso marcado para aquela tarde; prometeu estar de volta em uma hora, e, com uma cerimônia que a fazia rir, acomodou a irmã no divã do seu escritório.

Quando Ágata acordou, a hora passara há muito, e Ulrich não estava lá. O aposento mergulhara numa penumbra densa, e pareceu-lhe tão estranho que ela se assustou com a idéia de estar no meio da nova vida que esperara. Até onde podia ver, as paredes estavam cobertas de livros, como antigamente na casa do pai, e as mesas com escritos. Abriu uma porta, curiosa, e entrou no aposento vizinho: lá encontrou guarda-roupas, caixas para botas, o saco de boxe, halteres, uma escada sueca para ginástica. Foi adiante e encontrou livros outra vez. Chegou às águas-de-colônia, essências, escovas e pentes do banheiro, à cama do irmão, ao enfeite de caça do vestibulo. Seu rastro estava marcado por uma luz que se acendia e apagava, mas o acaso quis que Ulrich nada notasse, embora já estivesse em casa: adiar o propósito de acordá-la, para a deixar descansar mais tempo, e agora topou com ela no patamar da escada, vindo da cozinha pouco usada que ficava no subsolo. Procurara algum refresco para a irmã, pois por descuido, naquele dia nem mesmo a mais essencial criadagem se encontrava em casa. Quando ficaram parados lado a lado, Ágata sentiu que impressões até ali totalmente desconexas se reuniam dentro dela, causando um des-

conforto que a deixou intimidada, como se fosse melhor afastar-se imediatamente. Havia naquela casa algo de frio, acumulado em caprichos indiferentes, que a assustava.

Notando isso, Ulrich desculpou-se e deu algumas explicações engraçadas. Contou como encontrara aquela casa e relatou detalhadamente a história dela, começando pelas galhadas de cervo que possuía sem ter caçado, até o saco de boxe que fez dançar aos olhos da irmã. Ágata olhou tudo mais uma vez com uma gravidade inquieta, e sempre que deixava um aposento voltava a cabeça para examiná-lo de novo: Ulrich quis achar aquele exame engraçado, mas a sua repetição começou a causar-lhe desconforto pela sua moradia. Revelou-se o que normalmente ficava recoberto pelo hábito: que ele só usava os aposentos mais essenciais, e que os outros se ligavam a eles apenas como algum ornamento negligenciado. Quando se sentaram juntos, depois dessa caminhada, Ágata perguntou:

— Por que você fez isso, se não lhe agrada?

O irmão ofereceu-lhe chá e tudo o que havia na casa, e insistiu em recebê-la com gentileza, embora com atraso, para que aquele segundo encontro não ficasse atrás do primeiro em atenções do corpo. Correndo de um lado para outro, protestou:

— Instalei tudo levianamente, de modo errado e para que nada combinasse comigo.

— Mas é tudo muito bonito — consolou Ágata. Ulrich achou que de outro modo tudo teria sido ainda pior.

— Não suporto casas feitas sob medida espiritualmente — disse. — Eu me sentiria como se tivesse encomendado também um decorador de interiores para mim mesmo!

E Ágata disse:

— Eu também tenho medo desse tipo de casa.

— Apesar disso, a coisa não pode ficar assim — retificou Ulrich. Estava sentado junto dela, à mesa, e havia uma porção de questões ligadas ao fato de comerem juntos. Na verdade, estava espantado ao notar que muita coisa realmente teria de mudar; via isso como uma façanha incomum que lhe era exigida, e no começo sentia o fervor de um iniciante.

— Uma pessoa sozinha — respondeu diante da condescendente disposição da irmã de deixar tudo como estava — pode ter uma fraqueza: ela murcha e some no meio de suas outras qualidades. Mas quando duas pessoas dividem uma fraqueza, ela assume, em comparação com as qualidades que não lhes são comuns, um peso duplo, e aproxima-se de uma confissão voluntária.

Ágata não pensava assim.

— Em suma, como irmãos não devemos fazer uma série de coisas que seriam permitidas como indivíduos isolados; por isso mesmo é que nos reunimos.

Aquilo agradou a Ágata. Mesmo assim, não lhe bastava a concepção negativa de apenas estarem juntos para não fazerem certas coisas, e algum tempo depois perguntou, voltando à decoração reunida na casa pelos seus aristocráticos fornecedores:

— Mas continuo não entendendo bem. Por que você se instalou assim, se não acha isso direito?

Ulrich sentiu seu olhar divertido e contemplou seu rosto; sobre o vestido de viagem um pouco amassado que ela ainda usava, ele lhe pareceu subitamente liso como prata e tão singularmente presente, que estava ao mesmo tempo longe e perto

dele, ou eram a proximidade e a distância que se anulavam reciprocamente nessa presença, como a lua aparecendo de repente das distâncias do céu sobre o telhado do vizinho.

— Por que fiz isso? — retrucou ele, sorrindo. — Não sei mais. Provavelmente porque teria podido fazer diferente, se quisesse. Não senti responsabilidade alguma. Seria menos certo, se eu quisesse explicar que a irresponsabilidade com que hoje vivemos nossas vidas já poderia ser um degrau para uma nova responsabilidade.

— De que tipo?

— Ora, de muitos tipos. Você sabe: a vida de um indivíduo é talvez apenas uma pequena oscilação em torno do valor médio mais provável de uma série. E coisas assim.

Ágata ouviu apenas o que entendia. E disse:

— Assim surgem o “bastante bonito”, e “muito bonito.” Quase não sentimos mais que vivemos na feiúra. Mas de vez em quando é tão horrível como se acordássemos aparentemente mortos, num necrotério!

— E como era a sua casa? — perguntou Ulrich.

— ■ Burguesa. À maneira de Hagauer. “Bem bonita.” Tão falsa quanto a sua!

Entrementes, Ulrich pegara um lápis e fez na toalha da mesa o esboço da casa e uma nova distribuição dos aposentos. Era fácil, e foi tão depressa que o movimento doméstico de Ágata, de proteger a toalha de mesa, veio tarde demais e terminou inutilmente sobre a mão dele. As dificuldades só apareceram no capítulo da decoração.

— Temos uma casa — notou Ulrich —, e temos de decorá-la de forma diferente para nós dois; mas, de modo geral, essa questão hoje foi superada e é ociosa. “Arrumar uma casa” disfarça uma fachada atrás da qual não há mais nada; as relações sociais e pessoais não são mais suficientemente sólidas para uma casa, ninguém mais sente uma alegria honesta em exibir duração e tenacidade. Antigamente, a gente fazia isso, e o número de salas e criados e convidados mostravam quem se era. Hoje, quase todo mundo sente que uma vida informal é a única forma que corresponde às variadas vontades e possibilidades que enchem a vida, e os jovens preferem a simplicidade pura, que parece um teatro sem cenário, ou sonham com baús de navio e jogos de *bob*, campeonatos de tênis, hotel de luxo na beira da auto-estrada, com campo de golfe e música ambiental permanente. — Ele disse isso falando de maneira bastante social, como se tivesse uma estranha à sua frente; na verdade, falando subia para a superfície, porque algo de definitivo e iniciante naquele convívio o deixava constrangido.

Mas depois que ela o deixara falar até o fim, perguntou:

— Então você sugere que moremos num hotel?

— Claro que não! — protestou Ulrich depressa. — Quando muito vez por outra, em viagens!

— E então, no resto do tempo, vamos construir uma cabana de folhas numa ilha, ou uma cabana de toros nas montanhas?

— Naturalmente vamos nos instalar aqui — respondeu Ulrich, mais sério do que convinha àquele diálogo. A conversa emudeceu por um breve lapso de tempo, ele se levantara e andava de um lado para outro na sala. Ágata fingiu que tinha algo a consertar na bainha do vestido, e inclinou a cabeça desviando-a da linha na qual seus olhares tinham-se unido até ali. De repente, Ulrich parou e disse, com uma voz que nascia com dificuldade mas era sincera:

— Minha querida Ágata, há um círculo de perguntas que tem um diâmetro enorme, e não tem centro: e todas essas indagações dizem a mesma coisa: “Como vou viver?”

Ágata também se levantara, mas ainda não olhava para ele. Deu de ombros:

— A gente precisa tentar! — disse. O sangue lhe subira à frente; quando ergueu a cabeça, porém, seus olhos eram francos e animados, só nas faces o rubor hesitava ainda como uma nuvem passando.

— Se quisermos viver juntos — explicou ela —, você terá primeiro de me ajudar a tirar as coisas das malas, arrumá-las, e a mudar de roupa, porque não vi criada em parte alguma da casa!

A consciência pesada dominou novamente braços e pernas do irmão, dando-lhe uma agilidade galvanizada, para compensar sua falta de atenção, e começou a agir sob orientação de Ágata. Esvaziou armários como um caçador tirando as entranhas de um animal, e deixou seu quarto de dormir, jurando que pertencia a Ágata, e que ele mesmo encontraria um divã em algum lugar. Carregava animadamente de um lado para outro objetos da vida cotidiana, que até ali tinham vivido quietos em seus lugares como flores de um jardim ornamental, sentindo como única mudança em seu destino aquela mão que as escolhia. Ternos amontoavam-se em cadeiras, nas prateleiras de vidro da sala de banho surgiram um setor masculino e um feminino, juntando-se com cuidado os utensílios para a higiene corporal; quando toda a ordem estava razoavelmente desorganizada, havia afinal apenas as lustrosas chinelas de couro de Ulrich, abandonadas no chão, e pareciam um cachorrinho de estimação ofendido, jogado fora de seu cestinho, imagem infeliz do aconchego desfeito na sua natureza tão agradável quanto insignificante. Mas não houve tempo para comover-se com isso, porque já era a vez das malas de Ágata, e embora parecessem poucas, em seu interior havia inesgotáveis coisas finamente dobradas, que se desenrolavam ao serem retiradas, desabrochando no ar como centenas de rosas que um mágico tirasse de uma cartola. Tinham de ser penduradas e deitadas, sacudidas e empilhadas, e como Ulrich ajudasse, tudo aconteceu entre muitos incidentes e risadas.

Apesar de toda essa ocupação, ele não conseguia pensar noutra coisa senão, ininterruptamente, em que vivera sozinho a vida toda, e ainda há poucas horas atrás. E agora Ágata estava ali. Essa pequena frase, “Ágata está aqui agora”, repetia-se em ondas, lembrava o espanto de um menino a quem deram um presente, tinha algo que inibia o espírito, mas de outro lado era uma inconcebível plenitude de presença, e levava sempre de volta àquela breve frase: “Ágata está aqui agora.” “Então ela é alta e magra?”, pensou Ulrich, observando-a secretamente. Mas não era: era mais baixa do que ele, e de uma saudável largura nos ombros. “Será graciosa?”, perguntou-se. Também não se podia dizer seu nariz altivo, por exemplo, era, visto de um lado, um pouco dobrado para cima; e disso emanava um encanto bem mais forte do que a graça. “Será que, afinal, é bonita?”, perguntou-se Ulrich um pouco espantado. Pois essa pergunta não lhe era fácil de fazer, embora, deixando de lado todo o convencional, Ágata fosse uma mulher estranha para ele. Uma proibição interna de não encarar uma parenta consanguínea com amor viril não existe, é apenas costume ou algo fundamentado com razões de moral e higiene; também o fato de não terem sido criados juntos impedira que existisse entre Ulrich e Ágata aquela asséptica emoção fraterna que reina na família européia: apesar disso, bastava a tradição para roubar, de suas emoções recíprocas, também da inocência da beleza apenas pensada, uma ponta

extrema cuja falta Ulrich sentia naquele instante na sua própria nítida perplexidade. Achar uma coisa bela significa provavelmente antes de tudo *achá-la*: seja uma paisagem ou uma mulher amada, lá está ela, encara o lisonjeado achador, e parece única e exclusivamente ter estado à espera dele; e assim, com esse encantamento pelo fato de lhe pertencer e de querer ser descoberta por ele, sua irmã lhe agradava além de todas as medidas, mas mesmo assim ele pensava: “Não se pode achar a própria irmã realmente bela, quando muito podemos ficar lisonjeados porque outros a consideram bela.” Mas depois, onde antes houvera silêncio, ele escutou a voz dela minutos a fio, e como era essa voz? Ondas de perfume acompanhavam os movimentos de suas vestes, e como era esse cheiro? Seus movimentos eram ora joelho, ora delicados dedos, ora resistência de um cacho de cabelo. A única coisa que se podia dizer a respeito era: estava ali. Estava ali, onde antes não existira nada. A diferença de intensidade entre o mais vivo instante em que Ulrich pensara na irmã que deixara atrás e o mais vazio dos momentos presentes significava uma tão grande e nítida alegria, como quando um lugar sombreado fica repleto de sol cálido, e do perfume de ervas que se entreabrem!

Ágata também percebeu que seu irmão a observava, mas não lhe mostrou isso. Nos momentos de silêncio, em que sentia o olhar dele a seguir seus movimentos, quando a fala e a resposta não demoravam tanto como parecia, deslizavam como um veículo de motor desligado sobre um lugar profundo e inseguro, e também ela saboreava aquela mais que presença e aquela calma veemência ligadas ao fato de estarem juntos. Ê quando desfazer malas e arrumar armários terminara, e Ágata se encontrou sozinha no banho, desenrolou-se a partir daí uma aventura, era como um lobo querendo entrar naquela linda e calma paisagem, pois ela se despira, exceto pela roupa interior, num quarto onde agora, fumando cigarros, Ulrich vigiava as coisas dela. Rodeada de água, ela refletiu no que devia fazer. Não havia criadagem, tocar uma sineta era tão inútil quanto chamar, e aparentemente restava apenas bater na porta, enrolada no roupão de banho de Ulrich, pendurado na parede, e mandá-lo para fora do quarto. Mas Ágata duvidou, alegre, se, com a grave familiaridade que ainda não existia entre eles mas estava talvez acabando de nascer, seria permitido portar-se como uma jovem dama, e suplicar que Ulrich se retirasse, e decidiu não reconhecer nenhuma feminilidade ambígua, mas aparecer diante dele com aquela camaradagem natural que devia existir mesmo estando precariamente vestida.

Mas quando entrou no quarto, determinada, os dois sentiram uma inesperada emoção. E cuidaram de não se mostrar constrangidos. Por um momento, não conseguiram despir-se da natural incoerência segundo a qual no mar se permite uma quase-nudez mas no quarto se transforma a fimbria de uma camisa ou calcinha na trilha secreta do romantismo. Ulrich sorriu desamparado quando Ágata, a luz do vestibulo às costas, apareceu na porta aberta como uma estátua de prata rodeada de um sopro de cambraia; e, com uma voz cuja desenvoltura parecia um pouco excessiva, ela pediu meias e vestido que estavam no outro quarto. Ulrich levou a irmã até lá, e para secreto encantamento dele, ela andava com jeito um pouco arrapazado demais, saboreando ela própria tudo aquilo com uma espécie de desafio, como mulheres fazem facilmente quando não se sentem protegidas pelas saias. Depois, aconteceu algo novo, quando Ágata apareceu meio vestida e meio presa no vestido, precisando da ajuda de Ulrich. Enquanto ele lidava às suas costas, ela viu sem ciúme de irmã e até com certo agrado que ele entendia perfeitamente de roupas femininas, e moveu-se com os gestos vivos que a natureza do acontecimento exigia.

Junto da sensível e delicada mas densa pele dos ombros dela, entregue àquela lida inusitada, com a fronte rubra, Ulrich foi envolvido por uma sensação que não cabia direito em palavras, seria preciso dizer que o corpo dele estava sendo tão atingido por ser uma mulher como por não ser uma mulher quem estava junto dele; mas também se teria podido dizer que estava dentro dos próprios sapatos mas sentindo-se puxado para fora de si mesmo, como se lhe estivessem oferecendo outro corpo, muito mais belo do que o seu próprio.

Depois que ele se endireitara de novo, a primeira coisa que disse à irmã foi:

— Agora eu sei o que você é: você é o meu amor por mim mesmo! — Soava esquisito, mas realmente descrevia a sua emoção. — Sempre me faltou amor por mim mesmo, como outros possuem intensamente — explicou ele —, e agora, por engano do destino, ele se corporificou em você, em vez de estar em mim! — acrescentou sem rodeios.

Foi a sua primeira tentativa, naquela noite, de fixar num julgamento a chegada da irmã.

## 25

### OS IRMÃOS SIAMESES

Mais tarde naquela noite ele voltou ao assunto.

— Quero que saiba — começou a dizer à irmã — que não conheço uma espécie de amor por mim mesmo, uma espécie de terna relação comigo mesmo, que aparentemente a maioria das pessoas têm ao natural. Não sei como descrever isso. Eu poderia dizer, por exemplo, que sempre tive amantes com as quais mantive uma relação falsa. Elas foram ilustrações de caprichos súbitos, caricaturas de meus caprichos: portanto, apenas exemplos de minha incapacidade de ter relações naturais com outras pessoas. Isso se liga à maneira como nos portamos em relação a nós mesmos. No fundo, sempre escolhi amantes a quem não amava...

— Mas está certo! — interrompeu Ágata. — Se eu fosse homem, não teria nenhum escrúpulo em lidar com as mulheres sem a menor seriedade. E só as desejaria por distração ou espanto!

— Mesmo? Faria isso? Mas que simpático!

— Elas são parasitas ridículas. Partilham da vida do homem junto com seu cachorro! — Ágata não afirmava isso com indignação moral. Estava dominada por um agradável cansaço, mantinha os olhos fechados, fora repousar cedo, e Ulrich, que viera despedir-se, viu-a deitada em seu lugar na cama.

Mas também era a cama em que, trinta e seis horas atrás, estivera Bonadéia. Provavelmente por isso, Ulrich recordou sua amante.

— Mas eu queria apenas falar na incapacidade de ter uma relação terna comigo mesmo! — repetiu ele, sorrindo. — Se tenho de viver algo intensamente, tem de acontecer como parte de um todo, tem de estar submetido a alguma idéia. Prefiro já ter passado pela experiência em si, e apenas recordá-la; as emoções concretas me parecem desagradáveis e ridiculamente inadequadas. É assim, pelo menos, quando



tento me descrever honestamente para você. E a idéia mais primitiva e simples, ao menos na juventude, já é de que a gente é um sujeito diferente, dos diabos, pelo qual o mundo estava esperando. Mas isso não permanece depois dos trinta anos! — Ele refletiu um pouco, depois disse: — Não! É tão difícil falar de si mesmo: na verdade, eu deveria dizer que nunca estive dominado por uma idéia duradoura. Não havia nenhuma. Devia-se amar uma idéia como se ama uma mulher. Ser feliz ao voltar para ela. E tendo-a sempre dentro de si! Procurando-a em todas as coisas fora de nós! Nunca encontrei esse tipo de idéia. Sempre mantive uma relação de homem para homem com as chamadas grandes idéias; talvez também com as que assim se chamam justificadamente: não me julgava nascido para a submissão, elas me incitavam a derrubá-las e colocar outras em seu lugar. Sim, talvez eu tenha sido levado exatamente por essa mania à ciência, cujas leis se procuram numa equipe e não se consideram indiscutíveis.

Ele parou novamente, rindo de si ou de sua descrição.

— Mas, seja como for — prosseguiu, sério —, de qualquer modo eu por isso não me ligo a nenhuma idéia, e desaprendi a levar a vida a sério. Eventualmente me excita muito mais lê-la num romance, onde está envolta numa concepção; mas se eu a quiser viver na sua plenitude, sempre a considero envelhecida e antiquada, e superada no seu conteúdo de idéias. Também não creio que isso dependa de mim. Pois a maioria das pessoas hoje em dia é assim. Muitas iludem-se fingindo para si mesmas uma urgente alegria de viver, conforme se ensina às crianças do curso primário a saltitar alegres no meio das florzinhas; mas há sempre nisso uma certa intencionalidade, e elas a sentem. Na verdade, podem assassinar-se mutuamente a sangue-frio assim como dar-se maravilhosamente bem. Nosso tempo não leva a sério os fatos e aventuras de que está repleto. Se acontecem, causam excitação. E inauguram novos acontecimentos, uma espécie de vingança cruenta, um alfabeto obrigatório de B a Z, só porque dissemos A. Mas esses fatos de nossa vida têm menos vida do que um livro, porque não possuem nenhum sentido que lhes dê conexão.

Foi o que Ulrich disse. Com variadas emoções. Ágata não respondeu; ainda estava de olhos fechados, porém sorria. Ulrich disse:

— Nem sei mais o que estou lhe contando; acho que não encontro mais o fio. Ficaram algum tempo calados. Ele podia contemplar à vontade o rosto da irmã,

que o olhar dela não defendia. Jazia ali como um pedaço de corpo nu, como mulheres juntas num banho. O cinismo feminino natural e não vigiado daquela visão não destinada ao olhar de nenhum homem tinha um efeito incomum sobre Ulrich, embora não mais com a intensidade do primeiro dia de convívio, quando Ágata exigira seu direito de irmã, para falar com ele sem disfarces espirituais, pois não o considerava um homem como os outros. Recordou a surpresa misturada com terror que sentira, em menino, ao ver uma mulher grávida na rua, ou uma mulher dando o seio ao bebê; segredos cuidadosamente velados ao menino de repente acumulavam-se ao sol, intumescidos e cândidos. E talvez por muito tempo ele tivesse levado consigo restos dessas impressões, pois de repente foi como se agora estivesse totalmente livre delas. O fato de Ágata ser mulher experiente pareceu-lhe uma idéia cômoda e agradável; não era preciso cuidar-se tanto como diante de uma mocinha ao falar com ela, e pareceu-lhe comoventemente natural que numa mulher tudo fosse moralmente mais frouxo. Também tinha necessidade de protegê-la, e recompensá-la por alguma coisa, sendo

bondoso. Tomou o propósito de fazer por ela tudo o que pudesse. Tomou até o propósito de procurar-lhe outro marido. E essa necessidade de ser bom, mal ele a sentiu, devolveu-lhe o fio da meada.

— Provavelmente, nos anos da puberdade nosso amor por nós mesmos se modifica — disse, sem transições. — Pois aí ceifa-se um prado de ternura em que se brincara até então, para conseguir pasto para um determinado impulso.

— Para que a vaca dê leite! — completou Ágata logo depois, malcriada mas digna, e sem abrir os olhos.

— Sim, certamente tudo isso se liga entre si — disse Ulrich, e continuou: — Portanto, há um momento em que nossa vida perde quase toda a sua ternura, esta murcha, concentra-se naquele único exercício que então fica sobrecarregado. Não lhe parece também que por toda parte no mundo reina uma segura horrível, enquanto num só lugar chove sem parar?

Ágata disse:

— A mim me parece que amei minhas bonecas de menina com uma intensidade como nunca amei homem algum: quando você foi embora, encontrei no sótão uma caixa com velhas bonecas.

— E o que fez com elas? — perguntou Ulrich. — Deu de presente?

— A quem as poderia dar? Eu as joguei no fogo — disse ela. Ulrich retrucou, vivamente:

— Quando lembro minha infância, posso dizer que naquele tempo “dentro” e “fora” mal se distinguiam um do outro. Quando eu rastejava em direção de alguma coisa, ela vinha ao meu encontro, voando; e quando acontecia alguma coisa que nos parecia importante, ela não só nos excitava, mas as próprias coisas começavam a ferver. Não afirmo que fôssemos mais felizes do que mais tarde. Ainda não nos possuíamos a nós mesmos; na verdade, ainda nem existíamos, nossos estados pessoais ainda não estavam separados do mundo com suficiente nitidez. Parece estranho, mas é verdade quando digo que nossos sentimentos, nossas vontades, nós mesmos, ainda não estávamos inteiramente em nós. Mais estranho é que eu também poderia dizer: ainda não estavam suficientemente distanciados de nós. Pois se hoje, quando pensa possuir a si mesma inteiramente, você por exceção perguntasse quem é na verdade, faria essa descoberta. Sempre se verá de fora, como a uma coisa. Notará que numa ocasião fica irada, noutra fica triste, assim como seu casaco uma vez está molhado, outra quente. Por mais que observe, quando muito conseguirá descobrir-se, nunca entrar em si mesma. Você fica fora de si própria, não importa o que faça, exceto naqueles poucos momentos em que se poderia dizer que está fora de si. Para compensar isso, quando adultos conseguimos poder pensar em todas as ocasiões, “eu sou”, caso isso nos divirta. Você vê um carro, e de alguma forma também vê, de um modo espectral: “estou vendo o carro”. Você ama ou está triste, e vê que está amando ou sendo triste. Mas em sentido pleno, nem o carro nem sua tristeza ou seu amor nem você mesma estão ali inteiramente. Nada está mais inteiramente como esteve uma vez, na infância.’ Mas tudo o que você toca está congelado, até no seu interior mais remoto, assim que você chegou a ser uma “personalidade”, e o que sobrou, envolto por um ser totalmente exterior, é como um fantasmagórico fio de névoa da autoconsciência e de um tristonho amor-próprio. O que está errado nisso? Temos a sensação de que ainda se poderia voltar atrás! Não podemos afirmar que uma criança tenha experiências totalmente diferentes das de um homem. Não sei resposta definitiva a

isso, embora possa haver vários pensamentos a respeito. Mas há muito respondi a isso perdendo o amor por esse tipo de eu e de mundo.

Ulrich estava contente por Ágata o ter escutado sem interrupção, pois não esperava resposta nem dela nem de si mesmo, e estava convencido de que atualmente ninguém poderia dar uma resposta como ele a pretendia. Apesar disso, em momento algum teve medo de que aquilo de que falava fosse difícil demais para ela. Não o considerava um filosofar, nem pensava tratar de algum tema inusitado, assim como um jovem, a quem ele se assemelhava nessa situação, não se deixa dissuadir de achar tudo simples, quando, incitado por outro, troca com ele as eternas questões: “Quem é você? Eu sou assim.” Ele extraía do ser dela, e não do seu pensamento, a certeza de que a irmã conseguia segui-lo palavra a palavra. O olhar dele pousava no rosto dela, e ali havia algo que o deixava feliz. Aquele rosto de olhos fechados não o repelia. Exercia uma imensa atração sobre ele; como se o puxasse para alguma profundidade sem fundo.

E, mergulhando na visão daquele rosto, ele não encontrava em parte alguma a resistência de um fundo de lama, de obstáculos desfeitos, que repelem quem mergulha no amor para que possa subir de volta ao seco. Mas como estava habituado a sentir a inclinação por uma mulher como repulsa forçadamente invertida contra o ser humano, o que — embora o desaprovasse — trazia uma determinada segurança de não se perder, aquela pura simpatia, que o levava a inclinar-se, curioso, cada vez mais profundamente, o assustava quase como se perdesse o equilíbrio, de forma que se esquivou daquele estado, refugiando-se de tanta felicidade em uma brincadeira um tanto juvenil, para chamar Ágata de volta à vida cotidiana: com o toque mais cauteloso de que era capaz, tentou abrir os olhos dela. Ágata abriu-os, rindo, e exclamou:

— Você é bastante bruto comigo, que afinal devo ser o seu amor por si mesmo!

Essa resposta era tão juvenil quanto o toque dele, e seus olhares escorram-se um no outro como dois meninos que quereriam brigar, mas de tanto acharem graça não o conseguem. De repente, porém, Ágata interrompeu aquilo e perguntou:

— Você conhece o mito que Platão relata, segundo modelos mais antigos, de que o ser humano original, inteiro, foi dividido pelos deuses em duas partes, homem e mulher? — Ela se soerguera apoiada no cotovelo e ficou inesperadamente vermelha, pois começou a achar-se bastante ignorante por ter perguntado se Ulrich conhecia aquela história tão divulgada. E, decidindo-se rapidamente, acrescentou: — Agora essas infelizes metades fazem toda a sorte de bobagens para se reunirem de novo. Isso está em todos os livros-texto das escolas superiores; infelizmente, não dizem por que isso não dá certo!

— Eu posso lhe dizer — comentou Ulrich, feliz por ver o quanto ela entendera tudo direito. — Ninguém sabe qual das tantas metades que correm por aí é a sua. A gente agarra uma que parece ser a certa, e faz os mais vãos esforços de tornar-se um com ela, até ver definitivamente que não consegue. Se disso nasce um filho, as duas metades pensam, durante alguns anos da juventude, que pelo menos nessa criança se reuniram; mas é apenas uma terceira metade, que em breve revela o desejo de se separar o mais possível das duas outras, e procurar uma quarta. Assim, a humanidade se “divide” fisiologicamente, e a unidade essencial fica como a lua diante da janela do quarto de dormir.

— Mas é de pensar que irmãos já fizeram a metade do caminho de volta para essa união! — objetou Ágata com voz rouca.

— Gêmeos talvez.

— Nós não somos gêmeos?

— Claro! — exclamou Ulrich de repente. — Gêmeos são raros; gêmeos de sexos diferentes são uma grande raridade; mas se ainda por cima têm idades diferentes, e a maior parte do tempo mal se viram, isso é uma raridade realmente digna de nós! — explicou, e tentou voltar a uma alegria mais branda.

— Mas nós nos encontramos como gêmeos! — insistiu Ágata sem se deixar influenciar.

— Por que estávamos casualmente com roupas iguais?

— Talvez. Por tudo! Você pode dizer que foi acaso, mas o que é o acaso? Acho que exatamente ele é o destino, ou uma destinação, ou como quer que se chame. Nunca pensou que foi casual você ter nascido como você? E é duplamente casual que sejamos irmãos! — Ágata explicou tudo dessa maneira, e Ulrich submeteu-se a sua sabedoria.

— Portanto, declaramos que somos gêmeos! — concordou ele. — Criaturas simétricas de um capricho da natureza, a partir de agora teremos a mesma idade, mesma altura, mesmo cabelo, roupas com as mesmas listras, e andaremos pelas ruas dos homens com a mesma fita debaixo do queixo; mas chamo sua atenção para o fato de que eles nos olharão em parte com zombaria, em parte com emoção, como sempre acontece quando alguma coisa lhes lembra o mistério da sua existência.

— Também podemos nos vestir de modo totalmente diferente — respondeu Ágata, divertida. — Um de amarelo quando outro se vestir de azul, ou vermelho e o outro verde, e podemos pintar o cabelo de roxo ou púrpura, e eu farei uma corcunda e você uma barriga: apesar disso, somos gêmeos!

Mas a brincadeira se esgotara, o pretexto se desgastara, emudeceram por algum tempo.

Depois, Ulrich disse repentinamente:

— Você sabe que estamos falando de um assunto muito sério? — Mal dissera isso, sua irmã baixou de novo sobre os olhos os leques dos cílios, e deixou-o falar sozinho, numa disfarçada atenção. Talvez só parecesse que ela fechava os olhos. O quarto estava escuro, a luz tomava tudo menos nítido e não escorria em claras superfícies sobre todos os contornos. Ulrich disse:

— Assim como pensamos no mito do ser humano dividido em dois, podíamos pensar em Pigmalião, nos hermafroditas ou em Ísis e Osíris: é tudo o mesmo, de maneiras diferentes. Esse anseio de um duplo no outro sexo é antiquíssimo. Ele pretende o amor de um ser que nos seja totalmente igual, mas que mesmo assim seja diferente de nós, uma figura encantada, e especialmente, o que apenas imaginamos, que tenha sobre nós a vantagem do sopro da independência e da autonomia. Incontáveis vezes esse sonho do fluido do amor, que, independente de limitações do mundo corporal, se encontra em duas figuras iguais e diferentes, brotou das retortas das mentes humanas, numa solitária alquimia...

Nesse ponto, ele se interrompera; visivelmente lhe ocorrera alguma coisa que o perturbava, e concluiu com as palavras quase inamistosas:

— Mesmo entre os mais cotidianos fatos do amor ainda há rastros disso: no encanto a que se liga qualquer mudança e disfarce, bem como no significado da har-

monia e da repetição do eu no outro. O pequeno feitiço continua igual a si mesmo, não importa se vemos uma mulher nua pela primeira vez, ou se vemos pela primeira vez uma menina de vestido fechado, e as grandes paixões desenfreadas ligam-se a isso, ao fato de que o ser humano imagina que seu mais secreto eu o espreita atrás das cortinas dos olhos alheios.

Aquilo soou como se ele pedisse a Ágata para não dar importância excessiva ao que estavam dizendo. Mas ela pensou mais uma vez na sensação rapidíssima de surpresa que tivera quando se haviam encontrado pela primeira vez, igualmente fantasiados em seus trajes caseiros, e respondeu:

— Então isso existe há milhares de anos; será mais fácil de entender se afirmarmos que é uma dupla ilusão?

Ulrich ficou calado.

Algum tempo depois, Ágata disse, contente:

— Apesar disso, no sono é assim! Às vezes nos vemos também transformados noutra coisa. Ou nos vemos como homem. E somos tão bons com ele como nunca fomos conosco mesmos. Você provavelmente dirá que são sonhos sexuais; mas parece-me antes que seja algo muito mais antigo.

— Você sonha isso seguidamente? — perguntou Ulrich.

— Às vezes; raramente.

— Eu, quase nunca — admitiu ele. — Faz uma eternidade que não sonho isso.

— Mas uma vez você me disse, deve ter sido bem no começo, ainda na casa velha — disse Ágata —, que milênios atrás o ser humano tinha de fato outras experiências!

— Ah, você fala na visão que “dá” e na que “recebe”? — replicou Ulrich sorrindo, embora Ágata não o pudesse ver. — O “ser abrangido” e o “abranger” do espírito!? Sim, dessa misteriosa dupla sexualidade da alma eu teria de falar! Aliás, do que não teria de falar? Em tudo existe um resquício disso. Mesmo em qualquer analogia há um resto do encantamento de ser igual e não ser igual. Mas você não notou: em todas as formas de comportamento de que falamos, no sonho, no mito, na poesia, na infância, e até no amor, a maior participação de sentimento ainda se obtém ao preço de uma carência de compreensão, e isso significa: por uma falta de realidade.

— Então você não acredita de verdade nisso? — perguntou Ágata. Ulrich não respondeu. Mas, algum tempo depois, disse:

— Quando traduzimos isso na linguagem ímpia de hoje, podemos chamar isso, que hoje em dia é assustadoramente banal para todos, de participação percentual do ser humano em suas experiências e atos. No sonho, parece ser cem por cento, na vigília, nem meio por cento! Você notou isso hoje na minha casa; mas minhas relações com as pessoas que você vai conhecer não são diferentes. Uma vez — na verdade, se não me engano, devo acrescentar que aconteceu num diálogo com uma mulher, onde ficava muito adequado, aliás — também chamei isso de acústica do vazio. Quando uma agulha cai no chão de um quarto todo vazio, o ruído que produz tem algo de desproporcional, desmedido; mas o mesmo acontece quando existe um vazio entre as pessoas. Não sabemos: estamos gritando, ou há um silêncio mortal? Pois tudo o que é incorreto e torto adquire o poder sedutor de uma tentação monstruosa, desde que não lhe possamos resistir. Você também não acha? Mas, perdoe-me — interrompeu-se —, deve estar cansada, e eu não a deixo repousar. Parece que tenho medo de que muitas coisas no meu ambiente e nas minhas relações lhe desagradem.

Ágata abriu os olhos. Depois de estar tanto tempo resguardado, seu olhar expressava algo difícil de determinar, que Ulrich sentiu espalhar-se sobre todo o seu corpo, com agrado. De repente, ele continuou falando:

— Quando eu era mais jovem, tentei ver exatamente nisso uma força. Não temos nada a opor à vida? Pois bem, então a vida foge do homem para suas obras. Era mais ou menos isso o que eu pensava. E há algo de muito poderoso na falta de amor e de responsabilidade do mundo atual. Pelo menos, há nisso um século da insensatez, como pode acontecer tanto com os séculos como com os anos de puberdade. E, como qualquer jovem, no começo me joguei no trabalho, na aventura e no prazer; parecia-me ser indiferente o que fazia, desde que fosse feito intensamente. Lembra-se de que uma vez falamos sobre “a moral da realização”? Ela é o modelo inato em nós, segundo o qual nos orientamos. Mas quanto mais envelhecemos, tanto mais claramente vemos que esse aparente excesso, essa independência e mobilidade em todas as coisas, essa sobrançeria das partes que impelem e dos impulsos parciais — tanto contra nós, como a nossa contra o mundo —, em suma, tudo o que, como “homens modernos”; considerávamos ser uma força e particularidade nossa, no fundo não passa de fraqueza do todo em relação às suas partes. Paixão e vontade não servem para lutar contra isso. Mal pensamos estar inteiros no meio de alguma coisa, já nos vemos jogados à margem; isso é, hoje, a experiência em todas as experiências!

Ágata, com olhos agora abertos, esperou que algo acontecesse na voz dele; mas nada aconteceu e o discurso do irmão se interrompeu como uma trilha que se desvia de uma estrada e não volta mais, e ela disse:

— Segundo sua experiência, então, nunca se pode nem se poderá agir realmente por convicção. Com convicção não me refiro a qualquer ciência — corrija-se

— nem à disciplina moral que nos impuseram, mas a nos sentirmos inteiramente presentes em nós mesmos e em todas as demais coisas, a uma sociedade onde hoje existe vazio, quero dizer, alguma coisa da qual se parte e para onde se retorna. Ah, eu mesma não sei o que quero dizer — interrompeu-se abruptamente —, esperava que você me explicasse!

— Então você se refere exatamente ao que falamos — respondeu Ulrich com doçura. — E é a única pessoa com quem posso falar assim a respeito disso. Mas não adiantaria eu começar de novo, para acrescentar mais algumas palavras atraentes. Devo antes dizer que um “estar no âmago”, um estado de intacta “intimidade” da vida

— quando não entendemos a palavra do ponto de vista sentimental mas no sentido que há pouco lhe demos — provavelmente não é uma reivindicação sensata. — Ele se inclinara para a frente, tocou o braço dela e fitou longamente seus olhos. — Talvez seja contrário ao homem — disse baixinho. — Verdade é apenas que sentimos uma dolorosa falta disso! Pois provavelmente com isso se relaciona o anseio de fraternidade, que é um acréscimo ao amor comum, na direção imaginária de um amor sem mistura de estranheza e desamor. — E algum tempo depois, acrescentou: — Você sabe como se aprecia na cama tudo o que se liga a irmãozinho e irmãzinha: pessoas que poderiam assassinar seus verdadeiros irmãos, lá se portam idiotamente como irmãozinhos debaixo da mesma coberta.

O rosto dele estremeceu de autozombaria na escuridão. Mas a fé de Ágata prendia-se naquele rosto e não na perturbação das palavras. Ela vira rostos estremeecerem de maneira semelhante e no momento seguinte se precipitarem sobre ela: mas aquele

não se aproximou mais; parecia seguir um caminho infinitamente longo com velocidade infinitamente grande. Ela respondeu brevemente:

— Irmãos não basta!

— Nós também já falamos em gêmeos — respondeu Ulrich, erguendo-se sem ruído, pois pensava notar que ela estava muito fatigada.

— Devíamos ser um casal de irmãos siameses — disse Ágata.

— Então, irmãos siameses! — repetiu o irmão. Esforçou-se por libertar a mão dela da sua, e colocá-la cuidadosamente sobre a coberta, e suas palavras pareciam leves: sem peso, e estendendo-se ainda mais nessa imponderabilidade, depois que ele já deixara o quarto, Ágata sorriu e foi aos poucos caindo numa tristeza solitária, cuja sombra em breve passou para a sombra do sono, sem que, tresnoitada, ela o percebesse. Ulrich, porém, esgueirou-se para seu escritório, e lá, sem poder trabalhar, durante duas horas, até finalmente também ficar cansado, aprendeu a conhecer o estado em que se fica quando se é oprimido por princípios. Espantou-se de ver quanta coisa gostaria de ter feito naquele tempo, coisas rumorosas mas que tinham de ser reprimidas. Aquilo era novidade para ele. E quase o irritava um pouco, embora procurasse imaginar com grande simpatia como seria, pensar em realmente viver soldado a outra pessoa. Estava pouco informado a respeito de como trabalham dois sistemas nervosos desses, presos como duas folhas num caule, ligados entre si não apenas pelo sangue mas muito mais por uma dependência total. Presumia que cada excitação de uma alma teria de ser sentida pela outra, enquanto a causa se exercia num corpo que, no principal, não era o próprio. “Um abraço, por exemplo”, pensou. “Você é abraçado no outro. Talvez nem concorde, mas o seu outro eu lança em você uma dominadora onda de concordância! Que lhe importa a quem sua irmã esteja beijando? Mas você precisa amar, junto com ela, a excitação que ela sente! Ou é você quem ama, e precisa fazê-la participar disso de alguma forma, não pode jogar dentro dela apenas processos fisiológicos sem sentido...!” Ulrich sentiu uma forte excitação e ao mesmo tempo um grande desconforto diante desses pensamentos; era-lhe difícil traçar corretamente a fronteira entre novas perspectivas e uma caricatura das perspectivas habituais.

## 26

### PRIMAVERA NA HORTA

O elogio que recebera de Meingast, e as novas idéias que ouvia dele, tinham causado profunda impressão em Clarisse.

Sua agitação e excitabilidade espiritual, que por vezes chegavam a inquietá-la, tinham diminuído, mas dessa vez não foram substituídas, como em outras ocasiões, por mau humor, depressão ou desalento, e sim por uma lucidez extraordinariamente tensa, e por um clima interior transparente. Mais uma vez ela se contemplava e analisava-se criticamente. Sem duvidar, sim, com certo prazer, notou que não era muito inteligente: aprendera muito pouca coisa. Ulrich, ao contrário, quando pensava nele nesse exame comparativo, era como um patinador que se aproxima e afasta à vontade

sobre uma superfície espiritual espelhada. Nunca se podia entender de onde vinham as coisas quando as dizia; ou quando ria, quando estava aborrecido, quando seus olhos fuzilavam, quando aparecia e, com seus ombros largos, roubava espaço de Walter na sala. Quando virava a cabeça, meramente curioso, os músculos do pescoço se contraíam como cordames de um veleiro que parte no vento. Havia sempre nele alguma coisa que alcançava além de onde ela podia atingir, que mantinha aceso o desejo de se jogar sobre ele de corpo inteiro para apanhá-la. Mas o redemoinho em que isso por vezes acontecia, de modo que nada no mundo fora sólido senão o desejo de ter um filho dele, agora estava bem longe, e nem ao menos deixara qualquer fragmento, desses que recobrem incompreensivelmente a memória depois de apagadas as paixões. Quando muito, Clarisse ficava aborrecida quando pensava em seu fracasso na casa de Ulrich, e, mesmo quando isso acontecia, sua disposição espiritual estava intacta e repousada. Esse efeito vinha das novas idéias com que seu filosófico hóspede a provia; sem falar nas excitações que lhe causava o reencontro com aquele amigo transformado em grande homem. Assim passaram-se muitos dias numa tensão múltipla, enquanto todos naquela pequena casa, agora já ao sol primaveril, esperavam para ver se Ulrich traria a permissão ou não de visitar Moosbrugger na sua sinistra morada.

E principalmente um pensamento parecia importante a Clarisse nesse contexto: o mestre dissera que o mundo estava “tão desprovido de loucura”, que não sabia mais o que odiar ou amar, e desde então Clarisse ficara convencida de que era preciso entregar-se a alguma loucura quando se tivesse a graça de poder senti-la. Pois uma loucura é uma graça. Quem naquele tempo ainda sabia se devia se dirigir para a esquerda ou direita, quando saía da casa, a não ser que tivesse uma profissão como Walter, o que por outro lado o restringia, ou um compromisso como o que ela tinha com seus pais e irmãos, que a entediava tanto? Numa loucura, tudo é diferente! A vida é organizada de maneira tão prática como uma cozinha moderna: a gente se senta no meio, mal precisa se mexer, e de seu lugar pode fazer tudo funcionar. Clarisse sempre entendera esse tipo de coisa. Além disso, por loucura entendia simplesmente o que se chama de vontade, apenas singularmente intensificada. Clarisse até ali sentira-se intimidada pelo fato de só conseguir explicar pouca coisa do que acontecia no mundo, mas desde o reencontro com Meingast sentia-se favorecida por poder amar, odiar e agir segundo suas próprias medidas. Pois conforme as palavras do mestre, a humanidade de nada precisava tanto quanto de vontade, e esse bem, de poder exercer uma vontade intensa, ela sempre possuía! Pensando nisso, Clarisse sentia frio de tanta felicidade, e calor de tanta responsabilidade. Naturalmente a vontade não era aquele sombrio esforço de aprender uma peça de piano ou de ter razão em alguma discussão, mas um poderoso impulso de vida, um ser dominada por si mesma, um disparar de felicidade.

E ela não pôde evitar de dizer alguma coisa disso a Walter. Participou-lhe que sua consciência ficava dia a dia mais forte. Mas, irritado e sem ligar para sua admiração por Meingast, presumível causador daquilo tudo, Walter respondeu:

— É mesmo uma felicidade que Ulrich pareça não conseguir a permissão! Sobre os lábios de Clarisse correu apenas um traço amargo, mas revelando

piedade pela ignorância e resistência dele.

— Afinal o que você quer daquele criminoso que não nos interessa em absoluto, a nenhum de nós? — perguntou Walter, nervoso.

— Quando eu estiver lá, saberei — retrucou Clarisse.



— Acho que você devia saber disso já agora! — comentou Walter, em tom viril.

Sua mulherzinha sorriu, como sempre fazia antes de feri-lo fundo. Depois, disse apenas:

— Farei alguma coisa.

— Clarisse! — disse Walter com firmeza. — Você não deve fazer nada sem minha permissão; eu sou legalmente seu marido e tutor!

Era um tom que ela nunca ouvira. Afastou-se, deu alguns passos, perturbada.

— Clarisse! — chamou Walter atrás dela, e levantou-se para a seguir. — Vou fazer alguma coisa contra a loucura que anda reinando nesta casa!

Então, ela entendeu que a força redentora de sua decisão também se fazia sentir na crescente força de Walter. Virou-se sobre o calcanhar:

— E o que é que você vai fazer? — indagou, e um raio entre a fenda de seus olhos incidiu sobre o úmido e arregalado castanho dos dele.

— Olhe — disse ele, conciliadoramente, e recuou, surpreso com a precisão daquela resposta. — Todos temos em nós essa tendência intelectual para o doentio, o pavoroso e problemático, todos nós, homens intelectualizados. Mas...

— Mas deixamos tudo aos filisteus! — interrompeu Clarisse, vitoriosa. Seguiu-o, não tirava os olhos dele. Sentiu que sua própria força redentora o envolvia e dominava. Seu coração encheu-se de repente de uma alegria estranha e indizível.

— Não vamos fazer tanto barulho por causa disso — murmurou Walter, concluindo sua frase, magoado. Atrás dele, na bainha de seu casaco, sentia um obstáculo; apalpando, adivinhou a beirada de uma daquelas mesinhas leves de pernas finas que havia na casa, e que de repente lhe pareceram fantasmagóricas: se recuasse mais, compreendeu, faria a mesinha escorregar ridiculamente. Portanto, resistiu ao súbito desejo de estar longe daquele campo de batalha, num prado de profundo verde, debaixo de árvores frutíferas em flor, entre pessoas cuja alegria saudável lavasse e limpasse suas feridas. Era um desejo calmo e gordo, embelezado por mulheres que escutavam suas palavras agradecendo-lhe cheias de admiração. E no momento em que Clarisse se aproximou dele, sentiu-a como um aborrecimento desolador e vago. Para sua surpresa, porém, Clarisse não disse: você é um covarde!, mas comentou:

— Walter! Por que somos infelizes?

Ante essa voz sedutora e clarividente ele sentiu que sua infelicidade com Clarisse não podia ser substituída por nenhuma felicidade com outra mulher.

— Porque temos de ser! — respondeu ele, com igual franqueza.

— Não, não temos de ser! — assegurou Clarisse, condescendente. Pendeu a cabeça de lado e procurou algo que o convencesse. No fundo nem faria diferença de que se tratava: estavam um diante do outro como um dia sem noite, que transmite o fogo de hora em hora, sem que ele diminua. — Você vai ter de admitir — começou ela por fim, num tom tão tímido quanto obstinado — que os crimes realmente grandes não existem porque os cometemos mas porque deixamos que aconteçam!

Walter soube o que viria, e era uma grande decepção.

— Meu Deus! — exclamou impaciente. — Eu sei que muito mais vidas humanas se estragam pela indiferença e leviandade com que hoje em dia se pode obter uma consciência tranqüila do que pela vontade perversa de alguns indivíduos! E é admirável que você agora vá dizer que por isso precisamos aguçar nossa consciência e examinar detidamente cada passo antes de o executar.

Clarisse interrompeu-o abrindo a boca, mas mudou de idéia e não respondeu.

— Também penso na pobreza, a fome, toda a sorte de degeneração que se tolera entre os homens, ou no desmoronamento de minas, cujas administrações economizaram na segurança — prosseguiu Walter, humilde —, já admiti tudo isso a você.

— Mas dois amantes não podem se amar enquanto seu estado não for de “felicidade pura” — disse Clarisse. — E o mundo não melhorará enquanto não houver esse tipo de amantes!

Walter bateu as mãos uma na outra.

— Você não entende como são injustas essas grandes, ofuscantes e puríssimas exigências! — exclamou. — É assim com esse Moosbrugger, que de tempos em tempos aparece na sua cabeça como um disco! Na verdade, você tem razão ao afirmar que não devemos descansar porque esses infelizes monstros humanos são mortos simplesmente porque a sociedade não sabe o que fazer com eles; mas, por assim dizer, no fundo é mais legítimo o direito da consciência saudável e comum que se nega a entregar-se a tão sutis dúvidas. Há algumas derradeiras marcas do pensamento saudável que não se podem provar, mas que temos de trazer no sangue!

Clarisse respondeu:

— Naturalmente, no seu sangue, “no fundo” é sempre “no fundo não”.

Walter balançou a cabeça, ofendido, e mostrou-lhe que não responderia. Já estava cansado de sempre bancar aquele que previne de que pensamentos unilaterais são perniciosos, e talvez a longo prazo isso até o deixasse inseguro.

Mas, pela nervosa sensibilidade que sempre o espantava, Clarisse leu os pensamentos dele, e, erguendo a cabeça, saltou todos os degraus intermediários e caiu sobre Walter num ímpeto, perguntando em voz baixa e insistente:

— Você pode imaginar Jesus como administrador de uma mina? — Seu rosto revelava que dizendo Jesus ela na verdade se referia a Walter, num daqueles exageros nos quais o amor não se distingue da demência. Ele se defendeu com um gesto tão indignado quanto confuso.

— Não seja tão direta, Clarisse! — pediu. — Não se deve falar de modo tão direto assim!

— Sim! — disse Clarisse. — É exatamente assim que temos de ser! Se não tivermos a força de salvá-lo, não teremos a força de nos salvar!

— E afinal, que importa se ele for para o diabo? — exclamou Walter, veemente. Pensou sentir na língua, com o prazer daquela resposta grosseira, o gosto libertador da vida, magnificamente misturado ao gosto da morte e do aniquilamento que Clarisse evocava com suas alusões.

Clarisse o encarava esperando. Mas Walter parecia satisfeito com sua explosão, ou emudeceu, simplesmente indeciso. E como alguém forçado a jogar o último trunfo, ela disse:

— Eu recebi um sinal!

— Você está sempre imaginando coisas! — exclamou Walter para o teto que representava o céu; mas Clarisse afastou-se dele com aquelas últimas palavras imponderáveis, e não quis mais escutar nada.

Mas ele a viu falar animadamente com Meingast um pouco mais tarde. A sensação de que estavam sendo observados, que aborrecia a Meingast porque Walter estava sentado bastante perto, tinha suas razões de ser. Na verdade, Walter não se interessava pelo trabalho de jardinagem de seu cunhado Siegmund, que estava de visita, e

se ajoelhava, mangas arregaçadas, numa vala de terra fazendo algo que Walter dissera que devia ser feito no jardim durante a primavera, caso se quisesse ser homem e não apenas um marcador de livros num volume de literatura especializada.

Walter olhava disfarçadamente o casal que estava no outro canto da horta.

Não acreditava que no canto de horta que observava acontecesse algo de ilícito. Apesar disso, suas mãos estavam estranhamente frias, expostas ao ar primaveril, como as pernas, que tinham manchas de umidade por ter-se ajoelhado para dar instruções a Siegmund. Falou com ele em tom arrogante, como fazem pessoas fracas e humilhadas quando conseguem descarregar seu mau humor em alguém. Sabia que Siegmund, que metera na cabeça venerá-lo, não desistiria disso tão facilmente. Mesmo assim, sentia uma solidão de fim de crepúsculo, e de frio sepulcral, observando que Clarisse não olhava para seu lado nem uma vez, mas fitava Meingast com permanente interesse. Além disso, também estava orgulhoso. Desde que Meingast estava na casa, tanto se orgulhava dos abismos que se abriam, quanto tentava precavidamente fechá-los. E, das alturas de quem está de pé, dissera ao ajoelhado Siegmund:

— Naturalmente todos sentimos e conhecemos isso, uma certa tendência para o problemático e mórbido! — Não era nenhum covarde. No pouco tempo desde que Clarisse o chamara de filisteu por causa dessa frase, preparara para si mesmo a expressão “pequena desonestidade de vida”.

— Uma pequena desonestidade pode ser boa como doce ou azedo — ensinava ao cunhado —, mas somos obrigados a elaborá-la em nós até que ela justifique a vida saudável! E entendo por uma pequena desonestidade — prosseguiu ele — tanto o nostálgico compactuar com a morte que nos domina quando ouvimos a música do Tristão, como a secreta atração típica da maioria dos crimes sexuais, embora não cedamos a ela! Pois digo que é desonesto e desumano tanto o elementar da vida, quando nos domina em horas de aflição e doença, quanto o exageradamente espiritual e escrupuloso, que desejaria violentar a vida. Tudo o que ultrapassa as fronteiras que nos foram traçadas é desonesto! Mística é tão desonesta quanto a fantasia de se poder colocar a natureza numa fórmula matemática! E a intenção de procurar Moosbrugger é tão desonesta quanto... — ele interrompeu-se por um momento para acertar com a palavra, e concluiu dizendo: —.. .querer invocar Deus no leito de doente!

Certamente isso era importante e até chamava atenção do humanitarismo profissional e involuntário do médico para o fato de que a intenção de Clarisse e suas tensas justificativas ultrapassavam os limites do permitido. Mas, para Siegmund, Walter era um gênio, e isso manifestava-se pelo fato de que Walter fora levado a esses pensamentos pelo seu raciocínio saudável, enquanto a mente mais saudável de seu cunhado se expressava em silêncio obstinado diante desses temas duvidosos. Siegmund amontoava a terra com os dedos, e, sem abrir os lábios, por vezes inclinava a cabeça de um lado para outro, como se quisesse despejar uma retorta, ou como se um de seus ouvidos estivesse cheio d’água. Depois que Walter desabafara, instalou-se um silêncio terrível, e, neste, Walter ouviu uma frase que certamente Clarisse lhe dissera; pois não a ouviu numa nitidez alucinatória, mas como que poupada no silêncio. “Nietzsche e Cristo morreram por não terem ido até o fim!” E de uma maneira esquisita, lembrando o “administrador de minas”, aquilo o lisonjeou. Foi singular que ele, a própria saúde em pessoa, se colocasse ali no jardim frio entre um homem para quem baixava altivamente os olhos, e duas pessoas exageradamente cáli-

das para cujos mudos gestos lançava seus olhares, com ar superior mas nostálgico. Pois Clarisse era a pequena desonestidade de que a saúde dele precisava para não se depauperar, e uma voz secreta lhe disse que Meingast estava na iminência de aumentar desmedidamente essa pequena dose de desonestidade. Admirava-o com a sensação que um parente obscuro tem por outro que é famoso, e sentia mais inveja do que ciúme portanto um sentimento que entrava em seu interior mais intenso do que aquele ao ver Clarisse sussurrando com o outro de maneira cúmplice; mas de alguma forma aquilo o exaltava. Consciente de sua própria dignidade, ele não queria ficar zangado, proibiu-se de ir até lá e estorvar os dois, e diante da excitação deles sentia-se superior, e, sem que ele soubesse como, nasceu um pensamento dúbio e vago, ilógico: de que aqueles dois chamavam Deus de uma maneira desinibida e condenável.

Se quisermos chamar de pensamento esse confuso estado, tratava-se de um daqueles que não se conseguem verbalizar porque a química de sua sombra está momentaneamente deteriorada pela influência clara da linguagem. Conforme mostrara diante de Siegmund, Walter também não ligava nenhuma fé à palavra Deus, e depois de lhe ter ocorrido isso, surgiu ao seu redor um tímido vazio: assim, depois de longo silêncio, a primeira coisa que Walter disse a seu cunhado estava muito longe daquilo tudo:

—Será burrice sua — censurou-o — se não se julgar obrigado a desaconselhá-la energicamente de fazer essa visita... afinal, para que você é médico?

Siegmund não se ofendeu.

—Você terá de acertar isso com ela sozinho — disse, erguendo os olhos calmamente, e virou-se de novo para a sua ocupação.

Walter suspirou.

—Naturalmente Clarisse é uma pessoa fora do comum! — recomeçou ele. — Entendo-a muito bem. Até admito que ela não deixa de ter certa razão na severidade de sua concepção. Pense na pobreza, a fome, a degeneração de toda sorte, de que o mundo está cheio; pense, por exemplo, nos desmoronamentos das minas, cujos administradores pouparam ao construir as escoras!

Siegmund não deu sinal de pensar nisso.

—Bom, mas ela pensa! — prosseguiu Walter severamente. — E eu acho isso lindo de parte dela! Nós temos com demasiada facilidade uma consciência tranquila. E ela é melhor que nós, exigindo que todos nos modifiquemos e tenhamos uma consciência mais ativa, uma consciência sem fim, infinita. Mas o que eu pergunto a você é: isso não tem de levar a um delírio de escrúpulos morais, se é que já não é algo parecido? Você tem de saber!

Essa interpelação insistente fez Siegmund sentar-se sobre uma perna e examinar o cunhado com o olhar:

—Maluquice! — declarou. — Mas não se pode dizer que seja maluca no sentido clínico.

—E o que você acha disso? — perguntou Walter ainda, sem ligar para a sua superioridade. — Do fato de ela afirmar que recebe sinais?

—Ela disse que recebeu sinais? — perguntou Siegmund, pensativo.

—Sim, claro! Por exemplo, esse assassino louco! E outro dia aquele porco demente debaixo da nossa janela!

—Porco?

—Não, uma espécie de exibicionista.

— Ah, é? — disse Siegmund e refletiu no caso. — Você também recebe sinais quando tem alguma coisa para pintar. Ela apenas manifesta maior nervosismo do que você — decidiu por fim.

— E ela afirma que precisa assumir os pecados dessa gente, e também os meus e os seus, e de não sei quem mais! — exclamou Walter, veemente.

Siegmund se levantara e tirou a terra das mãos.

— Ela se sente oprimida por pecados? — perguntou desnecessariamente mais uma vez, e concordou educadamente como se se alegrasse por poder enfim apoiar o cunhado: — Isso é um sintoma!

— É um sintoma? — perguntou Walter, arrasado.

— Complexo de pecado é sintoma — afirmou Siegmund com a imparcialidade do profissional.

— Mas o caso é o seguinte — disse Walter, resistindo ao diagnóstico que ele mesmo provocara: — Você tem de se indagar primeiro: existe o pecado? Naturalmente existe pecado. Mas então também existe um complexo de pecado, que não é delírio. Talvez você não entenda, porque isso é supra-empírico! É a responsabilidade magoada do ser humano, diante de uma vida superior!

— Mas ela afirma que recebe sinais! — teimou Siegmund.

— Mas eu também recebi sinais, você mesmo disse! — exclamou Walter com intensidade. — E digo-lhe, às vezes quero pedir ao meu destino, de joelhos, que me deixe em paz: mas cada vez ele volta a me mandar sinais, e os sinais extraordinários me vêm através de Clarisse! — Depois prosseguiu, mais calmo: — Ela anda afirmando, por exemplo, que esse Moosbrugger representa, para ela e para mim, a “imagem de nossos pecados”, e que nos foi enviado como exortação; deve-se entender assim: é um símbolo de que negligenciamos as possibilidades mais nobres de nossa vida, por assim dizer a sua imagem luminosa. Há muitos anos, quando Meingast nos deixou...

— Mas delírio de pecado é sintoma de certas perturbações! — recordou Siegmund com a desesperada indiferença do profissional.

— Naturalmente você só conhece sintomas! — Walter defendeu vivamente a sua Clarisse. — Pois o resto fica acima da sua experiência. Porém talvez seja exatamente essa superstição, que trata como perturbação tudo o que não combina com as experiências mais vulgares, o pecado da nossa vida! E Clarisse exige uma ação interior contra isso. Já há muitos anos, quando Meingast nos deixou... — Ele pensou na história de como Clarisse e ele tinham “assumido os pecados” de Meingast, mas não adiantava querer explicar a Siegmund o processo de um despertar espiritual, e ele concluiu vagamente: — E afinal, sempre houve pessoas que assumiram os pecados de todos ou que os adensaram em si, isso é coisa que nem você vai querer negar, não é?

O cunhado fitou-o satisfeito:

— Pois então! — respondeu amigavelmente. — Você mesmo está provando o que afirmei desde o começo. Que ela se sinta oprimida por pecados é postura típica de certas perturbações. Mas também há muitos comportamentos atípicos na vida: mais que isso eu não afirmei.

— E essa severidade exagerada com que ela faz tudo? — perguntou Walter algum tempo depois, suspirando. — Esse rigorismo não se pode chamar de normal.

Enquanto isso, Clarisse tinha um diálogo importante com Meingast.

Você disse — recordou-lhe ela — que as pessoas que se gabam de entender e explicar o mundo jamais poderão mudar nada nele.

— Sim — disse o mestre. — “Verdadeiro” e “falso” são as desculpas daqueles que nunca querem tomar nenhuma decisão. Pois a verdade não tem fim.

— Por isso você disse que é preciso ter coragem de decidir entre “valor” e “não-valor”? — perguntou Clarisse.

— Sim — disse o mestre um pouco entediado.

— É maravilhosamente desdenhosa aquela fórmula que você criou — exclamou Clarisse —, de que na vida atual as pessoas apenas fazem aquilo que já está acontecendo!

Meingast parou e olhou o chão; podia-se pensar que estava inclinando o ouvido, ou contemplava uma pedrinha à sua direita no caminho. Mas Clarisse não continuou dando-lhe o mel do louvor; também inclinara a cabeça agora, de modo que o queixo quase pousara no peito; seu olhar enfiou-se na terra, entre as pontas das botas de Meingast, e um leve rubor cobriu seu semblante pálido, quando, abafando cautelosamente a voz, ela prosseguiu: — Você disse que toda a sexualidade é apenas pular carniça!

— Sim, eu disse isso em certa ocasião. O que nossa época perdeu em vontade, gasta em sexualidade, exceto na chamada atividade científica!

Clarisse hesitou um pouco, depois disse:

— Eu própria tenho muita força de vontade, mas Walter pula carniça!

— O que está havendo entre vocês, afinal? — perguntou o mestre curioso, mas acrescentou logo, quase repugnado: — Naturalmente, posso imaginar o que é.

Estavam num canto do jardim sem árvores, ao pleno sol de primavera, e mais ou menos no canto oposto, em diagonal, estava Siegmund agachado no chão, enquanto Walter, parado ao lado dele, lhe falava animadamente. O jardim tinha a forma de um retângulo encostado à parede mais longa da casa, e em torno de seus canteiros de legumes e flores corria uma trilha de cascalho, e dois caminhos no meio formavam uma cruz clara com cascalho sobre a terra ainda nua. Clarisse respondeu, espiando cautelosamente os dois homens:

— Talvez ele nem tenha culpa: eu atraio Walter de uma maneira pervertida.

— Posso imaginar — respondeu o mestre com um olhar de simpatia. — Você tem algo de um menino.

Clarisse sentiu a felicidade disparar como granizo por suas veias, com esse elogio.

— Você viu, outro dia, que eu fico pronta mais depressa que um homem? — perguntou ela com rapidez.

No rosto do filósofo, com rugas de benevolência, apareceu perplexidade. Clarisse deu uma risadinha.

— É uma dessas palavras de duplo sentido — explicou. — Há outra ainda: crime sexual, por exemplo.

O mestre achou melhor não se espantar com mais nada.

— Sim, sim — respondeu, eu sei. — Uma vez você disse que crime sexual é quando se acaba com o amor num abraço trivial. — Mas quis saber o que tinha significado aquele ficar pronta.

— Deixar as coisas acontecerem é crime — explicou Clarisse com a rapidez de quem mostra suas artes no chão liso, e escorrega por excesso de velocidade.

— Sabe — admitiu o mestre — agora eu realmente não entendo mais nada. Você está novamente falando daquele sujeito, o carpinteiro. Afinal, o que pretende dele?

Clarisse raspava pensativamente o pé no cascalho.

— Isso é a mesma coisa — disse. De repente, ergueu os olhos para o mestre. — Eu acho que Walter devia aprender a me rejeitar — disse, lacônica.

— Não consigo avaliar isso — disse Meingast depois de esperar em vão que ela continuasse falando. — Mas certamente as soluções radicais são sempre melhores.

Dissera aquilo apenas para dizer alguma coisa. Mas Clarisse baixou outra vez a cabeça, de modo que seu olhar se enterrou em outro lugar do terno de Meingast, e algum tempo depois a mão dela aproximou-se lentamente do braço dele. De repente, sentia um desejo desenfreado de agarrar aquele braço magro e duro debaixo da manga larga, e tocar no mestre, que disfarçava como se nada soubesse das palavras esclarecedoras que ele próprio dissera sobre o carpinteiro. Enquanto isso, desencadeava-se em Clarisse a sensação de que parte dela escorregava para ele, e na lentidão com que sua mão sumiu na manga dele, nessa lentidão de torrente, giravam escombros de uma sensualidade inconcebível, que nasciam da percepção de que o mestre parará e se deixava tocar por ela.

Mas Meingast, por alguma razão, fitou aborrecido aquela mão que agarrava seu braço e subia por ele como um inseto trepa sobre sua fêmea; viu alguma coisa inusitada fremir debaixo das pálpebras descidas daquela mulherzinha: compreendeu que estava acontecendo algo duvidoso que o comoveu por desenrolar-se assim abertamente.

— Venha! — sugeriu amavelmente, afastando a mão dela. — Se ficarmos aqui parados, chamaremos a atenção dos outros. Vamos andar de novo!

Enquanto andavam de um lado para outro, Clarisse contava:

— Quando me visto, fico pronta depressa; mais depressa que um homem, se for preciso. As roupas voam sobre meu corpo quando eu... como dizer?... quando fico assim! Talvez seja um tipo de eletricidade; o que me pertence me deixa pronta. Mas em geral me apronta desgraças.

Meingast sorriu com esses jogos de palavras que ainda não entendia, e procurou uma resposta que a impressionasse.

— Então você, por assim dizer, fica pronta com suas roupas como um herói para seu destino? — replicou.

Para sua surpresa, Clarisse parou e exclamou:

— Sim, é exatamente isso! Quem vive assim sente isso também com roupa, sapato, faca e garfo!

— Existe alguma verdade nisso — confirmou o mestre diante daquela afirmação obscuramente persuasiva. Depois, perguntou diretamente: — E como faz isso com Walter?

Clarisse não entendeu. Fitou-o, e nos olhos dele percebeu de repente nuvens amarelas que pareciam girar num vento desvairado.

— Você disse — prosseguiu Meingast, hesitante — que o atrai de uma forma perversa. Então não será a maneira certa para uma mulher? Como é isso? Você é frígida em relação aos homens?

Clarisse não conhecia aquele termo.

— Frígida — explicou o mestre — é quando uma mulher não sente prazer no abraço de um homem.

— Mas eu só conheço Walter — disse Clarisse, intimidada.

— Bem, mas segundo tudo o que me disse, a gente deve presumir isso. Clarisse estava atônita. Teve de refletir. Não sabia.

— Eu? Mas eu não devo! Preciso exatamente impedir isso! — disse ela. — Não devo permitir que aconteça!

— Não me diga! — Agora o mestre deu uma risada obscena. — Precisa impedir-se de sentir alguma coisa? Ou que Walter tenha lá seu prazer?

Clarisse ficou rubra. Mas, com isso, também entendeu o que devia dizer.

— Se a gente ceder, tudo se afogará no prazer sexual — respondeu gravemente. — Eu não permito que o desejo dos homens se separe deles e se torne meu desejo. Por isso, eu os atraio desde menininha. Alguma coisa está errada com o prazer dos homens.

Por vários motivos, Meingast preferiu não enveredar por esse caminho.

— Mas então consegue dominar-se a esse ponto? — indagou.

— Sim, é diferente — admitiu ela, sincera. — Mas eu lhe disse: se deixasse isso acontecer, eu seria um assassino sexual! — Depois, mais intensa, continuou: — Minhas amigas dizem que a gente “se derrete” nos braços de um homem. Não conheço isso. Nunca me derreti nos braços de um homem. Mas sei derreter-me fora do abraço. Você certamente também sabe; pois disse que o mundo está demasiadamente livre de loucura!

Meingast rejeitou isso com um gesto, como se ela não o tivesse compreendido bem. Mas agora, ela entendera bem demais:

— Quando você diz, por exemplo, que a gente tem de se decidir contra o inferior a favor do superior — exclamou —, isso significa: pode-se viver numa volúpia monstruosa e ilimitada! Isso não é a volúpia do sexo, mas do gênio! E Walter trairá essa volúpia se eu não o impedir!

Meingast sacudiu a cabeça. Rejeitava aquela repetição alterada e passional de suas palavras, era uma rejeição intensa, quase assustada; e, de tudo o que ela dissera, reteve o mais casual:

— Seria de se perguntar se ele poderia agir de outra forma! Clarisse parou, como se tivesse lançado raízes instantâneas no solo.

— Mas ele tem de poder! — exclamou. — Você mesmo nos ensinou que a gente tem de poder!

— Correto — admitiu o mestre, hesitante, e, dando o exemplo, incitou-a inutilmente a continuar andando. — Mas o que é que *você quer*, afinal?

— Veja, eu não queria nada antes de você chegar — disse ela baixinho. — Mas é tão horrível essa vida que retira, do oceano dos prazeres da vida, apenas esse pouquinho de prazer sexual! E agora, eu quero uma coisa.

— Pois é isso que estou perguntando — ajudou Meingast.

— A gente tem de estar neste mundo com alguma finalidade. É preciso “servir” para alguma coisa. Ou tudo fica horivelmente ressequido — respondeu Clarisse.

— Isso que você quer se relaciona com Moosbrugger? — perquiriu Meingast.

— Não sei explicar. É preciso ver o que vai acontecer! — respondeu Clarisse. Depois, acrescentou pensativa: — Eu o vou seqüestrar, vou provocar um escândalo!



— Sua expressão modificou-se, tomou-se misteriosa. — Eu observei você — disse, de repente. — Há pessoas misteriosas entrando e saindo de seu quarto! Você as convida quando pensa que saímos. São rapazes e homens jovens! Você não conta o que querem!

Meingast contemplou-a, atônito.

— Você anda preparando alguma coisa — prosseguiu Clarisse —, você está desencadeando alguma coisa! Mas eu... — disse num ímpeto, sussurrando —, eu também sou tão forte que posso manter amizade simultânea com muita gente! Conquistei o caráter e os deveres de um homem! Convivendo com Walter, aprendi a ter sensações masculinas!... — Mais uma vez sua mão pegou o braço de Meingast. Notava-se que ela não percebia isso. Os dedos emergiam da manga na postura de garras. — Eu sou um ser duplo — sussurrou. Quero que você saiba disso! Mas não é fácil. Você tem razão, a gente não deve ter medo da violência!

Meingast ainda a encarava, constrangido. Não a conhecia naquele estado. Não entendia a conexão de suas palavras. Para Clarisse, naquele instante nada era mais simples do que a idéia do ser duplo, mas Meingast perguntava-se se ela teria adivinhado algo da vida secreta dele, e se era a isso que aludia. Não havia muito que adivinhar: há pouco tempo ele começara, em concordância com sua filosofia masculina, a perceber uma mudança em seus sentimentos e a atrair rapazes que lhe significavam um pouco mais do que discípulos. Mas talvez por isso tivesse mudado de residência, vindo para cá, onde se sentia protegido de observação alheia; nunca pensara nessa possibilidade, e aquela criaturinha, agora assustadora, aparentemente parecia capaz de intuir o que se passava com ele. O braço dela saía, cada vez mais longo, da manga do vestido, sem que a distância entre os dois corpos se tivesse alterado, e aquele braço magro e nu, junto com a mão presa nele, que tocava em Meingast, assumia no momento uma forma tão inusitada que na fantasia do homem confundiu-se tudo o que antes ainda tivera fronteiras.

Mas Clarisse não conseguiu mais pronunciar o que tinha querido dizer há pouco, embora agora lhe estivesse bem evidente. As palavras ambíguas eram sinais disso, espalhados na conversa como galhos que quebramos ou folhas que espalhamos no chão para fazer alguém encontrar nosso caminho secreto. “Crime sexual” e “ficar pronta”, mas também “correr” e muitas outras palavras indicavam duas significações, das quais uma era secreta e pessoal. Uma linguagem ambígua significa porém uma dupla vida. A comum é obviamente a do pecado, a secreta é a da luz. Assim, por exemplo, “correr” era, como imagem de pecado, a correria diária habitualmente desgastante, mas como imagem do prazer, era tudo a correr para longe do dia-a-dia, dando saltos prazerosos. Mas, em vez de imagem de prazer, podemos dizer imagem de força ou de inocência, e, de outro lado, dar à imagem do pecado todos os nomes que tenham algo de depressão, enfado e indefinição da vida comum. Eram relações estranhas aquelas, entre as coisas e o eu, de modo que algo que se fazia tinha seu efeito onde jamais se suporia; e quanto menos Clarisse conseguia falar a respeito, tanto mais vivamente desdobravam-se em seu interior as palavras, e andavam mais rápidas do que as conseguia apanhar. Ela tinha, porém, uma convicção, e há bastante tempo: o dever, o privilégio e a tarefa do que se chama consciência, loucura e vontade é encontrar a imagem forte, a imagem da luz. É esta em que nada é casual, em que não há espaço para vacilar, onde felicidade e obrigação coincidem. Outras pessoas chamavam isso de “vida essencial”, falavam do “caráter inteligível”, designavam o instinto como

inocência e o intelecto como pecado: Clarisse não podia pensar assim, mas descobrira que se podia promover um processo qualquer, e às vezes partes da imagem de luz se prendiam a ele naturalmente, e assim se corporificavam. Por motivos que em primeira linha se ligavam ao sensível não-fazer-nada de Walter, mas mais ainda constavam da heróica ambição sempre irrealizada, ela fora levada a pensar que cada pessoa poderia construir um monumento de si mesma com algo que fizesse com violência, e que depois esse momento a levaria consigo. Por isso, não via claramente o que pretendia com Moosbrugger, e não conseguia responder à pergunta de Meingast.

Além do mais, não queria fazê-lo. Walter a proibira de dizer que o mestre estava se transformando de novo, mas sem dúvida o espírito dele realizava os secretos preparativos de uma ação da qual ela nada sabia, e que poderia ser tão bela quanto o era seu espírito. Portanto, ele teria de entendê-la, embora fingisse que não. Quanto menos ela dizia, tanto menos lhe revelava o que sabia. Também o podia tocar, e ele não podia impedir isso. Dessa maneira, ele reconhecia a sua intenção, enquanto ela penetrava e tomava parte na dele. Era novamente uma espécie de duplo ser, e tão forte que ela nem o via mais com clareza. Através do seu braço fluía toda a força que ela possuía, cuja medida desconhecia, uma torrente inesgotável passando para aquele misterioso amigo, deixando-a numa fraqueza e esvaziamento que superavam qualquer sensação de amor. Ela nada podia fazer senão contemplar sorrindo a própria mão, ou fitá-lo alternadamente no rosto. Também Meingast nada fazia senão olhar alternadamente para ela ou para sua mão.

De repente, algo de inesperado atingiu Clarisse, mas em seguida lhe proporcionou uma vertigem de delícias: Meingast tentara manter seu sorriso superior, para não expor sua insegurança; mas esta crescia de minuto a minuto, surgindo sempre de algo que parecia incompreensível. Pois antes de qualquer ação realizada sob dúvidas há um lapso de tempo de fraqueza que corresponde aos momentos de remorso depois da ação, embora quase não apareça no curso natural do fato. As convicções e intensas fantasias que protegem e aprovam a ação acabada ainda não chegaram então à sua plenitude, e oscilam na paixão que jorra, com incerteza e insegurança parecidas às que mais tarde hão de tremer ou desmoronar na torrente que recua, na paixão do remorso. Meingast fora surpreendido nesse estado. Era-lhe duplamente penoso, por motivos do seu passado e do respeito de que gozava agora junto de Clarisse e Walter, e qualquer excitação intensa modifica também a imagem da realidade, de modo que ela pode assumir nova intensidade. O medo que ele sentia fazia-o ter medo de Clarisse, a quem seu temor conferia algo de atemorizante, e as tentativas de pensar lucidamente apenas aumentavam a sua consternação, por serem tão impotentes. Assim, o sorriso, em vez de fingir uma calma superior, de momento a momento se tornava mais rígido em seu espírito, tinha algo de uma rigidez flutuante, parecendo por fim flutuar para longe, rígido como sobre ondas. Nesse momento, o mestre portava-se exatamente como um cachorro grande que tem à frente um animalzinho estranhamente pequeno que não se atreve a atacar, como uma lagarta, uma rã ou uma cobra: ele se endireitava cada vez mais sobre suas compridas pernas, repuxava os lábios e as costas, e de repente sentiu-se afastado pelas torrentes de desconforto do local onde elas nasciam, sem poder esconder essa fuga por uma palavra ou gesto.

Clarisse não o largou; nos primeiros passos hesitantes isso ainda podia parecer um fervor inocente, mas depois ele a arrastava consigo e quase não encontrou as

palavras necessárias para lhe explicar que queria ir depressa ao quarto trabalhar. Só na porta da casa conseguiu livrar-se dela, e até ali só o levava seu ímpeto de fugir, sem dar atenção às palavras de Clarisse, sufocado pela cautela necessária para não chamar a atenção de Walter e Siegmund. Walter teria podido adivinhar em linhas gerais o que acontecia. Notou que Clarisse exigia apaixonadamente algo de Meingast, que este lhe negava, e um ciúme, como dois parafusos, enfiou-se no seu peito. Pois embora sofresse muito doloridamente por supor que Clarisse oferecia seus favores ao amigo, sua mágoa por vê-la rejeitada era quase mais forte ainda. Levando isso às últimas conseqüências, acabaria obrigando Meingast a possuir Clarisse, para precipitar-se então no desespero, levado pelo ímpeto do mesmo movimento interior. Sua excitação era heróica e melancólica. Não suportou que, enquanto Clarisse chegava ao momento culminante de seu destino, Siegmund lhe perguntasse se as mudas deveriam ser colocadas soltas na terra ou a terra batida ao seu redor. Teve de dizer qualquer coisa, e sentiu-se como um piano na fração de segundo entre o momento em que é ferido pelo impulso de dez dedos num toque muito forte, e o uivo que emitirá. Sentia luz na garganta. Palavras, que teriam de representar tudo bem diferente do que o habitual. Mas, inesperadamente, a única coisa que conseguiu dizer foi totalmente diversa:

— Não vou tolerar isso! — repetiu, mais para o jardim do que para Siegmund. Mas agora viu-se que, embora aparentemente entretido com mudas e montinhos

de terra, este também observara o incidente, e até se preocupara com ele. Pois Siegmund levantou-se, limpou os joelhos com as mãos, e deu um conselho ao cunhado:

— Se você acha que ela está indo longe demais, tem de procurar incutir-lhe outras idéias — disse, como se fosse natural que ele tivesse ponderado o tempo todo, com escrúpulo médico, o que Walter lhe confiara.

— Mas como posso fazer isso? — perguntou Walter, atônito.

— Como um homem faz — disse Siegmund. — Os fricotes das mulheres se curam sempre do mesmo jeito, você já sabe! — Ele tolerava muita coisa de Walter, e a vida está repleta desse tipo de relações em que um oprime e rejeita o outro, que não se revolta. Na verdade, e segundo a convicção do próprio Siegmund: exatamente a vida saudável é assim. Pois o mundo provavelmente teria sucumbido já no tempo das migrações dos povos se todos se tivessem revoltado até a última gota de sangue. Em vez disso, os mais fracos sempre cederam, e procuraram outros vizinhos, que podiam oprimir por sua vez; e segundo esse modelo realizam-se as relações humanas até hoje, na sua maioria, e tudo acaba dando certo com o tempo. Siegmund sempre fora tratado um pouco como idiota no círculo familiar em que Walter passava por gênio, reconhecera isso e ainda hoje teria sido o tolerante e bonzinho, se a hierarquia familiar estivesse em jogo. Pois há anos essa velha inserção se tornara desimportante diante das relações mais novas de vida, e por isso prosseguia conforme a tradição. Siegmund não tinha apenas uma clientela bastante boa como médico — e o médico, diferentemente do burocrata, não domina por uma força alheia mas por seu saber pessoal, ele se dirige a pessoas que esperam sua ajuda, e que lhe são submissas! —, mas tinha também uma mulher rica, que em pouco tempo lhe dera a si mesma e mais três filhos, e, embora não muito freqüentemente, mas com certa regularidade, quando desejava, ele a traía com outras mulheres. Por isso, estava em condições de, se quisesse, dar a Walter um conselho seguro e confiável.

Nesse momento, Clarisse saiu outra vez da casa. Não se lembrava mais do que fora dito enquanto iam até lá. Sabia que o Mestre fugira dela; mas essa lembrança não tinha mais detalhes, estava cercada e dobrada sobre si. Alguma coisa acontecera! Com essa única idéia, Clarisse sentiu-se alguém que emerge de uma tempestade e ainda tem o corpo todo carregado de uma força sensual. À frente dela, a poucos metros da escadinha de pedra, onde se encontrava, viu um melro muito negro com bico cor-de-fogo, devorando um verme gordo. Havia no animal uma energia imensa, ou vinha de suas duas cores contrastantes. Não se poderia dizer que Clarisse refletia sobre isso; muito antes, algo lhe respondia, vindo de todos os lados. O melro preto era uma imagem de pecado no momento da violência. O verme era a imagem do pecado de uma borboleta. Os dois animais tinham sido colocados em seu caminho pelo destino, como sinal de que precisava agir. Via-se que o melro assumia os pecados do verme em seu bico de um vermelho-laranja ardente. Não seria o “gênio negro”? Assim como a pomba é o “espírito branco”? Formavam os sinais uma cadeia? O exibicionista e o carpinteiro, e a fuga do Mestre...? Nenhuma dessas idéias estava nela nessa forma elaborada, prendiam-se invisíveis às paredes da casa, evocadas, mas ainda retraindo a sua resposta; porém o que Clarisse realmente sentiu ao sair para a escada e ver o pássaro devorando o verme foi uma indizível harmonia dos fatos interiores com os exteriores.

E de maneira singular isso se transferiu para Walter. A sensação que ele teve correspondeu imediatamente àquilo que chamara de “invocar a Deus”; e, dessa vez, entendeu isso com toda a segurança. Não conseguia detectar o que se passava em Clarisse, a distância era grande demais; mas na postura dela, ali diante do mundo para o qual aquela escadinha conduzia como uma escada de piscina para a água, percebeu algo de não-casual. Algo exaltado. Não era uma postura da vida comum. E de repente, ele entendeu: é a esse não-casual que Clarisse se refere quando diz: “Aquele homem não estava por acaso debaixo da minha janela!” Ele próprio sentiu, olhando sua mulher, a pressão de forças estranhas jorrando e entrando nas aparências, enchendo-as. No fato de ele estar parado ali e Clarisse mais adiante, em diagonal à sua frente, enquanto ele involuntariamente dirigia seu olhar para a parte mais longa do jardim tendo de virar-se para ver Clarisse direito: já nessa simples circunstância a muda pressão da vida superou de repente o acaso natural das coisas. Na plenitude das imagens que se comprimiam diante da vista emergia algo de geométrico e linear, e inusitado. Assim podia acontecer quando Clarisse via algum sentido em relações quase insubstanciais, como o fato de haver um homem parado sob sua janela e outro homem ser carpinteiro; os fatos tinham então uma maneira de se empilharem uns sobre os outros, diferente da maneira habitual, pertenciam a um todo estranho, que mostrava outros aspectos deles, e, como os retirasse de seus esconderijos, fazia Clarisse afirmar que era ela própria quem atraía os acontecimentos: era difícil explicar isso lucidamente, mas por fim Walter notou que era muito ligado a algo que ele conhecia bem, isto é, o que acontecia quando se pintava um quadro. Também um quadro exclui de maneira desconhecida toda cor e linha que não concorde com sua forma básica, seu estilo e sua paleta, e de outro lado tira da mão o que precisa, devido a leis geniais, diferentes das leis comuns da natureza. Nesse momento, não havia nele mais nada da redonda e agradável sensação de saúde que analisa as excrescências da vida segundo aquilo de que precisa, como há pouco ele ainda celebrara; era antes o sofrimento de um menino que não se atreve a entrar numa brincadeira.

Mas Siegmund não era homem de, percebendo alguma coisa, esquecê-la depressa.

— Clarisse está nervosa demais — constatou. — Sempre quis enfiar a cabeça pelas paredes, e agora sua cabeça está presa em alguma coisa. Você precisa interferir com energia, mesmo que ela se revolte!

— Vocês médicos não entendem coisa nenhuma dos processos espirituais! — exclamou Walter. Procurou outro ponto de ataque e encontrou-o: — Você fala de “sinais” — prosseguiu, enquanto baixava sobre sua irritação a alegria de poder falar de Clarisse — e fica analisando, preocupado em ver quando sinais representam alguma perturbação e quando não; mas eu lhe digo: o verdadeiro estado do ser humano é aquele em que tudo é sinal! Simplesmente tudo! Talvez você consiga encarar a verdade, mas ela jamais vai encarar você; essa sensação divinamente insegura você nunca vai conhecer!

— Vocês dois são malucos! — comentou Siegmund secamente.

— Sim, claro que somos! — exclamou Walter. — Você não é criativo como ser humano: nunca entendeu o que significa “expressar-se”, que para o artista significa antes de tudo “compreender”! A expressão que damos às coisas é que desenvolve a capacidade de entendê-las direito. Eu só compreendo o que desejo, ou o que outro deseja, na medida em que o executo! Essa é a nossa experiência viva, diferente das suas experiências mortas! Naturalmente você dirá que isso é um paradoxo, uma confusão entre causa e efeito, você com essa sua causalidade médica!

Mas Siegmund não disse isso, apenas repetiu, seguro de si:

— Certamente será bom para ela que você não tolere demais essas suas manias. Pessoas nervosas precisam de certa disciplina.

— E quando toco piano diante da janela aberta, o que faço? — perguntou Walter ao cunhado, aparentemente sem ouvir o conselho dele. — Passam pessoas, talvez haja entre elas mocinhas; quem quer, pára; eu toco para casais de jovens namorados e velhos solitários. Serão inteligentes ou tolos. Eu não lhes dou sensatez. O que toco não é sensatez. Eu me divido com eles. Sentado em meu quarto, invisível, eu lhes dou sinais: alguns sons, e isso é a vida deles e a minha vida. Você realmente pode dizer que isso também é maluquice!... — De repente, ele emudeceu. A sensação: “ora, eu teria muito a dizer a todos vocês!”, essa sensação básica de ambição do cidadão terrestre medianamente talentoso que se sente impelido à comunicação se desfez. Sempre que Walter se sentava no vazio suave atrás de sua janela aberta e soltava sua música nos ares com a consciência exaltada do artista que leva felicidade a milhares de desconhecidos, essa sensação era como um guarda-chuva aberto, e sempre se tornava um guarda-sol fechado e bambo quando parava de tocar. Então, toda a leveza sumia, todo o acontecido era como se não tivesse acontecido, e ele só conseguia dizer que a arte tinha perdido a relação com o povo e que tudo era muito ruim. Lembrou-se disso e desanimou. Defendia-se. E Clarisse dissera: é preciso tocar a música “até o fim”. Clarisse dissera: só entendemos algo na medida em que participamos! Clarisse porém também dissera: por isso, nós mesmos temos de entrar no hospício! O “guarda-chuva interior” de Walter balançava meio fechado, em lufadas de vento irregulares.

— Pessoas nervosas precisam de certa orientação — disse Siegmund —, é para o seu próprio bem. Você mesmo disse que não vai mais tolerar isso. Como médico, e como homem, só posso lhe dar o mesmo conselho: mostre-lhe que você é um homem. Sei que ela se defende disso, mas vai acabar aceitando!

Siegmund repetiu incansavelmente como uma máquina confiável o que “diagnosticara”.

Walter, numa “lufada de vento”, respondeu:

— Essa supervalorização médica da vida sexual regradada é coisa antiquada. Se faço música, pinto ou penso, tenho efeito perto e longe sem tirar de um o que dou a outros. Ao contrário! Acredite que a concepção particular de vida hoje provavelmente não se justifica mais em parte alguma! Nem mesmo no casamento!

Mas a pressão mais intensa era a de parte de Siegmund, e Walter foi ao encontro de Clarisse, a quem não deixara de fitar durante esse diálogo. Era desagradável dizerem que ele não era homem; virou as costas a essa afirmação, deixando que ela o impelisse até Clarisse. E a meio caminho sentiu entre os dentes que se expunham ao medo à pergunta com que teria de começar: “O que quer dizer essa sua conversa sobre sinais?”

Mas Clarisse via-o chegar. Enquanto ele ainda estivera parado, já o vira vacilar na sua posição. Depois, os pés dele foram levantados da terra levando-o até ela. Clarisse via tudo isso com um prazer selvagem. O melro ergueu vôo assustado, levando precipitadamente o verme consigo. Agora o caminho estava livre, estava pronto. Mas, de repente, Clarisse mudou de idéia e evitou um encontro, procurando o ar livre ao longo da parede, sem desviar-se de Walter, porém andando mais rápido enquanto ele, hesitante, não conseguia passar do reino do efeito à distância para aquele da fala e resposta.

## 27

### O GENERAL STUMM LOGO DESCOBRE ÁGATA PARA A SOCIEDADE

Desde que Ágata se reunira a ele, as relações que ligavam Ulrich com o grande círculo de conhecidos da família Tuzzi lhe impunham tarefas sociais que roubavam muito tempo, pois apesar do adiantado da época a intensa vida social do inverno ainda não terminara, e a simpatia que tinham demonstrado a Ulrich quando seu pai morrera exigia uma retribuição: que não escondesse Ágata, embora os dois estivessem dispensados, pelo luto, de participar de grandes festas. Esse luto até teria bastado, caso Ulrich aproveitasse inteiramente a vantagem que ele lhes oferecia, para evitarem por longo tempo qualquer atividade social, e assim sair de um círculo de pessoas no qual ele só fora introduzido por um estado de espírito singular. Mas desde que Ágata lhe confiara sua vida, Ulrich contrariava seus sentimentos e entregava a uma parte de si que instalara na tradicional concepção de “deveres de irmão mais velho” muitas decisões com relação às quais ficava indeciso, quando não desdenhoso. Entre esses deveres de irmão mais velho encontrava-se principalmente o pressuposto de que a fuga de Ágata da casa do marido não podia terminar senão na casa de outro homem, melhor que ele.

— Não falta muito para você receber algumas propostas de casamento ou ao menos declarações de amor — costumava responder quando Ágata lhe dizia que a vida

em comum dos dois exigia certas medidas. E se Ágata lhe apresentava alguns planos para dentro de várias semanas ele respondia:

— Até lá, tudo vai ser diferente.

Ela teria ficado bem mais magoada se não tivesse notado no irmão uma divisão, o que a impedia de reagir mais violentamente quando ele julgava vantajoso alargarem o mais possível o círculo social que freqüentavam. Dessa maneira, desde a chegada de Ágata os irmãos se envolviam muito mais na atividade mundana do que Ulrich teria feito se estivesse sozinho.

Essa aparição em conjunto, depois de longo tempo só terem conhecido a ele, jamais tendo ouvido qualquer comentário sobre sua irmã, chamou bastante atenção. Certo dia, o General Stumm von Bordwehr aparecera novamente na casa de Ulrich com seu ordenança, sua pasta e seu pedaço de pão, farejando o ar, desconfiado. Havia ali um cheiro indescritível. Então, Stumm descobriu uma meia de mulher pendurada no encosto de uma cadeira, e disse, desdenhoso:

— Naturalmente, esses jovens cavalheiros!

— Minha irmã — explicou Ulrich.

— Ora, vamos! Desde quando você tem irmã? — corrigiu o general. — Nós com as maiores preocupações, e você se escondendo aqui com uma moça!

No mesmo instante, Ágata entrou no quarto e ele perdeu o sangue-frio. Viu seu parentesco, e sentiu, na inocência dessa aparição, que Ulrich dissera a verdade, sem porém deixar de pensar que tinha diante de si uma amiga de Ulrich, parecida com ele de maneira enganadora e incompreensível.

— Nem sei o que me aconteceu nesse momento, caríssima — disse mais tarde a Diotima —, mas não teria me sentido diferente se, de repente, ele próprio estivesse na minha frente outra vez como cadete!

Pois, como Ágata lhe agradara muitíssimo, Stumm sentira à sua vista aquele estupor que aprendera a interpretar como sinal de profunda emoção. Sua delicada rotundidade física e sua natureza sensível tendiam a fugir de situações tão espinhosas, e apesar de todos os esforços de fazê-lo ficar, Ulrich viu pouca coisa daquelas importantes preocupações que tinham trazido o general até sua casa.

— Não! — censurou-se o general. — Nada é tão importante que alguém o devesse estorvar como estou fazendo!

— Mas você não nos estorvou! — assegurou Ulrich, sorrindo. — O que iria estorvar?

— Não, claro que não! — afirmou Stumm, mais perturbado ainda. — Claro, em certo sentido não, mas mesmo assim! Olhe, volto em outra hora!

— Então pelo menos diga por que veio, antes de ir embora! — pediu Ulrich.

— Nada! Não foi nada! Uma ninharia! — disse Stumm no seu desejo de sumir. — Acho que o “grande acontecimento” está começando!

— Um cavalo! Um cavalo! Um navio para a França! — gritou Ulrich fingindo uma divertida excitação.

Ágata o encarou espantada.

— Peço que me desculpe — disse-lhe o general —, a senhora não há de imaginar do que se trata.

— A Ação Paralela encontrou a idéia que a coroará! — explicou Ulrich.-

— Não — disse o general —, eu não afirmei isso. Apenas quis dizer: o acontecimento que todos esperamos está começando a nascer!

— Ah! — disse Ulrich. — Mas desde o começo ele está nascendo.

— Não — afirmou o general, sério. — Não é assim. Agora existe no ar um forte não-sei-o-quê. Em breve haverá um encontro decisivo na casa de sua prima. A Sra. Drangsal...

— Quem é essa? — perguntou Ulrich interrompendo, ao ouvir esse novo nome.

— É que você se afastou de tal maneira! — censurou o general, com tristeza, e dirigiu-se a Ágata, para reparar imediatamente a lacuna. — A Sra. Drangsal é a dama que protege o poeta Feuermaul.\* Também não o conhece? — perguntou, virando o corpo redondo, ao ver que Ulrich não dizia nada.

— Sim. O poeta lírico.

— Ele faz uns versos — disse o general esquivando-se desconfiado daquele termo inusitado.

— E bem bons, aliás. Até várias peças de teatro.

— Não sei. E não trouxe as minhas anotações. Mas ele é aquele que... que diz: o ser humano é bom. E, em resumo, a esposa do Professor Drangsal apóia a tese de que o ser humano é bom, dizem que é uma tese européia, e que Feuermaul tem um grande futuro. Mas o marido foi conhecido no mundo todo como médico, e provavelmente também quer fazer do Feuermaul um homem famoso. De qualquer modo, existe o perigo de sua prima perder a liderança e ser superada pelo salão da Sra. Drangsal, que aliás já está sendo freqüentado por toda a gente famosa.

O general limpou o suor da testa; Ulrich não achava tão ruim aquela perspectiva.

— Ora, sabe de uma coisa? — censurou Stumm. — Você venera a sua prima, como pode dizer uma coisa dessas? A caríssima senhora também não acha que isso seria uma deslealdade e ingratidão para com uma mulher encantadora? — perguntou a Ágata.

— Eu nem conheço a minha prima — admitiu ela.

— Ah! — disse Stumm, e acrescentou com palavras em que se misturavam, numa obscura confissão a Ágata, intenção cavalheiresca com não-intencional falta de cavalheirismo: — Na verdade ela andou baixando de cotação ultimamente!

Nem Ulrich nem ela responderam, e o general achou que precisava explicar suas palavras:

— E você sabe muito bem por quê! — disse alusivamente a Ulrich. Não aprovava que alguém se ocupasse com ciência sexual, que desviasse o espírito de Diotima da Ação Paralela, e preocupava-se porque a relação com Arnheim não melhorava; mas não sabia a que ponto podia permitir-se falar desses fatos diante de Ágata, cujo rosto estava cada vez mais frio. Mas Ulrich respondeu tranqüilamente:

— Você certamente não vai progredir com aquele seu negócio de petróleo, se nossa Diotima não tiver mais a velha influência sobre Arnheim.

Stumm fez um pobre gesto de exortação, como se quisesse impedir Ulrich de fazer alguma anedota inconveniente diante de uma dama, mas ao mesmo tempo fitou-o nos olhos com jeito penetrante, para o prevenir. Também conseguiu forças para er-

---

\* Os nomes atribuídos por Musil a diversos personagens, embora perfeitamente verossímeis (e existentes) em alemão, são extremamente engraçados e pertinentes. Aproveitamos o aparecimento de Drangsal (aflição, tormento) e Feuermaul (boca de fogo), para traduzir literalmente mais alguns: Fischel quer dizer peixinho; Stumm von Bordwehr, mudo da defesa de bordo; Meingast, meu hóspede. (N. do T.)



guer com juvenil rapidez seu corpo desajeitado, e alisou o casaco do uniforme. Ainda lhe restava bastante suspeita quanto à presença de Ágata para revelar os segredos do Ministério da Guerra. Só na ante-sala, aonde Ulrich o levara, agarrou-se no braço dele, e sussurrou, sorrindo, voz rouca:

— Por amor de Deus, não cometa abertamente traição à pátria! — e insistiu em que não se devia dizer uma palavra sobre as jazidas de petróleo, nem mesmo diante da própria irmã.

— Tudo bem — disse Ulrich. — Mas é a minha irmã gêmea.

— Nem mesmo diante de uma irmã gêmea! — protestou o general, que já achara a irmã tão inacreditável, que a irmã gêmea não o perturbou muito mais. — Prometa!

— Não adianta — irritou-se Ulrich — que eu lhe faça essa promessa, pois somos irmãos siameses; entende isso?

Stumm entendeu que, naquela maneira de nunca dizer sim, Ulrich se divertia as suas custas.

— Você já fez brincadeiras melhores do que inventar que uma mulher tão encantadora, ainda que seja dez vezes sua irmã, está grudada em você. E de tirar o apetite! — censurou. Mas como sua desconfiança com relação ao retraimento de Ulrich se tivesse renovado, fez mais algumas perguntas para investigar o que o outro fazia: O novo secretário já apareceu aqui? Você visitou Diotima? Cumpriu sua promessa de visitar o Leinsdorf? Sabe agora o que existe entre sua prima e Arnheim? Como naturalmente soubesse de tudo, o gordo cheio de dúvidas apenas controlava a veracidade das palavras de Ulrich, e o resultado o deixou satisfeito.

— Então faça-me o favor de não se atrasar demais para a reunião decisiva — pediu, enquanto abotoava o sobretudo, ainda um pouco ofegante do trabalho de enfiá-lo. — Antes, ainda lhe telefono e depois venho apanhá-lo com meu carro, será melhor!

— E quando vai se realizar essa coisa tão monótona? — perguntou Ulrich, de má vontade.

— Ora, acho que dentro de umas duas semanas — disse o general. — Queremos levar o outro partido até Diotima, mas é preciso que o Arnheim esteja presente, e ele foi viajar. — Ele bateu com o dedo sobre o suporte dourado da espada, que pendia fora do bolso: — Sem ele “nós” não nos alegramos: você entende isso? Mas, acredite — ele suspirou —, apesar disso não desejo outra coisa senão que nossa liderança espiritual continue com sua prima; eu acharia horrível ter de me adaptar a novas circunstâncias!

Portanto, foi por essa visita que Ulrich voltou com a irmã à vida social que abandonara sozinho, e teria de a ter retomado ainda que não quisesse, pois não podia esconder-se mais nem um dia com Ágata, pressupondo que Stumm guardaria para si uma descoberta tão excitante. Quando os “siameses” fizeram sua visita a Diotima, viram que ela já estava informada daquele termo tão inusitado e duvidoso, embora não exatamente encantada com ele. Pois a divina, famosa pelos visitantes respeitados e singulares que sempre se encontravam lá, aborrecera-se muito, de início, com aquela chegada secreta de Ágata, pois uma parenta que não agradasse poderia ser muito mais perigosa para a sua própria posição do que um primo, e ela sabia tão pouco dessa nova prima como antigamente soubera de Ulrich, o que já lhe causava, onisciente que era, um grande aborrecimento, como confessou ao general. Por isso, tinham inven-

tado para Ágata a expressão “a irmã desamparada”, em parte para se tranquilizarem, em parte para usá-la por precaução em outros meios, e foi mais ou menos nesse clima que ela recebeu os dois irmãos. Ficou agradavelmente surpreendida com a boa impressão social que Ágata sabia causar, e esta — graças a sua boa educação num internato piedoso e orientada pela sua espantada e zombeteira disposição de aceitar a vida, da qual se queixara a Ulrich — naquele momento, quase involuntariamente, conseguiu conquistar a benevolência daquela mulher poderosa, cuja ambição grandiosa lhe era totalmente incompreensível e indiferente. Admirou Diotima com a mesma inocência com que teria admirado uma gigantesca instalação elétrica, em cujo incompreensível ofício de espalhar luz ninguém se mete. E depois de conquistada, e tendo podido observar que Ágata agradava a todos, Diotima passou a interessar-se pelo sucesso social dela, e promoveu-o cada vez mais, inclusive para sua própria glória. A “irmã desamparada” despertou muita simpatia, que nos mais conhecidos começou com um sincero espanto porque nunca tinham ouvido falar dela, e na medida em que o círculo ia crescendo, se transformava naquele vago agrado pelas coisas surpreendentes e novas, que une as famílias da alta aristocracia e a imprensa.

E aconteceu também que Diotima, com talento estético para escolher instintivamente entre várias possibilidades a pior de todas, mas de sucesso público garantido, acabou conseguindo para Ulrich e Ágata um lugar permanente na memória da sociedade mais refinada: a protetora dos dois descobriu de repente — e passou a contar a todos — que era encantador o que ouvira dizer de início, ou seja, que seu primo e sua prima, reunidos em condições românticas depois de uma separação de quase toda a vida, tinham passado a chamar-se de “irmãos siameses”, embora, segundo a vontade cega do destino, até ali tivessem sido praticamente o contrário disso. Seria difícil dizer por que isso agradara tanto a Diotima, e depois a todos os outros, fazendo a decisão dos irmãos de viverem juntos parecer tão inusitada quanto compreensível: era o talento de líder de Diotima. Pois as duas coisas aconteceram, provando que, apesar de todas as manobras da concorrência, ela ainda exercia o seu doce poder. Informado quando de seu último regresso, Arnheim deu uma conferência em círculos seletos, concluindo com o respeito pelas forças aristocrático-populares. De algum modo surgiu inclusive o boato de que Ágata, refugiada junto do irmão, tivera um casamento infeliz com um famoso sábio estrangeiro; e como naquele tempo os meios que ditavam a moda, dominados pela maneira de ver dos latifundiários, não favorecessem o divórcio e resolvessem tudo apenas pelo adultério, a decisão de Ágata foi encarada por muitas pessoas mais velhas naquele brilho dúplice feito de força de vontade e edificação que emana de uma vida superior, brilho que o Conde Leinsdorf, especialmente afetuoso para com os irmãos, certa vez analisara com as palavras:

— No teatro sempre se representam umas paixões tão terríveis; mas o nosso *Burgtheater* deveria tomar como exemplo algo assim!

E Diotima, em cuja presença isso fora dito, respondeu:

— Muitas pessoas dizem, seguindo uma moda, que o ser humano é bom; mas quem, como eu agora através de meus estudos, conhece os erros e confusões da vida sexual, sabe como esses exemplos são raros!

Estaria querendo limitar o elogio de Sua Alteza, ou acentuá-lo? Ainda não perdoara Ulrich por ele não lhe haver revelado nada da chegada iminente da irmã, o que em suas palavras era uma falta de confiança; mas sentiu orgulho do sucesso de que participava, e isso também se mesclava em sua resposta.

## ALEGRIA DEMAIS

Ágata aproveitava com habilidade natural as vantagens que a sociedade lhe oferecia, e sua postura segura num círculo extremamente exigente agradou muito a seu irmão. Os anos em que fora esposa de um professor secundário na província pareciam tê-la deixado intacta. Mas o resultado fora resumido por Ulrich com um dar de ombros:

— A aristocracia gosta de nos chamar os gêmeos grudados: ela sempre teve mais interesse por zoológicos do que pela arte.

E, num pacto tácito, tratavam tudo o que acontecia apenas como interlúdio. Seria preciso mudar muito na estrutura da casa ou decorá-la diferentemente, coisa de que se tinham dado conta logo nos primeiros dias; mas não fizeram nada por temerem a repetição de um diálogo de fronteiras imprevisíveis. Ulrich, que deixara seu quarto de dormir para Ágata, instalara-se no quarto de vestir, separado da irmã pelo quarto de banho, e concedera-lhe depois ainda a maior parte de seus armários. Não deixou que ela tivesse pena dele, evocando para isso São Lourenço assado na grelha. Mas Ágata não pensava seriamente em ter perturbado a vida de solteirão do irmão, porque ele lhe assegurava estar muito feliz, e porque fazia apenas uma vaga idéia da felicidade que ele poderia ter vivido antes. Agora, agradava-lhe aquela casa com suas instalações tão pouco burguesas, a quantidade inútil de aposentos de enfeite secundários ao redor dos poucos quartos realmente úteis e entrementes superlotados de coisas; a casa tinha algo daquela meticulosa cerimônia do passado, indefesa diante dos tempos atuais, tão práticos, mas às vezes o silencioso protesto daquelas belas salas contra a desordem intrusa também era triste, como cordas rotas e emaranhadas sobre um violino de belo talhe sinuoso. Ágata viu que seu irmão escolhera aquela casa, isolada da rua, com simpatia e compreensão, embora quisesse fazer crer o contrário, e das velhas paredes saía uma linguagem de paixão que não era inteiramente muda nem totalmente audível. Mas nem ela nem Ulrich gostavam de nada além do prazer da desordem. Viviam desconfortavelmente, desde a chegada de Ágata mandavam vir comida do hotel e extraíam de tudo isso uma alegria um pouco exagerada, como acontece num piquenique quando se come, sobre a relva, pior do que à mesa.

Nessas condições, também faltava a necessária criadagem. Do experiente criado que Ulrich tomara por pouco tempo quando se mudara para lá, um ancião que pretendia descansar e só esperava alguma coisa que ainda precisava ser regulada, não se podia esperar demais, e Ulrich o exigia o menos possível. Mas ele próprio tinha de fazer as vezes de criada de quarto, pois o aposento em que se poderia instalar uma criada razoável estava em estado precário como todo o resto, e algumas tentativas de superar isso não tinham trazido boas experiências. Ulrich fez bons progressos como escudeiro, armando sua cavalaria para as conquistas sociais. Ainda por cima, Ágata começara a complementar seu enxoval, e suas compras enchiam a casa. Como esta fora construída sem qualquer instalação para uma dama, ela assumira o hábito de utilizar a casa toda como quarto de vestir, e assim, querendo ou não, Ulrich participava dessas novidades. As portas entre os quartos ficavam abertas, os aparelhos de ginástica dele serviam de cabides e suportes, e ele era chamado de sua mesa de trabalho para ajudá-la a

tomar decisões, como Cincinato era convocado do seu arado. Ele tolerava aquela interferência em sua vontade de trabalhar, ainda presente, não apenas pressupondo que aquilo iria passar, como porque lhe dava prazer, tudo lhe era novo como um rejuvenescimento. Aquela vivacidade de sua irmã, aparentemente gratuita, rumorejava na solidão dele como um fogo num forno frio. Claras ondas de eufórica alegria, escuras ondas de intimidade humana enchiam os aposentos em que ele morava e retiravam-lhes a natureza de um espaço em que até ali ele apenas se movimentara conforme seu capricho. Especialmente, espantava-o, na inesgotabilidade dessa presença, que aquelas ninharias desconectadas que a constituíam resultassem, em sua soma, num todo enorme, de natureza totalmente diversa: a impaciência de estar perdendo seu tempo, aquela sensação insaciável que o acompanhara a vida toda, por mais resultados que extraísse das coisas que lhe pareciam grandes e importantes, desaparecera totalmente, para seu espanto, e pela primeira vez amava incondicionalmente a vida cotidiana.

Sim, até sustava a respiração com exagerado gosto quando, com a gravidade que mulheres revelam nessas horas, Ágata lhe exibia para admirar as mil coisas que comprava. Ele fingia deixar-se levar irresistivelmente pela comicidade de a natureza da mulher ser mais sensível do que a do homem aos mesmos fatos, portanto mais entregue à idéia de enfeitar-se brutalmente, desviando-se, mais do que a natureza masculina, de uma humanidade moderada. E talvez fosse verdade. Pois as muitas pequenas, docemente ridículas idéias com que ele se defrontava: enfeitar-se com contas de vidro, com cabelos encrespados, com rendas e bordados, com cores extravagantes — essas belezas de barraca de feira que qualquer mulher inteligente distingue sem deixar de se encantar com elas, começavam a enredá-lo com os fios de sua luminosa irracionalidade. Tudo, seja a coisa mais doida e de mau gosto, desenvolve, quando nos entregamos a ela seriamente e nos colocamos em seu nível, uma bela ordem cega de um olho, o aroma perturbador de seu narcisismo, sua vontade imanente de brincar e agradar. Ulrich sentia isso ao lidar com as coisas da irmã. Carregava de um lado para outro, admirava, avaliava e dava conselhos, ajudava a experimentar. Parava com Ágata diante do espelho. Atualmente, quando a aparência de uma mulher recorda a de uma galinha chamuscada que não causa grandes problemas, é difícil imaginar a sua aparência antiga, com todos os encantos do apetite longamente adiado, que hoje em dia se julga ridículo: a saia longa, aparentemente presa ao chão pelo costureiro, mas mesmo assim movendo-se por milagre, encerrava inicialmente secretas saias leves, coloridas folhas de pétalas de seda, cujo movimento oscilante de súbito mostrava tecidos brancos mais leves ainda, cuja delicada espuma tocava então o corpo; e quando essa roupagem parecia com ondas por ter algo de sedutor e austero que a um tempo seduzia e repelia o olhar, era também um sistema artificial de paradas e fortalezas intermediárias ao redor de maravilhosas coisas habilmente protegidas, e, apesar dessa falta de naturalidade, construía-se um teatro amoroso cuja sombra, que roubava a respiração, era iluminada unicamente pela pálida luz da fantasia. Esse essencial de prolegômenos Ulrich via agora, diariamente, desfeito, desarticulado, como que pelo lado de dentro. E embora os mistérios da mulher há muito não fossem segredos para ele, exatamente porque sua vida toda os vira apenas às pressas como ante-salas ou jardins de frente, agora se apresentavam de maneira nova, pois não havia para ele acesso nem objetivo. A tensão existente em todas essas coisas ricochetava sobre ele. Ulrich teria tido

dificuldade em dizer que modificações causava. Com razão considerava-se um homem de sensibilidade masculina, e parecia-lhe compreensível que isso pode nos seduzir a ver por outra perspectiva a coisa tantas vezes desejada, mas às vezes aquilo tudo ia-se tornando quase assustador, e ele resistia, dando risadas.

— E como se, do dia para a noite, tivessem crescido ao meu redor as paredes de um internato de moças, encerrando-me inteiramente — objetava.

— Isso é muito ruim? — perguntou Ágata.

— Não sei — respondia Ulrich.

Depois, chamava-a de planta carnívora e dizia ser ele próprio um pobre inseto que rastejara para dentro de uma corola luminosa.

— Você a fechou em torno de mim — disse —, e agora estou no meio de cores, perfumes e brilho, contra a minha natureza transformado num pedaço de você, esperando pelos machinhos que vamos atrair!

E realmente sentia-se estranho quando testemunhava a sedução que sua irmã exercia sobre homens, ele cuja preocupação consistia exatamente em “conseguir-lhe um homem”. Não tinha ciúmes — em que condição poderia senti-los? —, colocava seu próprio bem-estar abaixo do dela, e desejava que logo encontrasse um homem digno, que a salvasse daquela situação transitória na qual ela se encontrava pela separação de Hagauer: e apesar disso, quando a via no centro de um grupo de homens que a rodeavam solícitos, ou quando, na rua, algum homem a fitava no rosto abertamente, atraído pela sua beleza e sem dar atenção ao seu acompanhante, ele não sabia bem o que sentia. E como a simples solução do ciúme masculino lhe fosse vedada, ele muitas vezes se sentia cercado por um mundo que jamais pisara. Conhecia, por experiência, os rodeios de um homem tão bem quanto a técnica amorosa da mulher, e quando via Ágata exercendo uma coisa e exposta à outra, sofria; pensava assistir aos namoros de cavalos ou ratos; o fungar e relinchar, o afilar e alargar dos focinhos e toda essa corte com que estranhos procuram agradar uns aos outros o repugnava, contemplava tudo sem participar, como a um atordoamento nascido das entranhas. E se apesar disso se considerava um só com sua irmã, conforme uma profunda necessidade emocional pouco faltava, de outro lado, para, perturbado por essa indulgência, sofrer a vergonha que um homem normal sente quando abordado por outro que não é normal. Quando revelou isso a Ágata, ela riu:

— Mas no nosso grupo há algumas mulheres que andam atrás de você! — respondeu ela.

O que estava acontecendo? Ulrich disse:

— No fundo, isso é um protesto contra o mundo! E Ulrich disse:

— Você conhece o Walter; há muito tempo não nos estimamos mais. Mas embora eu me aborreça com ele e saiba também que o irrita, muitas vezes, mal o vejo sinto uma doce emoção como se eu me harmonizasse com ele de um modo que não acontece. Veja, na vida entendemos tantas coisas sem concordarmos com elas; e estar de acordo, de saída, com alguém a quem ainda nem compreendemos é uma loucura tão linda como água correndo de todos os lados para um vale, na primavera!

E sentiu: “Agora, é assim!” E pensou: “Assim que eu não tiver mais, com relação a Ágata, nenhum egoísmo e egocentrismo, nenhuma emoção feia e indi-

ferente, ela há de fazer brotar minhas qualidades de mim como uma montanha imantada retira os pregos de um navio! Serei moralmente desmanchado num estado de átimo primitivo, onde não serei nem eu, nem serei ela! Talvez isso seja a bem-aventurança!

Mas apenas disse:

— Me diverte tanto, olhar você! Ágata ficou vermelha e disse:

— E por que o “diverte”?

— Ora, não sei. Às vezes você sente vergonha diante de mim — disse Ulrich. — Mas depois pensa que sou “só seu irmão”; outras vezes não se envergonha nada quando a vejo em circunstâncias que seriam muito atraentes para algum estranho, mas de repente lhe ocorre que isso não é para meus olhos, que então preciso desviar imediatamente...

— E por que isso o diverte? — perguntou Ágata.

— Talvez me dê felicidade, seguir outra pessoa com os olhos sem saber por quê — disse Ulrich. — Lembra-me o amor de uma criança aos seus objetos; sem a impotência espiritual da criança...

— Talvez apenas o divirta brincar de irmãozinho e irmãzinha — respondeu Ágata — porque já se enjoou de tanto brincar de homem e mulher!

— Também — disse Ulrich e ficou olhando para ela. — O amor é originalmente um simples impulso de aproximação, e um instinto de agarrar. A gente o dividiu em dois pólos, homem e mulher, com loucas tensões, inibições, estremecimentos e aberrações. Hoje em dia, estamos fartos dessa ideologia inchada, quase tão ridícula quanto uma gastrosofia. Estou convencido de que a maioria gostaria de que essa ligação de uma excitação epidérmica com toda a humanidade se pudesse desfazer de novo, Ágata! E cedo ou tarde virá uma época de simples camaradagem sexual, em que rapazes e mocinhas, numa incompreensão unânime, depararão com uma montanha velha de molas de impulso quebradas, que antigamente constituíam homem e mulher!

— Mas se eu lhe quisesse dizer que Hagauer e eu fomos pioneiros dessa era, você ficaria zangado comigo! — respondeu Ágata com um sorriso rude como bom vinho seco.

— Eu não me zango mais por nada — disse Ulrich. E sorriu. — Um guerreiro sem sua armadura! Pela primeira vez em tempos imemoriais ele sente o ar da natureza em sua pele, em vez de ferro batido, e sente seu corpo tão cansado e delicado que os pássaros o poderiam carregar! — afirmou.

E assim, sorrindo, esquecendo-se de parar de sorrir, contemplava a irmã sentada na beira de uma mesa balançando a perna vestida numa meia de seda preta; além da camisa, ela só usava uma calcinha curta: mas eram impressões desprendidas de seu destino, imagens isoladas. “Ela é meu amigo e me apresenta deliciosamente uma mulher”, pensou Ulrich. “Que confusão realista, o fato de ela ser realmente mulher!”

E Ágata indagou:

— Não existe verdadeiramente o amor?

— Sim! — disse Ulrich. — Mas é uma exceção. É preciso separar isso: primeiro, há uma experiência corporal, que faz parte das excitações epidérmicas; e pode-se evocar como mera excitação agradável sem conteúdo moral, sem

sentimentos. Depois, em segundo lugar, há habitualmente movimentos emocionais que se ligam intensamente à experiência física, mas apenas de modo a serem os mesmos em todas as pessoas, com mínimas variações; esses momentos fundamentais do amor são os que eu preferiria incluir no aspecto físico-mecânico, e não na alma. Por fim, existe também a verdadeira experiência espiritual do amor: mas ela não tem necessariamente a ver com as duas outras partes. Pode-se amar a Deus ou ao mundo; talvez só se possa amar a Deus ou ao mundo. De qualquer modo, não é preciso amar a uma pessoa. Porém, se o fazemos, o físico atrai todo o mundo, de modo que este se vira do avesso... — Ulrich interrompeu-se.

Ágata estava de um vermelho escuro.

Se Ulrich tivesse regulado e pronunciado suas palavras com a intenção de levar aos ouvidos de Ágata, numa falsa inocência, as idéias sobre amor inevitavelmente ligadas a elas, teria concretizado seu desejo.

Procurou fósforos apenas para interromper novamente a ligação que sem querer surgira.

— De qualquer modo — disse —, o amor, se isso é amor, é uma exceção, e não pode fornecer modelos para a vida cotidiana.

Ágata agarrara os cantos da toalha de mesa, colocando-a sobre as pernas.

— Será que pessoas estranhas que nos vissem e ouvissem não fariam de algum sentimento contra a natureza? — perguntou de repente.

— Bobagem! — respondeu Ulrich. — O que cada um de nós sente é uma espectral duplicação de si mesmo na natureza oposta. Eu sou homem, você é mulher; dizem que o ser humano carrega em si, para cada qualidade, também a qualidade contrária, fantasmagórica ou reprimida: de qualquer modo, tem nostalgia dela, quando não está inteiramente satisfeito consigo mesmo. Então, o meu contrário iluminado entrou em você e o seu em mim, e sentem-se magnificamente bem nos corpos trocados, simplesmente porque não respeitam muito o seu antigo ambiente e a paisagem que dele viam!

Ágata pensava:

“Eleja disse bem mais a respeito de tudo isso; por que está recuando?” O que Ulrich dizia combinava bem com a vida que levavam, como dois camaradas que por vezes, quando a companhia dos outros lhes deixa tempo, se espantam por serem homem e mulher, mas, ao mesmo tempo, irmãos gêmeos. Se existe uma harmonia dessas entre duas pessoas, suas relações separadas com o mundo assumem o encanto da unidade invisível de estar-se escondido no outro, de trocar de vestimentas e de corpo, e daquele engano divertido, oculto atrás das máscaras duplas da aparência externa, diante dos que de nada suspeitam. Mas essa alegria lúdica e um pouco exagerada — como crianças por vezes fazem barulho em vez de serem barulho! — não combinava com a gravidade cuja sombra, caindo de grande altura, por vezes fazia emudecer involuntariamente o coração dos irmãos. Assim, certa vez, à noite, quando antes de irem para a cama ainda se falaram por acaso, Ulrich encontrou a irmã na longa camisola e pretendeu fazer uma brincadeira, dizendo:

— Há cem anos, eu agora exclamaria: meu anjo! Pena que essa palavra tenha caído de uso! — Nisso, emudeceu e pensou, chocado: “Não é a única palavra que eu deveria usar para ela? Nem amiga, nem mulher! Também se dizia: criatura celestial! Provavelmente seria um pouco ridículo e exagerado, mas melhor do que não ter nem coragem de confiar em si mesmo!”

E Ágata pensava:

“Um homem de pijama não parece um anjo!” Mas ele parecia selvagem, de ombros largos, e de repente ela envergonhou-se pelo desejo de que aquele rosto poderoso, rodeado de cabelos, lhe obscurecesse o olhar. Sofrerá uma excitação física e inocente; seu sangue corria pelo corpo em ondas intensas, difundindo-se pela pele, roubando toda a sua força interior. Como ela não fosse uma pessoa tão fanática quanto o irmão, sentia o que sentia. Quando era terna, era terna; não iluminada pela moral ou pelo pensamento, embora amasse isso nele tanto quanto o temia.

E a toda hora, dia por dia, Ulrich resumia tudo isso em pensamento: no fundo, era um protesto contra a vida! Passeavam de braço dado pela cidade. Combinavam na altura, combinavam na idade, combinavam na maneira de ser. Andando assim lado a lado, não podiam ver muito um do outro. Grandes vultos agradáveis um ao outro, andavam pela rua por pura alegria, e sentiam a cada passo o sopro do toque do outro no meio dos estranhos que os rodeavam. Pertencemos um ao outro! Essa sensação, simplesmente inusitada, tornava-os felizes, e, parte dentro dela, parte contra ela, Ulrich disse:

— Esquisito estarmos tão contentes por sermos irmão e irmã. Para todo mundo trata-se de uma relação corriqueira, e nós vemos nela algo de especial!

Talvez isso a tivesse magoado. Ele acrescentou:

— Sempre desejei isso. Quando era menino tomei o propósito de só me casar com uma mulher que eu já pudesse adotar quando menininha, na infância, e educar. Acho que muitos homens têm idéias dessas, são banais. Mas, quando adulto, eu me apaixonei de verdade por uma criança dessas, embora só por duas, três horas! — E continuou a contar-lhe: — Foi num bonde. Uma menina entrou, uns doze anos, junto de seu pai, que era muito jovem, ou talvez fosse seu irmão mais velho. Do jeito que entrou, sentou-se, deu negligentemente ao condutor o dinheiro pelas duas passagens, era uma verdadeira dama; mas sem nenhum sinal de timidez infantil. Da mesma maneira falava com seu acompanhante ou escutava-o, calada. Era lindíssima: morena, lábios cheios, sobrancelhas fortes, nariz um pouco levantado: talvez uma polonesa de cabelos escuros ou uma eslava do sul. Acho que usava um vestido que lembrava um traje nacional, mas com casaco comprido, apertado na cintura, com cordões, babadinhos no pescoço e punhos, tudo tão perfeito como toda a sua pessoazinha. Talvez fosse da Albânia? Eu estava sentado longe demais para poder ouvi-la falar. Notei que os traços de seu rosto eram muito mais severos do que sua idade faria pensar, e pareciam os de uma adulta; apesar disso, não tinha um rosto de anã, e sim, sem dúvida, o de uma criança. Por outro lado, esse rosto não era o degrau anterior e imaturo de um rosto adulto. Parece que, por vezes, o rosto da mulher com doze anos está pronto, também espiritualmente formado no seu primeiro esboço, em grandes traços de mestre, de modo que tudo o que mais tarde a execução acabada lhe acrescenta apenas prejudica a grandeza original. Pode-se ficar mortalmente apaixonado por uma aparição dessas, mas na verdade sem desejo. Sei que olhei timidamente para as outras pessoas porque me parecia que toda a ordem se afastava de mim. Depois, desembarquei atrás da pequena, mas no movimento das ruas perdia-a de vista. — encerrou.

Depois de esperar mais um pouco, Ágata perguntou sorrindo:

— E como combina isso com o fato de que o tempo do amor passou, e só restaram sexualidade e camaradagem?

— Mas não combina nada! — exclamou Ulrich, rindo.



Sua irmã refletiu e comentou, com estranha rudeza, com uma intencional repetição das palavras que ele mesmo usara na noite em que se tinham reencontrado:

— Todos os homens querem brincar de irmãozinho e irmãzinha. Deve significar realmente uma coisa tola. Irmãozinho e irmãzinha chamam-se um ao outro papai e mamãe quando ficam de pileque.

Ulrich espantou-se. Ágata não apenas tinha razão, mas mulheres talentosas são implacáveis observadoras dos homens a quem amam; apenas, não têm teorias, e por isso não usam de suas descobertas, a não ser quando se irritam. Ele sentiu-se um pouco ofendido.

— Naturalmente isso já foi explicado do ponto de vista psicológico — explicou um tanto indeciso. — Somos psicologicamente suspeitos, nada é mais fácil de concluir. Tendência incestuosa, comprovável na infância, como inclinações anti-sociais e postura de contestação diante da vida. Talvez até uma sexualidade própria insuficientemente determinada..., embora eu...

— Nem eu! — interrompeu Ágata, e riu de novo, embora sem vontade. — Não gosto de mulheres!

— Também, tanto faz! — disse Ulrich. — De qualquer modo, entranhas espirituais. Você também pode dizer que há uma necessidade de sultão, de adorar ou ser adorado sozinho, excluindo o resto do mundo; no velho Oriente, isso produziu os haréns, hoje temos em compensação a família, o amor e o cachorro. E posso dizer que o ímpeto de possuir uma pessoa tão exclusivamente a ponto de nenhuma outra poder se aproximar é um sinal de solidão pessoal dentro da comunidade humana, que mesmo socialistas raramente negam. Se quiser encarar a coisa assim, não somos senão um excesso burguês. Olhe, que lindo! — interrompeu-se, e puxou-a pelo braço.

Estavam à beira de um pequeno mercado entre casas antigas. Ao redor da estátua classicista de algum príncipe do espírito estavam espalhadas verduras coloridas, abriam-se os grandes toldos de pano cru das barracas, frutas rolavam, arrastavam-se cestos e cães eram enxotados de perto daquelas maravilhas expostas; viam-se os rostos vermelhos de pessoas rudes. O ar estava cheio do rumor de vozes excitadas e cheirava a sol que brilha sobre uma mistura de coisas terrenas.

— A gente não tem de amar o mundo quando vê e cheira desse jeito? — perguntou Ulrich entusiasmado. — E nós não o podemos amar porque não concordamos com o que anda nessas cabeças — acrescentou.

Não era exatamente um aparte do gosto de Ágata, e ela não respondeu, mas apertou o corpo junto ao braço do irmão, e foi como se lhe pusesse brandamente a mão sobre a boca.

Ulrich disse, rindo:

— Eu não gosto nem de mim! Isso é o resultado quando sempre se tem algo a criticar nas pessoas. Mas também eu tenho de poder amar alguma coisa; e uma irmã siamesa, que não é eu nem é ela, e é praticamente o mesmo que eu e ela, constitui com certeza o único ponto de intersecção em tudo isso!

Estava alegre de novo. E habitualmente seu estado de espírito também influenciava Ágata. Mas assim como na primeira noite de seu reencontro, ou como antigamente, nunca mais voltaram a falar. Aquilo sumira como castelos de nuvens: quando pairam sobre uma rua cheia de vida em vez de estar sobre uma paisagem solitária, não acreditamos realmente neles. A causa era talvez Ulrich não saber que grau de

solidez deveria atribuir às experiências que o comoviam; mas Ágata acreditava muitas vezes que ele via nelas apenas um fantástico excesso. E não podia provar-lhe que não era assim; falava sempre menos que ele, não sabia como fazer, nem se atrevia a isso. Apenas sentia que ele se esquivava da decisão, e não devia fazer isso. Portanto, na verdade os dois se ocultavam naquela sua divertida felicidade sem profundidade nem peso, e Ágata ia ficando dia a dia mais triste, embora risse tanto quanto seu irmão.

## O PROFESSOR HAGAUER PEGA DA PENA

Mas isso tudo mudou por causa do marido de Ágata, em quem tão pouco pensavam.

Certa manhã, que encerrou aqueles dias alegres, ela recebeu uma grossa carta em formato de documento, fechada com um grande lacre amarelo e redondo, trazendo em letras brancas o sinete do Ginásio Rudolf em X... Do nada surgiram imediatamente, enquanto ela ainda segurava na mão a carta fechada, casas de dois andares: as vidraças foscas de janelas bem limpas; com termômetros brancos do lado externo, nas molduras marrons, um em cada andar, para se poder ver o tempo; com frontispícios gregos e conchas barrocas sobre as janelas, cabeças emergindo das paredes e sentinelas mitológicas parecendo criação de marceneiros artistas, pintadas como pedra. Castanhas e molhadas, as ruas corriam pela cidade, assim como tinham entrado nela em forma de estradas, com velhos sulcos de rodas, e as lojas ficavam dos dois lados delas com suas vitrines de novidades, parecendo apesar disso damas de trinta anos atrás que ergueram as saias longas e não conseguem se decidir a descer da calçada para a lama da rua: a província, na cabeça de Ágata! Fantasma na cabeça de Ágata! Incompreensível não-ter-desaparecido-inteiramente, embora se pensasse para sempre libertada de tudo! Mais incompreensível ainda: estivera um dia ligada a isso tudo? Ela viu o caminho da porta de sua casa ao longo da parede de casas conhecidas levando ao colégio, que seu marido Hagauer percorria quatro vezes ao dia, e que ela mesma também trilhara muitas vezes no começo, acompanhando Hagauer da casa ao trabalho, num tempo em que não se poupava uma gota sequer daquele amargo remédio: “Será que ele agora almoça no hotel ao meio-dia?”, perguntou-se. “Será que agora arranca as folhas do calendário, que eu tirava todas as manhãs?” Tudo aquilo de repente assumira de novo algo tão loucamente atual como se jamais fosse morrer, e com silencioso horror ela viu despertar em si a conhecida sensação de intimidação, feita de indiferença, coragem perdida, saturação de coisas feitas, e uma sensação de sua própria insegura fragilidade. Com uma espécie de avidez, abriu a grossa carta que o marido lhe dirigira.

Quando, depois do enterro do sogro e de uma breve visita à capital, o Professor Hagauer voltara ao seu lar e local de trabalho, seu ambiente o recebera exatamente como sempre depois de suas curtas viagens. E ele retornava com a agradável consciência de ter cumprido corretamente uma tarefa, e de ter de trocar os sapatos de viagem pelas pantufas caseiras, em que se pode trabalhar muito melhor. Foi até o seu

colégio; foi respeitosamente saudado pelo zelador; sentiu-se bem-vindo quando encontrou professores seus subalternos; na direção da escola, esperavam-no documentos e assuntos que ninguém ousara resolver na sua ausência; quando corria pelos corredores, acompanhava-o a sensação de que seus passos apressavam tudo na casa; Gottlieb Hagauer era uma personalidade, e sabia disso; sua fronte irradiava ânimo e alegria pelo estabelecimento de ensino que dirigia, e quando fora da escola lhe perguntavam onde e como andava sua esposa, respondia com a calma interior de um homem que se sabe honradamente casado. É sabido que um homem, enquanto capaz de procriar, sente os breves intervalos no casamento como se retirassem de cima dele um leve jugo, embora não ligue a isso nenhuma ação má e depois das férias retome repousado a sua felicidade de sempre. Assim, no começo Hagauer interpretou inocentemente a ausência de Ágata, e nem percebeu que sua mulher ficava fora tempo demais.

Na verdade, só aquele calendário de parede chamou sua atenção para isso, o mesmo que, na memória de Ágata, refletia em suas folhas arrancadas dia a dia um terrível símbolo da vida; estava na sala de jantar como uma mancha que não fizesse parte da parede — prendera-se ali como presente de Ano Novo de uma papelaria, desde que Hagauer o trouxera da escola para casa, e por causa de sua desolação Ágata não apenas o tolerara, mas até cuidara dele. Teria sido bem próprio de Hagauer ter assumido as folhas do calendário depois da viagem da mulher, pois era contra seus hábitos deixar essa parte da parede descuidada. Mas, de outro lado, sempre sabia em que grau de semana e mês se encontrava no mar da infinitude, além disso tinha um calendário na secretaria da escola, e por fim, exatamente quando pretendia erguer a mão para ordenar a medida do tempo em seu lar, sentira um estranho, sorridente susto, um daqueles movimentos interiores que, como mais tarde se veria, anunciam o destino; no começo tomou apenas por um sentimento cavalheiresco, que o deixou espantado e satisfeito consigo mesmo: decidiu não tocar a folha com a data em que Ágata saíra de casa, como homenagem e lembrança, até sua volta.

Assim, com o tempo aquele calendário de parede se tornou uma ferida purulenta recordando a Hagauer, a cada olhar, o tempo durante o qual sua mulher vinha evitando o lar. Econômico em sentimentos e gastos, ele lhe escrevia cartões postais dando notícias, e, cada vez mais insistente, indagava de sua volta. Não teve resposta. Em breve, já não parecia radiante quando conhecidos lhe perguntavam, penalizados, se sua esposa ficaria fora muito tempo ainda, cumprindo aqueles tristes deveres do luto; mas para sorte sua, sempre tinha muito a fazer, pois diariamente, além dos deveres na escola, e das incumbências relacionadas com as associações a que pertencia, o correio lhe trazia também uma porção de convites, pedidos, manifestações de apoio, críticas, provas de prelo, revistas e livros importantes: o ser humano Hagauer vivia na província parte das feias impressões que ela provocava em algum viajante de passagem, mas seu espírito morava na Europa, e isso por longo tempo impediu-o de entender todo o significado da ausência de Ágata. Mas, certo dia, o correio trouxe uma carta de Ulrich, participando secamente o que havia a dizer: que Ágata não pretendia mais voltar para junto dele, e pedia que concordasse com o divórcio. Esse texto, apesar de cortês, era tão cruel e lacônico que Hagauer constatou, indignado, que Ulrich se importava tanto com os sentimentos do receptor da carta como se quisesse retirar um inseto de uma folha. Seu primeiro movimento de repulsa interior foi: não leve isso a sério, é capricho! A notícia baixou como um fantasma sobre a plenitude de inadiáveis trabalhos diários, e de homenagens honrosas que lhe chegavam em abundância. Só à

noite, quando reviu sua casa vazia, Hagauer sentou-se à escrivaninha e participou a Ulrich, com digna laconicidade, que era melhor considerar sua participação como inexistente. Mas logo depois chegou nova carta de Ulrich, recusando essa idéia, repetindo o desejo de Ágata sem que ela soubesse, e apenas solicitando com um pouco mais de detalhes e cortesia que Hagauer lhe facilitasse o mais possível os procedimentos legais, como convinha a um homem da sua estatura moral, o que também era desejável porque evitaria as circunstâncias desagradáveis de uma briga pública. Então, Hagauer percebeu a gravidade da situação, concedeu-se três dias de tempo para encontrar uma resposta na qual não houvesse depois nada a censurar nem lamentar.

Em dois desses três dias ele sofreu uma sensação de que lhe tinham dado um soco no coração. “Um pesadelo!”, disse a si mesmo várias vezes, e, quando não estava sob total controle, esquecia de acreditar na realidade daquele pedido. Durante esses dias revolvía-se em seu peito um desconforto profundo como o de um amor magoado, e acrescido ainda de um ciúme indefinido, que não se dirigia contra algum amante que suspeitasse ser motivo da atitude de Ágata, mas contra algo de inconcebível pelo qual se sentia preterido. Era uma espécie de vergonha, semelhante à de um homem muito correto que esqueceu ou quebrou alguma coisa; algo que desde tempos imemoriais tinha lugar firme na sua mente, algo que não se percebe mais, mas de que depende muita coisa, de repente se partira em dois. Pálido e perturbado, sofrendo de reais tormentos que não devem ser desprezados apenas por não serem bonitos, Hagauer esquivava-se das pessoas, receando as explicações que teria de dar e a vergonha que teria de suportar. Só no terceiro dia seu estado se firmou: Hagauer tinha uma repulsa natural contra Ulrich, igual à que este sentia por ele, e embora essa nunca se tivesse revelado inteiramente, agora, de repente, isso acontecia, na medida em que, intuindo tudo, ele atribuía ao cunhado toda a culpa pela atitude de Ágata, que obviamente tivera a cabeça virada por aquele seu irmão inquieto e de alma cigana; então, sentou-se à escrivaninha e exigiu em poucas palavras que sua mulher voltasse de imediato, explicando severamente que só falaria com ela em pessoa, na qualidade de marido.

Ulrich mandou uma recusa igualmente breve e dura.

Hagauer decidiu então influir sobre a própria Ágata; fez cópias de sua correspondência com Ulrich, acrescentou um longo e bem ponderado escrito, e foi isso tudo que Ágata viu diante de si quando abriu o grande envelope com lacre oficial.

O próprio Hagauer sentia que tudo o que estava por acontecer era absurdo. Voltando de suas atividades profissionais, sentou-se à noite em sua “moradia abandonada” diante de uma página de papel de carta, como Ulrich diante de uma folha semelhante em outros tempos, e não soubera como começar. Mas, na vida de Hagauer, o que se chama “processo dos botões” dera freqüentemente resultado, e ele o usou também desta vez. Esse processo consta de influirmos metodicamente sobre nossas mentes, também antes de tarefas excitantes, à semelhança de uma pessoa que manda costurar botões em suas vestes porque só teria de se queixar de perda de tempo se pensasse poder tirar as vestes mais depressa sem eles. O escritor inglês Surway, por exemplo, cujo trabalho a respeito do assunto Hagauer apanhou porque também no sofrimento lhe era importante compará-lo com sua própria visão das coisas, distingue cinco desses botões no processo do pensamento exitoso: a) observações de um fato, que fazem sentir imediatamente alguma dificuldade na sua interpretação; b) a

limitação e constatação dessas dificuldades; c) a suposição de uma solução possível; d) a evolução razoável das conseqüências dessa suposição; e) mais observação para aceitá-las ou rejeitá-las e com isso obter o êxito do pensamento.

Hagauer já empregara com vantagem um procedimento semelhante em um assunto tão mundano como tênis, quanto aprendera a jogar no clube dos funcionários públicos, fazendo com que esse jogo lhe proporcionasse considerável encanto espiritual, mas em puros assuntos sentimentais nunca o utilizara; pois sua vida espiritual cotidiana constava em grande parte de relações profissionais e, em acontecimentos pessoais, daquele “sentimento justo” que é mistura de todas as emoções possíveis e contraditórias na raça branca em dado caso, e com certa ênfase devido a particularidades locais, profissionais e de classe. Por falta de treino, os botões não se deixavam aplicar facilmente àquele inusitado desejo da sua mulher, de divorciar-se dele, e o chamado “sentimento justo” mostra, nas dificuldades que mais nos atingem pessoalmente, a qualidade de ser fragmentável: de um lado, dizia a Hagauer que um homem de seu tempo, como ele, é obrigado por muitas coisas a não opor dificuldades ao desejo de dissolver um relacionamento de confiança; mas, de outro lado, quando a vontade se opõe, também diz muita coisa que nos absolve dessa obrigação, pois a frivolidade atualmente imperante em tais assuntos não pode ser aprovada. Numa situação dessas, Hagauer sabia, um homem moderno precisa “relaxar”, isto é, distrair sua atenção, assumir uma postura corporal mais descontraída, e escutar o que fala no mais profundo do seu interior. Cautelosamente, susteve suas reflexões, olhou fixamente o calendário abandonado, e escutou seu interior: algum tempo depois, respondeu-lhe uma voz vinda de alguma profundidade abaixo do pensamento consciente, dizendo exatamente o que ele imaginara: a voz dizia que ele não precisava tolerar um desejo tão infundado como esse de Ágata!

Mas, com isso, o espírito do Professor Hagauer passara sem notar do botão *a)* ao botão *é)* de Surway, ou de alguma série de botões equivalente, e ele sentiu, renovadas, as dificuldades na interpretação do fato que observava. “Será que eu, Gottlieb Hagauer”, perguntava-se, “serei culpado desse penoso acontecimento?” Examinou-se e não encontrou uma só objeção contra seu próprio comportamento. “Acaso a causa será outro homem, a quem ela ame?”, prosseguiu procurando uma solução possível. Mas era difícil aceitar isso, pois, forçando-se a uma reflexão objetiva, não conseguia ver direito o que outro homem oferecia de melhor a Ágata. Mesmo assim, essa questão podia ser tão facilmente perturbada por vaidade pessoal, que ele a tratou com muita precisão; e abriram-se-lhe visões em que nunca pensara, e de repente, segundo o ponto c) na conceituação de Surway, Hagauer sentiu estar no rastro de uma solução possível, que passava por *d)* e *e)*: pela primeira vez desde seu casamento, notou uma série de fenômenos que na sua opinião só podiam ser verificados em mulheres cujo amor ao sexo oposto não é nem profundo nem apaixonado. Era-lhe doloroso não ter na sua lembrança uma só prova daquela entrega franca e sonhadora que, em seu tempo de solteiro, conhecera em mulheres cuja vida sensual estava fora de dúvidas, mas isso lhe dava a vantagem de excluir a destruição de sua felicidade conjugal por uma terceira pessoa. O comportamento de Ágata parecia portanto uma revolta puramente pessoal contra essa felicidade, e como ela viajara sem o menor sinal do que ia acontecer, dentro de tão pouco tempo não poderia de modo algum mudar assim de intenção, de forma que Hagauer chegou à convicção, que não o abandonaria mais, de que o incompreensível comportamento de Ágata só podia ser explicado como uma daquelas tenta-

ções progressivamente acumuladas de negar a vida, de que se ouve falar em personalidades que ainda não sabem o que querem.

Mas Ágata seria mesmo uma personalidade dessas? Era preciso provar isso, e Hagauer remexia pensativo a barba com o cabo da pena. Habitualmente, ela dava impressão de um “camarada bastante razoável”, como ele dizia, mas, mesmo diante das questões que mais o ocupavam, ela mostrava tamanha indiferença, para não dizer indolência! Na verdade, havia nela alguma coisa que não combinava com ele, nem com outras pessoas e seus interesses; mas também não os contradizia; ela ria, ou ficava séria quando convinha, mas, pensando bem, em todos aqueles anos sempre dera impressão de vagamente distraída. Parecia escutar o que lhe diziam ou explicavam, sem jamais acreditar em nada. Considerando bem, ela lhe parecia morbidamente indiferente. Às vezes, tinha-se a impressão de que nem mesmo percebia o que a rodeava...

E de repente a pena começou, sem ele perceber, a correr sobre o papel em movimentos fortes.

“Você imagina grande coisa”, escreveu ele, “julgar-se boa demais para amar a vida que tenho condições de lhe oferecer, e que, apesar de toda a modéstia, é uma vida pura e plena: sempre a aceitou, penso agora, com desdém. Você se recusou à riqueza do humano e do moral que mesmo uma vida modesta tem a oferecer, e até se eu tivesse de presumir que para você isso se justifique por qualquer razão, não mostrou o desejo de mudança moral, e em vez disso preferiu uma solução artificial e fantasista!”

Ele refletiu mais uma vez. Lembrou os alunos que tinham passado por suas mãos de educador, para encontrar um caso que lhe pudesse dar uma solução; mas antes de ter começado direito com isso, ocorreu-lhe espontaneamente o pedaço dessa reflexão, que até ali sentira faltar com um vago desconforto. Nesse momento, Ágata já não lhe era um caso totalmente pessoal para o qual não havia acesso por vias gerais; pois quando pensava no quanto estava disposta a renunciar sem estar ofuscada por nenhuma paixão especial, para sua alegria chegava invariavelmente à pressuposição básica, conhecida da moderna pedagogia, de que faltavam a ela a capacidade de reflexão objetiva, e o contato espiritual seguro com o mundo! Então, escreveu depressa:

“Provavelmente, também nisso que agora pretende fazer você não sabe direito do que se trata; mas estou prevenindo, antes que tome uma decisão definitiva! Talvez seja o contrário mais estrito de uma pessoa inserida na vida e consciente dela, como eu próprio sou, mas exatamente por isso não deveria apartar-se levemente do apoio que represento!”

Na verdade, Hagauer queria escrever outra coisa. Pois a inteligência de uma pessoa não é uma capacidade isolada e não-relacionada, suas precariedades provocam falhas morais, pois fala-se de imbecilidade moral, assim como falhas morais, o que é mais raramente observado, são capazes de desviar ou cegar a capacidade de entendimento no sentido que lhes agrada! Portanto, Hagauer via diante de seu olho espiritual um tipo bem característico que, inspirado em descrições já feitas, estava inclinado a designar como “tipo especial e no conjunto bastante inteligente de imbecilidade moral que se manifesta apenas por certos sintomas”. Mas não conseguiu empregar aquela expressão reveladora, em parte porque não queria irritar ainda mais a esposa fugitiva, em parte porque habitualmente um leigo interpreta mal tais expressões quando aplicadas a ele. Mas, objetivamente, constatava-se que os fenômenos observa-

dos faziam parte da grande categoria da insanidade, e por fim, nessa oposição entre consciência e cavalheirismo, Hagauer descobriu uma saída, pois os sintomas observáveis em sua mulher, dada a inferioridade geral do sexo feminino, também se podiam designar como idiotia social! Partindo dessa opinião, concluiu sua carta com palavras comovidas. Com a amargura profética do amante e pedagogo desprezado, descreveu a Ágata a perigosa tendência anti-social, carente de senso comunitário, de sua natureza, como sendo uma “variante para menos” que jamais enfrentava enérgica e criativamente os problemas da vida, como “os tempos atuais exigiam das pessoas”, mas “separada da realidade por uma vidraça” persistia num isolamento voluntário, sempre à beira da ameaça patológica.

“Se alguma coisa em mim lhe desagradasse, você deveria ter-se oposto a ela”, escreveu. “Mas a verdade é que sua personalidade não está à altura das energias dos tempos atuais, e foge de suas exigências! Agora que a preveni a respeito de seu caráter”, concluiu, “repito que você precisa mais do que outras pessoas de um apoio confiável. Em seu próprio interesse, peço que volte imediatamente, e declaro que a minha responsabilidade como seu marido me impede de ceder ao seu desejo.”

Antes de assinar, Hagauer releu a carta, achou sua descrição do tipo em questão muito incompleta, mas não modificou mais nada, exceto no fim — resfolegando através dos bigodes, num altivo esforço de pensar sobre sua mulher, ponderando o quanto ainda deveria ser dito sobre a questão dos “novos tempos” —, onde acrescentou um cavalheiresco comentário sobre o precioso legado do honrado pai falecido, no lugar onde escrevera a palavra “responsabilidade”.

Quanto Ágata acabou de ler tudo isso, aconteceu algo singular: o conteúdo dessas declarações não deixou de fazer certo efeito sobre ela. Lentamente, depois de reler mais uma vez o texto, palavra por palavra, em pé, sem se dar tempo de sentar-se, baixou as folhas e estendeu-as a Ulrich, que observava admirado a excitação da irmã.

## ULRICH E ÁGATA PROCURAM POSTERIORMENTE UM MOTIVO

E enquanto Ulrich lia, Ágata observou desanimada seu jogo facial. Ele baixara o rosto sobre a carta, e sua expressão parecia indecisa quanto ao que escolher, zombaria, seriedade, dor ou desprezo. Nesse momento, um grande peso desceu sobre ela; vinha de todos os lados, como se o ar se adensasse num abafamento insuportável, depois de ter reinado, antes, uma leveza artificialmente doce: pela primeira vez, o que Ágata fizera com o testamento do pai oprimia sua consciência. Mas não bastaria dizer que ela de repente se dera conta de onde residia realmente sua culpa; muito antes, sentia culpa em relação a tudo, também ao seu irmão, e sentia um indescritível desencantamento. Tudo o que fizera pareceu-lhe incompreensível. Falara em matar o marido, falsificara um testamento, ligara-se ao irmão sem perguntar se acaso não perturbava a vida dele: fizera tudo isso num estado de embriaguez de sonhos. E, nesse momento, envergonhou-se especialmente porque lhe faltara totalmente o mais imediato e natural pensamento de qualquer mulher que se livra do marido a quem não

ama, que procura alguém melhor ou tenta obter compensação através de empreendimentos de outra espécie, mas igualmente naturais. Muitas vezes, até Ulrich mencionara isso, mas ela nunca dera ouvidos. Agora, estava ali parada sem saber o que ele iria dizer. Seu comportamento pareceu-lhe de tal modo o de uma pessoa realmente incapaz, que deu razão a Hagauer, que à sua maneira lhe dizia o que ela era; e a carta na mão de Ulrich a atingia de modo semelhante ao de uma pessoa que se encontra no banco dos réus e recebe uma carta de um antigo professor, na qual esse afirma o seu desprezo. Naturalmente, ela jamais permitira a Hagauer nenhuma influência sobre si; mesmo assim, era como se ele dissesse: “eu me decepcionei com você!”, ou: “infelizmente nunca me enganei a seu respeito, e sempre senti que você teria um mau fim!”. Necessitada de livrar-se dessa impressão ridícula e dolorosa, ela interrompeu Ulrich prematuramente, enquanto ele ainda lia a carta com atenção e, como parecia, não conseguindo assimilá-la, e disse-lhe, impaciente:

— Na verdade, ele me descreve bastante bem — disse com aparente indiferença, mas com um tom de desafio que revelava claramente o desejo de ouvir o contrário. — E embora ele não diga, é verdade: ou eu estava incapaz de raciocinar quando me casei com ele sem motivo forte, ou estou imbecilizada agora, ao deixá-lo igualmente sem motivo.

Ulrich, que relia pela terceira vez passagens da carta que faziam sua capacidade de imaginação testemunhar involuntariamente a relação íntima com Hagauer, respondeu distraído alguma coisa incompreensível.

— Ora, preste atenção em mim! — pediu Ágata. — Sou uma mulher atualizada, com alguma atividade em negócios ou vida intelectual? Não. Sou uma mulher apaixonada? Também não. Sou uma boa companheira e mãe equilibrada, que simplifica as coisas e constrói um ninho? Muito menos. O que resta, então? Para que estou no mundo? Devo lhe dizer que a sociedade em que nos movemos me é totalmente indiferente. E quase acredito que o que existe em música, literatura e arte, que tanto encanta os meios cultos, também não me faria muita falta. Com Hagauer, por exemplo, não é assim; ele precisa de tudo isso, já para suas citações e alusões. Ele pelo menos dispõe sempre da satisfação e ordem de sua coleção. Portanto, não terá razão acusando-me de que não faço nada, de que me nego “à riqueza do belo e moral”, e de que, quando muito, conseguirei tolerância e compreensão junto do Professor Hagauer?

Ulrich devolveu-lhe a carta e respondeu com calma:

— Vamos encarar a coisa de frente: você, em resumo, é realmente imbecil em questões sociais! — Ele sorria, mas no seu tom sentia-se a irritação que a visão daquela carta íntima lhe causara.

Ágata não gostou da resposta do irmão. Isso aumentava sua dor. E perguntou, numa zombaria tímida:

— Então, se é assim, por que sem me dizer nada insistiu em que eu me divorciasse perdendo meu único protetor?

— Ora, talvez — disse Ulrich, esquivando-se — porque é tão magnificamente simples convivermos nesse tom firme e másculo. Dei um soco na mesa, ele deu um soco na mesa; naturalmente, tive então de bater com mais força ainda. Acho que foi por isso que agi assim.

Até ali, embora seu mau humor a tivesse impedido de notar isso, ela sentira uma selvagem alegria por seu irmão ter secretamente feito o contrário do que revelara



nos tempos de seu fraterno jogo brinçalhão; pois o fato de ele ofender Hagauer aparentemente só podia ter o objetivo de erguer atrás dela um obstáculo que impedisse qualquer volta. Mas agora, também no lugar dessa secreta alegria havia apenas o buraco da perda, e Ágata emudeceu.

— Não podemos ignorar — prosseguiu Ulrich — como Hagauer, ao interpretar você erradamente, quase consegue acertar à sua maneira. Tome cuidado. À sua maneira, sem detetive particular, apenas começando a refletir nas fraquezas de sua relação com a humanidade, ele acabará descobrindo o que você fez com o testamento de papai. E como vamos defendê-la nesse caso?

Pela primeira vez desde que estavam juntos surgiu entre os irmãos o assunto daquela travessura infeliz e feliz que Ágata cometera contra Hagauer. Ela deu de ombros, com veemência, e fez um gesto vago de recusa.

— Naturalmente, Hagauer está com a razão — disse-lhe Ulrich, branda e insistentemente.

— Ele não está com a razão! — retrucou ela, intensa.

— Tem razão em parte! — conciliou Ulrich. — Numa situação tão perigosa temos de admitir algo com toda a franqueza. O que você fez pode nos levar à cadeia.

Ágata fitou-o com olhos arregalados de susto. Na verdade, sabia daquilo, mas nunca fora dito assim, tão às claras.

Ulrich respondeu com um gesto amável.

— E não é o pior — prosseguiu. — Mas como livraremos o que você fez, e a maneira como o fez, da acusação de... — ele procurou uma expressão que servisse e não a encontrou: — Bem, digamos simplesmente que seja um pouco como Hagauer disse: que essa coisa se inclina para o lado das sombras, dos fenômenos singulares, dos erros que nascem de uma carência qualquer. Hagauer representa a voz do mundo, embora soe ridícula na sua boca.

— Agora vem a tabaqueira — disse Ágata, desanimada.

— Sim, ela vem agora — respondeu Ulrich obstinado. — Tenho de lhe dizer uma coisa que me vem oprimindo há muito.

Ágata não o quis deixar falar.

— Não é melhor consertar tudo? — perguntou. — Talvez eu devesse falar bondosamente com ele, e oferecer-lhe algum tipo de desculpa?

— Tarde demais. Ele poderia usar isso agora como instrumento para obrigar você a voltar para ele — explicou Ulrich.

Ágata calou-se.

Ulrich começou a falar na tabaqueira que um homem rico rouba num hotel. Elaborara uma teoria de que havia só três motivos para esse roubo: necessidade, profissão, ou, se nenhuma das duas coisas acontecer, uma tendência espiritual mórbida.

— Quando certa vez falamos disso, você objetou que também se podia fazê-lo por convicção — acrescentou.

— Eu disse que a gente podia simplesmente fazê-lo! — interveio Ágata.

— Muito bem: por princípio.

— Não, não por princípio!

— Pois então, é isso! — disse Ulrich. — Quando se faz uma coisa dessas, é preciso ligar a ela pelo menos uma convicção! Não consigo esquecer isso! Não fazemos nada “simplesmente”; ou há motivos externos ou internos! Pode não ser

fácil separar as duas coisas, mas não vamos filosofar a respeito agora; eu apenas digo: quando se considera certa uma coisa totalmente infundada, ou quando uma decisão nasce do nada, suspeitamos estar sofrendo de alguma tendência doentia ou defeituosa.

Com isso, fora dito algo pior, e bem mais do que Ulrich desejava, correspondendo apenas à direção de suas preocupações.

— É só isso que você tem a me dizer a respeito do caso? — perguntou Ágata tranqüilamente.

— Não, não é tudo — respondeu Ulrich, amargurado. — Quando não se tem motivo, é preciso procurar algum!

Nenhum dos dois duvidava de onde o deviam procurar. Mas Ulrich não queria isso e depois de um breve silêncio disse, pensativo:

— No momento em que você romper a harmonia com os outros, não saberá mais, por toda a eternidade, o que é bom ou mau. Se quer ser boa, terá de estar convencida de que o mundo é bom. E nós dois não estamos convencidos disso. Vivemos num tempo em que a moral está se dissolvendo ou contorcendo-se. Mas por amor a um mundo que ainda está por vir, devemos nos manter puros!

— Então você acha que isso tem alguma influência, o fato de esse mundo vir ou não? — objetou Ágata.

— Não, infelizmente não creio nisso. Quando muito, acredito que se também as pessoas que vêm isso não agem direito, ele certamente não sobreviverá, e não se poderá deter a decadência!

— Mas de que lhe adianta que em quinhentos anos as coisas sejam diferentes ou não?

Ulrich hesitou.

— Eu cumpro meu dever, entende? Talvez como um soldado. Provavelmente Ágata precisava, naquela infeliz manhã, de um consolo diferente

e mais terno, do que o que Ulrich lhe estava dando; por isso, respondeu:

— No fim, apenas como o general? Ulrich ficou calado.

Ágata não quis parar.

— Você não tem certeza de que esse seja seu dever — continuou. — Apenas o faz porque é assim, e porque lhe dá alegria. Eu mesma não fiz outra coisa!

De repente, ela perdeu o controle. Alguma coisa era muito triste. Estava com lágrimas nos olhos, a garganta sufocada por um violento soluço. Para esconder isso, e não se expor aos olhos do irmão, ela passou os braços pelo pescoço dele e ocultou o rosto no seu ombro. Ulrich sentiu que ela chorava, e que suas costas tremiam. Foi assaltado por um constrangimento incômodo: sentiu que esfriava. Por mais ternos e felizes que fossem seus sentimentos pela irmã, naquele momento, em que devia se comover, deixavam de existir. Sua emoção estava perturbada, e não agia. Ele acariciou Ágata e sussurrou algumas palavras de consolo, mas contrariado. E como faltasse a excitação espiritual, o toque dos dois corpos pareceu-lhe o toque de dois feixes de palha. Então, pôs fim a isso, levando Ágata até uma cadeira, e sentando-se noutra, a alguns passos dela. E respondeu ao que ela objetara:

— A história do testamento não lhe dá alegria nenhuma! E nunca lhe dará alegria, porque foi incorreta!

— Correção? — exclamou Ágata em prantos. — Dever?

Na verdade estava perplexa porque Ulrich agia com tanta frieza. Mas já sorria de novo. Entendia que teria de se ajeitar sozinha. Tinha a sensação de que o sorriso que conseguia mostrar pairava longe de seus lábios gelados. Ulrich, por seu lado, estava agora livre do constrangimento, achou até mesmo bonito não ter sentido a habitual emoção física ao contato dela; pensou que também isso entre eles deveria ser diferente. Mas não teve tempo de refletir no assunto, pois viu que Ágata estava muito deprimida, e por isso começou a falar.

— Não se ofenda com as palavras que usei — pediu. — E não me leve a mal! Provavelmente estou errado escolhendo palavras como correção e dever. Elas parecem um sermão. Mas por que — interrompeu-se de novo —, por que, com o diabo, desprezamos os sermões? Eles deveriam ser a nossa maior felicidade!

Ágata não teve vontade de responder. Ulrich desistiu da pergunta.

— Não pense que quero bancar o justo diante de você! — pediu. — Eu não quis dizer que não faço nada de ruim. Apenas não gosto de fazer nada escondido. Gosto dos assaltantes da moral, não dos ladrões furtivos. Portanto, gostaria de transformar você numa assaltante moral — brincou — e não lhe permito falhar por fraqueza!

— Para mim, isso não é um ponto de honra! — disse sua irmã, por trás daquele sorriso tão distante de seu rosto.

— É incrivelmente divertido que haja tempos como estes nossos, em que todos os jovens simpatizam com o mal! — interveio ele, rindo, para desviar a conversa do terreno pessoal. — Essa predileção atual pelo moralmente horrível é uma fraqueza. Provavelmente, uma sociedade burguesa com o bem, que está desgastado: eu próprio pensei originalmente que era preciso dizer *não* a tudo; todos os que hoje têm entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos pensaram assim; mas naturalmente era só uma espécie de moda. Posso imaginar que, agora, em breve virá uma mudança, e com ela uma juventude que em vez da imoralidade vá colocar outra vez a moralidade na lapela. Os burros mais velhos, que nunca na vida sentiram o que há de excitante na moral, e eventualmente apenas produziram lugares-comuns morais, de repente serão precursores e pioneiros de um novo caráter!

Ulrich levantara-se e andou inquieto de um lado para outro.

— Talvez pudéssemos dizer assim — sugeriu —: o bem é quase lugar-comum, pela sua natureza, o mal continua sendo crítica! O imoral conquista seu direito celeste como crítica drástica do moral! Mostra-nos que a vida também é possível de outro jeito. Pune as mentiras. Em troca, nós lhe agradecemos com certa tolerância! Que pessoas cujo encanto está acima de qualquer suspeita falsifiquem testamentos, devia provar que alguma coisa anda errada com a intocabilidade da propriedade. Talvez isso nem precise de prova; mas aí começa a tarefa: pois temos de imaginar, para cada tipo de crime, um criminoso desculpável, até em casos de infanticídio e outras coisas pavorosas...

Ele tentara apanhar em vão o olhar da irmã, embora a provocasse mencionando o testamento. Ela fez um involuntário gesto de recusa. Não era uma teórica, só conseguia desculpar seu próprio crime, e na verdade sentia-se mais uma vez ofendida pela comparação de Ulrich.

Ulrich riu.

— Parece uma brincadeira mas tem sentido brincar dessa maneira — assegurou ele. Prova que alguma coisa está errada na avaliação de nosso ato. E não está certo:

— você própria, numa sociedade de falsificadores de testamentos, certamente seria a favor da inviolabilidade de determinações legais; apenas numa sociedade de justos isso se dilui e distorce. Se Hagauer fosse um canalha, você até seria ardentemente justa; é uma infelicidade ele ser decente! E assim, somos empurrados de um lado para outro! Ele esperou uma resposta que não veio; então deu de ombros e repetiu:

— Procuramos um motivo para você. Constatamos que as pessoas honestas, ainda que só em fantasia, gostam de cometer crimes. Podemos acrescentar que em contrapartida os criminosos, quando os ouvimos falar, quase sem exceção gostariam de passar por gente honesta. Portanto, poderíamos definir: crimes são, nos senhores pecadores, a união de tudo o que as outras pessoas deixam vazar em pequenas irregularidades, quer dizer, na fantasia e em mil maldades e patifarias cotidianas do caráter. Podia-se dizer também: os crimes estão no ar e apenas procuram um caminho de mínima resistência que os leve a determinadas pessoas. Podia-se dizer até que também são ações de indivíduos incapazes da moral, mas principalmente são expressão condensada de uma generalizada falha humana na distinção entre bem e mal. É isso que, desde a juventude, nos encheu de críticas que nossos contemporâneos não superaram!

— Mas o que é o bem e o mal? — disse Ágata sem que Ulrich notasse que a atormentava com sua franqueza.

— Bom, isso eu não sei! — respondeu ele, rindo. — Só há pouco notei, pela primeira vez, que detesto o mal. Realmente não o sabia até hoje, não nessa medida. Ah, Ágata, você não faz idéia de como é isso — lamentou-se pensativo. — Por exemplo, a ciência! Para um matemático, para dizer de maneira simples, menos cinco não é pior do que mais cinco. Um pesquisador não deve temer nada, e em certas circunstâncias alegra-se mais com um belo caso de câncer do que com uma bela mulher. Quem sabe, sabe que nada é verdade e toda a verdade está no fim dos dias. A ciência é amoral. Todo esse magnífico penetrar no desconhecido nos desabituia de uma lida pessoal com nossa consciência, nem ao menos nos deixa a satisfação de levá-la inteiramente a sério. E a arte? Ela não significa criar quadros o tempo todo, quadros que não combinam com a vida? Não falo do falso idealismo, nem da opulência dos nus artísticos em tempos em que se vive vestido até o nariz — brincou ele novamente. — Mas pense numa verdadeira obra de arte: você nunca teve a sensação de que alguma coisa nela recorda o cheiro de queimado que brota de uma faca quando a afiamos na pedra? Um cheiro cósmico, meteórico, tempestuoso, divinamente sinistro!

Esse foi o único momento em que Ágata o interrompeu por impulso próprio.

— Você não fazia poemas antigamente? — perguntou.

— Você ainda se lembra? Quando foi que lhe confessei isso? — perguntou Ulrich. — Sim, todos fazemos poemas alguma vez. Eu os fiz até quando já era matemático — admitiu ele. — Mas, quanto mais velho fui ficando, mais eles pioravam; e acho que não foi tanto por falta de talento como por crescente repulsa contra o não-ordenado e contra o romantismo cigano dessa divagação sentimental...

Sua irmã apenas balançou de leve a cabeça, mas Ulrich notou.

— Sim! — teimou ele. — Um poema não deve ser apenas um estado de exceção, assim como um ato de bondade não o deve ser! Mas, se posso perguntar, para onde vai o momento de exaltação, no momento seguinte? Você ama poesia, eu sei; mas o que quero dizer é que não se pode ter apenas cheiro de queimado no nariz até que ele se desfça. Essa postura incompleta corresponde exatamente ao comportamento que, na moral, se esgota numa crítica incompleta. — E de repente, voltando

ao principal, ele respondeu à irmã: — Se eu me portasse, nesse caso Hagauer, como você hoje espera de mim, eu deveria ser cético, indiferente e irônico. Os filhos virtuosíssimos que você e eu talvez ainda possamos ter dirão então de nós que pertencemos a uma época burguesa muito protegida, que não se preocupava com nada, ou quando muito tinha preocupações supérfluas. E já nos esforçamos tanto com nosso convencimento!

Provavelmente, Ulrich ainda pretendia dizer muita coisa; na verdade, apenas hesitava com o trunfo que preparara para a irmã, e teria sido bom que lhe revelasse isso. Pois, de repente, ela se levantou, e dispôs-se a sair de casa com um breve pretexto.

— Então sou mesmo moralmente idiota? — perguntou, numa vã tentativa de brincar. — Não consigo mais acompanhar suas objeções!

— Nós dois somos moralmente idiotas! — assegurou Ulrich educadamente. — Nós dois! — E ficou um tanto aborrecido com a pressa com que sua irmã o deixava sem dizer quando voltaria.

## 31

### ÁGATA QUER SE SUICIDAR E CONHECE UM HOMEM

Na verdade, ela saíra depressa porque não queria expor mais uma vez ao irmão as lágrimas que mal podia conter. Estava triste como alguém que perdeu tudo. Por que, não sabia. Aquilo viera enquanto Ulrich falava. Por que, não sabia também. Ele deveria ter feito outra coisa, ao invés de falar. O que, não sabia. Ele tinha razão não levando a sério a “tola coincidência” da irritação dela com a carta e continuando a falar como sempre fazia. Mas Ágata tinha de fugir.

No começo, tivera apenas necessidade de correr. Correu para fora da casa. Se o curso das ruas a obrigava a desvios, ela mantinha a direção. Estava fugindo; da mesma maneira que homens e animais fogem de uma catástrofe. Por que, não se indagava. Só quando se cansou viu claramente o que pretendia: não voltar mais!

Queria caminhar até anoitecer. A cada passo mais longe de casa. Pressupunha que quando parasse na fimbria da noite também sua decisão estaria tomada. Era a decisão de se matar. Na verdade, nem era decisão de matar-se, mas a expectativa de que à noite estaria pronta. Um desesperado redemoinho e agitação em sua cabeça, atrás dessa expectativa. Nem ao menos carregava consigo algo para se matar. Sua pequena cápsula de veneno estava em algum lugar numa gaveta ou mala. De sua morte, apenas o desejo estava pronto, o anseio de não ter mais de retornar. Queria sair andando da vida. Por isso andava. A cada passo, andava para fora da vida.

Quando se cansou, teve nostalgia de campinas e florestas, de andar no silêncio e ao ar livre. Mas até lá era preciso seguir de condução. Tomou um bonde. Fora educada a controlar-se diante de estranhos. Por isso, não se notou nenhuma excitação em sua voz quando pagou a passagem e pediu indicações. Sentou-se calma, ereta, nem um dedo tremia. E enquanto estava assim sentada, vieram-lhe os pensamentos. Teria sido melhor se pudesse se desesperar; com os membros contidos, esses pensamentos

pareciam grandes embrulhos que tinha de tentar passar em vão por alguma abertura. Censurava Ulrich pelo que dissera. Não queria censurá-lo. Não se dava o direito a isso. O que ele tinha dela, afinal? Ela lhe roubava o tempo, e não lhe dava nada em troca; perturbava seu trabalho e seus hábitos de vida. Pensando em seus hábitos, sentiu dor. Enquanto estava na casa, aparentemente nenhuma outra mulher entrara lá. Ágata estava certa de que seu irmão precisava ter sempre uma mulher. Portanto, por causa dela ele se dominava. E como não o podia compensar de modo algum, era egoísta e má. Nesse momento, teria gostado de voltar e lhe pedir docemente que a perdoasse. Mas então lembrou novamente como ele fora frio. Obviamente arrependia-se de a ter aceitado: quantas coisas não tinha dito e projetado antes de se farta dela! Agora, nem falava mais nisso. A grande decepção que viera com a carta martirizava outra vez o coração de Ágata. Sentia ciúme. Um ciúme vulgar e sem sentido. Queria impor-se ao irmão e sentia a apaixonada e impotente amizade da pessoa que esbarra numa rejeição. “Por ele eu roubaria, ou me jogaria na vida!”, pensou, e reconheceu que era ridículo, sem poder evitar. Diante disso, as conversas de Ulrich, com suas piadas e sua superioridade aparentemente imparcial, eram como um escárnio. Ela admirava essa superioridade e todas as necessidades espirituais que superavam as dela. Mas não entendia por que todos os pensamentos deveriam valer sempre igualmente para todas as pessoas! No seu opróbrio, ela pedia consolo humano, e não ensinamentos abstratos! Não queria ser valente! E depois de algum tempo acusou-se por ser como era, e aumentou sua dor imaginando que não merecia nada melhor que a indiferença de Ulrich.

Essa diminuição de si mesma, para a qual nem o comportamento de Ulrich nem a carta de Hagauer deram motivo suficiente, era uma explosão de seu temperamento. Tudo o que Ágata até aqui sentira, no breve tempo desde sua meninice, como fracasso seu diante das exigências da vida social, fora causado porque passara aquele tempo sem viver suas tendências mais íntimas, ou até vivendo contra elas. Eram tendências para entrega e confiança, pois jamais se sentira tão à vontade na solidão quanto o irmão; mas se até ali lhe fora impossível entregar-se com toda a alma a uma pessoa ou causa, era porque ela trazia em si a possibilidade de uma entrega maior, não importava se essa estendesse os braços para o mundo ou Deus! Um conhecido caminho para entregar-se a toda a humanidade é não suportarmos nosso vizinho, e da mesma forma pode surgir um oculto e fervoroso anseio por Deus quando um tipo associativo foi provido de um grande amor: nesse sentido, o criminoso religioso não é um absurdo maior do que a velhota religiosa que não encontrou marido, e o comportamento de Ágata contra Hagauer, que tinha o caráter absurdo de postura egoísta, era igualmente a explosão de uma vontade impaciente e da intensidade com que ela se acusava de ter sido despertada para a vida através do irmão e de, na sua fraqueza, perdê-la novamente.

Ágata não agüentou muito tempo naquele bonde vagaroso; quando as casas na margem do caminho começaram a se tornar mais baixas e rurais, ela deixou o carro e cumpriu a pé o resto do trajeto. Os portões estavam abertos, através deles e sobre cercas baixinhas viam-se artesãos, animais, e crianças que brincavam. O ar estava repleto de uma paz em cuja amplidão soavam vozes e ferramentas; com os movimentos doces e irregulares de uma borboleta moviam-se aqueles sons no ar translúcido, enquanto Ágata se sentiu deslizar como uma sombra por tudo aquilo, até a encosta próxima, coberta de vinhedos e bosques. Mas parou uma vez, diante de um pátio

onde havia uma tanoaria e o bom rumor de martelos golpeando madeira de tonéis. Ela sempre gostara de assistir a esse bom trabalho, divertindo-se com a modesta atividade manual, plena de sentido e reflexão. Também dessa vez não se cansava do ritmo dos malhos e dos movimentos dos homens que andavam ao redor. Por momentos esqueceu sua mágoa, mergulhando numa ligação agradável e despreocupada com o mundo. Sempre sentira admiração por pessoas capazes de fazer uma coisa tão variada e natural, nascida de uma necessidade geralmente reconhecida. Apenas ela própria não queria trabalhar, embora tivesse muitos talentos espirituais e úteis. A vida estava completa também sem ela. E de repente, antes de perceber direito a relação, ouviu toques de sinos e só com esforço impediu-se de chorar outra vez. A igreja do subúrbio estava tocando seus dois sinos há muito tempo, mas só agora Ágata o notava, e no mesmo momento foi dominada pela noção de como esses tons inúteis, apartados da boa terra fértil, que voavam apaixonadamente pelos ares, se pareciam com sua própria vida.

Retomou depressa seu caminho e, acompanhada pelos sons que não lhe saíam mais dos ouvidos, passou rapidamente pelas últimas casas, chegando à colina cujas encostas começavam cobertas de vinhedos e arbustos que ladeavam as veredas, enquanto lá em cima a floresta acenava, verde-clara. Agora, sabia o que a atraía, e era um belo sentimento, como se a cada passo entrasse mais fundo na natureza. Seu coração batia de encantamento e esforço quando por vezes parava e se assegurava de que os sinos ainda a acompanhavam, embora ocultos nos ares, quase inaudíveis. Pareceu-lhe que nunca ouvira sinos batendo no meio do seu cotidiano sem nenhum motivo solene ou especial, democraticamente misturados aos afazeres naturais e óbvios. De todas as línguas daquela cidade de mil vozes, era essa que lhe falava por último, e algo nisso a arrebatava, como se a quisesse erguer do solo e lançar montanha acima, mas depois a soltava e perdia-se num pequeno ruído metálico que não se sobrepunha aos outros rumores da terra, chilreios, rosnados ou farfalhar de copas. Ágata devia ter subido e caminhado assim cerca de uma hora, quando de repente se viu diante daquele bosquezinho de que se lembrava. Rodeou uma sepultura esquecida à beira da mata, onde há quase cem anos um poeta se suicidara e, segundo sua última vontade, fora também enterrado. Ulrich dissera que não tinha sido um bom poeta, embora famoso, e a poesia um tanto míope que se expressa no pedido de ser *enterrado num belvedere* lhe provocara duras críticas. Mas Ágata gostava da inscrição na grande lápide, desde quando, num passeio, tinham decifrado juntos suas belas letras Biedermeier lavadas e apagadas pela chuva; e curvou-se sobre as correntes negras, feitas de elos graúdos e angulosos, que rodeavam o quadrado da morte isolando-o da vida.

“Eu não vos signifiquei nada”, mandara o poeta colocar em sua tumba, e Ágata pensou que o mesmo se podia dizer dela. Esse pensamento, à beira de um bosque, sobre os verdes vinhedos e a cidade estranha e imensurável que balouçava lentamente ao sol da manhã sua cauda de fumaça, comoveu-a mais uma vez. Ajoelhou-se sem pensar, e encostou a testa numa das colunas de pedra que sustentavam as correntes; a posição inusitada e o toque frio da pedra imitavam a paz hirta e abúlica da morte que esperava por ela. Tentou concentrar-se. Mas não o conseguiu logo: em seu ouvido entravam cantos de pássaros, havia tantos sons diferentes que ela se surpreendeu; galhos moviam-se, e, como ela não notasse o vento, pareceu-lhe que as próprias árvores agitavam seus ramos; ouviram-se passinhos leves no súbito silêncio; a pedra que tocava, repousando sobre ela, era tão lisa como se houvesse entre ela e sua testa um pedaço de gelo impedindo um toque completo. Só algum tempo depois entendeu que

naquilo que a distraía expressava-se exatamente o que queria perceber, aquele sentimento fundamental de ser supérflua; e, se o quisermos designar da maneira mais simples, devemos dizer que a vida seria tão completa sem Ágata que ela nada tinha a fazer ou procurar ali. Esse sentimento cruel no fundo não era desesperado nem magoado, apenas um ouvir e ver, como Ágata sempre fizera, mas sem nenhum impulso ou sequer a possibilidade de participar. Havia nessa exclusão quase uma sensação de abrigo, assim como há um espanto que esquece de fazer qualquer indagação. Daria no mesmo se ela fosse embora. Para onde? Devia haver um “onde”. Ágata não era dessas pessoas nas quais também a convicção da insignificância de todas as fantasias causasse satisfação semelhante à abstinência belicosa ou astuciosa com a qual aceitamos nosso insatisfatório destino. Ela era generosa e espontânea nesses assuntos, não como Ulrich que causava as maiores dificuldades às suas emoções para proibir-se de tê-las, se não suportassem a prova. É que ela era tola! Sim, dizia isso a si mesma. Não queria refletir! Obstinação, premiu a testa baixada contra as correntes de ferro que cederam um pouco e depois resistiram, esticadas. Nas últimas semanas ela começara a acreditar novamente em Deus, de alguma forma, mas sem pensar nele. Certos estados em que o mundo sempre lhe parecera diferente do que parecia ser, como se ela não vivesse mais excluída mas mergulhada numa radiante convicção, tinham sido levados por Ulrich à beira de uma metamorfose interior e de uma transformação completa. Ela teria sido livre, disposta a imaginar um Deus que abre seu mundo como quem abre um esconderijo. Mas Ulrich dizia que não era preciso, quando muito faria mal imaginar mais do que se podia experimentar. E decidir isso era assunto para ele. Mas então, teria de guiá-la, sem a abandonar. Ele era a soleira entre duas vidas, e toda a nostalgia que ela sentia por uma delas, e toda a fuga da outra, levava primeiro a ele. Ela o amava na maneira despudorada com que se ama a vida. De manhã, ele despertava em todos os membros dela, quando abria os olhos. Também agora fitava-a do escuro espelho da sua dor: e só então Ágata lembrou outra vez que queria se matar. Tinha a sensação de ter fugido de casa por birra, em direção de Deus, quando saíra com o propósito de se matar. Mas o propósito agora devia ter-se esgotado, voltando à sua origem, que era ter sido magoada por Ulrich. Estava zangada com ele, ainda sentia isso, mas os pássaros cantavam e ela voltou a escutá-los. Estava tão confusa como antes, mas agora de uma confusão alegre. Queria fazer alguma coisa que atingisse a Ulrich, não apenas a ela. A rigidez infinita em que estivera ali ajoelhada cedeu ao calor do sangue que lhe jorrava vivo nas veias enquanto se levantava do chão.

Quando ergueu os olhos havia um cavalheiro junto dela. Ágata encabulou, pois não sabia há quanto tempo ele a observava. Quando seu olhar, ainda obscurecido pelo nervosismo, pousou no dele, ela notou que o homem a contemplava com franco interesse, e parecia querer inspirar-lhe confiança: o cavalheiro era alto e magro, usava roupa escura, uma barba loura e curta cobria queixo e faces. Debaixo dessa barba notavam-se lábios macios, levemente recurvados, num contraste tão juvenil com os cabelos grisalhos que já se misturavam em boa porção com o louro, como se a idade os tivesse esquecido ali debaixo dos pêlos. Aliás, aquele rosto não era fácil de decifrar. A primeira impressão fazia pensar num professor de segundo grau; a severidade do rosto não era recortada em madeira dura, mas parecia algo macio que se tivesse enrijecido por pequenos aborrecimentos cotidianos. Mas partindo dessa macieza sobre a qual a barba viril parecia implantada apenas para satisfazer a ordem à qual seu dono se adap-



tara, notava-se nessa tendência original, talvez feminina, detalhes quase ascéticos na forma, certamente criados por uma vontade sempre ativa sobre aquele material suave. Ágata não compreendeu o que via, atração e repulsa equilibravam-se nela, apenas entendeu que o homem a queria ajudar.

— A vida oferece tantas oportunidades para fortalecer a vontade quanto para enfraquecê-la; nunca se deve fugir das dificuldades, mas tentar dominá-las! — disse o estranho e, para ver melhor, limpou os vidros dos óculos, que se haviam embaçado. Ágata o fitou, espantada. Ele devia tê-la observado bastante tempo, pois aquelas palavras brotavam de um diálogo interior. Nisso, ele se sobressaltou e ergueu o chapéu para recuperar a cortesia que não se podia esquecer; mas logo se dominou outra vez e prosseguiu:

— Perdoe se pergunto: acaso posso ajudar? — disse. — Parece-me que é mais fácil confiar a um estranho uma dor, ou mesmo um profundo abalo do eu, como o que estou vendo aqui!

Notava-se que o estranho falava com esforço; parecia ter cumprido um dever de caridade, metendo-se com aquela bela mulher, e agora que andavam lado a lado, lutava com as palavras. Pois Ágata simplesmente se levantara e começara a afastar-se lentamente da sepultura, em companhia dele, saindo do meio das árvores para o ar livre à beira das colinas, sem se decidirem por um daqueles caminhos que levavam para baixo, nem qual das encostas seguiriam. Caminharam ao longo da crista da colina por algum tempo, conversando, depois voltaram e depois seguiram outra vez na primeira direção; nenhum dos dois sabia aonde o outro pretendia ir, mas desejava levar isso em conta.

— Não quer me dizer por que estava chorando? — repetiu o estranho com a branda voz do médico que pergunta onde está doendo. Ágata sacudiu a cabeça.

— Eu não saberia explicar facilmente — disse, e de repente pediu: — Mas responda-me outra pergunta: o que lhe dá certeza de que pode me ajudar sem me conhecer? Eu acredito muito mais que não se pode ajudar a ninguém!

Seu acompanhante não respondeu logo. Tentou falar várias vezes mas parecia que se obrigava a esperar. Por fim, disse:

— Provavelmente só se pode ajudar alguém cujo sofrimento um dia vivemos pessoalmente.

E calou-se. Ágata riu da idéia de que aquele homem pudesse pretender ter sofrido o mesmo que ela, pois esse sofrimento haveria de lhe causar repulsa. O outro pareceu ignorar seu riso, ou considerá-lo arte dos nervos. Refletiu e disse calmamente:

— Naturalmente não quero dizer que a gente possa pretender mostrar a alguém como agir. Mas, veja: o medo de uma catástrofe contagia, e... ter escapado também contagia! Falo em simplesmente ter escapado, como num incêndio. Todos perderam a cabeça e correm para dentro das chamas. Que incrível ajuda alguém estar parado de fora acenando, sem fazer nada senão acenar e gritar-lhes, sem que o entendam, que há uma saída...

Ágata quase riu outra vez dessas idéias terríveis que aquele bondoso homem cultivava, mas exatamente porque não combinavam com ele pareciam quase sinistras no seu rosto de cera macia.

— O senhor fala quase como um bombeiro! — disse ela e propositadamente imitou o jeito provocante e superficial de uma dama, para disfarçar a curiosidade. —

Mas deve ter imaginado a catástrofe em que eu me encontro! — Sem que ela quisesse, notava-se a seriedade dessa zombaria, pois a simples idéia de que aquele homem queria ajudar a deixava indignada pela gratidão que sentia. O estranho a fitou espantado, depois controlou-se e respondeu quase em tom de censura:

— Provavelmente a senhorita é jovem demais para saber que nossa vida é muito simples. Só se torna insuperavelmente confusa quando pensamos em nós mesmos; no momento em que não pensamos em nós, mas perguntamos como ajudar aos outros, ela se torna muito simples!

Ágata calou-se e refletiu. E, fosse pelo seu silêncio ou pela animadora amplidão na qual as palavras dele voavam, o estranho continuou falando sem a fitar:

— A supervalorização do pessoal é uma superstição moderna. Hoje em dia, se fala tanto da cultura da personalidade, de viver intensamente, e de afirmação da vida. Mas com essas palavras ambíguas e obscuras seus apologistas apenas revelam que precisam das névoas para ocultarem o verdadeiro sentido da sua revolta! O que deverão afirmar? Tudo junto e misturado? Evolução é sempre ligada a uma pressão contrária, disse um pensador americano. Não podemos desenvolver um lado de nossa natureza sem deter o crescimento do outro. E o que deverá ser vivido intensamente? O espírito ou os instintos? Os caprichos ou o caráter? O egoísmo ou o amor? Se nossa natureza mais elevada deve viver intensamente, a mais baixa deverá aprender a obedecer e renunciar.

Ágata refletiu no motivo por que seria mais fácil cuidar de outros do que de si mesmo. Era daquelas naturezas nada egoístas que pensam sempre em si mas não cuidam de si, e isso está muito mais distante do egoísmo comum, preocupado com vantagens, do que do satisfeito altruísmo dos que cuidam dos outros. Assim, o que seu acompanhante dizia era-lhe estranho já na raiz, mas de alguma forma a atingia, e as palavras isoladas, tão energicamente pronunciadas, moviam-se inquietantes diante dela, como se seu significado estivesse mais no ar para ser visto do que ouvido. Além disso, seguiam ao longo de uma crista de colina que abria para Ágata uma belíssima vista sobre o profundo vale, enquanto para seu companheiro obviamente a visão parecia um púlpito de igreja ou cátedra. Ela parou, e, com o chapéu que balouçara o tempo todo negligentemente na mão, interrompeu a fala do desconhecido:

— Então o senhor imaginou alguma coisa a meu respeito: vejo essa imagem transparecer, e não é muito lisonjeira!

O senhor alto assustou-se, pois não a tinha querido ofender, e Ágata o encarou, rindo amavelmente.

— O senhor parece me confundir com o direito da livre personalidade. E ainda por cima uma personalidade um tanto nervosa e bastante desagradável! — afirmou ela.

— Eu apenas falava da condição fundamental da vida pessoal — desculpou-se ele — e, pelo estado em que a senhorita se encontrava, tive a sensação de que talvez a poderia ajudar com algum conselho. A condição básica da vida é hoje muito mal interpretada. Todo o nervosismo moderno com seus excessos vem apenas de uma atmosfera interior mole, na qual falta a firme vontade, pois sem um esforço especial da vontade ninguém consegue unidade e tenacidade que o levem acima da escura confusão do organismo!

Novamente duas palavras, unidade e tenacidade, que eram como lembrança da nostalgia e autocensura de Ágata.

— Explique-me o que entende por isso — pediu. — Só pode haver vontade quando já se tem objetivo!

— O que quero dizer não importa! — respondeu ele num tom ao mesmo tempo brando e brusco. — Os grandes lemas da humanidade já não dizem com insuperável clareza o que se deve fazer ou deixar de fazer?

Ágata estava atônita.

— Para construirmos os ideais de vida básicos — explicou seu acompanhante — é preciso um conhecimento tão penetrante da vida e da humanidade, e ao mesmo tempo uma superação tão forte das paixões e do egoísmo, que poucas personalidades o conseguiram no curso dos milênios. E esses mestres da humanidade reconheceram em todos os tempos a mesma verdade.

Ágata tentou defender-se sem querer, como qualquer pessoa que considera sua jovem carne e sangue melhores do que os ossos de sábios mortos.

— Mas leis humanas que surgiram há milhares de anos não podem combinar com as condições atuais! — exclamou.

— Não estão tão longe delas como afirmam os cétricos, afastados da experiência viva e do autoconhecimento! — respondeu seu companheiro casual, com uma amarga satisfação. — Uma profunda verdade da vida não se transmite com debates, já Platão disse isso. O homem a percebe como sentido e plenitude vivos de si mesmo! Acredite, o que realmente liberta o ser humano, e o que lhe rouba a liberdade, o que lhe dá verdadeira felicidade e a anula, não se submete ao progresso, qualquer pessoa sincera sabe disso muito bem em seu coração, desde que o escute!

A expressão “sentido vivo” agradou a Ágata, mas ela tivera uma idéia inesperada:

— Acaso o senhor é religioso? — perguntou ela. Encarou o acompanhante, curiosa. Ele não respondeu. — Quem sabe o senhor é padre? — repetiu ela e tranqüilizou-se vendo sua barba, porque de repente o resto da figura parecera capaz de lhe dar uma surpresa dessas. É preciso admitir em seu favor que sua surpresa não seria maior se o estranho tivesse dito de passagem nessa conversa: “Nosso nobre soberano, o Divino Augusto”: ela sabia que a religião desempenha um grande papel na política, mas estamos tão habituados a não levar a sério as idéias que servem à opinião pública, que a suspeita de que os partidos da fé constassem de pessoas crentes pode facilmente parecer tão exagerada quanto a exigência de que um funcionário dos correios seja filatelista.

Depois de uma longa pausa vagamente insegura, o estranho retrucou:

— Eu preferiria não responder à sua pergunta; a senhorita está longe demais de tudo isso.

Mas Ágata fora dominada por uma viva ansiedade.

— Eu queria saber quem o senhor é! — pediu, e era um direito feminino ao qual dificilmente se poderia resistir. Mais uma vez notou-se no estranho aquela insegurança um pouco ridícula de antes, quando a cumprimentara com tanto atraso tirando o chapéu; pareceu ter cócegas no braço e querer tirar novamente o chapéu, mas depois enrijeceu, um exército de pensamentos pareceu combater, vencendo, finalmente, em vez de coisas simples acontecerem com naturalidade.

— Meu nome é Lindner, e sou professor do Ginásio Francisco-Ferdinando — respondeu ele, e acrescentou depois de refletir brevemente: — Também sou professor na Universidade.

— Então quem sabe conhece meu irmão? — perguntou Ágata contente e deu o nome de Ulrich. — Se não me engano, há pouco ele falou sobre matemática e humanidade ou coisa assim, na Sociedade Pedagógica.

— Só o conheço de nome. Sim, assisti à conferência — admitiu Lindner. Ágata achou que havia alguma repulsa nessa resposta, mas esqueceu disso diante do que seguiu:

— O senhor seu pai era o famoso jurista? — perguntou Lindner.

— Sim, ele morreu há pouco tempo, agora moro com meu irmão — disse Ágata espontaneamente. — Não quer nos visitar um dia desses?

— Infelizmente, não tenho tempo para vida social — respondeu Lindner bruscamente, com olhos baixos, inseguro.

— Mas então não haverá de protestar se eu o visitar alguma vez — disse Ágata sem se importar com a resistência dele. — Preciso de conselho! — Ele ainda a chamava de senhorita. — Eu sou senhora — disse ela —, e me chamo Hagauer.

— Então é a esposa do meritório pedagogo Hagauer? — exclamou Lindner. Ele começara a frase com grande encantamento, mas, no fim, abafou essa alegria. Pois Hagauer era duas coisas: um pedagogo, e progressista; Lindner na verdade não apreciava suas idéias, mas como é estimulante quando, nos nevoeiros incertos de uma psique feminina que acaba de ter a inaudita idéia de visitar um homem em sua casa, se descobre um inimigo tão familiar: foi a transição da segunda para a primeira das impressões que se repetiu no tom da sua pergunta.

Ágata notara isso. Não sabia se devia dizer a Lindner quais as suas atuais relações com o marido. Talvez tudo acabasse instantaneamente entre ela e seu novo amigo, se lhe contasse; tinha nitidamente essa impressão. Teria lamentado muito; pois exatamente porque Lindner despertava por muitos motivos seu desejo de zombar, também lhe despeitava confiança. A impressão confiável, apoiada pela aparência dele, de que não queria nada para si mesmo, estranhamente a forçava a ser sincera: acalmava todos os anseios, e a sinceridade vinha por si.

— Estou na iminência de me divorciar — confessou ela por fim. Seguiu-se um silêncio; Lindner pareceu abatido. Ágata o achou miserável de mais. Por fim, sorrindo magoado, Lindner disse:

— Logo que a encontrei imaginei algo parecido!

— Então vai ver que também é contra o divórcio! — exclamou Ágata liberando sua indignação. — Claro, tem de ser. Mas, sabe, é bastante retrógrado de sua parte!

— Ao menos, não o consigo achar tão natural quanto a senhora! — defendeu-se Lindner, pensativo, tirou os óculos, limpou-os, colocou-os outra vez, e contemplou Ágata. — Acho que a senhora tem pouca força de vontade — constatou.

— Vontade? pois eu tenho vontade de me divorciar! — exclamou Ágata e viu que não era boa resposta.

— Isso não se deve interpretar assim — censurou Lindner brandamente. — Admito que a senhora tenha bons motivos. Mas penso de outro modo: posta em prática, a moral livre, como a de hoje, sempre é sinal de que um indivíduo está firmemente amarrado ao seu eu, incapaz de viver e agir em horizontes mais amplos. Os poetas — acrescentou cheio de inveja, tentando brincar com a fervorosa peregrinação de Ágata, e suas palavras tornaram-se bastante azedas — que agradam aos sentidos das jovens damas, e por isso são por elas supervalorizados, naturalmente têm

vida mais fácil do que eu quando lhe digo que o casamento é a instituição da responsabilidade e do domínio do homem sobre as paixões! Mas antes que um indivíduo se liberte dos meios exteriores de proteção que a humanidade erigiu, numa correta auto-avaliação, contra sua própria inconfiabilidade, deveria dizer-se que isolamento e ruptura da obediência diante do todo superior são piores prejuízos do que as decepções de um corpo, as quais tanto tememos!

— Isso parece uma ordem de combate para arcanjos — disse Ágata —, mas não reconheço que tenha razão. Vou acompanhá-lo um trecho. Precisa me explicar como é que se consegue ter tais idéias. Para onde vai agora?

— Preciso ir para casa — respondeu Lindner.

— Sua esposa faria alguma objeção se eu o acompanhasse até em casa? Podemos pegar um carro lá embaixo na cidade. Ainda tenho tempo!

— Meu filho vem da escola para casa — disse Lindner com uma dignidade que a repelia um pouco. — Comemos pontualmente; por isso, preciso estar em casa. Além disso, minha mulher morreu subitamente há alguns anos — disse ele corrigindo a suspeita falsa de Ágata; e olhando o relógio, acrescentou com medo e mau humor: — Preciso me apressar!

— Então terá de me explicar em outra ocasião, é importante para mim! — protestou Ágata vivamente. — Se não quiser nos visitar, eu posso ir à sua procura.

Lindner abriu a boca, tentando respirar, mas não conseguiu. Por fim, disse:

— Mas, sendo mulher, a senhora não pode me visitar!

— Posso! — assegurou Ágata. — Vai ver, um dia estarei lá. Ainda não sei quando. E certamente não será nada grave! — Com isso, despediu-o e enveredou por um caminho que se separava do dele.

— A senhora não tem força de vontade! — disse ela a meia voz, tentando imitar Lindner, mas a palavra *vontade* era fresca e estimulante na sua boca. Sentimentos como orgulho, dureza, confiança, ligavam-se a ela; uma altiva linguagem do coração: o homem lhe fizera bem.

## 32

### NESSE MEIO TEMPO, O GENERAL LEVA ULRICH E CLARISSE AO HOSPÍCIO

Enquanto Ulrich estava sozinho em casa, o Ministério da Guerra mandou perguntar se o senhor diretor do Setor Militar de Educação e Instrução lhe poderia falar pessoalmente se viesse vê-lo em meia hora, e trinta e cinco minutos depois a parelha do General von Stumm subia espumando a pequena rampa de acesso à casa.

— Bela história! — exclamou o general ao amigo, que notou que desta vez não viera o ordenança com aquele pão do espírito. O general estava de uniforme, e até colocara suas medalhas. — Você me arrumou uma bela história! — repetiu. — Esta noite haverá grande sessão na casa de sua prima. Nem ao menos pude falar com meu

chefe a respeito. E aí estoura essa notícia, de que devemos ir ao hospício; temos de estar lá em uma hora!

— Mas por quê? — perguntou Ulrich como convinha. — Habitualmente isso precisa ser combinado antes!

— Não faça tanta pergunta! — suplicou o general. — Telefone imediatamente à sua amiga ou prima, ou seja lá o que for, dizendo que a iremos apanhar!

Enquanto Ulrich telefonava à mercearia em que Clarisse fazia suas pequenas compras, e esperava que ela viesse ao telefone, ficou sabendo qual era a infelicidade de que o general se queixava tanto. Este, para cumprir o desejo de Clarisse transmitido por Ulrich, dirigira-se ao chefe do serviço médico militar, que por sua vez se comunicara com seu famoso colega civil, presidente da Clínica Universitária onde Moosbrugger aguardava pacientemente uma decisão superior. Por um mal-entendido entre os dois cavalheiros, combinaram-se imediatamente dia e hora e Stumm soubera disso só no último momento, entre muitos pedidos de desculpas, junto com o engano de que ele próprio fora anunciado ao famoso psiquiatra, que esperava sua visita com grande prazer.

— Estou me sentindo até mal! — disse ele. Era uma antiga forma de dizer que queria sua aguardente.

Quando a bebera, seus nervos foram relaxando.

— De que me interessa uma casa de doidos? Só por sua causa tenho de ir até lá agora! — queixou-se. — O que vou dizer a esse idiota desse professor, se me perguntar por que fui junto?

Nesse momento, soou um jubiloso grito de guerra na outra ponta do fio.

— Muito bem! — disse o general, mal-humorado. — Mas, além disso, preciso urgentemente falar com você sobre hoje à noite. E ainda preciso falar com Sua Excelência a esse respeito. E às quatro ele vai embora! — ele olhou o relógio, e não se moveu na cadeira, de tanto desalento.

— Pois eu estou pronto! — disse Ulrich.

— Sua caríssima não vai conosco? — perguntou Stumm espantado.

— Minha irmã não está em casa.

— Pena! — protestou o general. — Sua irmã é a mais admirável mulher que já vi!

— Pensei que era Diotima — disse Ulrich.

— Também — respondeu Stumm. — Também ela é admirável. Mas desde que se ligou com essa ciência sexual, sinto-me como um menino de colégio. Gosto de erguer os olhos para ela; pois, meu Deus, como sempre digo, a guerra é um trabalho manual bruto e simples; mas, no terreno sexual, ofende a honra dos oficiais, deixar-se tratar como um leigo!

Enquanto isso, tinham subido à carruagem e estavam partindo a trote firme.

— Pelo menos sua amiga é bonita? — perguntou Stumm desconfiado.

— Ela é singular, como você verá — respondeu Ulrich.

— Então, esta noite vamos ter coisas — suspirou o general. — Aguardo algum acontecimento importante.

— Você sempre diz isso quando vem me procurar — replicou Ulrich, sorrindo.

— Pode ser, mas é verdade. E esta noite você será testemunha da entrevista entre sua prima e a esposa do Professor Drangsal. Espero que não tenha esquecido tudo o que eu lhe disse a respeito. Pois a Drangsal — é assim que sua prima e eu dizemos

a Drangsal tanto atormentou sua prima, que chegou-se a esse ponto; discutiu com todo mundo, e esta noite as duas deverão ter uma discussão. Apenas esperávamos pelo Arnheim, para que também possa fazer seu julgamento.

— Ah, é? — Ulrich não soubera que Arnheim, a quem há muito não via, tinha regressado:

— Mas claro. Por alguns dias — explicou Stumm. — E tivemos de tomar as rédeas do negócio... — De repente, ele se interrompeu e saltou do estofamento contra a boléia, com uma agilidade que ninguém suspeitaria. — Seu idiota! — berrou ao ouvido do ordenança que dirigia os cavalos ministeriais disfarçado em trajes civis, e, desamparado com os sacolejos do veículo, agarrou-se nas costas daquele a quem insultava. — Você está fazendo um desvio no caminho! — O soldado de civil manteve as costas hirtas como uma tábua, insensível a seu uso irregular nas tentativas de salvamento do general, virou a cabeça exatamente noventa graus de modo a não ver nem seu general nem seus cavalos, e anunciou altivamente, dirigindo-se para uma perpendicular que terminava no vazio, que o caminho mais curto não estava transitável devido a obras na estrada, mas em breve voltariam a ele.

— Bom, então tenho razão! — exclamou Stumm caindo de volta no assento, abrandando, em parte para o lado do ordenança, em parte para Ulrich, aquela sua explosão de impaciência. — O sujeito tem de fazer um desvio, e eu preciso fazer um relatório para Sua Excelência, que quer ir para casa às quatro, e tem de fazer um relatório ao ministro ainda antes disso: Sua Excelência o Ministro anunciou pessoalmente sua visita aos Tuzzi esta noite! — acrescentou baixinho, só para Ulrich.

— Não me diga! — Ulrich mostrou-se surpreso com a notícia.

— Há muito tempo venho lhe dizendo que há alguma coisa no ar. Ulrich quis então saber o que havia no ar.

— Pois me diga o que o ministro quer! — exigiu.

— Ele mesmo não sabe — respondeu Stumm. — Sua Excelência acha que chegou a hora. O velho Leinsdorf também acha: chegou a hora. O chefe do estado-maior também sente: chegou a hora. Quando muitos sentem a mesma coisa, deve haver alguma verdade nisso.

— Mas hora de quê? — perguntou Ulrich.

— Não é preciso saber! — instruiu o general. São dessas impressões absolutas! Aliás, quantos seremos hoje? — perguntou, seja por distração, seja por estar refletindo.

— Mas como pode me perguntar isso agora? — indagou Ulrich espantado.

— Eu quis dizer quantos vamos ser na visita ao hospício — explicou Stumm. Desculpe! Engraçado, que mal-entendido! Há dias em que as coisas são demais para agente. — Então, quantos seremos?

— Não sei quem irá conosco; de três a seis pessoas.

— Eu quis dizer — afirmou o general pensativo — que se formos mais de três precisaremos de um segundo carro. Entende, eu estou de uniforme.

— Sim, claro — acalmou-o Ulrich.

— Não posso viajar como numa lata de sardinhas.

— Claro. Mas me conte como chegou a essas impressões absolutas.

— Vamos conseguir mais um carro lá fora? — refletiu Stumm. — É onde Judas perdeu as botas!

— Vamos pegar um carro no caminho — respondeu Ulrich decidido. — E agora, por favor me explique como vocês têm essa impressão absoluta de que chegou a hora de alguma coisa.

— Não há nada a explicar — respondeu Stumm. — Quando digo que uma coisa é absoluta e não pode ser diferente, isso significa que não a posso explicar! Quando muito a gente poderia acrescentar que a Drangsal é uma espécie de pacifista, provavelmente porque esse Feuermaul a quem está lançando faz poemas a respeito da bondade do ser humano. Muita gente anda acreditando nisso.

Ulrich não quis acreditar nele.

— Mas há pouco você me contava o contrário; que na Ação agora todos estão a favor de que se passe a agir, com mão forte e coisas desse tipo!

— Também isso — admitiu o general. — E círculos influentes são a favor da Drangsal; ela entende maravilhosamente dessas coisas. Pedimos da Ação Patriótica uma ação de bondade humana.

— Ah, é? — disse Ulrich.

— Sim. Você também não se interessa mais por nada! Outras pessoas se preocupam com isso. Lembro-o, por exemplo, de que a guerra fratricida de sessenta e seis aconteceu porque todos os alemães se declararam irmãos no Parlamento de Frankfurt. Naturalmente não quero dizer que talvez o Ministro da Guerra ou o chefe do estado-maior tenham essa preocupação. Seria absurdo. Mas uma coisa puxa a outra. É isso! Está me entendendo?

Não era claro, mas era correto. E o general acrescentou uma coisa muito sábia.

— Olhe, você sempre pede clareza — censurou. — Por isso eu o admiro, mas tem de pensar ao menos uma vez historicamente: como essas pessoas que participam diretamente de um fato hão de saber de antemão se vai ser um acontecimento grandioso? Quando muito, porque imaginam que seja! Portanto, se posso ser paradoxal, gostaria de afirmar que a História Mundial é escrita antes de acontecer; primeiro, ela é sempre uma espécie de disse-que-disse. E as pessoas enérgicas deparam-se com uma tarefa muito difícil.

— Você tem razão — elogiou Ulrich. — E agora, conte-me tudo.

Mas, embora desejasse falar no assunto, naquele momento, quando os cascos dos cavalos começavam a pisar na estrada macia, o general foi novamente tomado por outras preocupações:

— Caso o ministro me mande chamar, já me vesti para ele como uma árvore de Natal — exclamou e sublinhou isso apontando para seu casaco de uniforme azul-claro e as medalhas. — Não acha que pode haver incidentes idiotas se eu me mostrar assim de uniforme aos malucos? O que farei, por exemplo, se um deles ofender minha roupa? Não poderei puxar a espada, e ficar calado será altamente perigoso!

Ulrich acalmou o amigo, dizendo que usaria um avental branco sobre o uniforme; mas antes que Stumm se declarasse satisfeito com essa solução, encontraram Clarisse, em roupas de verão, vindo muito impaciente pela estrada, seguida de Siegmund. Contou a Ulrich que Walter e Meingast se haviam recusado a acompanhá-los. E, depois de terem conseguido outra carruagem, o general disse a Clarisse, satisfeito:

— Caríssima, a senhora parecia um anjo vindo pela estrada!

Mas quando desceu da carruagem no portão da clínica, Stumm von Bordwehr parecia vermelho e um tanto perturbado.



## OS LOUCOS SAÚDAM CLARISSE

Clarisse revirava as luvas entre os dedos, erguia os olhos para as janelas, e não ficou quieta um só momento enquanto Ulrich pagava o carro de aluguel. Stumm von Bordwehr não queria admitir que Ulrich o fizesse, e o cocheiro esperava na boléia, sorrindo lisonjeado, enquanto os dois cavalheiros discutiam. Siegmund como de hábito limpava um grão de poeira do casaco com os dedos ou olhava o vazio. O general disse baixinho a Ulrich:

— Sua amiga é uma mulher bem esquisita. Na viagem, ela me explicou o que é vontade. Não entendi uma palavra!

— É o jeito dela — disse Ulrich.

— Bonita — sussurrou o general. — Como uma bailarina de catorze anos. Mas por que ela disse que viemos aqui para nos entregarmos à nossa “loucura”? O mundo é demasiado “desprovido de loucura”, disse ela. Sabe alguma coisa sobre isso? Foi tão penoso, na verdade não consegui lhe responder uma só palavra.

O general adiava intencionalmente a despedida das carruagens, apenas porque desejava fazer aquelas perguntas; mas antes que Ulrich respondesse, foi poupado por um enviado que saudou os recém-chegados em nome do chefe da clínica, e, desculpando seu patrão junto ao General von Stumm por causa de trabalho urgente que o reteria por alguns momentos, levou o grupo para uma sala de espera. Clarisse não perdeu de vista uma só pedra da escada e ladrilho dos corredores, e também na saleta de espera, que lembrava os antiquados saguões de primeira classe nas estações ferroviárias, com suas cadeiras de veludo verde desbotado, o olhar dela se movia lentamente o tempo todo. Lá ficaram os quatro, depois que o enviado saíra, e no começo não disseram palavra, até que Ulrich, para romper o silêncio, provocou Clarisse indagando se não sentia medo de ver Moosbrugger cara a cara.

— Ora! — disse Clarisse negativamente. — Ele só conhecia sucedâneos de mulheres, por isso tinha de acontecer tudo aquilo!

O general quis reabilitar-se dizendo algo que lhe ocorrera.

— Falar em vontade é muito moderno — disse. — Também na Ação Patriótica nos ocupamos muito desse problema.

Clarisse sorriu-lhe e esticou os braços para acalmar sua tensão.

— Quando se tem de esperar assim, sente-se no corpo o que está por vir, como se se olhasse por um binóculo — replicou.

Stumm von Bordwehr não queria ficar atrás novamente.

— Certo! — disse. — Talvez se relacione com a moderna cultura do corpo. Também nos interessamos por ela!

Então chegou o Conselheiro da Corte com sua manada de assistentes e voluntários, foi muito amável, especialmente com Stumm, contou algo sobre um assunto urgente e lamentou ter de limitar-se àquela saudação e não poder acompanhar pessoalmente os visitantes. Apresentou o Dr. Friedenthal, que faria isso em seu lugar. O Dr. Friedenthal era um homem alto, magro, um pouco mole, com cabelo basto; ao ser apresentado, sorriu como um acrobata que sobe a escada para executar um salto mortal. Quando o chefe se despediu, trouxeram os aventais brancos.

— Para não inquietar os pacientes — explicou o Dr. Friedenthal.

Clarisse, enfiando um deles, sentiu uma estranha força. Parecia um pequeno médico. Sentia-se muito máscula e muito branca.

O general procurou um espelho. Foi difícil encontrar um avental que servisse na sua singular combinação de altura e largura; quando enfim conseguiram envolver totalmente seu corpo, ele parecia uma criança com camisola comprida demais.

— Não acha que eu devia tirar as esporas? — perguntou ao Dr. Friedenthal.

— Médicos militares também usam esporas! — disse Ulrich.

Stumm fez mais um esforço desamparado e confuso de olhar suas costas onde as roupas de médico se avolumavam em grandes pregas sobre as esporas; em seguida, foram andando. O Dr. Friedenthal pediu que não perdessem o controle por coisa alguma.

— Até agora tudo correu muito bem! — sussurrou Stumm ao amigo. — Mas na verdade tudo isso nem me interessa; eu poderia usar o tempo para falar com você sobre esta noite. Portanto, preste atenção, você pediu que eu lhe contasse tudo francamente; é muito simples: todo mundo está se armando. Os russos têm uma artilharia totalmente nova. Está prestando atenção? Os franceses usaram seu tempo de dois anos de serviço militar para reforçarem enormemente seu exército. Os italianos...

Tinham descido novamente a principesca e antiquada escada que haviam subido antes, dirigindo-se para o lado, e agora estavam numa confusão de saletas e corredores cheios de curvas, cuja vigas pintadas de branco sobressaíam no teto. Eram em grande parte saletas de administração e secretaria as que atravessavam, mas, por causa da falta de espaço naquele velho edifício, tinham algo de estranho e sombrio. Pessoas sinistras, algumas em trajes da instituição, outras em roupas civis, povoavam o lugar. Numa porta lia-se “Recepção”, na outra “Homens”. O general foi perdendo a fala. Pressentia incidentes a qualquer momento, que, por sua natureza singular, exigiriam grande presença de espírito. Contra sua vontade, ocupava-o também a questão de como se portar se alguma necessidade irresistível o forçasse a isolar-se e ele se encontrasse com algum doente mental, sozinho e sem companhia de algum profissional, num local onde todo mundo é igual. Clarisse, em contrapartida, andava sempre meio passo à frente do Dr. Friedenthal. O fato de ele ter dito que deveriam usar aventais brancos para não assustar os doentes a erguia como um colete salva-vidas daquela torrente de impressões. Pensamentos prediletos a entretinham. Nietzsche: “Há um pessimismo dos fortes? Uma tendência intelectual para o duro, horrível, mau, problemático da existência? O anseio do terrível, como de um inimigo digno? Quem sabe a loucura não seja necessariamente sintoma de degeneração?” Ela não pensava naquilo textualmente, mas lembrava-se de maneira generalizada; seus pensamentos o tinham comprimido num pacotinho bem pequeno e colocado de maneira tão maravilhosa num lugar diminuto como o molho de gazuas de um arrombador. Para ela, aquele caminho era parte filosofia, parte adultério. O Dr. Friedenthal parou diante de uma porta de ferro e tirou uma chave do bolso da calça. Quando abriu, uma claridade ofuscante caiu sobre os visitantes, que saíram da proteção da casa, e no mesmo momento Clarisse percebeu um grito agudo e horrível como nunca escutara na vida. Apesar de sua bravura, estremeceu.

— Foi só um cavalo! — disse o Dr. Friedenthal sorrindo.

Com efeito, estavam num trecho de rua que levava do acesso ao longo do edifício da administração para os fundos, onde ficava um pátio de serviços. Nada a distin-

guia de outros trechos de caminho com velhos sulcos de rodas e familiares ervas daninhas, o sol ardendo em cima de tudo. Apesar disso, todos, exceto Friedenthal, ficaram estranhamente surpresos e até indignados, atônitos e perturbados ao verem que estavam numa rua saudável e comum, depois de terem percorrido um trajeto tão aventureiro. A liberdade daquele primeiro momento tinha algo de estranho, embora fosse incrivelmente confortável, e era preciso que se habituassem novamente a ela. Em Clarisse, onde todos os choques eram diretos, a tensão se desmanchou tilintando num risinho alto.

O Dr. Friedenthal adiantou-se sorrindo pela rua e abriu um pesado portãozinho de ferro do outro lado, embutido num muro do parque.

— É agora! — disse com brandura.

E encontraram-se de fato naquele mundo que atraía Clarisse incompreensivelmente semanas a fio, não apenas com aquele calafrio do incomparável e remoto, mas como se lhe fosse destinado experimentar ali algo que antes nem pudera imaginar. Primeiro, porém, os recém-chegados nada conseguiram distinguir de um velho grande parque que subia docemente numa direção, tendo no alto, entre grupos de árvores imensas, pequenos edifícios brancos como mansões em miniatura. Atrás deles subia o céu, antecipando uma bela paisagem, e sobre um desses belvederes Clarisse notou doentes com enfermeiros, parados e sentados em grupos, parecendo anjos brancos. O General von Stumm julgou o momento adequado para retomar a conversa com Ulrich.

— Portanto, queria preparar você para esta noite — começou. — Os italianos, os russos, os franceses e também os ingleses, entende, estão todos se armando, e nós?

— Vocês querem sua artilharia, eu já sei — interrompeu Ulrich.

— Também! — prosseguiu o general. — Mas se você não me deixa concluir, logo estaremos junto dos malucos e não poderemos falar em paz. Eu queria dizer que estamos no meio de tudo isso e numa posição militarmente muito perigosa. E nessa situação exigem agora que nós — estou falando da Ação Patriótica — tenhamos apenas bondade humana!

— E vocês são contra! Já entendi.

— Mas ao contrário! — afirmou von Stumm. — Não somos contra! Levamos muito a sério o pacifismo! Apenas gostaríamos de ver aprovado nosso projeto sobre a artilharia. E se, por assim dizer, podemos fazer isso de mãos dadas com o pacifismo, ficaríamos mais bem protegidos dos mal-entendidos imperialistas, que afirmariam que estamos perturbando a paz! Portanto, admito que estamos realmente um pouco de conchavo com essa Drangsal. Mas, de outro lado, precisamos agir com cautela; pois o partido contrário, a torrente nacionalista que agora também temos na ação, é contra o pacifismo e a favor da reativação militar!

O general não concluiu e teve de engolir o que ia dizer, com uma cara amarga, pois estavam quase no alto, e o Dr. Friedenthal esperava pelo seu bando. O lugar dos anjos era rodeado de uma grade leve e o guia atravessou-o sem lhe dar importância, como mero preâmbulo.

— Uma “seção pacífica” — explicou o médico.

Ali havia só mulheres; tinham cabelo solto caindo nos ombros, e seus rostos eram repulsivos, gordos, desfeitos, moles. Uma dessas mulheres veio imediatamente até o médico, correndo, e entregou-lhe uma carta.

— É sempre a mesma coisa! — disse Friedenthal e leu em voz alta: — “Adolf, meu amado! Quando é que você vem? Esqueceu-se de mim?” — A mulher, uma velha de uns sessenta anos, estava parada ao lado, rosto vazio, escutando.

— Você vai mandar chamá-lo logo? — pediu.

— Claro! — prometeu o Dr. Friedenthal, rasgou a carta diante dos olhos dela e sorriu para a enfermeira. Clarisse interpelou-o imediatamente.

— Como pode fazer isso? É preciso levar a sério os doentes!

— Venha! — respondeu Friedenthal. — Não vale a pena perdermos nosso tempo aqui. Se quiserem, mostro-lhes centenas de cartas dessas. A senhora notou que a velha nem ficou tocada quando rasguei sua carta!

Clarisse ficou atônita porque o que Friedenthal dizia era correto, mas perturbava seus pensamentos. E antes que os pudesse ordenar, foram perturbados mais uma vez, pois no momento em que deixavam o local, outra velha, que estivera ali à espreita, ergueu seu vestido e mostrou aos senhores que passavam suas feias coxas de velha, das grosseiras meias de lã até a barriga.

— Que velha porca! — disse von Bordwehr a meia voz, e, indignado e enojado, esqueceu a política por algum tempo.

Mas Clarisse descobrira que a perna se parecia com o rosto. Provavelmente trazia os mesmos estigmas da gorda decadência física do rosto, mas Clarisse teve pela primeira vez a impressão de relações estranhas e de um mundo em que as coisas aconteciam diferentemente do que se imaginava com conceitos comuns. Nesse momento, ocorreu-lhe também que não notara a transformação dos anjos brancos naquelas mulheres, embora passasse pelo meio delas; nem ao menos distinguira quais as doentes e quais as enfermeiras. Virou-se e olhou para trás, mas, como o caminho tivesse rodeado uma casa, não pôde ver mais nada e tropeçou atrás dos companheiros como uma criança que virou a cabeça. Da sequência de impressões que começara já não se formava o riacho corrente e translúcido de acontecimentos que é a vida, mas um redemoinho espumante, do qual só eventualmente se destacavam superfícies lisas, que permaneciam na memória.

— Também uma “seção pacífica”. Desta vez, para homens — explicou o Dr. Friedenthal que reuniu seu grupo no portão da casa, e, quando pararam diante da primeira cama de doente, apresentou seus internos aos visitantes com voz educada e abafada: eram casos de “demência parálitica depressiva”.

— Um velho sífilítico. Alucinações niilistas e pecaminosas — sussurrou Siegmund ao ouvido da irmã, explicando aquelas palavras. Clarisse estava diante de um ancião que parecia ter sido um dia da alta sociedade. Estava sentado na cama, ereto, devia encontrar-se no fim dos cinquenta, e tinha a pele do rosto muito alva. Cabelo basto, igualmente alvo, rodeava seu semblante bem cuidado, de ar espiritualizado, tão estranhamente nobre como só se descreve nos piores romances.

— Não se pode mandar pintar esse homem? — perguntou Stumm von Bordwehr. — É a beleza espiritual em pessoa: eu gostaria de dar o quadro à sua prima! — disse a Ulrich. O Dr. Friedenthal sorriu melancolicamente e disse:

— A expressão nobre vem da falta de tensão nos músculos do rosto. — Depois, num gesto breve, mostrou aos visitantes a rigidez das pupilas e levou-os adiante. O tempo era curto, com tanto material. O ancião, que balançara tristemente a cabeça a tudo o que se dissera junto de seu leito, ainda respondeu baixo e oprimido,

quando os cinco já estavam algumas camas adiante, parando no caso seguinte, que Friedenthal escolhera.

Desta vez, era um homem entregue às artes, um gordo pintor cuja cama estava perto de uma janela clara; ele tinha papel e muitos lápis sobre o cobertor, e ocupava-se com aquilo o dia inteiro. O que logo chamou atenção de Clarisse foi a divertida agitação de seus movimentos. “Walter deveria pintar assim!”, pensou. Friedenthal, notando seu interesse, tirou depressa uma folha do gorducho e deu-a a Clarisse; o pintor dava risadinhas e portava-se como uma mulher a quem deram um beliscão. Clarisse viu para sua surpresa um esboço desenhado com segurança e perfeição, absolutamente coerente, até banal, de um quadro grande, com muitas figuras de perspectivas entrelaçadas e uma sala minuciosamente representada, de modo que o todo tinha efeito tão saudável, tão professoral, como se viesse da Academia.

— Surpreendentemente bom! — exclamou ela sem querer. Mas Friedenthal sorriu lisonjeado.

— Béeé! — fez o pintor. — Está vendo, o cavalheiro gostou! Mostre-lhe mais! Ele disse, surpreendentemente bom! Mostre! Eu sei, você fica só rindo de mim, mas ele gosta! — E disse isso em tom familiar, parecendo dar-se bem com o médico, a quem estendia também seus outros quadros, embora o médico não valorizasse sua arte.

— Hoje não temos tempo para você — respondeu Friedenthal, e, virando-se para Clarisse, presumiu sua crítica dizendo: — Ele não é esquizofrênico; infeliz mente, no momento não temos outro, às vezes são grandes artistas modernos.

— E doentes? — duvidou Clarisse.

— Por que não? — disse Friedenthal, melancólico. Clarisse mordeu o lábio.

Enquanto isso, Stumm e Ulrich já estavam na soleira na sala seguinte, e o general disse:

— Vendo isso, sinto realmente ter chamado meu ordenança de idiota há pouco; nunca mais farei isso! — Olhavam um quarto cheio de retardados graves.

Clarisse ainda não vira isso, e pensava: “Até uma arte honrada e reconhecida como a acadêmica tem então uma irmã renegada, lesada, mas absolutamente semelhante, no hospício!?” E isso quase a impressionou mais do que as palavras de Friedenthal, de que alguma vez lhe mostraria pintores expressionistas. Decidiu voltar ao assunto. Baixara a cabeça e ainda mordida o lábio. Havia alguma coisa errada. Pareceu-lhe claramente errado trancafiar gente tão talentosa; os médicos entendiam das doenças, pensou, mas provavelmente não da arte em toda a sua amplitude. Teve a sensação de que alguma coisa teria de acontecer. Mas não sabia ao certo o quê. Contudo, não perdeu a confiança, pois o pintor gorducho logo a tratara de “senhor”: isso lhe pareceu de bom augúrio.

Friedenthal a contemplava curioso.

Sentindo o seu olhar, ela ergueu o rosto com leve sorriso e foi até ele, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, uma impressão terrível eliminou toda a reflexão. Das camas, pendia e sentava-se na nova sala uma série de horrores. Tudo nos corpos era torto, sujo, deformado ou paralisado. Dentaduras podres. Cabeças balouçantes. Cabeças grandes demais, pequenas demais ou totalmente disformes. Queixos caídos, saliva pingando, ou movimentos animalescos de mastigação nas bocas, vazias de alimento ou palavra. Barras de chumbo de metros de espessura entre es-

sas almas e o mundo, e, depois do leve riso e sussurro no outro quarto, chamou sua atenção agora um silêncio pesado, no qual só se ouviam obscuros rosnados ou grunhidos. Tais salas, com retardados graves, são das impressões piores que se podem ter num hospício, e Clarisse sentiu-se precipitada num negrume horrendo, no qual não se distinguia mais nada.

Friedenthal, o guia, porém, também enxergava no escuro, e apontando para várias camas, explicou:

— Isso é idiotia, aquilo é cretinismo. Stumm von Bordwehr prestou atenção:

— Então cretino e idiota não são a mesma coisa?

— Não, do ponto de vista médico é coisa diferente — ensinou o doutor.

— Interessante — disse Stumm. — Na vida comum não se pensa nisso! Clarisse foi de cama em cama. Fitava atentamente os doentes, esforçando-se ao

máximo para entender o mínimo que fosse naqueles rostos que não tomavam conhecimento dela. Todas as idéias apagavam-se ali. O Dr. Friedenthal seguia-a em silêncio, e explicava:

— Idiotia familiar amaurótica. Esclerose tuberosa hipertrófica. Idiotia tímica... O general, que entrementes pensava ter visto o suficiente daqueles “bobalhões”,

imaginando que Ulrich sentia o mesmo, olhou o relógio e disse:

— Afinal onde paramos? Temos de aproveitar o tempo! — e começou, um tanto bruscamente: — Então, por favor, lembre-se: O Ministério da Guerra tem de um lado os pacifistas e de outro os nacionalistas...

Ulrich, que não conseguia livrar-se tão agilmente daquele ambiente, olhou-o perplexo.

— Mas não estou fazendo piada! — disse Stumm. — Isso é política! Tem de acontecer alguma coisa. Já paramos uma vez nesse assunto. Se não acontecer algo em breve, chega o aniversário do Imperador, e passaremos a maior vergonha. Mas *o que* deveria acontecer? Essa pergunta é lógica, não é? E se eu digo isso agora com certa rudeza, resumindo o que já disse, uns exigem que os ajudemos a amar as pessoas, os outros que lhes permitamos lográ-las para que o sangue mais nobre vença, ou como quer que se diga. As duas coisas têm lá seu valor. E por isso, em suma, você deveria reunir tudo, para que não haja problemas!

— Eu? — disse Ulrich depois que seu amigo deixara explodir sua bomba, e teria rido na cara dele se o lugar permitisse.

— Você, claro! — respondeu o general com firmeza. — ■ Posso ajudá-lo com prazer, mas *você* é secretário da Ação, e mão direita do Leinsdorf!

— Vou conseguir um lugar para você aqui mesmo! — disse Ulrich decidido.

— Muito bem! — disse o general que sabia, das estratégias militares, que é melhor esquivar-se de uma resistência inesperada sem se mostrar muito perturbado. — Se me conseguir um lugar por aqui, talvez eu conheça alguém que inventou a maior idéia do mundo. Lá fora, ninguém mais se interessa por grandes idéias. — Ele olhou o relógio mais uma vez. — Dizem que aí há gente que julga ser o Papa ou o universo; não vimos um só deles, e era neles que eu estava interessado! Sua amiga é incrivelmente minuciosa — queixou-se.

O Dr. Friedenthal desviou Clarisse cautelosamente da visão dos oligofrênicos. O inferno não é interessante, é terrível. Quando não o humanizamos — como Dante, que o povoou com literatos e pessoas importantes, e com isso desviou a

atenção das técnicas de punição —, mas tentamos dar uma visão original dele, mesmo as pessoas mais fantasiosas não conseguem superar os pueris tormentos e pobres deformações das qualidades terrestres. Mas exatamente o vazio pensamento da punição e tormento inimagináveis e por isso inevitáveis, e infinitos, a pressuposição de uma transformação, insensível a todos os esforços contrários, em direção do mal, tem a atração de um abismo. Assim são também as casas de loucos. São asilos de pobres. Têm algo da falta de imaginação do inferno. Mas muitas pessoas, que não sabem das causas das enfermidades mentais, não receiam nenhuma possibilidade tanto quanto a de perder a razão um dia, exceto a de perderem seu dinheiro; e é singular quantas pessoas sentem isso, torturadas pela idéia de um dia poderem se perder de repente. Pela supervalorização do que pensam de si mesmas segue provavelmente a supervalorização do horror que os sadios imaginam habitar os asilos dos enfermos.

Também Clarisse sofreu uma leve decepção, que vinha de uma indeterminada expectativa, dada pela sua educação. Com o Dr. Friedenthal era o contrário. Estava habituado àquele trajeto. Ordem como numa caserna ou qualquer outra instituição de massas, abrandamento de dores e males urgentes, impedir pioras evitáveis, um pouco de melhora ou cura: eram os elementos de sua atividade diária. Observar muito, saber muito, mas sem suficiente explicação das relações, era sua parte intelectual. Na ronda pelas casas, recomendar, além dos remédios contra tosse, resinados, prisão de ventre e ferimentos, um pouco de calmantes, era seu trabalho diário de cura. Ele notava a espectral infâmia do mundo em que vivia apenas quando sentia o contraste com o mundo comum; não se faz isso diariamente, mas visitas são oportunidades desse tipo; por isso, o que Clarisse via fora ordenado com alguma sensibilidade teatral, e, depois que ele a despertara daquele devaneio, prosseguiu logo com algo novo e mais dramático.

Pois mal tinham saído da sala, reuniram-se a eles vários homens grandes com ombros carnudos, rostos amáveis de sargento, e aventais limpos. Isso aconteceu em tal silêncio que teve o efeito de um rufar de tambores.

— Agora chegamos a um setor agitado — anunciou Friedenthal, e já começavam a aproximar-se dos gritos e grasnados que pareciam vir de uma imensa gaiola. Quando pararam diante da porta, viram que não havia maçaneta, mas um dos guardas abriu uma tranca, e como fizera até aqui, Clarisse começou a entrar em primeiro lugar. Mas o Dr. Friedenthal puxou-a para trás bruscamente.

— Aqui é preciso esperar! — disse sem se desculpar, em tom significativo e fatigado. O guarda que abrira a porta deixara apenas uma estreita fresta, coberta por seu poderoso corpo, e depois de ter primeiro escutado e em seguida espiado o interior, enfiou-se depressa para dentro; um segundo guarda seguiu, postando-se do outro lado da entrada. Clarisse sentiu o coração batendo forte. O general disse, impressionado:

— Guarda avançada, retaguarda, cobertura dos flancos!

Assim protegidos, entraram e foram levados de cama em cama pelos gigantescos guardas. Nas camas, algo batia braços e revirava olhos, nervoso, aos gritos; davam a impressão de que cada um gritava dentro de uma sala que existia apenas para ele, e ainda assim pareciam todos entretidos numa conversa demente como estranhos pássaros trancados numa gaiola comum, cada um falando a linguagem de outra ilha. Alguns ficavam livres nas camas, outros estavam amarrados à beira com cordas, deixando pouco espaço para movimentos das mãos.

— Perigo de suicídio — explicou o médico, e deu o nome das doenças: paralisia, paranóia, demência precoce e outras eram as raças daqueles pássaros exóticos.

Clarisse sentiu-se a princípio intimidada por aquela impressão confusa, e não sabia como se controlar. Nisso, parecendo um sinal amigo, alguém lhe acenou de longe, gritando palavras em sua direção quando ela ainda estava a muitas camas de distância, alguém que balançava de um lado para outro, como se quisesse desesperadamente libertar-se e correr ao encontro dela, superava o coro com suas queixas e irrupções de cólera, e atraía cada vez mais fortemente a atenção de Clarisse. Quanto mais ela se aproximava, tanto mais a inquietava a impressão de que o homem parecia falar só para ela, enquanto ela não conseguia absolutamente entender o que ele lhe queria dizer. Quando finalmente chegaram junto dele, o guarda-chefe disse algo ao médico, tão baixinho que Clarisse não entendeu, e Friedenthal deu alguma ordem, o rosto muito sério. Mas depois fez uma piada e falou com o doente. O louco não respondeu logo, mas de repente perguntou:

— Quem é esse senhor? — e por um gesto deu a entender que falava de Clarisse. Friedenthal apontou para o irmão dela e respondeu que era um médico de Estocolmo.

— Não, este aqui! — disse o doente e insistia em Clarisse. Friedenthal sorriu afirmando que era uma médica de Viena.

— Não. É um homem — contradisse o doente e calou-se. Clarisse sentia o coração pulsar. Então, também esse a tomava por homem!

O doente disse então lentamente:

— Esse é o sétimo filho do Imperador.

Stumm von Bordwehr deu uma cotovelada em Ulrich.

— Não é verdade — respondeu Friedenthal, e prosseguiu o jogo dirigindo-se a Clarisse e pedindo: — Diga-lhe você mesma que ele se enganou.

— Não é verdade, meu amigo — disse Clarisse baixinho ao doente, mal conseguindo falar de tanta excitação.

— Mas você é o sétimo filho! — respondeu ele, teimoso.

— Não, não — assegurou Clarisse, sorrindo-lhe de excitação, como numa cena de amor, lábios hirtos de nervosismo.

— Você é! — repetiu o doente, e encarou-a com um olhar que ela não soube classificar. Nada lhe ocorreu como resposta, ela fitava desamparada e amável os olhos do demente que a tomava por um príncipe, e ainda sorria. Dentro dela acontecia algo insólito: formava-se a possibilidade de lhe dar razão. Sob a pressão das repetidas afirmativas dele, alguma coisa nela se desmanchava, ela perdia controle sobre seus pensamentos, formavam-se novas relações, contornos emergindo da névoa; ele não era o primeiro a querer saber quem cia era, e a chamá-la de “senhor”. Mas, enquanto ela, perdida numa estranha relação, fitava aquele rosto de cuja idade nada sabia como não sabia nada dos outros restos da vida livre que ainda estavam ali marcados no rosto e em toda a pessoa, ocorria algo totalmente incompreensível. Era como se o olhar dela fosse pesado demais para os olhos sobre os quais pousava, pois eles começavam a subir e descer. Mas também os lábios começavam movimentos animados, e, como grossas gotas jorrando cada vez mais densas, misturavam-se num grasnado rápido nítidas obscenidades. Clarisse ficou tão atônita com essa transformação como se algo escapasse dela mesma, e involuntariamente fez um movimento com os dois braços, em direção daquele infeliz; e antes que alguém pudesse impedir, também o enfermo



saltou em sua direção: jogou longe seu cobertor, ajoelhou-se na beira da cama e manuseou o membro com a mão, como macacos masturbando-se nas jaulas.

— Não faça porcarias! — disse o médico severo, e no mesmo momento os guardas pegaram o homem e os cobertores e transformaram ambos num piscar de olhos numa trouxa imóvel. Mas Clarisse ficara rubra; tão tonta como num elevador quando de repente perdemos a sensação firme debaixo dos pés. De súbito pareceu-lhe que todos os doentes pelos quais já passara gritavam atrás dela, e que outros, que não visitara ainda, gritavam à sua espera. E o acaso quis, ou a força contagiante da excitação, que também o próximo, um bondoso velhote que fizera piadinhas bem-humoradas para os visitantes quando estavam parados ao lado, saltasse da cama no momento em que Clarisse passava depressa por ele, e começasse a esbravejar palavras insultuosas que formavam uma repulsiva espuma diante de sua boca. Também ele foi agarrado pelos punhos dos guardas, como pesadas prensas que esmagassem qualquer resistência.

Mas o mágico Friedenthal soube intensificar mais ainda o espetáculo que oferecia. Protegidos pelos seus acompanhantes, como na entrada, saíram da sala no outro extremo, e de repente o ouvido pareceu mergulhar num brando silêncio. Estavam num corredor limpo e simpático, forrado de linóleo, e encontraram pessoas com aspecto domingueiro, e lindas crianças, que saudaram o médico cheias de confiança e cortesia. Eram visitantes que esperavam para serem levados até seus parentes, e mais uma vez a impressão de um mundo saudável foi muito estranha; aquelas pessoas de comportamento modesto e educado, em seus melhores trajes, pareciam ao primeiro olhar bonecos ou flores artificiais muito bem-feitas. Mas Friedenthal passou por elas rapidamente e anunciou aos seus amigos que agora os levaria a um grupo de assassinos e loucos que tinham cometido crimes igualmente graves. A cautela e as caras dos acompanhantes, quando chegaram diante de novo portão de ferro, prometiam coisas terríveis. Entraram num pátio fechado, circundado por uma galeria, parecendo um moderno jardim artificial, com muitas pedras e poucas plantas. Como um cubo de silêncio pairava ali no princípio o ar vazio; só algum tempo depois descobriam-se pessoas sentadas mudas junto das paredes. Perto da entrada agachavam-se alguns meninos idiotas, cheios de ranho, sujos e imóveis como se algum grotesco capricho de escultor os tivesse prendido ali junto das colunas do portão. Ao lado deles, junto da parede, e afastado dos outros, sentava-se um homem simples, ainda em trajes escuros de domingo, apenas sem colarinho; devia ter sido trazido há pouco, e, por não pertencer a nenhum lugar, era indizivelmente comovente. Clarisse imaginou de repente a dor que causaria a Walter se o abandonasse, e quase chorou. Pela primeira vez isso lhe acontecia, mas ela o superou depressa, pois os outros pelos quais passava davam apenas a impressão daquele hábito de silêncio que se conhece nas prisões; cumprimentavam tímidos e educados, e apresentavam pequenos pedidos. Só um deles, um rapaz, tornou-se insistente e começou a queixar-se; só Deus sabia de que zonas de esquecimento emergia. Pediu que o médico o deixasse sair e informasse porque estava ali, e quando este deu uma resposta evasiva, dizendo que não era ele quem decidia isso, mas o diretor, o outro não se resignou; seus pedidos começaram a repetir-se como uma corrente que passasse cada vez mais rápida, e aos poucos o tom de insistência de sua voz tornou-se ameaça, por fim um perigo animal e inconsciente. Quando chegou a esse ponto, os gigantes o empurraram para o banco, e ele rastejou de volta ao seu silêncio, mudo como um

ção, sem ter obtido resposta. Clarisse já conhecia isso, e mal o assimilou naquele nervosismo geral que sentia.

Também não teve tempo para outras coisas, pois no extremo do pátio havia outra porta blindada, e os guardas batiam nela. Era algo novo, pois até agora apenas tinham aberto as portas com cautela, mas sem se anunciarem. Naquele portão batiam quatro vezes com o punho, e escutavam a agitação que saía lá de dentro.

— A esse sinal, todos os que estão aí dentro precisam colocar-se de pé junto das paredes — explicou Friedenthal — ou sentar-se nos bancos que ficam ao longo das paredes.

E, com efeito, quando a porta se abriu devagar, centímetro por centímetro, viram que todos os que antes tinham girado em confusão, mudos ou aos guinchos, tinham obedecido como prisioneiros bem treinados. E apesar disso, ao entrar os guardas usavam de tamanha cautela que de repente Clarisse pegou a manga do Dr. Friedenthal e perguntou, excitada, se Moosbrugger estava ali. Friedenthal sacudiu a cabeça, mudo. Não tinha tempo. Pediu rapidamente aos visitantes que ficassem no mínimo a dois passos de cada doente. A responsabilidade por tudo aquilo parecia oprimi-lo. Eram sete contra trinta; num pátio remoto, murado, habitado apenas por loucos, quase todos assassinos. Pessoas habituadas a carregar armas sentem-se mais inseguras sem elas do que outras; por isso, também o general, que deixara sua espada na ante-sala, não mereceu censura ao perguntar ao médico:

— O senhor não usa arma?

— Atenção e experiência! — respondeu o médico Friedenthal, que gostara dessa pergunta lisonjeira. — Tudo depende de abafar qualquer resistência ainda em germe.

E, com efeito, assim que um deles tentava o menor movimento para fora da fila, os guardas se precipitavam sobre ele e o empurravam tão depressa para o lugar, que esses ataques pareciam a única violência por ali. Clarisse não concordou com eles. “O que os médicos talvez não entendam” — disse para si mesma — “é que essas pessoas, encerradas aqui o dia todo sem vigilância, não fazem mal umas às outras; e só para nós, que viemos de um mundo estranho, são perigosas!”

E quis falar com um deles; de repente imaginou que conseguiria entender-se com ele corretamente. Logo perto da porta, num canto, havia um deles, um homem forte de meia estatura, com barba castanha e olhos penetrantes; encostava-se na parede de braços cruzados, calado, fitando com ar irado os movimentos dos visitantes. Clarisse chegou perto dele; mas no mesmo momento o Dr. Friedenthal colocou a mão no braço dela e a deteve.

— Esse aí não — disse a meia voz. Procurou outro assassino para Clarisse e alou com ele. Era baixinho e atarracado, com crânio de prisioneiro, raspado e pontudo, conhecido pelo médico como sendo tratável, pois o homem imediatamente se postou diante dele, rígido, e, respondendo de modo servil, mostrou duas filas de dentes que singularmente lembravam duas fileiras de lápides.

— Pergunte por que ele está aqui — sussurrou o Dr. Friedenthal ao irmão de Clarisse, e Siegmund perguntou ao atarracado cabeça-de-ovo:

— Por que você está aqui?

— Você sabe muito bem! — foi a breve resposta..

— Não sei — disse Siegmund, que não quis desistir logo, com ar meio tolo. — Me diga, por que está aqui?

— Você sabe muito bem! — foi a repetida resposta, dessa vez com veemência.

— Por que é descortês comigo? — perguntou Siegmund. — Eu realmente não sei nada!

“Que mentiras!”, pensou Clarisse e alegrou-se porque o doente respondeu simplesmente:

— Porque eu quero!!! Posso fazer tudo o que quero!!! — repetiu batendo os dentes.

— Mas não se deveria ser mal-educado sem motivo! — repetiu o infeliz Siegmund, a quem também não ocorria muito mais do que ao louco.

Clarisse ficou furiosa com ele, que fazia um papel tolo, como uma pessoa irritando um animal enjaulado num zoológico.

— Não é da sua conta! Eu faço o que quero, entendeu? O que quero! — gritou o demente, como um suboficial, e riu com alguma coisa em seu rosto, mas não eram a boca nem os olhos, ambos cheios de uma raiva sinistra.

Até Ulrich pensou: “Eu não gostaria de estar sozinho agora com esse sujeito.” Siegmund teve dificuldade em manter-se em seu lugar pois o louco se aproximara dele, e Clarisse desejou que ele saltasse ao pescoço do irmão e lhe mordesse a cara. Friedenthal, contente, deixava o incidente desenvolver-se, pois de um colega médico podia exigir alguma coisa, e divertia-se com o constrangimento do outro. Deixou tudo chegar ao auge, com maestria, e só quando o colega não conseguia mais falar, deu sinal para partirem. Mas então Clarisse teve novamente aquele desejo de interferir! De alguma forma esse desejo se tornara cada vez mais intenso com o rufar das respostas, de repente ela não conseguia mais se conter, aproximou-se do doente e disse:

— Eu venho de Viena!

Era tão sem-sentido como qualquer outro som que se extraísse de uma trombeta. Ela nem sabia o que pretendia com aquilo, nem como tivera essa idéia, nem se indagara se o homem sabia em que cidade estava, e, se soubesse, o comentário dela seria totalmente absurdo. Mas sentia grande confiança ao fazer aquilo. E, realmente, às vezes ainda acontecem milagres, embora de preferência em hospícios: quando ela disse isso, parada diante do assassino, incendiada de excitação, de repente passou um brilho no rosto dele; seus dentes de quebrador de pedras recolheram-se sob os lábios, e um ar benevolente cobriu os olhos penetrantes.

— Ah, a dourada Viena! Linda cidade! — disse com a altivez de antigo membro de classe média que sabe falar bem quando convém.

— Parabéns! — disse o Dr. Friedenthal rindo.

Mas para Clarisse aquele encontro fora muito importante.

— E agora, vamos ver o Moosbrugger! — disse Friedenthal.

Mas não o conseguiram fazer. Saíram cautelosamente dos dois pátios, e foram em direção à parte mais alta do parque, até um pavilhão aparentemente afastado, quando de algum lugar chegou correndo um guarda que dava a impressão de os estar procurando há muito tempo. Aproximou-se de Friedenthal e, sussurrando, passou-lhe uma longa mensagem, que, pela cara do médico que por vezes o interrompia com perguntas, devia ser grave e desagradável. Friedenthal voltou para os que aguardavam, com postura séria de quem lamenta muito, e disse que estava sendo chamado por um incidente numa das seções, cujo fim não se podia prever, de modo que infelizmente teria de interromper a visita. Com isso dirigia-se em primeiro lugar respeitosa-

mente ao uniforme de general escondido debaixo do jaleco; mas Stumm von Bordwehr declarou agradecido que já vira o suficiente da ordem e disciplina excelentes da instituição, e que, depois do que tinham ali vivido, um assassino a mais não faria diferença. Clarisse, porém, mostrou um rosto tão decepcionado e perturbado que Friedenthal sugeriu fazerem outro dia a visita a Moosbrugger e mais alguns, e que avisaria Siegmund por telefone assim que pudesse marcar uma data.

— Muito gentil de sua parte — agradeceu o general em nome de todos — mas naturalmente não sei se minhas outras tarefas me permitirão participar.

Com essa restrição, manteve-se o acordo, e Friedenthal enveredou por um caminho que em breve o fez desaparecer do outro lado da colina, enquanto os outros, acompanhados do guarda que o médico deixara com eles, iam em direção da saída. Deixaram o caminho e desceram pelo trajeto mais curto pela encosta tão bela, cheia de plátanos e faias. O general se livrara do jaleco e trazia-o alegremente sobre o braço como um guarda-pó num passeio, mas não conseguiam mais estabelecer um diálogo. Ulrich não mostrava desejos de se deixar prevenir para a noite, e Stumm estava ocupado demais com a volta para casa; só se sentia obrigado a dirigir algumas palavras a Clarisse, a cuja esquerda andava galantemente. Mas Clarisse estava distraída e silenciosa. “Será que afinal sente vergonha por causa daquele porcalhão?”, pensou ele e teve necessidade de esclarecer por que naquelas circunstâncias tão especiais não conseguira defendê-la como cavalheiro; mas, de outro lado, era melhor nem falar no assunto. Assim, o retorno transcorreu silencioso e sombrio.

Só quando entrou em sua carruagem e deixou Ulrich cuidando de Clarisse e seu irmão, o bom humor voltou ao general e, com ele, a idéia que dava certa ordem àquelas experiências opressivas. Ele tirara um cigarro do grande estojo de couro que sempre trazia consigo, e, já refestelado no assento, soprou as primeiras nuvenzinhas azuladas no ar ensolarado. Disse então, confortado:

— Deve ser horrível uma doença mental dessas! No momento é que me ocorre que o tempo todo, enquanto estivemos lá dentro, não vi ninguém fumando! Realmente nem se sabe tudo o que se tem, quando se tem saúde!

## PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. O CONDE LEINSDORF E O INN

Naquele dia movimentado aconteceu uma “grande noitada” na casa dos Tuzzi.

A Ação Paralela desfilava, com brilhos e luzes; olhos brilhavam, jóias brilhavam, nomes brilhavam, o espírito brilhava. Um doente mental poderia concluir eventualmente que os olhos, as jóias, os nomes e o espírito davam no mesmo nessa noitada social: e não estaria totalmente enganado. Quem não andava na Riviera ou nos lagos do Norte da Itália apareceu por lá, exceto uns poucos que, naquele tempo, pelo fim da “estação”, por princípio não acreditavam mais em “acontecimentos”.

Em lugar deles havia ali uma porção de gente que nunca se tinha visto. Uma longa pausa abrira lacunas na lista de presenças e para preenchê-las haviam atraído outras pessoas, mais rapidamente do que combinava com os hábitos previdentes de Diotima: o próprio Conde Leinsdorf entregara à amiga uma lista de pessoas que lhe

pediu fossem convidadas por motivos políticos, e depois que a ordem básica de exclusividade de seu salão fora sacrificada a esses motivos mais altos, ela não dera mais tanta importância ao resto como costumeiramente fazia. Aliás, Sua Alteza era a única razão daquele encontro festivo; Diotima pensava que só se podia ajudar à humanidade fazendo-o aos pares. Mas o Conde Leinsdorf insistia em dizer:

— Propriedade e Cultura não cumpriram seu dever na evolução histórica; nós temos de fazer a última tentativa!

E o Conde Leinsdorf sempre voltava ao tema.

— Minha cara — dizia —, a senhora ainda não se decidiu? Está mais do que em tempo. Todo mundo que se possa imaginar aparece com tendências destrutivas; temos de dar à cultura a última oportunidade de mantê-las equilibradas. — Mas Diotima, distraída pela multiplicidade de formas de acasalamento do ser humano, esquecia o resto.

Por fim, o Conde Leinsdorf a exortou:

— Olhe, minha cara, não estou acostumado a vê-la assim. Agora demos a todo mundo a ordem de ação; de minha parte, posso confiar-lhe isso, consegui que o Ministro do Interior renunciasse; ordens de cima, bem de cima! Mas na verdade era um escândalo e ninguém tinha coragem de pôr fim nisso! Portanto, confio-lhe esse fato — prosseguiu ele —, e agora o Primeiro-Ministro pediu que nós mesmos nos ocupássemos mais intensamente da enquete para constatação dos desejos dos círculos interessados da população quanto à reforma da administração interna, porque o novo ministro ainda não está muito a par das coisas: e logo agora a senhora quer me abandonar, a senhora que sempre foi a mais firme? Nós *temos* de dar à Propriedade e à Cultura uma última chance! Sabe: será assim, ou... assado!

Essa frase final um tanto incompleta foi dita de modo tão ameaçador que não se podia deixar de perceber que ele sabia o que queria, e Diotima prometeu solícita que se apressaria; mas depois esqueceu tudo de novo, e não fez nada.

Então, certo dia o Conde Leinsdorf foi dominado pelo seu dinamismo e apareceu na casa dela, impulsionado por quarenta cavalos-vapor.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, e Diotima teve de negar.

— Conhece o Inn, minha cara? — perguntou. Naturalmente Diotima conhecia esse rio, depois do Danúbio o mais famoso de todos, muito mencionado na geografia e história da pátria. Olhou seu visitante, perplexa, embora se esforçasse por sorrir.

Mas o Conde Leinsdorf estava mortalmente sério.

— Excetuando Innsbruck — disse ele —, que ridículos buracos há naquele vale do Inn, e que rio imponente ele é aqui em nossa região! Eu próprio nunca pensei nisso! — Ele sacudiu a cabeça. — Hoje vi por acaso um mapa rodoviário — explicou por fim —, e notei que o Inn vem da Suíça. Provavelmente já sabia disso; todos sabemos mas nunca pensamos no caso. Ele nasce em Maloja, um riachinho ridículo, eu mesmo o vi por lá; assim como, por aqui, o Kamp ou o Morava. Mas o que os suíços fizeram dele? O Engadin! O Engadin mundialmente famoso! O Engad-Inn, minha cara!! Acaso pensou nisso, que todo o Engadin vem da palavra Inn? Hoje me ocorreu isso: e nós, com nossa insuportável modéstia austríaca, naturalmente nunca damos importância ao que nos pertence!

Depois dessa conversa, Diotima convocou apressadamente a desejada reunião, porque reconhecia que tinha de ajudar Sua Alteza, em parte por medo de levar seu nobre amigo a excessos, se continuasse negando-se.

Mas quando lhe prometeu isso, Leinsdorf disse:

— E eu lhe peço, minha cara, desta vez não esqueça de também convidar a..., ora, a X, a quem chama de “Drangsal”; sua amiga, a Wayden, há semanas não me deixa em paz por causa dessa criatura!

Diotima prometeu também isso, embora em outros tempos tivesse considerado a tolerância com sua concorrente um crime contra o dever para com a pátria.

## PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. CONSELHEIRO MESERITSCHER

Quando as salas estavam repletas dos raios da iluminação festiva e da sociedade ali reunida, notou-se não apenas a presença de Sua Alteza ao lado de outros expoentes da aristocracia cuja vinda fora responsabilidade sua, como também Sua Excelência o Ministro da Guerra, e, em seu séquito, da cabeça intelectualizada, um pouco fatigada, do General Stumm von Bordwehr. Notou-se a presença de Paul Arnheim. (Simples e com mais efeito ainda sem título algum. “Se” pensara expressamente nisso. Chama-se isso de litotes, simplicidade artificial da expressão, quando, por assim dizer, se arranca um nada do próprio corpo, como o rei retira o anel do dedo e o enfia no de outra pessoa.) Depois notou-se a presença de todas as pessoas importantes dos ministérios (o Ministro da Educação e Cultura se desculpara pessoalmente junto a Sua Alteza no Senado, porque no mesmo dia tinha de ir à inauguração de uma grande grade de altar em Linz.) Depois, notou-se que os embaixadores e representantes estrangeiros tinham enviado uma “elite”. Depois, nomes conhecidos da “indústria, arte e ciência”, e uma antiga alegoria de trabalho pairava nessa invariável junção de três atividades burguesas, impondo-se por si mesma à pena que escrevia. Depois, essa pena ágil tomou nota das damas: bege, rosa, cereja, creme... bordado e tramado, três drapeados ou caindo abaixo da cintura; e entre a Condessa Adlitz e a Sra. Conselheiro Comercial Weghuber, nomeou-se a conhecida senhora Melanie Drangsal, viúva do mundialmente famoso cirurgião, “ela própria acostumada a abrigar amavelmente em seus salões a nata do espírito”. Por fim, isolado no fim dessa seção, apareceu Ulrich de Tal, com sua irmã, pois “se” hesitara em escrever: “cuja altruística atividade a serviço do empreendimento altamente espiritual e patriótico é conhecida” ou até: “um *coming man*”. Há tempos ouvia-se dizer que muitos suspeitavam que esse favorito do Conde Leinsdorf ainda poderia vir a induzir seu protetor a algum ato completamente irrefletido, e era grande a tentação de saber-se iniciado nesse segredo em tempo. Mas a maior satisfação de quem sabe das coisas sempre foi o silêncio, especialmente se tratar-se de pessoa cautelosa; e a isso Ulrich e Ágata deviam que seus nomes tivessem sido acrescentados imediatamente antes daqueles expoentes da sociedade e do espírito que já não eram mais nomeados pessoalmente mas se destinavam à vala comum do “todos os que gozam de nome e posição”. Ali entrava muita gente, incluindo o conhecido professor de Direito Penal, Conselheiro Professor Schwung, que estava provisoriamente na capital como participante de uma enquête ministerial. E ainda uma vez o jovem poeta Friedel Feuermaul, pois embora fosse sabido que seu espírito ajudara a concretizar aquela noite, era necessário ter severamente em vista que

isso nem de longe lhe conferia valor mais sólido, como o que se liga a vestuário e títulos. Gente como o diretor de banco Leo Fischel com família — que tinham conseguido acesso a Diotima depois de grandes esforços, por insistência de Gerda, e sem incomodar Ulrich, graças, portanto, à negligência momentânea — foram relegados ao mero canto do olho. E só a esposa de um conhecido jurista — embora, para essa sociedade, ainda se encontrasse abaixo do limite de percepção — com seu nome secreto de Bonadéia, que nem o “se” conhecia, foi depois desenterrada e posta entre as toaletes, porque sua aparição chamou atenção de todos, causando admiração. Esse “se”, a curiosidade vigilante da opinião pública, naturalmente era uma pessoa; de hábito são muitas, na metrópole da Kakânia, porém, naquele tempo uma superava todas as outras, e era o Conselheiro de Governo Meseritscher.

Nascido em Meseritsch da Valaquia, de onde seu nome conservava traços, esse editor, redator-chefe e repórter principal da *Correspondência Parlamentar e Social* (nos anos sessenta do século passado) chegara à cidade ainda jovem, renunciando à possibilidade de assumir a taverna paterna de Meseritsch da Valaquia em troca da profissão de jornalista, atraído pelo brilho do liberalismo então em seu auge. E, em breve, também ele já tinha dado sua contribuição para aquela era, fundando uma agência que começara com o envio aos jornais de pequenas notícias locais de caráter policial. Essa forma originária de sua correspondência conseguiu, graças à aplicação, confiabilidade e escrúpulo de seu dono, não apenas a aprovação dos jornais e da polícia, mas em breve foi notada por outras altas autoridades, para a publicação de notícias desejáveis pelas quais não se queriam responsabilizar pessoalmente, e passaram finalmente a privilegiá-la e fornecer-lhe material, até que ela assumiu uma posição ímpar no terreno das notícias não-oficiais, mas nascidas de fontes oficiais. Homem cheio de dinamismo e incansável espírito de trabalho, vendo evoluir assim o seu sucesso, Meseritscher ampliara sua atividade para as notícias da Corte e sociedade; provavelmente nem teria vindo de Meseritsch para a capital se não tivesse sonhado com isso o tempo todo. Listas de presença impecáveis eram sua especialidade. Sua memória para pessoas e o que se contava delas era incomum, e nos salões lhe conferia logo as mesmas prerrogativas que no mundo criminal. Ele conhecia o grande mundo melhor que este se conhecia a si mesmo, e com inesgotável amor conseguia fazer as pessoas que se encontravam numa reunião conhecerem umas às outras no dia seguinte, como um velho cavalheiro a quem há anos se confiou todos os planos de casamento e assuntos de alfaiataria. Assim, em festas e comemorações o obstinado, ágil, sempre prestativo e agradável pequeno senhor era uma figura conhecida na cidade, e nos anos mais avançados de sua vida essas reuniões só eram valorizadas realmente pela sua presença.

Esse curso de vida atingira seu auge quando Meseritscher fora nomeado Conselheiro do Governo, pois nesse título havia uma singularidade: a Kakânia era o país mais pacífico do mundo, mas em algum momento, na profunda inocência de suas convicções de que não haveria mais guerras, nascera a idéia de dividir seus funcionários em classes hierárquicas correspondentes às de oficiais, e até lhes concederam uniformes e insígnias correspondentes. O posto de Conselheiro de Governo correspondia desde então ao de um tenente-coronel imperial e real; mas embora não fosse em si um alto posto, sua singularidade, quando foi conferido a Meseritscher, constava em que, segundo uma tradição inviolável que, como tudo que é inviolável, só por exceção era violado na Kakânia, ele deveria ter sido Conselheiro Imperial. Pois

Conselheiro Imperial não era, como se pode julgar pelo sentido das palavras, mais do que Conselheiro de Governo, e sim, menos; Conselheiro Imperial correspondia apenas ao posto de capitão. E Meseritscher deveria ter-se tomado Conselheiro Imperial, pois esse título, além de a funcionários da Chancelaria, só poderia ser conferido a profissionais liberais, portanto cabeleireiros da Corte ou fabricantes de carruagens, mas, pelo mesmo motivo, também a escritores e artistas; enquanto que Conselheiro de Governo era um verdadeiro título de funcionário. Portanto, no fato de que Meseritscher o recebesse, como primeiro e único, expressava-se mais do que apenas o valor do título, mais do que o convite diário de não levar demasiadamente a sério o que acontecia no país: pelo título injustificado, o incansável cronista via confirmada de maneira fina e discreta sua estreita ligação com Corte, Estado e Sociedade.

Meseritscher tivera efeito exemplar sobre muitos jornalistas de seu tempo e era membro da diretoria de importantes associações de escritores. Havia ainda a lenda de que mandara fazer para si um uniforme com colarinho dourado, mas que só o usava em casa, algumas vezes. Mas não devia ser verdade, pois no fundo de seu ser Meseritscher sempre guardara lembranças da taverna de Meseritsch, e um bom taverneiro não bebe: um bom taverneiro também conhece os segredos de todos os seus fregueses mas não faz uso de tudo o que sabe; jamais se imiscui na discussão com sua opinião própria, mas conta e observa com satisfação tudo o que é fato, anedota ou piada. Assim, Meseritscher, a quem se encontrava em todas as festas como reconhecido noticiador de belas mulheres e nobres homens, jamais tivera a tentação de usar um bom alfaiate; conhecia todos os segredos de bastidores da política e não praticava política com uma só frase; sabia de todas as invenções e descobertas de seu tempo, e não entendia nenhuma delas. Bastava-lhe saber que tudo isso existia. Ele amava honestamente seu tempo, e este lhe correspondia com certo amor porque ele falava a seu respeito diariamente, afirmando sua existência.

Quando ele entrou e Diotima o percebeu, ela acenou chamando-o imediatamente.

— Caro Meseritscher — disse, do modo mais amável possível —, o senhor não há de ter considerado o discurso de Sua Alteza no Senado como expressão de nos sas idéias, nem o levou ao pé da letra!

Irritado por suas preocupações, Sua Alteza fizera um discurso muito comentado no Senado, por ocasião da queda do Ministro, não apenas acusando a vítima de ter omitido o verdadeiro espírito de solicitude e severidade, mas deixando também que seu fervor o levasse a tecer considerações gerais que, de modo inexplicável, culminaram numa valorização da importância da imprensa em que a censurava, como “instituição que se arvorava de grande potência”, por mais ou menos tudo de que um homem de pensamento cavalheiresco, independente, imparcial e cristão pode acusar uma instituição que, na sua opinião, difere totalmente dele. Era isso que Diotima procurava consertar diplomaticamente, e enquanto encontrava palavras cada vez mais difíceis e belas para a verdadeira intenção do Conde Leinsdorf, Meseritscher ia escutando sempre mais pensativo. Mas, de repente, pôs a mão no braço dela e cortou-lhe generosamente a palavra:

— Digníssima senhora, por que ainda vai se preocupar com isso? — disse. — Sua Alteza é nosso bom amigo. Ele exagerou muito: por que não faria isso, sendo cavalheiro? — E para provar imediatamente que não lhe queria mal, acrescentou: — Vou conversar com ele agora!



Assim era Meseritscher! Mas, antes de se pôr a caminho, ainda se dirigiu mais uma vez familiarmente a Diotima.

— E o que há afinal com Feuermaul, digníssima? Diotima ergueu os belos ombros, sorrindo.

— Realmente nada de especial, caro conselheiro. Não queremos que digam que rejeitamos quem se aproxima de nós com boa vontade!

“Boa vontade, é boa essa!”, pensou Meseritscher a caminho do Conde Leinsdorf; mas antes de chegar até ele, antes até de concluir seu pensamento, cujo final ele próprio bem gostaria de ter sabido, o dono da casa se postou amavelmente em seu caminho:

— Caro Meseritscher, as fontes oficiais fracassaram mais uma vez — começou o subsecretário Tuzzi sorrindo. — Por isso me dirijo à fonte semi-oficial. Pode me dizer alguma coisa sobre Feuermaul, que está aqui conosco hoje?

— O que poderia dizer, subsecretário? — queixou-se Meseritscher.

— Dizem que ele é um gênio.

— Agrada-me ouvir isso! — respondeu Meseritscher.

Quando se quer noticiar rápida e seguramente o que há de novo, esse novo não deve ser diferente demais do antigo que já se conhecia. Também o gênio não é exceção, isto é, o verdadeiro e reconhecido, com cuja importância seu tempo rapidamente concorda. Diferentemente acontece com o gênio que não é logo tomado por tal por todo mundo! Este tem, por assim dizer, algo de muito pouco genial, mas nem mesmo isso é exclusividade sua, de modo que podemos nos enganar a seu respeito. O Conselheiro Meseritscher tinha um contingente fixo de gênios, que tratava com amor e atenção, mas não gostava de novas admissões. Quanto mais velho e experiente se tornava, tanto mais se formara nele o costume de considerar novos gênios artísticos, especialmente no campo da literatura que lhe era profissionalmente mais chegado, como levianas perturbações de sua tarefa de noticiar. E, com seu bondoso coração, odiava-os até eles estarem maduros para a rubrica das notícias pessoais. Mas Feuermaul naquele tempo estava longe disso e devia ser levado até lá, coisa com que o Conselheiro Meseritscher não concordava.

— Dizem que é um grande poeta! — repetiu o subsecretário Tuzzi inseguro, e Meseritscher retrucou com firmeza:

— Quem diz isso? Os críticos da página literária! O que importa isso, secretário? — prosseguiu. — Os entendidos dizem isso. O que são os entendidos? Alguns dizem o contrário. E temos exemplo de entendidos que hoje dizem isso, amanhã aquilo. Aliás, que importância eles têm? O que é realmente glória há de ter chegado aos ouvidos dos não-entendidos, só então é verdadeira! Se quer saber o que penso: de um homem importante, não se deve saber o que faz, a não ser que ele chega e parte de novo!

Ele se inflamara, tristemente, e seus olhos prendiam-se ao subsecretário Tuzzi. Este calou-se, desistindo do assunto.

— Afinal, o que está acontecendo aqui hoje, secretário? — perguntou Meseritscher.

Tuzzi encolheu os ombros, sorrindo distraído.

— Nada. Na verdade, nada. Um pouco de vaidade. Já leu um livro do Feuermaul?

— Sei o que ele diz: paz, amizade, bondade e coisas assim.

— Então não o julga grande coisa — disse Tuzzi.

— Deus do Céu! — começou Meseritscher retorcendo-se. — Sou acaso um entendido? — Mas nesse momento a Sra. Drangsal precipitava-se na direção de ambos, e Tuzzi teve de dar alguns passos até ela, educadamente; Meseritscher, que percebeu uma brecha no círculo que rodeava o Conde Leinsdorf, aproveitou o momento, tomou uma rápida decisão, e sem se deixar interromper mais uma vez ancorou ao lado de Sua Alteza. O Conde Leinsdorf falava com o Ministro e alguns outros senhores, mas virou-se um pouco assim que o Conselheiro cumprimentara a todos, e puxou-o um pouco para o lado.

— Meseritscher — disse Sua Alteza com veemência —, prometa-me que não haverá mal-entendidos, os senhores da imprensa nunca sabem o que devem escrever. Portanto: nada mudou na situação desde a última vez. Talvez alguma coisa ainda mude. Não sabemos. Não devemos ser perturbados de antemão. Portanto, peço, mesmo que algum dos colegas o interrogue, toda a noite de hoje é apenas um assunto doméstico da esposa do subsecretário Tuzzi!

As pálpebras de Meseritscher confirmaram, lentas e preocupadas, que ele entendera a disposição estratégica dada. E como uma confiança vale outra, umedeceu os lábios com o brilho que deveria estar nos olhos, e perguntou:

— E Feuermaul, Alteza, se posso saber?

— Por que não poderia? — respondeu o Conde Leinsdorf espantado. — Não há nada com o Feuermaul! Ele foi convidado porque a Baronesa Way den não nos deixou em paz. O que mais poderia haver? Sabe de alguma coisa?

O Conselheiro Meseritscher até ali não quisera dar importância ao assunto Feuermaul, antes o considerara uma dessas rivalidades sociais de que ficava sabendo diariamente. Mas como o Conde Leinsdorf também negasse tão energicamente qualquer importância ao assunto, não podia mais pensar assim, e ficou convencido de que se preparava algo de importante. “O que poderão estar planejando?”, pensava enquanto seguia andando, e deixou passar em sua mente as mais ousadas possibilidades de política interna e externa. Algum tempo depois, porém, pensou decidido: “Não há de ser nada!”, e não se deixou mais desviar de sua atividade de repórter. Pois, por mais que parecesse contradizer sua vida: Meseritscher não acreditava em grandes acontecimentos, não gostava deles. Quando estamos convencidos de que vivemos num tempo muito importante, belo e grandioso, não suportamos a idéia de que possa acontecer nele ainda algo de especialmente importante, belo e grandioso. Meseritscher não era um alpinista, mas, se fosse, teria dito que isso era tão correto quanto o fato de que se colocam torres de belvederes nas montanhas médias, nunca nos cumes mais altos. Como lhe faltassem essas comparações, contentou-se com certo desconforto e o propósito de, em caso algum, mencionar Feuermaul em suas notícias.

PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. E ENCONTRAMOS  
CONHECIDOS

Ulrich, que estivera parado ao lado da prima enquanto ela falava com Meseritscher, perguntou-lhe quando ficaram a sós por um momento:

— Infelizmente cheguei tarde: como foi o primeiro encontro com a Drangsal? Diotima ergueu os pesados cílios para lançar-lhe um único olhar fatigado e baixou-os de novo.

— Naturalmente, encantador — disse. — Ela me procurou. Vamos combinar alguma coisa hoje. É tudo tão indiferente!

— Está vendo! — disse Ulrich. Soava como nas antigas conversas; como se quisesse colocar-lhes um ponto final.

Diotima virou a cabeça para o lado e encarou o primo, interrogativa.

— Eu já lhe disse isso antes. Tudo está quase terminado e não aconteceu — afirmou Ulrich. Tinha necessidade de falar; quando chegara em casa de tarde, Ágata estivera lá e logo saíra de novo; tinham trocado apenas umas breves palavras antes de virem até a casa de Diotima; Ágata chamara a mulher do jardineiro, vestindo-se com ajuda dela. — Eu a preveni! — disse Ulrich.

— Preveniu de quê? — perguntou Diotima lentamente.

— Ah, não sei. De tudo!

Era a verdade, ele mesmo não sabia mais. Das idéias dela, de sua ambição, da Ação Paralela, do amor, do espírito, do Ano Mundial, de negócios, de seu salão, de suas paixões; da sensibilidade e daquele negligente deixar-correr, da desmesura e da correção, do adultério e do casamento; não havia nada de que não a tivesse prevenido. “Enfim, é assim que ela é!”, pensou. Achava ridículo tudo que ela fazia, mas era tão bonita que se tornava triste. — Eu a preveni — repetiu. — Dizem que agora a senhora só se interessa por questões de sexologia!

Diotima ignorou isso.

— Acha que esse favorito da Drangsal tem talento? — indagou.

— Claro — disse Ulrich. — Talentoso, jovem, inacabado. Seu sucesso e aquela mulher darão cabo dele. Aqui já estragam os bebês porque lhes dizem que são fabulosas criaturas instintivas, que só podem perder com a evolução intelectual. Às vezes ele tem boas idéias, mas não pode passar dez minutos sem dizer alguma bobagem. — Ele aproximou-se do ouvido de Diotima. — Conhece bem a mulher?

Diotima balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

— É de uma ambição perigosa — disse Ulrich. — Mas deve interessá-la por seus novos estudos. Onde as belas mulheres antigamente tinham uma folha de figueira, ela tem uma folha de louro! Odeio esse tipo de mulheres!

Diotima não riu, nem sorriu; apenas entregava o ouvido ao “primo”.

— E o que pensa dele como homem? — perguntou ele.

— Triste — sussurrou Diotima. — Como um cordeirinho que engordou prematuramente.

— Por que não? A beleza do homem é apenas um sinal sexual secundário — disse Ulrich. — Primariamente excitante nele é a esperança de sucesso. Feuermaul

será uma figura internacional em dez anos; as relações da Drangsal cuidarão disso, e depois ela se casará com ele. Se a fama dele permanecer, será um casamento feliz. Diotima refletiu e corrigiu, gravemente:

— A felicidade do casamento depende de condições que não sabemos julgar sem um trabalho disciplinado em nós mesmos!

Depois, deixou-o ali como um navio altivo deixa o cais em que se encostara. Suas tarefas de dona de casa a levavam, e ela balançava imperceptivelmente a cabeça sem o encarar enquanto os cordames se soltavam. Mas não o fazia por mal; ao contrário, a voz de Ulrich lhe parecera uma antiga música da juventude. Até se perguntou, silenciosa, que resultados teria uma análise amorosa científica da sua pessoa. Singularmente, até ali não ligara a ele suas pesquisas intensas nesse terreno.

Ulrich ergueu os olhos, e, por uma brecha naquela agitação social, uma espécie de canal ótico ao qual talvez já o olho de Diotima tivesse seguido antes de deixar seu lugar, ele viu, na outra sala, Paul Arnheim conversando com Feuermaul, e a Sra. Drangsal, satisfeita, parada ao lado. Ela reunira os dois homens. Arnheim levantava a mão com o charuto, parecia um inconsciente gesto de rejeição, mas sorria muito amavelmente; Feuermaul falava com vivacidade, segurava seu charuto com dois dedos e entre as frases sugava-o com a avidez de um bezerro que empurra o focinho contra o úbere da mãe. Ulrich podia imaginar o que falavam, mas não se esforçou por fazê-lo. Ficou ali parado, feliz e sozinho, e seus olhos procuraram a irmã. Descobriu-a num grupo com homens bastante desconhecidos, e um calafrio perpassou sua distração. Então, Stumm von Bord wehr lhe meteu a ponta de um dedo mansamente entre as costelas, e no mesmo momento aproximou-se, do outro lado, o Professor Schwung, mas foi detido a poucos passos por um colega da capital.

— Até que enfim o encontro! — sussurrou o general, aliviado. — O Ministro quer saber o que são “imagens diretivas”.

— Como assim, imagens diretivas?

— Como não sei. O que são imagens diretivas? Ulrich definiu:

— Verdades eternas que não são nem verdadeiras nem eternas mas valem por algum tempo, para que esse tempo possa se orientar segundo algum modelo. É uma expressão filosófica e sociológica, e é usada raramente.

— Ah, então está certo — disse o general. — Arnheim afirmou: a doutrina de que o ser humano é bom é apenas uma imagem diretiva. O Feuermaul respondeu que não sabia o que eram imagens diretivas, mas que o ser humano é bom e isso é uma verdade eterna! Em seguida, o Leinsdorf disse: “Está correto. Na verdade nem há pessoas más, pois ninguém pode querer o mal; há apenas pessoas transviadas. As pessoas hoje são nervosas porque em tempos como os atuais há tanta gente que duvida de tudo e não acredita em nada de sólido!” Eu imaginei que ele devia ter estado conosco esta tarde! Mas, na verdade, ele também acha que as pessoas que não querem reconhecer as coisas deviam ser forçadas. E agora o Ministro quer saber o que são imagens diretivas. Vou só falar depressa com ele, depois volto. Você fica parado aqui algum tempo, para que eu o encontre de novo? Preciso falar ainda um assunto urgente com você, e depois levá-lo até o Ministro!

Antes que Ulrich pudesse pedir alguma explicação, Tuzzi enfiou a mão no seu braço, dizendo ao passar:

— Faz tempo que não o vemos por aqui! — prosseguiu: — Recorda-se de que eu lhe predisse que teríamos de lidar com uma invasão de pacifismo? — Também encarou amavelmente o general, mas Stumm tinha pressa e apenas respondeu que, como oficial, tinha outra imagem diretiva, mas que não tinha nada contra uma convicção honrada... o resto da frase sumiu com ele, pois sempre se aborrecia com Tuzzi, e isso não favorece a elaboração de idéias.

O subsecretário piscou alegremente às costas do general e virou-se outra vez para o “primo”.

— A questão das jazidas de petróleo naturalmente é apenas um duelo de brincadeira — disse.

Ulrich encarou-o espantado.

— Então ainda não sabe nada sobre a questão dessas jazidas? — perguntou Tuzzi.

— Sim — respondeu Ulrich. — Apenas me admirei ao ver que você sabe. — E, para não ser descortês, acrescentou: — Conseguiu esconder tudo perfeitamente!

— Há muito tempo sei de tudo — explicou Tuzzi, lisonjeado. —, Que esse Feuermaul esteja aqui em casa hoje naturalmente foi coisa de Arnheim através de Leinsdorf. Aliás, você leu seus livros?

Ulrich confirmou.

— Um pacifista de ferro! — disse Tuzzi. — E a Drangsal, como minha mulher a chama, cuida dele com tamanho zelo materno que andaré sobre cadáveres em favor do pacifismo se for preciso, embora não se interesse por isso, e só por artistas!

— Tuzzi refletiu um pouco, depois revelou a Ulrich: — O pacifismo naturalmente é o principal, as jazidas são só uma manobra de distração; por isso, mandam o Feuermaul à frente com seu pacifismo, pois todo mundo pensará: “Ah, olhe a manobra de distração!”, e acreditará que, no fundo, se trata das jazidas de petróleo! Excelente, mas inteligente demais para não ser notado. Pois se o Arnheim obtiver as jazidas e um contrato de fornecimento com o erário militar, naturalmente teremos de proteger a fronteira. Também precisamos construir no Adriático pontos de abastecimento para a Marinha, e inquietar a Itália. Mas se irritarmos nossos vizinhos dessa maneira, naturalmente a necessidade de paz crescerá, como a propaganda de paz, e se então o czar aparecer com alguma idéia sobre a paz eterna, encontrará o solo psicologicamente preparado. É isso que o Arnheim quer!

— E o senhor tem algo contra?

— Naturalmente não temos nada contra isso — disse Tuzzi. — Mas talvez se recorde de que eu já lhe expliquei uma vez que não há nada mais perigoso do que paz a qualquer preço. Temos de nos proteger contra o diletantismo!

— Mas Arnheim dedica-se à indústria de armamentos! — respondeu Ulrich sorrindo.

— Claro que sim! — sussurrou Tuzzi um pouco irritado. — Por amor de Deus, não pense de modo tão simplificado sobre essas coisas! Ele obtém seu contrato. E quando muito, também os vizinhos estarão se armando. Verá: no momento decisivo, ele vai se revelar pacifista! Pacifismo é um negócio de armas duradouro e certo, enquanto a guerra é um risco!

— Acho que o partido militar não tem tão más intenções — interveio Ulrich.

— Ele apenas gostaria de facilitar o armamento da artilharia através desse negócio com Arnheim, nada mais. E afinal, hoje em dia o mundo inteiro se arma apenas para

a paz; portanto, provavelmente pensa que é meramente uma postura correta tentar fazer isso com ajuda dos amigos da paz!

— Mas como é que os cavalheiros imaginam a execução desse plano? — pesquisou Tuzzi, sem entrar na brincadeira.

— Acho que ainda nem chegamos a esse ponto. Penso que, por enquanto, eles estão apenas tomando posições.

— Claro! — reforçou Tuzzi aborrecido, como se não esperasse outra coisa. — Os militares não devem pensar senão na guerra, e, no resto, dirigir-se aos departamentos competentes. Mas antes de fazerem isso, eles preferem colocar o mundo inteiro em perigo, com seu diletantismo. Repito: nada é mais perigoso para a diplomacia do que falar de paz sem conhecimento de causa! Sempre que a necessidade disso atinge certo clímax e não se consegue mais controlar, rebenta uma guerra! Posso provar-lhe isso com documentos!

Nesse momento, o Conselheiro Professor Schwung se livrara de seu colega e utilizou Ulrich para ser apresentado ao dono da casa. Ulrich consentiu, observando que se podia dizer que o famoso erudito condenava o pacifismo, no campo do Direito Penal, como o poderoso subsecretário o condenava no campo político.

— Mas por amor de Deus — defendeu-se Tuzzi, rindo — o senhor me entendeu mal! — E também Schwung, depois de esperar um momento para assegurar-se da situação, concordou comentando que de modo algum quereria ver suas idéias sobre a responsabilidade reduzida como desumanas e sanguinárias.

— Ao contrário! — exclamou como velho ator de cátedra, abrindo a voz em lugar de abrir os braços. — Exatamente a pacificação do ser humano nos leva a certa severidade! Posso pressupor que o senhor subsecretário tenha ouvido algo sobre meus atuais esforços nesse sentido? — Agora, ele se dirigia diretamente a Tuzzi, que nada sabia sobre a disputa para determinar se a responsabilidade reduzida de um criminoso doente se fundamenta apenas nas idéias dele ou na vontade dele, mas por isso mesmo concordou cortesmente com tudo. Schwung, muito contente com o efeito que produzira, começou a elogiar a impressão que lhe provocava uma concepção séria de vida, da qual era testemunha nessa noite, e contou que, ouvindo conversas aqui e ali, escutara muitas vezes os termos “severidade viril” e “saúde moral”.

— Nossa cultura está empestada de pessoas inferiorizadas, moralmente imbecis — acrescentou por seu turno, indagando: — Mas afinal, qual é o motivo desta reunião? Passando por diversos grupos escutei muitas vezes pontos de vista rousseauianos sobre a inata bondade do ser humano.

Tuzzi, a quem se dirigia essa pergunta, calou-se sorrindo, mas nisso o general voltou para junto de Ulrich, e este, desejando fugir, apresentou-lhe Schwung, designando-o como o homem mais indicado para dar uma resposta, isso, entre todos os presentes. Stumm von Bordwehr defendeu-se vivamente, mas Schwung, e também Tuzzi, não o largaram; e Ulrich já rejubilava, recuando uns primeiros passos, quando um velho conhecido o segurou dizendo:

— Minha mulher e minha filha também estão aqui. — Era o diretor de banco Leo Fischel.

— Hans Sepp realizou os exames de estado — contou. — O que me diz disso? Agora, basta-lhe um exame para ser doutor! Estamos todos sentados ali no canto — ele apontou para a sala mais afastada. — Conhecemos muito pouca gente aqui. Aliás, há muito tempo o senhor não nos visita! Foi pelo seu pai, não foi?

Hans Sepp nos conseguiu o convite para esta noite, minha mulher fazia questão: afinal, o rapaz não é tão mau assim. Gerda e ele ficaram noivos, meio oficialmente. Ainda não sabe disso, sabe? Mas, veja, a Gerda, essa menina, nem ao menos sabe se o ama ou se apenas meteu isso na cabeça. Venha um pouco até o nosso canto.

— Vou mais tarde — prometeu Ulrich.

— Sim, venha! — repetiu Fischel e ficou calado. Depois sussurrou: — Aquele é o dono da casa? Não quer me apresentar a ele? Ainda não tivemos oportunidade. Não conhecemos nem a ele nem a ela.

Quando Ulrich se preparava para fazer isso, Fischel o segurou:

— E o grande filósofo? O que anda fazendo? — perguntou. — Minha mulher e Gerda naturalmente estão apaixonadas por ele. Mas e as jazidas de petróleo? Agora dizem que foi um boato falso: não acredito nisso! Sempre se desmentem as coisas! Sabe, é assim: quando minha mulher se aborrece com uma empregada, diz que ela mente, que é imoral, insolente: por assim dizer, tudo defeitos de alma. Mas se secretamente pago mais à moça para ter sossego, de repente sua alma some! Nem se fala mais da alma dela, tudo fica em ordem, minha mulher nem sabe por quê. Não é assim? Não é mesmo? As jazidas são plausíveis demais do ponto de vista comercial, para se poder acreditar nos desmentidos.

E como Ulrich ficasse calado, mas Fischel quisesse voltar para junto da mulher no papel de quem sabe de tudo, começou:

— É preciso admitir que é bonito aqui. Mas minha mulher gostaria de saber por que se falam coisas tão estranhas, e quem é afinal esse tal Feuermul? — acrescentou depressa. — Gerda diz que é um grande poeta; Hans Sepp diz que ele é apenas um arrivista que engana todo mundo!

Ulrich disse que a verdade deveria estar mais ou menos no meio.

— Boas palavras! — agradeceu Fischel. — A verdade está sempre no meio, e hoje em dia todos esquecem isso, pois todo mundo é extremista! Eu sempre digo ao Hans Sepp: todos podem ter seus pontos de vista, mas duradouros são apenas aqueles com que se ganha alguma coisa, porque isso prova que eles também iluminam outras pessoas! — Algo de importante mudara imperceptivelmente em Leo Fischel, mas infelizmente Ulrich não pesquisou para ver o que era, apenas apressando-se em passar o pai de Gerda aos demais membros do grupo do subsecretário Tuzzi.

Lá, entretantes, Stumm von Bordwehr tomara a palavra, pois não conseguia agarrar Ulrich, e estava dominado por tamanha vontade de desabafar, que o fez pelo caminho mais direto.

— Como se explica a noite de hoje? — exclamou, repetindo a pergunta do Conselheiro Schwung. — Eu gostaria, por assim dizer, de afirmar muito bem ponderado: é melhor não a explicar! Não é piada, meus senhores — ■ declarou, não sem modesto orgulho. — Esta tarde, perguntei por acaso num diálogo a uma jovem dama a quem tive de mostrar a clínica psiquiátrica de nossa Universidade, o que pretendia por lá, para que lhe pudéssemos explicar tudo direito, e ela me deu uma resposta cheia de espírito, que me levou a pensar muito. Ela disse: “Se quisermos explicar todas as coisas, o ser humano jamais mudará nada no mundo!”

Schwung desaprovou essa afirmação balançando a cabeça.

— Não sei o que ela queria dizer — defendeu-se Stumm —, e não quero me identificar com isso, mas sente-se que há alguma verdade! Veja, eu, por exemplo,

devo ao meu amigo, que muitas vezes aconselhou Sua Alteza e portanto a Ação — apontou cortesmente para Ulrich — muitos ensinamentos; mas o que se elabora aqui esta noite é uma certa rejeição de ensinamentos. E volto assim ao que afirmei no começo!

— Mas — disse Tuzzi — o senhor pretende, quero dizer, dizem que os senhores do Ministério da Guerra querem hoje provocar uma decisão patriótica: uma coleta de dinheiro público ou coisa parecida, para rearmar a artilharia. Naturalmente isso deverá ter apenas valor de demonstração, para pressionar o Parlamento através da vontade pública.

— É assim que também eu interpreto muita coisa que escutei esta noite! — reforçou o Conselheiro Schwung.

— É tudo bem mais complicado, senhor subsecretário! — disse o general.

— E o Doutor Arnheim? — perguntou Tuzzi sem nenhum constrangimento. — Posso falar abertamente: está certo de que Arnheim também não pretende nada senão as jazidas de petróleo da Galícia, que, por assim dizer, formam uma só questão com essa história dos canhões?

— Só posso falar por mim e aquilo com que lido, senhor subsecretário — defendeu-se Stumm mais uma vez —, e aí tudo é bem mais complicado!

— Claro que é mais complicado! — retrucou Tuzzi, sorrindo.

— Claro que precisamos dos canhões — exaltou-se o general —, e pode ser vantagem colaborar com Arnheim da maneira indicada por Vossa Senhoria. Mas repito que só posso falar do meu ponto de vista, como responsável pelo setor cultural, e por isso lhe pergunto: de que adiantam canhões sem espírito?

— E por que se deu tal valor à inclusão do Sr. Feuermaul? — perguntou Tuzzi. — Isso é o derrotismo em pessoa!

— Perdoe-me se não concordo — disse o general, decidido —, mas é o espírito dos tempos! O espírito dos tempos tem duas correntes atualmente. Sua Alteza, parado ali com o Ministro, acabo de vir de lá, Sua Alteza diz, por exemplo, que é preciso dar um lema de ação, que a evolução dos tempos exige isso. E, com efeito, hoje em dia todos se alegram muito menos com as grandes idéias da humanidade do que, digamos, há cem anos atrás. De outro lado, naturalmente, também o senso de amor ao próximo tem seu valor, apenas Sua Alteza diz que se alguém não quer ser feliz, precisamos de certa forma forçá-lo a isso! Sua Alteza é, pois, a favor de uma das correntes, mas também não se afasta da outra!

— Não entendi isso direito! — interveio o Professor Schwung.

— Não é fácil de entender — concedeu Stumm de boa vontade. — Quem sabe vamos mais uma vez partir do fato de que noto duas correntes no espírito dos tempos? Uma diz que o ser humano é por natureza bom, desde que, por assim dizer, o deixemos em paz...

— Bom, como? — interrompeu Schwung. — Quem pensará de modo tão ingênuo em nossos dias? Não vivemos mais no mundo de idéias do século dezoito!

— Preciso fazer uma objeção — defendeu-se o general, ofendido. — Pense nos pacifistas, nos vegetarianos, nos que são contra a violência, nos apologistas de uma vida mais natural, nos antiintelectuais, nos que se recusam a prestar serviço militar... Na pressa nem me lembro de tudo, e todos os que, por assim dizer, colocam sua confiança no ser humano formam juntos uma grande corrente. Mas, por favor — acrescentou com a presteza que era tão amável nele —, se quiser,



podemos partir do ponto de vista oposto. Talvez do fato de que o ser humano precisa ser escravizado, porque sozinho, e por si, jamais faz o que é correto: nisso é possível que tenhamos mais facilmente a mesma opinião. A massa precisa de pulso forte, de líderes que a tratem energicamente, e não fiquem apenas falando; em resumo, a massa precisa ter sobre si o espírito da ação; a sociedade humana consta apenas de pequeno número de voluntários, que têm o preparo necessário, e de milhões de outros sem maior ambição do que apenas servirem forçadamente: não é mais ou menos isso? E, como essa idéia aos poucos abriu caminho em nossa Ação devido às experiências feitas, a primeira corrente (pois o que descrevi era a segunda corrente no espírito dos tempos), bem, a primeira corrente, por assim dizer, assustou-se receando que a grande idéia do amor e da fé no ser humano se pudesse perder inteiramente, e então começaram a agir as forças que mandaram Feuermaul para a nossa Ação, a fim de salvar no último momento o que ainda possa ser salvo. Assim se entende tudo mais simplesmente do que parecia no começo, não é verdade? — perguntou Stumm.

— E o que vai acontecer? — quis saber Tuzzi.

— Acho que nada — respondeu Stumm. — Já tivemos muitas correntes na Ação.

— Mas entre essas duas existe uma contradição insuportável! — objetou o Professor Schwung, que, como jurista, não conseguia tolerar essa indefinição.

— Pensando bem, não — disse Stumm. — Também a outra corrente natural mente quer amar o ser humano; apenas acha que, para isso, precisamos primeiro transformá-lo à força: é por assim dizer apenas uma diferença técnica.

Nisso, o Diretor Fischel tomou a palavra:

— Como só cheguei mais tarde, infelizmente não percebo todas as implicações; mas, se apesar disso me permitirem, gostaria de observar que o respeito pelo ser humano parece ser fundamentalmente maior do que seu oposto! Esta noite, embora certamente fossem exceções, ouvi algumas opiniões incríveis sobre quem pensa de outra forma, e principalmente sobre quem pertence a outras nações! — Com suas suíças divididas no meio pelo queixo escanhado, e o pincenê torto, ele parecia um lorde inglês que acredita nas grandes idéias da humanidade e no livre-comércio, e omitiu que ouvira as censuráveis idéias de Hans Sepp, seu futuro genro, que se inseria na “segunda corrente do espírito dos tempos”.

— Opiniões rudes? — perguntou-lhe o general, solícito.

— Extraordinariamente rudes — confirmou Fischel.

— Quem sabe falou-se de “treinamento”? Infelizmente pode-se confundir facilmente as duas coisas — disse Stumm.

— Não, não! — exclamou Fischel. — Idéias totalmente desrespeitosas, até revolucionárias! Talvez o senhor não conheça nossa juventude agressiva, senhor general. Admira-me que admitam esse tipo de gente por aqui.

— Opiniões revolucionárias? — perguntou Stumm, a quem isso não agradava nada, e sorriu com tanta frieza quanto seu rosto redondo permitia. — Infelizmente devo dizer, senhor diretor, que não sou absolutamente contra o revolucionário! Naturalmente, quer dizer, na medida em que não se faça realmente revolução! Muitas vezes há um imenso idealismo nisso tudo. E quanto a serem admitidos aqui, a Ação, que deve abranger a pátria toda, não tem direito de rejeitar forças construtivas, não importa de que modo se expressem!

Leo Fischel ficou calado. O Professor Schwung não se interessava muito pela opinião de um dignitário que não pertencesse à administração civil. Tuzzi estivera sonhando: “primeira corrente... segunda corrente”. Lembrava-lhe dois termos parecidos: “primeira barragem, segunda barragem”, mas sem que estes ou a conversa com Ulrich, na qual tinham aparecido, lhe ocorressem; apenas um ciúme incompreensível de sua mulher despertava nele, e se ligava àquele inofensivo general, através de elos invisíveis que ele não conseguia deslindar. Quando o silêncio o despertou desses devaneios, quis mostrar ao representante dos militares que não se deixava confundir por conversas prolixas.

— Resumindo tudo isso, senhor general — começou —, o partido militar...

— Mas senhor subsecretário, nem existe partido militar! — interrompeu Stumm imediatamente. — Sempre ouvimos dizer: Partido Militar, mas na verdade, por sua própria natureza, os militares são totalmente supraparadários!

— Então, o departamento militar — respondeu Tuzzi bastante rudemente. — O senhor disse que ao exército não bastam canhões, mas que precisa do espírito adequado: com que espírito o senhor preferiria carregar seus canhões?

— O senhor atirou longe demais, senhor subsecretário! — afirmou Stumm. — Nosso ponto de partida foi que eu deveria explicar-lhes o motivo da noite de hoje, e eu disse que na verdade nada se pode explicar: é a única coisa que volto a afirmar! Pois se o espírito dos tempos tem realmente as duas correntes das quais falei, elas também não são favoráveis a “explicações”. Hoje em dia somos a favor de forças instintivas, forças do sangue, e coisas assim: não participo disso, mas não deixa de conter lá sua verdade!

Essas palavras fizeram mais uma vez ferver o Diretor Fischel, que achava imoral que os militares em certas condições quisessem concorrer com os anti-semitas para chegarem aos seus canhões.

— Mas senhor diretor! — acalmou-o Stumm. — Primeiro, não importa um pouquinho de anti-semitismo se as pessoas já são por si anti, os alemães contra os tchecos e magiares, os tchecos contra os magiares e alemães, e assim por diante, todos contra todos. Em segundo lugar, exatamente o corpo de oficiais austríaco sempre foi internacional, basta ver os tantos nomes italianos, franceses, escoceses, sabe lá que nomes; também temos um general da infantaria von Kohn, que é o comandante de Olmuz!

— Mesmo assim receio que os senhores confiem demasiado em si mesmos — interrompeu Tuzzi, metendo-se na interrupção do outro. — Os senhores são internacionais e guerreiros, mas gostariam de fazer negócios com correntes nacionais e pacifistas: isso é quase mais do que um diplomata de carreira consegue fazer. Exercer política militar com o pacifismo ocupa hoje os mais ousados peritos da Europa!

— Mas não somos nós que fazemos política! — defendeu-se Stumm mais uma vez num tom de fátigada queixa por tanto mal-entendido. — Sua Alteza quis dar à Propriedade e Cultura mais uma oportunidade de unirem seu espírito: para isso nasceu a noite de hoje. Naturalmente, se o espírito civil não se pudesse unir de forma alguma, teríamos de...

— Teriam o quê? Valeria a pena saber! — exclamou Tuzzi precipitando a conclusão.

— Naturalmente teríamos uma situação difícil — disse Stumm, cauteloso e modesto.

Enquanto os quatro cavalheiros conversavam, Ulrich já há muito saíra de perto, sem chamar atenção, e procurou Gerda, esquivando-se do grupo de Sua Alteza e do Ministro da Guerra para não ser chamado.

Viu-a de longe sentada junto da parede ao lado de sua mãe que olhava o salão, rígida, enquanto Hans Sepp estava de pé, inquieto e desafiador, do outro lado. Desde aquele infeliz encontro com Ulrich, ela ficara ainda mais magra, e quanto mais ele se aproximava, tanto mais nua e despida de encantos a cabeça dela se destacava na sala com seus ombros frágeis, mas, de alguma forma, por isso mesmo misteriosamente atraente. Quanto viu Ulrich, uma súbita vermelhidão cobriu suas faces, seguida de uma palidez ainda mais intensa, e ela fez um movimento involuntário com o corpo, como alguém que tem dor no coração e que as circunstâncias impedem de pôr a mão lá. Pela mente dele passou aquele encontro em que, selvagemmente entregue à sua vantagem animal de estar excitando o corpo dela, ele abusara da sua vontade. Lá estava agora aquele corpo, visível para ele sob o vestido, posto numa cadeira, recebendo da vontade ofendida dela a ordem de portar-se altivamente agora, e tremendo por isso. Ulrich viu que Gerda não estava zangada, mas que a qualquer preço queria “terminar” com ele. Ulrich atrasou o passo, sem chamar atenção, para saborear o mais possível tudo aquilo, e o sensual adiamento parecia corresponder à relação daqueles dois seres que nunca conseguiam se juntar inteiramente.

E quando Ulrich estava perto dela e nada mais via além do fremito do rosto que o aguardava, caiu sobre ele algo sem peso, como uma sombra ou um raio de calor, e percebeu Bonadéia, que passara por ele, muda mas certamente cheia de intenções; era provável que o tivesse seguido, e ele a cumprimentou. O mundo é belo quando o aceitamos tal como é: por um segundo, o contraste ingênuo do opulento e do parco, expresso naquelas duas mulheres, pareceu-lhe tão grande quanto aquele entre campina e pedra na beira de um rochedo, e ele teve a sensação de que saía da Ação Paralela, embora com um sorriso culpado. Quando Gerda viu aquele sorriso baixar sobre ela lentamente, ao encontro de sua mão estendida, suas pálpebras tremeram.

Nesse momento, Diotima notou que Arnheim levava o jovem Feuermaul para o grupo de Sua Alteza e do Ministro da Guerra, e, como tática experiente, interrompeu todas as conversas fazendo a criada inteira irromper nas salas com refrescos.

## UMA COMPARAÇÃO

Conversas como as aqui descritas houve às dúzias e todas tinham algo em comum, que não se pode descrever assim no mais, mas também não pode ser omitido, se não pensarmos como o Conselheiro Meseritscher, que resume uma excelente descrição de noite social numa mera listagem: estavam lá fulano e sicrano, vestindo isso e aquilo, dizendo aquilo e mais aquilo; coisa que para muitos resume a mais legítima arte narrativa. Friedel Feuermaul, portanto, não era um miserável adulator, nunca fora isso, apenas tinha idéias atuais no lugar certo, quando disse diante de Meseritscher sobre Meseritscher:

— Na verdade ele é o Homero de nossos tempos! Não, falando sério — acrescentou, pois Meseritscher iniciara um gesto de repúdio —, o épico e inabalável “e”

com que o senhor liga entre si todas as pessoas e fatos tem a meu ver algo de grandioso! — Ele se apoderara do chefe da Correspondência Parlamentar e Social, pois esse não quisera deixar a casa sem cumprimentar Arnheim; mas Meseritscher mesmo assim não o colocou entre os convidados mencionados pelo nome.

Sem entrar na sutil distinção entre idiotas e cretinos, deve-se recordar que um idiota de certa gradação já não consegue formar o conceito de “pais”, enquanto a idéia de “pai e mãe” é bastante corriqueira para ele. Esse simples e conetivo “e” era o elo com que Meseritscher ligava os fenômenos da sociedade. Deve-se lembrar também que idiotas, na simples concretude de seu pensamento, possuem algo que segundo a experiência de todos os observadores fala misteriosamente à alma; e que poetas também falam especialmente à alma, até de maneira bastante parecida, pois devem se destacar por uma mentalidade o mais possível palpável. Portanto, se Friedel Feuermaul tratava Meseritscher como poeta, poderia do mesmo modo — quer dizer, pelas mesmas sensações que tinha obscuramente, o que nele significava: com súbita iluminação — tratá-lo como a um idiota, e de maneira significativa para a humanidade. Pois o que há em comum aí é um estado de espírito que não é sustentado por amplos conceitos, nem purificado por distinções e abstrações, um estado de espírito da mais baixa estruturação, manifesto na limitação àquela mais simples das conjunções, o “e” que vai ligando tudo desamparadamente, que substitui, no fraco de espírito, relações mais complexas; é pode-se afirmar que também o mundo, sem falar em todo o espírito nele contido, se encontra num estado de imbecilidade semelhante ao aqui descrito, e não se pode evitar isso, se quisermos entender como um todo os fatos nele ocorridos.

Não que os autores e adeptos dessa idéia sejam os únicos inteligentes! Não se trata dos indivíduos nem dos negócios que eles realizam, e que eram executados com maior ou menor esperteza por todos os que estavam na casa de Diotima naquela noite. Pois se, por exemplo, o General von Stumm iniciava um diálogo com Sua Alteza durante o intervalo, objetando, amável e obstinado, respeitoso e desinibido, com as palavras: “Permita, Alteza, que eu objete veementemente; mas no orgulho das pessoas por sua raça não reside apenas uma presunção mas também algo simpático e nobre”, ele sabia o que queria dizer, apenas não sabia precisamente o que estava dizendo, pois ao redor dessas palavras de natureza civil existe um *mais*, como uma grossa luva com a qual se quisesse agarrar um palito de fósforo numa caixa cheia deles. E Leo Fischel, que não se separara de Stumm quando notara que este se dirigia impaciente ao encontro de Sua Alteza, acrescentou:

— Não se podem distinguir as pessoas segundo a raça, mas segundo os méritos! — E também o que Sua Alteza respondeu foi coerente: Sua Alteza ignorou o Diretor Fischel que acabava de lhe ser apresentado, e respondeu a von Stumm:

— E para que burgueses precisam de raça? Vocês sempre acharam presunção um camareiro precisar ter dezesseis antepassados nobres, e o que fazem vocês mesmos agora? Querem imitar isso, e ainda por cima exagerando. Mais de dezesseis antepassados já é um esnobismo! — Pois Sua Alteza estava irritado, e era lógico que falasse assim. Aliás, não se discute que o ser humano possui bom senso, apenas *como* o aplica em sociedade.

Sua Alteza estava aborrecido com a intromissão de elementos “étnicos” na Ação Paralela, que ele próprio iniciara. Diversas considerações de ordem política e social o tinham forçado a isso; ele próprio reconhecia apenas a “cidadania”. Seus

amigos políticos lhe haviam aconselhado: “Não faz mal se você escutar o que eles dizem sobre raça e pureza de sangue; quem leva a sério o que as pessoas dizem?” — “Mas eles falam do ser humano como se ele fosse gado!”, objetara o Conde Leinsdorf, que tinha um conceito católico da dignidade do ser humano, que o impedia de reconhecer que se pode aplicar também aos filhos de Deus os ideais da criação de cavalos ou galinhas, embora fosse latifundiário. E seus amigos haviam dito: “Mas você não precisa pensar isso tão a fundo! E talvez até seja melhor do que eles falarem de humanidade e desses conceitos revolucionários estrangeiros, como tem acontecido até agora!” E isso finalmente iluminara a mente de Sua Alteza. Sua Alteza, porém, também se irritava porque esse Feuermul, que ele fizera Diotima convidar, apenas trouxera mais confusão à Ação Paralela, decepcionando-o. A Baronesa Wayden contara maravilhas a respeito dele, e finalmente o Conde cedera à sua insistência.

— Tem toda a razão — concordara ele — dizendo que no curso atual facilmente ganharemos fama de germanizadores. E tem razão também ao dizer que talvez não faça mal convidarmos um poeta que diz que *temos* de amar todas as pessoas. Mas, veja, não posso fazer isso com a Tuzzi!

A Wayden, porém, não cedera, e devia ter encontrado novos e convincentes motivos, pois no fim da conversa Leinsdorf lhe prometera exigir de Diotima que convidasse o poeta.

— Não o faço com gosto — dissera ele —, mas uma mão firme também precisa de uma bela palavra para se tornar compreensível às pessoas: concordo com a senhora nisso. E também tem razão dizendo que ultimamente tudo anda devagar demais, não há mais nenhum fervor!

Mas, agora, não estava contente. Sua Alteza não considerava as outras pessoas tolas, embora se julgasse mais inteligente que elas, e não entendia por que essas pessoas inteligentes reunidas lhe causavam uma impressão tão ruim. Sim, toda a vida lhe dava a impressão de que, ao lado de um estado de inteligência individual — bem como nos mecanismos oficiais, entre os quais ele incluía, sabidamente, crença e ciência — existia um estado absoluto de inconfiabilidade no todo. Apareciam a toda hora idéias que não se conheciam, instigavam paixões e logo depois sumiam outra vez; as pessoas corriam ora atrás disso, ora atrás daquilo, caindo de uma superstição em outra; uma vez gritavam saudações a Sua Majestade, da outra pronunciavam repulsivos discursos inflamados no Parlamento; mas daí nunca surgira nada de efetivo! Se se pudesse reduzir isso milhões de vezes, e colocar tudo na medida de uma só cabeça individual, ter-se-ia exatamente a imagem de imprevisibilidade, omissão, inconsciência, e de um salutar alucinado que o Conde Leinsdorf sempre ligara aos loucos, embora tivesse tido poucas ocasiões de refletir a respeito. Aborrecido, deixava-se ficar no meio dos cavalheiros que o rodeavam, refletindo que a Ação Paralela deveria ter trazido à luz a verdade, e não conseguia produzir um pensamento sobre a fé, apenas sentia que era agradavelmente apaziguador, como a sombra de um alto muro, provavelmente um muro de igreja.

— Engraçado! — disse a Ulrich depois de algum tempo, desistindo desse pensamento. — Quando se examina tudo isso de uma certa distância, lembra os estorninhos pousados em bandos nas árvores de um pomar no outono.

Ulrich voltara do encontro com Gerda. A conversa não cumprira o que o começo prometera; Gerda não pronunciara senão algumas palavras breves, como que

cortadas cansativamente por alguma coisa indefinida que se enfiara em seu peito como uma cunha; Hans Sepp falara tanto mais, bancando o guarda dela, e logo mostrando que não se deixaria intimidar por aquele ambiente frouxo.

— Não conhece Bremshuber, o grande pesquisador de problemas raciais? — perguntara a Ulrich.

— Onde é que ele mora? — perguntara Ulrich.

— Em Schärding, no Laa — dissera Hans.

— O que é que ele faz? — indagara Ulrich.

— Isso não quer dizer nada! — dissera Hans. — Estão aparecendo pessoas novas! Ele é farmacêutico!

Ulrich dissera a Gerda:

— Você está realmente noiva agora, ouvi dizer! E Gerda respondera:

— Bramshuber defende a opressão implacável de todas as outras raças; isso é certamente menos cruel do que poupar e desprezar! — Seu lábio tremera de novo, enquanto ela se forçava a pronunciar aquela frase mal construída com fragmentos estilhaçados.

Ulrich apenas a encarara, sacudindo a cabeça

— Não entendo isso! — dissera, dando-lhe a mão em despedida, e agora estava parado ao lado de Leinsdorf, sentindo-se inocente como uma estrela no espaço infinito.

— Mas quando não se examina isso a distância — prosseguiu lentamente o Conde Leinsdorf depois de algum tempo, perseguindo seu novo pensamento —, então tudo se vira na nossa cabeça como um cachorro que quer pegar a ponta do rabo! Vejam — acrescentou —, eu cedi aos meus amigos e cedi à Baronesa Wayden; quando se escuta o que estamos falando, temos uma impressão bastante simpática nos detalhes, contudo, exatamente nas nobres relações espirituais que desejamos procurar temos a impressão de um arbítrio muito amplo, e de uma grande incoerência!

Ao redor do Ministro da Guerra e de Feuermaul, que Arnheim levava até lá, formara-se um grupo, e Feuermaul falava animadamente, amando todas as pessoas, enquanto ao redor de Arnheim, que se retirara de novo, formava-se num ponto mais afastado um segundo grupo, no qual Ulrich também avistou Gerda e Hans Sepp. Ouviu Feuermaul exclamar:

— Não se compreende a vida pelo estudo, mas através da bondade; é preciso acreditar na vida!

A esposa do Professor Drangsal postava-se ereta atrás dele e confirmou:

— Goethe também não chegou ao doutorado!

Aliás, aos olhos dela Feuermaul tinha muito em comum com Goethe. O Ministro da Guerra também estava parado, muito ereto, sorrindo sem parar, assim como estava habituado, numa parada militar, a manter por longo tempo a mão no quepe.

O Conde Leinsdorf perguntou:

— Diga, quem é afinal esse Feuermaul?

— Seu pai tem várias empresas na Hungria — respondeu Ulrich. — Acho que alguma coisa ligada a fósforo, na qual nenhum operário chega a mais de quarenta anos. Doença profissional: necrose óssea.

— Sim, mas e o rapaz? — O destino dos operários não atingia o Conde.

— Ele devia ter estudado. Direito, eu acho. O pai é um *self-made-man* e ficou aborrecido porque o rapaz não tinha vontade de estudar.

— Por que não teve vontade de estudar? — perguntou o Conde Leinsdorf, que naquele dia estava muito minucioso.

<sup>w</sup> — Santo Deus — disse Ulrich dando de ombros —, provavelmente: “Pais e filhos”. Quando o pai é pobre, os filhos amam o dinheiro; quando papai tem dinheiro, os filhos voltam a amar a humanidade. Vossa Alteza ainda não ouviu falar do problema do filho em nosso tempo?

— Sim, ouvi alguma coisa. Mas por que Arnheim protege esse Feuermahl? Isso tem ligação com as jazidas de petróleo? — perguntou o Conde Leinsdorf.

— Vossa Alteza sabe disso? — exclamou Ulrich.

— Claro, sei de tudo — respondeu Leinsdorf pacientemente. — Mas o que não entendo é o seguinte: que as pessoas devam amar umas às outras, e que o governo precise de mão forte para isso, sempre se soube; então, por que de repente esse dilema?

Ulrich respondeu:

— Vossa Alteza sempre desejou uma manifestação que viesse do seio da comunidade: ela deve ser assim!

— Ora, não é verdade! — contradisse Leinsdorf, irritado, mas antes que pudesse continuar foram interrompidos por Stumm von Bordwehr, que vinha do Grupo Arnheim e desejava saber algo de Ulrich, numa pressa nervosa:

— Perdão se interrompo, Alteza — pediu ele. — Mas, diga-me — disse dirigindo-se a Ulrich —, pode-se afirmar realmente que o ser humano segue apenas suas emoções, não à razão?

Ulrich fitou-o perplexo.

— É que ali há um marxista — explicou Stumm — que afirma que a infra-estrutura econômica de uma pessoa determina inteiramente sua superestrutura ideológica. E um psicanalista está objetando; ele afirma que a superestrutura ideológica é inteiramente produto da infra-estrutura impulsiva.

— Não é tão simples assim — disse Ulrich desejando esquivar-se.

— Eu também sempre digo isso! Mas não adianta nada! — respondeu o general imediatamente, e não despregou o olho dele. Mas também Leinsdorf retomava a palavra.

— Sim, veja — disse a Ulrich —, uma coisa semelhante eu também quis pôr em discussão. Pois se a infra-estrutura é econômica ou sexual, o que eu estava querendo dizer antes disso é: por que as pessoas são tão pouco confiáveis na superestrutura? Isto é, a gente costuma dizer: o mundo está maluco. E, afinal, até parece que é verdade!

— Isso é a psicologia das massas, Alteza! — interpôs o erudito general. — No que diz respeito à massa, entendo tudo. A massa é movida apenas por impulsos, e naturalmente por aqueles comuns à maioria dos indivíduos: é lógico! Quer dizer, naturalmente é ilógico: a massa é ilógica, ela utiliza pensamentos lógicos apenas para se enfeitar! Mas deixa-se levar unicamente pela sugestão! Se Vossa Alteza me confiar os jornais, rádio, cinema e outros meios culturais, comprometo-me a, dentro de alguns anos, como disse certa vez meu amigo Ulrich, transformar os homens em antropófagos! Exatamente por isso a humanidade precisa de liderança firme. Vossa Alteza sabe disso melhor que eu, aliás! Mas não posso acreditar que, em certas cir-

cunståncias, indivíduos importantes não sejam lógicos, embora Arnheim também o afirme.

O que teria Ulrich a oferecer a seu amigo para aquela controvérsia tão casual? Assim como num anzol se pode pegar um feixe de capim em vez de um peixe, da pergunta do general pendia um confuso feixe de teorias. Será que o ser humano segue apenas seus impulsos, e faz, ou sente, até pensa aquilo a que é levado pelas torrentes inconscientes do anseio ou a doce brisa do prazer, como hoje se presume? Ou será que segue antes à razão e à vontade, como também se presume hoje em dia? Verá que segue especialmente certos impulsos, como o sexual, como hoje se presume? Ou quem sabe não é principalmente o sexual e sim o efeito psicológico das condições econômicas, como hoje também se presume? Pode-se encarar uma configuração tão enredada como essa de vários lados, e escolher, no quadro teórico, uma coisa ou outra como eixo; surgem verdades parciais, cuja interferência mútua faz a verdade se elevar lentamente. Mas será que realmente se eleva? Sempre que se considerou uma verdade parcial válida, a coisa se vingou em nós. De outro lado, porém, dificilmente teríamos chegado a esse parcial, se não o tivéssemos supervalorizado. Assim, a história da verdade e a história dos sentimentos dependem grandemente uma da outra, mas a do sentimento permaneceu na sombra. Segundo convicção de Ulrich, nem mesmo era história e sim uma trapalhada. Engraçado, por exemplo, que os pensamentos religiosos, portanto apaixonados, que a Idade Média tinha a respeito do ser humano, estivessem muito convencidos da razão e vontade dele, enquanto hoje diversos eruditos, cuja paixão quando muito se resume a fumarem demais, consideram o sentimento como base de todo o humano. Tais pensamentos passavam pela cabeça de Ulrich, e ele naturalmente não tinha vontade de responder às falas de Stumm, que, aliás, nem esperava isso, apenas esfriava um pouco antes de decidir voltar sobre seus próprios passos.

— Conde Leinsdorf! — disse Ulrich brandamente. — Recorda que uma vez o aconselhei a fundar um Secretariado Geral para todas as questões para as quais se precisa tanto de alma quanto de precisão?

— Claro que me lembro — respondeu Leinsdorf. — Conteí isso a Sua Eminência, e ele riu muito. Mas disse que o senhor veio tarde demais!

— Mesmo assim, é disso que Vossa Alteza sentiu falta há pouco! — prosseguiu Ulrich. — Nota que o mundo hoje não se lembra mais do que desejou ontem, que está em estados de ânimo que mudam sem motivo suficiente, e que está sempre excitado, que nunca chega a resultado algum e, quando se imaginasse reunido numa só cabeça tudo o que se passa nas cabeças dos homens, ela realmente mostraria uma série de conhecidos sintomas de deficiência mental...

— Absolutamente certo! — exclamou Stumm von Bordwehr, deixando-se reter novamente, orgulhoso pelos conhecimentos hauridos naquela tarde. — É exatamente a imagem da... ora, esqueci de novo o nome dessa doença mental, mas é exatamente a imagem dela!

— Não — disse Ulrich sorrindo —, certamente não é a imagem de uma doença mental; pois o que distingue um homem sadio de um doente mental é exatamente que o sadio tem todas as doenças mentais, e o enfermo apenas uma!

— Muito espirituoso! — exclamaram Stumm e Leinsdorf a uma só voz, embora com palavras diferentes; depois, acrescentaram: — Mas o que significa isso, afinal?



— Isso significa — afirmou Ulrich — que se eu entendo a moral como a regulamentação de todas as relações que incluem sentimento, fantasia e coisas desse tipo, cada indivíduo se orienta nesse campo segundo o outro, dando assim um certo aspecto de firmeza, mas todos juntos não superaram o estado de alucinação em questões morais!

— Ora, isso está indo longe demais! — disse o Conde Leinsdorf bondosamente, e também o general disse:

— Mas, olhe aqui, cada pessoa precisa ter sua moral; não se pode prescrever a ninguém que prefira um gato a um cachorro!

— Pode-se prescrever isso às pessoas, Alteza? — perguntou Ulrich insistentemente.

— Sim, podia-se antigamente — disse o Conde com diplomacia, embora atingido na sua convicção de crente, de que em todos os terrenos existe o “verdadeiro”. — Antigamente isso era melhor. Mas, hoje em dia?

— Então, a guerra de crenças é permanente — disse Ulrich.

— Chama isso de guerra de crenças? — perguntou Leinsdorf curioso.

— E como o chamaria?

— Bom, nada mau. Uma designação bastante boa para a vida atual. Aliás, eu sempre soube que no senhor existe escondido um católico razoável!

— Eu sou um muito mau católico — respondeu Ulrich. — Não creio que Deus veio, mas que virá. Mas só se lhe encurtarmos mais o caminho do que o temos feito até hoje!

Sua Alteza rejeitou isso com palavras dignas:

— Isso é elevado demais para mim!

## 38

### PREPARA-SE UM GRANDE ACONTECIMENTO. MAS NINGUÉM NOTOU

O general, pelo contrário, exclamou:

— Infelizmente preciso voltar para junto de Sua Excelência, mas você tem de me explicar tudo isso, sem falta! Volto mais uma vez se os senhores permitirem!

Leinsdorf dava a impressão de querer dizer alguma coisa, seus pensamentos giravam intensamente, mas Ulrich e ele mal tinham ficado sozinhos um momento e já se viram rodeados de gente trazida pela movimentação generalizada, e retida ali pelo magnetismo de Sua Alteza. Naturalmente não se comentou mais o que Ulrich dissera há pouco, e ninguém senão ele ainda pensava no fato, quando, por trás, um braço se enfiou no dele e Ágata apareceu a seu lado.

— Você já encontrou um motivo para me defender? — perguntou ela com malignidade caridosa.

Ulrich não soltou o braço dela, e com ela afastou-se das pessoas com as quais estivera parado.

— Não podemos ir para casa? — perguntou Ágata.

— Não — disse Ulrich —, ainda não posso sair.

— Parece que futuros acontecimentos não o deixam partir e que você está se preservando para eles — provocou Ágata.

Ulrich apertou-lhe o braço.

— Acho que me favorece muito meu lugar não ser aqui, mas na prisão! — sussurrou ela no seu ouvido.

Procuraram um canto onde pudessem ficar sozinhos. A reunião estava em plena efervescência, e lentamente levava seus participantes a se confundirem uns com os outros. Ainda se distinguíam os dois agrupamentos: ao redor do Ministro da Guerra falava-se de paz e amor, ao redor de Arnheim dizia-se naquele momento que a brandura alemã crescia melhor sob a sombra da força alemã.

Ele ouvia isso benevolente, porque nunca repudiava uma opinião honesta, e tinha especial amor por novas opiniões. Sua preocupação era se o negócio com as jazidas de petróleo encontraria dificuldades no Parlamento. Supunha que a oposição dos políticos eslavos seria inevitável, e queria se certificar do clima reinante entre os alemães. Nos meios governamentais, o assunto estava bem encaminhado, exceto por certa hostilidade no Ministério do Exterior, à qual não dava grande importância. No dia seguinte, viajaria para Budapeste.

“Observadores” hostis havia muitos ao redor dele e de outras figuras destacadas. Reconheciam-se rapidamente por dizerem sim a tudo, e serem as pessoas mais simpáticas, quando os outros tinham opiniões diferentes.

Tuzzi procurava convencer um deles, dizendo:

— O que se fala não significa nada. Nunca significa nada! — O outro acreditou. Era um parlamentar. Mas não mudou a opinião que trouxera, de que apesar disso se desenrolava ali alguma coisa maligna.

Sua Alteza, em conversa com outra pessoa, defendia em contrapartida a importância da noitada, dizendo:

— Meu caro, até revoluções são feitas apenas com muitas conversas, desde 1848!

Seria falso não ver nessas diferenças nada senão o desvio lícito da monotonia que de outro modo a vida teria. Mas esse erro grave é quase tão freqüente como a frase: “Isto é questão de sensibilidade!”, sem a qual nem se imaginaria a organização de nosso espírito. Essa frase, indispensável, separa aquilo que tem de ser na vida, daquilo que pode ser.

— Separa a ordem estabelecida de uma margem de manobras pessoal — disse Ulrich a Ágata. — Separa as racionalizações e o que é considerado irracional. Significa, usada na maneira comum, a confissão de que o humanitarismo é uma opressão nas coisas principais, e, nas secundárias, um arbítrio suspeito. Significa que a vida seria uma prisão se não pudssemos decidir à vontade se queremos água ou vinho, se queremos ser ateus ou devotos, e não significa absolutamente que aquilo que é questão de sensibilidade deva ficar por conta do capricho; pelo contrário, mesmo sem fronteiras nítidas, existem questões de sensibilidade permitidas e não permitidas.

A questão de sensibilidade entre Ulrich e Ágata era das não permitidas, embora os dois, de braços dados, procurassem em vão algum esconderijo, falando apenas a respeito da reunião, e, com isso, sentindo de maneira louca e tácita a alegria de estarem novamente reunidos depois daquela separação. Por outro lado, a opção de amar todos os seres humanos, ou eliminar primeiro boa parte deles era obviamente

uma questão de sensibilidade duplamente permitida, pois de outro modo não seria tão fervorosamente tratada na casa de Diotima e em presença de Sua Alteza, embora separasse os presentes em dois grupos cheios de rancor. Ulrich afirmou que a “questão de sensibilidade” prestara o pior serviço à causa dos sentimentos, e quando começou a explicar à irmã a impressão aventureira daquela noite, na realidade retomou involuntariamente o diálogo interrompido pela manhã, provavelmente desejando justificá-lo.

— Na verdade, não sei como começar sem entediar você — disse ele. — Posso lhe dizer o que entendo por moral?

— Por favor — respondeu Ágata.

— Moral é regulamentação do comportamento dentro de uma sociedade, mas, de preferência, regulamentação dos próprios impulsos interiores, portanto dos sentimentos e pensamentos.

— Grande progresso em poucas horas! — retrucou Ágata rindo. — Esta manhã você ainda dizia que não sabia o que era moral!

— Claro que não sei. Apesar disso, posso lhe dar uma dúzia de explicações. A mais antiga é que Deus nos deu a ordem da vida em todos os seus detalhes...

— Essa seria a mais bonita de todas! — disse Ágata.

— A mais provável, porém — acentuou Ulrich —, é que a moral, como qualquer outra ordem, nasce de pressão e violência! Um grupo de homens que chegou ao poder impõe aos outros simplesmente as prescrições e princípios pelos quais assegura seu domínio. Mas ao mesmo tempo prende-se àqueles que a engrandeceram e, com isso, age como exemplo. Simultaneamente, é transformada por efeitos retroativos: a coisa é mais complicada do que se poderia descrever resumidamente, e como de modo algum ela pode se realizar sem espírito, ou sequer *através* do espírito, e sim através da prática, surge por fim uma trama inextricável que se tece sobre todas as coisas e parece ser tão independente quanto o céu de Deus. Então, tudo se reporta a esse círculo, enquanto esse círculo não se reporta a nada. Em outros termos: tudo é moral, mas a própria moral não é moral!

— Encantador, de parte dela — disse Ágata. — Mas você sabe que hoje encontrei uma pessoa boa?

Ulrich ficou um pouco espantado com aquela interrupção, e, quando Ágata começou a lhe relatar o encontro com Lindner, ele procurou primeiro inseri-lo no curso de seus pensamentos:

— Boas pessoas você também pode encontrar aqui, hoje, e as dúzias — disse —, mas saberá por que também as más estão presentes, se me deixar continuar a falar mais algum tempo.

Com essas palavras, tinham chegado até a ante-sala, para fugir da multidão, e Ulrich teve de refletir aonde iriam; ocorreu-lhe o quarto de Diotima e o cubículo de Raquel, mas não queria entrar em nenhum dos dois. Ele e Ágata ficaram portanto entre as nuas peças de roupa penduradas no vestíbulo. Ulrich não conseguia prosseguir.

— Na verdade, eu teria de recomeçar de novo — explicou com um gesto impaciente e perplexo. E de repente, disse: — Você não quer saber se fez algo de bom ou mau, mas se inquieta porque faz as duas coisas sem motivo sólido!

Ela assentiu com a cabeça. Ele pegara as mãos da irmã.

A pele de brilho fosco de Ágata, com o aroma de plantas que ele desconhecia evoluindo-se do decote leve do vestido diante de seus olhos, por um momento perdeu

seu sentido terreno. O sangue latejava de uma mão para a outra. Um profundo fosso de origem extraterrena pareceu encerrar os dois numa terra-de-ninguém.

De repente, faltaram a Ulrich idéias para designar o que sentia; nem ao menos dispunha daquelas de que se servira já tantas vezes.

“Não queremos agir pela inspiração do momento, mas partindo de um estado que dure até o último momento. De modo que sejamos levados ao centro, de onde não voltemos mais para desfazer o que fizemos. Não partir da beirada e de seus estados alternantes, mas da única felicidade imutável.”

Tais frases lhe afloravam aos lábios, e ter-lhe-ia parecido possível usá-las se se tratasse apenas de uma conversa; mas, no uso direto que teriam naquele momento entre ele e sua irmã, de repente tornaram-se impossíveis. Isso o excitou e deixou-o desamparado. Mas Ágata o compreendia claramente. E teria de ficar feliz porque pela primeira vez a casca ao redor dele se rompera e seu “duro irmão” expunha o interior como um ovo caído ao chão. Para surpresa dela, porém, dessa vez sua emoção não estava inteiramente preparada para andar com o ritmo da dele: entre a manhã e a noite havia o singular encontro com Lindner, e embora esse homem apenas tivesse despertado seu espanto e curiosidade, bastava essa sementinha para não permitir o surgimento do infinito reflexo do amor ermitão.

Ulrich sentiu isso nas mãos dela, antes que ela respondesse qualquer coisa, e Ágata não respondeu nada.

Ele adivinhou que aquele inesperado fracasso se ligava à experiência cujo relato acabara de impedir. Envergonhado, e perturbado pelo baque da emoção rejeitada, disse, balançando a cabeça:

— É um absurdo o que você espera da bondade de um sujeito desses!

— Provavelmente é mesmo — admitiu Ágata.

Ele a encarou. Compreendeu que, para sua irmã, aquela experiência significava mais do que as outras cortes que lhe tinham sido feitas sob proteção dele. Até conhecia um pouco aquele homem; Lindner era uma pessoa pública; era o homem que um dia, na primeira de todas as seções da Ação Patriótica, pronunciara aquele breve discurso ouvido com penoso silêncio, relacionado com o “momento histórico” ou coisa parecida, desejeitado, sincero e insignificante... Involuntariamente, Ulrich olhou em volta; mas não se lembrava de ter notado aquele homem entre os presentes, e sabia que ele nunca mais fora convidado. Devia tê-lo encontrado algumas vezes noutra parte, provavelmente em grupos de intelectuais, ou ter lido alguma coisa dele, pois enquanto tentava se recordar, elaborou, com ultramicroscópicos rastros de lembranças, como um gotejar tenaz e repulsivo, a sentença: “Um burro sem graça alguma! Quem quiser estar a certo nível na vida não pode levar esse sujeito a sério, como não pode levar a sério o Professor Hagauer!”

E disse isso a Ágata.

Ela ficou calada. Até apertou a sua mão.

Ele sentiu: há um contra-senso total aí, mas que não se pode deter!

Nesse momento, entraram pessoas no vestibulo, e os irmãos se afastaram um do outro.

— Quer que eu a acompanhe de volta lá para dentro? — perguntou Ulrich. Ágata disse que não, e procurou uma saída.

De repente, ocorreu a Ulrich que, para fugirem dos outros, só lhes restava irem para a cozinha.

Lá enchiam-se baterias de copos e carregavam-se bandejas com bolos. A cozinha trabalhava com grande zelo, Raquel e Solimão estavam quietos em seus lugares, mas sem sussurrarem um com o outro como antigamente faziam nessas ocasiões, e sim parados, imóveis, em lugares distantes. A pequena Raquel fez sua mesura quando os irmãos entraram, Solimão apenas deixou os olhos escuros em posição de sentido, e Ulrich disse:

— Lá dentro está muito quente, podemos tomar algum refresco aqui?

E sentou-se com Ágata no banco da janela, colocando ali, para preservar as aparências, prato e cálice, para, caso os descobrissem, parecer que dois íntimos da casa se permitiam uma pequena brincadeira. Quando estavam sentados, ele disse com um pequeno suspiro:

— Então é apenas questão de sensibilidade achar um tal professor Lindner bom ou insuportável!

Os dedos de Ágata estavam ocupados com um doce enrolado em papel.

— Isso quer dizer — prosseguiu Ulrich — o sentimento não é verdadeiro ou falso! Sentimentos são assunto particular! Entregues à sugestão, à imaginação, à persuasão! Você e eu não somos diferentes dessas pessoas ali dentro. Sabe o que elas querem?

— Não. Mas não é indiferente?

— Talvez não seja. Pois elas formam dois partidos, dos quais um tem tanta ou tão pouca razão quanto o outro.

Ágata disse que achava um pouco melhor acreditar na bondade humana do que só acreditar em canhões e política; ainda que a maneira como isso se dava fosse ridícula.

— Como é esse sujeito que você conheceu? — perguntou Ulrich.

— Ora, nem sei dizer; ele é bom! — respondeu sua irmã, e deu uma risada.

— Você não pode dar importância ao que lhe parece bom, como não pode dar ao que Leinsdorf acha bom! — retrucou Ulrich aborrecido.

Os dois rostos estavam hirtos, excitados, risinhos: o leve pulsar da expressão cortesmente alegre, inibido por correntes contrárias mais profundas. Raquel sentiu tudo isso na raiz dos cabelos debaixo da touca; mas sentia-se tão infeliz, que tudo acontecia muito mais brando do que antigamente, como uma lembrança de tempos melhores. A bela curva redonda de suas faces se encovara imperceptivelmente, o fogo negro de seus olhos estava turvo de desalento: se Ulrich estivesse com vontade de comparar a beleza dela à de sua irmã, teria notado que o antigo brilho moreno de Raquel se desmanchava como pedacinhos de carvão sobre o qual passou um carro pesado. Mas não lhe deu atenção. Ela estava grávida, e ninguém sabia disso fora Solimão, que, sem entender a realidade dessa desgraça, respondia com planos românticos e tolos.

— Há séculos — prosseguiu Ulrich — o mundo conhece a verdade dos pensamentos e, por isso, até certo grau conhece a liberdade de pensamentos. Durante esse tempo, o sentimento não teve nem a severa escola da verdade, nem a da liberdade de movimento. Pois cada moral em sua respectiva época regulou os sentimentos apenas (e ainda por cima rigidamente) na medida em que certos princípios e sentimentos básicos fossem necessários ao comportamento por ela desejado; o resto, porém, ela deixou ao arbítrio, ao jogo pessoal de sentimentos, aos esforços incertos da arte e da discussão acadêmica. A moral adaptou portanto os sentimentos às necessidades da

moral, e com isso deixou de desenvolvê-los, embora dependa deles. Essa é a ordem e unidade do sentimento.

Nesse ponto, ele parou. Sentia o olhar arrebatado de Raquel sobre seu próprio rosto excitado, embora ela já não pudesse dedicar aos assuntos das pessoas importantes o mesmo entusiasmo de antigamente.

— Talvez seja engraçado eu falar de moral até aqui na cozinha — disse ele, constrangido.

Ágata o fitou, tensa e pensativa. Ele se inclinou para mais perto da irmã, e acrescentou baixinho, com um sorriso crispado e brincalhão:

— Mas é apenas outra expressão para um estado de paixão que se arma contra o mundo inteiro!

Sem que ele pretendesse, repetira-se a oposição daquela manhã, na qual ele aparentemente assumira a figura não muito agradável do doutrinador. Não podia evitar isso. Moral para ele não era nem tutela, nem sabedoria de pensamentos, mas todo o infinito das possibilidades de vida. Ele acreditava numa capacidade de ascensão da moral, em gradações de sua vivência, e não apenas, como é costume, em gradações de seu conhecimento, como se ela fosse algo pronto, para o qual o ser humano apenas ainda não estivesse suficientemente puro. Acreditava na moral sem acreditar numa moral determinada. Habitualmente entende-se por moral uma espécie de exigências policiais que mantêm a vida em ordem; e como a vida não obedece nem mesmo a elas, assumem a aparência de não serem totalmente exequíveis, e dessa maneira precária também a aparência de serem um ideal. Mas não se deve rebaixar a moral a esse ponto. Moral é fantasia. E ele queria que Ágata entendesse isso, e entendesse mais: que fantasia não é arbítrio. Se entregarmos a fantasia ao arbítrio, não ficaremos impunes. As palavras freíam na boca de Ulrich. Ele estivera na iminência de falar da distinção, pouco notada, de que as diversas épocas desenvolveram à sua maneira a razão, mas da mesma forma fixaram e fecharam a fantasia moral. Estivera na iminência de falar nisso, porque a consequência é: uma linha ascendente da razão que apesar de toda a dúvida segue mais ou menos reta por todas as alterações da história e suas formações; em contrapartida, um monte de escombros dos sentimentos, idéias, possibilidades de vida, dispostos nas camadas em que surgiram como eternos fatores secundários e foram novamente abandonados. Pois uma outra consequência é: que afinal existe uma quantidade incalculável de possibilidades de ter essa ou aquela opinião quando se penetra no domínio dos princípios da existência, mas nenhuma possibilidade de reuni-los. Porque uma consequência é: que essas opiniões se chocam umas contra as outras, pois não têm qualquer possibilidade de se entenderem entre si. E resumindo tudo, a consequência é que a afetividade humana oscila para um lado e para o outro como água num jarro sem apoio fixo. Ulrich teve uma idéia que já o perseguia a noite toda; de resto, uma velha idéia sua, que naquela noite estava apenas sendo confirmada a cada momento, e ele tinha querido mostrar a Ágata onde estava o erro e como podia ser anulado, se todos quisessem; e com isso não tivera na verdade apenas a dolorida intenção de provar que seria melhor também não confiar nas descobertas da própria fantasia.

E Ágata disse com um pequeno suspiro, como uma mulher que, acuada, ainda se defende uma vez antes de entregar-se:

— Então é preciso fazer tudo “por princípio”? — E fitou-o, correspondendo ao seu sorriso.

Mas ele respondeu:

— Sim, porém apenas por *um* princípio! — E era algo bem diferente do que pretendia dizer. Brotava do reino dos Gêmeos Siameses e do Reino de Mil Anos, onde a vida cresce num silêncio mágico como uma flor, e, embora não quisesse logo ser apanhado no ar, apontava para os limites do pensamento, que são solitários e enganosos. Os olhos de Ágata pareciam uma ágata fragmentada. Se naquele segundo ele tivesse dito um pouco mais, ou colocado a mão sobre ela, teria acontecido algo que logo depois ela não poderia mais ter percebido, algo que teria submergido outra vez. Porque Ulrich não queria dizer nada mais. Pegou uma fruta e uma faca e começou a descascar. Estava contente porque a distância que ainda há pouco o separara de sua irmã se desfazia numa imensurável proximidade, mas também ficou contente quando, naquele momento, foram interrompidos.

Era o general, espiando a cozinha com o olho astuto de um comandante de patrulha que surpreende o inimigo na barraca.

— Desculpem se incomodo! — exclamou, entrando. — Mas num *tête-à-tête* com seu irmão, caríssima, não há de ser grande crime! — E disse, dirigindo-se a Ulrich: — A gente anda procurando você como a uma agulha no palheiro!

Mas Ulrich respondeu ao general o que tinha querido dizer a Ágata, perguntando primeiro:

— Quem é “a gente”?

— Eu devia conduzir você ao Ministro! — censurou Stumm. Ulrich fez um gesto negativo.

— Bom, já passou — disse o bonachão. — O velho acaba de sair. Mas eu, por causa de minha competência, preciso interrogá-lo depois que a cara senhora tiver conseguido uma companhia melhor que a sua, para saber o que queria dizer com isso de “guerra religiosa”, caso tenha a bondade de ainda se lembrar de suas palavras.

— Estamos exatamente falando nisso — respondeu Ulrich.

— Mas que coisa interessante! — exclamou o general. — Então a caríssima também se interessa por questões de moral?

— Meu irmão só fala de moral — retrucou Ágata, sorrindo.

— Mas isso foi a ordem do dia hoje! — suspirou Stumm. — O Leinsdorf, por exemplo, há poucos minutos disse que a moral é tão importante quanto a comida. Não consigo pensar assim! — Falava inclinando-se com prazer sobre os doces que Ágata lhe estendia. Sua intenção fora fazer um gracejo. Ágata o consolou:

— Também não consigo — disse.

— Um oficial e uma mulher precisam ter moral, mas não gostam de falar do assunto! — improvisou o general. — Não tenho razão, caríssima?

Raquel lhe trouxera uma cadeira de cozinha, que limpava zelosamente com o avental, e as palavras dele atingiram fundo seu coração; quase derramou lágrimas. Stumm, porém, animava Ulrich mais uma vez:

— Então, que tal essa história da guerra religiosa? — Mas antes que Ulrich pudesse responder qualquer coisa, voltou a interrompê-lo: — Tenho a sensação de que também sua prima anda errando pelas salas à sua procura, e só graças à minha formação militar me adiantei a ela. Portanto, preciso aproveitar o tempo. O que está acontecendo lá dentro já não é nada bonito, e nos envergonha! E ela, como devo dizer? Ela deixa as rédeas frouxas! Sabe o que foi que decidiram?

— Quem decidiu?

— Muitos já foram embora. Muitos ficaram e estão acompanhando atentamente os acontecimentos — esquivou-se o general. — Não se sabe dizer quem decidiu as coisas.

— Então talvez seja melhor primeiro você dizer o que decidiram — disse Ulrich.

Stumm von Bordwehr deu de ombros.

— Tudo bem. Mas também não é uma decisão no sentido regulamentar, por sorte. Pois todas as pessoas responsáveis, graças a Deus, tinham-se retirado cedo. Portanto, pode-se dizer que é apenas uma decisão particular, uma sugestão ou um voto minoritário. Vou defender a opinião de que oficialmente não sabemos de nada. Mas você tem de dizer isso ao seu secretário, por causa do protocolo, para que não se registre nada. Desculpe, caríssima — e dirigia-se a Ágata —, que eu fale de maneira tão profissional!

— Mas afinal, o que aconteceu? — perguntou ela também. Stumm fez um gesto abarcante.

— O Feuermaul, se a senhora se lembra desse rapaz, a quem só convidamos para... como vou dizer?... porque ele é um expoente do espírito dos nossos tempos, e porque tivemos de convidar também os expoentes contrários... bem, esperávamos, apesar disso, e até saboreando certo estímulo intelectual, podermos falar das coisas que, infelizmente, contam. Seu irmão sabe perfeitamente, caríssima; devíamos reunir o Ministro com o Leinsdorf e o Arnheim, para ver se o Leinsdorf não tinha nada contra certos... conceitos patrióticos. E, para ser radical, também não estou insatisfeito — disse ele, voltando-se outra vez familiarmente para Ulrich —, pois até certo ponto a coisa ficou correta. Mas, enquanto isso acontecia, o Feuermaul — Stumm se viu obrigado a acrescentar algo para melhor compreensão de Ágata —, portanto, o expoente de uma concepção segundo a qual o ser humano é uma criatura doce e amável, com quem se pode lidar facilmente, reunido com os expoentes que afirmam mais ou menos o contrário, dizendo que para ter ordem se precisa de pulso forte e outras coisas assim... pois esse Feuermaul começou a brigar com os outros, e antes que se pudesse impedir tomaram uma decisão conjunta!

— Conjunta? — quis saber Ulrich.

— Sim. Eu é que contei como se fosse piada — assegurou Stumm, notando lisonjeado a involuntária comicidade do seu relato. — Ninguém teria podido esperar por aquilo. Se eu lhe contar qual a decisão, você não vai acreditar! Como, essa tarde, eu tive de visitar o Moosbrugger quase que profissionalmente, o ministério inteiro não vai acreditar que eu não estava por trás de tudo isso!

Nisso, Ulrich caiu na risada, e voltou repetidas vezes a interromper da mesma maneira as palavras de Stumm, o que só Ágata entendia, enquanto o amigo volta e meia comentava, ofendido, que ele parecia estar nervoso. Mas o que acontecera correspondia de tal modo ao modelo que Ulrich acabava de esboçar para a irmã, que ele não podia deixar de se divertir. O grupo de Feuermaul entrara em cena na última hora para salvar o que podia ser salvo. Nesses casos, o objetivo costuma ser mais obscuro do que a intenção. O jovem poeta Friedel Feuermaul — a quem os íntimos chamavam Pepi, pois adorava a velha Viena e se esforçava por parecer com o jovem Schubert, embora tivesse nascido numa aldeia húngara — acreditava na missão austríaca e, além disso, acreditava na humanidade. Era evidente que um empreendimento como a Ação Paralela, se não fosse nela incluído, o inquietaria desde o começo.



Como é que um empreendimento humanitário com nuance austríaca, ou um empreendimento austríaco com nuance humanitária poderia dar certo sem ele? Fora o que dissera, na verdade com um dar de ombros, à sua amiga Drangsal. Esta, por seu turno, como viúva honorária do país, dona de um salão de intelectuais e artistas que só no último ano fora superado pelo de Diotima, dissera isso a todas as pessoas influentes com que tinha contato. Assim, surgira o boato de que a Ação Paralela corria perigo de... a não ser que... e esse “a não ser que” e aquele “perigo” permaneceram, como é compreensível, um pouco indefinidos, pois primeiro era preciso forçar Diotima a convidar Feuermaul, depois se poderia ver. Mas o anúncio de um perigo que emanaria da patriótica Ação fora percebido pelos políticos atentos que não reconheciam a pátria mas apenas o “povo”, uma mãezinha que vivia em casamento forçado com o Estado, maltratada por ele. Há muito suspeitavam que essa Ação Paralela só produziria mais opressão. E embora o escondessem educadamente, davam menos importância à intenção de evitar isso — pois humanistas desesperados sempre existiram entre os alemães, mas no todo continuavam opressores e parasitas do Estado! — do que à útil indicação de que os alemães reconheciam o perigo de sua própria raça.

Assim, a esposa do Professor Drangsal e o poeta Feuermaul sentiram-se estimulados pela simpatia por seus esforços, que julgavam benéfica sem examiná-la direito, e Feuermaul, homem sabidamente sentimental, foi dominado pela idéia de que era preciso dizer ao Ministro da Guerra, em pessoa, algo que sugerisse paz e amor. Por que logo ao Ministro da Guerra, e qual o papel lhe era destinado nesse caso, era coisa que também ficava obscura, mas a idéia em si era tão deslumbrante e dramática que realmente não precisava de maior apoio. Stumm von Bordwehr, o general infiel, que por vezes exercia seu zelo cultural no salão da Sra. Drangsal sem Diotima saber, também pensava assim; aliás, além disso conseguiu que a opinião original, isto é, de que o fabricante de armamentos Arnheim era parte do perigo, desse lugar à idéia de que o pensador Arnheim era parte importante de todo o bem.

Até ali, pois, tudo correspondia à expectativa dos participantes, e também o diálogo do Ministro com Feuermaul, que tivera lugar naquela noite, não levou, apesar da ajuda da Sra. Drangsal, a maiores resultados; a não ser alguns milagres do espírito de Feuermaul e a paciente escuta de Sua Excelência, transcorreram dentro dos limites humanos, triviais, como costuma ser. Mas Feuermaul ainda tinha lá suas reservas; e como suas tropas se compunham de literatos antigos e novos, de conselheiros da Corte, bibliotecários e alguns amigos da paz, em suma, gente de todas as idades e posições, ligada por uma sensibilidade para com a velha pátria e sua missão humanitária, sentimento esse capaz de empenhar-se tanto pela restauração dos antigos ônibus puxados a cavalo com seu histórico trio de animais, como pela porcelana vienense; e porque esses fiéis, no curso da noite, tinham-se ligado por variados laços aos adversários que não ostentavam punhais abertamente na mão, haviam surgido muitos diálogos nos quais as opiniões se confundiam. Essa tentação se apresentou a Feuermaul quando o Ministro da Guerra o despedira, e por algum tempo, a vigilância da Sra. Drangsal fora desviada por razões desconhecidas. Stumm von Bordwehr sabia apenas relatar que entrara numa conversa muito animada com um homem cuja descrição não excluía a possibilidade de ter sido Hans Sepp. De qualquer modo, era um daqueles que utilizam um bode expiatório ao qual culpam por todos os males com os quais não conseguem lidar; a superioridade nacional é apenas um dos casos

particulares em que, por pura convicção, se escolhe um desses bodes expiatórios, que não é nosso parente de sangue e só tem pouquíssima semelhança conosco. Mas é sabidamente um grande alívio, quando nos aborrecemos, aliviarmos nossa raiva em alguém, ainda que essa pessoa não tenha nenhuma culpa; só que de hábito se esquece isso quando se trata do amor. Porém é a mesma coisa, e o amor muitas vezes tem de ser aliviado em alguém que não tem culpa nenhuma, caso não encontre outra oportunidade de se expandir. Feuermaul era um jovem diligente que podia agir bastante mal na luta por vantagens, sendo que seu bode amoroso era o “o ser humano”. Assim que pensava no ser humano em geral, quase explodia de tanta bondade não-satisfeita. Hans Sepp, ao contrário, no fundo era um bom sujeito, que nem ao menos conseguia trair o Diretor Fischel, e seu bode expiatório por isso era “o homem não-alemão”, no qual descarregava sua raiva por tudo o que não podia modificar. Sabe Deus o que conversaram entre si de início; devem ter lançado logo de saída seus bodes um contra o outro, pois Stumm relatava:

— Realmente, não entendo como foi que aconteceu: de repente havia outras pessoas presentes, depois, num abrir e fechar de olhos, uma verdadeira multidão, e por fim, todos os que estavam nas salas se postaram ao redor dos dois!

— E você sabe por que brigavam? — perguntou Ulrich. Stumm deu de ombros.

— O Feuermaul gritava: “Você gostaria de odiar, mas não consegue de jeito nenhum, pois o amor é inato a todas as pessoas!” Ou coisa assim. E o outro gritava para ele: “E você pretende amar? Mas nem consegue isso, seu... seu...” Não consigo reproduzir direito, pois por causa do meu uniforme tive de ficar a certa distância deles.

— Ah — disse Ulrich —, isso é o principal! — e virou-se para Ágata, o olhar procurando o dela.

— Mas o principal foi a decisão! — lembrou Stumm. — O fato de quase terem se devorado um ao outro, mas de repente chegarem a uma decisão comum e totalmente vulgar!

Stumm dava impressão de profunda gravidade em todo o perímetro de seu corpo.

— O Ministro foi embora na mesma hora — relatou.

— Bem, e o que foi decidido? — perguntaram os irmãos.

— Não sei dizer exatamente — respondeu Stumm—, pois é claro que também desapareci na hora, e ainda não tinham acabado. Nem se consegue gravar uma coisa dessas. Foi qualquer coisa a favor de Moosbrugger e contra as forças armadas!

— Moosbrugger? Mas como? — Ulrich deu uma risada.

— Como? — repetiu o general, venenoso. — Para você é fácil dar risada, mas eu fico com um nariz *desse* comprimento! Ou pelo menos me custará um dia inteiro escrevinhando coisas. E com esse tipo de gente dá para saber “como foi?” Talvez o culpado tenha sido aquele velho professor que ficou o tempo todo falando a favor do enforcamento e contra a indulgência. Ou aconteceu porque nos últimos dias os jornais voltaram a falar desse monstro. De qualquer modo, de repente estavam falando nele. Isso tem de ser anulado! — declarou com uma firmeza inusitada.

Nesse momento, entraram na cozinha, um após o outro, Arnheim, Diotima e até Tuzzi e o Conde Leinsdorf. Arnheim ouvira vozes no vestibulo. Estava querendo retirar-se secretamente, pois a agitação surgida lhe dera a esperança de poder sair mais uma vez sem uma explicação a Diotima, e no outro dia iria viajar novamente. Mas a

curiosidade o levava a espiar na cozinha, e como Ágata o vira, a educação o impedira de se afastar. Stumm o assaltou logo, pedindo informações sobre a situação.

— Posso lhe dizer tudo até no texto original — respondeu Arnheim sorrindo. — Muitas coisas foram tão engraçadas que não pude deixar de anotar secretamente.

Ele tirou da carteira um cartãozinho e, decifrando suas anotações estenográficas, leu lentamente o conteúdo da projetada manifestação:

— “A Ação Patriótica, por sugestão dos senhores Feuermaul e...” não entendi o outro nome, “decidiu: qualquer um deve se deixar matar por suas idéias, mas quem induz pessoas a morrerem por idéias alheias é um assassino!” Essa foi a sugestão — acrescentou —, não me pareceu que alguma coisa se modificaria.

O general exclamou:

— Esse é o texto! Também já o ouvi! Esses debates intelectuais dão nojo! Arnheim disse com brandura:

— É o anseio da juventude atual, de firmeza e liderança.

— Mas não há só jovens aí no meio — respondeu Stumm repugnado —, havia até carecas parados ao redor, aplaudindo!

— Pois então é o anseio geral de liderança — disse Arnheim balançando amavelmente a cabeça. — Ele está generalizado hoje em dia. A resolução provém, aliás, de um livro contemporâneo, se me lembro bem.

— Ah, é? — disse Stumm.

— Sim — disse Arnheim. — E naturalmente é preciso agir como se nada tivesse acontecido. Mas se soubéssemos utilizar o anseio espiritual que se manifesta nisso, valeria a pena, penso eu.

O general ficou um pouco mais calmo; dirigiu-se a Ulrich:

— Você tem idéia do que se poderia fazer?

— Claro! — respondeu Ulrich. Diotima desviou a atenção de Arnheim.

— Então, por favor! — disse o general baixinho. — Diga logo! Eu preferia que a liderança ficasse entre nós!

— Você precisa entender o que realmente aconteceu — disse Ulrich sem se apressar. — As pessoas não deixam de ter razão quando uma acusa a outra de que quereria amar se pudesse, e esta revida que o mesmo vale para o ódio. Na verdade, isso vale para todos os sentimentos. O ódio tem hoje em si algo de tolerável, e por outro lado, para sentir por uma pessoa o verdadeiro amor... afirmo que esses dois seres humanos nunca existiram!

— Muito interessante — interrompeu o general, depressa —, mas não entendo como pode afirmar uma coisa dessas. Amanhã terei de escrever um relatório sobre os incidentes de hoje, e suplico que leve isso em consideração! No exército, o mais importante é poder anunciar cada vez um progresso: certo otimismo é indispensável mesmo na derrota, isso faz parte do ofício. Como posso descrever como progresso isso que aconteceu?

— Escreva — disse Ulrich piscando um olho — que foi a vingança da fantasia moral!

— Mas uma coisa dessas não se pode escrever no exército! — respondeu Stumm indignado.

— Então deixe essa palavra de lado — prosseguiu Ulrich gravemente — e escreva: todas as épocas criativas foram sérias. Não há felicidade profunda sem pro-

funda moral. Não há moral sem algo sólido de que possa derivar. Não há felicidade que não se fundamente numa convicção. Sem moral nem o animal vive. Mas o ser humano hoje em dia não sabe mais com que...

Stumm interrompeu também esse ditado aparentemente imperturbável:

— Caro amigo, posso falar da moral de uma tropa, da moral de batalha, da moral de uma prostituta; mas sempre individualmente; e sem essa cautela não se pode falar de moral no serviço militar, como não se fala de fantasia, nem do bom Deus: você sabe disso!

Diotima viu Arnheim parado junto à janela de sua cozinha, uma visão estranhamente íntima, depois de terem trocado a noite toda apenas palavras cautelosas. Sentiu de repente o desejo contraditório de prosseguir o diálogo interrompido com Ulrich. Em sua cabeça reinava aquele desespero agradável que, irrompendo por várias direções ao mesmo tempo, quase que se enfraquecia e anulava numa expectativa amável e calma. A derrocada do concílio, há muito prevista, lhe era indiferente. A infidelidade de Arnheim, segundo ela pensava, também era quase indiferente. Ele a tinha fitado quando ela entrara, e por um momento ressurgira a velha sensação de um espaço vivo que os ligava. Mas Diotima recordou novamente que há semanas Arnheim fugia dela e a idéia “covarde erótico!” devolveu a seus joelhos a força para ir ao encontro dele, ativa. Arnheim reconheceu o que se passara: a visão, a hesitação, o desfazer-se da distância. Por sobre caminhos congelados que os ligavam em número infinito, pairava o pressentimento de que poderiam descongelar. Ele se afastara dos demais, mas no último momento ele e Diotima fizeram um giro que os levou a Ulrich, ao General Stumm e a todos os demais, que estavam do outro lado.

Desde as inspirações do homem fora do comum até o *kitsch* que une os povos, aquilo que Ulrich chamava fantasia moral ou simplesmente sentimento, formava uma única e secular fermentação sem escapamentos. O ser humano não consegue viver sem entusiasmo. Entusiasmo é o estado no qual todos os seus sentimentos e pensamentos têm o mesmo espírito. Você pensa, quase que pelo contrário, que o entusiasmo é o estado em que um sentimento é demasiado forte, um só, que — o arrebatamento! — arrebatava os demais? Não, você não quis dizer nada a respeito? Mesmo assim, é isso. Também é isso. Mas a força desse entusiasmo é insopitável. Sentimentos e pensamentos ganham continuidade uns pelos outros, como um todo, precisam de certa forma seguir na mesma direção, arrebataram-se mutuamente. E com todos os meios, drogas, fantasias, sugestão, fé, convicção, muitas vezes apenas com ajuda do efeito simplificado da burrice, cada ser humano trata de criar um estado parecido com isso. Acredita em idéias, não porque às vezes sejam verdadeiras, mas porque precisa acreditar. Porque precisa manter seus afetos em ordem. Através de uma ilusão, deve tapar o buraco entre as paredes de sua vida, pelo qual, de outro modo, seus sentimentos voariam aos quatro ventos. O correto seria provavelmente, em vez de entregar-se a estados aparentes efêmeros, procurar pelo menos as condições de um verdadeiro entusiasmo. Mas, embora no total o número de decisões que dependem do sentimento seja infinitamente maior do que aquelas que se realizam com a pura sensatez, e todos os acontecimentos que movem a humanidade nasçam da fantasia, só as questões racionais são ordenadas de maneira suprapessoal, e para o resto nada foi feito que mereça o nome de esforço comum, ou que ao menos revele sua desesperada necessidade.

Foi mais ou menos assim que Ulrich falou, sob compreensíveis protestos, do general:

Ele via nos acontecimentos da noite, embora não fossem desprovidos de certo ímpeto e viessem mesmo a ter graves conseqüências por força de uma interpretação desfavorável, apenas o exemplo de uma infinita desordem. O Sr. Feuermaul lhe parecia nesse momento tão indiferente quanto o amor ao próximo, o nacionalismo tão indiferente quanto o senhor Feuermaul, e em vão Stumm lhe perguntava como se poderia destilar, dessa posição absolutamente pessoal, a idéia de um progresso palpável.

—Ora, relate — respondeu Ulrich — que é a Guerra Religiosa dos Mil Anos. E, contra ela, nunca as pessoas estiveram tão mal armadas como nestes tempos, em que o lixo dos “sentimentos vãos”, que uma época deixa para a outra, atingiu altura de montanhas, sem nada acontecer em contrário. O Ministério da Guerra pode, pois, ficar tranqüilo esperando a próxima catástrofe de massas.

Ulrich profetizava o futuro sem ter idéia disso. Nem lhe interessavam os fatos reais, apenas lutava pela sua felicidade pessoal. Tentava inserir entre ela e os acontecimentos tudo o que a pudesse impedir. Por isso, também sorria e procurava enganar os outros pela aparência de zombaria e exagero. Era para Ágata que exagerava; prosseguia seu diálogo com ela, e não apenas o último. Na verdade, construía uma represa de pensamentos contra ela e sabia que em determinado ponto haveria uma pequena tranca: se a puxassem, tudo seria inundado de sentimento e soterrado por ele! No fundo, não parava de pensar nessa tranca.

Diotima estava de pé perto dele, sorrindo. Sentia algo do esforço de Ulrich em relação à irmã, estava doloridamente emocionada, esqueceu a ciência sexual, e havia alguma coisa aberta: devia ser o futuro, de qualquer modo também eram, um pouco, seus lábios.

Arnheim perguntou a Ulrich:

—E o senhor acha... que se poderia fazer alguma coisa contra isso? — A maneira de perguntar dava a entender que, pelo exagero, ele reconhecia a gravidade, mas mesmo assim a achava exagerada.

Tuzzi disse a Diotima:

—De qualquer modo deve-se impedir que algo desses incidentes venha a público.

Ulrich respondeu a Arnheim:

—Não está bem evidente? Hoje, estamos colocados diante de tantas possibilidades de sentimento e vida. Mas essa dificuldade não se assemelha àquela que a razão domina quando se depara com uma quantidade enorme de fatos, e uma história das teorias? E para isso encontramos uma postura inacabada, porém severa, que não preciso lhe descrever. Pergunto-lhe, pois, se algo parecido não seria possível tratando-se do sentimento. Gostaríamos sem dúvida de descobrir para que estamos aqui, essa é uma das principais fontes de toda a violência no mundo. Mas outras épocas tentaram isso com todos os meios insuficientes à sua disposição, a grande era da experiência, porém, não o fez ainda com os meios de que dispõe...

Arnheim, que compreendia depressa e gostava de interromper, colocou suplicantemente a mão no ombro de Ulrich:

—Seria uma relação ascendente com Deus! — exclamou, em tom abafado, de quem previne.

—Nada mais terrível que isso? — disse Ulrich, não sem um tom de zombaria por aquele medo precipitado. — Mas não cheguei a esse ponto!

Arnheim se controlou imediatamente e sorriu.

— A gente se alegra quando depois de longa ausência encontra alguém que não mudou; hoje em dia, isso é raro! — disse. Alegrava-se realmente, pois sentiu-se seguro depois dessa réplica benevolente. Ulrich poderia ter voltado àquela penosa oferta de emprego, e Arnheim estava grato por ele evitar qualquer contato com a terra, naquela sua irresponsável intransigência. — Um dia, teremos de falar a respeito — acrescentou em tom cordial. — Não entendo como imagina a transposição de nossa postura teórica para a prática.

Ulrich sabia que era realmente obscuro. Não pensava nem numa “vida de pesquisador” nem numa vida “à luz da ciência”, mas numa “busca do sentimento”, semelhante à busca da verdade, apenas não se tratava da verdade. Fitou Arnheim, que se dirigia a Ágata. Lá também estava parada Diotima; Tuzzi e o Conde Leinsdorf iam e vinham. Ágata tagarelava com todos, pensando: “Por que ele fala com todos? Devia ter ido embora comigo! Ele está desvalorizando o que me disse!” Muitas palavras que escutava lhe agradavam, mas, mesmo assim, lhe doíam. Tudo o que vinha de Ulrich voltava agora a lhe doer, e mais uma vez naquele dia teve subitamente desejo de fugir dele. Perdia o ânimo, achando que, por sua unilateralidade, nunca o satisfazia, e a idéia de que depois de algum tempo iriam para casa simplesmente como duas pessoas que ficam comentando a noite que acabou era insuportável.

Mas Ulrich continuava pensando: “Arnheim nunca entenderá isso!” E complementou: “O homem de ciência é limitado exatamente no seu sentimento, o homem prático mais ainda. Isso é tão necessário como a firmeza das pernas quando queremos pegar um peso com os braços.” Ele próprio era assim em condições comuns. Quando pensava, e ainda que fosse a respeito do sentimento em pessoa, só com cautela admitia o sentimento. Ágata chamava isso de frieza; mas ele sabia: se queremos ser inteiramente diferentes, temos de renunciar à vida antes disso, como numa aventura mortal, pois não podemos imaginar como a coisa vai continuar! Tinha vontade de fazer isso e, naquele instante, não o temia mais. Encarou longamente a irmã. O animado jogo da conversa sobre o rosto mais profundo, que permanecia intocado. Quis convidá-la a ir embora com ele. Mas antes que deixasse seu lugar, Stumm, que viera novamente para seu lado, o interpelou.

O bom general gostava de Ulrich; já lhe perdoara as brincadeiras sobre o Ministério da Guerra, de alguma forma aquela conversa sobre “guerra religiosa” lhe agradava bastante, pois tinha algo de solene e militar como ramos de carvalho no capacete ou gritos de “viva” no aniversário do Imperador. Encostou o braço no do amigo e levou Ulrich até onde não pudessem ser ouvidos.

— Sabe, acho bonito você dizer que todos os acontecimentos nascem da fantasia — começou. — Naturalmente, isso é mais minha postura particular do que oficial. — E ofereceu um cigarro a Ulrich.

— Preciso ir para casa — disse este.

— Sua irmã está se divertindo à beca, não a estorve agora — disse Stumm. — O Arnheim está todo empenhado em lhe fazer a corte. E o que eu queria lhe dizer: ninguém mais se alegra muito com os grandes pensamentos da humanidade; você devia dar um jeito nisso. Quero dizer: nossa época vai ganhar um novo espírito, e você deveria tomar conta dele!

— Como é que lhe ocorreu uma coisa dessas? — perguntou Ulrich desconfiado.

— É uma idéia minha — disse Stumm sem responder, e prosseguiu, insistente: — Você é a favor da ordem, isso a gente vê em tudo o que diz. E eu me pergunto: será que o ser humano é bom, será que precisa de um punho forte? É aí que reside essa necessidade atual de decisão. Já lhe disse que ficaria mais tranqüilo se você reassumisse a direção da Ação Paralela. Afinal, não se sabe o que poderá acontecer com todas essas conversas!

Ulrich riu:

— Sabe o que vou fazer agora? Não virei mais aqui! — respondeu, feliz.

— Por quê? — quis saber Stumm. — Vai dar razão a essa gente que diz que você nunca foi uma força de verdade!

— Se eu revelasse meus pensamentos às pessoas, aí sim é que elas diriam isso! — respondeu Ulrich, rindo, e libertou-se do amigo.

Stumm ficou aborrecido, mas depois sua bondade venceu, e ele disse em despedida:

— Essas histórias são complicadas como o diabo. Muitas vezes pensei que o melhor seria se aparecesse em toda essa confusão um idiota como Joana D’Arc, que talvez pudesse nos ajudar!

O olhar de Ulrich procurou a irmã e não a encontrou. Quando interrogava Diotima, Leinsdorf e Tuzzi, que voltavam da sala, disseram que todos estavam começando a ir embora.

— Eu não disse? — comentou Sua Alteza, aliviado, com a dona da casa. — Eles não pensavam realmente o que falaram. E a Drangsal teve uma idéia salvadora: ficou decidido que a reunião de hoje terá prosseguimento outro dia. O Feuermaul, ou como quer que se chame, vai ler um longo poema, e as coisas serão mais tranqüilas. Naturalmente tomei a liberdade de aprovar em seu nome, por causa da urgência do caso!

Só então Ulrich soube que Ágata se despedira subitamente e deixara a casa sem ele; informaram-lhe que ela não o tinha querido perturbar com essa sua decisão.

## OBRA PÓSTUMA

*Vinte capítulos liberados para a impressão em 1937-38, cujas provas de prelo foram, porém, recolhidas e retrabalhadas por Musil; eles deveriam dar continuação ao Livro Segundo, mas não concluí-lo.*



## DEPOIS DO ENCONTRO

O Professor August Lindner, aquele homem que entrara na vida de Ágata junto ao túmulo do poeta, via diante de si imagens da salvação, enquanto andava em direção ao vale.

Se ela o tivesse seguido com os olhos depois da despedida, teria notado a maneira de andar retesada com que o homem se equilibrava ao descer o caminho pedregoso, pois era um andar estranhamente alegre e altivo, mas, mesmo assim, temeroso. Lindner levava o chapéu na mão e vez por outra alisava o cabelo, tomado por uma sensação gostosa de liberdade.

“São tão poucas as pessoas que têm uma alma verdadeiramente compassiva!”, disse a si mesmo. Imaginou uma alma capaz de se colocar inteiramente dentro do próximo, sentir suas dores mais recônditas, descer às suas mais profundas fraquezas: “Que perspectiva!”, exclamou com seus botões. “Que proximidade maravilhosa da misericórdia divina, que consolo e que dia de festa!” Lembrou-se então de como eram raras as pessoas capazes de, pelo menos, ouvir com atenção o próximo; pois ele era desses bem-intencionados que passam de oito a oitenta sem encontrar uma diferença. “De hábito, só perguntam se estamos bem por perguntar”, pensou. “Basta darmos uma vez que seja uma resposta detalhada sobre nosso estado de alma, para depararmos logo logo com um olhar entediado e ausente!”

Bem, *ele* não se fizera culpado desse erro! Segundo seus princípios, proteger os fracos era a higiene necessária e particular dos fortes que, se não se impusessem esse benfazejo limite, cairiam facilmente na grosseria; e também a cultura carecia do trabalho do amor para defender-se dos perigos a ela inerentes. “Se alguém quer nos explicar o que é ‘cultura universal’” — ele corroborou sua opinião com uma exortação íntima, saboreando o vigor que recobrava ao lançar um raio fulminante contra seu colega de magistério Hagauer —, “tem que primeiro aceitar o conselho de descobrir como o outro se sente! O saber ditado pela compaixão tem valor mil vezes maior que o saber ditado pelos livros!” Parece que se tratava de uma velha divergência que ele agora desabafava no conceito liberal de formação, por um lado, e, por outro, na esposa de seu irmão de ordem; pois as lentes de Lindner esquadriavam as redondezas

como dois escudos de um lutador duplamente fervoroso. Ficara constrangido em presença de Ágata. Todavia, se ela o visse agora, ele lhe pareceria um oficial, mas um oficial de uma tropa nada leviana. Pois uma alma verdadeiramente máscula é solícita, e é solícita por ser máscula. Ele levantou a questão de saber se tinha agido corretamente diante da bela mulher, e concluiu: “Seria um erro deixar a altiva exigência de submissão à lei por conta dos fracos, que não estão à sua altura; e seria uma visão desalentadora, se apenas pedantes sem espírito pudessem ser guardiães e formadores dos costumes; por isso, as pessoas vivas e fortes, com seu instinto de energia e saúde, têm o dever de exigir disciplina e limites: devem apoiar os fracos, sacudir os inconscientes e deter os desenfreados!” Tinha a impressão de ter agido assim.

Como a alma pia do Exército da Salvação se serve de hábitos militares, também Lindner tinha tomado a seu serviço certos modos de pensar do soldado, e não recuava nem mesmo diante de concessões ao “homem do poder” nietzschiano, que ainda era uma pedra de escândalo para o espírito burguês daquela época; para Lindner, porém, também significava uma pedra de amolar. Ele costumava dizer que não se podia afirmar ter sido Nietzsche uma pessoa má; suas teorias, sim, é que seriam exageradas e estranhas à vida, e o motivo para tanto residiria em rejeitar a compaixão, pois, com isso, Nietzsche deixara de reconhecer a retribuição feita pelos fracos, que imprimiam ternura aos fortes! Opôs a isso suas próprias experiências, e pensou, cheio de alegres intenções: “Os verdadeiros grandes homens não se entregam de forma alguma ao culto estéril do eu, pelo contrário, é curvando-se para os outros, e mesmo, se necessário, sacrificando-se por eles, que despertam no próximo a sensação de serem superiores!” Um casal de namorados subia todo agarradinho em sua direção, e ele fitou-os nos olhos com um ar de vitória certa e censura amigável, que os incitava à virtude. Mas tratava-se de um casal de namorados bastante ordinário, e o jovem moleque que constituía a parte masculina retribuiu o olhar apertando os olhos e mostrando a língua, assim, sem mais nem menos. Ele disse: “Bah!”, e Lindner, que não estava preparado para o deboche e a ameaça vulgar, levou um susto — mas fez de conta que não vira nada. Ele gostava de atitudes enérgicas, e procurou um guarda com o olhar, um guarda que tinha de estar por perto para garantir a segurança pública da honra; mas seu pé esbarrou numa pedra, o movimento precipitado do tropeção assustou um bando de pardais que se regalava na dádiva divina de um monte de excremento de cavalo, e a revoada dos pardais preveniu Lindner, levando-o, no último momento antes de cair vergonhosamente, a superar o duplo obstáculo com um pulinho disfarçado em movimento dançante. Não olhou para trás, e, depois de um intervalo, ficou muito contente consigo mesmo. “É preciso ser duro como um diamante e terno como uma mãe!”, pensou, evocando uma velha definição do século XVII.

Como também apreciava a virtude da modéstia, em outra ocasião jamais teria feito semelhante afirmação sobre si mesmo, fora Ágata que lhe esquentara o sangue! O pólo negativo de seus sentimentos era constituído pelo fato de essa mulher de delicadeza celestial, que ele encontrara debulhada em lágrimas, como o anjo encontrara a donzela no orvalho — oh, ele não queria se vangloriar, mas já se vê que qualquer concessão à poesia leva logo à presunção! —, continuou, portanto, com maior severidade: pelo fato de que essa infeliz mulher estivesse prestes a quebrar um juramento prestado diante de Deus, pois como tal ele encarava o pretendido divórcio. Que pena ele não lhe ter falado cara a cara — meu Deus, mais uma vez essa intimidade verbal! —, quer dizer, mostrado as coisas com a necessária firmeza; lembrava-se apenas de ter

falado em geral de frouxidão de costumes e dos meios de se proteger contra ela. E, de resto, tinha certeza de que seus lábios não pronunciaram o nome de Deus, a não ser por força de expressão, sem conteúdo; e a naturalidade, a seriedade descontraída — ele diria mesmo desrespeitosa — com que Ágata perguntara se ele acreditava em Deus, o magoava até como recordação. Pois o verdadeiro devoto não se permite seguir simplesmente uma idéia e pensar em Deus assim a descoberto, grosseiramente. No momento em que se lembrou dessa impertinência, Lindner chegou a detestar Ágata, como se tivesse pisado numa cobra. Tomou a decisão de, caso viesse a ter qualquer ocasião de repetir-lhe suas admoestações, empregar tão-somente as armas da razão, adequadas aos assuntos terrenos, e que existiam exatamente para evitar que pessoas mal-educadas ocupassem Deus com suas confusões há muito resolvidas; e por isso, começou a usá-las imediatamente, rememorando certas palavras que deveriam ser ditas a uma mulher que tropeçara. Por exemplo, que o casamento não era assunto particular, mas sim uma instituição pública; que ele tinha a sublime missão de desenvolver o senso de responsabilidade e a compaixão, a missão de fortalecer um povo, ensinando as pessoas a suportarem duras dificuldades; e, tendo duração mais longa, ele talvez até representasse a melhor proteção contra o excesso de desejo, coisa que, porém, só se podia aventar usando do maior tato. O ser humano lhe parecia um saco repleto de demônios, no que talvez tivesse razão, e era preciso amarrar esse saco bem amarrado — a corda seriam os princípios inabaláveis.

Como esse homem compassivo, cuja parte feita de carne e osso não se excedia em direção alguma — salvo a altura —, chegara à convicção de que temos de nos domar a cada passo era francamente um enigma, mas um enigma facilmente decifrável uma vez descobertas suas vantagens. Depois de ter chegado ao pé da colina, um grupo de soldados cruzou seu caminho, e foi com terna comoção que ele observou aqueles rapazes cobertos de suor, os gorros baixados sobre a nuca, parecendo, com seus rostos embrutecidos pelo cansaço, um bando de lagartas empoeiradas. Diante dessa visão, sua repulsa pela leviandade com que Ágata tratara a questão do divórcio foi amortecida, como num sonho, pela alegria de que isso acontecesse a um colega liberal como Hagauer, sentimento esse feito sob medida para lembrar-lhe a desconfiança indispensável diante da natureza humana. Tomou o propósito de — caso, sem responsabilidade sua, a ocasião viesse de fato a se apresentar mais uma vez — mostrar sem indulgência a Ágata que as forças egoístas no fim das contas têm efeito destrutivo, e que ela, por mais desalentada que estivesse, precisava se submeter ao conhecimento moral que via na vida em comum a verdadeira pedra de toque da existência.

Mas será que tal ocasião ainda viria a apresentar-se mais uma vez? Era esse o ponto para o qual as forças espirituais de Lindner corriam, tão cheias de excitação. “Há muitas pessoas que possuem qualidades nobres que apenas ainda não se cristalizaram numa convicção inabalável”, pensava dizer a Ágata; mas, como o faria, se não voltasse a vê-la? E o pensamento de que ela pudesse procurá-lo se opunha a todas as suas concepções de uma feminilidade meiga e intocada. “Seria preciso mostrar-lhe isso imediatamente e com toda a firmeza!”, decidiu e, tomado esse propósito, não duvidou mais que ela realmente viria. Como bom altruísta, exortou-se vivamente a percorrer com ela os motivos que apresentasse para se desculpar, e só então convencê-la de seus erros. Queria atingi-la no coração com paciência certa. Essa idéia fez baixar sobre seu próprio coração um nobre sentimento de cuidado e

proteção fraternal, uma sagrada fraternidade que, como ele observou, deveria basear-se nas relações que os sexos mantêm entre si. “Pouquíssimos homens”, exclamou, edificado, “suspeitam quão profunda é a necessidade que representantes nobres do sexo feminino sentem de um gentil homem que se relacione com o ser humano na mulher, sem deixar-se logo perturbar pela afetação sexual!” Tais pensamentos devem ter-lhe emprestado asas, pois nem percebeu como chegara ao ponto final do bonde, mas de repente estava diante dele e, antes de embarcar, tirou os óculos para limpá-los, embaçados que estavam pelo calor daqueles acontecimentos em seu íntimo. Lançou-se a um canto, fitou o carro vazio a seu redor, contou o dinheiro da passagem, encarou o trocador e sentiu-se perfeitamente a postos para empreender a viagem de volta nessa admirável instituição comunitária que chamamos bondes municipais. Com um bocejo de bem-estar, deu vazão ao cansaço do passeio, a fim de se revigorar para novos deveres, e resumiu numa frase as espantosas digressões a que se entregara: “Nada mais saudável para um homem do que esquecer de si mesmo!”

## O FAZOBÉM

Contra as incalculáveis emoções de um coração apaixonado, existe um único meio confiável: ser estritamente metódico até o fim; e a tal meio, adquirido em tempo, Lindner agradecia tanto os sucessos de sua vida quanto a crença de que fora por natureza um homem dado a paixões e difícil de disciplinar. Levantava-se cedo pela manhã, sempre à mesma hora, fosse inverno ou verão, lavava o rosto, o pescoço, as mãos e um sétimo de seu corpo — cada dia um sétimo diferente, é claro — numa bacia de ferro, esfregando em seguida o resto do corpo com uma toalha molhada, de forma que o banho, esse procedimento demorado e voluptuoso, podia ser limitado a uma noite de quinze em quinze dias. Era uma vitória inteligente sobre a matéria; e quem já teve qualquer oportunidade de observar os precários lavatórios e as camas desconfortáveis com que se contentaram personalidades que entraram para a história, não poderá fugir à hipótese de que há necessariamente uma ligação entre camas de ferro e homens de ferro, embora não devemos exagerar, pois senão acabaríamos logo dormindo sobre camas de pregos. A reflexão ganhava aqui, além do mais, uma incumbência de intermediação, e, depois de ter-se lavado nos reflexos de exemplos estimulantes, Lindner aproveitava comedido o secar-se, para, através de uma hábil utilização da toalha, propiciar ao corpo algum movimento. Pois basear a saúde na parte animal do homem constitui uma fatídica confusão, já que a resistência física decorre muito mais da nobreza espiritual e moral; e mesmo que isso nem sempre valha para o indivíduo, tanto mais vale em escala geral, pois a força de um povo é consequência da retidão do espírito e não vice-versa. Assim, Lindner levava cuidadosamente suas esfregadelas a um grau de desenvolvimento peculiar, que evitava a brutalidade de gestos da idolatria masculina habitual e, em contrapartida, envolvia toda a personalidade, ligando os movimentos do corpo com belas tarefas interiores. Ele detestava particularmente a arriscada adoração do brio, que, vinda de fora, já en-

contrara em sua pátria quem a considerasse um ideal; e afastar-se dela era um aspecto importante de seus exercícios matinais. Com muita prudência, ele a substituíra por um comportamento de estadista no uso ginástico de seus membros, e unia a tenacidade a uma oportuna transigência, a superação da dor a uma compreensiva humanidade; e caso, como exercício final de coragem, saltasse sobre uma cadeira virada, sua contenção não era menor que a confiança em si mesmo. Tal desenvolvimento de toda a riqueza de disposições humanas transformara seus exercícios físicos, desde que os iniciara há alguns anos, em verdadeiros exercícios de virtude.

De passagem, também se poderia dizer o mesmo contra a perversão representada por uma auto-afirmação perecível que, usando a divisa da higiene corporal, se apoderara da idéia, em si saudável, do esporte, acrescentando outras tantas palavras contra a específica forma feminina dessa perversão, o tratamento de beleza. Lindner se orgulhava de ser um dos poucos que também nesse campo sabiam discernir com justeza luz e sombras, e, assim como estava sempre pronto a encontrar um núcleo imaculado no espírito dos tempos, reconhecia também o dever moral de ter uma aparência tão saudável e agradável quanto possível. Ele próprio cuidava meticulosamente a cada manhã da barba e do cabelo, mantinha as unhas curtas e impecavelmente limpas, usava um pouco de brilhantina na cabeça e um creme protetor nos pés que durante o dia tanto sofriam: em contrapartida, quem negaria que a mulher de sociedade gasta seu dia com um excesso de atenções para com o corpo? E se, de fato — preferia ser delicado diante das mulheres, pois entre elas poderiam encontrar-se esposas de homens poderosos —, não houvesse alternativa para a sucessão quase ininterrupta de lavandas de banhos, loções de limpeza, cremes e compressas, manicures, pedicures, massagistas e cabeleireiros, ele recomendava, para contrabalançar esses cuidados unilaterais, a idéia, que ele próprio cunhara em discurso público, de uma cosmética interior ou higiene interna. Que, por exemplo, a limpeza nos lembre a pureza interior; os cremes, os deveres para com a alma; a massagem, as mãos do destino em que nos encontramos; e que, lixando as unhas dos pés, lembremo-nos de que mesmo nossas profundezas mais recônditas devem proporcionar uma bela visão! Assim, ele transferia sua imagem para as mulheres, mas deixava que elas mesmas adequassem os detalhes às necessidades de seu sexo.

Sem dúvida poderia ocorrer que uma pessoa desprevenida sentisse vontade de rir vendo Lindner durante suas tarefas cosméticas e sanitárias, mais ainda quando ele se lavava e secava: pois, de ponto de vista meramente físico, seus movimentos davam a impressão de um pescoço de cisne várias vezes retorcido e, além do mais, constituído não de curvas, mas de elementos pontiagudos como joelhos e cotovelos; livres dos óculos, os olhos míopes se perdiam na distância com ar de martírio, como se o olhar tivesse sido cortado perto deles, e debaixo da barba os lábios moles se abriam de dor pelo esforço. Quem, entretanto, fosse capaz de ver espiritualmente, poderia assistir ao espetáculo das forças externas e internas produzindo-se mutuamente numa ponderada reflexão; e quando Lindner pensava ao mesmo tempo nas pobres mulheres que passam horas em salas de banho e de vestir, excitando unilateralmente a fantasia com o culto do corpo, não conseguia deixar de pensar no bem que lhes faria se pudessem observá-lo. Se elas, com pureza e ingenuidade, apreciam e seguem a higiene corporal moderna, é porque não suspeitam, em sua ignorância, que tais atenções excessivas dirigidas à nossa parte animal despertam pretensões que, não sendo submetidas a uma obediência rígida, podem destruir nossas vidas!

Aliás, Lindner transformava em mandamento moral absolutamente tudo em que tocava; estivesse ele vestido ou não, cada hora de seu dia, até ele cair num sono sem sonhos, era preenchida por um conteúdo importante, para o qual ela ficava definitivamente reservada. Dormia sete horas; suas obrigações de professor, que o ministério reduzira em apreço a sua atividade literária, exigia de duas a cinco horas do dia, nas quais já estava incluída a preleção sobre pedagogia que ele fazia na universidade duas vezes por semana; cinco horas seguidas — ou seja, quase vinte mil horas em uma década! — ficavam reservadas à leitura; duas horas e meia serviam à redação de seus próprios trabalhos, que brotava então sem interrupções do rochedo de sua personalidade, como uma límpida nascente; as refeições exigiam uma hora diária; uma hora era dedicada a passeios e simultaneamente à edificante ocupação com as grandes questões da existência e de sua especialidade, enquanto outra ficava destinada às mudanças de lugar condicionadas por sua profissão e, ao mesmo tempo, ao que Lindner chamava de pequena reflexão, ou seja, à concentração do espírito no conteúdo das ocupações recém-acabadas ou iminentes; outras parcelas de tempo estavam por seu turno previstas para vestir-se e despir-se, ginástica, cartas, assuntos domésticos, repartições públicas e proveitosa vida social, seja permanentemente, seja alternando-se no quadro da semana. É natural que a execução desse plano de vida não ocorresse apenas respeitando diretivas grandes e severas, mas implicasse também em uma série de particularidades, como o domingo com suas obrigações estranhas ao dia-a-dia, o passeio maior pelo campo, que tinha lugar a cada quinze dias, ou o banho, além de conter atividades cotidianas duplas, ainda não mencionadas, como, por exemplo, o contato diário com o filho durante as refeições, ou, ao vestir-se rapidamente, o treinamento do caráter para a superação paciente de dificuldades imprevistas.

Um tal treinamento do caráter não é apenas possível, é de grande utilidade, e Lindner tinha por ele uma predileção inata. “Nas pequenas coisas que faço bem, vejo uma imagem das grandes coisas bem-feitas no mundo”, já escrevera Goethe, e, nesse sentido, uma refeição não fica atrás de uma incumbência do destino como campo de trabalho do autocontrole e arena da vitória sobre a concupiscência; mais ainda, com a resistência de um botão de colarinho que não se dobra a qualquer reflexão, um senso mais profundo pode aprender a lidar com crianças. É claro que Lindner não considerava Goethe um modelo absoluto; mas quanta humildade prazerosa já não ganhara tentando enfiar um prego na parede a golpes de martelo, costurando uma luva rasgada ou consertando uma campainha com defeito: e se acertava no dedo ou se picava, a dor assim provocada era superada, embora não imediatamente, mas depois de alguns terríveis segundos, pela alegria devida ao espírito inventivo da humanidade, contido até mesmo em tais habilidades menores e seu aprendizado, que, hoje, para seu próprio prejuízo, as pessoas cultas tinham a presunção de desprezar! Ele sentia então o espírito goethiano renascer dentro de si, apreciando-o tanto mais porque graças à técnica de uma nova época sentia-se também mais avançado que o diletantismo prático do clássico poeta e que o prazer ocasional que suas circunspectas habilidades manuais lhe tinham proporcionado. Lindner era completamente avesso ao endeusamento do velho autor, que vivera num mundo que, sendo apenas semi-esclarecido, dera excessiva importância ao esclarecimento; preferia tomá-lo como modelo nas pequenas coisas simpáticas do que nas grandes e sérias, para não falar na notória sensualidade do sedutor Ministro de Weimar.

Venerava-o portanto com cuidadosa ponderação, na qual, mesmo assim, já há algum tempo se manifestava um estranho aborrecimento, induzindo Lindner a freqüentes reflexões. Ele sempre acreditara possuir uma concepção mais correta do heróico do que Goethe. Lindner não tinha em grande conta Scaevolas que põem a mão no fogo, Lucrécias que se apunham ou Judites que cortam a cabeça dos homens que ameaçam sua honra — “motivos” que Goethe sempre teria considerado significativos, embora não os tenha trabalhado; mesmo convencido da autoridade dos clássicos, ele chegava a julgar esses homens e mulheres que cometeram crimes por suas convicções pessoais como dignos não do coturno, mas do tribunal. À inclinação deles por ferimentos graves ele contrapunha uma concepção “interiorizada e social” da coragem. Em conversas e pensamentos, ele chegava mesmo a conceder maior importância a uma anotação bem refletida no livro de chamada da escola ou à avaliação responsável de como censurar sua empregada por alguma precipitação, pois, fazendo isso, dever-se-iam seguir não apenas as próprias paixões, mas considerar também os motivos alheios. E quando expressava coisas desse tipo, tinha a impressão de, vestido elegantemente à moda paisana de um século futuro, olhar retrospectivamente para a bombástica fantasia moral de um século mais antigo.

A aura de ridículo que envolvia tais exemplos não lhe escapava, mas ele a chamava de riso do populacho espiritual, e tinha para tanto dois sólidos motivos. Em primeiro lugar, ele afirmava que *qualquer* ocasião pode servir tanto ao fortalecimento quanto ao enfraquecimento da natureza humana; mais ainda, as pequenas ocasiões lhe pareciam mais apropriadas para o fortalecimento do que os grandes ensejos, pois um exercício brilhante da virtude favorece a tendência humana à presunção e vaidade, enquanto o exercício diário e discreto consiste cabalmente em virtude pura e sem temperos. Em segundo lugar, uma administração planejada do patrimônio moral do povo (expressão que Lindner amava pelo quê de camponês e ao mesmo tempo fabril e moderno nela contido, como amava a palavra disciplina, de cunho militar) não poderia desprezar as “pequenas ocasiões”, já porque a crença ateia, introduzida pelos “liberais e maçons”, de que as grandes realizações humanas surgem como que do nada, fosse esse nada chamado gênio, já então estava envelhecendo. No foco da atenção pública, o “herói” que épocas passadas transformaram em figura soberba, começava a aparecer como incansável trabalhador, devendo empenhar-se no estudo para ser um descobridor, ou, caso fosse atleta, temer por seu corpo como o cantor de ópera por sua voz, ou ainda, sendo renovador político, repetir sempre a mesma coisa diante de incontáveis platéias. E disso Goethe — que durante toda a vida fora um burguês aristocrata — não tivera a mínima idéia, enquanto Lindner, por seu lado, via a transformação! De tal forma, era compreensível que ele pensasse defender o melhor de Goethe contra a parte perecível, quando, ao trágico, preferia a ponderação e sociabilidade que aquele possuía em grau tão satisfatório; e não deixava de ser professável que ele, seriamente, se considerasse ameaçado por perigosas paixões, pelo simples motivo de ser um pernóstico.

E de fato, pouco tempo depois a submissão a um “regime” veio a se tornar uma das alternativas preferidas do ser humano, usada com o mesmo profícuo sucesso contra a obesidade, como na vida política e espiritual. Paciência, obediência, regularidade, serenidade e outras qualidades bastante ordeiras transformam-se em elementos primordiais da esfera privada do homem, enquanto os excessos, violências, vícios e Perigos, que ele em seu romantismo selvagem também não pretende dispensar, en-

contram no regime uma sede excepcional. Essa estranha tendência de se submeter a um regime ou de levar uma vida fatigante, desagradável e precária segundo as prescrições de um médico, professor de ginástica ou outros tiranos, embora prescindível com idêntico insucesso, já é provavelmente um resultado da marcha em direção a um Estado operário, militar, a um Estado-formigueiro, do qual o mundo se aproxima: mas aí se encontrava também o limite que Lindner não era capaz de transpor e para o qual seu olhar se dirigia sem nada mais ver, pois sua herança goethiana o interditava.

Sem dúvida, sua forma de religiosidade não seria incompatível com isso, posto que ele deixava a Deus o divino e aos santos a santidade intacta; mas lhe era inconcebível desistir de sua personalidade, sendo seu ideal do mundo uma comunidade de personalidades morais plenamente responsáveis, batalhões civis de Deus, em luta contra a volubilidade da natureza animal, e santificando o cotidiano, sem deixar, entretanto, de orná-lo com as grandes obras da arte e da ciência. Se alguém tivesse recontado sua divisão do dia, teria verificado por isso que, em todas as variantes, resultava em apenas vinte e três horas, faltando assim sessenta minutos para completar um dia, e, desses sessenta minutos, quarenta estavam para todo o sempre destinados às conversas com outras pessoas e à ocupação afetuosa com seus propósitos e características, no que ele incluía também a visita a exposições de arte, concertos e diversões. Odiava tais espetáculos. Pelo conteúdo que tinham, eles quase sempre feriam seu íntimo e, em sua concepção, essas manifestações desordenadas e supervalorizadas eram um carnaval da notória dilaceração nervosa dos tempos presentes. Ele chegava a sorrir aterrado por trás de seus ralos bigodes quando, em tais ocasiões, via “machos e fêmeas” perpetrando, com as faces em fogo, a idolatria da cultura. Eles não sabiam que a energia vital aumenta pela restrição e não pela dispersão. Sofriam invariavelmente por medo de não terem tempo para *tudo*, e não sabiam que ter tempo nada mais significa que *não* ter tempo para tudo. Lindner descobrira que se está mal dos nervos não por causa do trabalho e sua velocidade, réus da época, mas, pelo contrário, como consequência da cultura e do humanitarismo, das pausas para repouso, interrupções no trabalho, minutos desocupados, em que o homem gostaria de viver a si mesmo e procura algo que possa considerar belo, divertido ou importante: é desses minutos que brotam os miasmas da impaciência, infelicidade e falta de sentido. Tal era a sua sensação, e, por ele, quer dizer, pelo que contemplava nesses momentos, teria varrido com vassoura de ferro esses templos da arte para substituir os pretensos acontecimentos do espírito por festas do trabalho, festas edificantes, intimamente ligadas ao labor cotidiano; no fundo, bastava tomar, de toda uma época, apenas uns poucos minutos diários, cuja doentia existência é devida a um liberalismo mal compreendido. Ele, entretanto, nunca tivera a firmeza de defender isso em público, seriamente, sem limitar-se a meras alusões.

E, de repente, Lindner levantou os olhos, pois durante esses devaneios cerebrais continuava no bonde, e sentiu-se tomado da agitação e angústia geradas por indecisão e impedimento. Por um momento, teve a confusa impressão de ter pensado o tempo todo em Ágata, honrada assim pelo fato de um mau humor, que começara ingenuamente como apreço por Goethe, agora se fundir com ela, embora para tanto não houvesse motivos palpáveis. Como de hábito, Lindner dirigiu por isso exortações a si próprio: “Dedica uma parcela de tua solidão à serena reflexão sobre teu próximo, principalmente se não concordas com ele: talvez venhas então a entender e usar melhor o que te causa repulsa, e aprendas a poupá-lo na fraqueza e a encorajá-lo na vir-



tude que possivelmente está apenas intimidada!”, sussurrou de lábios fechados. Tratava-se de uma das frases fundamentais que ele cunhara contra a duvidosa agitação da pretensa cultura, frases em que de hábito encontrava a serenidade para suportá-la; mas não teve sucesso, e o que lhe faltava na ocasião não era certamente senso de justiça. Pegou o relógio. Ficou confirmado que dedicara a Ágata mais tempo do que dispunha. E não poderia tê-lo feito se, em seu horário, não estivessem previstos aqueles vinte minutos restantes, para inevitáveis perdas de tempo; pôde constatar, assim, que, dessa conta de perdas, dessa reserva de tempo para emergências, cujas gotas preciosas constituíam o lubrificante de sua jornada, mesmo nesse dia fora do comum ainda restariam dez minutos no momento em que entrasse em casa. Sua coragem aumentava? Pela segunda vez no dia de hoje, lembrou-se de outra de suas máximas: “Quanto mais inabalável tua paciência”, disse Lindner a Lindner, “tanto mais seguro ficarás de atingir o coração do próximo!” E atingir o coração lhe proporcionava um prazer que correspondia ao heróico de sua natureza; que os assim atingidos nunca reagissem, não tinha importância alguma.

## OS IRMÃOS NA MANHÃ SEGUINTE

Ulrich e a irmã tiveram ocasião de falar novamente nesse homem ao se encontrarem pela manhã, depois que Ágata desaparecera de repente do sarau em casa da prima. No dia anterior, também Ulrich abandonara logo depois dela a atmosfera carregada daquela reunião, mas não tivera mais a oportunidade de perguntar à irmã por que esta fugira; pois Ágata se trancara no quarto e parecia já ter adormecido, a menos que não tivesse respondido de propósito quando ele, colado à porta, perguntou se ainda estava acordada. O dia em que ela encontrara o extravagante desconhecido terminou, portanto, tão impulsivo como começara. Também no dia seguinte continuou impossível obter informações dela. Ela própria não sabia o que sentia realmente. Quando pensava naquela carta do marido atravessada em sua garganta, sem coragem de lê-la pela segunda vez, embora de tempos em tempos deparasse com ela, parecia-lhe inverossímil que mal tivesse transcorrido um dia desde que a recebera, tantas tinham sido as mudanças de ânimo por que passara desde então. Pensava volta e meia que, com respeito a essa carta, cabia perfeitamente a horrível expressão “fantasmas do passado”, mas, mesmo assim, ela lhe causava um pavor real. E se, por vezes, a carta despertava nela apenas aquele leve desconforto que podemos igualmente sentir ante a visão inesperada de um relógio parado, por outras a induzia a reflexões estereis, como se o mundo de onde a carta provinha pretendesse com razão ser seu verdadeiro mundo. Algo que, por dentro, nem de leve a tocava, a envolvia por fora como uma camada espessa e ainda compacta. Sem querer, comparou isso com o que acontecera entre ela e o irmão desde a chegada da carta. Tratava-se principalmente de conversas, e embora uma delas a tivesse mesmo levado a pensar em suicídio,

esquecera o conteúdo, todavia provavelmente ressuscitável e ainda não superado. No fundo, tinha pouca importância o assunto tratado na conversa; pesando a carta e sua comovente vida atual, tinha a impressão de um movimento profundo, constante, incomparável, mas impotente. Tudo nessa manhã a deixava em parte abatida e desiludida, em parte carinhosa e inquieta, como uma pessoa febril após a temperatura cair.

Nesse estado de vivo desamparo, lhe escaparam as palavras:

— Participar de tal modo que nós mesmos sintamos o que o outro sente deve ser incrivelmente difícil!

Para sua surpresa, Ulrich retrucou imediatamente:

— Há pessoas que acham que podem.

Ele disse isso de forma neutra e alusiva, não entendera bem a irmã, cujas palavras deslocavam algo para o lado, criando espaço para um aborrecimento que vinha do dia anterior, sem se incomodar que Ulrich o considerasse desprezível. Com isso, essa conversa chegara por enquanto ao fim.

A manhã trouxera um dia de chuva, prendendo os irmãos em casa. As folhas das árvores brilhavam diante das janelas, sem graça como linóleo úmido; a rua, divisada através das lacunas na folhagem, tinha os reflexos de uma galocha. Os olhos mal queriam tocar aquela imagem molhada. Ágata lamentava sua observação, e não sabia mais por que a fizera. Suspirou, recomeçando:

— O mundo lembra hoje nossos quartos de criança.

Ela estava aludindo aos quartos despojados na mansarda da casa do pai, que ambos tinham reencontrado, cheios de espanto. Podia ser muito remoto, mas ela acrescentou:

— É a primeira tristeza do ser humano, rodeado por seus brinquedos, ela volta sempre!

Depois de um período de constante bom tempo, a expectativa se dirigia espontaneamente para um dia bonito e enchia a alma de prazer negado e impaciente melancolia. Também Ulrich olhava agora pela janela; atrás da cinzenta parede de água corrente, planos irrealizados de passeios, de verde desimpedido e de um mundo infinito faziam seus passes de magia, e, quem sabe, também tremeluzisse lá atrás o desejo de ficar só e voltar a se movimentar livremente para todos os lados, cujo doce sofrimento constitui a história da paixão e mesmo a ressurreição do amor. Algo disso ainda pairava na expressão de seu rosto e de seu corpo, quando voltou-se para a irmã e lhe perguntou quase com brusquidão:

— Parece que eu não faço parte das pessoas capazes de tanta empatia?

— Não faz mesmo! — replicou Ágata, sorrindo para ele.

— Mas — prosseguiu, pois compreendera agora a seriedade das palavras dela —, embora essas pessoas imaginem ser possível partilhar o sofrimento alheio, são tão incapazes disso como qualquer outro. Têm no máximo a habilidade de uma enfermeira que adivinha o que o enfermo gostaria de ouvir...

— Mas então elas sabem o que faz bem aos outros — retrucou Ágata.

— De jeito nenhum! — repetiu Ulrich, mais obstinado ainda. — O consolo decorre da simples fala: quem fala muito descarrega gota a gota o sofrimento alheio, como a chuva faz com a eletricidade de uma nuvem. E o conhecido alívio de qualquer desgosto por meio da conversa!

Ágata ficou calada.

— Pessoas como seu novo amigo — provocou Ulrich — talvez tenham o mesmo efeito de um remédio para a tosse; não eliminam o catarro, mas aliviam a irritação e, então, ele sara por si mesmo!

Em quaisquer outras circunstâncias, poderia estar seguro da aprovação da irmã, mas Ágata, que desde ontem se encontrava num estado esquisito, com sua súbita queda por um homem de cujo valor Ulrich duvidava, sorriu intransigente, brincando com os dedos. Ulrich ergueu-se de um salto e disse com insistência:

— Mas eu o conheço, embora só ligeiramente; já o vi falando algumas vezes!

— Você chegou a dizer que ele é um “jumento insosso” — interveio Ágata.

— E por que não!? — defendeu-se Ulrich. — Gente como ele é ainda menos capaz de empatia que os outros! Eles nem sabem o que isso significa. Simplesmente não sentem a dificuldade, o caráter tremendamente duvidoso dessa pretensão!

Nesse ponto, Ágata perguntou:

— Mas por que acha duvidosa essa pretensão?

Foi a vez de Ulrich ficar calado. Chegou mesmo a acender um cigarro, para acentuar que não responderia, pois já no dia anterior tinham falado bastante a respeito. Ágata sabia disso. Não queria provocar uma nova explicação. Essas explicações eram tão encantadoras e destrutivas como olhar o céu quando se avistam nele cidades cinzentas, rosadas e amarelas de mármore de nuvens. Ela pensou: “Como seria bom se ele dissesse apenas: quero amá-la como a mim mesmo, e é mais fácil amá-la assim do que a qualquer outra mulher, porque você é minha irmã!” E como ele não estava disposto a dizer isso, ela pegou uma tesourinha e cortou com todo o cuidado um fio qualquer que despontava, como se isso fosse no momento a única coisa no mundo que merecesse sua atenção. Com a mesma atenção, Ulrich a observava. Todos os sentidos dele estavam voltados para a presença de Ágata, mais sedutora que nunca, e ele adivinhava algo do que ela escondia, embora não tudo. Pois, entretimentos, ela tinha tempo para se decidir: se Ulrich era capaz de ignorar que ela própria ria do estranho que pretendia poder ajudá-la, não seria ela quem lhe contaria isso. Além do mais, Lindner a deixara numa expectativa ansiosa. Não o conhecia. Mas o fato de ele ter oferecido ajuda desinteressada e sincera devia ter-lhe infundido confiança, pois por trás da comicidade da situação, uma tonalidade alegre do coração, um som duro de trombeta representando vonlade, otimismo e orgulho, parecia querer trazer-lhe um frescor que se contrapunha, benfazejo, a seu próprio estado de espírito. “Mesmo que sejam tremendas, as dificuldades nada significam quando queremos seriamente!”, pensou, e foi tomada por um súbito remorso, de forma que rompeu o silêncio mais ou menos como se quebra uma flor para que duas pessoas se debrucem sobre ela; e acrescentou à primeira pergunta uma segunda:

— Você ainda se lembra de que vivia dizendo que amar o próximo é tão diferente de uma obrigação quanto uma tromba d’água causada pela felicidade é diferente de uma gota de contentamento?

Ela se espantou com a veemência com que Ulrich respondeu:

— Não desconheço a ironia de minha situação. Desde ontem, e provavelmente sempre, eu nada mais fiz que mobilizar um exército de motivos para provar que esse amor ao próximo não é uma felicidade, e sim uma tarefa gigantesca, grandiosa, em parte inexecutável! Nada mais compreensível, pois, que você tenha procurado proteção junto a um homem que não tem a mínima idéia a respeito de tudo isso; em seu lugar, eu teria feito o mesmo!

— Mas não é verdade que eu esteja agindo assim! — replicou Ágata com rapidez.

Ulrich não pôde deixar de lançar-lhe um olhar tão agradecido quanto desconfiado.

— Não vale a pena falar nisso — assegurou. — Na verdade, eu nem queria entrar no assunto. — Ele hesitou um instante e prosseguiu: — Mas, veja, se temos de amar outra pessoa como a nós mesmos, e por mais que a amemos, isso continua sendo no fundo um logro e uma ilusão, pois simplesmente não podemos sentir sua dor de cabeça, ou no dedo. É totalmente insuportável que não possamos participar de verdade de uma pessoa que amamos, e é totalmente banal. O mundo é assim. Nossa pele de animal tem os pêlos voltados para dentro, não podemos arrancá-la. E esse susto em meio ao carinho, esse pesadelo da aproximação que não avança, é algo que as pessoas normalmente boas, “em suma” boas, jamais sentem. O que elas chamam de compaixão é até mesmo um sucedâneo para isso, destinado a impedir que sintam falta de qualquer coisa!

Ágata esqueceu que há pouco dissera algo tão semelhante a uma mentira como a mentira alguma. Reconheceu que as palavras de Ulrich punham em foco a desilusão com a possibilidade de participarmos uns dos outros, diante da qual as provas costumeiras de amor, bondade e simpatia perdiam seu significado; e ela entendeu que era por isso que ele falava mais do mundo que de si mesmo, pois para superar o mero devaneio era preciso sair dos eixos junto com a realidade, como uma porta salta das dobradiças. Nesse instante, ela estava muito longe do homem de barba rala e tímida severidade que queria lhe fazer bem. Mas não era capaz de dizer isso. Simplesmente fitava Ulrich, desviando em seguida o olhar, sem falar nada. Fez então qualquer coisa; depois, voltaram a trocar um olhar. Em pouco tempo, o silêncio já parecia durar horas.

O sonho de ser duas pessoas e uma só: na verdade, o efeito dessa fantasia lembrava em alguns momentos um sonho que tivesse ultrapassado as fronteiras da noite, e também agora ela flutuava entre crença e negação, num estado de espírito em que a razão nada mais tinha a fazer. Foi apenas a constituição dos corpos que, não se deixando influenciar, remeteu o sentimento de volta à realidade. Diante do olhar que tateava, esses corpos estendiam seu ser — pois eles se amavam — em direção a surpresas e delícias que se renovavam como uma cauda de pavão pairando na torrente do desejo; mas bastava o olhar se desprender das centenas de olhos do espetáculo que o amor oferece ao amor, bastava ele tentar penetrar na criatura que, lá atrás, pensava e sentia, para que esses corpos se transformassem em terríveis prisões. Um se encontrava de novo diante do outro, como já tantas vezes, sem saber o que dizer, pois tudo aquilo que um anseio profundo ainda teria a dizer ou repetir implicava um perigoso debruçar-se para o qual não havia apoio ou fundo.

E assim, pouco tempo transcorreu até que os movimentos dos próprios corpos se tornassem involuntariamente mais vagarosos, paralisados. Diante das janelas, a chuva continuava a encher o ar com sua palpitante cortina de gotas e os ruídos entorpecedores e monótonos com que a tristeza das alturas baixava sobre a terra. Ágata teve a sensação de que seu corpo estava só há séculos; e o tempo parecia escorrer com a água do céu. A luz no aposento era agora como um cubo de prata escavado. A fumaça dos cigarros que queimavam abandonados formava echarpes azuis e adocicadas em torno dela e de Ulrich. Ela não sabia mais se estava cheia de sensibilidade e cari-

nho até o fundo da alma, ou impaciente e zangada com o irmão cuja tenacidade admirava. Procurou os olhos dele, e encontrou-os como duas luas flutuando naquela atmosfera insegura. E no mesmo instante aconteceu algo que não parecia vir de sua vontade, mas de fora, onde a água que jorrava diante das janelas se tornou de repente carnosa como fruta aberta, tentando introduzir-se entre ela e Ulrich com sua maciez intumescente. Talvez se envergonhasse ou até mesmo se odiasse um pouco por isso, mas uma serenidade absolutamente sensual — e não apenas o que se chama desenfreamento dos sentidos, mas também, e até mais ainda, seu desligamento livre e voluntário do mundo! — começou a apoderar-se dela; mal teve tempo de se precaver e esconder isso de Ulrich, levantando-se de um salto e abandonando o aposento com o mais fácil dos pretextos, o de que tinha esquecido de providenciar alguma coisa.

### PEREGRINAÇÃO À CASA DE UM ESTRANHO

Mal conseguira fazer isso, Ágata tomou a resolução de procurar aquele homem esquisito que lhe oferecera ajuda, passando imediatamente a executá-la. Queria confessar a ele que não sabia mais o que fazer de si mesma. Não tinha uma impressão nítida dele; um homem visto entre lágrimas que secaram em sua presença não aparece facilmente como de fato é. Por isso, no caminho Ágata pensou sobre ele. Acreditava pensar com objetividade, mas na verdade continuava fantasiando. Percorria as ruas a passos rápidos, trazendo diante dos olhos aquela luz do aposento do irmão. Não fora propriamente uma luz, refletiu; ela preferiria dizer que os objetos no aposento tinham perdido a contenção, ou uma espécie de entendimento que deveriam habitualmente possuir. Mas caso tivesse sido ela própria quem perdera a contenção ou a razão, isso não se teria limitado a ela, pois também os objetos pareciam despertos para uma liberdade em que a luz se enchia de milagres. “No instante seguinte, teríamos sido descascados de nossas roupas por uma faca de prata, sem que tivéssemos movido um só dedo!” pensou.

Pouco a pouco, porém, a chuva que batia cinzenta e inócua sobre seu chapéu e sobretudo acabou por acalmá-la. Seus pensamentos se moderaram. Talvez a roupa simples que enfiara às pressas também ajudasse, pois desviava a memória de volta para caminhos de escola sem guarda-chuva, e estados de inocência. Veio-lhe, até, a lembrança inesperada de um verão sem malícia que passara com a família de uma amiga numa pequena ilha do Norte: entre o céu e o mar, duros e soberbos, ela descobrira ninhos de aves marinhas, uma reentrância cheia de penas brancas e macias. Soube então que o homem para o qual estava sendo levada lembrava aquele ninho. Essa idéia a deixou contente. Mas naquele tempo, dada a severa sinceridade que acompanhava o desejo de experiências da juventude, ela provavelmente jamais se teria entregue a um horror sobrenatural diante da idéia do branco e macio, ao contrário do que permitia e até mesmo ajudava a acontecer agora, sem lógica alguma, com uma falta de maturidade adolescente. O horror se referia ao Professor Lindner; mas o sobrenatural também.

O pressentimento cheio de certeza, de que tudo o que lhe acontecia tinha uma ligação mágica com algo desconhecido, lhe era familiar de todos os períodos agitados de sua vida; sentia isso como uma proximidade, atrás de si, e tendia a esperar a hora do milagre, em que não precisaria fazer nada, a não ser fechar os olhos e recostar-se. Ulrich, porém, não via ajuda alguma em devaneios sobrenaturais; sua atenção parecia geralmente ocupada em transformar com lentidão infinita um conteúdo sobrenatural em natural. Ágata reconheceu aí a razão por que já o abandonara agora três vezes no espaço de vinte e quatro horas, fugindo na confusa expectativa de encontrar proteção e repouso para a fadiga ou, pelo menos, para a impaciência de suas paixões. Assim que se acalmava, voltava ela própria para o lado dele, e só via salvação no que ele lhe ensinava; e, também agora, isso durou um certo tempo. Mas bastou ser dominada pela recordação do que “quase” acontecera em casa — e que, porém, não chegara a acontecer! — para que ela caísse de novo em desespero. Ora tentava se convencer de que o reino infinito do inimaginável teria vindo em seu socorro caso eles tivessem persistido por mais um momento sequer; ora se acusava por não ter esperado o que Ulrich faria; por fim, sonhava que o mais correto teria sido ceder simplesmente ao amor, concedendo à sobrecarregada natureza um degrau para repouso naquela trepadeira solta e vertiginosa pela qual subiam aos céus. Mas mal fizera essa concessão, teve a impressão de ser uma daquelas criaturas dos contos de fadas, incapazes de se conter, que com sua fraqueza feminina quebram antes do tempo o silêncio ou outra jura, levando tudo a ruir com estrondo.

Colocando suas expectativas novamente no homem que deveria fazê-la encontrar conselho, descobria nele não apenas as grandes vantagens que a ordem, a certeza, a severidade bondosa e um comportamento contido possuem diante de uma atitude de desespero malcomportado; o desconhecido se distinguia também por falar em Deus num tom neutro e seguro, como se freqüentasse diariamente Sua casa, podendo dar a entender que lá se desprezava tudo o que fosse mera paixão e ilusão. Que esperava, pois? Quando se fez essa pergunta, ela pisou firme no chão e aspirou o frio da chuva, para ficar totalmente sóbria; e achou então bastante provável que o juízo que Ulrich fazia sobre Lindner, embora também parcial, fosse mais correto que o dela, pois antes de suas conversas, quando guardava ainda a primeira impressão que Lindner causara, ela própria não economizara ironia ao pensar no bom homem. Espantou-se com seus pés que mesmo assim a levavam até ele, e acabou tomando um coletivo que seguia na mesma direção, para chegar mais depressa.

Sacolejando em pé entre pessoas que pareciam meras peças de roupa grossa e molhada, tinha dificuldades em preservar a teia de seus pensamentos, que protegia, mal-encarada, para que não se rompesse. Queria levá-la intacta até Lindner. Chegou até a reduzi-la. Todo o seu relacionamento com Deus, se é que se podia empregar esse nome para uma aventura dessas, se limitava a uma penumbra que se espraiava diante dela sempre que a vida se tornava pesada e repulsiva demais, ou, o que era novo, excessivamente bonita. E ela corria lá para dentro e procurava. Era tudo o que podia dizer sinceramente a respeito. Resultados, nunca houvera. Disse isso a si mesma entre as sacudidelas. E notou então que estava curiosa para saber como o desconhecido se livraria desse negócio de que seria incumbido quase que como substituto de Deus; pois para tal fim ele deveria ter recebido do Grande Inatingível uma certa onisciência, já que ela, apertada entre toda a sorte de pessoas, decidira nesse meio tempo que em hipótese nenhuma faria de saída uma

confissão completa. Ao saltar, fez, porém, uma estranha descoberta: bem escondida em seu íntimo havia a convicção de que, dessa vez, as coisas não correriam como sempre, e que estava decidida a tomar a iniciativa de trazer o inconcebível da penumbra para a luz. Talvez tivesse rapidamente apagado de novo essas palavras exageradas, caso elas tivessem aflorado em sua consciência; mas ali, não havia nenhuma palavra nesse lugar, havia apenas um sentimento surpreso que crepitava em seu sangue como fogo.

O homem para cuja casa se dirigiam sentimentos e fantasias tão apaixonados estava por sua vez sentado com seu filho Peter à mesa do almoço, que ele ainda ingeria ao meio-dia, segundo uma boa regra dos velhos tempos. Não estava cercado de luxo, ou, como melhor se diz em alemão, de *Überfluss*; pois a maneira de dizer em alemão nos revela um sentido que a palavra luxo esconde. Luxo significa também o supérfluo e dispensável que a riqueza ociosa pode amealhar; *Überfluss*, pelo contrário, é tanto o supérfluo e, nessa medida, significa o mesmo que luxo, como também, e principalmente, a abundância, significando então aquele estofamento da existência ou aquele conforto e generosidade excedentes da vida européia, que só faltam aos extremamente pobres. Lindner distinguia essas duas acepções de luxo, e na mesma medida em que, na primeira, não havia luxo em sua casa, na segunda ele estava presente. Bastava abrir a porta de entrada que dava para um vestíbulo de tamanho médio, para se ter essa impressão, sem saber por quê. Olhando em volta, não faltava nenhuma das peças inventadas para serviço do homem: um porta-guarda-chuvas de metal soldado e esmaltado servia para os guarda-chuvas. Um capacho de fibra dura tirava a sujeira que a escova ainda tivesse porventura deixado retida nos sapatos. De uma bolsa presa à parede despontavam duas escovas de roupa, e não faltava a chapeleira para pendurar também os sobretudos. Uma lâmpada iluminava o aposento, até um espelho havia, e todos esses utensílios tinham a melhor manutenção, sendo renovados assim que se danificavam. Mas a lâmpada elétrica tinha a menor intensidade de luz que ainda permitia vislumbrar qualquer coisa; a chapeleira tinha apenas três ganchos; o espelho só abarcava quatro quintos de um rosto adulto; e a grossura e qualidade do tapete iam apenas até o ponto em que ainda se sentia o assoalho sob os pés, sem mergulhar no macio; de resto, pode ser vão tentar através de tantos detalhes reproduzir o espírito do local, mas bastaria entrar para senti-lo, no conjunto, como algo estranhamente tênue, que não era severo nem desleixado, não era abastado nem pobre, não era elegante nem sem gosto, e sim exatamente uma afirmação surgida de duas negações, que encontra sua melhor expressão nas palavras: falta de desperdício. Isso não excluía, uma vez passando-se aos aposentos interiores, um sentimento para a beleza e mesmo para o conforto, que se faziam notar em toda parte. Gravuras magníficas e emolduradas pendiam das paredes, a janela ao lado da escrivaninha de Lindner estava enfeitada por uma peça de vidro colorido representando um cavaleiro que, com movimentos ariscos, libertava uma donzela de um dragão, e na escolha de alguns vasos que continham belas flores de papel, na aquisição de um cinzeiro por um não-fumante, e nos muitos detalhes que, por assim dizer, faziam um raio de sol cair sobre o reino do dever que representa a manutenção de uma casa, Lindner se deixara levar livremente pelo gosto. Ainda assim, a severidade que as doze arestas impunham aos aposentos se manifestava em toda parte, lembrando a dureza da vida que não se deve esquecer nem mesmo na comodidade; e até onde, provenientes de tempos passados, sinais de indisciplina feminina, uma toalhinha em ponto-de-cruz, uma almofada com rosas ou um abajur

rendado quebravam a uniformidade, esta tinha força suficiente para impedir que o elemento faustoso passasse dos limites.

Apesar disso, Lindner aparecera nesse dia com quase quinze minutos de atraso para a refeição, e não era a primeira vez desde o dia anterior. A mesa estava posta; os três pratos empilhados diante de cada um dos dois lugares fitaram-no com um olhar redondo de censura; os porta-facas de vidro, sobre os quais faca, colher e garfo olhavam fixos como bocas de canhão sobre carretas, e os guardanapos enrolados em seus anéis tinham tomado posição como um exército abandonado por seu general. Lindner guardara a correspondência que costumava abrir antes de almoçar, e, de consciência pesada, correria para a sala de jantar. Constrangido como estava, não conseguiu discernir o que acontecia ali — talvez fosse algo semelhante à desconfiança, pois no mesmo momento, vindo do outro lado e com a mesma rapidez que ele, seu filho Peter entrou na sala como se, para tanto, tivesse apenas esperado pelo pai.

## O FAZOBÉM E O FAZOMAL MAS TAMBÉM ÁGATA

Peter era um rapaz bastante crescido, de uns dezessete anos. A altura íngreme de Lindner se misturara nele a um físico mais avantajado, encurtando-se; chegava ao ombro do pai, mas sua cabeça, semelhante a uma redonda e angulosa bola de boliche, se assentava sobre um pescoço de carnes rígidas, cujo diâmetro teria bastado para uma coxa do genitor. Peter não vinha da escola, e sim de um campo de futebol; a caminho de casa, se dirigira por desgraça a uma garota, de quem sua máscula beleza obtivera a meia promessa de um reencontro: atrasara-se com isso, e viera se esgueirando, dissimulado, para casa e, depois, para a porta da sala de jantar, indeciso até o último minuto quanto à desculpa que daria. Mas, para sua surpresa, não ouvira ninguém na sala, onde entrou então às corridas, ficando muito embaraçado ao chocar-se com o pai exatamente quando estava prestes a fazer cara de tédio por uma longa espera. Seu rosto vermelho cobriu-se de manchas mais vermelhas ainda, ele começou imediatamente a falar aos borbotões, olhando de esguelha para o pai quando este parecia não notar e encarando-o, destemido, quando tinha a sensação de que ele lhe dirigia o olhar. Tratava-se de comportamento calculado e várias vezes testado, cuja função era produzir a imagem de um jovem franco e descontrolado até à imprudência, capaz de tudo, menos de esconder alguma coisa. Quando isso não bastava, Peter não hesitava nem mesmo em deixar escapar, aparentemente por descuido, palavras desrespeitosas ou outras expressões que desagradavam ao pai e serviam como pontas que atraíam os raios, desviando-os de alvos mais perigosos. Pois Peter temia o pai como o inferno teme o céu, com o sentimento de respeito da carne assada sobre a qual o espírito lança do alto seu olhar. Adorava futebol, mas preferia assistir com cara de entendido, emitindo juízos de peso, a fatigar-se em campo. Pretendia ser aviador e vir um dia a realizar façanhas heróicas; mas não encarava isso como um objetivo para o qual de-



vesse trabalhar, e sim como uma predisposição pessoal, a exemplo de outras criaturas que, por capacidade inata, um belo dia começam a voar. Que sua repulsa pelo trabalho estivesse em contradição com os ensinamentos da escola era coisa que não o impressionava: esse filho de um conhecido pedagogo não dava importância ao apreço dos mestres; bastava-lhe ser fisicamente o mais forte da turma, e, quando um colega lhe parecia ser inteligente demais, estava sempre pronto a restabelecer o equilíbrio através de um soco no nariz ou no estômago. É sabido que também dessa forma se pode viver cercado de respeito, e a única desvantagem de seu método consistia em não ser aplicável em casa contra o pai que, além do mais, devia saber o menos possível a tal respeito. Pois diante dessa autoridade espiritual que o educara e mantinha ternamente preso, a impetuosidade de Peter se restringia a queixosas tentativas de revolta, que Lindner sênior chamava de lamentável gritaria dos instintos. Familiarizado desde pequeno com os melhores princípios, Peter tinha dificuldades em ignorar a verdade que continham, e só conseguia satisfazer a própria honra e espírito belicoso através do emprego da astúcia de guerra dos índios, que evitava choques verbais abertos. Não deixava de empregar muitas palavras, mas nunca cedia à necessidade de falar a verdade, coisa em sua opinião efeminada e indiscreta.

Assim, mais uma vez fez uso de uma torrente de justificativas e caretas que, entretanto, não provocaram qualquer reação do mestre. O Professor Lindner tinha benzido rapidamente a sopa, e comia agora, sério, calado e depressa. Só vez por outra seu olhar se detinha na risca do cabelo do filho, sem se concentrar. Esta fora hoje traçada com pente, água e muita pomada na espessa cabeleira castanho-avermelhada, como uma trilha estreita em meio à selva que não quer recuar. Quando sentia sobre ela o olhar do pai, Peter baixava a cabeça para encobrir a gravata de um belo vermelho gritante, que seu educador ainda não conhecia. Pois no instante seguinte o olhar poderia abrir-se meigamente ante uma tal descoberta, sendo secundado pela boca que produziria palavras a respeito da “submissão aos lemas de vagabundos empetecados” ou da “afetação social e vaidade servil”, o que deixaria Peter magoado. Dessa vez, entretanto, nada aconteceu, e só depois de um intervalo, durante a troca de pratos, Lindner disse vagamente qualquer coisa, com voz bondosa — e nem mesmo ficou claro se ele se referia à gravata ou se sua exortação fora simplesmente determinada por uma imagem captada inconscientemente:

— Pessoas que ainda têm muito que lutar com a vaidade deveriam evitar extra vagâncias em sua aparência exterior...!

Peter aproveitou essa inesperada abstenção paterna para narrar a história de uma nota baixa, devida, segundo contou, ao cavalheirismo com que, intencionalmente, se mostrara despreparado, a fim de não humilhar um colega mais fraco e incapaz de corresponder às tremendas exigências, examinado antes dele.

O Professor Lindner limitou-se a sacudir a cabeça.

Depois que o prato principal fora retirado e a sobremesa estava na mesa, ele começou, pensativo e cheio de cautela:

— Veja, exatamente nos anos em que nosso apetite é maior, podemos obter as mais decisivas vitórias sobre nós, mas não passando fome, o que é pouco saudável, e sim renunciando ocasionalmente a nosso prato predileto, *depois* de uma refeição suficiente.

Peter ficou em silêncio, sem querer entender, mas sua cabeça voltou a se cobrir até as orelhas de um vermelho vivo.

— Não seria correto — continuou o pai, cheio de preocupação — eu querer castigá-lo por essa nota baixa, pois você, além disso, mente como uma criança, demonstrando, portanto, uma tal falta do conceito moral, de honra, que é preciso primeiro preparar o terreno sobre o qual o castigo pode surtir efeito. Por isso, exijo apenas que reconheça seu erro, e estou certo de que você mesmo irá então se castigar.

Foi nesse momento que Peter mencionou com ênfase sua saúde fraca, como também o excesso de trabalho, que poderiam ser a causa de seu insucesso na escola nos últimos tempos e o impediam de fortalecer o caráter através da renúncia à sobremsa.

— O filósofo francês Comte — replicou o Professor Lindner serenamente — costumava, mesmo sem maiores motivos, mastigar um pedaço de pão seco em lugar da sobremsa depois da refeição, simplesmente para lembrar os que não têm sequer um pão seco. É um belo traço, que nos mostra que qualquer exercício de abstinência e simplicidade contém uma profunda significação social!

Peter já tinha há muito tempo uma imagem extremamente desfavorável da filosofia, mas também a literatura entrou agora no rol das recordações desagradáveis, pois seu pai prosseguiu:

— O escritor Tolstoi afirma igualmente que a abstinência é o primeiro degrau para a liberdade. O homem está cheio de apetites servis e, para ter sucesso na luta contra eles, precisa começar com os mais elementares: a gula, o ócio e o prazer sensual.

O Professor Lindner costumava pronunciar cada uma dessas três palavras, de aparição freqüente em suas exortações, com o mesmo tom impessoal; e bem antes de poder ligar uma imagem definida à expressão prazer sensual, Peter já conhecia a luta contra ele, paralela à luta contra a gula e o ócio, sem outros pensamentos que os do pai, que não precisava pensar mais nada, pois estava certo de que era assim que se começava o ensino elementar de autodeterminação. Dessa forma, não conhecendo ainda o prazer sensual em sua forma mais cobiçada, embora já lhe roçasse as saias, Peter verificou, surpreendido, que de repente sentia uma irada repulsa por vê-lo ligado à gula e ao ócio, conforme as habituais explanações do pai; é claro que não podia expressar isso diretamente, precisava mentir, e exclamou:

— Eu sou uma pessoa simples, não posso me comparar com poetas e filósofos! — Mesmo agitado, fora cuidadoso na escolha das palavras.

Seu educador respondeu com o silêncio.

— Estou com fome! — acrescentou Peter com paixão ainda maior. Lindner sorriu com amargura e desprezo.

— Eu vou morrer, se não me derem o bastante de comer! — Peter estava quase choramingando.

— A primeira reação do homem às intervenções e ataques externos se dá mediante os instrumentos vocais — ensinou o pai.

E cessou a “lamentável gritaria dos instintos”, para usar a expressão de Lindner. Peter não queria chorar num dia tão particularmente viril, mas a exigência de desenvolver um espírito convincente de defesa o oprimia terrivelmente. Nada mais lhe ocorreu e, nesse momento, ele odiou até mesmo a mentira, pois é preciso falar para empregá-la. Sanha homicida e choradeira se alternavam em seus olhos. Uma vez atingido esse ponto, o Professor Lindner disse com benevolência:

— Você precisa se obrigar a sérios exercícios de silêncio, para que não fale a pessoa irrefletida e inculta que existe em você, e sim a pessoa circunspecta e bem-educada, cujas palavras trazem paz e firmeza! — E se pôs a refletir, com semblante amigável, revelando em seguida ao filho o resultado a que chegara: — O melhor conselho que posso dar, para fazer com que os outros se tomem bons, é que sejamos nós mesmos bons; como diz Matthias Claudius: “Só posso concluir que temos de ser como queremos que sejam nossos filhos!” — E com essas palavras, afastou a sobremesa, benevolente e decidido, sem tê-la tocado, embora fosse arroz-doce com chocolate, seu prato preferido, e com essa amorosa intransigência obrigou o filho a fazer o mesmo, rangendo os dentes.

Nesse momento, a empregada entrou na sala e anunciou Ágata. August Lindner se ergueu, perturbado. “Então veio!”, disse-lhe uma voz muda, terrivelmente nítida. Estava disposto a se sentir indignado, mas também estava disposto a uma indulgência fraternal, que se achega ao próximo com um sutil tato moral, e esses dois contraentes, com grande séquito de princípios, começaram a realizar uma verdadeira caçada por todo o seu corpo, até ele conseguir dar a simples ordem de que a dama fosse levada à sala de visitas.

— Você fica me esperando aqui! — disse, severo, a Peter, e afastou-se com largas passadas.

Peter, por seu lado, notara algo fora de comum no pai, apenas não sabia o que era; de qualquer forma, mal o pai saíra, isso lhe deu a coragem leviana de, depois de curta hesitação, levar à boca uma colherada do chocolate que estava a postos para polvilhar a sobremesa; seguiu-se uma colherada de açúcar e, finalmente, uma colher transbordando de arroz, chocolate e açúcar, operação que repetiu várias vezes antes de, por precaução, alisar novamente as travessas.

Quanto a Ágata, ficou algum tempo sentada sozinha na casa desconhecida, esperando pelo Professor Lindner, que enquanto isso andava para lá e para cá em outro aposento, tentando se concentrar antes de encarar aquela bela e perigosa mulher. Ela olhou em volta e de repente sentiu medo, como se se tivesse enredado nos galhos de uma árvore sonhada e devesse temer não voltar sã e salva de um mundo de madeira retorcida e milhares de folhas. Uma profusão de detalhes a punha confusa, e o gosto precário que neles se expressava reunia de forma extremamente estranha uma fria aspereza e um oposto que ela, nervosa como estava, não conseguia denominar. A frieza talvez lembrasse a rigidez gelada de desenhos a giz, mas, pela aparência, o aposento tinha cheiro de remédio e pomada, como que mimado por uma avó, e espíritos antiquados, nada masculinos, vagavam por ali, voltados para o sofrimento humano com uma intencionalidade desagradável. Ágata farejou o ar. E embora ele contivesse apenas os produtos de sua imaginação, ela foi pouco a pouco levada por seus sentimentos a uma época remota e recordou o assustador “cheiro do céu”, aquele aroma meio disperso e amortecido de incenso preso nos hábitos que seus professores tinham usado outrora, quando ela, menina ainda, fora educada com suas amiguinhas numa instituição religiosa, sem sucumbir de forma alguma em devoção. Pois por mais edificante que seja esse cheiro para as pessoas que o ligam às coisas certas, no coração daquelas adolescentes rebeldes e laicas ele tinha o efeito de lembrar vivamente o cheiro de protesto ligado às primeiras experiências, reais ou imaginadas, com os bigodes de um homem ou suas faces enérgicas, perfumadas de acres essências e polvilhadas de talco para barba. Sabe Deus que também esse cheiro não cumpre o que

promete! E enquanto Ágata esperava, sentada numa das cadeiras lindnerianas estofadas de abnegação, o cheiro vazio do mundo e o cheiro vazio do céu uniram-se inextricavelmente em torno dela como dois hemisférios ociosos, e ela foi tocada pelo pressentimento de que estava prestes a repetir uma hora de aula da vida, que deixara passar sem prestar atenção.

Sabia agora onde estava. Timidamente preparada, tentou se adaptar ao ambiente e pensar nas lições de que talvez cedo demais se afastara. Mas essa disposição fazia seu coração empinar como um cavalo que não atende a exortações, e ele começou a correr em pânico, como acontece quando sentimentos querem prevenir a razão e não encontram palavras. Mesmo assim, tentou mais uma vez depois de algum tempo; como ajuda, pensou no pai, um homem liberal que, no que lhe tocava, sempre demonstrara um estilo de iluminismo superficial, a despeito do qual a mandara a um colégio de freiras para ser educada. Sentiu-se tentada a ver nisso uma espécie de reparação, a tentativa, ditada por uma secreta insegurança, de, por sua vez, agir contra as próprias convicções: e como sentia afinidade com qualquer incoerência, achou por um momento que se metera numa situação na qual, como filha, reproduzia misteriosa e inconscientemente o comportamento do pai. Mas esse segundo frêmito piedoso, voluntariamente provocado, não teve duração; com certeza a excessiva tutela religiosa que sofrerá roubará-lhe para sempre a capacidade de encontrar na crença um ancora-douro para seus comovidos pressentimentos; e, aliás, bastou examinar mais uma vez aquele ambiente com o terrível faro que a juventude possui para a distância entre a infinitude do ensinamento e a finitude do professor — e que leva também a deduzir pelo empregado como é o patrão —, para que lhe desse um súbito e irrefreável desejo de rir da atmosfera daquele lar em que, cheia de expectativa, se deixara aprisionar.

Sem querer, enfiou as unhas na madeira da poltrona, envergonhada com sua indecisão. Sua vontade era agora dizer de chofre tudo o que a afligia, assim que o desconhecido se dignasse a aparecer com sua pretensão de consolar: a maquinação com o testamento, que, pensando sem despeito, era imperdoável. As cartas de Hagauer, que deformavam monstruosamente sua imagem, como um espelho de má qualidade, sem que, entretanto, se pudesse negar certa semelhança. E seguramente também que queria liquidar aquele homem, embora sem querer matá-lo de verdade; e que sem dúvida o desposara, mas não de verdade, pois estava cega de desprezo por si mesma. Havia na vida dela uma série de insuficiências incomuns; mas, afinal, negando tudo, teria de mencionar também o pressentimento que pairava sobre Ulrich e ela, traição que jamais e em tempo algum poderia cometer! Sentia-se irritada como uma criança submetida constantemente a tarefas difíceis demais. Por que aquela luz volta e meia vislumbrada se apagava de novo, como uma lanterna balançando na escuridão imensa, cujo brilho as trevas ora engoliam, ora deixavam passar?! Estava incapaz de qualquer decisão, e, de mais a mais, recordou Ulrich ter dito uma vez que quem procurava essa luz teria que atravessar um abismo sem fundo e sem pontes. Será que ele próprio no seu mais profundo íntimo não acreditava na possibilidade daquilo que buscavam juntos? Ficava pensando e, embora não ousasse verdadeiramente duvidar, sentia-se profundamente abalada. Fora o próprio abismo, ninguém podia ajudá-la! Esse abismo era Deus: ah, que sabia ela! Com aversão e desprezo, examinou as pinguelas que pretendiam levá-la para o outro lado, a humildade do aposento, as figuras piamente colocadas nas paredes, tudo aquilo que fingia uma familiaridade com Ele. Estava prestes a se humilhar e, ao mesmo tempo, a afastar-se com horror. E sua maior vontade era

fugir de novo, mas a fuga constante lhe trouxe mais uma vez a lembrança de Ulrich e ela se sentiu “tremendamente covarde”. O silêncio em casa fora como uma calmaria a preceder a tempestade, cuja pressão a arremessara até aqui. Essa idéia fez com que um sorriso aflorasse em seu rosto, e em tais circunstâncias era natural lembrar-se ainda de coisas ditas por Ulrich, pois ele dissera certa vez: “Ninguém se considera jamais inteiramente covarde, pois quando algo o assusta ele só corre até o ponto em que pode sentir-se novamente como herói!” Era ali que ela estava!

## UMA TREMENDA DISCUSSÃO

Nesse momento, Lindner entrou na sala, não menos disposto a falar que sua visitante; mas quando se viram face a face, foi tudo diferente. Ágata passou imediatamente ao ataque, usando palavras que, para seu espanto, eram bem mais comuns do que os antecedentes fariam prever.

— O senhor há de recordar que pedi algumas explicações — começou. — Estou aqui. Ainda me lembro bem do que disse contra meu divórcio. Talvez o tenha entendido melhor desde então.

Estavam sentados a uma grande mesa redonda, separados por toda a extensão do diâmetro. Em comparação com os últimos momentos em que estivera só, Ágata, no primeiro instante do encontro, teve a impressão de afundar, mas, depois, ganhou pé; usara a palavra divórcio como uma isca, embora estivesse sinceramente curiosa por conhecer a opinião de Lindner. E este, de fato, respondeu quase no mesmo instante:

— Sei muito bem por que exige de mim essas explicações. Até hoje devem ter-lhe sugerido que é coisa da Idade Média acreditar no supra-humano e obedecer a mandamentos que se originam nele! Disseram-lhe que a ciência liquidou com essas lendas! Mas está certa de que é mesmo assim?

Ágata verificou com surpresa que mais ou menos a cada três palavras os lábios dele se erguiam como dois agressores sob a barba rala. Não respondeu.

— Já pensou nisso? — prosseguiu Lindner com dureza. — Conhece o sem-número de questões ligadas a isso? Estou vendo: não as conhece. Mas tem um magnífico gesto de desprezo para com elas, e provavelmente nem sabe que está agindo sob o jugo da influência alheia!

Ele se entregara ao perigo. Não estava claro a que insinuações se referia. Sentia-se arrebatado. Seu discurso era um comprido túnel que ele escavara através de uma montanha para lançar-se contra a idéia das “mentiras de livre-pensadores” que, do outro lado, brilhava de ostentação. Não se referia a Ulrich ou Hagauer, mas ao mesmo tempo se referia a eles, se referia a todos.

— E mesmo que tivesse pensado — exclamou, aumentando com ousadia o tom de voz — e ficando convicta dessas heresias: que o corpo é apenas um sistema de corpúsculos mortos, que a alma é um jogo de glândulas, a sociedade um feixe de trapos das leis mecânicas da economia! E ainda que isso fosse certo, o que está longe de ser fato: eu negaria que um tal pensamento conheça a verdade da vida! O que se chama

de ciência não tem a menor competência para explicar com seus métodos superficiais aquilo que vive na pessoa humana como convicção íntima, espiritual. A verdade da vida é um saber sem começo, e os fatos da verdadeira vida não podem ser explicados através de provas: quem vive e sofre os possui dentro de si como a força misteriosa de exigências superiores e como sentido vivo de si mesmo!

Lindner tinha se erguido. Seus olhos brilhavam como dois pregadores no alto do púlpito formado por suas pernas compridas. De lá, olhava para Ágata, imbuído de poder. “Por que ele já começa falando tanto?”, pensou ela. “E que tem contra Ulrich? Mal o conhece, mas não há dúvida de que está falando contra ele!” Mais rápida que a reflexão, sua experiência feminina convenceu-a de que Lindner só falava assim porque estava ridiculamente enciumado de Ulrich. Erguera o rosto para ele com um sorriso encantador. De pé diante dela, alto, desengonçado e armado, ele lhe parecia um belicoso gafanhoto gigante de passadas eras terrestres. “Meu Deus”, pensou ela, “agora vou dizer mais alguma coisa que o irrite, e ele vai tentar me encurralar de novo: onde é que eu estou?! Que jogo é esse?!” Ficava confusa porque Lindner lhe dava vontade de rir e ao mesmo tempo não conseguia se libertar sem mais nem menos de certas palavras dele, como “saber sem começo” ou “sentido vivo”, palavras que, presentemente, eram estranhas, mas também familiares, como se ela mesma sempre as tivesse empregado, embora sequer se lembrasse de jamais tê-las ouvido antes. Pensou: “É terrível, mas algumas palavras ele mergulhou como crianças em meu coração!”

Lindner notou que causara impressão sobre ela, e essa satisfação o apaziguou um pouco. Via uma jovem mulher diante de si, na qual pareciam alternar-se de forma suspeita emoção e fingida indiferença, até mesmo atrevimento; e como acreditava ser um profundo conhecedor da alma feminina, não se deixou desconcertar, certo de que, nas mulheres bonitas, a tentação da arrogância e vaidade é tremendamente grande. Aliás, ele quase nunca conseguia contemplar um belo rosto sem ao mesmo tempo sentir pena. As pessoas assim marcadas eram, em sua opinião, quase sempre mártires de uma fachada brilhante que as levava à empáfia, com seu séquito de frieza e superficialidade. De qualquer forma, também pode acontecer que atrás de um belo semblante habite uma alma; quanta insegurança não se esconderá atrás da arrogância, quanto desespero atrás da leviandade! Muitas vezes trata-se até de pessoas de grande nobreza, às quais falta tão-somente o auxílio de convicções justas e inabaláveis. E pouco a pouco, Lindner foi novamente dominado pela idéia de que o homem realizado tinha de compreender o estado de espírito do descurado; e, fazendo isso, verificou que o semblante e o corpo de Ágata possuíam aquela paz amena característica apenas do que é grande e nobre, mais ainda, o joelho nas pregas da vestimenta chegou a parecer-lhe um joelho de Níobe. Ficou admirado que exatamente tal comparação se impusesse a ele, pois, ao que sabia, não era nada pertinente; mas, com certeza, à nobreza de sua dor moral se misturara espontaneamente a idéia suspeita de muitas crianças, pois a atração que sentia não era menor que seu temor. Notou também o seio que arfava em pequenas ondas rápidas. Sentiu-se abafado, e, não tivesse seu conhecimento do mundo acorrido em seu auxílio, não saberia o que fazer: mas, no momento de máxima insídia, este lhe sussurrou que o seio deveria conter algo de secreto e que, pelo que sabia, tal segredo estaria ligado ao divórcio de seu colega Hagauer; isso o salvou de uma vergonhosa insensatez, dando-lhe imediatamente a possibilidade de desejar que, em lugar do seio, desvendasse o segredo. Fê-lo então com todas as suas forças, e a

ligação do pecado com o extermínio cavalheiresco do dragão do pecado flutuou diante dele em cores ardentes, parecidas com as que brilhavam na pintura em vidro de seu escritório.

Depois de recobrar o controle, Ágata interrompeu essa meditação com uma pergunta feita em tom comedido e até reservado.

— O senhor afirmou que eu ajo suggestionada, coagida de fora; que queria dizer com isso?

Lindner ergueu, espantado, os olhos que estavam pousados no coração dela, e encarou-a. Aconteceu algo insólito: não sabia mais o que tinha dito. Vira nessa jovem mulher uma vítima do espírito livre que assolava seu tempo, e o esquecera na alegria da vitória.

Ágata repetiu a pergunta com uma ligeira modificação:

— Eu lhe confiei que quero me divorciar do Professor Hagauer, e o senhor replicou que estou agindo sob influência alheia. Poderia ser de utilidade para mim saber o que quer dizer com isso. Repito que nenhum dos motivos corriqueiros cabe aqui inteiramente; pelo que se vê por aí, nem mesmo a aversão era insuperável. Eu simplesmente me deixei convencer de que ela não deve ser superada, e sim ampliada ao máximo!

— Por quem?

— É essa a questão que o senhor pode me ajudar a resolver. — Olhou-o mais uma vez com um sorriso meigo, repugnantemente decotado, por assim dizer, que desvendava o seio interior, deixando-o coberto por uma mera renda negra.

Com um gesto involuntário da mão, fingindo ajeitar os óculos, Lindner protegeu os olhos. A verdade era que, tanto em sua visão do mundo, quanto em seus sentimentos por Ágata, a coragem representava o mesmo papel temeroso. Era daquelas pessoas que descobriram que a vitória da humildade fica mais fácil se ela antes levar à lona a altivez, e sua natureza erudita ensinava a temer mais que tudo a altivez da ciência independente que acusa a fê de não ser científica. Se alguém lhe dissesse que os santos com suas mãos vazias e levantadas em súplica estavam antiquados, devendo atualmente ser representados empunhando sabres, pistolas e instrumentos mais recentes, ficaria talvez indignado; não admitia, porém, que se recusassem à fê as armas do saber. Trata-se de um erro quase cabal, mas não era o único a cometê-lo; e por isso atacara Ágata com palavras que teriam merecido lugar de honra em suas publicações — e provavelmente o ocupavam de fato —, mas estavam deslocadas diante de uma confidencia. Vendo à sua frente, modesta e pensativa, aquela enviada de mundos hostis, caída em suas mãos por força de um destino benévolo ou satânico, sentiu isso ele próprio, e ficou embaraçado, sem saber o que responder:

— Ora! — disse do modo mais genérico e desdenhoso possível, e por acaso quase acertou: — Eu me referia a esse espírito que hoje impera e faz com que os jovens tenham parecer tolos e até não-científicos se não partilharem de todas as superstições modernas. Sei lá quais são os lemas que lhe vêm à mente: viver a vida! afirmação da vida! cultivar a personalidade! liberdade do pensamento e da arte! Tudo, menos, de qualquer forma, os mandamentos da moral simples e eterna.

A feliz gradação: “tolos e até não-científicos” deixou-o contente por sua finura e insuflou-lhe nova combatividade.

— Estará admirada por eu dar valor à ciência em nossa conversa, sem saber até que ponto se ocupou dela...

— Nem um pouco! — interrompeu Ágata. — Sou uma mulher ignorante. — Acentuara as palavras, que pareciam dar-lhe um certo prazer, talvez o de um não-santo-de-pau-oco.

— Mas vive nesse ambiente! — corrigiu-a Lindner, muito enfático. — E quer se trate de liberdade de costumes ou da ciência, o que se manifesta é sempre o mesmo: o espírito desligado da moral!

Ágata sentiu essas palavras como novas sombras de sobriedade, lançadas, entretanto, por algo de mais escuro que rondava por perto. Não estava disposta a esconder sua decepção, mas riu ao mostrá-la:

— Deu-me o conselho de não pensar em mim, mas fica o tempo todo falando de mim — lembrou com ironia ao homem à sua frente, que repetiu:

— Tem medo de sentir-se antiquada!

Um brilho irritado passou pelos olhos de Ágata.

— Estou perplexa: o que diz pouco tem a ver comigo!

— E eu lhe digo: “Vosso preço foi alto, não tomai-vos servos dos homens!” Ágata achou graça; a oratória contrastava com toda a aparição como uma flor pesada num pedúnculo fininho. Incisiva, quase rude, ela perguntou:

— Então, que devo fazer? Espero do senhor uma resposta clara. Lindner engoliu em seco e ficou escuro de tão sério.

— Cumpra o seu dever!

— Não sei qual é o meu dever!

— Então precisaria procurar deveres!

— Mas eu não sei o que são deveres! Lindner sorriu com raiva.

— É a isso que leva a liberdade pessoal! — exclamou. — São fantasias vãs! Está vendo em si mesma: o homem livre é infeliz! O homem livre é um fantasma! — acrescentou, erguendo um pouco mais a voz em seu embaraço. Baixou-a de novo, para concluir cheio de convicção: — O dever é aquilo que a humanidade, por justo autoconhecimento, erigiu contra a própria fraqueza. O dever é a mesmíssima verdade que todos os grandes homens conheceram, ou para a qual sua intuição apontou. O dever é a obra de séculos de experiência e o resultado do olhar visionário dos abençoados. Mas dever é também aquilo que o mais simples dos homens conhece exatamente no segredo de seu íntimo, basta que leve uma vida honesta!

— Foi uma canção cheia do brilho trêmulo de velas! — observou Ágata com aprovação.

Era desagradável que Lindner também sentisse que cantara mal. Deveria ter dito outra coisa, mas não ousava descobrir em que se desviara da voz autêntica de seu coração. Permitiu-se apenas pensar que aquela jovem criatura deveria ter sofrido uma profunda decepção com o marido, tal o amargor e atrevimento com que se auto-agredia, e que, apesar de toda a merecida censura, seria digna de um homem mais forte; todavia, ele tinha a impressão de que esse pensamento seria seguido por outro, bem mais perigoso. Enquanto isso, Ágata balançava a cabeça, lentamente, mas muito decidida; e com a segurança involuntária com a qual uma pessoa excitada é provocada a fazer ruir definitivamente uma situação precária, ela prosseguiu:

— Mas estamos falando de um divórcio! E por que o senhor hoje não diz mais nada sobre Deus? Por que não diz simplesmente: Deus manda que fique com o Professor Hagauer!? Não consigo imaginar que ele dê uma ordem dessas!



Lindner levantou os ombros, sem querer; parecia deveras alçar-se às alturas com seu movimento ascendente.

— Nunca lhe falei a respeito disso, foi somente a senhora que tentou! — protestou bruscamente. — E quanto ao resto, não pense que Deus se ocupa dos pequenos assuntos egoístas de nossos sentimentos! Para tanto, existe Sua lei, que temos de seguir. Ou isso não lhe parece heróico o bastante, já que o homem hoje só busca o “pessoal”? Bem, então eu contraponho às suas exigências um heroísmo superior, o heroísmo da submissão!

Cada uma dessas palavras significava muito mais do que um leigo podia se permitir dizer, ou mesmo apenas pensar; Ágata, por sua vez, só conseguia sorrir sem parar diante de um sarcasmo tão brutal, a menos que quisesse se sentir obrigada a se levantar e interromper a visita; e ela sorria com tal habilidade e segurança, que a confusa irritação de Lindner só fazia aumentar. Ele sentia idéias preocupantes brotarem em seu íntimo, acentuando sempre mais uma embriaguez ardente que lhe roubava os sentidos, fremente do desejo de quebrar aquela teimosia e, quem sabe, salvar a alma que tinha diante de si.

— Nosso dever é doloroso! — exclamou. — Nosso dever pode ser repulsivo e nojento! Não pense que quero defender seu marido ou que estou por natureza do lado dele. Mas a senhora tem de obedecer à lei, pois nada mais existe que nos assegure paz e nos defenda de nós mesmos!

Ágata riu-se dele; adivinhara qual era a arma que lhe proporcionara os efeitos causados ao mencionar o divórcio, e revolvía a faca na ferida.

— Eu pouco entendo de tudo isso — disse ela. — Mas posso confessar-lhe sinceramente uma impressão? Quando está com raiva, o senhor fica um pouco lascivo!

— Ora, deixe disso! — censurou-a Lindner. Ele recuou, tinha um único desejo: evitar a qualquer preço coisas desse tipo. Levantou a voz para se defender e exortou o fantasma pecador sentado à sua frente. — O espírito não pode se submeter à carne, às excitações e frêmitos da carne! Nem mesmo em forma de repulsa! E eu lhe digo: por doloroso que seja o domínio da repulsa carnal que a escola do matrimônio parece ter exigido da senhora, não pode se esquivar dele. Pois no ser humano pulsa um desejo de libertação, e não podemos ser escravos nem da repulsa de nossa carne, nem de sua volúpia! É exatamente isso que a senhora queria ouvir, caso contrário não teria vindo me procurar! — concluiu, com porções iguais de grandiloquência e malícia.

Estava de pé, todo empertigado diante de Ágata, os fios da barba e bigode se agitando em volta dos lábios. Jamais dissera tais palavras a uma mulher, exceto sua própria falecida, e naquela ocasião os sentimentos tinham sido outros. Pois agora estavam eivados de volúpia, como se ele, empunhando uma chibata, quisesse açoitar a esfera terrestre; mas ao mesmo tempo estavam cheios de medo, como se ele voasse feito um chapéu perdido no alto do furacão de penitência que o dominara.

— Falou de novo de um jeito estranho — observou Ágata com indiferença, pretendia agora liquidar a insolência dele com algumas palavras secas; mas calculou então o tremendo precipício em que ele cairia e preferiu se controlar em meiga humildade, prosseguindo com uma voz que parecia repentinamente embargada pelo remorso: — Eu só vim porque queria que me conduzisse.

Lindner, que perdera as estribeiras, continuou a vibrar sua chibata retórica; suspeitava que Ágata tentava intencionalmente confundi-lo, mas não conseguia recuar, e entregou-se ao futuro.

— Estar acorrentada para a vida inteira a um homem, sem sentir simpatia física, é sem dúvida um severo castigo — exclamou. — Mas exatamente quando o parceiro é indigno, não terá sido o castigo provocado porque se deixou de respeitar o bastante os sinais da vida interior? Muitas mulheres se deixam seduzir pelas circunstâncias exteriores e quem sabe não são castigadas para que despertem! — De repente, sua voz ficara esganiçada. Ágata acompanhava as palavras dele mexendo a cabeça em sinal de aprovação; mas ter de imaginar Hagauer como grande sedutor fora demais para ela, e seus olhos divertidos traíram isso. Lindner, totalmente desorientado, trovejou em falsete: — Quem poupa o açoite, odeia os filhos; quem os ama, os açoita!

A resistência da vítima acabara de transformar completamente o filósofo da vida, instalado num mirante seguro; ele era agora o poeta dos castigos e seus excitantes corolários. Estava tomado pela embriaguez de uma sensação que desconhecia, na qual se ligavam intimamente a reprovação moral com que instigava sua visitante e uma excitação de toda a sua masculinidade, que, ele próprio o reconhecia, poderia ser simbolicamente designada por volúpia.

Mas a “arrogante conquistadora”, com a vaidade vazia de sua beleza mundana, que deveria ter sido finalmente levada ao desespero, manteve a objetividade mesmo diante das ameaças com o açoite e perguntou calmamente:

— De quem parte o castigo? Em quem está pensando? Em Deus?

Não era coisa que se pronunciasse! Lindner perdeu subitamente a coragem. Havia suor entre seus fios de cabelo. Era impossível falar no nome de Deus numa tal situação. Seu olhar, estendido para a frente como um garfo de dois dentes, retirou-se lentamente de Ágata. Ela percebeu. “Ele também não é capaz!”, pensou. Sentia uma vontade absurda de continuar fustigando aquele homem, até que de sua boca brotassem as palavras que ele não queria revelar. Mas, por essa vez, era o bastante; a conversa chegara a um limite extremo. Ágata entendeu que se tratara apenas de um pretexto ardente, e que o ardor tornara transparente, para não ter de dizer palavras decisivas. Aliás, o próprio Lindner sabia agora que tudo o que dissera, e mesmo tudo o que o agitara, até o próprio exagero, tinha sido produto do medo de exagerar, sendo que, para ele, o mais desenfreado exagero consistia em usar os indiscretos instrumentos dos sentidos e sentimentos para se aproximar daquilo que deve permanecer encoberto por grandes palavras, como aquela jovem mulher exagerada o impelia visivelmente a fazer. Em seu íntimo, ele chamava isso agora de “violação da decência da fê”. Pois durante aqueles momentos o sangue refluíu da cabeça de Lindner, retomando seu caminho regular; despertou como um homem que se descobre nu a grande distância da poria de casa, e recordou que não poderia mandar Ágata embora sem consolo e ensinamento. Afastou-se dela, respirando fundo, alisou a barba e disse em tom de censura:

— A senhora tem uma natureza inquieta e fantasiosa!

— E o senhor tem uma forma muito peculiar de galanteria! — replicou Ágata friamente, pois não tinha mais vontade de prosseguir.

Lindner, porém, achou necessário dizer ainda qualquer coisa, para se restabelecer:

— A senhora deveria aprender, na escola da realidade, a tomar ferreamente nas mãos as rédeas de sua subjetividade, pois quem não é capaz disso acaba, logo,

sendo arrastado sobre o chão pela própria fantasia e imaginação...! — Deteve-se, pois a estranha mulher continuava, para desagrado dele, a extrair-lhe a voz do peito. — Ai de quem se desliga dos costumes, estará se desligando da realidade! — acrescentou baixinho.

Ágata deu de ombros.

— Da próxima vez, espero vê-lo em nossa casa! — propôs.

— Então é preciso que eu diga: nunca! — protestou Lindner num rompante, pés novamente na terra. — Seu irmão e eu temos concepções de vida opostas, é preferível evitar um convívio — acrescentou, se desculpando.

— Nesse caso, serei eu quem terá de freqüentar a escola da realidade — disse Ágata calmamente como resposta.

— Não! — repetiu Lindner, atravessando-se porém estranhamente e quase ameaçador em seu caminho, pois com as últimas palavras ela se preparara para sair. — Isso não deve acontecer! Não pode me colocar, frente a meu colega Hagauer, na situação duvidosa de receber suas visitas sem que ele o saiba!

— É sempre tão impetuoso como hoje? — perguntou Ágata com ironia, obrigando-o assim a desimpedir o caminho. Agora, no fim, ela se sentia insípida, mas fortalecida. O medo que Lindner traía diante dela a impelia a ações que não correspondiam a seu verdadeiro estado; mas, enquanto as exigências do irmão a desencorajavam facilmente, este homem lhe devolvia a liberdade de sentir o que bem entendesse, e era um consolo perturbá-lo.

— Será que eu me comportei mal? — perguntou-se Lindner depois que ela se fora. Contraiu os ombros e marchou algumas vezes para cá e para lá pelo aposento. Por fim, decidiu prosseguir o convívio, expressando o mal-estar que isso lhe causava, e que era bastante grande, com palavras de soldado:

— É preciso vontade férrea para enfrentar com valentia qualquer situação embaraçosa!

Quando Ágata partira, Peter, por seu turno, tinha-se afastado na ponta dos pés do buraco da fechadura, onde, não sem espanto, estivera espionando o que seu pai empreendia com aquele “mulheraço”.

## COMEÇA UMA SÉRIE DE ESTRANHAS OCORRÊNCIAS

Logo depois dessa visita, repetiu-se o “impossível” que flutuava já quase fisicamente em redor de Ágata e Ulrich, e aconteceu deveras, sem que qualquer coisa acontecesse.

Os irmãos se vestiam para uma noite. Fora Ulrich, não havia ninguém em casa para ajudar Ágata. Não tinham começado a tempo e, por isso, passaram uns quinze minutos na maior pressa, quando veio uma pausa. Nos encostos e superfícies do quarto encontravam-se espalhados peça a peça os enfeites de guerra que uma mulher usa em tais ocasiões, e Ágata acabara de curvar-se sobre o pé com toda a atenção requerida para calçar uma fina meia de seda. Ulrich estava às suas costas. Via sua

cabeça, o pescoço, os ombros e essas costas quase nuas; o corpo se arqueava para o lado sobre o joelho erguido, e a contração do movimento produzia três dobras redondas no pescoço, três flechas que percorriam, esguias e divertidas, a pele clara: a suave sensualidade desse quadro brotado de um silêncio que instantaneamente se espalhara parecia ter perdido a moldura e comunicar-se ao corpo de Ulrich de forma tão direta e repentina que este abandonou seu lugar e se aproximou na ponta dos pés, sem refletir, mas não tão inconsciente como uma bandeira que se desdobra ao vento; surpreendeu Ágata abaixada e mordeu uma das setas com terna ferocidade, passando o braço em torno da irmã. Com o mesmo cuidado, os dentes de Ulrich soltaram a presa; a mão direita tinha envolvido o joelho dela; e enquanto com o braço esquerdo apertava aquele corpo contra o seu, estendeu os músculos da perna, puxando-a consigo para o alto. Ágata gritou, assustada.

Até então, tudo fora uma brincadeira e travessura, como tantas coisas antes, e mesmo as pinceladas nas cores do amor correspondiam no fundo à tímida intenção de encobrir-lhe a natureza incomum e arriscada com um traje alegre e familiar. Quando Ágata, porém, se recuperou do susto, parecendo não tanto voar mas boiar pelos ares, livre de repente de todo o peso e levada pela força suave do movimento pouco a pouco mais lento, um daqueles acasos que ninguém pode controlar fez com que ela se sentisse então estranhamente apaziguada, longe de toda a agitação do mundo; alterando o equilíbrio do corpo com um movimento que jamais poderia repetir, ela se desfez do último fio de seda da coação, virou-se, caindo, para o irmão, como que continuando a se erguer na própria queda, e pousou em seus braços como uma nuvem de felicidade. Apertando o corpo dela contra si, Ulrich levou-a através da penumbra do quarto até a janela e a colocou a seu lado na luz amena da noite, que inundou-lhe o rosto como lágrimas. Apesar da força que isso exigia e da violência que Ulrich exercera sobre a irmã, o que eles faziam lhes pareceu espantosamente distante de força e violência; talvez se o pudesse comparar com o estranho fervor de um quadro que, para a mão que o pega por fora, representa apenas uma ridícula superfície pintada. Assim, não pensavam em nada além do acontecimento físico que ocupava toda a extensão de sua consciência, mas, a par de sua natureza inocente e mesmo, a princípio, de brincadeira um tanto grosseira que punha em movimento todos os músculos, ele possuía uma segunda natureza que com delicadeza extrema paralisava todos os membros, envolvendo-os ao mesmo tempo com a trama de uma sensibilidade indizível. Como uma pergunta, passaram-se os braços em volta dos ombros. Sentiram o talhe fraterno dos corpos, como se crescessem de uma só raiz. Fitaram-se nos olhos com a curiosidade de quem vê pela primeira vez o que está vendo. E embora não pudessem descrever o que de fato acontecera, tal a intensidade de seu envolvimento, acreditavam ter-se encontrado inesperadamente no âmago daquela comunhão cuja fronteira tanto hesitaram ultrapassar e da qual tanto falaram, sempre a contemplando do exterior.

Caso examinassem objetivamente o ocorrido, coisa que ambos fizeram de forma dissimulada, ele de fato pouco mais representava que um acaso encantador que ter-se-ia dissipado no próximo instante ou, pelo menos, com a retomada de qualquer atividade; mas isso não aconteceu. Pelo contrário, afastaram-se da janela, acenderam a luz, retomaram a atividade, mas a abandonaram logo em seguida; e sem que tivessem precisado combinar, Ulrich se dirigiu ao telefone e comunicou que não iriam à casa onde eram esperados. Já estava em trajes de recepção, mas o vestido de Ágata ainda pendia, aberto, dos ombros, ela estava apenas tentando dar um jeito civilizado no ca-

belo. A ressonância técnica da voz de Ulrich no aparelho e o estabelecimento de uma ligação com o mundo não o trouxeram absolutamente de volta à terra; sentou-se diante da irmã que interrompeu o que fazia, e quando seus olhos se encontraram não houve mais dúvidas de que a decisão fora tomada e qualquer interdição lhes era agora indiferente. Mesmo assim, passou-se outra coisa. A concordância de ambos se manifestava a cada respiro; era uma concordância obstinadamente sofrida de se libertarem do mal-estar daquela ânsia, e era tão docemente sofrida que as idéias de realização quase que se desligavam deles, unindo-os na imaginação, como a tempestade que açoita um véu de espumas diante das ondas: mas uma ânsia ainda maior lhes impunha calma e eles não conseguiam voltar a tocar-se. Queriam começar, mas as atividades da carne se lhes haviam tornado impossíveis, e sentiam uma advertência indefinível que nada tinha a ver com os mandamentos dos costumes. Pareciam atingidos por um mandamento mais alto, acariciados por um pressentimento, curiosidade, previsão superiores, vindos do mundo daquele enlace mais perfeito embora ainda difuso de que haviam provado momentos antes como que numa metáfora exaltada.

Os irmãos se deixaram ficar, confusos e pensativos, e uma vez amortecidas suas impressões, começaram titubeantes a falar.

Sem sentido, Ulrich disse como quem fala ao vento:

— Você é a lua... Ágata entendeu. Ulrich disse:

— Você voou para a lua que me deu você de volta de presente...

Ágata ficou em silêncio: conversas sobre a lua estão tão gastas, de todo o coração. Ulrich disse:

— É uma metáfora. “Estávamos fora de nós”, “tínhamos trocado nossos corpos sem nos tocarmos”, também são metáforas. Mas o que é uma metáfora? Um pouco de realidade com muito exagero. No entanto, por mais impossível que seja, eu teria jurado que o exagero foi mínimo e a realidade bem grande!

Não continuou a falar. Pensou: “De que realidade estou falando? Haverá uma segunda realidade?”

Se abandonarmos aqui a conversa dos irmãos, para seguir uma possibilidade de comparação que, no mínimo, ajudou a determiná-la, teríamos de dizer que essa realidade era antes de tudo aparentada com a surpreendente transfiguração em noites de luar. E se também esta não pode ser entendida quando vemos nela apenas uma oportunidade de sentimentalismo que durante o dia é melhor recalcar, se quisermos ver o que conta é preciso pelo contrário ter presente que — coisa absolutamente incrível — num pedaço do mundo todos os sentimentos se transformam como num passe de mágica assim que ele sai da agitação vazia do dia para mergulhar na intensa sensualidade da noite! As proporções externas se diluem, recompondo-se nas núpcias sussurrantes de luz e sombra, mas também as internas encontram novas formas de aproximação: a palavra falada perde a obstinação do próprio sentido e se abre à vizinhança. Toda afirmação expressa apenas a maré de uma só vivência. A noite enlaça em seus braços maternos as contradições todas, e junto de seu seio não há palavras falsas ou verdadeiras, pois cada qual representa o nascimento incomparável do espírito de dentro da escuridão, vivido pelo homem em um pensamento novo. Assim, em noites de luar cada ocorrência tem a natureza do irrepetível, a natureza do exaltado, da generosidade e renúncia desinteressadas. A participação é partilha sem inveja. Dar é receber.

Gerar está entrelaçado na excitação da noite. Ser assim: não há outro acesso para saber o que ocorre. Pois nessas noites o eu nada retém, nenhuma condensação da posse de si mesmo, quase nenhuma lembrança; o próprio ser, exaltado, brilha para dentro de seu abandono sem limites. E essas noites estão repletas do sentimento absurdo de que vai acontecer algo como jamais existiu, como a empobrecida razão diurna nem mesmo é capaz de imaginar. Não é a boca que se exalta, é o corpo que, da cabeça aos pés, sobre a escuridão da terra e sob a luz do céu, se encontra atrelado a uma excitação que vibra entre dois astros. E os sussurros com os companheiros estão cheios de uma sensualidade inteiramente desconhecida, não a sensualidade de uma pessoa, mas da Terra, de tudo o que penetra nas sensações, a ternura do mundo de repente descoberta, que não cessa de tocar nossos sentidos e por eles ser tocada.

É certo que Ulrich nunca constataria em si uma predileção especial por exaltações ao luar; mas assim como de hábito engolimos a vida sem sentimentos, por vezes temos bem mais tarde sobre a língua seu gosto então fantasmagórico — era assim que ele sentia agora a exaltação que deixara de viver, todas as noites indiferentes e solitárias que passara antes de conhecer a irmã voltavam de repente como arbusto infinito banhado em prata, mancha de luar na relva, macieiras sobre colinas, canto de geada e negras águas douradas. Era uma série de detalhes desconexos que jamais haviam estado juntos e agora se misturavam como o perfume que sobe das muitas ervas de uma bebida inebriante. E quando contou isso a Ágata, ela o sentiu também.

E assim, Ulrich resumiu afinal tudo o que dissera na afirmação:

— O que, desde o primeiro momento, nos levou um ao outro poderia muito bem ser chamado de vida em noites de luar!

Ágata suspirou, aliviada. Isso podia significar o que bem entendesse; e provavelmente significava: mas por que você não conhece um sortilégio contra o fato de sermos separados no último momento?! Ela suspirou com tanta naturalidade e confiança que nem mesmo o notou.

E com isso se iniciou um movimento que os aproximava e dividia um do outro. Toda emoção mais forte vivida até o fim por duas pessoas deixa nelas a nua intimidade do esgotamento; mesmo a briga o faz, quanto mais a ternura de sentimentos que escavam uma flauta na medula! E ouvindo Ágata se queixar sem dizer palavra, Ulrich quase chegou a abraçá-la, comovido, encantado como um amante na manhã que se segue às primeiras tempestades. Sua mão já quase tocava o ombro dela, ainda despido, e, sorrindo, ela tremeu com todo o corpo ante esse toque; mas em seus olhos logo reapareceu a involuntária advertência. Na cabeça dele formaram-se estranhas imagens: Ágata atrás de grades, ou arrebatada pela violência de punhos alheios que os separavam, acenando temerosa para ele, de uma distância sempre maior. Em seguida, ele surgia não só impotente e abandonado, mas era ele quem os separava... Talvez fossem as eternas imagens das dúvidas de amor, apenas desgastadas na vida mediana, talvez não. Teria querido falar-lhe a respeito, mas Ágata desviara o olhar para a janela aberta e se levantara, titubeante. A febre do amor estava em seus corpos, mas estes não ousavam uma repetição. Do outro lado da janela de cortinas quase abertas se encontrava aquilo que lhes roubara a força da imaginação, sem a qual a carne é crua apenas, ou pusilânime. Quando Ágata deu os primeiros passos nessa direção, Ulrich, adivinhando que ela concordaria, apagou a luz, para desimpedir a visão da noite. A lua subira por detrás das copas dos pinheiros cuja cor negra de reflexos

verdes se destacava contra as alturas azul-douradas e a pálida cintilação do horizonte. Ágata examinava com desagrado aquele fundo pedacinho do mundo.

— Nada mais que o romantismo do luar, portanto? — perguntou ela.

Ulrich fitou-a sem responder. Na penumbra ao lado da noite esbranquiçada, os cabelos louros dela tomaram tons de fogo, os lábios estavam abertos por sombras, era de uma beleza dolorosa e irresistível.

Mas é provável que também ele produzisse uma imagem semelhante no olhar da irmã, com as órbitas azuis no rosto branco, pois ela prosseguiu:

— Sabe como está parecendo? Como o *Pierrot Lunaire*! É preciso cautela! — Queria ser um pouco injusta com ele, pois estava excitada quase a ponto de chorar. Na máscara pálida do solitário pierrô lunar, todos os jovens inúteis se julgaram há tempos caprichosos sofredores, lívidos à exceção dos lábios vermelhos como gotas de sangue, abandonados por uma Colombina que jamais haviam possuído; a preferência por noites de luar ficava assim consideravelmente reduzida ao ridículo. Mas Ulrich concordou prontamente, o que a princípio aumentou a dor da irmã.

— Também o “Ri, palhaço!” já provocou a adesão íntima de milhares de burgueses simplórios, causando-lhes um frio na espinha quando o ouviam cantar — assegurou-lhe ele com amargor. Mas, então, acrescentou baixinho e insinuante: — Todo esse âmbito de emoções é suspeito! Vendo você neste momento, porém, eu daria por isso todas as recordações da minha vida! — A mão de Ágata encontrara a de Ulrich, que prosseguiu, baixinho e apaixonado: — Nossa época entende a felicidade dos sentimentos como mero sentimentalismo, ela degradou a embriaguez com a lua a um excesso sentimental, sem suspeitar que ou se trata de um distúrbio mental incompreensível, ou do fragmento de uma outra vida.

Essas palavras — exatamente por serem talvez exageradas — continham a fé e, com isso, as asas da aventura.

— Boa noite ! — disse Ágata de surpresa, e levou-as consigo. Retirara a mão, fechando tão depressa a cortina, que a imagem dos dois de pé ao luar desapareceu de um golpe; e antes que Ulrich acendesse a luz, já conseguira sair do quarto.

Ulrich lhe deu mais algum tempo.

— Esta noite você terá um sono tão impaciente como na véspera de uma viagem! — exclamou então.

— É o que quero! — soou a resposta com a porta que se fechava.

## RAIOS DE LUAR DURANTE O DIA

Quando se reviram pela manhã, a impressão que se tinha a distância era inicialmente a de um quadro incomum numa casa comum, ou mesmo de uma importante obra de pintura em meio à livre dispersão da natureza; uma insuspeitada ilha de significado se ergue então concreta para os sentidos dos vales liquêfeitos da existência, o espírito se eleva e se condensa! Ao se dirigirem um ao outro, ficaram, porém, constrangidos, e da noite passada se vislumbrava em seus olhos apenas o cansaço, em sombras de terno calor.

Quem sabe, aliás, se o amor provocaria tanta admiração caso não provocasse fadiga! Quando perceberam as seqüelas das emoções do dia anterior, foram tomados novamente de felicidade, como amantes orgulhosos de quase terem morrido de prazer. Mas a alegria que um dava ao outro não consistia apenas nesse sentimento, era também uma excitação dos olhos: as cores e formas que exibiam estavam soltas e sem fundo como um ramo de flores boiando em águas escuras. Tinham contornos mais acentuados que de costume, mas não se poderia dizer se isso se dava pela nitidez da aparência ou pela comoção mais profunda. As impressões se dividiam entre o reino conciso da percepção, e o impreciso dos sentimentos, e justo isso fazia com que elas pairassem entre dentro e fora, como a respiração presa entre inspiração e expiração, e, num contraste singular com a força que tinham, elas não permitiam distinguir facilmente se faziam parte do mundo do corpo ou surgiram graças a um interesse íntimo mais aguçado. E nenhum dos dois queria fazer essa distinção, pois a razão, com uma espécie de vergonha, os detinha; viriam por longo tempo ainda a manter distância, embora sua sensibilidade fosse duradoura e pudesse mesmo levar a crer que o curso das fronteiras que os separavam um do outro e do mundo se modificara ligeiramente.

O tempo estivai voltara, permaneciam muito ao ar livre: no jardim, flores e arbustos se abriam. Diante de uma flor — o que não era propriamente um velho hábito de pessoa outrora impaciente —, Ulrich agora por vezes não dava fim à sua contemplação e, para dizer tudo, também não dava começo. Se, por acaso, conhecia seu nome, isso o salvava dos mares do infinito. Então, as estrelinhas douradas sobre um galho despido eram “cálices de ouro”, as folhas e umbelas precoces eram “lilases”. Mas quando não sabia o nome, chamava o jardineiro, o velho pronunciava um nome desconhecido e o mundo voltava à ordem, e a magia ancestral da proteção que a posse da palavra certa confere diante da selvageria incontida das coisas demonstrava seu poder apaziguador como milênios atrás. Contudo, isso podia transcorrer de outra forma, acontecia também Ulrich se encontrar diante de um galhinho ou florzinha, sem que nem mesmo Ágata estivesse em casa para partilhar sua ignorância: então, lhe parecia subitamente impossível compreender o verde-claro de uma folha jovem, e a plenitude misteriosamente limitada das formas de um pequeno cálice de flor se transformava num círculo ininterrupto de infinitas variações. Além disso, um homem como ele, se não mentia para si mesmo, o que já por consideração a Ágata não podia acontecer, mal tinha a possibilidade de acreditar num *rendez-vous* envergonhado com a natureza, com seus sussurros, revirar de olhos, júbilo e música de silêncio, privilégios de uma ingenuidade peculiar que, mal deita na relva, já imagina que Deus lhe está cocando o pescoço, apesar de em dias de semana nada ter contra o fato de a natureza ser negociada na Bolsa de Mercadorias. Ulrich odiava essa mística de liquidação aos preços e elogios mais baratos, cuja devoção por Deus era no fundo devassa a mais não poder; preferia se entregar à impotência que é designar com palavras uma cor de nitidez palpável, ou descrever uma daquelas formas que, sem pensamentos, falavam por si mesmas de maneira tão comovente. Pois em tal estado a palavra carece de fio e o fruto fica no galho, apesar de posto na boca: esse é provavelmente o primeiro segredo da mística diurna. E Ulrich se esforçava por explicar isso à irmã, embora com a intenção dissimulada de que não viesse um dia a sumir como uma miragem.

Mas com isso, depois do estado apaixonado veio outro, de conversas calmas e por vezes até dispersas, servindo de proteção entre eles, conforme sabiam perfeitamente. Costumavam ficar deitados em duas grandes espreguiçadeiras no jardim, mu-



dando de lugar para acompanhar o sol de começo de verão, que pela milionésima vez brilhava sobre o sortilégio que a cada ano prepara; e Ulrich dizia coisas que lhe passavam pela cabeça, cuidadosamente arredondadas como a lua agora pálida e um tanto suja, ou como uma bolha de sabão. E foi assim que, bem cedo, aliás, ele teve ocasião de falar do paradoxo melindroso e por muitos repudiado de que qualquer compreensão pressupõe uma certa superficialidade, uma tendência à superfície, que, no mais, se expressava na palavra “compreender”, pois as experiências originárias não se entendiam isoladas, mas uma pela outra, sendo, portanto, inevitável que se entrelaçassem mais na superfície que na profundidade. Prosseguiu, então:

— Quando eu afirmo, pois, que essa relva diante de nós é verde, isso soa muito determinado, mas eu não disse grande coisa. Na verdade, não mais do que se tivesse contado que um homem que passa pertence à família Verde. E, Deus do céu, o sobre nome Verde não é tão raro assim, há muitos Verdes! Então, é melhor eu me contentar logo com o conhecimento de que essa relva real é verde-relva, ou ainda que é verde como relva que acabou de pegar chuva... — Piscou, indolente, por sobre a relva nova banhada de sol e disse: — Provavelmente é assim que você haveria de descrevê-la, pois, de tanto lidar com tecidos, se acostumou a descrições plásticas. Eu, por outro lado, talvez pudesse medir a cor: sua amplitude de onda deve ser de, estimativamente, quinhentos e quarenta milionésimos de milímetro; bem, pode ser que assim tenha mos capturado esse verde, imobilizado em determinado ponto! Mas, veja, já está escapando de novo, pois essa cor do solo é algo de material, que não se deixa de maneira alguma descrever em termos de cor, porque é diferente do mesmo verde na seda ou na lã. E eis-nos de volta ao profundo conhecimento de que a relva verde é exatamente verde-relva!

Convocada como testemunha, Ágata achou muito compreensível que nada se possa compreender, e replicou:

— Aconselho que você olhe num espelho, à noite: ele é escuro, negro, você não vê nada, e, no entanto, esse nada é nitidamente diferente do nada da escuridão restante. Você pressente o vidro, a duplicação da profundidade, um resquício da capa cidade de brilhar; e, entretanto, você não distingue absolutamente nada!

Ulrich riu da boa vontade com que sua irmã difamava a honra do saber; ele estava longe de afirmar que conceitos não tivessem valor algum, e, embora não o desse a perceber, sabia muito bem do que são capazes. Queria apenas ressaltar o inapreensível das vivências individuais, das experiências que, por razões evidentes, temos de suportar sozinhos, mesmo em companhia de outra pessoa. Repetiu:

— O eu nunca capta de forma isolada suas impressões e produtos, mas sempre num contexto, estabelecendo semelhanças ou diferenças reais ou imaginadas; assim, tudo o que tem nome forma ligações e sucessões, é um elo de grandes totalidades a perder de vista, apoiando-se mutuamente e atravessado pelas mesmas tensões. Mas, por isso — prosseguiu, mudando subitamente de tom —, basta que, por qualquer motivo, essas ligações deixem de funcionar e as sucessões internas organizadas não respondam, para que voltemos imediatamente a nos deparar com a criação, que é indescritível e desumana, e até mesmo desfeita e disforme! — Com isso, tinham voltado ao ponto de partida; Ágata, porém, vislumbrava a criação, esse abismo que é o mundo, o Deus que deveria ajudá-la!

— Entender dá lugar a um espanto insaciável — disse o irmão —, e a mais ínfima experiência — essa folhinha de grama ou os sons suaves quando seus lábios

pronunciavam palavras a distância — se torna incomparável, contém a solidão do mundo, um insondável egocentrismo, e exala um torpor profundo...!

Ele se calou, girou na mão, indeciso, um talo de grama, e ouviu, atento e a princípio contente, Ágata restaurar o corpo da conversa com a aparente superficialidade de quem não se remoía em pensamentos:

— Se estivesse mais seco, eu me deitava na grama! Vamos fazer uma viagem! Eu queria tanto ficar deitada num prado, modestamente de volta à natureza como um sapato jogado fora!

— Mas, ao mesmo tempo, isso significa ficar livre de todos os sentimentos — retorquiu Ulrich. — E só Deus sabe o que seria de nós se eles não surgissem em bandos, os amores e ódios e sofrimentos e bondades que parecem pertencer pessoal mente a cada um de nós. Ficariamos despojados de qualquer capacidade de agir e pensar, pois nossa alma foi criada para o que se repete, e não para o que é completamente fora do comum. — Ele estava aflito, pensava ter avançado para dentro do vazio e examinava o rosto da irmã, com a testa enrugada e inquieta.

Mas o rosto de Ágata estava ainda mais claro que o ar que a envolvia e brincava com seus cabelos quando ela, como resposta, disse de memória:

— Não sei quem sou, nem me procuro; não quero saber e ter notícia. Mergulhada na fonte de seu amor como sob as águas do mar, só vejo e sinto água e nada mais.

— De onde é isso? — perguntou Ulrich, curioso, e só então descobriu que ela tinha nas mãos um livro tirado de sua própria biblioteca.

Ágata retomou o livro e, sem responder, leu em voz alta:

— Superei meus poderes atingindo a força escura. Ouvi, então, sem sons; vi, então, sem luz. E meu coração ficou sem fundo, minha alma sem amor, meu espírito sem forma e minha natureza sem substância.

Ulrich reconheceu o volume e sorriu; só então Ágata disse:

— Um de seus livros. — E, fechando o volume, concluiu de memória sua leitura, com a invocação: — És tu mesmo ou não o és? Nada sei disso, o ignoro e me ignoro. Estou apaixonada sem saber por quem, fiel não sou, nem infiel. Que sou, então? Ignoro mesmo o meu amor; tenho o coração cheio de amor e de amor vazio a um só tempo!

Com a boa memória que tinha, Ágata nunca apreciava transformar em conceitos suas recordações; ela as conservava isoladas e sensíveis, como guardamos poemas; com isso, embora muito discreta no falar, corpo e alma sempre participavam de suas palavras de maneira difícil de descrever. Ulrich recordou a selvagem beleza dos versos de Shakespeare, que ela recitara para ele antes do enterro do pai. “Como a natureza dela é selvagem em comparação com a minha!”, pensou. “Hoje, não me permiti dizer quase nada!” Recapitulou a explicação sobre “mística lúcida” que lhe dera: no fim das contas, o que ele concedera fora apenas a possibilidade de desvios provisórios diante da ordem habitual das vivências; vistas assim, as vivências dela obedeciam simplesmente a uma lei fundamental mais cheia de sentimento que a da experiência comum, parecendo crianças burguesas que acompanham uma *troupe* de teatro itinerante. Não ousara dizer mais que isso, embora há dias cada partícula de espaço entre ele e a irmã estivesse repleta de acontecimentos inacabados! E pouco a pouco começou a refletir se não era possível acreditar mais do que se permitira.

Depois daquele vivo ponto culminante do diálogo, Ágata e ele se deixaram cair em suas cadeiras, e o silêncio do jardim cobriu o eco das palavras. Como foi dito que Ulrich começou a ocupar-se de uma questão, é preciso fazer uma retificação, pois muitas respostas precedem as respectivas perguntas, como uma pessoa que na pressa se adianta ao sobretudo aberto e esvoaçante. Era uma idéia surpreendente que ocupava Ulrich, não exigindo de fato crença, e sim provocando espanto e a sensação de que tal inspiração jamais poderia ser esquecida de novo, coisa desconfortável, se considerarmos suas pretensões. Ulrich estava acostumado a pensar não tanto de modo ateu, mas antes sem Deus, o que à moda da ciência significava deixar ao sentimento qualquer eventual inclinação por Deus, pois ela não propicia o conhecimento, levando apenas a caminhos intransitáveis. E nem mesmo naquele instante ele duvidava que isso fosse absolutamente certo, já que os mais palpáveis sucessos do espírito humano somente foram conseguidos depois que ele se afastou de Deus. Mas a idéia que o atribulava dizia: “E se exatamente essa não-devoção fosse o caminho atual para Deus?!” Cada época seguiu outros pensamentos até Ele, num caminho próprio que correspondia às suas forças espirituais mais intensas; não seria, então, nosso destino, o destino de uma era de experiências inteligentes e empreendedoras, negar todos os sonhos, lendas e sutilezas, apenas para que nós, atingindo o ápice da pesquisa e descoberta do mundo, nos voltemos novamente para Ele e estabeleçamos com Ele um relacionamento de experiência incipiente?

Essa conclusão, como Ulrich sabia, não tinha qualquer força comprobatória, a maioria poderia até considerá-la absurda, o que não incomodava Ulrich. Era coisa que ele próprio não deveria pensar: o método científico — assim explicara há pouco sua validade — consiste, além da lógica, em mergulhar na profundidade dos fenômenos os conceitos adquiridos na superfície, através da “experiência”, explicando aquela através destes; simplifica-se e esteriliza-se a natureza para poder dominá-la, e seria fácil objetar que não é lícito estender isso ao sobrenatural. Mas Ulrich refutava agora essa objeção: o deserto não é uma objeção, sempre foi um berço de visões celestes; e, além do mais, não se podem prever perspectivas ainda inalcançadas! Ele esquecia que talvez se encontrasse numa segunda contradição consigo mesmo, ou numa direção que desviava da sua: Paulo designa a fé como expectativa confiante de coisas que desejamos e convicção de coisas que não vemos; e Ulrich, do fundo de seu coração, se opunha a essa definição possessiva, que se transformara em convicção das pessoas instruídas. A fé como diminutivo do saber repugnava à sua natureza, ela é sempre “contra a própria convicção”; em contrapartida, ele tinha o dom de reconhecer no “pressentimento ‘pelo’ melhor saber” um estado particular e um terreno de expedições para espíritos empreendedores. Mais tarde, o arrefecimento dessa oposição viria a lhe causar certa dificuldade, mas, por enquanto, ele nem mesmo o percebia, pois naquele momento havia um enxame de idéias paralelas que o ocupavam e divertiam.

Escolheu exemplos. A vida se tornava sempre mais uniforme e impessoal. Algo de tipificado, mecânico, estatístico e seriado se introduzia em todas as diversões, emoções, repousos e até mesmo paixões. A vontade de viver se tornava larga e chata como um rio retardado antes da foz. A vontade artística quase que se considerava ela própria suspeita. Tinha-se a impressão de que os tempos começavam a depreciar o indivíduo, mas sem substituir a perda por novas realizações coletivas. Essa era sua face. E essa face, tão difícil de entender; essa face que ele amara no passado e, sentindo-se jovem como milhares de outros, tentara recriar nas crateras de lava de um

vulcão trovejante; da qual se afastara, como esses milhares, por não poder suportar a terrível visão deformada — através de um único pensamento, essa face se transfigurava, se tornava calma, maliciosamente bela, cheia de brilho interior! E se fosse o próprio Deus quem depreciava o mundo? Este, com isso, não recobriria de repente sentido e prazer? E não tinha Ele de depreciá-lo com o menor passo que desse em sua direção? E haveria qualquer outra aventura real, além de perceber o prenúncio da sombra disso?! Essas considerações tinham a coerência insensata de uma série de aventuras e eram tão estranhas na cabeça de Ulrich que ele pensava sonhar. Espreitava de quando em vez a irmã, como se devesse temer que ela percebesse o que estava fazendo, e chegou a enxergar sua cabeça loura como luz na luz diante do céu, e viu o ar que brincava com seus cabelos brincar igualmente com as nuvens.

Quando isso acontecia, também ela se soerguia um pouco e olhava espantada a seu redor. Tentava então imaginar como seria se todos os sentimentos de vida a abandonassem. Mesmo o espaço, esse cubo imutável e vazio, estava agora diferente, pensava ela. Se ficava de olhos fechados por um tempo, quando os abria e o jardim entrava intocado em seu olhar como se tivesse acabado de surgir, notava com a nitidez imaterial de uma visão que a direção que a unia ao irmão se destacava de todas as outras: o jardim “se erguia” em torno dessa linha, e sem que nada tivesse mudado nas árvores, veredas e outras partes do ambiente real, o que era facilmente comprovável, tudo se ligava a esse eixo, e, com isso, estava de maneira visível imperceptivelmente transformado. Talvez parecesse contraditório; ela, porém, poderia ter dito que o mundo, ali, era mais doce, quem sabe também mais sofrido: o estranho era que se pensava ver isso com os olhos. Além do mais, havia algo de notável nas imagens que a rodeavam, todas elas tomadas do mais inquietante isolamento, mas também do mais inquietante encanto, no brilho de uma morte suave ou de um desmaio apaixonado, como se algo de indizível tivesse acabado de abandoná-las, o que lhes conferia sensualidade e sensibilidade quase humana. E à semelhança da impressão de espaço, também o sentimento de tempo se transformara; essa corrente contínua, essa escada rolante de sinistras ramificações com a morte, parecia parar em certos momentos e, em outros, correr por conta própria. Durante um único momento exterior, podia desaparecer interiormente, sem deixar indício de se parará por uma hora ou um minuto.

Uma vez, Ulrich surpreendeu a irmã nessas tentativas e chegou a adivinhar o que se passava, pois disse, baixinho e sorrindo:

— Um vaticínio diz que, para os deuses, um milênio não é mais que um piscar de olhos!

Então, recostavam-se novamente, continuando a ouvir as falas de sonho do silêncio.

Ágata pensou: “Foi ele quem realizou sozinho tudo isso, mas tem sempre dúvidas quando sorri!” O sol, entretanto, se derramava com seu calor sobre os lábios abertos de Ulrich, suave como um sonífero, e Ágata o sentia em seus próprios lábios, sabendo-se então unida a ele. Tentava se pôr no lugar dele, adivinhar seus pensamentos, o que entre eles era na verdade considerado proibido, por vir de fora e não da simpatia criativa; mas, como exceção, era tanto mais íntimo. “Ele não quer que isso acabe numa mera história de amor”, pensou, acrescentando: “Eu tampouco.” Logo em seguida, pensou ainda: “Depois de mim, ele não vai amar nenhuma outra mulher, pois essa não é mais uma história de amor; essa é a última história de amor que pode existir!” E acrescentou: “Seremos provavelmente uma espécie de últimos

moicanos do amor!” Naquele momento, era capaz também desse tom para consigo mesma, pois em se prestando contas honestamente, o próprio jardim encantado em que se encontrava com Ulrich era mais desejo que realidade. Não acreditava de fato que o Reino dos Mil Anos já pudesse ter começado, a despeito desse nome que lembrava terra firme, indicado por Ulrich certa vez. Sentia-se até mesmo bastante abandonada pelas forças do desejo, amargamente desiludida na região em que os sonhos costumavam surgir, não sabia qual. Recordou que antes de Ulrich as ilusões eram mais fáceis; um sonho acordado, como aquele em que sua alma agora balançava, teria conseguido levá-la para trás da vida até uma vigília posterior à morte, para perto de Deus, até forças que viriam buscá-la, ou simplesmente, ladeando a vida, até um ponto onde os conceitos desapareceriam e ela entraria nos bosques e campinas da imaginação: nunca ficara claro o que isso era! Ela se esforçava, pois, por recordar essas fantasias antigas. Mas lembrava-se apenas de uma rede estendida entre dois dedos tremendos e balançada por uma paciência infinita; então, sentia-se calmamente suplantada, como que por árvores altas entre as quais parecemos nos alçar e sumir; e, afinal, surgia um nada que possuía um conteúdo impalpavelmente palpável... — tais eram as configurações intermediárias de inspiração e fantasia, nas quais seu anseio outrora encontrara consolo. Mas teriam sido realmente apenas configurações intermediárias e incompletas? Para seu próprio espanto, Ágata começou pouco a pouco a notar algo de muito estranho. “É mesmo como se diz”, pensou, “uma luz se acende diante de nós! E enquanto brilha, se espalha sempre mais!” Pois o que antes imaginara era quase integralmente aquilo que, agora, estava ali, calmo e persistente, sempre que procurava com os olhos. Entrara mundo adentro sem fazer ruído. Ela não o vivia como uma pessoa presa ao pé da letra talvez o tivesse feito, pois Deus decerto ficara afastado de sua aventura, mas, em contrapartida, ela não se encontrava mais sozinha nessa aventura: eram essas as duas únicas modificações pelas quais a concretização se distinguia de seu prenuncio, e eram, aliás, favoráveis à naturalidade terrena.

## PERAMBULANDO ENTRE OS HOMENS

No período seguinte, eles se afastaram de seus conhecidos, causando espanto por recusarem todo convite e se tornarem inacessíveis. Ficavam muito em casa e, quando saíam, evitavam lugares onde pudessem encontrar pessoas do mesmo círculo social, mas freqüentavam locais de diversão e pequenos teatros onde se sabiam a salvo. De um modo geral, ao sair de casa seguiam simplesmente os fluxos da grande cidade, que apresentam um quadro das necessidades, comprimindo em certas horas as pessoas em determinados lugares e em outras sugando-as daí, com a precisão das marés. Divertiam-se com essa mudança de vida, que, provisoriamente, os deixava sem responsabilidades. A cidade em que viviam nunca lhes parecera a um só tempo tão linda e tão estranha. O conjunto dos prédios formava um quadro impressionante, mesmo que estes, quando isolados ou vistos em detalhe, não fossem propriamente

bonitos; o barulho percorria o ar rarefeito pelo calor como um rio que alcançasse o teto das casas; na luz intensa, amortecida na profundidade das ruas, as pessoas pareciam mais apaixonadas e misteriosas do que provavelmente mereciam. Os sons, as imagens, os aromas — tudo isso era tão único e inesquecível como se deixasse transparecer na efemeridade a própria visão que tinha de si; e os irmãos aceitavam com prazer esse convite de voltar-se para o mundo.

Entraram assim num dilema considerável. Suas experiências, que nem mesmo entre si trocavam com frequência, os separavam dos outros; mas a paixão indefinida que continuavam sentindo com igual intensidade, refratada não numa proibição mas numa promessa, os levava a um estado parecido com as interrupções abafadas de um enlace carnal. O desejo sem saída refluía para dentro do corpo, enchendo-o de uma ternura tão indeterminada como um último dia de outono ou um primeiro dia de primavera. Mas não era que amassem todo o mundo que viam e tudo o que acontecia: vislumbravam apenas a linda sombra do “como seria” caindo sobre seus corações, que, não podendo acreditar completamente na doce ilusão, também não conseguiam se esquivar inteiramente a ela. Parecia que eles, pelas conversas e pela renúncia, pela expectativa e seu limite provisório, tivessem ficado sensíveis aos obstáculos que a realidade impõe aos sentimentos, percebendo agora a cada momento a singular duplicidade da vida que abrandava com impulsos baixos cada impulso maior. Essa duplicidade liga cada progresso a um retrocesso, a cada força uma fraqueza, e não dá a ninguém um direito que não tire de outrem, não resolve uma complicação sem criar nova desordem, e só parece produzir o sublime para uma hora depois confundi-lo com o trivial. Um elo francamente indissolúvel e profundamente necessário parece ligar os esforços otimistas dos homens à realização de seu oposto, tornando a vida, sem consideração por partidos, insuportável para seres pensantes.

Essa junção de luxo e lixo da vida já foi encarada de formas muito diversas. Pios misantropos vêem nela uma secreção da debilidade humana; os exuberantes, o mais suculento filé da vida; os medíocres se sentem tão bem nessa contradição como entre a mão direita e a esquerda; e os corretos afirmam não ser o mundo feito para corresponder à imaginação humana. Mas, vice-versa, terá esta sido criada para corresponder ao mundo, e, então, por que jamais consegue isso no domínio do justo e do belo?! Como foi dito, Ulrich era de opinião que isso servia para gerar e manter um estado mediano de vida, que, em maior ou menor grau, deixa ao acaso misturar gênio humano e burrice humana, assim como esse estado é, ele próprio, produto de tal mistura; e ele há muito tempo já o expressara dizendo que o espírito não tinha espírito, e, fazia bem pouco, o explicara como grande desordem dos sentimentos, numa noite em casa de Diotima. Mas, transcorrido muito ou pouco tempo, e por mais natural que tivesse sido prosseguir nos mesmos pensamentos, Ulrich assim que começara teve a sensação de que tais palavras saíam de sua boca com alguns dias de atraso. Faltava-lhe dessa vez o desejo de se ocupar com assuntos que não lhe diziam diretamente respeito, pois sua alma estava pronta a se entregar ao mundo com todos os sentidos, fosse ele qual fosse. Seu julgamento não tinha aqui praticamente nenhuma importância. Quase nada significava que ele gostasse ou não de alguma coisa, pois tudo o comovia mais do que podia entender. Era um estado difuso, que ao mesmo tempo se prendia a minúcias e detalhes, por vezes mesmo desprovido de pensamentos, físico; quando durava, atingindo certo grau, tomava-se desagradável ou lhe parecia ridículo, e ele então ficava a ponto de retirar sua entrega, sem motivo, como se entregara.

Ao jeito dela, Ágata vivia mais ou menos o mesmo. Às vezes, a consciência lhe pesava, e esperava ou criava novas opressões por parte do mundo que abandonara, mas que, apesar disso, se anunciava em torno dela cheio de energia. Na múltipla agitação que enche dia e noite não se encontraria talvez tarefa alguma a que ela se quisesse dedicar de corpo e alma; e, no que ousava empreender, poderia estar segura da censura ou menosprezo dos outros, quando não de seu desprezo. Havia nisso uma estranha paz! Mudando um provérbio, talvez se possa dizer que uma consciência pesada é quase um melhor travesseiro que a tranqüila, basta que seja pesada o bastante: a ininterrupta atividade paralela do espírito, que, das injustiças em que está enredado, procura obter como resultado uma consciência tranqüila, cessa então, devolvendo à alma uma serena independência. Uma doce solidão, uma altivez celestial derramavam por vezes seu brilho sobre essas excursões pelo mundo. Ao lado das próprias sensações, o mundo podia então parecer um balão cativo desalegrammente inflado, em torno do qual voassem andorinhas, ou, *mutatis mutandis*, reduzir-se a um pano de fundo pequenino como um bosque no canto do horizonte. As obrigações sociais esquecidas soavam como um ruído distante e grosseiro que se aproximava; eram desimportantes, quando não irreais. Uma ordem terrível, que afinal nada mais é que um tremendo absurdo — era isso o mundo. Entretanto, cada detalhe com que se deparava possuía a natureza tensa e trapezista de uma-vez-e-nunca-mais, a natureza da descoberta, cheia de magia, não permitindo repetição; e quando queria falar a respeito, tinha a consciência de não poder dizer pela segunda vez uma palavra sem modificar-lhe o sentido.

O comportamento dos irmãos em meio ao mundo não era naquele tempo, pois, uma expressão imaculada de simpatia certa; unia de maneira peculiar simpatia e antipatia num estado que flutuava difuso como o arco-íris, sem que os opostos se misturassem sedentariamente como ocorre na trivialidade segura de si. E tinha relação com isso o fato de também o tom de suas conversas ter mudado nos dias que se seguiram àquela noite singular; a ressonância do destino arrefeceu, o progresso se tornou mais livre, chegando a se volatizar num farfalhar lúdico das palavras. Ainda assim, isso não significava tanto uma hesitação por falta de coragem, mas antes uma ampliação desordenada da base existencial de sua aventura. Procuravam apoio observando a vida comum, e no íntimo estavam certos de que também nela o equilíbrio era mero fingimento. Foi assim que suas conversas entraram por um caminho duradouro, apesar das oscilações. Ulrich perguntou:

— Que significa de fato a obrigação de amar o próximo como a si mesmo?

— Significa: ama o mais distante como a ti mesmo! — respondeu Ágata com a mais terna indulgência, que o irmão requeria em questões de filantropia.

Mas Ulrich não se deu por satisfeito.

— E que significa: ama o desconhecido? Amar quem não conhecemos, mesmo convictos de que, travando conhecimento, não haverá simpatia? Afinal, então: ama-o embora não o conheças? — repetiu ele com maiores detalhes.

— Essa é com certeza a situação em que se encontra a maioria das pessoas, sem que isso as incomode — replicou Ágata. — Elas duvidam e desconfiam umas das outras.

— No mandamento do amor, elas de antemão nada mais vêem que a proibição sensata de se prejudicarem mutuamente sem sentido — sugeriu Ulrich. Mas Ágata disse que isso equivalia àquela regra prática ineficaz: “Não faças ao próximo o que

não queres que ele faça a ti mesmo!” E seria impossível que todo o sentido de um mandamento tão magnanimamente apaixonado, tão alegremente generoso, se resumisse em amar um estranho sem nem mesmo perguntar quem ele é!

— Talvez esse “ama!” seja apenas uma expressão que tomou impulso excessivo para vencer as resistências?! — aventou Ulrich. Mas Ágata insistiu que significava de fato “ama-o!”, e “sem qualquer razão especial”, e que não se podia renunciar a uma vírgula, de forma que Ulrich se deu por vencido.

— Tem o sentido: ama-o apesar de conhecê-lo! — concedeu.

— E antes de conhecê-lo! — repetiu Ágata, acentuando mais uma vez: — De qualquer forma: sem que o conheças!

De repente, porém, ela se deteve e fitou, intrigada, o irmão.

— Mas, na realidade, o que amamos numa pessoa que nem conhecemos? — perguntou, impaciente.

A pergunta, rebatida várias vezes rapidamente, tomara assim diversas formas. Mas Ulrich não se apressou em ajudar a irmã. Ele achava que amar alguma coisa significava preferi-la a outras, o que pressupunha um certo conhecimento.

— Mas quase todo mundo gosta mais que tudo de si mesmo, e se conhece menos que tudo?! — retorquiu Ágata por seu turno.

— O verdadeiro amor não depende de merecimento e paga — confirmou Ulrich, imitando um tom moralista e dando de ombros.

— Há alguma coisa de errado nisso!

— Há muita coisa de errado nisso! — opinou ele.

— E se amarmos tudo? Se, como dizem hoje, tivermos de amar tudo? Que amamos, então? Você vai dizer: nada de especial! — perguntou Ágata, sorrindo.

— Você não notou que é francamente incômodo quando encontramos hoje uma pessoa tão bonita que teríamos de dizer algo de pessoal? — perguntou Ulrich por sua vez.

— Então o sentimento não se refere ao mundo real e às pessoas reais! — disse ela com decisão.

— Temos então de saber a que parte delas ele se refere, ou a que transformação e transfiguração das pessoas reais e do mundo real! — disse Ulrich ligeiramente enfático.

Depois de um pequeno intervalo, Ágata revidou timidamente:

— Talvez a pessoa real seja exatamente isso?! — Mas Ulrich balançou a cabeça numa recusa hesitante.

Uma profunda evidência transparecia nessa pergunta-afirmação, fazendo seu conteúdo parecer certo. O ar e o prazer daqueles dias eram tão ternos e alegres, que se tinha a impressão involuntária de que as pessoas e o mundo precisavam mostrar-se como eram realmente. Um pequeno calafrio supra-sensível de aventura residia nessa transparência, como na transparência fluida de um regato que deixa o olhar atingir o fundo, mas, quando este chega lá, oscilando, faz as misteriosas pedras coloridas parecerem uma escorregadia pele de peixe que melhor esconde o que ele pensara ter descoberto. Bastava Ágata soltar o olhar para, banhada de sol, ser tocada pela sensação de ter entrado num reino sobrenatural; por um brevíssimo instante era então muito fácil acreditar ter roçado uma verdade e realidade mais alta, ou encontrar-se de um lado da existência onde um portãozinho atrás da natureza apontava secretamente do jardim natural para o sobrenatural. Quando, porém, imprimia



ao olhar a tensão habitual, deixando a vida correr plena para dentro dele, via o que por acaso ali estivesse: uma bandeirola que tremulava divertida mas sem mistério na mão de uma criança, uma viatura policial com prisioneiros, cintilando ao sol em suas cores preta e verde, um homem de gorro colorido juntando estêreo, satisfeito, e, por fim, uma divisão de soldados, as espingardas ao ombro apontando os canos para o céu. E tudo isso estava recoberto por algo aparentado ao amor, as pessoas pareciam mais dispostas que de hábito a se abrir a esse sentimento: mas acreditar que agora o reino do amor chegara realmente era tão difícil, disse Ulrich, como imaginar que nesse momento nenhum cão pudesse morder e nenhum ser humano fazer o mal.

O mesmo sucedia a todas as outras tentativas de explicação, semelhantes a esta por contraporem ao homem cotidiano, rotundo, bom-mau, mas de alguma forma existente, um outro qualquer, longínquo e verdadeiro. Os irmãos examinaram sucessivamente todas elas, sem acreditar em nenhuma. Há uma sensação de que em tais dias de festa a natureza traz à tona toda a bondade e beleza secreta de suas criaturas. E há também as explicações mais psicológicas de que nesse translúcido ar de bodas o ser humano, embora não se apresente magicamente outro, se exhibe com a amabilidade que gostaria de ter e acredita possuir: transpirando narcisismo e condescendência introspectiva como se fossem mel. E, por fim, há ainda a variante segundo a qual os homens mostrariam sua boa vontade, que, embora não lhes impeça a crueldade, em tais dias surge milagrosamente intacta do seio da má vontade que de hábito o domina, como Jonas saiu da barriga da baleia. Todavia, a explicação mais curta que se ouve é a que diz ser a parte imortal do homem que reluz então através da mortal. Todas essas hipóteses tinham em comum o fato de alojarem o verdadeiro ser humano numa só parte dele, que, rodeada pelas outras, insubstanciais, não se manifesta; e se vislumbra-la era ocorrência que nitidamente se dirigia para o alto, ainda havia outro grupo não menos opulento de explicações nas quais essa ocorrência se dirige para baixo, com nitidez não menor: todas aquelas que pretendem ter o homem perdido a inocência natural por efeito da arrogância do espírito e dos desastres da civilização. Há, portanto, dois seres humanos verdadeiros, que, nas mesmas ocasiões sempre repetidas, surgem diante da alma com pontualidade britânica, mas ambos — o super-homem celestial e o sub-homem animal — se encontravam agora nos antípodas do ser humano real. E, por fim, Ulrich disse secamente:

— De comum e, aliás, bastante significativo, só sobra, portanto, que, mesmo nos momentos de bondade, o homem não procura em si mesmo o verdadeiro homem, mas o considera como sendo ele próprio “mais ou menos” outra coisa!

Mas, com isso, os irmãos tinham apenas trocado por outro um caso-limite do amor, do amor tão discutível, que tudo liga com tanta doçura, e Ágata suspirou, irritada, embora não sem encanto.

— Então, de tudo isso sobra somente um “humor”! — exclamou, decepcionada. — O sol brilha. Entra-se em certo estado de espírito!

— Os instintos sociais — completou Ulrich — se expandem ao brilho do sol como o mercúrio no tubo do termômetro, à custa dos instintos egoístas que habitualmente os contrabalançam. Talvez seja só isso!

— Um “impulso inconsciente”, pois, como no caso de uma menina ou garoto de escola! — prosseguiu Ágata. — Eles gostariam de beijar o mundo todo, e não sabem por quê! Será que nós não podemos dizer mais nada além disso?

Estavam de repente cansados de sentir; e acontecia por vezes que uma conversa dessas, totalmente voltada para suas sensações, os levava a esquecê-las. E pagavam com ingratidão o excesso de sentimento que, não encontrando saída, no fundo doía. Depois de terem ambos falado, Ágata olhou de esguelha para o irmão:

— Seria dizer pouco! — assegurou.

E, no momento em que ela disse isso, ambos sentiram que não estavam simplesmente presos a uma fantasia pessoal, e sim diante de uma realidade imprevisível. Naquele ânimo transbordante pairava verdade, sob a aparência havia realidade, transformação do mundo lançava sua sombra para fora do mundo! Era, contudo, uma realidade estranhamente sem miolo, semipalpável apenas, a que esperavam; e uma semiverdade muito familiar, familiarmente inacabável, lutando por crédito: não uma realidade corriqueira e uma verdade para todo mundo, mas secreta, para amantes somente. E visivelmente não era mero arbítrio ou logro, sua mais secreta insinuação dizia: “Basta te entregares a mim sem desconfiança e descobrirás então toda a verdade!” Era tão difícil dar-se conta disso, pois o amor fala língua secreta e atingindo a máxima perfeição é silencioso como um abraço.

A idéia de uma língua secreta fez com que Ágata se lembrasse obscuramente de ter lido: “Quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele. Quem não ama, não conhece Deus.” Não sabia onde.

Ulrich por seu lado refletia porque ela dissera se tratar somente de “um humor”, pensamento doce-claro como som de flauta. Bastaria simplesmente presumir que o humor do enamoramento não era apenas um estado transitório de exceção, mas que fosse capaz de superar a contingência, ganhando duração e extensão; com outras palavras, bastava pressupor que mesmo sozinhos e por nossa natureza estável podemos ser amantes, como podemos ser indiferentes, e a consequência disso seria uma maneira de viver completamente mudada, e até previsivelmente um mundo insólito que se desenha em nosso cérebro sem que nos possam considerar dementes. Como era sedutora a idéia de que tudo poderia ser diferente, bastando um único passo, sim, bastando a alma se entregar a um simples gesto! E de repente, Ulrich perguntou à irmã, curioso:

— O que você acha que aconteceria se nós parássemos uma daquelas pessoas ali, e lhe disséssemos: “Fique conosco, irmão!”, ou: “Espere, alma que passa correndo!”?

— Com certeza ela nos olharia espantada! — respondeu Ágata.

— E então apressaria timidamente o passo, ou chamaria um policial! — completou Ulrich.

— Provavelmente ela pensaria ter encontrado loucos mansos! — acrescentou Ágata.

— Mas se gritássemos apenas as palavras: “criminoso, canalha!”, ela certamente não nos julgaria loucos — observou Ulrich, divertido —, mas simplesmente gente que “pensa diferente”, “membros de outro partido”, que se aborreceram com ela.

Ágata franziu, sorrindo, as sobrancelhas, e voltaram a olhar juntos a corrente humana que os acompanhava ou vinha em sua direção. Sentiram novamente o alheamento e poder, a felicidade e bondade, o acanhamento profundo e agudo que predominam no seio de uma irmandade humana, ainda que casual, como numa rua movimentada, de modo que não se acredita que possa haver maldades e divisões; e seu próprio ser, o ser-colocado-ali, difícil e bem delimitado, essa felicidade e inimizade

fundamentais, se destacavam estranhamente. Pensavam o mesmo, mas também pensavam diferente, sem que isso se fizesse notar. Adivinhavam um o outro; e às vezes adivinhavam errado. Aos poucos, uma indolência, um entorpecimento das idéias, desprende-se daquele estar lado a lado como pérolas gêmeas na concha do mundo, para usar a expressão um tanto irônica de Ulrich, e por defesa eles riram um do outro ou de qualquer coisa

Quando isso se repetiu, Ágata disse:

— Estou sempre tão triste quando temos de rir de nós; e não sei por que preciso rir.

— Não há nada mais engraçado do que abrir os olhos para a realidade quando eles ainda estão cheios de alma! — replicou Ulrich.

Mas Ágata não lhe deu ouvidos, ela repetiu:

— Tudo fica tão incerto, parece se contrair e volta a se dilatar, disforme. Não deixa fazermos nada, e a inatividade se torna insuportável. Também não posso dizer que amo realmente essas pessoas, ou que amo essas pessoas reais, do jeito em que estão diante de nós. Temo que nossos próprios sentimentos sejam bastante irreais!

— Mas entre essas pessoas se passa o mesmo! — replicou Ulrich. — Gostariam de se amar, mas no momento decisivo acham a antipatia mais saudável e natural! É igual com todo mundo: o que sentimos é a vida possível que se quebra na vida real.

— Mas, então, me explique por que o amor sempre exige uma igreja ou uma cama! — exclamou Ágata, indignada.

— Pelo amor de Deus! — disse Ulrich rindo, para acalmar sua acompanhante. — Fale com mais discrição! — Tocou a mão dela com as pontas dos dedos e prosseguiu, brincando misterioso: — Você e eu somos especificamente o que todos são genericamente: juntos mas separados!

Não era uma afirmação, apenas uma expressão lisonjeira, uma brincadeira, uma nuvenzinha aberta de palavras; e eles sabiam que sentir-se eleito é a mais barata das mágicas, coisa muito adolescente. Mesmo assim, o que Ulrich dissera sobre a fraternidade foi subindo ao longo deles, da terra até além da cabeça. E Ágata por sua vez sussurrou brincando:

— De véu, a gente às vezes sente o próprio hálito voltar quente como os lábios de outra pessoa: eu às vezes tenho essa impressão enganosa ou real de ser você! — disse ela como resposta, e seu riso suave acabou se perdendo no silêncio de uma cortina que baixava.

Foi assim que, de diversas maneiras, abordaram um assunto que desperta a curiosidade de milhões de casais enamorados, que se perguntam cem vezes por dia se se amam realmente e de verdade, e quanto tempo isso pode durar; os outros, porém, não precisavam temer evocar tais estranhezas.

## O AMOR É CEGO. OU DIFICULDADES ONDE NÃO SÃO PROCURADAS

Outra dessas conversas voltadas para o mundo transcorreu da seguinte forma:

— E qual seria a situação desse acontecimento famoso e apreciado que é o amor entre as duas chamadas “pessoas de sexo oposto”? — perguntou Ulrich. — Parece que em parte amamos mesmo a pessoa que acreditamos amar.

— Mas acabamos transformando-a num boneco! — interferiu Ágata, de mau humor.

— Seja como for, o que ela diz, pensa e é também tem seu encanto!

— Enquanto a amamos! Porque a amamos! E não vice-versa! Assim que entendemos o que o outro quer dizer, a gente não só perde a raiva, como se diz, mas, em geral, também o amor.

A resposta exaltada ficara de novo por conta de Ágata. Ulrich sorriu. Ela deveria ter dado várias vezes com a cabeça na parede, e violentamente.

— Mas pode ser que, primeiro, as opiniões nos agradem; no começo, isso costuma ter certa importância: a conhecida e maravilhosa harmonia; mas, mais tarde, de fato não o entendemos mais — disse ele, conciliante, e perguntou: — E as obras? Têm importância no amor?

— Apenas na medida em que demonstram uma mentalidade. Ou que imprimem à imaginação uma espécie de postura de monumento!

— Mas nós acabamos de descobrir que a mentalidade não tem muita importância! — lembrou Ulrich, mexendo com ela.

— Nada é importante! — exclamou Ágata. — Nem o que se é, nem o que se diz, nem o que se quer, nem o que se faz! Às vezes, desprezamos alguém e mesmo assim o amamos. E às vezes amamos alguém e sentimos em nosso íntimo que essa pessoa de barba ou seio, que pretendemos conhecer há muito tempo e... admiramos. .. e que fala ininterruptamente de si mesma, no fundo só está fazendo uma visita ao amor. Poderíamos deixar de lado suas opiniões e seus méritos, mudar seu destino, dotá-la de outra barba e outras pernas: quase que poderíamos deixá-la toda de lado mas a continuaríamos amando!... Desde que de fato a amássemos — acrescentou ainda, atenuando o que dissera.

A voz dela tinha um tom profundo, onde uma claridade inquieta brilhava como fogo. Ela sentou-se, com consciência de culpa, pois saltara da cadeira num fervor involuntário.

Ulrich sintetizou o resultado num compromisso:

— As duas contradições estão sempre presentes e formam uma quadriga: amamos uma pessoa porque a conhecemos e porque não a conhecemos; e a conhecemos porque a amamos, e não a conhecemos porque a amamos. E isso por vezes atinge um ponto em que se torna bastante sensível. São os famosos momentos em que Vênus e Apoio vêem um gancho vazio ao se fitarem, ficando profundamente admirados por terem antes visto outra coisa. Se o amor continua mais forte que o espanto, vai haver uma luta entre estes dois, e às vezes o amor sai vencedor, embora desesperado, esgotado e incuravelmente ferido. Se ele, porém, não for tão forte, haverá uma luta entre as pessoas, ofensas, para compensar ter-se bancado o bobo ...

haverá terríveis assaltos da realidade... desonras extremas... — Já passara por esses temporais do amor com bastante frequência para poder descrevê-los calmamente. Ágata o interrompeu:

— Mas eu acho que, em geral, se sobreestima esses assuntos de honra conjugai ou extraconjugai — replicou ela.

— Todo o amor é sobreestimado! O louco que em sua alucinação saca da faca e apunhala um inocente que casualmente confundiu...: no amor isso é normal — disse Ulrich riu.

Ágata o encarou sorrindo. Ulrich ficou sério.

— Que estranho, termos de pensar que não há duas pessoas que se harmonizem espontaneamente, sem que suas opiniões e convicções sejam influenciadas com maior ou menor violência — observou, pensativo, e com isso a conversa tomou por um tempo um jeito um tanto diferente.

Estavam sentados no quarto de Ulrich, um de cada lado da escrivaninha comprida e de brilho escuro, feita de madeira maciça, cujo centro estava agora vazio, pois Ulrich aparentemente não trabalhava. Cada qual tinha apoiado um braço no tampo, preguiçosos os dois, e olhavam um pequeno cavalinho de papel-machê que se encontrava entre eles no meio-de-campo vazio.

— Até no pensamento, onde tudo está num contexto lógico e objetivo — prosseguiu Ulrich —, em geral só aceitamos plenamente a convicção superior de outra pessoa quando também nos submetemos a ela de alguma forma, seja como modelo e guia, seja como amigo ou mestre. Sem esse sentimento, que não tem nada a ver com a coisa, só aceitamos a opinião alheia com a ressalva implícita de que nós mesmos seremos melhores guardiães dela que o próprio autor; isso quando não temos a intenção de mostrar ao sujeitinho a insuspeitada importância de sua idéia! E na arte, então, a maioria das pessoas sabe muito bem que seria impossível produzirmos nós mesmos aquilo que lemos, vemos e ouvimos; mas temos a consciência condescendente de que, se soubéssemos fazer, faríamos logo muito melhor! Talvez tenha de ser assim, e isso faça parte da natureza ativa do espírito, que não podemos encher como uma panela vazia — concluiu Ulrich —, mas que é atuante ao apreender, tendo deveras de aprender.

Teria querido continuar, dizendo algo que lhe ocorrera em seguida e não o deixava em paz, de forma que já manifestou dúvidas antes mesmo de Ágata ter podido replicar.

— Deveriam nos perguntar também — sugeriu — que vida surgiria se essas condições não fossem tão desfavoráveis. Por um lado, temos a brutalidade extrema com que nossas opiniões querem no fundo ser tratadas, mas, no extremo oposto, no outro caso-limite, quando se assimila sem resistências a opinião alheia, na entrega total aos sentimentos de outra pessoa, não haverá uma felicidade de delicadeza doentia, quase que uma felicidade anti-espiritual? E como produzir essa luz sem a sombra? — Para Ulrich, por esse pensamento valeria a pena prosseguir a conversa. Mas Ágata, embora ele de forma alguma lhe fosse estranho, tinha no momento preocupações menores. Fitou o irmão por algum tempo, em silêncio, e decidiu-se então por uma pergunta magoada, pronunciada com a maior indiferença possível; queria saber se ele chegara à convicção madura de que “mesmo apenas duas pessoas” nunca poderiam concordar, muito menos se fossem amantes.

Ulrich já estava prestes a expressar com um gesto que não se podia tomar isso ao pé da letra, e que não tinha importância, quando notou o zelo dissimulado da irmã; teve de disfarçar um sorriso provocado por essa suspeita sede de saber, mas com isso esqueceu a própria — e séria —, caindo novamente no tom de brincadeira do começo, cuja alegria se interrompera e fugira como um regato.

— Foi você quem começou a fazer pouco do amor! — respondeu.

— Vamos ficar por aqui! — decretou Ágata generosamente. — Fica assim: exatamente no amor não há concordância. Mas na vida comum, que certamente é tudo, menos amorosa, existem, como você há de convir, pessoas de todo tipo, que têm as mesmas convicções, e isso é de grande importância.

— Elas simplesmente pensam que concordam! — interveio Ulrich mais uma vez.

— Elas concordam!

— Elas são concordadas! As pessoas são como um fogo cujas labaredas se espalham quando não há uma pedra sobre ele!

— Mas não existem, por exemplo, opiniões que são em geral acatadas? — perguntou Ágata com o propósito de não ficar atrás do irmão.

— Você mesma está dizendo! — replicou Ulrich. — Acatadas! Como é necessário que concordemos, há naturalmente toda uma série de dispositivos que exteriormente providenciam e no íntimo fingem isso. E nem sempre usam métodos delicados, para criar concordância entre nós homens. Sugestionamento, violência, intimidação, ignorância, covardia, todas essas coisas têm bastante importância. A atuação desses dispositivos é em geral permeada de baixezas e desmoralização. Mas faça cessar a influência deles por um momento que seja, deixando a razão se ocupar do assunto, e logo em seguida você verá as pessoas rosnando enraivecidas, se desentendendo como os loucos quando o controle relaxa.

Ágata recordou a harmonia sem ressalvas dos passeios com bom tempo, quando as pessoas, embora provavelmente só acreditassem amar-se umas às outras, pelo menos ficavam cheias de atenções e de uma amabilidade e curiosidade quase solenes. Era natural que mencionasse ser o amor a única coisa no mundo que cria mútua concordância, em todas as variações e voluntariamente.

— Mas o amor é exatamente uma das máquinas de concordância. Tem o efeito benéfico de fazer-nos cegos! — retrucou Ulrich. — O amor ofusca: essa simples frase contém a metade dos enigmas do amor ao próximo, que nos propusemos!

— Pode-se, no máximo, acrescentar ainda que o amor também faz ver o que não existe — afirmou Ágata, concluindo, pensativa: — No fundo, essas duas frases contém tudo de que precisamos no mundo, para, apesar dele, sermos felizes!

O cavalinho de papel-machê, sozinho entre eles no meio da mesa, era diretamente culpado pela conversa. Não chegava a um palmo de altura; a curva do pescoço era uma graça; o pêlo era de um castanho delicado e farto como o estômago de uma menina de quinze anos que quase — mas só quase — comeu torta demais; crina e cauda, cascos e arreios, eram do mesmo negro profundo. Era um cavalo de carruagem real, mas, assim como na lenda dois deuses se ligam em um só, a forma de cavalo englobava uma caixinha de balas. Ulrich descobrira o cavalinho na vitrine de um baleiro suburbano e o adquirira imediatamente, pois o conhecia de sua infância, quando o amara com tal intensidade que mal conseguia se lembrar de jamais tê-lo possuído. Por sorte, tais poemas mercantis perduram vez ou outra ao longo de gera-

ções, passando com o tempo apenas dos centros comerciais para as vitrines de bairros mais modestos. Cheio de veneração, Ulrich expusera sua descoberta, tendo já antes explicado à irmã a importância daquela espécie. O cavalo de balas era parente próximo dos mágicos animais de circo, dos leões, tigres, cavalos e cães que durante a infância de Ulrich enchiam de vida os cartazes de circos itinerantes, mas não atendiam ao olhar que os exortava a saltar de uma existência palpável, porém chata, para a vida plena, como o cavalinho também não saltava através da vitrine. Ágata logo entendera que o cavalinho de baleiro pertencia à grande família das paixões infantis que perseguem seus desejos como a um vôo trêmulo de borboleta, até atingirem o objetivo, encontrando apenas uma coisa pasteurizada. Errando de volta pelos caminhos do amor de sua infância, os irmãos chegaram até a abrir o cavalinho, e, cheio dos sentimentos contraditórios com que se abre um jazigo, encontraram dentro dele uma espécie de chapeuzinhos polvilhados de açúcar que havia décadas não mais tinham visto e que provaram com a coragem cautelosa de descobridores.

Durante a pausa que se fizera depois das últimas considerações trocadas com Ulrich, Ágata ficara entregue a divagações, observando aquela coisinha anímico-magnética ali diante deles. Dos ecos perdidos das palavras sobre concordância e discordância de opinião, talvez também a imagem dos juntos e separados tenha ulteriormente surgido nas lonjuras do devaneio, ligando-se então estranhamente ao mundo infantil: afinal, Ágata atingiu a outra margem de tempo do silêncio, sem saber quanto durara a interrupção; retomou assim a conversa no ponto em que parará, perguntando, com vivacidade repentina, como se tivessem esquecido alguma coisa:

— Mas será que todo amor precisa ofuscar?!

Ulrich, por seu turno, estava igualmente pronto para o trabalho, disposto a se precipitar sobre o diálogo fugitivo, parecia não saber ao certo por quanto tempo vagara ao longe.

— Vejamos! — sugeriu, lançando mão do primeiro exemplo: — O amor materno?

— A conhecida superproteção — respondeu Ágata.

— De qualquer forma é um amor cego. Amor antecipado. Nada o perturba — constatou Ulrich, prosseguindo imediatamente: — E a contrapartida, o amor filial?

— Mas isso é mesmo amor? — perguntou Ágata.

— É cheio de egoísmo, desejo de proteção e similares — disse Ulrich, mas acrescentou poder se tratar de verdadeira paixão, pelo menos em certas idades, e perguntou em seguida pelo amor de amigo.

Concordaram novamente que a juventude era a única época para amizades apaixonadas.

— Amor à honra? — perguntou Ulrich. Ágata deu de ombros.

— Amor à virtude?

Ela repetiu o gesto, mas, pensando melhor, disse:

— Pode ser que seja amor, no caso dos santos e mártires.

— Mas então, é claro tratar-se também de uma paixão por superar o mundo, ou coisa parecida — interveio Ulrich —, uma paixão oposicional, de qualquer forma algo de emaranhado.

— Mas no amor à honra também deve haver muita coisa emaranhada! — acrescentou Ágata.

— Amor ao poder? — prosseguiu Ulrich, balançando a cabeça para confirmar o aparte de Ágata.

— Isso parece uma contradição intrínseca.

— Talvez — assentiu Ulrich. — É de acreditar que violência e amor se excluam.

— Mas *será* que o fazem? — exclamou Ágata, que nesse meio tempo mudara de idéia. — Ser subjugado, por exemplo! Para as mulheres, então, ser amada e ser subjugada não é contradição nenhuma!

Ao ser lembrado da possibilidade de tais experiências no passado da irmã, Ulrich reagia de forma diferenciada: ora ansiava por conhecimento concreto, ora pela ignorância originária dos deuses. Dessa feita, refletiu de cara amarrada o que deveria replicar e disse afinal detalhadamente, com hesitação involuntária:

— Nesse caso, fica ambíguo ligar as duas palavras. Frente ao amor, qualquer poder é reles, e se ele rebaixa o amor, então...

— Não nos deixemos deter — interrompeu Ágata; e fez uma nova pergunta:

— Amor à verdade?

— Mas isso você deve saber muito bem! — acrescentou, numa repreensão de brincadeira, pois ele continuava indeciso, e seus longos esforços em favor da exatidão por vezes faziam com que ela ficasse impaciente.

Mas a conversa, já inibida, começava a ficar prolixa.

— Também nesse caso é difícil separar os conceitos justos — decidiu Ulrich.

— Pode-se amar a verdade de muitas maneiras, como se ama a honra, por exemplo, ou como poder, ou virtude, e também como água fresca de fonte e ar de respirar, ou como...

— E isso é amor? — interrompeu Ágata novamente. — Dessa forma, se pode amar até mesmo espinafre!

— E por que não? Predileção também é amor. Existem muitas transições — replicou Ulrich. — E o amor à verdade é mesmo uma das expressões mais contraditórias. Se o conceito de verdade for mais forte, tanto menor será o amor, e afinal não é muito correto chamar de amor o desejo honesto de verdade, muito menos se for um desejo útil; mas se o conceito de amor subir e se transformar no que você gostaria com exclusividade de chamar de amor, a verdade acaba...

— Infelizmente, a verdade só surge com sangue-frio — observou Ágata com malícia.

— Exigir verdade do amor é tão errado como exigir justiça da ira — concordou Ulrich. — O sentimento o prejudica.

— Ah, talvez isso seja apenas conversa fiada de homem! — afirmou Ágata.

— É o seguinte: o amor tolera a verdade, mas a verdade não suporta amor — confirmou Ulrich. — Ele dilui a verdade.

— Mas se ele dilui a verdade, então também não pode conter verdade? — perguntou Ágata com a seriedade da criança inocente que conhece exatamente a história que quer ouvir pela vigésima vez.

— Tem início uma nova verdade! — contou Ulrich. — Assim que alguém encontra o amor, não como uma experiência qualquer, mas como a própria vida, ele conhece um enxame de verdades. Quem julga sem amor, chama a isso de pontos de vista, opiniões pessoais, subjetivismo, arbítrio, e, no seu caso, é de fato apenas isso. Quem ama, porém, sabe não ser insensível, e sim supersensível à verdade. Quem



ama se encontra numa espécie de entusiasmo do pensamento, no qual as palavras se abrem até o fundo. Em qualquer hipótese, ele entende mais do que é necessário. Mal consegue escapar de uma profusão inesgotável. E sente que qualquer desejo de entender com exatidão só poderia afugentar isso. Bem, não quero afirmar que se trate realmente de outra verdade, pois só há uma verdade, mas trata-se de uma centena de possibilidades, que são mais importantes que a verdade; para expressá-lo com maior acuidade, é algo que faz a verdade perder a importância que lhe foi atribuída. Talvez se possa dizer: a verdade é o resultado indiscutível de um comportamento diante da vida que de modo algum sentimos ser indiscutivelmente verdadeiro! — prosseguiu Ulrich, contente por achar que pela primeira vez conseguira descrever isso com maior exatidão, e concluiu: — Estar rodeado de verdade provavelmente significa apenas que quem ama está aberto para tudo o que foi amado, e, portanto, desejado, pensado e fixado em palavras; aberto para todas as contradições, que são contradições de criaturas sensíveis, até mesmo para todas as baixezas, caso se tenha encontrado palavra que as abrigue como mãe. Os sinais decisórios da verdade e moral foram relegados pelo suave poder da vida que desperta em toda parte; continuam existindo, mas fecundidade e plenitude os encobriram. Para quem ama, verdade e ilusão têm o mesmo ínfimo valor, isso, entretanto, não lhe parece arbitrário: não há dúvida de que se trata apenas de um comportamento pessoal modificado, mas eu diria que isso depende afinal da existência, sob a superfície da realidade vencedora, de inúmeras possibilidades que, também elas, poderiam tornar-se reais. Quem ama as desperta. De súbito, tudo parece ser diferente do que se acredita. De cidadão deste mundo, ele passa a criatura de mundos incontáveis...!

— Mas, então, isso é uma outra realidade! — exclamou Ágata.

— Não! — disse Ulrich, indeciso. — Pelo menos, eu não sei. Trata-se simplesmente da antiqüíssima oposição entre conhecimento e amor, que sempre se afirmou existir.

Ágata dirigiu-lhe um sorriso de confuso encorajamento.

— Não! — repetiu Ulrich. — Isso ainda não está certo! O sorriso desapareceu.

— Então temos de retomar mais uma vez nosso assunto, caso contrário nunca chegaremos ao fim — sugeriu com uma preocupação divertida, e, dando um suspiro, recomeçou: — Que é o amor pelo dinheiro?

— Você disse que isso de jeito nenhum era amor — também Ulrich recomeçava com seus apertes.

— Mas você disse que há transições — contrapôs Ágata.

— Amor pela beleza? — perguntou Ulrich sem lhe dar atenção.

— Dizem que o amor torna belo mesmo um homem feio — disse Ágata seguindo uma súbita inspiração. — Será que amamos uma coisa porque é bela, ou ela fica bela por ser amada?

Ulrich considerou a pergunta importante, mas desagradável. Por isso, replicou:

— Talvez a beleza nada mais seja do que ter sido amado. Quando se foi amado, o poder-ser-belo veio à tona. E é provável que a beleza não surja senão dessa forma: algo agrada a um ser humano que tem a forma de dar a outros uma espécie de instrução de repetir. — Mas ele ainda acrescentou com malícia: — Mesmo assim, homens como Lindner, que só perseguem a beleza interior, são simplesmente esquisitos.

— Amor de inimigo? — perguntou Ágata, rindo.

— É difícil! — respondeu Ulrich. — Talvez um resquício de canibalismo mágico-religioso.

— Em contrapartida, o amor à vida é simples — disse Ágata. — Nenhuma imagem se liga a ele, trata-se meramente de um impulso cego.

— Paixão pela caça?

— Amor à pátria? Ao rincão natal? Necrofilia? Amor à natureza? Amor por cavaleiros? Endeuamento? Amor adolescente? Amor-ódio? — desfiou Ágata de uma só vez, erguendo os braços em círculo e deixando-os cair no colo com um gesto de desalento.

Ulrich respondeu com um dar de ombros e um sorriso.

— O amor se realiza de muitas formas e nas mais diversas relações. Mas qual é o fundo comum? Em todos esses amores, o que é o fluido e o que é sua mera cristalização? E acima de tudo, o que é esse imperativo “ame!”, que também pode aparecer sozinho, enchendo então o mundo inteiro? — perguntou ele, sem mostrar grande esperança de resposta. — Mesmo que alguém quisesse comparar com maior seriedade as diversas formas — prosseguiu —, é de se presumir que encontraria apenas um número igual de sentimentos, como de situações exteriores e comportamentos. Em todas essas circunstâncias pode-se amar; mas apenas porque também se pode detestar e ficar indiferente: com isso, o fundo comum revela ser no máximo algo que lembra o amor.

— Mas isso não significa simplesmente que o amor pleno não corresponde à experiência? — interrompeu Ágata. — E quem põe isso em dúvida? Pois é exatamente o decisivo! Se ele existe, será de uma espécie completamente diferente de tudo com que se mistura para aparecer.

Foi a vez de Ulrich interromper:

— E isso provaria o quê? Esse amor, como sentimento e como ação, não teria limites; portanto, comportamento algum corresponderia a ele.

Ágata estava atenta e ansiosa. Esperava uma última palavra.

— E que fazer se o comportamento não existe? — perguntou ela.

Ulrich entendeu aquela pergunta óbvia. Mas mostrou-se preparado para uma duração maior dessas expedições de reconhecimento; deu de ombros em sinal de renúncia e respondeu com uma brincadeira:

— Parece que amar não é tão simples como a natureza faz acreditar confiando a qualquer remendão os instrumentos necessários!

## O GENERAL VON STUMM LANÇA UMA BOMBA. CONGRESSO MUNDIAL DA PAZ

Um soldado não pode deixar-se intimidar por nada. E assim, o General Stumm von Bordwehr foi o único que conseguiu chegar até Ulrich e Ágata; mas talvez também tenha sido o único que eles não impediram totalmente, pois mesmo os foragidos do mundo podem tomar providências para que o correio lhes seja enviado de quinze

em quinze dias. E perturbando com sua entrada a continuação da conversa, ele exclamou satisfeito:

— Não foi nada fácil superar os obstáculos da linha de frente e penetrar na base! — Beijou cavalheirescamente a mão de Ágata e dirigiu especialmente a ela as palavras: — Vou virar um homem famoso por tê-la visto! Todo mundo anda perguntando o que terá engolido os inseparáveis, deseja vê-los, e eu de certa forma fui incumbido pela sociedade, mais ainda, pela pátria, de descobrir a razão de seu desaparecimento! Peço, por isso, que me desculpem caso pareça inconveniente!

Ágata deu-lhe as boas-vindas, como de praxe; mas nem ela, nem o irmão conseguiram ocultar imediatamente seu alheamento ao visitante, que se postava diante deles como a encarnação da fraqueza e incompletude de seus sonhos; e quando o General Stumm se afastou novamente de Ágata, um significativo silêncio encheu o ar. Ágata estava de pé de um lado da mesa, Ulrich do outro, e o general, como um veleiro em meio a repentina calmaria, mais ou menos no meio do caminho entre os dois. Ulrich pretendia ir ao encontro do visitante, mas não saía do lugar. Stumm notou então que incomodara de fato, e refletiu sobre como salvar a situação. Um princípio contorcido de sorriso amigável pairava no rosto dos três. Aquele silêncio hirto mal tinha durado um momento, quando o olhar de Stumm deu com o pequeno cavaleiro de papel-machê, que se encontrava entre eles no centro da mesa vazia, solitário como um monumento.

Juntando os calcanhares, ele apontou com a palma da mão solenemente para o cavaleiro e exclamou aliviado:

— Mas que é isso? Descubro nesta casa o grande totem, o animal sagrado, o ídolo adorado da cavalaria?

A observação de Stumm fez desaparecer o acanhamento de Ulrich, que correu então até ele e, dirigindo-se também à irmã, assegurou com vivacidade:

— Na realidade, é um cavalo de tiro, mas, de resto, você adivinhou muito bem! Estávamos exatamente falando dos ídolos e seu surgimento. E agora, diga: o que é que se ama, que parte, que transformação, que transfiguração, quando amamos nosso próximo sem o conhecer? Até que ponto o amor depende do mundo e da realidade, e até que ponto se dá o contrário?

Stumm von Bordwehr dirigira a Ágata um olhar perquiridor.

— Ulrich está falando dessa coisinha aqui — assegurou ela, um tanto constrangida, e apontou para o cavaleiro de confeitaria. — Já foi sua paixão, antigamente.

— Espero que tenha sido há muito tempo — disse Stumm, espantado. — Pois, se não me engano, é uma bomboneira!

— Não é uma bomboneira! — suplicou Ulrich, que fora tomado pelo desejo ultrajante de conversar com ele sobre o assunto. — Amigo Stumm! Quando você se enamora de uma sela cara demais, ou de um uniforme ou um par de botas de montaria, que vê numa vitrine, você está amando o quê?

— Não seja descarado! Eu não *amo* uma coisa dessas! — protestou o general.

— Não negue! — replicou Ulrich. — Há pessoas que sonham noite e dia com uma fazenda para vestidos ou uma mala de viagem que viram na vitrine; não há quem não tenha sentido isso um pouquinho; e você também sentiu, pelo menos por ocasião do primeiro uniforme de tenente! E você há de convir que a fazenda ou a mala podem ser inúteis, e que nem precisamos estar na situação de desejá-las de fato: por-

tanto, não há experiência mais fácil de fazer do que amar alguma coisa antes de conhecê-la e sem conhecê-la. Permita-me lembrar-lhe que você amou Diotima à primeiríssima vista!

Dessa vez, o general lançou um olhar matreiro. No meio tempo, Ágata o tinha convidado a se sentar e lhe oferecera um charuto, pois o irmão faltara com as obrigações; rodeado de nuvenzinhas azuis, ele disse candidamente:

— Mas, desde então, ela se transformou num compêndio de amor, e já nos tempos de escola eu não gostava muito de compêndios. Mesmo assim, ainda admiro e respeito essa mulher — acrescentou com uma digna serenidade, que era nova nele.

Infelizmente, Ulrich não a notou logo.

— Tudo isso são ídolos! — Ele continuava avançando em suas perguntas a Stumm. — E agora, está vendo como surgem. Os impulsos inseridos em nossa natureza precisam apenas de um mínimo de fundamentação e justificativa externas; são máquinas tremendas, que podem ser postas em movimento através de um pequeno comutador. E quanto ao objeto a que visam, a imagem que fazem dele não resiste a um exame, pois pareceria então como luz e sombra tremeluzindo ao brilho de uma lâmpada de emergência...

— Espere! — pediu Stumm de dentro da nuvem de fumaça. — Que “objetos”? Está falando outra vez das botas e da mala?

— Estou falando de paixão. Tanto do anseio por Diotima, quanto pelo cigarro proibido. Estou tentando esclarecer para você que todo relacionamento emocional é precedido por registros e imagens vindos da realidade, mas logo provoca registros e imagens próprios. Em suma, a emoção transforma o objeto do jeito que precisa, mais ainda, ela o cria, e acaba assim visando a um objeto que, surgindo como surgiu, seria irreconhecível. Mas não faz mal, pois não é destinado ao conhecimento, e sim à paixão! Esse objeto que surge da paixão e nela flutua — concluiu Ulrich, voltando ao começo — é naturalmente diferente do objeto palpável a que ela se apegava exteriormente, e isso também vale para o amor. Eu “te” amo é uma confusão, pois acreditamos amar “te”, essa pessoa que produz a paixão e pode ser pega com os braços, e amamos de fato o produto da paixão, uma figura selvagem e religiosa, que é outra pessoa.

— Ouvindo você — Ágata interrompeu o irmão com uma censura que traía seu interesse íntimo —, tem-se a impressão de que não amamos a pessoa real realmente, e realmente amamos uma pessoa irreal...!

— Quis dizer exatamente isso, e já ouvi de você algo parecido.

— Mas, na realidade, ambas são afinal uma só!

— Essa é a principal complicação: para efeitos externos, a pessoa imaginada pelo amor tem de ser representada pela pessoa real, e até forma com ela uma pessoa só. Isso gera todas as confusões que imprimem aos simples negócios do amor um caráter tão instigantemente fantasmagórico!

— Mas será que a pessoa real não se torna completamente real apenas no amor? Antes, talvez ela não estivesse completa...

— Mas a bota ou mala com que sonhamos é na realidade a mesma que poderíamos comprar!

— Talvez a mala também só surja no fim, quando for amada!

— Numa palavra, chegamos à questão do que é real. A velha questão do amor! — exclamou Ulrich, impaciente, mas satisfeito.

— Ora, vamos esquecer essa mala! — Para surpresa dos dois, era a voz do general que interrompia aquela batalha de mentirinha. Stumm conseguira aconchegar uma perna sobre a outra, o que, embora difícil, lhe dava grande segurança. — Fiquemos na pessoa — prosseguiu, elogiando Ulrich: — Até agora, você mais uma vez exprimiu certas coisas com extraordinária beleza! Os homens sempre acreditam que nada é mais fácil do que se amarem, e assim, é preciso mostrar-lhes diariamente: “Digníssimos, isso não é tão simples como no caso da mulher das maçãs!” — Voltou-se para Ágata, a fim de explicar essa expressão mais militar que civil: — A mulher das maçãs, prezada senhora, é mencionada entre nós quando alguém imagina ser uma coisa mais fácil do que é. Na matemática superior, por exemplo, isso acontece quando alguém, na divisão abreviada, abrevia logo tanto que chega sem mais nem menos a um resultado errado! Então, nós lhe lembramos a mulher das maçãs, que é usada também em outros desses casos que fariam uma pessoa comum dizer: isso não é tão simples! — Voltou-se novamente para Ulrich, e prosseguiu: — Essa sua ciência das duas pessoas me interessa muito, pois vivo dizendo que só se pode amar o ser humano em duas partes: na teoria, ou, com suas palavras, como pessoa imaginada, não faço restrições a que se o ame; mas na prática, é preciso tratá-lo com severidade e, no fim das contas, até com dureza! Entre o homem e a mulher é assim; aliás, é sempre assim na vida! Os pacifistas, por exemplo, com seu amor descalço, nem suspeitam disso, e um tenente entende dez vezes mais de amor do que esses diletantes!

Por sua gravidade, pela ponderação de suas palavras, *last but not least* pela ousadia com que, em presença de Ágata, condenara a mulher a obedecer, Stumm von Bordwehr causava a impressão de um homem que passara por acontecimentos importantes e se esforçara, não sem sucesso, por dominá-los. Ulrich, porém, continuava não percebendo isso, e sugeriu:

— Então, decida qual é a pessoa amada de verdade e qual é o mero figurante!

— Isso é difícil demais para mim — assegurou Stumm calmamente, deu uma tragada no charuto e continuou, sereno: — Fiquei contente de apreciar novamente como você fala bonito; mas, elas por elas, você fala de um jeito que dá vontade de perguntar se não tem mesmo outra ocupação. Preciso confessar que, depois do seu desaparecimento, esperava encontrá-lo entregue a negócios mais importantes, Deus é testemunha!

— Mas, Stumm, isso é importante! — exclamou Ulrich. — Pelo menos metade da História Mundial é uma história de amor, é claro que juntando todas as espécies de amor!

O general assentiu a contragosto.

— Pode ser! — Entrincheirou-se atrás da atividade de cortar e acender um novo charuto, e resmungou: — Mas então, a outra metade é uma história da ira! E não se deve menosprezar a ira! Há algum tempo sou especialista em amor e sei do que se trata!

Finalmente, Ulrich compreendeu que o amigo se transformara. Ficou curioso e pediu-lhe que contasse o que tinha ocorrido.

Stumm von Bordwehr fitou-o um momento sem responder, olhou então para Ágata e replicou afinal de um jeito que não permitia distinguir bem se ele estava irritado ou degustava aos poucos as palavras:

— Bem, você talvez ache insignificante em comparação com suas ocupações, mas o fato é que a Ação Paralela encontrou um objetivo!

Essa notícia sobre algo que despertara tanto interesse, embora não autêntico, teria rompido mesmo um estado de perfeito isolamento; vendo o efeito que causara, Stumm se reconciliou com a sorte e voltou por longo tempo à antiga e ingênua comunicabilidade.

— Se você preferir, posso dizer também: a Ação Paralela encontrou um fim!

— ofereceu, solícito.

Muito de passagem, acontecera o seguinte:

— Já tínhamos todos nos acostumado a não acontecer nada, mas deve acontecer alguma coisa — contou Stumm. — Mas então, em vez de uma nova sugestão, alguém trouxe a notícia de que no próximo outono vai reunir-se um Congresso Mundial da Paz, ainda por cima aqui!

— Que estranho! — disse Ulrich.

— Estranho por quê? Nós não tínhamos a menor idéia!

— É a isso que me refiro.

— Nesse ponto, não deixa de ter razão — concordou Stumm von Bordwehr.

— Há até quem afirme ser uma notícia lançada pelo estrangeiro. O Leinsdorf e o Tuzzi chegaram a pensar que poderia tratar-se de uma intriga russa contra nossa Ação Patriótica, e quem sabe, até do Império alemão. Pois você tem de considerar que nós só precisávamos estar prontos dentro de quatro anos, de forma que seria bastante possível uma provocação para nos meter em algo que não intencionamos. As versões divergem, mas não foi mais possível estabelecer a verdade, embora, é claro, tenhamos escrito imediatamente aos quatro cantos do mundo, para descobrir maiores detalhes. Por estranho que pareça, em toda parte já sabiam desse congresso pacifista; eu lhe asseguro: no mundo inteiro! E tanto particulares como redações e chancelarias de Estado! Mas todos supunham que a coisa partia de nós e fazia parte de nossa grande Ação internacional; só ficaram espantados por não receberem de nossa parte nenhuma resposta aproveitável às diferentes consultas e perguntas. Talvez alguém tenha feito uma gozação conosco, o Tuzzi conseguiu arranjar discretamente alguns desses convites para o Congresso, as assinaturas eram uma imitação bastante grosseira, mas o papel de carta e o estilo pareciam mesmo autênticos! É claro que nos dirigimos então à polícia, e ela descobriu rapidamente que toda a execução aponta para uma origem em nosso próprio país, verificando também que aqui existem pessoas que de fato pretendem convocar um Congresso Mundial da Paz para o outono, e isso porque uma mulher que escreveu um romance pacifista completa sei lá quantos anos de idade, ou completaria, caso já tenha morrido. Mas comprovadamente, essas pessoas não têm nada, mas nada mesmo, a ver com os boatos a nosso respeito; e dessa forma, sua origem continua oculta — disse Stumm, resignado, mas com a satisfação que toda história bem contada propicia. A penosa descrição das dificuldades cobrira seu rosto de sombras, mas agora, o sol de seu sorriso brilhava através da perplexidade, e ele ainda acrescentou com um quê de desprezo, onde se misturavam imparcialidade e candura: — O mais estranho é que todo o mundo ficou de acordo com o dito congresso, ou pelo menos não quis dizer não! E agora, eu lhe pergunto: que nos resta fazer, principalmente depois de termos anunciado que queríamos empreender algo que servisse de exemplo para o mundo inteiro, e vivermos lançando a divisa de agir! Tivemos simplesmente de trabalhar como loucos durante quinze dias, para que o evento, pelo menos *a posteriori*, dê a impressão que, por assim dizer, em outras circunstâncias teria dado de antemão. E assim, mostramos estar à altura da

superioridade organizativa dos prussianos, supondo que a culpa tenha sido mesmo deles! Batizamos a coisa de “comemoração prévia”, sendo que o governo vai cuidar da parte política, enquanto nós da Ação nos dedicamos mais às festividades e ao aspecto humano e cultural, pois isso sobrecarregaria demais um ministério...

— Mas continua sendo uma história estranha! — afirmou Ulrich, agora sério, embora tivesse que rir desse desfecho.

— É, um acaso histórico — disse, satisfeito, o general. — Já houve vários casos em que essas mistificações tiveram importância.

— E Diotima? — informou-se cautelosamente Ulrich.

— Bem, ela foi obrigada a deixar de lado Amor e Psique, o mais depressa possível, e está agora projetando com um pintor o desfile em trajes tradicionais. Vai chamar-se: “Os povos da Áustria e Hungria homenageando a paz interna e externa” — relatou Stumm, e lançou a Ágata um olhar suplicante, ao notar que também ela repuxava os lábios para sorrir. — Eu imploro, minha prezada senhora, que não faça objeções, e também não permita que ele as faça! — pediu. — Pois o desfile em trajes tradicionais e, provavelmente, uma parada militar, são a única parte das solenidades que até agora ficou estabelecida. Os Atiradores Tirolezes vão marchar pela Ringstrasse, pois sempre formam um quadro pitoresco, com os suspensórios verdes, as penas de galo e as barbas compridas; em seguida, os vinhos e cervejas da Monarquia homenagearão os vinhos e cervejas do resto do mundo. Mas já quanto a esse ponto há discordâncias, pois não se sabe se apenas os vinhos e cervejas austro-húngaros deixem homenagear os do resto do mundo, dispensando a retribuição da homenagem, para melhor ressaltar a hospitalidade do amável caráter austríaco, ou se os vinhos e cervejas estrangeiros também devem participar do desfile, homenageando os nossos, e se, nesse caso, devem ou não pagar aduana. Seja como for, uma coisa está certa: não é possível, e nunca houve entre nós um cortejo festivo sem pessoas montadas em carroças e cavalos de cerveja, vestidas em velhos trajes típicos alemães; não consigo imaginar como era na Idade Média, quando os antigos trajes alemães ainda não eram antigos e nem mesmo pareciam mais velhos que, hoje em dia, um *smoking*!

Uma vez examinada exaustivamente essa questão, Ulrich colocou outra, mais crítica:

— Gostaria de saber o que nossas nações não-alemãs vão dizer de tudo isso!

— É fácil: elas também vão desfilar! — assegurou Stumm, divertido. — Pois, se não o fizerem, nós comandamos um regimento de Dragões da Boêmia para o desfile, devidamente transformados em guerreiros hussitas, e metemos um regimento de ulanos na fantasia dos poloneses que libertaram Viena dos turcos.

— Que diz desses planos o Conde Leinsdorf? — perguntou Ulrich, indeciso. Stumm colocou a perna de cima ao lado da outra e ficou sério.

— Bem, encantado é que ele não está — confessou, contando também que o Conde Leinsdorf nunca usava a expressão “cortejo festivo”, obstinando-se com a maior teimosia em dizer “a manifestação”.

— Talvez ainda tenha na lembrança as manifestações que sofreu — opinou Ulrich, e Stumm concordou.

— Ele já me disse várias vezes — relatou —: quem leva o povo à rua assume uma grande responsabilidade, senhor general! Ele fala como se eu pudesse fazer qual quer coisa, contra ou a favor. Mas, para entender, é preciso que você saiba que há algum tempo temos nos encontrado com bastante frequência, ele e eu...

Stumm fez uma pausa, como se quisesse deixar tempo para uma pergunta; como nem Ágata nem Ulrich a colocassem, ele prosseguiu cautelosamente:

— Sua Alteza já tropeçou em mais uma manifestação. Durante uma viagem, em B..., ele recentemente quase levou uma surra, tanto dos tchecos quanto dos alemães.

— Mas por quê? — exclamou Ágata com interesse, e também Ulrich mostrou curiosidade.

— Porque tem fama de promotor da paz! — proclamou Stumm. — O amor à paz, à humanidade, não é de fato tão simples assim...

— Como no caso da mulher das maçãs! — lembrou-se Ágata, sorrindo.

— Na verdade, eu quis dizer: como no caso de uma bomboneira — corrigiu Stumm, e, a essa ponderada censura que dirigira a Ulrich, acrescentou ainda uma observação pró-Leinsdorf: — Mas, mesmo assim, uma vez a decisão tomada, um homem como ele cumprirá inteiramente o ofício que lhe foi atribuído.

— Que ofício? — perguntou Ulrich por sua vez.

— Qualquer um! — assegurou o general. — Sentaria ao lado do Imperador na tribuna de honra, naturalmente no caso de Sua Majestade vir a se sentar na tribuna de honra; e além disso, está elaborando a mensagem de preito de nossos povos, que entregará pessoalmente ao Senhor Supremo. Mesmo que isso, por enquanto, seja tudo, estou seguro de que não ficará assim, pois, quando não tem outras preocupações, ele as cria: que natureza enérgica! Aliás, agora ele quer falar com você. — Era uma tentativa de entrar no assunto.

Ulrich pareceu ignorá-la, mas ficara atento.

— Desde quando “atribuem” ofícios a Leinsdorf? — perguntou, desconfiado. — Ele sempre deu as cartas!

— Sim... — disse o General Stumm com tom de ressalva. — Eu preferia não ter dito nada; naturalmente, ele continua sendo um grande senhor. Mas, por exemplo, não faz muito tempo, o Tuzzi me levou para um canto e disse confidencialmente: “Senhor general! Se, numa rua escura, um homem esbarrar em mim, eu me afasto para o lado; mas se, nessa situação, ele ainda me perguntar amistosamente que horas são, eu não apenas pego o relógio, como apalpo a pistola!” Que diz disso?

— Que poderia dizer? Não percebo a ligação!

— Pois é a prudência do governo — explicou Stumm. — No caso de um Congresso Mundial da Paz, ele avalia todas as possibilidades, enquanto o Leinsdorf sempre segue suas próprias idéias.

De repente, Ulrich entendeu.

— Em suma, Leinsdorf deve ser afastado do topo porque têm medo dele? O general não respondeu diretamente.

— Ele pede por meu intermédio que você reate suas boas relações com sua prima Tuzzi, para descobrirmos o que está acontecendo! Eu falo abertamente, é claro que ele se expressou com maior reserva — corrigiu-se Stumm. E depois de curta indecisão, acrescentou como desculpa: — Não lhe contam tudo! Mas, afinal, trata-se de um hábito dos ministérios: também entre nós não falamos tudo.

— Quais eram exatamente as relações de meu irmão com nossa prima? — quis saber Ágata.

Sem suspeitar de nada, vítima da simpática ilusão de estar agradando com uma brincadeira, Stumm afirmou: .



— Ele é um amor secreto dela! — e logo acrescentou, para animar Ulrich: — Não sei o que se passou entre vocês, mas ela o lamenta, com certeza! Ela diz que você é um mau patriota tão indispensável que deveria agradar imensamente a todos os inimigos da pátria, que, afinal, devem se sentir bem em nosso meio. Simpático da parte dela, não é mesmo? Mas é claro que ela não pode dar o primeiro passo, depois que você se retirou com tanta teimosia.

A partir daí, a despedida se tornou um tanto lacônica, e Stumm, que estivera no zênite, sentiu-se deprimido por esse ocaso sem brilho. Mas assim, Ulrich e Ágata acabaram ouvindo algo que os fez sorrir, levando também um alegre rubor ao semblante do general.

— Conseguimos nos livrar do Feuermaul! — contou ele, satisfeito por ter-se lembrado a tempo, e acrescentou, cheio de desprezo pela filantropia do poeta: — Isso agora não tem mais sentido algum!

E também a resolução “repugnante” da última reunião, segundo a qual não se poderia obrigar ninguém a morrer por idéias alheias, devendo, pelo contrário, fazê-lo pelas próprias, também essa resolução fundamentalmente pacifista tinha caído, ouviram agora, como tudo o que pertencia ao passado, e, por iniciativa do general, não fora nem mesmo incluída nas atas.

— Uma revista, que a publicara, foi retida por nós, ninguém mais acredita nesse falatório exagerado! — completou Stumm seu relato, pouco lógico diante dos preparativos de um congresso pacifista. Ágata chegou a justificar um pouco os jovens, e o próprio Ulrich acabou lembrando ao amigo que Feuermaul não fora responsável pelo incidente. Stumm não criou dificuldades, admitiu até que Feuermaul, que conhecera na casa de sua protetora, era um encanto de pessoa. — Tão cheio de simpatia por tudo! E bom de verdade, bom por natureza! — exclamou com aprovação.

— Mas, então, ele seria um apreciável enriquecimento para esse congresso! — replicou Ulrich mais uma vez.

Stumm, porém, entrementes seriamente disposto a partir, balançou com veemência a cabeça.

— Não! Não consigo dizer rapidamente do que se trata — exclamou, resoluto —, mas o congresso não deve ser exagerado!

## ÁGATA DESCOBRE O DIÁRIO DE ULRICH

Enquanto Ulrich acompanhava pessoalmente o visitante, Ágata; de consciência pesada, pôs em prática uma repentina decisão. Já antes da interrupção causada por Stumm, ela notara algumas folhas de papel soltas numa gaveta da escrivaninha, voltando a observá-las durante a visita; de ambas as vezes, fora o irmão quem lhe despertara a atenção, com um gesto reprimido: parecia querer invocar esses papéis durante a conversa, sem poder, entretanto, resolver-se a isso, ou talvez recuando intencionalmente. A intimidade entre os dois a fizera antes pressentir do que entender o que

se passava, e da mesma maneira entendeu também que o segredo dizia respeito a eles dois. Por isso, abriu a gaveta assim que ele saiu do aposento, e, justifique-se ou não, ela o fez tomada por um sentimento que exige decisões rápidas e não admite escrúpulos morais. As anotações que lhe caíram nas mãos, muito riscadas, desconexas e nem sempre fáceis de decifrar, logo a obrigaram a refrear o ímpeto de sua curiosidade.

“Amor é um sentimento? À primeira vista, essa questão pode dar a impressão de ser absurda, de tal modo sentir parece ser a natureza do amor; tanto maior é a surpresa diante da resposta correta: pois, no amor, o papel do sentimento é deveras pequeno! Visto apenas como sentimento, o amor não tem a intensidade e o poder de uma dor de dentes, e é de qualquer forma menos característico.”

A segunda anotação, não menos estranha, dizia: “Um homem pode amar o cão e a esposa. Uma criança pode amar um cão com maior ternura que um homem sua mulher. Há quem ame sua profissão, outros amam a política. Mais que tudo, parece que amamos estados gerais; refiro-me — se não os odiamos francamente — àquela sua interação inextricável, que gosto de denominar ‘sentimento de cocheira’: sentimo-nos contentes e em casa em nossa vida, como um cavalo em sua cocheira!

Mas que significa ligar coisas tão diferentes com a mesma palavra ‘amar’?! Junto à dúvida e à ironia, um pensamento muito antigo se alojou em minha cabeça: tudo no mundo é amor! Amor é a essência do mundo, meiga, divina, coberta de cinzas, mas indelével! Eu não saberia dizer o que entendo por ‘essência’; mas se me entrego descuidado a todo esse pensamento, ele me causa uma sensação de estranha certeza natural. Pelo menos por alguns instantes.”

Ágata corou, pois as observações seguintes começavam com o nome dela. “Ágata mostrou-me certa vez passagens da Bíblia; ainda me lembro de seu teor e resolvi anotá-lo: ‘Tudo o que se passa no amor se passa em Deus. Pois Deus é amor.’ E uma segunda dizia: ‘O amor é de Deus, e quem ama a Deus foi gerado por ele.’ Há uma patente contradição entre as duas passagens: de uma feita, o amor vem de Deus; da outra, ele é o próprio Deus!

As tentativas de expressar a relação do ‘amor’ com o mundo parecem, portanto, causar não poucas dificuldades até mesmo aos iluminados; como seria possível que a inteligência desinformada não viesse a fracassar! Que eu o tenha chamado de essência do mundo foi uma mera escapatória; permite que diga de pleno direito que a pena e o tinteiro que uso para escrever se compõem na verdade de amor, ou que se comporiam dele na realidade. Mas como na realidade? Consistiriam então em amor ou seriam sua consequência, aparência configurante ou insinuação? Serão eles mesmos, já em si, amor, ou falamos da realidade de uma supernatureza? E de que se trata com o: na verdade? É uma verdade para a inteligência aguçada, ou uma para a ininteligência abençoada? É a verdade do pensamento, ou uma relação simbólica incompleta, que só desvendará completamente seu significado na universalidade das ocorrências do espírito sintetizada em Deus? Disso, que foi que eu disse? Mais ou menos nada e tudo!”

“Teria da mesma forma podido dizer que o amor é a razão divina, o *logos* neoplatônico. E, da mesma maneira, outra coisa: que o amor é o colo do mundo; o meigo colo do acontecimento que não compreende a si mesmo. E mais uma variação: ó mar do amor, que apenas quem se afoga conhece, e não quem passa por cima! Todas essas exclamações indicativas obtêm sentido apenas porque nenhuma delas cumpre a palavra.

O sentimento mais sincero: como é ínfima a Terra no espaço celeste, e como o ser humano, mais nulo que a menor criança, precisa de amor! Mas isso nada mais é que o puro grito por ele, sem sombra de resposta!”

“Talvez eu possa, porém, falar da seguinte maneira, sem cair no vazio do exagero: há um estado no mundo que estamos impedidos de ver, mas que as coisas por vezes deixam entrever aqui e ali, quando nós mesmos nos encontramos num estado de exaltação especial. E só nele percebemos que as coisas são ‘feitas de amor’. E só nele entendemos também o que isso significa. E só ele é então real, e nós seríamos então verdadeiros.

Nessa descrição, eu não precisaria desdizer nada. Todavia, nada tenho para acrescentar a ela!”

Ágata estava surpresa. Nessas anotações secretas, Ulrich se mostrava bem menos reservado que de hábito. E embora entendesse que ele só se permitia isso sob reserva de segredo, ela pensava vê-lo diante de si de braços abertos para alguma coisa, indeciso e comovido.

As anotações continuavam: “Há outra idéia que quase poderia ocorrer à própria Razão, caso esta abandonasse um pouco sua posição de equilíbrio: imaginar o Oniamante como Eterno Artista. Ele ama a Criação enquanto a produz, mas das partes prontas seu amor se desvia. Pois o artista tem de amar também o odioso para poder criá-lo, mas o que já produziu o deixa frio, mesmo que seja bom; fica tão abandonado de amor, que o próprio artista nele não mais se reconhece, e são raros e imprevisíveis os momentos em que seu amor retorna e se deleita com o que fez. Dever-se-ia, pois, pensar também: aquilo que reina sobre nós ama o que produz; mas, da parte pronta da Criação, seu amor se afasta e aproxima em longas vazões e curtos re-fluxos. Essa imagem corresponde ao fato de as almas e coisas do mundo serem como mortos que só às vezes ressuscitam por alguns segundos.”

Vinham então algumas outras observações fugidias, parecendo meras tentativas.

“Um leão frente ao céu da manhã! Um rinoceronte ao luar! Tens a escolha entre fogo de amor e fogo de espingarda. Devemos, portanto, supor pelo menos dois estados fundamentais: amor e violência. E sem dúvida é a violência que mantém o mundo em movimento e o impede de adormecer, não o amor!

Aqui, poder-se-ia, contudo, introduzir a suposição de que o mundo caiu em pecado. Antes, amor e paraíso. Isso significaria: o mundo pronto, pecado! O mundo possível: amor!

Outras questões suspeitas: os filósofos imaginam Deus como filósofo, como o espírito puro; não seria natural, então, que os oficiais o imaginassem como oficial? Mas eu, matemático, imagino o Onipresente como amor?! Como foi que cheguei a isso?

E como poderíamos compartilhar uma das mais íntimas vivências do Eterno Artista?”

A página terminava aqui. Mas, depois, o rosto de Ágata voltou a enrubescer; sem levantar os olhos, ela pegara a folha seguinte, continuando a ler:

“Nos últimos tempos, passamos freqüentemente por uma estranha experiência, Ágata e eu, durante nossas voltas pela cidade. Quando faz um tempo particularmente bom, o mundo parece muito alegre e camarada, de forma que nem percebemos como sua composição diverge em toda parte pela idade e substância. Todos param e andam

com a maior naturalidade. Mas basta não participarmos incondicionalmente desse presente de aparência irrefutável, para que algo paire nele, algo voltado para a solidão, como uma proposta de amor fracassada ou um desnudamento semelhante.

Passamos pelas ruas de cor violeta da cidade, que, lá em cima, onde se abrem à luz, brilham como fogo. Ou, saindo do azul palpável, entramos numa praça toda recoberta de sol; aí, as casas estão recolhidas e como que encostadas contra a parede, mas não são menos explícitas, parecem riscadas a cinzel numa claridade colorida, em linhas finas que acentuam a nitidez. E num tal momento, não sabemos se toda essa beleza cheia de si mesma nos causa a mais profunda emoção ou não nos diz respeito. Ambas as coisas acontecem. Ela se encontra no fio da navalha entre prazer e tristeza.

Mas a visão da beleza não tem sempre esse efeito de iluminar a tristeza corriqueira e obscurecer sua alegria? A beleza parece pertencer a um mundo em cujas profundezas não há tristeza ou alegria. Nesse mundo, talvez nem mesmo exista a própria beleza, mas uma espécie de gravidade serena, quase indescritível, e seu nome surge apenas pela refração de um brilho anônimo na atmosfera comum. Ambos procuramos esse mundo, Ágata e eu, sem ainda nos decidirmos; andamos ao longo de suas fronteiras e, com prudência, saboreamos sua profunda irradiação naqueles pontos onde ela ainda se mistura às luzes do dia-a-dia, mal se deixando distinguir!”

Tinha-se a impressão de que a idéia de um Eterno Artista levava Ulrich a incluir a questão da beleza em sua observação, tanto mais que também ela, por seu turno, exprimia a hipersensibilidade surgida entre os irmãos. Ao mesmo tempo, porém, ele mudara o modo de pensar. Nessa nova sequência de anotações, ele não partia mais da penumbra de pensamentos reinante no ponto de fuga de suas vivências, e sim do plano de frente, mais claro e, em alguns pontos que ele registrava, de fato claro demais, quase transparente para o fundo.

E assim, Ulrich prosseguia. “Eu disse a Ágata: ‘Talvez a beleza nada mais seja do que ter sido amado.’ Pois amar e embelezar algo é uma só coisa. E difundir seu amor e fazer outros descobrirem a beleza dele também é uma coisa só. Por isso, tudo pode ficar belo, e tudo o que é belo pode voltar a ficar feio; e em ambos os casos isso dependerá tanto de nós como nos será imposto de fora, pois o amor não possui causalidade e não conhece consequências de direito. Não estou seguro do quanto disse a respeito, mas, com isso, fica também explicada outra impressão que captamos facilmente em nossas saídas: fitamos as pessoas e queremos participar da alegria que trazem estampada no rosto, quase nos sentimos obrigados a participar dela; mas emana daí também um mal-estar que chega às raías de uma sinistra repulsa. Emanam também das casas, vestes, de tudo o que criaram para si. Refletindo numa explicação, fui conduzido a outro círculo de pensamentos e, por seu intermédio, acabei de volta a minhas primeiras notas, de aparência tão fantástica.

Uma cidade como a nossa, bela e antiga, com seu caráter forjado no curso dos tempos pelo gosto de sucessivas gerações de construtores, é toda ela um grande testemunho da capacidade de amar, como da incapacidade de fazê-lo continuamente. A sequência altiva de seus prédios não representa apenas uma grande história, mas também uma contínua mudança de mentalidade. Vista assim, ela é uma corrente de inconstância petrificada, que a cada quarto de século pretendeu de novo modo ter razão para todo o sempre. Sua eloquência muda vem de lábios mortos, e quanto mais nos seduz com seu encanto, tanto maiores serão a rejeição cega e o susto que nos provoca no momento mais profundo de agrado e expropriação.

‘Isso é ridículo e fascinante’, replicou Ágata na ocasião. ‘Pois então, os fraques com rabos de andorinha dos transeuntes e os estranhos quepes, que parecem panelas nas cabeças dos oficiais, teriam que ser belos, pois seus proprietários os amam sem restrições, exibem-nos ao amor do próximo, e eles gozam dos favores das mulheres!’

Fizemos disso uma brincadeira. Com indignação fingida, nos divertimos perguntando a cada passo, em contradição à vida: mas por que aquele vermelho ali no vestido precisa ser tão vermelho? Ou, que é que esse azul, esse amarelo e esse branco estão fazendo na gola dos uniformes? E, em nome de Deus, por que as sombrinhas das mulheres são redondas e não quadradas? Perguntamo-nos o que pretendia o frontispício grego do Parlamento com suas coxas abertas. ‘Fazer um espagato, a exemplo de uma bailarina e de um compasso, ou difundir beleza clássica? Quando se recua de tal modo até um estado preliminar em que as sensações não nos atingem e não respondemos às coisas com os sentimentos que, presunçosas, esperam de nós, destruimos a boa-fé da existência. Algo semelhante se passa quando você vê alguém comendo calado, sem partilhar seu apetite: de repente, você só percebe atos de deglutição, que de maneira alguma parecem invejáveis.

Chamo a isso: Fechar-se à Opinião Da Vida.

Para explicar melhor, seria bom começar dizendo que, na vida, procuramos o que é firme com a mesma insistência de um animal terrestre caído na água. Por isso, sobreestimamos tanto a importância do Saber, do Direito e da Razão, quanto a necessidade de coerção e violência. Talvez não deva dizer exatamente sobreestimar; seja como for, porém, as manifestações de nossa vida repousam, em sua maioria, na insegurança espiritual. Nelas imperam a fé, suposição, hipótese, presságio, desejo, dúvida, inclinação, exigência, preconceito, persuasão, exemplificação, pontos de vista pessoais e outros estados de semicerteza. E como, nessa escala, a opinião se encontra mais ou menos no meio entre fundamento e arbítrio, uso seu nome para designar o todo. Se o que exprimimos com palavras, mesmo que grandiosas, em geral é mera opinião, o que exprimimos sem palavras o é sempre.

Digo, pois: no que depende de nós, nossa realidade é, em maior parte, apenas expressão de opinião, embora lhe emprestemos sabe-se lá que importância. Podemos imprimir uma expressão determinada à nossa vida na pedra das casas — isso sempre se dá por causa de uma opinião. Podemos malar ou nos sacrificar — agimos apenas com base numa suposição. Eu quase gostaria de dizer que nossas paixões são meras suposições; é muito freqüente nos enganarmos com elas; somente pelo anseio de firmeza sucumbimos a elas! E fazemos algo por ‘livre’ vontade pressupõe de fato que agimos apenas por incumbência de uma opinião. Há algum tempo que Ágata e eu adquirimos sensibilidade para uma certa agitação de fantasmas dentro do real. Cada detalhe expressivo do que nos rodeia ‘fala conosco’. Dá uma opinião. Mostra que absolutamente não surgiu por intenção passageira. É apenas uma opinião, mas se comporta como convicção. É mera idéia, mas age como se fosse vontade inabalável. Eras e séculos se erguem de pernas fincadas, mas por trás deles uma voz sussurra: absurdo! Até hoje, jamais chegou a hora, nem o tempo!

Parece teimosia, mas para entender o que vejo preciso observar o seguinte: essa contradição entre o fervor narcisista que estufa o peito ante o esplendor de tudo o que criamos, e a marca secreta do abandono e desengano que sofremos igualmente desde o primeiro minuto, se coadunam plenamente com o que digo: que tudo é mera opinião. Com isso, vemo-nos em uma situação particular. Pois cada opinião apresenta a

mesma dupla particularidade: enquanto é nova, gera intolerância para com qualquer outra que esteja em seu caminho (quando é tempo de sombrinhas vermelhas, as azuis ficam ‘impossíveis’ — mas algo de semelhante vale também para nossas convicções); a segunda particularidade das opiniões é que apesar de tudo acabam sendo abandonadas, espontaneamente e com a mesma certeza, quando deixam de ser novas. Eu disse uma vez que a realidade se anula. Isso também pode ser dito assim: quando a pessoa manifesta principalmente apenas opiniões, ele nunca se manifesta integralmente e com constância; mas, se nunca consegue se expressar integralmente, ela o tentará das mais diversas formas e com isso terá então uma história. Somente por fraqueza ela a terá, portanto; assim me parece, embora os historiadores, como é compreensível, considerem a capacidade de fazer história uma distinção especial!”

Ulrich parecia ter-se desviado, mas prosseguiu nessa direção: “Pelo visto, é essa a razão por que eu hoje tenho de anotar: a história, os acontecimentos, até a arte, surgem... de uma falta de felicidade. Mas tal falta não deriva das circunstâncias que nos impediriam de atingir a felicidade, e sim de nosso próprio sentimento. Este constitui a viga cruzada da dupla qualidade: não tolera qualquer outro a seu lado e não é ele próprio persistente. Dessa forma, tudo a que ele está ligado ganha a aparência de validade eterna, e, apesar disso, todos nós procuramos abandonar as criações de nosso sentimento e mudar as opiniões que neles se expressam. Pois um sentimento se transforma a partir do momento em que perdura; não possui constância e identidade; precisa ser consumado de novo. Sentimentos não são apenas mutáveis e inconstantes — como, aliás, são considerados —, mas tornar-se-iam cabalmente assim no momento exato em que deixassem de sê-lo. Tornam-se falsos quando duram. Precisam surgir sempre de novo, caso devam permanecer, e, mesmo assim, serão outros. Uma ira que durasse cinco dias não seria mais ira, mas perturbação mental; ela se transforma em perdão ou disposição para a vingança, e algo de semelhante acontece com todos os sentimentos.

Nosso sentimento procura esteio naquilo que configura, e por um tempo sempre o acha. Mas Ágata e eu sentimos no que nos rodeia o temor oculto, a tendência centrífuga do que se encontra junto, o desdito no dito, a peregrinação das paredes supostamente firmes; vemos e ouvimos isso de repente. Parece-nos uma aventura e duvidosa companhia viver ‘uma época’. Encontramo-nos na floresta mágica. E embora ainda não abarquemos e mal conheçamos ‘nosso’ sentimento, esse sentimento diferente, temos medo por ele e gostaríamos de retê-lo. Mas, como reter um sentimento? Como seria possível permanecer no mais alto degrau da felicidade, caso se consiga atingi-lo? No fundo, essa é a única questão que nos ocupa. Temos o pressentimento de um sentimento que escapa à efemeridade dos restantes. Encontra-se na corrente frente a nós como uma maravilhosa sombra imóvel. Mas, para perdurar, não teria de deter a marcha do mundo? Chego à conclusão de que não pode ser um sentimento no mesmo sentido dos outros.”

E de repente, Ulrich concluía: “Volto assim à questão: o amor é um sentimento? Creio que não. O amor é um êxtase. E para amar perenemente o mundo, para poder abarcar também o passado com o amor do Deus-Artista, o próprio Deus precisaria ficar num êxtase constante. Só como tal seria concebível...”

Aqui, ele interrompera essa anotação.

## GRANDES MUDANÇAS

Ulrich acompanhara pessoalmente o general com o intuito de descobrir o que este talvez apenas quisesse dizer a sós. Enquanto descia a escada com ele, esforçou-se a princípio por dar-lhe uma explicação inofensiva para seu afastamento de Diotima e dos outros, de forma que a verdade ficasse de fora. Mas Stumm não se deu por satisfeito e perguntou:

— Alguém o ofendeu?

— De jeito nenhum.

— Então, você não tem o direito de fazer isso! — replicou o outro com firmeza.

Mas as transformações no seio da Ação Paralela, de que nem suspeitara em seu isolamento do mundo, deram ânimo a Ulrich, como se numa sala quente uma janela tivesse sido aberta, e ele prosseguiu:

— Mesmo assim, eu gostaria de saber o que está realmente acontecendo. Depois que você achou por bem abrir-me os olhos pela metade, terá a gentileza de terminar o serviço!

Stumm parou, apoiando a espada sobre a escada de pedra, e ergueu o olhar para o rosto do amigo; um grande gesto, tanto mais longo por encontrar-se Ulrich um degrau acima.

— Com o maior prazer — disse. — Foi com esse propósito que vim!

— Quem está trabalhando contra Leinsdorf? — começou Ulrich calmamente o interrogatório. — Tuzzi e Diotima? Ou o Ministério da Guerra com você e Arnheim...?

— Caro amigo, que erro abissal! — interrompeu-o Stumm. — E não vê a simples verdade diante do nariz, o que, aliás, parece ser o caso de todos os intelectuais! Antes de tudo, peço que se convença: foi só por cortesia desinteressada que transmiti o desejo de Leinsdorf de que o procure e a Diotima...

— Palavra de oficial?

O general ficou de bom humor.

— Lembrando a honra espartana de minha profissão, você conjura o perigo de que realmente lhe diga uma mentira, pois uma incumbência superior poderia me obrigar a tanto. Prefiro dar-lhe minha palavra de honra pessoal — disse ele, muito digno, e continuou explicando: — Pretendo até confiar-lhe que nos últimos tempos me sinto por vezes impelido a refletir sobre essas dificuldades; tenho mentido com a satisfação de um porco fuçando no lixo. — De repente, voltou-se de corpo inteiro para o amigo no degrau de cima e acrescentou a pergunta: — Como se explica que mentir seja tão agradável, desde que se tenha uma desculpa? Em comparação, dizer simplesmente a verdade parece estéril e irrefletido. Se você pudesse esclarecer esse ponto, seria uma das razões por que vim procurá-lo.

— Mas, então, me diga sinceramente o que está ocorrendo — exigiu Ulrich, inflexível.

— Com toda a sinceridade, e, aliás, é muito simples: não sei! — afirmou Stumm.

— Mas você não tem uma incumbência? — sondou Ulrich. O general respondeu:

— Apesar de você ter desaparecido de forma tão pouco amistosa, eu passei por cima do cadáver de meu amor-próprio para vir transmitir-lhe o recado. Incumbência parcial. Uma incumbenzinha! Eu agora sou uma pequena engrenagem, um fiozinho. Uma miniatura de Cupido, a quem deixaram uma única seta...! — Ulrich observava a figura roliça de botões dourados. Stumm estava sem dúvida mais independente; nem esperou a réplica de Ulrich, pondo-se em movimento em direção à saída, no que a espada tilintava a cada degrau. Lá embaixo, no saguão que se erguia numa abóbada em torno deles, virou a cabeça, falando por sobre o ombro, sem ligar para o ambiente aristocrático que sempre lhe incutira respeito pelo dono da casa: — Pelo visto, você ainda não entendeu de todo que a Ação Paralela não é mais um empreendimento particular e familiar, e sim um assunto de Estado de dimensões internacionais!

— Então é o Ministro quem a está dirigindo agora? — redargüiu Ulrich.

— É provável.

— E, com isso, Tuzzi?

— Pode-se supor, mas eu não sei — acrescentou Stumm rapidamente. — E, é claro, ele também faz de conta que não sabe de nada! Você o conhece: esses diplomatas se fingem de ignorantes até mesmo quando o são realmente!

Atravessaram a porta, e a carruagem se aproximou.

De repente, Stumm se dirigiu a Ulrich com intimidade, numa súplica engraçada:

— Exatamente por isso, você deveria voltar à casa deles, nós teríamos então uma espécie de pessoa de confiança lá dentro!

Ulrich sorriu dessa trama, e pôs-lhe o braço em torno dos ombros; Diotima lhe veio à memória.

— Que anda ela fazendo? — perguntou. — Já reconheceu Tuzzi como homem?

— O que ela faz? — replicou o general, aborrecido. — Faz cara de irritação! — E acrescentou com benevolência: — Para quem a conhece, chega a ser comovente. O Ministério da Educação mal lhe deixa outras tarefas além de decidir se o grupo patriótico *Apfelstrudel* deve participar do desfile, ou o grupo Salsichas Tipo Viena...

Desconfiado, Ulrich o interrompeu.

— Agora você está falando do Ministério da Educação, mas acabou de contar que o Ministério do Exterior se apropriou da Ação!

— Quem sabe, porém, se o *Apfelstrudel* não é assunto do Ministério do Interior. Ou do Ministério do Comércio. Quem pode sabê-lo de antemão? — explicou Stumm. — Como um todo, o Congresso Mundial da Paz pertence sem dúvida ao Ministério do Exterior, caso não pertença às duas presidências do Conselho de Ministros.

Ulrich voltou a interrompê-lo:

— E o Ministério da Guerra não passa pela sua cabeça?

— Não seja desconfiado! — pediu Stumm serenamente. — É claro que também o Ministério da Guerra se ocupa vivamente de um Congresso Mundial da Paz. Eu diria que a atração não é menor que a da Secretaria de Polícia por um congresso anarquista internacional. Mas você sabe como são esses ministérios civis: não querem abrir o menor lugarzinho para nós!



— E aí...? — perguntou Ulrich, pois continuava suspeitando da inocência de Stumm.

— É só isso! — assegurou este. — Você está precipitando as coisas! Quando um assunto perigoso diz respeito a diversos ministérios, ou bem um tenta empurrá-lo para o outro, ou tomá-lo do outro. Em ambos os casos, o resultado desses esforços é a criação de uma comissão interministerial. Basta você recordar quantas comissões e subcomissões foi inicialmente preciso criar na Ação Paralela, e isso quando Diotima ainda dispunha de toda a sua energia; e eu posso assegurar que nosso finado concílio era uma brincadeira em comparação com os trabalhos de hoje!

A carruagem esperava, o cocheiro sentado na boléia em posição de sentido, mas Stumm olhava indeciso através do veículo aberto para o jardim coberto de verde-claro.

— Será que você pode me dizer uma palavra pouco conhecida com “inter”? — pediu, e enumerou em seguida, balançando a cabeça para ajudar: — Conheço interessado, interministerial, internacional, intercorrente, intermediário, interpelação, interditado, interno e algumas outras. No bufê do estado-maior, está mais fácil ouvi-las do que a palavra salsicha. Mas se eu aparecesse com uma palavra completamente nova, poderia causar sensação!

Ulrich dirigiu os pensamentos do general de volta para Diotima. Parecia-lhe claro que a direção suprema estivesse agora com o Ministério do Exterior, e daí decorria provavelmente que as rédeas se encontrassem nas mãos de Tuzzi: mas então, como era possível que outro ministério magoasse a esposa do potentado? A essa pergunta, Stumm deu sombriamente de ombros.

— Você ainda não se imbuíu de que a Ação Paralela é agora um assunto de Estado! — respondeu ele, acrescentando espontaneamente: — Tuzzi é mais esperto do que pensávamos. Ele próprio jamais poderia fazer isso com ela, mas a técnica interministerial permitiu que entregasse a mulher a outro ministério!

Ulrich riu baixinho. Ouvindo essa notícia dita de modo um tanto estranho, conseguia imaginar vividamente o casal: Diotima, impressionante — um gerador de luz, nas palavras de Ágata —, e o subsecretário, magro, mais baixo, pelo qual sentia uma simpatia inexplicável, embora soubesse do menosprezo que o outro lhe votava. Por medo às noites de luar da alma, sentia-se atraído pela mentalidade sensata daquele homem de uma segura tão masculina, que lembrava uma caixa de charutos vazia. Entretanto, os sofrimentos da alma, ao desabarem sobre o diplomata, tinham-no levado a ver em tudo e por tudo apenas maquinações pacifistas; pois pacifismo era para Tuzzi a mais palpável expressão de sentimentalismo da alma! Ulrich recordou que ele acabara considerando o interesse de Arnheim pelas jazidas de petróleo, que se tornara notório, e até mesmo por sua bela esposa, como mera manobra destinada a desviar a atenção de um plano secreto de natureza pacifista: a tal ponto Tuzzi se deixara perturbar pelos acontecimentos em sua casa! Devia ter sofrido tremendamente, e isso era compreensível: a paixão espiritual com que se viu inesperadamente defrontado não feria apenas seu conceito de honra, como teria sido o caso diante de um adultério carnal, mas atingia e espezinhava diretamente a capacidade de conceituar, que, em homens mais velhos, constitui o verdadeiro asilo da dignidade masculina.

Ulrich se divertia, e prosseguiu em voz alta seus pensamentos:

— É claro que bastou a Ação Paralela da esposa tornar-se objeto de chacota pública, para que Tuzzi recobrasse inteiramente o perdido tino burocrático que com-

pete a um alto funcionário. Foi nesse ponto que ele, o mais tardar, descobriu de novo que no seio da História universal se passam mais coisas do que caberiam no seio de uma mulher, e esse Congresso Mundial da Paz de vocês, que surgiu misterioso como uma criança enjeitada, deve tê-lo despertado como um trovão! — Com rude satisfação, Ulrich imaginou aquele estado de torpor desvairado que deveria ter preexistido, e, em seguida, o despertar, que talvez nem se tivesse ligado a uma sensação de despertar; pois no momento em que as almas veladas de Arnheim e Diotima chegaram a conseqüências reais em sua caminhada, também Tuzzi, por seu turno, se libertou dos fantasmas, voltando ao reino das necessidades em que passara quase toda a vida.

— Será que ele agora vai destruir essa sociedade para a salvação do mundo e edificação da pátria que a mulher criou? Ela sempre foi um espinho em sua carne! — exclamou Ulrich, todo satisfeito, e voltou-se com ar perquiridor para o companheiro.

Stumm continuava de pé no portal, redondo e pensativo.

— Ao que eu saiba, ele explicou à mulher que ela devia a si mesma e à posição do marido conduzir a Ação Paralela a um fim honrado, tanto mais nas novas circunstâncias. Ela receberá uma distinção. Mas tem que se entregar à proteção e ao parecer do ministério que ele determinou — contou o general escrupulosamente.

— E com vocês, quero dizer, com o Ministério da Guerra e com Arnheim, ele selou a paz?

— Parece que sim. Dizem que, por causa do Congresso Mundial da Paz, ele apoiou junto ao governo uma rápida modernização de nossa artilharia e se entendeu com o Ministro da Guerra a respeito das conseqüências políticas. Dizem também que, com o auxílio dos partidos alemães, pretende impor no Parlamento as leis necessárias, sendo por isso favorável a uma linha alemã de política interna. Foi a própria Diotima quem me contou.

— Espere um momento! — interrompeu Ulrich. — Linha alemã? Esqueci tudo!

— É muito simples! Ele sempre dizia que tudo o que é alemão era uma desgraça para nós; agora, ele diz o contrário.

Ulrich observou que o subsecretário Tuzzi nunca se exprimia tão claramente.

— Diante da mulher, ele o faz — replicou Stumm. — E entre ela e eu existe uma espécie de destino solidário.

— Sim, e como vão as coisas entre ela e Arnheim? — perguntou Ulrich, de momento mais interessado em Diotima que nas preocupações governamentais. — Ele não precisa mais dela, e suponho que a alma dele esteja sofrendo com isso!

Stumm balançou a cabeça.

— Parece que também isso não é tão simples! — explicou, suspirando. Respondera até então conscienciosamente, mas sem maior interesse, e, talvez

por isso mesmo, as respostas tinham sido relativamente sensatas. Mas desde que Diotima e Arnheim foram mencionados, dava a impressão de querer desabafar outra coisa, mais importante, em sua opinião, que o retorno de Tuzzi a si mesmo.

— Já há muito tempo é de acreditar que Arnheim não quer mais nada com ela. Mas trata-se de grandes almas! Talvez você também entenda do assunto, de qualquer forma, são grandes almas! Não se pode dizer: entre eles houve algo, ou: nada houve entre eles. Continuam falando como antigamente, só que, agora, se tem a impressão de que não há mesmo nada entre eles: vivem pronunciando apenas palavras derradeiras, por assim dizer.

Ulrich lembrou-se do que Bonadéia, como prática do amor, lhe contara sobre a teórica Diotima, e confrontou Stumm com a expressão mais fria, que este próprio usara ao dizer que Diotima era um compêndio do amor. O general sorriu, pensativo.

— Talvez não julguemos com a imparcialidade necessária — principiou, cauteloso. — Quero adiantar que, antes dela, nunca ouvira uma mulher falar daquele jeito; quando ela começa com o assunto, parece que meu corpo fica coberto por sacos de gelo. Aliás, em parte, isso já passou de novo; mas quando lhe vem à cabeça, ela ainda hoje fala desse Congresso Mundial da Paz, por exemplo, como de uma “experiência humana de panerotismo”, e então eu me sinto simplesmente subjugado por tanta inteligência. Mas — e usou de uma pausa para sublinhar o significado das palavras que viriam — isso deve corresponder a uma necessidade, a uma dessas chamadas características de nosso tempo, pois no próprio Ministério da Guerra começam a falar desse jeito. Desde que o tal do congresso apareceu, você pode ouvir oficiais do estado-maior falando de amor à paz e humanitarismo como se falassem de metralhadoras modelo 7 ou ambulâncias modelo 82! É de embrulhar o estômago!

— Foi por isso que você há pouco disse ser um desiludido especialista do amor? — perguntou Ulrich.

— Sim, meu caro. Precisa me desculpar, mas não agüentei, ouvindo até você falar com tanta parcialidade. Profissionalmente, porém, tudo isso me traz grande proveito!

— E onde ficou seu entusiasmo pela Ação Paralela, pela homenagem às grandes idéias e tudo o mais? — sondou, curioso, Ulrich.

— Mesmo uma mulher com a experiência de sua prima já está farta de cultura — foi a resposta do general. — Refiro-me à cultura como valor em si. Além do mais, nem a maior idéia nos livra de uma bofetada!

— Mas pode fazer com que o outro receba a próxima bofetada!

— Isso é certo! — concordou Stumm. — Mas somente se você servir-se do espírito, ao invés de servi-lo desinteressadamente! — Ergueu então um olhar curioso até Ulrich, para saborear o efeito de suas próximas palavras, e acrescentou, baixando a voz na segura expectativa do sucesso: — Mas mesmo que eu quisesse, não poderia mais: fui posto de lado!

— Meus respeitos! — exclamou Ulrich em reconhecimento involuntário da inteligência da administração militar. Seguiu, entretanto, outra idéia e disse rapidamente: — Foi coisa do Tuzzi!

— De jeito nenhum! — asseverou Stumm com convicção.

A conversa se desenrolara até então nas proximidades da porta, e, além dos dois homens, havia um terceiro participante, que aguardava a conclusão olhando tão inerte para a frente, que, para ele, o mundo terminava entre dois pares de orelhas de cavalo. Apenas suas mãos, enfiadas em luvas de pano branco, se mexiam, dissimuladas, imprimindo às rédeas um ritmo irregular para apaziguar os cavalos que, menos aptos que os homens à disciplina militar, estavam cada vez mais fartos com a espera e puxavam impacientes os arreios. Finalmente, o general deu a esse homem a ordem de conduzir a carruagem até a saída, mantendo os cavalos em movimento até que ele subisse, e convidou Ulrich a acompanhá-lo através do jardim, para poder lhe confiar os acontecimentos um depois do outro, sem que ninguém os ouvisse.

Ulrich, porém, pensava ver claramente o essencial e, a princípio, não deixou o general abrir a boca.

— Tanto faz se Tuzzi tirou você do jogo ou não — explicou —, pois, me desculpe, mas nessa história você é uma figura secundária. O essencial é que, praticamente no mesmo momento em que o congresso lhe deu o que pensar, fazendo com que passasse a temer uma verdadeira provação, ele conseguiu simplificar com extrema rapidez tanto a situação política quanto sua situação pessoal. Procedeu como um capitão ao prenúncio de uma terrível tempestade, que não se deixa influenciar pelo aspecto sonhador do mar. Aliou-se então a tudo que o contrariava, Arnheim, a política militar de vocês, a linha alemã; e também teria se aliado aos esforços da mulher, se, dadas as circunstâncias, não fosse mais proveitoso liquidá-los. Não sei como dizer. Será que é porque a vida fica mais fácil quando não ligamos para sentimentos, mantendo simplesmente nossa rota; ou será que é um prazer maligno levar em conta os sentimentos, em vez de sofrer com eles? Parece que estou até sentindo a alegria do Diabo, quando joga um punhado de sal na ambrosia da vida!

O general não cabia em si de satisfação.

— Pois foi isso o que eu disse logo de saída! — exclamou. — É certo que só falei de mentiras, mas todas as manifestações de uma autêntica mentalidade pérfida são excitantes! Até o Leinsdorf, por exemplo, retomou sua preferência pela *realpolitik*, vive dizendo: *realpolitik* é o contrário do que gostaríamos de fazer!

— O essencial — prosseguiu Ulrich — é que, antes, Tuzzi se deixou perturbar pelo que Diotima e Arnheim falavam entre si, enquanto que isso hoje só pode deixá-lo contente, pois a loquacidade de pessoas que não conseguem esconder seus sentimentos fornece toda sorte de indícios a terceiros. Não precisa mais escutar com o ouvido interior, no que fracassava, basta o exterior, e a diferença é quase igual a engolir ou matar uma cobra repugnante.

— Como? — perguntou Stumm.

— Engolir ou matar!

— Não, essa história com o ouvido!?

— Eu quis dizer que ele teve a felicidade de retornar do íntimo para a superfície dos sentimentos. Mas talvez você não possa compreender, é só uma idéia minha.

— Não, você o disse muito bem! — assegurou Stumm. — Mas por que tomamos outros como exemplo? Diotima e Arnheim são grandes almas, e, já por essa razão, isso nunca vai poder dar certo!

Perambulavam por um caminho do jardim, mas ainda não tinham ido longe; o general parou:

— Também o que aconteceu comigo não foi mera questão de farda! — comunicou ao amigo, pelo qual tinha admiração.

Ulrich reconheceu que não deixara o general tomar a palavra, e desculpou-se.

— Não foi Tuzzi quem o derrubou? — perguntou polidamente.

— Talvez um general tropece num ministro civil, mas nunca num subsecretário civil — explicou Stumm com orgulho e objetividade. — Acho que tropecei numa idéia! — e, com isso, começou a contar sua história.

## PARA SEU DESPRAZER, ÁGATA ENCONTRA UM RESUMO HISTÓRICO DA PSICOLOGIA DOS SENTIMENTOS

Enquanto isso, Ágata se deparara com uma nova sequência de páginas onde o irmão prosseguira suas anotações, embora de forma bem diferente. Ele parecia agora querer descobrir o que é um sentimento, mas de um ponto de vista conceitual e com estilo muito seco. Devia ter recapitulado uma porção de coisas na memória, ou as lido especialmente, pois os papéis estavam cobertos de notas referentes em parte à história, em parte à análise do conceito de sentimento, e o conjunto constituía uma coleção de fragmentos cuja ligação interna não era reconhecível à primeira vista.

Uma indicação inicial de seus prováveis motivos foi encontrada por Ágata antes do começo do texto, onde estava escrito na margem: “questão de sensibilidade”; pois lembrou-se então da conversa que ela e o irmão tinham travado a respeito em casa da prima, com aquelas oscilações que revelavam o fundo da alma. E se se quisesse saber o que era questão de sensibilidade, seria mal ou bem preciso perguntar também o que era sentimento, ela entendia.

Isso serviu-lhe de guia, pois os manuscritos começavam dizendo que tudo o que se passava entre as pessoas tinha sua origem ou bem em sentimentos, ou bem na privação de sentimentos. Dito isso, toda a interminável literatura que se ocupava do assunto não permitia chegar-se a uma resposta segura para a questão do que é um sentimento; nem mesmo os trabalhos mais recentes, que Ulrich considerava verdadeiros progressos, dispensavam uma razoável dose de boa-fé. Tanto quanto Ágata podia verificar, ele não levava em consideração a psicanálise, o que a princípio a espantou, pois, como toda pessoa dada à leitura, também ela ouvira mais sobre a psicanálise do que sobre o resto da psicologia; mas Ulrich afirmava não deixá-la de lado por negar os méritos dessa importante teoria, tão cheia de novos conceitos e que nos ensinara a entender tanta coisa que, em tempos anteriores, fora experiência particular e sem lei, e sim porque, exatamente naquilo que ele pretendia, a especificidade da psicanálise não se faria valer como ela merecia dadas as suas pretensões de fato nada modestas. Designava como seu propósito comparar entre si as principais respostas existentes para a questão do que é sentimento, e prosseguia dizendo que, no fim das contas, podiam-se distinguir apenas três, sendo que, aliás, nenhuma delas era tão abrangente que chegasse a excluir inteiramente as outras.

Vinham então as anotações seguintes, que deviam concretizar seu intento: “A mais antiga teorização, ainda hoje bastante influente, parte da convicção de que se deve distinguir nitidamente entre o estado de sentir, suas causas e seus efeitos; pois, por sentimento, ela entende um gênero de vivências interiores que se diferencia fundamentalmente dos outros gêneros, que, segundo ela, seriam sensação, pensamento e vontade. Essa concepção é popular e de velhíssima tradição, e parece lógico considerar o sentimento como um estado; na realidade, isso não é necessário, mas acontece pela impressão que causa sobre nós percebermos que em cada instante de sentimento, e em meio à sua movimentada transformação, não apenas distinguimos que sentimos, mas também o experimentamos como algo de aparentemente estável, percebendo que permanecemos no estado de um sentimento.

A teorização mais recente parte pelo contrário da observação de que o sentir está intimamente ligado ao agir e à expressão; daí decorre tanto ela tender a considerar o sentimento como um processo, quanto o fato de não dirigir o olhar apenas para o sentir, e sim encará-lo como uma totalidade, em conjunto com suas manifestações e origens. Surgiu inicialmente na fisiologia e biologia, e seus esforços estavam originalmente voltados para uma explicação fisiológica dos processos anímicos, ou, com maior ênfase, para a totalidade do corpo, que sofre também fenômenos anímicos. O resultado pode ser resumido como segunda resposta principal à questão da natureza do sentimento.

As mais recentes análises psicológicas do sentimento também se diferenciam das mais antigas por voltarem sua sede de saber para o todo em lugar do elemento e para a realidade em lugar do conceito preestabelecido, mas é claro que suas intenções e idéias mestras foram tomadas de sua própria ciência. Com isso, fornecem uma terceira resposta para a questão do que é sentimento, baseada nas outras, mas, ao mesmo tempo, independente. Essa terceira resposta não mais cabe, entretanto, numa retrospectiva, pois com ela se introduz a teorização que atualmente se desenvolve ou parece possível.

Como, há pouco, mencionei a questão de saber se o sentimento é um estado ou processo, quero acrescentar que, na verdade, essa questão quase não teve importância alguma na evolução a que aludi, excetuando-se a de uma fraqueza comum a todas as concepções e talvez não inteiramente negligenciável. Caso eu, como parece compreensível segundo a moda antiga, conceba um sentimento como algo de constante, que atua para fora e para dentro, sofrendo também as reações de ambos os lados, não tenho, visivelmente, apenas *um* sentimento diante de mim, mas um número indefinido de sentimentos sucessivos. A língua raramente usa o plural para esses subgêneros de um sentimento, não se sentem invejas, cóleras, despeitos, para ela trata-se de variações de um sentimento em diversas manifestações ou estados de seu desenvolvimento; mas, sem dúvida, tanto uma seqüência de estados quanto de sentimentos indicam um processo. Se, porém — o que estaria em concordância com isso e parece também mais próximo da concepção atual —, acreditamos estar diante de um processo, fica difícil determinar o que seria então ‘propriamente’ um sentimento, bem como o ponto onde algo deixa de fazer parte dele mesmo, passando a pertencer a suas causas, conseqüências ou séquito de acompanhantes. Voltarei mais tarde a esse problema, pois um tal dilema na resposta costuma denunciar um erro na pergunta; e, na minha opinião, ficará evidente que a questão estado ou processo é no fundo uma questão ilusória, atrás da qual outra se esconde. Que ela fique, assim, grifada, por amor a essa possibilidade sobre a qual não posso decidir.”

“Prossigo, agora, acompanhando a teoria original do sentimento, que distingue quatro ações principais ou estados fundamentais da alma. Ela remonta à antigüidade e constitui provavelmente um paralelo não relegado da opinião segundo a qual o mundo dos corpos se compõe dos quatro elementos: fogo, água, ar e terra. Mesmo assim, ainda hoje se fala com freqüência de quatro classes particulares e reciprocamente irreduzíveis de elementos da consciência, e, na classe dos sentimentos, ‘prazer’ e ‘desprazer’ ocupam habitualmente uma posição privilegiada, pois são considerados os únicos sentimentos, ou, pelo menos, os únicos sentimentos não misturados a nada mais. Na verdade, talvez nem mesmo sejam sentimentos, mas apenas uma colo-

ração ou tonalidade destes, na qual perdura a diferença originária entre atração e fuga, e provavelmente também a oposição entre êxito e fracasso, bem como outros contrastes da conduta de vida, originalmente tão simétrica. A vida exitosa é prazerosa: bem antes de Nietzsche e de nossa época, já Aristóteles o sabia. E Kant disse: 'Prazer é o sentimento do progresso, dor o de um obstáculo da vida.' E Spinoza chamou o prazer de 'transição do homem de uma menor para uma maior perfeição'. Ele, o prazer, sempre gozou dessa fama um tanto exagerada de derradeira explicação (e não por último junto àqueles que o consideram ilusão!).

Isso chega a atingir uma dimensão deveras engraçada no caso de certos pensadores, não dos maiores, mas imbuídos de uma paixão suspeita. Reproduzo aqui uma bela passagem de um tratado contemporâneo, da qual não gostaria de esquecer uma só palavra: 'Nada parece mais heterogêneo do que, por exemplo, a alegria pela resolução elegante de um problema matemático e a alegria por um bom almoço! E, no entanto, ambas são uma e a mesma coisa, ou seja, prazer!' Acrescento ainda um trecho de uma sentença de tribunal proferida de fato há poucos dias: 'A indenização serve ao propósito de dar ao lesado a possibilidade de sentimentos de prazer que correspondam à sua situação habitual, contrabalançando os sentimentos de desprazer causados pela lesão e suas conseqüências. Aplicada ao caso concreto, resulta daí, já pela variedade limitada de sentimentos de prazer correspondentes à idade de dois anos e três meses, e pela fácil obtenção dos meios para tanto necessários, que a indenização requerida é alta demais.' A clareza penetrante que se manifesta em ambos os exemplos permite observarmos respeitosamente que prazer e desprazer perdurarão ainda por longo tempo como o bê-a-bá da teoria do sentimento."

"Continuando minha recapitulação, verifico que essa teoria que pesa cuidadosamente prazer e desprazer entende por 'sentimentos mistos' a 'ligação do elemento prazer e desprazer com outros elementos da consciência', referindo-se com isso à tristeza, serenidade, aborrecimento e outras coisas de tanto valor para um leigo, que ele gostaria de saber mais a respeito do que um simples nome. 'Estados de espírito gerais', como vivacidade ou depressão, 'nos quais predominam sentimentos mistos de igual espécie' *são* por ela denominados 'unidade de um estado de sentimento'. Ela chama de 'afeto' um estado de sentimento que se manifesta 'violento e repentino', e, sendo ainda por cima 'crônico', ela o chama de 'paixão'. Caso teorias tivessem moral, a moral dessa teoria poderia ser expressada mais ou menos com as palavras: comece com pequenos passos, assim poderás mais tarde dar grandes saltos!"

"Em tais diferenciações como: se há apenas prazer e desprazer, ou, talvez, diversos prazeres e desprazeres; se, ao lado de prazer e desprazer, não há ainda outras oposições fundamentais e se, por exemplo, desenlace e tensão seria uma delas (isso tem um título solene: teoria singularista e pluralista); se um sentimento pode transformar-se, e se, em se transformando, já seria outro sentimento; se um sentimento, caso consista em uma série de sentimentos, está para estes como o conceito de gênero para o de suas espécies, ou como o efeito para suas causas; se os estados que um sentimento atravessa, supondo que ele próprio seja um estado, são estados de um estado ou estados diversos e, com isso, sentimentos diversos; se um sentimento pode causar uma autotransformação por intermédio das ações e pensamentos que ocasiona, ou se, nesse discurso sobre a 'atuação' de um sentimento, há algo de impróprio e dito

não muito a sério, como se se dissesse que a laminação de uma chapa ‘causa’ seu adelgaçamento, ou uma extensão das nuvens o encobrimento do céu: nessas diferenciações, a psicologia tradicional chegou a muitos resultados que não devem ser subestimados. Todavia, poder-se-ia então perguntar também se o amor é uma ‘substância’ ou uma ‘qualidade’, e, levando-o em consideração, qual a importância da ‘heccidade’ e ‘qüidade’; mas será que jamais estaremos seguros de não precisar repetir essa pergunta?”

“Todas essas questões contêm um sentido de ordem altamente útil, embora, considerando a natureza imparcial do sentimento, ele pareça um tanto ridículo, e, considerando como os sentimentos determinam nossa ação, pouco nos possa ajudar. Esse sentido de ordem lógico-gramatical, equipado com centenas de gavetas e rótulos como uma farmácia, constitui um resto da visão medieval, aristotélico-escolástica, da natureza, cuja lógica grandiosa ruiu não tanto pelas experiências feitas com ela, e sim pelas feitas sem ela. A culpa principal cabe ao desenvolvimento das ciências da natureza, com sua nova inteligência, que preteriu a questão da necessidade lógica em favor da questão do que é real; e cabe também não menos à desgraça de a natureza, ao que parece, ter apenas esperado por uma tal falta de filosofia para deixar-se descobrir, tendo respondido com uma disponibilidade que ainda está longe de ter-se esgotado. Apesar disso, enquanto esse desenvolvimento não produzir o novo ovo cósmico filosófico, ainda hoje continua sendo útil dar-lhe as cascas do velho para comer, como se faz com galinhas poedeiras. E isso vale particularmente para a psicologia do sentimento. Pois em sua veste lógica fechada ela foi afinal completamente infrutífera, mas, com respeito às psicologias do sentimento que se seguiram, pode-se infelizmente afirmar o contrário, já que, considerando-se essa relação entre manto lógico e fecundidade, elas se portaram quase como *sans-culottes*, pelo menos nos belos anos da juventude!”

“Que devo rememorar dessa introdução, para deleite e benefício mais geral? Principalmente o seguinte: essa psicologia mais recente começou com a compaixão solícita que a faculdade médica sempre dedicou à filosófica, e ela liquidou a psicologia dos sentimentos mais antiga ao deixar de falar de sentimentos, passando a empregar o vocabulário das ciências naturais: ‘instintos’, ‘ações instintivas’ e ‘afetos’. (Isso não quer dizer que tenha sido uma novidade falar do homem como ser dominado por instintos e afetos, mas transformou-se em nova medicina na medida em que ele passou a ser encarado apenas como isso.)

A vantagem consistia na perspectiva de reduzir o comportamento humano de índole mais elevada ao comportamento de índole geral, que parte de premências naturais como a fome, o sexo, a perseguição e outros estados fundamentais da vida, aos quais a alma se encontra adaptada. Fenômenos assim determinados chamam-se ‘atos instintivos’, surgindo sem intenção ou reflexão logo que se faz valer um estímulo do grupo correspondente, e sendo executados de modo semelhante por todos os animais de um mesmo gênero, muitas vezes também pelo animal e o homem. A predisposição hereditária para tanto, pessoal, mas quase imutável, chama-se ‘instinto’; e com a denominação ‘afeto’ liga-se, nesse contexto, habitualmente uma opinião difusa que o considera a vivência ou a parte vivida do ato instintivo e dos instintos postos em ação.



Com ou sem estardalhaço, parte-se em geral também do pressuposto de que todas as ações humanas são instintivas, ou constituem ligações entre estas, e de que todos os nossos sentimentos são afetos, ou partes, ou ainda combinações de afetos. Folheeí hoje diversos tratados de psicologia médica para refrescar a memória, mas não encontrei sequer uma vez a palavra sentimento em qualquer índice, e não deixa de ser uma notável particularidade de uma psicologia do sentimento que nela não se encontre sentimento algum!”

“A tal ponto predomina ainda hoje, em certos círculos, a intenção mais ou menos explícita de substituir a improdutiva visão espiritual da alma por conceitos das ciências naturais, de preferência palpáveis ao extremo! E assim como a princípio ter-se-ia preferido que os sentimentos nada mais fossem que sensações nas vísceras e articulações, e ulteriormente surgiram afirmações como a de que o medo consistiria em atividade cardíaca acelerada e respiração pouco profunda, ou que o pensamento seria uma fala interior, portanto, na realidade um estímulo da laringe, assim também, hoje, goza de prestígio e honra a intenção mais refinada de reduzir toda a vida íntima a arcos reflexos e similares, sendo, por exemplo, considerada por uma grande escola de sucesso como a única tarefa admissível para a explicação da alma.

E mesmo que o objetivo científico seja uma cimentação ampla, se possível rigorosamente automática, no reino natural, transparece igualmente um singular excesso que se pode expressar mais ou menos com a seguinte frase: o que está baixo, está firme. A superação da filosofia teológica da natureza foi acompanhada por uma euforia de negação, por uma ‘especulação na queda dos valores humanos’. O homem preferiu se considerar um fio na trama do tecido universal, em lugar de um fio que se ergue sobre esse tapete; e é compreensível que a alma, ao entrar com o estardalhaço de retardatária nos anos materialistas da adolescência, tenha sido contagiada por um desejo diabólico e degradante de ausência de alma. Mais tarde, isso lhe foi sacristã-mente levado a mal por todos os pios inimigos do pensamento científico, mas em sua essência mais recôndita tratou-se apenas de um benigno romantismo sombrio, de uma mágoa do amor infantil por Deus e, assim, também por Sua imagem, mágoa que ainda hoje repercute inconscientemente nos maus-tratos sofridos por esta.”

“Mas é um perigo a origem de certas idéias cair no esquecimento sem que isso seja notado. Esse esquecimento imprimiu a muita coisa um caráter de certeza inocente, que perdurou assim na psicologia médica, acarretando aqui e ali uma situação de desleixo, que atinge os próprios conceitos fundamentais, particularmente os de instinto, afeto e ação instintiva. Já a questão do que é instinto, e quais, ou quantos, existem, recebeu as mais variadas respostas, ainda por cima sem a menor hesitação. Pude ler uma descrição que distinguia os ‘grupos de instintos’ da alimentação, sexualidade e proteção diante do perigo; outra, que cotejei com a primeira, enumerava um instinto vital, um instinto de prestígio e outros cinco; a psicanálise, que, diga-se de passagem, também poderia ser considerada uma psicologia do instinto, pareceu por longo tempo conhecer apenas um; e assim por diante. A relação entre ação instintiva e afeto foi definida com diferenças não menores, mesmo havendo habitualmente concordância na afirmação de que o afeto é a ‘vivência’ da ação instintiva; mas se a ação instintiva é vivida integralmente como afeto, portanto também o comportamento exterior, ou apenas o que acontece interiormente, ou parcelas disso, ou ainda parcelas

do processo exterior e interior numa ligação particular — a tal respeito as opiniões divergem, ora afirma-se uma coisa, ora outra, e, às vezes, ambas ao mesmo tempo. Nem mesmo o que transcrevi acima de memória, sem fazer restrições, ou seja, que uma ação instintiva ocorre ‘sem intenção e reflexão’, é ponto pacífico.”

“Não é, portanto, de espantar que, por trás das explicações psicológicas para nosso comportamento, acabe muitas vezes transparecendo apenas a idéia familiar de que nos deixamos guiar por cadeias de reflexos, secreções e segredos do corpo porque procuramos o prazer e evitamos o desprazer. E isso não se restringe à psicologia, também na teoria geral da vida e até mesmo na economia política, em suma, sempre que se pretende fundamentar um comportamento, prazer e desprazer continuam representando esse papel, dois sentimentos tão precários, que mal se poderia imaginar algo de mais simples. A satisfação dos instintos, pensamento muito mais abrangente, provavelmente poderia enriquecer o quadro, mas o velho hábito tem tal força, que se chega a ler por vezes que os instintos procuram satisfação porque esta é prazer, o que significa mais ou menos o mesmo que considerar a descarga como parte propulsora de um motor!”

Dessa forma, Ulrich veio por fim a falar também da simplicidade, embora não deixasse de ser uma digressão.

“Qual é a graça, a tentação especial, que leva o espírito a acreditar dever reduzir o mundo dos sentimentos a prazer e desprazer, ou aos processos fisiológicos mais simples? Por que atribui a um dado psicológico um valor tanto maior quanto mais simples este for? Por que atribui maior valor a um dado químico-fisiológico do que a um dado psicológico, e, por fim, atribui valor insuperável à redução a um movimento de átomos físicos? É raro isso ocorrer por motivos racionais, dá-se antes de forma semiconsciente, mas, seja como for, trata-se de um preconceito habitualmente eficaz. Em que se apóia, portanto, essa crença de que o segredo da natureza tem de ser simples?

Primeiro, é preciso distinguir duas coisas. A decomposição do complexo em elementos simples e pequenos constitui no dia-a-dia um hábito justificado como útil pela experiência; o dia-a-dia nos ensina a dançar ensinando-nos os passos, e que compreendemos melhor uma coisa depois de desmontá-la e reaparafusá-la. A ciência, pelo contrário, só se utiliza da simplificação como etapa intermediária; o que parece exceção não escapa a isso. Pois, no fim, ela não reduz o complexo ao simples, e sim o particular de um caso isolado a leis de validade geral, que constituem seu objetivo e não se caracterizam tanto pela simplicidade, mas antes pelo fato de serem gerais e sintetizantes. É tão-somente através de sua aplicação, ou seja, de segunda mão, que elas simplificam a multiplicidade dos fatos.

E assim, a vida apresenta sempre duas simplicidades distintas: o que é simples de antemão e o que apenas *a posteriori* se torna simples o são em dois sentidos diferentes. O que é simples de antemão, seja lá o que for, em geral o é por falta de conteúdo e forma, e, portanto, é comumente também simplório, ou ainda não foi desvendado. Mas aquilo que se torna simples, seja um pensamento, um gesto ou mesmo a vontade, partilha e contém o poder da verdade e do saber prático, que subjuga a multiplicidade confusa. Essas duas simplicidades são comumente confundidas: isso acontece no discurso devoto sobre a simplicidade e inocência da natureza; acon-

tece na crença de que, em quaisquer circunstâncias, uma moralidade simples está mais próxima do eterno que uma complicada; acontece também na confusão entre vontade rude e vontade forte.”

Tendo chegado a esse ponto, Ágata julgou ouvir no cascalho do jardim os passos de Ulrich que voltava, e enfiou rapidamente as diversas folhas na gaveta. Quando, porém, se convenceu de que se enganara, ficando segura de que o irmão continuava no jardim, voltou a pegar os papéis e leu uma parte do que se seguia.

## OS DOSSIÊS “D” E “L”

Assim que o General Stumm von Bordwehr começou a contar no jardim por que acreditava ter tropeçado numa idéia, pôde-se constatar que ele narrava com a alegria proporcionada por um assunto cuidadosamente avaliado. Para início de conversa, recebera o esperado puxão de orelhas pela resolução impensada que obrigara o Ministro da Guerra a abandonar às corridas a casa de Diotima.

— Eu tinha previsto tudo! — afirmou Stumm, orgulhoso, acrescentando com maior modéstia: — Menos o que veio depois.

Apesar de todas as medidas tomadas, algo do penoso incidente transparecera nos jornais, voltando à tona quando das desordens de que foi vítima o Conde Leinsdorf. Como Stumm já insinuara em presença de Ágata, Sua Alteza regressava de suas fazendas na Boêmia, quando, numa cidade em que queria apanhar o trem expresso, seu carro ficou entre as duas frentes de um embate político; Stumm continuou contando o que sucedeu então:

— É claro que as desordens tinham sido organizadas por um motivo completamente diverso, por qualquer determinação do governo sobre o uso das línguas nacionais nas repartições públicas, ou outra coisa dessas, que já nos causaram aborrecimentos a mais não poder. E, de fato, os habitantes de língua alemã estavam simplesmente de um lado das ruas, vaiando os de outras línguas, que ficavam do outro lado gritando “vergonha” na direção dos alemães, e mais não teria acontecido. Mas o Leinsdorf é conhecido como pacificador, ele quer que os povos reunidos na Monarquia constituam uma nação, e vive dizendo isso. E você sabe muito bem, se me é permitido dizer aqui, onde ninguém está ouvindo, que dois cães costumam rosar, indecisos, um para o outro, se atracando, porém, no momento em que alguém quer acalmá-los. Assim que o Leinsdorf foi reconhecido, as emoções ferveram e as pessoas começaram a perguntar em coro, nas duas línguas: “Que foi feito da enquete para determinar os desejos dos círculos participantes da população, senhor Conde?” Em seguida, gritaram: “Para fora, você finge paz; dentro da própria casa, é um assassino!” Você se lembra daquela história que contam dele, que, há cem anos, quando ainda era mais moço, uma cocote teria morrido de noite em sua casa? Segundo consta, também era a isso que os manifestantes aludiam. E tudo por causa dessa resolução idiota de que devemos nos deixar matar por nossas idéias, mas não pelas alheias; por causa de

uma resolução que nem existe, portanto, pois eu impedi que fosse registrada em ata! Mas parece que correu de boca em boca, e, como nós não a deixamos passar, ficamos todos sob suspeita de querermos matar o povo! Uma coisa dessas é completamente irracional, mas tem lá a sua lógica!

Ulrich notou essa diferenciação.

O general deu de ombros.

— Ela remonta ao próprio Ministro da Guerra. Pois quando ele me chamou, depois do barulho na casa dos Tuzzi, começou logo dizendo: “Caro Stumm! Você não podia deixar as coisas chegarem a esse ponto!” Eu respondi a única coisa que me ocorreu, sobre o espírito da época, e que o espírito da época precisa se expressar, mas, por outro lado, também precisa de uma contenção: em suma, tentei demonstrar como é importante encontrar uma idéia atual e entusiasmar-se por ela, mesmo que, por enquanto, sejam ainda duas idéias contraditórias, uma provocando raiva na outra, de forma que é impossível saber a cada minuto o que vai acontecer. Mas ele replicou: “Stumm, você é um filósofo! Um general, porém, *precisa* saber! Quando você está conduzindo uma brigada a um combate, o inimigo também não lhe confia suas pretensões e sua força!” E em seguida ordenou que eu mantivesse definitivamente a maior reserva

Stumm interrompeu sua narrativa apenas para acumular nova reserva de oxigênio, prosseguindo então:

— Por isso, assim que veio ainda por cima essa história com o Leinsdorf, eu fui logo procurar pessoalmente o Ministro; eu previa que iriam mais uma vez pôr a culpa na Ação Paralela, e queria amenizar as coisas. “Excelência!”, comecei. “O que o povo fez lá foi irracional, mas isso era previsível, pois é sempre a mesma coisa. Por isso, num caso desses, eu não levo em conta a Razão, mas as paixões, fantasias, palavras de ordem e similares. Mas nem mesmo isso teria adiantado, pois Sua Alteza é um ancião teimoso e difícil de influenciar...” Foi mais ou menos isso o que eu disse, e o Ministro da Guerra ficou o tempo todo só ouvindo em silêncio e assentindo com a cabeça. Mas pode ser que ele próprio tenha esquecido as censuras que me fizera na vez anterior, pode ser, também, que estivesse de péssimo humor, pois o fato é que, de repente, replicou: “Você é mesmo um filósofo, Stumm! Não estou interessado nem em Sua Alteza, nem no povo; mas você ora fala de Razão, ora de lógica, como se fossem a mesmíssima coisa, e devo adverti-lo que não é a mesma coisa! Um paisano pode muito bem ser racional, mesmo sem precisar. Para defrontar-se com a Razão, porém, a lógica é necessária, e por isso eu exijo lógica de meus generais. O povo comum não tem lógica, mas precisa senti-la sobre si!” E, com isso, a entrevista chegou ao fim — concluiu Stumm von Bordwehr.

— Não estou entendendo minimamente, mas parece que, no fim das contas, seu segundo Comandante Supremo tem até sido benevolente com você -i- observou Ulrich.

Eles passeavam pelos caminhos do jardim, e Stumm deu alguns passos sem responder, parando então com tal violência, que o saibro chegou a ranger sob seus pés.

— Você não está entendendo? — exclamou, acrescentando: — A princípio, eu também não entendi. Mas aos poucos, descobri em toda a sua dimensão por que Sua Excelência o senhor Ministro da Guerra tem razão! E por que ele tem razão? — perguntou, implacável.

— Porque o Ministro da Guerra sempre tem razão. Caso haja

um escândalo em casa de Diótima, eu não posso ir embora antes dele, e também não posso vislumbrar o futuro da Boêmia; é irracional exigir isso de mim! E também não é permissível que eu caia em desgraça por uma coisa com a qual, como no caso Leinsdorf, tenho tão pouco a ver quanto com o nascimento de minha falecida avó! Mas, mesmo assim, o Ministro da Guerra tem razão em exigir tudo isso de mim, porque os superiores sempre têm razão: isso é uma banalidade, mas ao mesmo tempo não é! Está entendendo agora?

— Não — disse Ulrich.

— Mas, veja — suplicou Stumm —, você só quer me criar dificuldade, porque se sente independente, ou por causa do seu senso de direito, ou por motivos desse tipo, e fica negando que se trata aqui de algo mais grave! Na verdade, sabe muito bem do que estou falando, pois em seus tempos de militar também a você devem ter dito em toda oportunidade que um oficial precisa pensar com lógica. Em nossos olhos, é exatamente a lógica o que distingue o militar do civil. Mas, com isso, estão se referindo à Razão? Não. Razão é coisa do rabino de campanha, ou do capelão, ou do funcionário do arquivo militar. Mas lógica não é Razão. Lógica quer dizer: sob quais quer circunstâncias, aja de maneira honrada, mas coerente, implacável e sem sentimentos; e não se deixe confundir por nada! Pois o mundo não é governado pela Razão, mas tem de ser dominado com lógica de ferro, embora se fale desde que ele existe! Foi isso que o Ministro da Guerra me deu a entender; e você há de convir que isso, no meu caso, não caiu em terra muito árida, pois se trata simplesmente da velha e comprovada mentalidade de oficial. Desde então, ela voltou a me impregnar mais; e você também não poderá negar: antes de começarmos todos a falar de Paz Eterna, temos de estar preparados para o pior; precisamos primeiro reparar nossas falhas e fraquezas, para não levarmos desvantagem no momento da confraternização geral. E nosso espírito *não* está preparado! Ele nunca fica pronto! O espírito civil consiste num significativo vaivém, ele vive subindo e descendo, e você mesmo o chamou uma vez de guerra religiosa de mil anos: mas não podemos permitir que isso nos leve à ruína! É preciso que haja alguém que, como se diz no exército, tenha iniciativa e tome a direção, e a tal está destinado o superior. Eu mesmo reconheço isso, agora; e não estou muito certo de, antes, não ter-me deixado levar longe demais em minha simpatia por toda espécie de propósito espiritual.

— E que teria acontecido — perguntou Ulrich — se você não tivesse reconhecido isso? Reserva?

— Não, isso não — corrigiu Stumm. — Pressupondo naturalmente que eu não perdesse também o senso militar para correlações de forças. Mas teriam me agraciado com uma brigada de defesa em Wladischmirschowitz ou Knobljoluka, em vez de eu continuar no ponto de intersecção do poder militar com as luzes civis, quem sabe podendo até vir ainda a ser de utilidade para nossa cultura comum.

Já tinham percorrido diversas vezes o caminho entre a casa e o portão, em cuja proximidade a carruagem esperava, e o general voltou a dar meia-volta antes de chegarem à grade.

— Você desconfia de mim — lamentou-se —, você não perguntou uma vez sequer o que aconteceu quando, sem mais nem menos, surgiu esse congresso da paz!

— E então, que aconteceu? O Ministro da Guerra mandou chamá-lo de novo, e que foi que ele disse?

— Não! Ele não disse nada! Fiquei esperando uma semana inteira, mas ele não disse mais nada! — corrigiu o outro. E depois de um momento calado, não conseguiu mais se conter e anunciou: — Mas tomaram de mim o dossiê “D”!

— O que é o dossiê “D”? — perguntou Ulrich, embora pressentisse do que se tratava.

— Dossiê “Diotima”, é claro — respondeu Stumm com dolorida satisfação. — Num ministério, para cada questão mais importante se cria um dossiê, e isso teve de acontecer assim que Diotima iniciou seus congressos caseiros para descobrir uma idéia patriótica e nossa atenção foi atraída pela participação ativa de Arnheim. Fui incumbido desse dossiê, como você provavelmente terá notado, e então me perguntaram também como deveríamos denominá-lo; no fim das contas, um assunto desses não pode ser simplesmente arrolado como um depósito de remédios ou um curso de intendência, e, por considerações interministeriais, o nome Tuzzi não podia ser mencionado. A mim mesmo, porém, também não ocorreu nada de característico, e por isso, para não falar demais, nem de menos, sugeri finalmente o nome de dossiê “D”: para mim, “D” queria dizer Diotima, mas ninguém sabia disso, e aos outros dava uma impressão de extraordinária autenticidade, como o nome de um livro de serviço, quando não de um segredo acessível apenas ao estado-maior. Foi uma das minhas melhores idéias! — concluiu Stumm, acrescentando com um suspiro: — Naquele tempo, ainda me era permitido ter idéias!

Ele não parecia contudo sentir-se suficientemente animado, e quando Ulrich — cuja disposição de recaída no mundo já quase se esgotara, ou pelo menos consumira quase toda a sua provisão de loquacidade —, depois de um sorriso de aprovação, entregou-se ao silêncio, Stumm voltou a se lamentar.

— Você não confia em mim. Depois do que eu disse, você está achando que sou um militarista. Mas, palavra de honra, eu me recuso a sê-lo, e não quero prescindir sem mais nem menos daquilo em que acreditei por tanto tempo. São essas idéias maravilhosas que fazem do soldado um ser humano: eu lhe digo, meu amigo, quando penso nisso, sinto-me como um viúvo cuja cara-metade morreu primeiro! — Ficou novamente exaltado. — Na república dos espíritos reina naturalmente a mesma desordem que em qualquer outra república, mas que felicidade nos traz já a grande idéia de que ninguém é dono da verdade e de que há uma porção de idéias que — talvez devido à falta de ordem que impera entre elas! — ninguém descobriu ainda! No estado-maior, eles chegaram a me botar o nome — a mim e a meu dossiê — de “trem de iluminação móvel”, por causa da variedade de minhas sugestões, mas também eles desfrutaram com prazer da riqueza que eu espalhava.

— E tudo isso acabou?

— Não precisava necessariamente ter acabado; mas eu mesmo perdi parte de minha confiança no espírito! — disse Stumm cheio de ressentimento e exigindo consolo.

— No que tem razão — comentou secamente Ulrich.

— Até você está dizendo isso?!

— Eu sempre disse isso. Eu o avisei desde o começo, antes do Ministro. O espírito não serve muito para governar.

Stumm queria rejeitar a lição e, por isso, afirmou:

— Essa sempre foi minha opinião!

— O espírito está entrelaçado à vida como a uma roda que ele impulsiona e pela qual é triturado — continuou Ulrich. Mas Stumm não deixou que ele fosse adiante.

— Caso suspeite que essas circunstâncias externas foram determinantes para mim — interrompeu-o —, você estaria me rebaixando! Trata-se igualmente de uma purificação espiritual. Além disso, o dossiê “D” me foi tomado com todas as honras. O Ministro mandou me chamar para me comunicar pessoalmente que isso era necessário porque o chefe do estado-maior exigia uma informação pessoal sobre o Congresso Mundial da Paz; e, por isso, transferiram logo todo o assunto do departamento de instrução militar para a seção de informações do escritório de observações...

— Para a seção de espionagem? — exclamou Ulrich, novamente animado.

— E para onde deveriam transferir? Quem não sabe o que quer, tem de saber pelo menos o que os outros querem! Diga-me, por favor, o que o estado-maior iria fazer num Congresso Mundial da Paz? Impedi-lo seria uma barbaridade, fomentar o pacifismo seria antimilitar! Portanto, observam-no. Quem foi mesmo que disse que “a prontidão é tudo”? Bem, tanto faz, de qualquer forma foi alguém que entendia de assuntos militares — Stumm esquecera seu aborrecimento. Ele se mexia para cá e para lá sobre as pernas e tentava decapitar uma flor com a bainha da espada. — Mas eu temo que será difícil demais para eles, e que ainda virão de joelhos me buscar de volta, para que eu reassuma meu dossiê! — confessou. — Afinal, depois de um ano de experiência, tanto você quanto eu sabemos perfeitamente que esses congressos de idéias se cindem em provas e contraprovas! Você acredita, quero dizer, deixando de lado as dificuldades especiais de governar, que uma ordem possa, por assim dizer, derivar exclusivamente do espírito?

Tinha abandonado sua ocupação com as flores e, de testa franzida, empunhando a bainha da espada, encarava insistentemente o amigo.

Este sorriu para ele e ficou em silêncio.

Stumm deixou a espada cair, pois precisava das pontas dos dedos de ambas as mãos — que estavam enfiadas em luvas brancas — para uma definição delicada:

— E preciso que você entenda bem o que quero dizer quando distingo entre espírito e lógica. Lógica é ordem. E tem de haver ordem! É esse o princípio do oficial, e eu me curvo a ele! Mas com base em que idéias se faz a ordem, isso é indiferente; isso é espírito, ou, como o Ministro da Guerra diz de forma um tanto antiquada, é Razão, e não diz respeito ao oficial. Mas o oficial não confia que os civis sejam capazes de se tornarem razoáveis, quaisquer que sejam as idéias de que partam. Pois em todas as épocas, tanto faz qual tenha sido o espírito existente, o resultado sempre acabou sendo uma guerra!

Era assim que Stumm explicava suas novas descobertas e dúvidas, que Ulrich, sem querer, resumiu numa alusão a uma frase conhecida, perguntando:

— Você quer dizer que a guerra é um elemento da ordem universal criada por Deus?

— Já está falando de modo espiritual demais! — Stumm parecia concordar, mas com ressalvas. — Eu apenas me pergunto se o espírito não é simplesmente dispensável. Pois se devo tratar o ser humano com esporas e rédeas, como a um animal, é preciso que também eu carregue em mim algo de animal, porque um bom cavaleiro é mais chegado à montaria do que, por exemplo, à filosofia do Direito! Os prussianos designam isso como o canalha que cada um de nós traz dentro de si, e eles o domi-

nam com um espírito espartano. Eu, como general austríaco, prefiro dizer: quanto melhor, mais bonito e organizado for um Estado, tanto menos se precisa de espírito dentro dele, e, num Estado perfeito, não se precisa de nenhum! Considero isso um paradoxo muito complicado. Aliás, de quem é aquilo que *você* disse? É de alguém?

— É de Moltke. Ele disse que as mais nobres virtudes do homem, a coragem, renúncia, lealdade ao dever, espírito de sacrifício, só se desenvolvem na guerra e que, sem guerra, o mundo afundaria necessariamente num materialismo insensível.

— Ora veja! — exclamou Stumm. — Interessante! Então ele disse uma coisa que eu também penso às vezes!

— Mas em outra carta à mesma pessoa, quase que de um só fôlego, portanto, ele diz que até uma guerra vitoriosa é uma catástrofe nacional — ponderou Ulrich.

— Está vendo, o espírito o embrulhou! — replicou Stumm com convicção. — Nunca li uma linha dele, sempre me pareceu militarista demais. E você pode crer em mim, eu sempre fui antimilitarista. A vida inteira eu pensei: hoje em dia ninguém mais acredita numa guerra, a gente só se expõe ao ridículo, com isso. E... não gostaria que você julgasse que eu mudei, só porque agora sou diferente!

Ele tinha acenado para o carro e, com o pé no estribo, ainda hesitava, olhando com premência para Ulrich.

— Continuo fiel a mim mesmo! — prosseguiu. — Mas se antes eu amei o espírito civil com os sentimentos de uma mocinha, agora, se me permite dizer, eu o amo como uma mulher madura: ele não é um ideal, e nem sequer deixa que o ajudemos a entrar em harmonia consigo mesmo. Foi por isso que eu lhe disse — e não é de hoje, já faz tempo — que para lidar com as pessoas é preciso bondade e também punho firme, precisamos amá-las e sacaneá-las para que se chegue a algum lugar. E, afinal, isso nada mais é que a mentalidade militar suprapartidária, que deve distinguir o soldado. Não reivindico nenhum mérito pessoal nesse ponto, mas quero deixar claro para você que já antigamente eu falava assim.

— Agora, só falta você repetir que a guerra civil de sessenta e seis se deveu ao fato de todos os alemães terem se declarado irmãos — observou Ulrich com um sorriso.

— Mas é claro! — confirmou Stumm. — E hoje, ainda por cima, todos os homens se declaram irmãos! Não posso deixar de perguntar o que vai resultar disso! Quando menos se espera, as coisas acontecem. Nós passamos quase um ano refletindo, e aí aconteceu uma coisa completamente diferente. Parece até ser minha sina ficar dissecando o espírito para ele acabar me levando de volta às armas. Apesar disso, se você pensar bem no que eu disse, vai descobrir que não me identifico com nada, mas encontro em tudo algo de verdadeiro: *essa* seria mais ou menos a suma do que conversamos!

Depois de uma olhada no relógio, Stumm queria dar o sinal de partida, pois o prazer de ter desabafado era tão intenso que esquecera todo o resto. Ulrich, porém, segurou-o amistosamente e disse:

— Você ainda não me contou qual é a sua nova “incumbenciazinha”? Stumm se negou a falar:

— Hoje não dá mais tempo. Tenho de ir-me embora.

Mas Ulrich o segurava por um dos botões dourados que brilhavam sobre sua barriga, e o manteve preso até ele se render. Stumm von Bordwehr alcançou a cabeça de Ulrich e puxou a orelha dele para perto de sua boca.



— Bem, mas é estritamente confidencial — sussurrou: — Leinsdorf!

— Suponho que ele deva ser eliminado, seu assassino conspirador! — murmurou Ulrich por sua vez, mas tão despreocupado que Stumm, ofendido, apontou para o cocheiro.

Ergueram-se, e Ulrich se afastou da porta da carruagem. Decidiram falar em voz alta e apenas evitar o nome.

— Deixe que eu mesmo reflita e descubra se ainda recordo qualquer coisa do mundo de vocês — pediu Ulrich. — “Ele” derrubou o último Ministro da Educação e, depois da nova ofensa que sofreu, é de se prever que “ele” fará o mesmo com o atual. Mas, no momento, isso seria uma perturbação desagradável e é preciso tomar providências. E, sabe-se lá por que, “ele” nunca abre mão de suas convicções: os alemães são um perigo para o Estado, o Barão Wisnietzky, de quem eles não gostam, é o homem adequado para fazer propaganda entre eles, o governo não deveria ter mudado de rumo, e assim por diante...

Stumm teria podido interromper Ulrich, mas continuou ouvindo voluntariamente, e até se intrometeu:

— Afinal, “ele” foi responsável pelo surgimento, na Ação Paralela, da palavra de ordem de agir, e, enquanto todos os outros dizem apenas: “há um novo espírito!”, “ele” diz a quem não quer ouvir: tem de acontecer alguma coisa!

— E não se pode derrubá-lo, ele atua em caráter particular. Além do mais, praticamente já lhe roubaram a Ação Paralela — observou Ulrich.

— E por isso, existe agora o perigo de que ele invente outra novidade! — completou o general.

— Mas como você poderia impedi-lo? — perguntou, curioso, Ulrich.

— Meu Deus, eu recebi a tarefa de distraí-lo e ocupá-lo um pouquinho, e, se você quiser, também de vigiá-lo um pouquinho.

— Ou seja: um dossiê “L”! Mas quem diria!

— Aqui entre nós, você pode chamá-lo assim, mas é claro que não existe uma denominação oficial. Tenho simplesmente a incumbência de me agarrar ao pescoço de Leinsdorf — desta vez, Stumm quis saborear o nome, mas ainda assim só o sussurrou — como um carrapato: foram exatamente as respeitosas palavras de Sua Excelência!

— Mas o Ministro não lhe deu uma meta, que você deve alcançar? O general riu.

— Falar! Devo falar com ele. Mostrar interesse por tudo o que ele pensa, e falar tanto sobre o assunto que ele talvez acabe se exaurindo e não faça nada de imprevisto. “Sugue-o”, disse Sua Excelência, e afirmou tratar-se de uma demonstração de confiança e de uma incumbência muito honrosa. E caso você ainda pergunte se isso é tudo, só posso responder: é muita coisa! Essa velha Alteza é uma pessoa de tremenda cultura e extremamente interessante! — Tinha dado ao cocheiro o sinal de partida, e voltou-se, dizendo: — Tudo o mais da próxima vez! Conto com você!

Só quando a carruagem já se afastava é que ocorreu a Ulrich que Stumm talvez também tivesse a intenção de neutralizá-lo, a ele que estivera sob suspeita de poder induzir o Conde Leinsdorf a idéias extravagantes.

## DESCRIÇÃO INGÊNUA DE COMO SE FORMA UM SENTIMENTO

Ágata ainda conseguiu ler grande parte das páginas seguintes.

Elas não continham ainda a prometida exposição dos desdobramentos pelos quais o conceito de sentimento passa atualmente; pois antes de se ocupar dessas concepções, das quais esperava tirar o maior proveito, Ulrich, segundo suas próprias palavras, tentara “imaginar a aparição e o crescimento de um sentimento com a ingenuidade de um leigo intelectualmente versado, soletrando com dedos desajeitados”.

E esse manuscrito prosseguia assim: “Costuma-se encarar o sentimento como algo que tem causas e efeitos, e quero me limitar à causa como estímulo externo. Mas, naturalmente, esse estímulo requer também circunstâncias apropriadas, quer dizer, tanto circunstâncias externas adequadas, quanto internas, uma disposição íntima, e somente essa tríade decidirá se e como ele será respondido. Pois se um sentimento se apresenta de forma imprevista ou retardada, como ele se expande e transcorre, que idéias traz consigo e de que sentimento se trata de fato, tudo isso depende habitualmente da situação preliminar de quem sente e do ambiente, não menos que do estímulo. No que diz respeito ao estado pessoal de quem sente, ou seja, a temperamento, caráter, idade, educação, princípios, experiências anteriores e tensões existentes, isso parece óbvio, embora essas condições não tenham limites precisos, perdendo-se na natureza da pessoa e em seu destino. Mas também o ambiente externo, e mesmo apenas uma consciência dele ou sua mera pressuposição implícita, podem reprimir ou favorecer um sentimento, e a vida social apresenta inúmeros exemplos disso, pois em qualquer situação há sentimentos convenientes ou inconvenientes, e, de acordo com as regiões e as épocas, mudam também os grupos de sentimentos que predominam ou são favorecidos na vida pública e privada, e os que são reprimidos, tendo até mesmo se sucedido épocas pobres e ricas de sentimento.

Acresce ainda que, como é fácil avaliar, as circunstâncias externas e internas, e também o estímulo, encontram-se em mútua dependência. Pois a situação interna estava adaptada à externa e a seus estímulos, de que, portanto, dependia, e a situação externa precisa ter sido assimilada de alguma forma, tendo, assim, seu aspecto dependido da situação interna, antes que uma perturbação desse equilíbrio tenha provocado um novo sentimento que veio a introduzir ou mesmo representar um novo equilíbrio. Da mesma maneira, também o ‘estímulo’ em geral não atua diretamente, e sim por força de sua absorção, e nosso íntimo só realiza essa absorção com base em percepções às quais começos da excitação hão de ter estado ligados.

Abstraindo disso, o estímulo capaz de suscitar um sentimento também está ligado a este na medida em que, por exemplo, o que excita um faminto deixa indiferente um ofendido, e vice-versa.”

“Complicações semelhantes surgem quando queremos continuar descrevendo ‘uma coisa depois da outra’. Para começar, não é possível responder ‘quando’ um sentimento se faz presente, embora segundo a concepção de base, que diz ter ele causa e efeito, se devesse supor que haja tal momento. Na verdade, porém, o estímulo não atinge um estado existente como um acionamento mecânico que leva a uma cadeia de

efeitos, e sim se prolonga, suscitando um reforço de forças internas que ao mesmo tempo atuam em seu sentido e modificam seu efeito. E o sentimento, uma vez existente, tampouco se exaure imediatamente em seus efeitos, nem permanece idêntico por um momento sequer, como que em repouso no centro dos processos que absorve e desencadeia; pelo contrário, está ligado a uma permanente transformação de tudo aquilo com que se relaciona externa e internamente, sofrendo as reações de ambos os lados.

É própria dos sentimentos a tentativa enérgica e muitas vezes apaixonada de transformar os estímulos aos quais devem sua aparição, e de eliminá-los ou favorecê-los; e as direções principais da existência *são* para fora e de fora. Por isso, a ira traz em si o contra-ataque, o anseio a aproximação, e o medo a transição para fuga, paralisia ou, situado entre ambas, o grito. Mas também a reação desse comportamento ativo imprime ao sentimento boa parte das particularidades e do conteúdo que o caracterizam; a conhecida frase de um psicólogo americano, segundo a qual ‘não choramos porque estamos tristes, mas estamos tristes porque choramos’, pode ser exagerada; é certo, porém, que não apenas agimos como sentimos, mas também logo aprendemos a sentir conforme nossos atos, sejam quais forem seus motivos.

Um conhecido exemplo para esse vaivém é a briga de cães que começa como alegre brincadeira e termina num duelo sangrento, mas o mesmo pode ser igualmente observado em crianças e pessoas simples. E toda a bela teatralidade da vida não consiste afinal num grande exemplo disso, com seus gestos, meio a sério, meio vazios, de honra e honraria, de ameaça, gentileza, contenção e tudo o mais, gestos de querer representar alguma coisa e de representação, que descartam o juízo e influenciam diretamente o sentimento? Até a ‘disciplina’ faz parte disso, baseando-se no efeito de impor por longo tempo um comportamento, para que suscite afinal o sentimento que deveria originá-lo.”

“Mais importante que a repercussão dos atos é, tanto nesses como em outros exemplos, o fato de uma vivência mudar de significado quando, em seu decurso, passa, do âmbito das forças características que de início a conduziam, para o de outras ligações da alma. Pois do lado de dentro ocorre algo de semelhante ao exterior. O sentimento preme para dentro; ele ‘toma inteiramente a pessoa’, como se diz, não sem acerto; afasta o que não se conforma a ele, e favorece o que pode lhe servir de alimento. Num tratado de psiquiatria, eu li estranhas denominações para isso: ‘força de comutação’ e ‘trabalho de comutação’. Ao mesmo tempo, o sentimento estimula o interior a voltar-se para ele. A disponibilidade interna, na medida em que não se exauriu no primeiro momento, preme pouco a pouco em sua direção; e assim que captura forças maiores, armazenadas em pensamentos, lembranças, princípios etc, o sentimento também é inteiramente capturado por elas, e elas o transformam de tal modo que fica difícil dizer quem se apossa de quem.

Mas uma vez atingido seu ápice por intermédio de tais processos, são eles que vão novamente enfraquecer e diluir o sentimento. Pois outros sentimentos e vivências, que não mais se submetem integralmente a ele, irão então cruzar sua esfera e, por fim, até mesmo desalojá-lo. Na verdade, esse curso contrário, ligado à satisfação e ao desgaste, começa com a própria aparição do sentimento; pois sua expansão não significa apenas um aumento de seu poder, mas ao mesmo tempo também um arrefecimento das necessidades das quais ele se origina ou se serve.

Isso deve igualmente ser levado em conta com relação aos atos; pois o sentimento não apenas se exalta, mas também se arrefece na ação; e sua saturação, quando não é perturbada por outro sentimento, prossegue até o fastio, quer dizer, até o ponto em que surge novo sentimento.”

“É preciso mencionar especialmente uma coisa. Enquanto subjuga o interior, o sentimento entra também em contato com atividades que colaboram para a vivência e a compreensão do mundo exterior; e assim, o mundo, como nós o entendemos, acabará em parte padronizado segundo o modelo e sentido do próprio sentimento, que procura se fortalecer por intermédio desses ecos. Os exemplos são conhecidos: quando sentimos intensamente, ficamos cegos para o que pessoas imparciais percebem, e percebemos o que outros não vêem. A pessoa triste vê as coisas pretas e despreza o que poderia iluminá-las; a alegre vê o mundo iluminado e é incapaz de perceber algo que perturbe esse quadro; quem ama ganha a confiança das piores pessoas; e o desconfiado não apenas vê sua desconfiança confirmada em toda parte, mas as confirmações chegam a desabar sobre ele. Dessa maneira, atingindo uma certa força e duração, cada sentimento constrói seu próprio mundo, um mundo selecionado e cheio de conexões, o que não é de somenos importância nas relações humanas! Nisso se incluem nossa notória inconstância e nossas arbitrariedades.”

Nesse ponto, Ulrich fizera uma interrupção e voltara brevemente à questão de saber se o sentimento é um estado ou um processo, cuja característica ilusória ressaltava agora nitidamente. Resumindo e avançando, depois da descrição citada vinha o seguinte:

“Partindo da noção comum de que o sentimento é um estado que advém de uma causa e produz efeitos, fui levado no curso do trabalho a uma descrição que sem dúvida representa um processo, caso se observe o resultado numa extensão mais ampla. Quando parto, porém, da impressão geral de um processo e pretendo fixar essa noção, verifico com a mesma nitidez que entre as partes vizinhas sempre falta a sucessão, o uma-coisa-atrás-da-outra, que faz parte de um processo; não há sequer qualquer sinal de seqüência em determinada direção. Pelo contrário, entre os passos isolados há indícios de uma mútua dependência e condicionamento, e até mesmo de um quadro onde os efeitos parecem preceder suas próprias causas. Relações de tempo tampouco aparecem na descrição, e tudo isso indica novamente um estado, por diversos motivos.

Estritamente falando, eu apenas posso dizer a respeito do sentimento que ele parece ser tanto um estado quanto um processo, e que não parece ser nem estado, nem processo; ambas as definições parecem igualmente justificadas.

É fácil mostrar que mesmo isso depende, porém, tanto ou mais da forma da descrição quanto do que é descrito; não é uma característica especial da alma, e tanto menos do sentimento, mas se apresenta em outras áreas da descrição da natureza, por exemplo, sempre que se trata de um sistema e seus elementos, ou de um todo e suas partes: considerando-se um aspecto, pode parecer como estado o que, considerando-se outro, é tido como processo. A própria duração de um processo está ligada para nós ao conceito de estado. Eu não posso afirmar que a lógica dessa dupla conceituação seja clara, mas ela provavelmente está relacionada com o fato de que a distinção entre estados e processos corresponde mais ao pensamento verbalizado que à realidade cien-

tífica que a ira talvez repropor, mas talvez também fazer desaparecer atrás de outras coisas.”

“A língua alemã diz: ira está em mim; e diz: estou em ira. Diz também: estou irado, sinto-me irado, sinto ira. Ela diz: estou enamorado, e: eu me enamei. Etimologicamente, os nomes que ela deu aos sentimentos remontam com frequência a impressões causadas por ações e comportamentos perigosos ou vistosos que as motivaram; apesar disso, ela fala do sentimento ora como estado abrangendo diversos processos, ora como processo constituído por uma série de estados; e, como os exemplos mostram, ela inclui em seu modo de expressão as imagens da pessoa, e do exterior e interior, ora de um jeito, ora de outro, sem maior cerimônia; no conjunto, ela opera de maneira tão caprichosa e incalculável como se desde o começo tivesse querido criar a confusão de sentimentos alemã.

Essa diversidade do quadro lingüístico de nossos sentimentos, surgida de experiências intensas, mas imperfeitas, se reflete ainda hoje na formação das idéias científicas, particularmente quando se toma a ciência mais na extensão que em profundidade. Há teorias psicológicas em que o Eu se apresenta como o que há de mais seguro, experimentável em qualquer emoção, mas principalmente no sentimento. E há também teorias que o deixam completamente de lado e só consideram experimentáveis as relações entre as manifestações, descrevendo-as como se fossem fenômenos num campo de força cuja origem não é levada em consideração. Há, portanto, psicologias do Eu e psicologias sem Eu. Mas também as outras diferenças foram ocasionalmente desenvolvidas, e, assim, o sentimento aparece seja como um processo percorrido pela relação de um Eu com o mundo exterior, seja como um caso particular e estado de relacionamento, distinções que facilmente predominam quando a sede de saber tem uma tendência mais conceitual e a verdade ainda não está nítida.

Muita coisa aqui continua sendo objeto de opiniões, mesmo quando nos esforçamos cuidadosamente por delas separar os fatos. Parece-nos claro que um sentimento não surge em qualquer parte do mundo, mas no interior de um ser vivo, e que ‘eu’ sou quem sente ou, na exaltação, sente a si mesmo. É nítido que algo acontece em mim quando eu sinto, e também transforma meu estado; e embora o sentimento estabeleça uma relação mais viva com o mundo do que uma sensação, ele me parece mais ‘interior’ que ela. Esse é um dos grupos de impressões. Mas, por outro lado, ao sentimento está ligado um posicionamento de toda a pessoa, e esse é o outro grupo. Eu sei que o sentimento, diversamente da sensação, está ligado a ‘toda a minha pessoa’. E apenas através da pessoa o sentimento tem efeitos externos, seja porque esta age, seja porque começa a ver o mundo de outra maneira. E nem sequer se poderia afirmar que um sentimento é uma transformação no interior da pessoa, sem que se acrescentasse que, ao mesmo tempo, sua relação com o mundo exterior se transforma.”

“O devir e o ser do sentimento se realizam, portanto, ‘em’ nós, a nós ou conosco? Volto assim a minha própria descrição. E se sua imparcialidade merece crédito, as relações por ela cautelosamente iluminadas reafirmam mais uma vez o seguinte: meu sentimento se forma em mim e fora de mim; ele me transforma de dentro e de fora; ele transforma o mundo diretamente de dentro, e indiretamente, quer dizer, através de meu comportamento, de fora; e, portanto, mesmo que isso contra-

diga nosso preconceito, ele existe simultaneamente dentro e fora, ou está pelo menos tão entrelaçado com ambos, que a questão do que é interior e exterior num sentimento, e de qual a parcela do Eu e a do mundo perde quase todo o sentido.

Isso nos fornece o quadro fundamental, o que não apresenta maiores problemas, já que, dito em palavras mais moderadas, significa simplesmente que o sentir nos faz experimentar algo de uma direção dupla, que sua natureza de fenômeno transitório lhe confere: para dentro, ou retornando à pessoa, e para fora, para o objeto que o ocupa. Quanto a saber o que é dentro e o que é fora, e, mais ainda, o que significa pertencer ao Eu ou ao mundo, aquilo, portanto, que se encontra no fim dessas duas direções e, por isso, permitiria entendê-las completamente, não se trata naturalmente de algo que seja apreendido com clareza já na primeira vivência; por sua própria origem, padece da mesma falta de nitidez de todas as outras coisas que vivenciamos sem saber como, sendo necessária uma experiência e pesquisa contínuas para que dele se forme um conceito real.

Portanto, uma psicologia que queira ser realmente uma ciência experimental não tratará esses conceitos diversamente dos de estado e processo, sendo que os pensamentos afins de pessoa, alma e Eu, mas mesmo as idéias completas de dentro e fora, lhe parecerão como algo a explicar e não como algo de que nos servimos sem mais nem menos para explicar outros fenômenos.”

“Singularmente, uma verdade corriqueira da psicologia retrata bastante bem o que foi dito, pois de hábito pressupomos sem maior reflexão que alguém que se mostra como corresponderia a um certo sentimento sente de fato assim. Não é portanto raro, talvez seja até freqüente, que um comportamento externo, junto aos sentimentos que engloba, seja apreendido de maneira direta e indivisa, e com grande segurança.

Se a índole de um ser que se aproxima de nós é amistosa ou perigosa, nós constatamos em primeiro lugar no todo, e, na melhor das hipóteses, só depois refletimos se isso é realmente correto. A primeira impressão não é de que algo que poderia mostrar-se terrível se aproxima de nós, mas é a própria terribilidade que se achega, mesmo que isso no momento seguinte demonstre ser um engano. E se conseguimos restabelecer a impressão imediata, essa inversão aparente de uma seqüência racional também pode ser constatada em vivências como a de que algo é belo e encantador, ou vergonhoso e repugnante.

Isso se manteve inclusive num duplo uso da língua, que é muito comum: tanto dizemos que consideramos algo assustador, gracioso etc, acentuando assim que os sentimentos dependem da pessoa, como também que é assustador, gracioso etc., e falamos do assustador, do gracioso, frisando assim que a origem de nossos sentimentos está enraizada como qualidade nas coisas e acontecimentos. Essa duplicidade e mesmo ambigüidade anfíbia dos sentimentos corrobora o pensamento de que eles não se verificam apenas no interior, mas também no mundo exterior.”

Com essas últimas observações, Ulrich já chegara, porém, à terceira resposta para a questão de como definir o conceito de sentimento, ou, dito de maneira mais reservada, à concepção hoje predominante dessa questão.

## SENTIMENTO E COMPORTAMENTO. A INSEGURANÇA DO SENTIMENTO

“A escola de psicologia teórica de maior sucesso atualmente trata sentimento e ação sentimental como uma comunhão indissolúvel. O que sentimos agindo é para ela um lado, e como agimos sentindo o outro lado de um mesmo processo. Ela analisa ambos em conjunto. Para as teorias que pertencem a esse grupo, o sentimento — em palavras que elas próprias usam — é um comportamento interior e exterior, acontecimento e ação; e como essa reunião de sentimento e comportamento deu ótimos resultados, a questão de como finalmente separá-los e distingui-los de novo tornou-se temporariamente quase que secundária; em consequência, em vez de uma resposta para isso, existe todo um feixe delas, e este é bastante desordenado.”

“Por vezes, consta que o sentimento é idêntico aos acontecimentos externos e internos; de hábito, porém, diz-se apenas que estes lhe devem ser equiparados. Por vezes, o tratam com certa falta de clareza como ‘processo global’; por vezes, apenas como ação, comportamento, sucessão e acontecimento interiores. Por vezes, parece também que estão sendo usados paralelamente dois conceitos de sentimento, sendo que este seria em senso amplo ‘o todo’, em senso estrito, porém, uma vivência parcial que, de maneira não muito inteligível, confere ao todo seu nome e mesmo sua natureza. E por vezes, parece que estamos acompanhando a suposição de que aquilo mesmo que se apresenta à observação como processo múltiplo é vivido como sentimento, que seria assim a vivência, o resultado e, por assim dizer, o produto do processo na consciência.

A origem dessas contradições é com certeza sempre a mesma. Pois cada uma dessas descrições de um sentimento apresenta partes — que, aliás, constituem de longe a maioria — que visivelmente não são sentimentos, pois, não menos visivelmente, são sensação, noção, pensamento, vontade ou um processo externo, podendo ser vividas como tais a qualquer momento e participando, exatamente como são, da vivência global. Mas nisso tudo, ou acima disso tudo, há também algo de não menos nítido que parece ser intrinsecamente sentimento, no sentido mais simples e inconfundível, e parece sê-lo exclusivamente, e não ação, pensamento ou outra coisa qualquer.

Por isso, todas essas explicações podem ser resumidas em dois grupos: ou bem consideram o sentimento como ‘aspecto’, ‘parte’, ‘momento’ do decurso global, ou bem o consideram como sua ‘conscientização’, seu ‘resultado interno’ ou coisas semelhantes: expressões que denotam claramente o embaraço pela falta de melhores!”

“O pensamento mais peculiar dessas teorias consiste por seu turno em deixar inicialmente indeterminada a relação do sentimento com tudo que ele não é, mas que o preenche, fazendo em contrapartida parecer muito provável que essa ligação seja sempre — e independentemente de como, de resto, se a imagine — de tal natureza que não admite mudanças desconexas, tudo se transformando praticamente de um só fôlego.

Podemos imaginar isso a exemplo da melodia. Nesta, os tons têm sua autonomia, podendo ser reconhecidos isoladamente; e também sua vizinhança, junção, se-

quência e tudo o mais que se escuta não é mero conceito, mas está repleto de representação física; mas esses ‘elementos’, mesmo podendo, apesar de sua ligação, ser ouvidos isoladamente, também podem ser ouvidos na ligação, pois exatamente isso é a melodia, e, em se a ouvindo, não aparece algo de novo ao lado das notas, intervalos e tempos, mas com eles. A melodia não é um suplemento adicional, mas uma segunda maneira de aparecer, uma forma de existência particular, sob a qual a forma da existência individual apenas se deixa ainda reconhecer; e isso também vale para os sentimentos em relação aos pensamentos, movimentos, sensações, intenções e forças brutas que nele se ligam. E assim como a melodia, sensível a qualquer transformação em suas ‘partes’, toma imediatamente nova configuração ou fica destruída, também um sentimento pode ser sensível a uma ação ou a uma idéia que se intrometa.

Qualquer que seja a relação do sentimento com o ‘comportamento externo e interno’, isso mostra que a toda transformação deste pode corresponder uma determinada transformação no próprio sentimento, e vice-versa, como se fossem reversos.”

“(Ha muitos exemplos exatos, clássicos e experimentais, que confirmam o grande alcance desse pensamento teórico, bem como outros, ainda alheios à ciência, que ele ilumina de maneira insegura, com o brilho da aparência ou da verdade. Gostaria de fixar um destes: o fervor de certos retratos — e há retratos, não apenas imagens, também das coisas — repousa em boa parte no fato de a existência individual abrir-se neles para dentro de si mesma, fechando-se ao resto do mundo. Pois as formações autônomas da vida, por mais que se apresentem relativamente estanques, sempre se associam ao círculo dispersivo de um ambiente em transformação. Assim, quando tomei Ágata nos braços e nós dois nos carregamos para fora do quadro da vida e nos sentimos unificados em outro, talvez tenha acontecido algo de semelhante com nosso sentimento. Eu não conhecia o dela, ela não conhecia o meu, mas eles só existiam um para o outro, pendiam abertos um no outro, enquanto toda dependência restante desaparecia, e por isso nós dissemos que estávamos fora do mundo, em nós, e para designar essa agitada suspensão, esse verdadeiro recolhimento, essa fusão de partes alheias, usamos a estranha comparação com um retrato.)”

“O pensamento peculiar de que falo ensina, pois, que as transformações e modulações do sentimento e as do comportamento externo e interno podem corresponder ponto por ponto, sem que o sentimento precise ser equiparado ao comportamento ou parte deste, bastando dizer que ele possui qualidades que já têm direito de cidadania em outros domínios da natureza. Esse resultado tem a vantagem de não tocar na diferença natural entre um sentimento e um acontecimento, lançando entretanto sobre ela uma ponte que a faz perder seu significado. Ele prova de modo o mais geral como dois campos de ocorrências podem retratar-se mutuamente, mesmo que sejam completamente díspares.

A questão de como um sentimento pode ser ‘constituído’ de outros processos anímicos e até corporais toma com isso um rumo completamente novo e sumamente interessante, o que é bem visível; mas, dessa maneira, fica explicado apenas como a cada transformação do comportamento corresponde uma mudança do sentimento e vice-versa, mas não como se chega a essas transformações que acompanham toda a duração do sentimento. Pois se este, como parece agora, fosse mero eco de uma ação sentimental, que fosse por sua vez seu reflexo, seria difícil compreender que se transformam mutuamente.



Aqui se insere o segundo pensamento principal que podemos deduzir desta recente ciência do sentimento; pretendo chamá-lo o pensamento da configuração e consolidação.”

“Esse pensamento se constrói a partir de várias idéias e reflexões. Como gostaria que ficasse claro para mim, volto inicialmente ao fato de dizermos que um sentimento origina um comportamento que repercute sobre ele; pois a essa observação primária pode ser contraposta outra melhor: entre os dois existe uma relação de mútuo fortalecimento e ressonância, um crescente imbricar-se, sendo que, todavia, ambas as partes são transformadas em conjunto. O sentimento é traduzido para a língua da ação, e a ação para a língua do sentimento, e assim, como em qualquer tradução, há ganhos e perdas.

Nas condições mais simples, isso já transparece na conhecida expressão: fui tomado pelo pavor; pois também se poderia perfeitamente dizer que eu tomo o pavor: a diferença que existe, por exemplo, entre ‘hírto de pavor’ e ‘tremendo de medo’ implica a segunda versão. Trata-se aqui da mais simples manifestação, mas isso vale também para toda a amplitude de uma ação de sentimento: este não se transforma apenas como consequência da ação que origina, mas já dentro dela, que o absorve, repete e transforma de maneira peculiar, com o que ambos se configuram e consolidam reciprocamente. Também pensamentos, desejos e impulsos de toda espécie entram assim em um sentimento e vice-versa.”

“Mas tal relação pressupõe naturalmente uma diversidade daquilo que se imbrica, porque o comando deve passar de um para outro como num revezamento, de forma que predominam ora o sentir, ora o agir, ora uma resolução, dúvida ou pensamento, tomando a direção e prestando uma contribuição que faz todas as partes avançarem numa direção comum. Isso se inclui na idéia de uma mútua configuração e consolidação, que só assim fica completa.

Do lado contrário, a unidade antes descrita tem de possuir ao mesmo tempo a capacidade de absorver transformações, mas sem abandonar sua particularidade de comportamento mais ou menos determinado e sensível; precisa possuir também a capacidade de exclusão, para aceitar ou repelir influências internas e externas. Até agora, conheço dela apenas a lei de seu estado acabado. Portanto, é preciso ainda mostrar a origem dessas influências e, finalmente, explicar que providência ou mecanismo fazem com que elas se imiscuem, propiciando um desenvolvimento comum.”

“Nada indica que se possa atribuir à unidade isolada, à estrutura como tal, à mera forma dos acontecimentos, uma capacidade própria de permanência e recuperação, uma solidez e um grau de solidez e, portanto, finalmente, uma ‘energia’ própria; e é pouco provável que haja outras forças interiores colaborando especialmente nessa direção. Em contrapartida, é provável que estas não tivessem senão um papel secundário, pois nossos sentimentos e pensamentos devem ser dominados acima de tudo pelas mesmas condições internas, prontas para diversos saltos, e pelas mesmas disposições, inclinações, princípios, intenções e necessidades, de caráter permanente, que originam nossas ações. São seus acumuladores de força, e é de se supor que as forças que partem daí acarretem de alguma forma a configuração e consolidação do sentimento.”

“Quero mostrar como isso acontece, usando um preconceito, bastante difundido, pois é freqüente ouvir-se a opinião de que existe um ‘íntimo parentesco’ entre um sentimento, seu objeto e a ação que os liga. Pensa-se que seria então mais fácil entender que eles constituem um todo unitário, que se alternam e assim por diante. O cerne consiste em que determinado instinto ou determinado sentimento, por exemplo instinto de alimentação e fome, não se orientam para um objeto e ação qualquer, e sim antes de tudo para aqueles que prometem satisfação. Para o faminto, uma sonata não tem serventia, e sim o alimento, ou seja, algo que pertence a um grupo mais ou menos determinado de coisas e acontecimentos; e assim, cria-se a aparência de que esse grupo e esse estado de excitação estão para sempre ligados, o que também não deixa de ser verdade. Mas essa verdade não é mais misteriosa que o fato de usarmos a colher e não o garfo para comer sopa.

Se o fazemos, é porque ela nos parece adequada; e não é senão esse corriqueiro parecer-adequado que cumpre a tarefa de intermediário entre um sentimento, seu objeto, as ações, pensamentos, decisões correspondentes, e os impulsos mais profundos, que em geral escapam à observação. Quando agimos com uma intenção, desejo ou propósito, por exemplo, de ajudar ou prejudicar alguém, nos parece natural que nossas ações sejam determinadas pela exigência de adequação, mas que, de resto, possam mostrar-se bastante diversas. O mesmo vale para qualquer sentimento. Também ele anseia por tudo aquilo que parece adequado a satisfazê-lo, sendo que essa característica é aplicada de maneira ora mais rígida, ora mais flexível; e é nessa ligação frouxa que consiste exatamente o caminho natural para a configuração e consolidação.

Pois até mesmo aos instintos acontece ocasionalmente cometerem erros, e sempre que um sentimento se extravasa, pode dar-se que uma ação seja apenas ensaiada, uma intenção ou pensamento se introduzam para mais tarde demonstrarem sua inadequação e serem abandonados de novo, e também que um sentimento entre no âmbito de uma fonte de energia — ou vice-versa — da qual venha novamente a se separar. Nem tudo, portanto, se configura e consolida no curso dos acontecimentos, várias coisas são deixadas de lado. Com outras palavras, existe uma configuração sem consolidação, que constitui parte indispensável da configuração que se consolida; como tudo aquilo que parece adequado a servir às forças condutoras pode ser absorvido pela unidade do comportamento sensível, só sendo porém retido aquilo que realmente o é, o traço comum, a sucessão e a permanência se inserem por si sós no sentir, agir e pensar, tornando compreensível que eles se consolidem e configurem de maneira recíproca e crescente.”

“O ponto fraco dessa explicação se situa onde a unidade final, precisamente descrita, deve ligar-se à região originária dos impulsos, a qual tem limites imprecisos, perdendo-se no desconhecido. Essa região praticamente nada mais é do que aquilo que está circunscrito pelas representações de pessoa e Eu na medida de sua participação, e pouco sabemos a seu respeito. Considerando, porém, que no instante de um sentimento até mesmo o que há de mais íntimo pode se refundir, não julgaremos inconcebível que, num tal instante, a própria unidade configurada dos acontecimentos se estenda até lá. Considerando em contrapartida os antecedentes necessários para se preparar um tal resultado, qual seja o de uma pessoa abandonar seus princípios e hábitos, deixaremos novamente de lado qualquer idéia excessivamente voltada para o efeito instantâneo. Mas se nos déssemos afinal por satisfeitos, de maneira que, pára a

região onde brota o sentimento, valham leis e relações diferentes das que valem para a saída, onde ele se torna perceptível como acontecimento interior e exterior, depararíamos novamente com uma lacuna, pois falta ainda qualquer noção da lei que rege a transição das forças atuantes para a formação atuada. Talvez a suposição de uma unidade frouxa, geral, englobando todos os processos, explique que, ao final, surja uma unidade determinada e firme — mas essa questão vai além da psicologia e, atualmente, ainda supera nosso saber.”

“Vimos, assim, que se esboça uma unidade na evolução de um sentimento da fonte até a foz, mas que não se pode dizer quando e como ela toma a forma fechada que deve caracterizar o comportamento sensível completamente configurado (e para cuja exposição usei o exemplo da melodia). Estranhamente, essa resposta bastante negativa permite a introdução de um pensamento que dá um desfecho peculiar à solução, até agora postergada, da questão de como se apresenta o conceito de sentimento na pesquisa mais recente. E a confissão de que os acontecimentos reais não correspondem inteiramente — nem mesmo em sua configuração final — à idéia que deles fizemos. Isso demonstra ser útil em uma espécie de dupla negação. Pode-se dizer: talvez nunca exista a unidade pura que, segundo a teoria, corresponde à lei do sentimento acabado; talvez ela nem possa existir, porque seria tão perfeitamente delimitada que não poderia mais assimilar quaisquer influências; mas — diremos então — um sentimento perfeitamente delimitado também não existe! Com outras palavras: sentimentos nunca se concretizam de modo puro, mas apenas de modo aproximado. E dito ainda de outra forma: o processo de configuração e consolidação jamais chega ao fim.”

“É exatamente isso que caracteriza hoje todo o pensamento psicológico. Nos conceitos fundamentais da psicologia vemos apenas modelos de pensamento que permitem ordenar os acontecimentos internos, sem esperar que estes se constituam realmente de tais elementos, como uma quadricromia. Na verdade, segundo essa concepção, as qualidades puras do sentimento, da idéia, da sensação e da vontade se encontram tão pouco no mundo interior, quanto, por exemplo, um filete de energia ou um ponto pesado no exterior, existindo simplesmente um todo entrelaçado que parece ora querer, ora pensar, porque essa ou aquela qualidade é preponderante nele.

Os nomes dos diversos sentimentos designam portanto apenas tipos dos quais as vivências reais se aproximam, sem concordarem completamente com eles. Com isso, mesmo que estejamos falando de modo um tanto primário, o axioma da psicologia mais antiga, segundo o qual o sentimento, como uma das vivências fundamentais, teria uma qualidade inconfundível ou seria vivido de um modo que o distinguiria definitivamente de outras vivências, é substituído por uma diretriz cujo conteúdo é mais ou menos o seguinte: não há vivências que desde o começo sejam um sentimento determinado e nem sequer um sentimento em geral; existem apenas vivências destinadas a se tornarem sentimentos e sentimentos determinados.

Também a idéia da configuração e consolidação ganha assim o significado de que sentimento e comportamento não apenas, se formam, se consolidam e — na medida do possível — se determinam nesse processo, mas que surgem nele: quer dizer, no começo não existe precisamente esse ou aquele sentimento determinado — por exemplo, em estado débil — de par com sua maneira de agir, mas sim meramente

algo que é destinado e apropriado a tornar-se um tal sentimento e ação, coisa que, entretanto, nunca se conclui de modo puro.”

“É claro que não se trata também de algo completamente arbitrário, já que, de antemão e por disposição própria, é destinado e apropriado a se tornar um sentimento, mais ainda, um sentimento determinado. Pois, afinal, ira não é cansaço, provavelmente nem no começo; e tampouco saciedade e fome, mesmo incipientes, podem ser confundidas. A princípio existirá portanto algo de inacabado, um rudimento, um núcleo, algo com características de sentimento, aparentado a ele. Eu gostaria de dizer: um sentir, mas não ainda um sentimento. É melhor, todavia, que eu dê um exemplo, e escolherei para tanto um relativamente simples: o da dor física vinda de fora.

Ela pode ser uma sensação localizada, dor terebrante ou ardida, desagradável, mas estranha. Essa sensação pode também se exacerbar e cobrir toda a pessoa de sofrimento. A princípio, é freqüente haver em seu lugar apenas um vazio do qual no momento seguinte brota sensação ou sentimento; pois as crianças não são as únicas que, a princípio, muitas vezes não sabem se algo está doendo. Antes, se supunha que, nesses casos, um sentimento se adiciona à sensação; hoje, prefere-se a hipótese de que um núcleo de vivência, que originalmente não é nem sensação nem sentimento, pode evoluir tanto para uma como para o outro.

Esse conteúdo de vivência originária inclui também o começo de uma ação reflexa ou instintiva, de um recuo, um estremecimento, uma defesa ou contra-ataque involuntários; e como isso acarreta em maior ou menor grau uma participação de toda a pessoa, deve se relacionar também com um estado interno de fuga ou defesa, ou seja, uma tendência de sentimento da espécie do medo ou do ataque. Naturalmente, ela parte com mais força ainda dos instintos alarmados, que não constituem apenas predisposições para uma ação oportuna, mas, uma vez despertados, espalham também estados de espírito indefinidos que designamos como estados de amedrontamento, irritação e, em outros casos, enamoramento, receptividade e assim por diante. O próprio não-acontecer-nada e não-poder-fazer-nada tem uma tal coloração de sentimento. Em geral, porém, os instintos estão ligados a uma definição de vontade mais ou menos clara, e, então, logo ocorrerá um reconhecimento da situação que, por si mesmo, constitui um confrontar-se e tem, portanto, uma coloração de ataque. Ele também pode, contudo, atuar no sentido de uma frieza e calma; ou, caso a dor seja muito violenta, ele não terá lugar, e nós nos afastaremos repentinamente da fonte da dor. Já esse exemplo balança — e isso desde os primeiros momentos — para cá e para lá entre sensação, sentimento, réplica espontânea, vontade, fuga, defesa, ataque, dor, ira, curiosidade e sangue-frio, mostrando assim que não se trata de um estado originário de sentimento, mas antes de diversos pontos de partida que se alternam ou completam.

Isso empresta à afirmação de que já existe um sentir, mas ainda não um sentimento, o significado seguinte: existe sempre a predisposição para um sentimento, mas esta não precisa se realizar, e existe sempre um rudimento, que, porém, pode servir ulteriormente como ponto de partida para outro sentimento.”

“A maneira peculiar pela qual o sentimento desde o começo existe e inexistente pode ser expressa comparando seu processo evolutivo com a imagem de uma floresta, e não de uma árvore. Uma bétula, por exemplo, permanece ela mesma desde que

brota até que morre; uma floresta de bétulas, pelo contrário, pode começar mista, transformando-se em floresta de bétulas assim que essas árvores — por razões que podem ser bastante diversas — predominarem nela e as exceções perderem a importância.

O mesmo se dá com o sentimento e, apesar dos possíveis mal-entendidos, com a ação sentimental. Têm sempre uma característica própria, mas essa varia por diversas influências até adquirir características sempre mais definidas de um determinado sentimento e ‘merecer’ seu nome, o que sempre contém um traço de livre apreciação. Sentimento e ação sentimental podem, porém, voltar a se afastar desse tipo e aproximar-se de outro, o que não é inusitado, já que um sentimento pode oscilar e atravessa mesmo diversas disposições. A diferença com relação à concepção comum consiste em que, segundo esta, o sentimento se refere a uma vivência determinada, que nós nem sempre reconhecemos nitidamente; a mais recente, pelo contrário, atribui a indeterminação ao sentimento, procurando entendê-la e delimitá-la concisamente a partir de sua natureza.”

Num apêndice, seguiam-se agora somente exemplos isolados, notas marginais, na realidade, reprimidas nas passagens a que seriam destinadas para não interromperem a exposição. E assim, essas retardatárias deslocadas já não pertenciam mais a trechos determinados, embora fizessem parte do todo e fixassem idéias para uma sua possível aplicação:

“As tremendas diferenças que existem na relação ‘amar algo’, como, por exemplo, amar a Deus e amar pescarias, não se devem ao amor, e sim ao ‘algo’. O próprio sentimento — os trancos, barrancos, desejar, ferir, consumir-se, com uma palavra: amar — não permite reconhecer uma diferença.”

“Amar a bengala ou a honra com toda a certeza não estão de mil para um apenas por não serem estas a mesma coisa, mas também porque o uso que delas fazemos, as circunstâncias em que se tornam importantes, em suma, todo o grupo de experiências, são diversos. E a inconfundibilidade de um grupo de experiências que nos dá a certeza de conhecermos nosso sentimento. Por isso, na verdade só o conhecemos depois que ele agiu sobre o mundo, configurando-se através dele; antes de nossa ação decidir a respeito, não sabemos o que sentimos.”

“Quando dizemos que nosso sentimento está dividido, deveríamos dizer que ele ainda não está pronto ou que nós ainda não nos definimos.”

“E quando ele surge como contradição ou paradoxo, trata-se muitas vezes de outra coisa. Costumamos dizer que os corajosos não ligam para a dor; na verdade, porém, o sal amargo da dor espumeja na coragem. E no mártir ele lança suas labaredas ao céu. No covarde, pelo contrário, a dor sofre uma condensação insuportável devido ao medo que espera por ela. Ainda mais nítido é o exemplo do horror em que, quando impostas pela violência, se transformam exatamente aquelas sensações que, aceitas voluntariamente, são de extrema volúpia.

É claro que se tratam de fontes diversas, e surgem também misturas, acima de tudo, porém, surgem diversas direções em que o sentimento predominante se configura.”

“Sendo fluxo constante, os sentimentos não se deixam deter; não se deixam, portanto, ‘examinar detidamente’; quer dizer, quanto mais precisamente os observamos, tanto menos sabemos o que sentimos. A atenção já é uma modificação do sentimento. Todavia, se eles fossem uma ‘mistura’, esta deveria na verdade apresentar a maior nitidez no momento de parada, embora a atenção se intrometa.”

“Como a ação externa não tem importância autônoma para a alma, os sentimentos não podem ser diferenciados apenas segundo ela. Há um incontável número de vezes em que não sabemos o que sentimos, apesar de agirmos com energia e decisão. Nessa imprecisão repousa então a tremenda ambigüidade daquilo que uma pessoa observada com desconfiança ou ciúme faz.”

“A imprecisão do sentimento não demonstra entretanto sua fraqueza, pois exatamente no extremo sentir os sentimentos desaparecem. Já nos graus mais elevados, são extremamente débeis; veja-se, por exemplo, a ‘coragem do desespero’, ou a transformação de felicidade em dor. As ações então ocasionadas também são contraditórias, como paralisia ao invés de fuga, ou ‘ficar sufocado de raiva’. No caso de emoções muito violentas, porém, eles, por assim dizer, perdem a cor, de forma que sobra apenas uma sensação morta dos fenômenos físicos que os acompanham, como calafrios, taquicardia, distanciamento dos sentidos. E nos graus mais elevados ocorre cabalmente uma cegueira, de modo que se poderia dizer que o mecanismo do sentimento e, com isso, todo o mundo dos sentimentos só valem para graus medianos.”

“Nesses graus médios nós naturalmente não reconhecemos e designamos um sentimento de maneira diversa de outros fenômenos que fluem, para repeti-lo mais uma vez. Estabelecer a distinção entre ódio e ira é tão fácil e tão difícil como definir a que existe entre assassinato e homicídio ou entre uma bacia e um alguidar. Não impera nomenclatura arbitrária, mas cada lado e cada curva podem servir à comparação e conceituação. E é dessa forma que se ligam as cento e uma espécies de amor sobre as quais Ágata e eu gracejamos, não sem certa dose de aflição. Como pode ocorrer que coisas tão diversas sejam designadas pela mesma palavra amor, é uma questão que tem resposta idêntica à de por que falamos sem hesitar em braço: do corpo, do rio, da cruz, do morro, do moinho e outros braços mais! Todas essas impressões braçais se baseiam numa ‘braçalidade’ comum, que, entretanto, não constitui um núcleo comum dentro delas, e sim — quase poder-se-ia dizer — nada mais que uma comparação possível a todas elas. Pois nem mesmo precisam ser todas semelhantes, basta que uma coisa leve à outra, que cheguemos de uma à outra, que elementos vizinhos se pareçam — os mais distantes se parecerão então por seu intermédio. E mesmo aquilo que constitui a semelhança, que liga os vizinhos, pode mudar numa tal cadeia; assim, chegamos exaltados de uma extremidade do caminho à outra, quase sem saber mais de que maneira o percorremos.”

“Mas se quiséssemos, como é nossa tendência, encarar a semelhança existente entre todos os amores como semelhança deles com uma espécie de ‘amor originário’, que se situaria — sem braços e pernas, por assim dizer — no meio de todos eles,

cairíamos aparentemente no mesmo erro que ao acreditar num ‘braço originário’. E, no entanto, temos comprovantes vivos de que esse sentimento existe realmente. Apenas o grau desse ‘realmente’ é difícil de determinar. Não é o mesmo que o do mundo real. Um sentimento que não é sentimento por alguma coisa; um sentimento sem desejo, sem predileção, sem movimento, sem conhecimento, sem limites; um sentimento ao qual não pertencem quaisquer comportamentos ou ações determinados, ou, pelo menos, nenhum comportamento totalmente real: por mais verídico que seja ele não dispor de braços e pernas, não é menos verídico que ele sempre voltou a surgir diante de nós e nos pareceu mais vivo que a vida! Amor já é um nome muito particular para isso, embora um amor para o qual ternura e simpatia constituam expressões mais que palpáveis seja ainda seu mais próximo parente. Ele se realiza de maneiras diversas e em muitas relações, mas não se deixa jamais separar completamente dessa realização que o polui. Parece que as sóbrias reflexões com que enchi estas páginas pouco têm a ver com isso, e, no entanto, estou quase seguro de que elas me levaram ao ponto de passagem correto!”

## O FAZOBÉM CANTA

O Professor August Lindner estava cantando uma canção. Ele esperava por Ágata.

Ah, os olhos do menino, Mas que lindos que eles são, E seu brilho claro e fino  
Conquistou meu coração.

Ah, se os doces olhos dele Olhassem o fundo dos meus! Seu rosto veriam nele, E aí me  
daria adeus.

E servir só posso então A esses olhos do menino, Pois seu brilho claro e fino  
Conquistou meu coração.

Era originalmente uma canção espanhola. Na casa de Lindner havia um pequeno piano dos tempos da Sra. Lindner, servindo à tarefa de aperfeiçoar a formação e educação do filho Peter que, por isso, já removera algumas cordas do instrumento. O próprio Lindner nunca o usava, a não ser para alguns acordes solenes que volta e meia fazia soar; e embora já tivesse por longo tempo ido e vindo diante do instrumento sonoro, só se deixara arrebatado pela inusitada tentativa depois de ter ciosamente

verificado que tanto a empregada quanto Peter estavam fora de casa. Apreciara muito a própria voz aguda de barítono, sensivelmente adequada para expressar sentimentos, e deixara o piano aberto, postando-se pensativo a seu lado, uma perna cruzada sobre a outra, o braço apoiado no instrumento. Ágata, que já o visitara algumas vezes, estava com mais de uma hora de atraso. Devido em parte a isso, em parte às suas próprias providências, o vazio da casa lhe veio à consciência como preparativo culposos.

Encontrara uma alma de perturbadora riqueza, que dava a impressão de confiar-se a ele, e se esforçava por salvá-la; e que homem não ficaria encantado por encontrar uma criatura feminina que ele mal se atrevia a esperar ainda, e poder educá-la à sua maneira! Mas a isso se misturava, com seus tons graves, um mal-estar. Lindner considerava a pontualidade um dever de consciência não menor que o cumprimento de contratos e a honestidade; pessoas sem horários rígidos lhe pareciam de uma dispersão doentia, e, se chegavam a obrigar outras pessoas mais sérias a perderem seu tempo com elas, ele as julgava piores que assaltantes de rua. Então, o dever exigia que, com gentileza, mas implacável, lhes infundisse o devido respeito pelo tempo que não pertencia a ele, e sim à sua atividade; e como mentiras forçadas prejudicam a própria mente, mas as pessoas não são iguais, umas tendo influência e outras não, ele desenvolvera a partir daí diversos exercícios para o fortalecimento do caráter, cujas sentenças mais fortes e marcantes lhe ocorriam agora em profusão, perturbando a doce emoção deixada pela música.

É preciso lembrar que desde os tempos de Universidade ele não mais cantara uma canção religiosa, e a saboreava, assim, com susto contido. “Que ingenuidade latina e que graça”, pensou, “brilhavam nesses versos tão laicos! Como é delicada e encantadora a sua relação com o Menino Jesus!” Tentou reviver em seu íntimo a inocência dos versos, e concluiu: “Se eu não soubesse do que se trata, poderia até acreditar estar ouvindo dentro de mim a casta esperança que uma donzela deposita em seu rapazinho!” Deveria até ser possível dizer que uma mulher que evoca tais homenagens, tocando o que há de mais nobre no homem, precisa ser ela própria uma criatura nobre. Mas, nesse ponto, Lindner sorriu, insatisfeito, e resolveu fechar a tampa do piano. Em seguida, fez com os braços um daqueles movimentos com que fortalecia a harmonia da personalidade, e ficou quieto de novo. Um pensamento desagradável se intrometera. “Ela não tem sentimentos!”, suspirou de dentes cerrados. “Ela iria rir!”

Nesse momento, havia algo em seu rosto que teria feito sua falecida mãe recordar o menino no qual ela toda manhã dava um grande laço bonito embaixo do queixo, antes de ele ir para a escola; poderíamos designar esse algo como falta total de brutalidade masculina. Essa lacuna torna impossível um garoto viver entre outros garotos. O corpo comprido, grande, mas sem forças, de perninhas finas, parecia uma lança com a cabeça espetada em cima, boiando sobre a arena ensurdecadora dos colegas de escola, que troçavam daquele laço dado por mão materna; e, em pesadelos, o Professor Lindner ainda hoje se via por vezes nessa situação, sofrendo pelo bem, pelo belo, pelo verdadeiro. Mas, exatamente por isso, ele nunca confessava ser a brutalidade uma qualidade indispensável ao homem, comparável ao cascalho que é misturado à argamassa para dar-lhe solidez; e, principalmente depois que se transformara no homem que se orgulhava de ser, via naquela antiga lacuna uma confirmação de que nascera para melhorar o mundo, mesmo que em escala modesta. Bem, mas hoje já estamos acostumados com a explicação de que os grandes oradores surgem por pro-



blemas da fala e os heróis pela fraqueza, com outras palavras, que nossa natureza sempre precisa abrir um buraco quando quer que ergamos uma montanha acima dele; e como os semi-ignorantes e semi-selvagens que, predominantemente, determinam o curso da vida quase que vêm em cada gago um Demóstenes, fica mais fácil ainda considerar como sinal de bom gosto espiritual quando alguém declara que o mais importante em Demóstenes é sua gagueira inicial. Todavia, ainda não se conseguiu atribuir as façanhas de Hércules ao fato de que ele tenha sido uma criança franzina, ou os recordes em corrida e salto a um pé chato, ou ainda a coragem a um caráter medroso, sendo, portanto, necessário convir que um talento especial requer algo mais que a própria falta!

O Professor Lindner não se recusava absolutamente a confessar que as zombarias e pancadas que temera quando garoto poderiam ser uma das causas de seu desenvolvimento espiritual. Mesmo assim, o estabelecimento de seus princípios e sentimentos lhe prestava hoje o serviço de transformar em triunfo espiritual cada impressão advinda do tumulto do mundo; e até o hábito de entremear em sua fala expressões bélicas ou esportivas, bem como sua tendência a imprimir um cunho de vontade firme e inflexível em tudo o que dizia ou fazia, começaram a se desenvolver na proporção em que ele, amadurecendo, e vivendo agora entre contemporâneos mais amadurecidos, ficava fora do alcance de ataques físicos diretos. Na Universidade, chegara a ser membro de uma dessas associações de estudantes que usavam gibão, gorro, botas, faixa e armas, tão pitorescos como os brigões que desprezavam, mas delas só fazendo uso pacífico, pois sua visão do mundo proibia duelos. Naquele tempo, firmou-se definitivamente sua estima por uma valentia que não requer emprego cruento, testemunhando ao mesmo tempo que se podem ligar nobreza de caráter e vitalidade esfuziante, ou — dito, decerto, de outra forma — que a maneira mais cômoda de Deus entrar numa pessoa é imitando o diabo que estava lá antes Dele!

Assim, sempre que Lindner era obrigado a censurar o filho baixote — coisa que infelizmente acontecia com frequência —, mostrando-lhe que a condescendência diante da idéia da força também amolece o homem, ou que a força da humildade e a coragem de renunciar se situam acima da força e coragem físicas, ele não falava como leigo em questões de coragem, mas saboreava as excitações de um mágico que consegue colocar demônios a serviço do bem. Pois embora no ápice de seu bem-estar nada existisse que pudesse romper realmente seu equilíbrio, ele se caracterizava por uma repulsa que quase beirava o medo — semelhante a um coxear deixado por uma ferida cicatrizada — diante de gracejos e gargalhadas, mesmo quando apenas suspeitava de sua mera eventualidade. “A volúpia do chiste e do humor provém do comodismo saciado, da maldade e da fantasia ociosa”, costumava ensinar ao filho, “e leva a pessoa com muita facilidade a dizer coisas que a parte melhor de seu ser julga condenáveis! Em compensação, o exercício de calar idéias e pensamentos ‘engraçados’ constitui uma bela prova de força, um teste de vontade que nos enrijece, e sua ação benéfica sobre toda a pessoa é ainda maior quando aproveitamos o silêncio conquistado para observar melhor nossas pilhérias. Normalmente, só então verificamos” — concluía, de pé, a exortação — “quanta presunção, quanto desejo de diminuir o próximo, quanta afetação e leviandade se escondem atrás de nossa pilhéria, quanto aperfeiçoamento de nossa compaixão, e também da dos outros, ela sufoca, e até quanta brutalidade terrível, quanto sarcasmo doentio se manifestam no riso do público que queremos conquistar!”

Peter tinha de esconder diante do pai sua tendência adolescente para fazer sarcasmos e piadas; mas nem por isso ela deixava de existir, e o Professor Lindner não raro sentia o hálito do mau espírito rondando em sua casa, sem conseguir surpreender o fantasma peçonhento. Isso chegava ao ponto de o pai manter o filho atemorizado com um olhar dominador, enquanto em seu íntimo tinha medo dele, o que recordava algo de indefinível que já existira entre o professor e a esposa quando a rotunda senhora ainda estava neste mundo. Mandar em casa, determinar o espírito que nela reinava, saber a família reunida à sua volta como um tranqüilo jardim em que plantara seus princípios, eram pressupostos indispensáveis para que ele se sentisse satisfeito; mas a Sra. Lindner, com quem se casara logo depois de concluir os estudos durante os quais vivera num quarto alugado em casa da mãe dela, tinha infelizmente deixado logo em seguida de partilhar seus princípios, adotando, porém, um jeito de não gostar de contradizê-lo que o irritava mais que a contestação. Ele nunca conseguira esquecer o olhar que por vezes surpreendera no canto dos olhos dela, cuja boca permanecia obedientemente calada; e, em seguida, ele sempre ficara numa situação um tanto crítica: por exemplo, de camisola curta demais, proferindo um sermão sobre a dignidade da mulher, que deveria proibir qualquer interesse pelos rapazes rudes e descontraídos que, naquela época, com suas bebedeiras e cicatrizes, ainda predominavam na vida estudantil e eram, por isso, inquietos menos malvistos do que seria desejável.

Aliás, a secreta mania de sarcasmo da mulher é um capítulo que está intimamente ligado à sua incompreensão diante dos mais importantes assuntos masculinos; e no momento em que Lindner se lembrou disso, os processos espirituais que até então se agitavam disformes em seu íntimo liberaram a imagem de Ágata. Como seria ela numa vida íntima em comum? “Ela sem dúvida não é o que se pode chamar tranqüilamente de uma pessoa boa, e nem sequer esconde isso!”, disse com seus botões, e ficou de cabelo em pé ao recordar que ela afirmara, rindo, que as pessoas boas eram hoje tão responsáveis pela podridão da vida quanto as más. Contudo, embora essas “opiniões horrorosas” ainda o irritassem invariavelmente, ele já lhes tinha “quebrado os dentes peçonhentos” com uma explicação definitiva que encontrara: “Ela não conhece a realidade!” Pois considerava Ágata uma criatura nobre, mesmo que fosse uma “filha de Eva” cheia de maligna inquietação. O comportamento justo, tão seguro para o crente, parecia aos olhos dela a coisa mais difícil de conceber, a solução das mais espinhosas tarefas da vida! Sua idéia de bondade e direito tinha o aspecto confuso de um sonho, era inimiga da ordem, e desconexa como uma combinação casual de poesias. “É alheia à realidade!”, repetiu ele. “Se, por exemplo, conhecesse o amor, como poderia ser cínica a ponto de dizer que ele é impossível e coisas desse tipo!” Era preciso, portanto, mostrar-lhe o verdadeiro amor.

Mas Ágata criava então novas dificuldades. Era preciso ter a coragem de dizer abertamente a verdade: ela o feria! Parecia ter prazer em destruir as coisas sagradas; depois de uma censura, suas críticas não se detinham diante de nada, e ela mostrava francamente que queria ferir. Existem naturezas assim, são autodestrutivas, batem na mão que lhes traz ajuda; mas um homem firme jamais fará seu próprio comportamento depender do comportamento alheio, e, nesse momento, Lindner tinha diante dos olhos a imagem de um homem tranqüilo de longas barbas, curvado sobre uma enferma temerosa e arredia, olhando uma ferida no fundo do seu coração. Isso não significava que ele fosse necessariamente esse homem, pois vivia momentos alheios

à lógica; mas Lindner, quer dizer, o próprio Lindner, se ergueu, apalpou a barba que nesse meio tempo ficara bastante rala, e um rubor nervoso passou por sua face. Viera-lhe à memória que Ágata tinha como ninguém o hábito condenável de levá-lo a acreditar que podia compartilhar os sentimentos mais sublimes e secretos dele; pior ainda, na difícil situação em que se encontrava, Ágata parecia apelar para esses sentimentos, a fim de feri-los com deboche assim que ele revelava os tesouros de seu íntimo. Ela o inspirava! Lindner teve de confessá-lo, não havia outro jeito, pois um estranho sentimento agitava seu peito, comparável a um cesto cheio de galinhas empurrando-se umas às outras, comparação um tanto brutal, a que ele, decerto, era avesso. Mas então, acontecia ela rir de repente da maneira mais indefinível, ou insinuar algo de mundano e grosseiro, que lhe cortava o coração, como se a única intenção dela tivesse sido ludibriá-lo! E que dizer de hoje, pensava Lindner, quando ela, antes mesmo de chegar, já o levava àquela situação penosa com o piano. Ele fitou o instrumento: parecia uma doméstica violada pelo patrão!

Desconhecia os motivos que induziam Ágata a esse jogo, e ela própria não teria podido abrir-se com ninguém, muito menos com Ulrich. Ela se comportava de maneira instável, numa alternância de sentimentos que não deixava de ser intencional, sacudindo-os e afrouxando-os como alguém que estica os membros sob uma doce carga. Aquela atração esquisita que a fazia procurar secretamente Lindner incluía desde o começo uma oposição contra Ulrich, ou, pelo menos, contra a dependência total diante dele; o estranho distraía um pouco seus pensamentos, lembrando-lhe a variedade do mundo e dos homens. Mas isso só a levava a sentir de forma ainda mais calorosa a dependência diante do irmão, e equivalia ao mistério que ele fazia em torno de suas anotações, mais ainda, equivalia àquela resolução que ele tomara, de julgar com a razão, além e acima dos sentimentos. Ele estava, assim, bastante ocupado, enquanto ela, pelo contrário, vivia impaciente, precisando descarregar a tensão voltada para uma aventura cuja evolução ainda era imprevisível, e, na medida em que Ulrich lhe causava entusiasmo ou desânimo, Lindner, a quem se sentia superior, a fazia recobrar a paciência ou euforia. Abusando da influência que exercia sobre ele, ela conquistava o autodomínio que lhe fazia falta.

E havia algo mais. Pois naquele tempo, o assunto do divórcio e as cartas de Hagauer não eram mencionados entre Ulrich e ela, nem tampouco o testamento, modificado, ou melhor, adulterado num instante de leviandade, o que exigia uma reparação, fosse civil ou miraculosa. Ágata volta e meia ficava deprimida pelo que fizera. Sabia também que, para Ulrich, a desordem deixada numa esfera inferior da vida não favorecia a ordem perseguida em esferas mais altas, opinião que ele nunca escondera; e mesmo sem se lembrar em todos os detalhes da conversa que se seguira às suspeitas levantadas por Hagauer, ela vivia em compasso de espera, desterrada entre bem e mal. Havia qualquer coisa que, num vôo, elevava seu próprio caráter à categoria de justificativa milagrosa, qualquer coisa em que, porém, não podia ainda acreditar; assim, era seu senso de direito que, ferido e renitente, encontrava uma saída no curso das discussões com Lindner. Estava muito grata a Lindner, pois este parecia lhe atribuir todas as más qualidades que já Hagauer descobrira nela, e também porque a simples imagem que Lindner involuntariamente apresentava em tais ocasiões já bastava para tranquilizá-la.

Enquanto isso, incapaz de formar um juízo definitivo sobre Ágata, Lindner ia e vinha pela sala, nervoso, recapitulando detidamente todos os pormenores das visitas

que Ágata lhe fizera. Ela parecia gostar de sua companhia, vivia querendo conhecer detalhes de sua vida, inclusive doméstica, seus livros e princípios pedagógicos. Ele certamente não se enganava supondo que ninguém demonstra tanto interesse pela vida de outra pessoa se não está também interessado em compartilhá-la; por enquanto, porém, seria melhor considerar essa curiosidade como um traço de caráter, como ela mesma dizia! Recordou que Ágata lhe falara certa vez de uma mulher — uma ex-amante do irmão, ainda por cima! — cuja cabeça ficava “como um coco, com os cabelos virados para dentro”, sempre que tinha queda por um homem; e Ágata acrescentara sentir o mesmo com relação à casa dele, onde tudo seria tão harmonioso, que a gente “chegava até a sentir medo de si mesmo”! Mas tal medo parecia lhe dar prazer, e Lindner acreditava reconhecer nesse traço contraditório a temerosa disponibilidade de entrega da psique feminina, tanto mais que ela insinuava lembrar-se de impressões semelhantes dos primeiros tempos de seu casamento.

Bem, é mais do que claro que um homem como Lindner pensa em casamento e não em pecado. E assim, tanto dentro como fora do horário previsto para questões existenciais, ele já se permitira o pensamento dissimulado que uma criança como Peter talvez precisasse novamente de uma mãe; dessa forma, parou de dissecar o comportamento de Ágata, detendo-se num fenômeno que o tocava de maneira misteriosa. Desde que se tinham conhecido, o tom de Ágata nunca era tão apaixonado como quando falava do divórcio. Será que isso não tinha uma profunda ligação com seu próprio destino? Tratava-se de um pecado que ele de modo algum poderia aprovar, mas também não podia impedir que as vantagens desse pecado lhe parecessem mais evidentes a cada dia que passava; e, deixando de lado suas demais opiniões sobre a essência do trágico, ele se sentia inclinado a considerar trágica uma tal sina que o obrigava a repudiar com azedume algo que estava a ponto de desejar. Para piorar as coisas, Ágata, ferina do jeito que era, explorava essa contradição, insinuando não acreditar que as convicções dele fossem autênticas. Por mais que ele se entrincheirassem atrás da moral e da Igreja, por mais que pronunciasses todas aquelas frases que o tinham acompanhado pela vida inteira, ela sempre respondia com um sorriso, sorriso esse que, lembrando o da Sra. Lindner nos últimos anos do casamento, o obscurecia ao mesmo tempo com a força inquietante da novidade e do segredo. “É o sorriso da Mona Lisa!” — exclamou Lindner em seu íntimo. “Irônico em meio à pureza do rosto!” E a importância dessa pretensa descoberta o deixou tão sobressaltado e orgulhoso, que por um momento não conseguiu rejeitar com a energia habitual a ofensa que consistia em questionar a firmeza de sua crença no Senhor, que costumava seguir-se ao sorriso. Aquela mulher descrente não estava à procura do ensinamento enviado por Deus, ela queria enfiar a mão na própria fonte; e essa talvez fosse a missão dele: levantar a pedra que vedava a fonte, permitir que ela desse uma olhadela; ninguém poderia livrá-lo dessa sina, por mais desagradável e amedrontador que lhe parecesse um tal pensamento! E, num rompante, apesar de encontrar-se sozinho no aposento, Lindner bateu com os pés no chão e disse em voz alta:

— A senhora não pense que não a entendo! Não pense que a submissão que nota em minha pessoa vem de um ser que sempre foi submisso!

Mas a história de como Lindner tinha se tornado o que era era bem mais corriqueira do que ele acreditava. Para começo de conversa, poderia ter-se tornado outra pessoa; ainda se lembrava nitidamente da predileção que, como garoto, tivera pela geometria, cujas belas e inteligentes demonstrações acabavam se fechando sobre a

verdade com um ruído seco, dando a Lindner a satisfação de ter capturado um gigante numa ratoeira. Nada apontava para uma predisposição religiosa especial, e, ainda hoje, ele pensava que a crença não era presente de berço, precisando, pelo contrário, ser “adquirida”. E se fora um excelente aluno de religião, isso se devia à mesma alegria pelo saber e por alardear sabedoria, que demonstrava também nas outras matérias. Todavia, seu íntimo absorveu as formas de expressão da tradição religiosa, apenas seu precoce senso cívico continuara se rebelando contra elas; isso se manifestou inesperadamente no único momento extraordinário de sua vida. Foi na época em que se preparava para o exame de conclusão do colegial. Tinha se aplicado com excessivo afincamento por semanas a fio, e estava sentado à noite em seu quarto, estudando, quando, repentinamente, passou por uma transformação incompreensível. Diante do mundo, seu corpo pareceu ficar leve como papel queimado, e uma alegria indizível se apossou dele, qual uma vela acesa na abóbada escura do peito, espalhando por todos os membros um brilho delicado; e, antes que ele tivesse podido questionar a imaginação, essa luz envolveu sua cabeça com uma exaltação cintilante. Ficou apavorado; mas, mesmo assim, sua cabeça emitia luz. Uma maravilhosa clareza espiritual inundou seus sentidos e o mundo passou a refletir-se nela com uma intensidade que olhos terrenos não teriam podido captar. Ele via apenas seu quarto na penumbra, não se tratava, portanto, de uma visão; mas, contrariando esse fato, a exaltação prosseguia. Tranquilizou-se, pensando que, fosse como fosse, aparentemente vivia aquilo apenas como “ser espiritual”, enquanto o “corpo” continuava sentado na cadeira, nítido e sóbrio, ocupando o espaço de sempre; permaneceu assim por um tempo, já meio conformado com aquela situação crítica, pois nos acostumamos depressa ao insólito, desde que ainda reste a esperança de que venha a demonstrar ser filho da ordem, ainda que degenerado. Mas as novidades não acabaram por aí. De repente, ouviu uma voz que se dirigia a ele, abafada, como se já estivesse falando há mais tempo, mas perfeitamente nítida: “Lindner, onde me procuras? *Sis tu tuus et ego ero tuus*”, o que se pode traduzir mais ou menos assim: que sejas Lindner, e estarei contigo! Não foi tanto o conteúdo dessas palavras o que sobressaltou o ambicioso estudante — pois, pelo menos em parte, já as deveria ter lido ou ouvido, vindo depois a esquecê-las —, e sim a sensação acústica: elas vinham de fora, vinham por si sós e inesperadas, imediatamente convincentes em sua firmeza e plenitude, com um som tão diverso da seca afinação da carne endurecida naquela hora tardia, que qualquer tentativa de explicar o fenômeno com o cansaço e a irritação ficava antecipadamente descartada. Que essa solução fosse tão evidente quanto impossível, só fazia aumentar a confusão; com ela, aquele estado de exaltação na cabeça e no coração de Lindner alçou-se, sempre mais soberbo, começando a circular por todo o corpo. Foi demais. Ele segurou a cabeça, sacudiu-a entre as mãos, pulou da cadeira, disse “não!” três vezes, e repetiu quase gritando a primeira oração que lhe ocorreu, no que, finalmente, o sortilégio se desfez, e o futuro candidato a professor, mortalmente apavorado, fugiu para a cama.

Pouco tempo depois, ele passou com distinção no exame final, começando então seus estudos universitários. Não sentia vocação para padre — que, de resto, para responder a tolas perguntas de Ágata, nunca sentiu em toda a vida —, e, naquela época, sua religiosidade não era nem mesmo completa e inconteste; como qualquer inteligência em formação, também ele era assolado pela dúvida. Todavia, não viria jamais a se livrar do pavor mortal diante das forças religiosas de seu íntimo. É claro que, com o passar do tempo, a crença de que Deus em pessoa falara com ele foi arre-

fecendo; passou, então, a temer o poder irrefreado da fantasia, que pode facilmente levar à loucura. Seu pessimismo, que via o ser humano cercado por ameaças, tornou-se mais arraigado, e, assim, sua decisão de seguir o magistério passou a significar por um lado uma tentativa de educação — digamos — póstuma dos colegas de escola que o tinham maltratado, por outro, de educação do mau espírito ou deus irregular que possivelmente continuava a residir na caverna de seu peito. Mas se não sabia com certeza até que ponto era crente, bem cedo ficou claro ser ele um inimigo dos descrentes; aprendeu a pensar com convicção que era convicto e que convicto se tinha de ser. Na universidade, descobriu as fraquezas do espírito entregue à liberdade, tarefa fácil para quem, como ele, mal sabia que a condição da liberdade é inata às forças criativas.

É difícil explicar em poucas palavras a essência dessas fraquezas. Revelava-se, por exemplo, no fato de que as grandes construções voltadas para uma explicação filosófica do mundo de cunho original — as últimas foram erguidas entre os meados do século XVIII e XIX — acabaram solapadas pelas transformações da vida e, principalmente, pelos próprios resultados do pensamento e da experiência, e isso sem que os conhecimentos quase que diariamente desvendados pelas ciências tenham estabelecido uma nova mentalidade, ainda que cética; nem mesmo a vontade de estabelecê-la se articula publicamente com suficiente seriedade, de forma que a riqueza de conhecimentos se tornou quase tão opressiva quanto venturosa. De um ponto de vista muito geral, pode-se, porém, considerar que propriedade e cultura prosperaram de maneira incomum até atingirem um estado de saturação que viria a ser interrompido por um primeiro golpe decisivo pouco tempo depois daquele dia em que Lindner, procurando alívio diante de recordações fatigantes, meditava sobre os erros do mundo. Uma pessoa dada à luz, por hipótese, em 1871 — ano do nascimento da Alemanha — poderia, chegada à casa dos trinta, constatar que, durante sua vida, a malha ferroviária fora triplicada na Europa e mais que quadruplicada no mundo inteiro, enquanto o movimento postal se elevava ao triplo e as linhas de telégrafo tinham chegado a crescer sete vezes, tendência de desenvolvimento que se repetira em muitos outros campos. A eficiência das máquinas de força passara de 50% a 90%; o lampião a querosene fora substituído sucessivamente pela chama de gás, camisa incandescente e eletricidade, que produz sempre novas formas de iluminação; o cavalo, que subsistira durante milênios, dera lugar ao carro a motor, e os engenhos voadores não tinham apenas surgido, mas saído dos cueiros. A duração média de vida, por seu turno, aumentara de maneira notável graças aos progressos da medicina e da higiene, e o relacionamento entre os povos se tornara mais ameno e confiante desde as últimas confrontações bélicas. Vivendo tudo isso, o ser humano podia perfeitamente acreditar que, afinal, começara a era de progresso contínuo da humanidade, por tanto tempo esperada; e quem não gostaria de ver com esses olhos a época de sua própria vida!

Parece, entretanto, que essa prosperidade burguesa e espiritual se baseava em pressupostos bem determinados e nada perenes, e a explicação que hoje nos dão aponta para as gigantescas extensões cultiváveis e outras riquezas naturais então ainda existentes que tinham acabado de encontrar dono, para indefesos povos de cor ainda não espoliados (sendo que a acusação de fazê-lo era contrabalançada pela idéia de, em troca, trazer-lhes a civilização), e para os milhões de homens brancos que deviam pagar, indefesos também eles, os custos do progresso industrial e comercial (sendo que a consciência era aplacada pela certeza inabalável e não de todo infundada de que, em cinquenta anos ou cem de subsequente progresso, os próprios deserddados viveriam

melhor que antes da exerdção). Seja como for, a cornucopia da qual provinha a prosperidade material e espiritual era tão grande que se perdia de vista e, invisível, deixava apenas transparecer a impressão de crescimento generalizado. Hoje, é praticamente impossível fazer entender como era natural a crença de então na continuidade do progresso, e a opinião de que prosperidade e espírito seriam algo que, como o capim, se espalha quando não é propositalmente extirpado.

O estudante Lindner, pálido e nada abundante, que chegava mesmo a sofrer fisicamente com o próprio crescimento, possuía uma repulsa instintiva por aquela confiança cega, aquela mania de prosperidade, aquele liberalismo fatidicamente alegre; era dotado de uma intuição inata, de um tino seguro para qualquer falha e qualquer manifestação que os contradissesse. Como não estudava economia política, só mais tarde aprendeu a dar o exato valor a esses fatos; mas tanto maior era a lucidez com que contemplava o outro lado da evolução, o apodrecimento de uma ideologia que, em nome da liberdade espiritual, colocara o livre comércio à frente das atividades humanas, para abandonar então o livre espírito ao comércio livre; e Lindner farejava a catástrofe espiritual que, de fato, veio a acontecer. Essa crença no desastre em meio a um mundo satisfeito com seus progressos era a mais forte de suas qualidades; mas por que ele não se transformara então num socialista, ou numa dessas pessoas solitárias e fatalistas que não gostam de se meter em política, embora, cheias de amargura, sejam contra toda a situação reinante, pessoas que asseguram a existência do espírito, lutando pelo que é certo dentro de um círculo mais íntimo, fazendo, no que lhes toca, o que é importante, e deixando aos charlatões a terapia da cultura? Assim, quando se perguntava por que se tornara o que era, Lindner podia tranquilizar-se com a resposta de que tudo se dera da mesma forma como se abraça uma profissão. Já no último ano do liceu, ele pertencera a um círculo cujo projeto consistia em fazer uma crítica fria e ponderada tanto ao “antigo paganismo”, que semi-oficialmente era admirado dentro da escola, quanto ao “espírito moderno” que rondava fora dela; em seguida, rejeitando a movimentação e liberdade estudantil da universidade, entrara para uma agremiação em cujo seio as repercussões da luta política começavam a encobrir as cândidas conversas de adolescentes, como barba em rosto imberbe. Chegando assim aos últimos semestres, já estava ferreamente imbuído de uma curiosa característica, que vale para qualquer credo, qual seja, que a descrença é o melhor sustentáculo da crença, já que, observada e combatida nos outros, oferece ao crente a oportunidade de sentir o próprio fervor.

Desde o momento em que Lindner se dissera, resoluto, que também a religião é acima de tudo uma instituição feita para os homens e não para os santos, a paz baixara sobre ele. Entre o desejo de ser filho ou servidor de Deus, a escolha, para ele, estava feita. No gigantesco palácio em que queria servir, havia, sim, um aposento, o mais recôndito, onde os milagres ficavam guardados, repousando; e, embora não lhes saísse da cabeça, nenhum serviçal se detinha no interior desse santuário, viviam todos do lado de fora, protegendo-o, temerosos, da curiosidade dos estranhos, que já causara problemas nada agradáveis. O movimento na ante-sala, com suas maneiras dignas, suas inúmeras atividades e empregados em centenas de gradações, o enchia de admiração e zelo; e o trabalho externo, ao qual ele próprio agora se submetia, exercendo sua influência sobre agremiações morais, políticas e pedagógicas, e imbuindo a ciência de princípios religiosos, continha tarefas para as quais ele poderia consumir não uma, mas mil vidas, e que lhe propiciavam em troca aquele constante movimento sem

transformação interior, que constitui a felicidade dos espíritos bem-aventurados: pelo menos era o que ele pensava quando estava satisfeito, mas pode ser que estivesse fazendo uma confusão com a felicidade dos espíritos políticos. A partir de então, passou a entrar para associações, escrever brochuras, fazer conferências, estabelecer relações, e, antes de deixar a universidade, o recruta da devoção já se tinha transformado num homem jovem, com lugar de destaque na lista de oficiais, possuindo protetores influentes.

Uma personalidade com base tão ampla e extremidade tão pura não precisava em hipótese nenhuma deixar-se intimidar pela crítica petulante de uma mocinha! Retornando ao presente, Lindner consultou o relógio e verificou que Ágata ainda não chegara, apesar de já estar quase na hora de Peter voltar. Mesmo assim, abriu novamente o piano, mas não se entregou à volubilidade do canto, contentando-se em permitir que o olhar passeasse novamente pelas palavras da canção, que acompanhou com leve sussurro. Descobriu então que a acentuava mal, com excesso de sentimento, o que não correspondia àquela música encantadora, mas severa. Imaginou um Menino Jesus “que poderia ser de Murillo”, quer dizer, que apresentava de forma muito indefinida, além de redondos olhos negros, os andrajos pitorescos dos primeiros mendigozinhos do mestre, tendo em comum com o Redentor e Filho de Deus apenas o comovente lado humano, por sinal estilizado numa figura exagerada e de inegável mau gosto. Isso lhe causou uma impressão desagradável, fazendo com que Ágata voltasse a permear seus pensamentos: lembrou-se ter ela exclamado certa vez que nada seria mais curioso que a evolução do gosto, que, depois de ter produzido as catedrais e paixões góticas, apreciava hoje flores de papel, bordados de pérolas, toalhinhas de pontas e um linguajar adocicado, de maneira que a religião se tornara de mau gosto, e o dom de conferir cheiro e sabor ao impalpável perdurava quase que exclusivamente entre pessoas descrentes ou duvidosas! Lindner disse com seus botões que Ágata era uma “natureza estética”, designação para algo que não atinge a seriedade da economia política e da moral, mas que, em certos casos, pode ser muito estimulante, por exemplo, no caso presente. Pois até então, Lindner considerara as flores de papel uma invenção engenhosa e bonita, mas decidiu bruscamente tirar de cima da mesa um ramo dessas flores que ali se encontrava, escondendo-o provisoriamente atrás das costas.

Foi um ato quase involuntário, que o deixou um tanto atônito; ao mesmo tempo, acreditava poder surpreender Ágata com uma explicação para a “curiosidade” que ela observara sem entrar em maiores detalhes. Vieram-lhe à mente as palavras do Apóstolo: sem amor, a própria língua dos anjos é um ruído vazio! Baixou os olhos, com a testa franzida: já há muitos anos, pensou, nada fazia que não se ligasse ao amor eterno. Ao contrário da grande maioria dos intelectuais, era membro de uma maravilhosa comunidade do amor, em que as coisas e os atos, por mais terrenos que fossem, poderiam ser interpretados como alegorias do eterno, ou melhor, cujo sentido mais profundo consistia exatamente nessa relação, ainda que a consciência nem sempre estivesse brilhando de tão limpa. Existe, porém, uma diferença prodigiosa entre o amor que possuímos por convicção e o amor que nos possui; uma diferença de viço, diria ele, embora certamente também fosse legítima a que existe entre a pureza do saber e a turbulência opaca. Lindner não tinha dúvidas em colocar a pureza do saber em plano mais elevado; e quanto mais ela envelhece, mais se purifica, ou seja, se liberta das irregularidades do sentimento que a produziu, até que dessas paixões não



sobrevive nem mesmo a convicção, restando apenas a disponibilidade de lembrá-las e servir-se delas sempre que preciso. Talvez isso explique por que as obras do sentimento definham quando a experiência amorosa imediata não torna a revigorá-las.

Lindner estava entregue a essas considerações de cunho quase herético, quando a campainha tocou bruscamente.

Deu de ombros, fechou mais uma vez o piano e desculpou-se junto a si mesmo, dizendo: “A vida não precisa apenas de orações, precisa também de trabalho!”

## A REALIDADE E O ÊXTASE

Ágata não tinha ainda acabado de ler as anotações do irmão, quando ouviu pela segunda vez o som de seus passos sobre o caminho coberto de saibro, e, dessa feita, eles eram tão nítidos que não poderia haver engano. Resolveu que, na primeira oportunidade que viesse a se oferecer, peneiraria novamente no esconderijo dele, mas sem deixá-lo saber; pois, por mais que aquele modo de pensar fosse estranho à natureza dela, queria conhecê-lo e entendê-lo. Havia aí também um quê de vingança, ela queria pagar segredo com segredo, não desejando, portanto, ser surpreendida. Pôs as folhas em ordem, apressada, e guardou-as de novo, apagando todo vestígio que pudesse trair sua descoberta. Uma olhadela no relógio lembrou-lhe que deveria ter saído de casa há muito tempo e que, longe dali, uma pessoa provavelmente já irritada estava à espera dela, coisa que Ulrich, por seu turno, não deveria saber. Sorriu ao pensar que estava usando duas medidas. Tinha consciência de que sua própria falta de franqueza não representava verdadeiramente uma infidelidade, embora superasse a de Ulrich, o que lhe causou uma satisfação natural e permitiu que se separasse em paz de seu achado.

De volta ao escritório, o irmão não mais a encontrou, fato que, porém, não o surpreendeu. Ele finalmente se reencontrara depois de ler passeado por algum tempo pelo jardim com a cabeça fervilhando, ocupada pelas pessoas e situações sobre as quais conversara antes da partida de Stumm. Depois de longa abstinência, um copo de vinho bebido rapidamente pode causar uma vivacidade semelhante, mero fogo de palha, que nos deixa lúgubres e intocados por trás de uma colorida mudança de cena; e por isso, nem mesmo lhe ocorrera que as pessoas por cujo destino demonstrara aparentemente tanto interesse moravam bem perto de sua casa, e que poderia facilmente visitá-las. O relacionamento real continuara paralisado como um músculo seccionado.

Algumas lembranças constituíam todavia uma exceção, tendo despertado idéias ligadas a pontes de sentimento que, embora precárias, se mantinham de pé. O retorno do subsecretário Tuzzi do íntimo do sentimento para seu tratamento externo — segundo a expressão do próprio Ulrich —, lhe causava profundo contentamento, por lembrar-lhe que também suas anotações procuravam distinguir essas duas faces dos sentimentos. Mas Diotima aparecia igualmente diante de seus olhos em toda a sua beleza, diferente da de Ágata; que ela ainda pensasse nele o deixava orgulhoso, embora, de coração, achasse bem feito que o marido a tivesse castigado, nos minutos em

que esse coração, por assim dizer, trafegava pela carne. De todas as conversas que tiveram, recordou exatamente aquela em que Diótima afirmara não ser impossível . que, no amor, se manifestassem forças ocultas; e como a fonte dessa inspiração fora o amor pelo rico que também queria ter alma, os pensamentos de Ulrich chegaram a Arnheim. Ainda devia uma resposta para aquela oferta de emprego, feita com tanto sentimento, que lhe deveria propiciar uma posição influente na vida ativa, e se perguntou então no que teria dado o pedido de casamento, igualmente generoso e não menos vago, que deixara Diótima extasiada. Provavelmente tivera o mesmo destino; Arnheim manteria a palavra, caso fosse lembrado, mas nada tinha contra o esquecimento. A sarcástica tensão que aflorara em seu rosto ao lembrar-se dos tempos áureos de Diótima atenuou-se novamente. No fundo, não prendendo Arnheim ela dava prova de grande decência — pensou. Uma voz sensata no íntimo superpovoado daquela mulher. Sentindo-se abandonada por todas as coisas sublimes, ela mostrava traços sóbrios, e era bastante simpática em tais ocasiões. Aliás, uma gota de afeição sempre se misturava à antipatia que Ulrich nutria por ela; assim, não queria descartar que a própria Diótima tivesse notado afinal que formava com Arnheim um par ridículo: ela, disposta ao sacrifício do adultério, ele, ao sacrifício do casamento, de maneira que não se encontravam, imaginando por fim algo de celestial e inatingível para se dispensarem do realizável. Mas, lembrando-se do que Bonadéia contara sobre a escola de amor de Diótima, ele acabou concluindo tratar-se de fato de uma pessoa desagradável, e que nada permitia excluir que ela ainda viesse a persegui-lo com toda a força amorosa de que dispunha.

Fora mais ou menos, esse o curso seguido por seus pensamentos depois da conversa com Stumm, e Ulrich imaginou que assim deveriam pensar as pessoas de boa formação, sempre que se ocupassem umas com as outras à maneira tradicional; ele próprio, porém, perdera completamente esse hábito.

Ao entrar em casa, tudo isso se dissipou no vazio. Teve um momento de hesitação diante da escrevaninha, deixando as anotações deslizarem entre os dedos. Refletia. A explanação conceitual dos sentimentos era seguida, em seus manuscritos, por algumas considerações sobre estados de êxtase, seqüência que considerava correta. Comportamentos — como ele os mencionara em certas oportunidades — dominados inteiramente por um único sentimento não deixavam de ser extáticos. Estar sob o domínio da ira ou do medo é um êxtase. Aos olhos do indivíduo que vê apenas provocações ou ameaças, o mundo bem cedo perde a consistência, e por isso não se fala de um mundo, e sim de inspirações e ilusões; mas quando são as massas que a ele sucumbem, surgem alucinações de uma força e extensão terríveis.

Ele também já apontara para outro êxtase, que consiste na exaltação máxima dos sentimentos. Atingido esse grau, não se age mais com parcialidade, mas, pelo contrário, com insegurança e até mesmo de maneira absurda; o mundo, numa espécie de incandescência fria, perde suas cores; e do eu que se extingue sobra apenas o invólucro vazio. É decerto um êxtase empobrecedor, esse esvair-se da visão e audição — como, de resto, qualquer estado de exaltação da alma é menos exuberante que as situações normais —, ganhando importância apenas pela ligação com o êxtase orgiástico, o arrebatamento tempestuoso, ou combinado com esforços físicos intoleráveis, manifestações encarniçadas da vontade, sofrimentos ingentes, de que pode decorrer. Para ser breve, Ulrich misturava exemplos de formas transbordantes e exaurientes do perder-se, no que não deixava de ter razão; pois a diferença, bastante significativa do outro

ponto de vista, quase desaparecia ao se considerarem estas últimas manifestações. A presa do arrebatamento orgiástico mergulha em sua perdição como numa luz, dilacerar e ser dilacerado lhe parecem labaredas de amor e façanhas da liberdade, e, por maior que seja a distância, isso se assemelha à maneira como, no extremo cansaço e na amargura profunda, nos entregamos à nossa desgraça, o que nos traz a redenção e, assim, algo com o doce sabor de amor e liberdade. Agir e padecer se fundem nos graus mais elevados em que ainda os vivenciamos.

Esses êxtases provocados pelo poder absoluto ou pela crise de um sentimento são naturalmente meras imagens mentais, em maior ou menor escala; os verdadeiros êxtases — sejam eles místicos ou guerreiros, amorosos ou de outras comunhões em entusiasmo — pressupõem sempre um grupo de sentimentos aparentados e derivam de um conjunto de idéias que refletem esses sentimentos. Em formas pouco consistentes, que ocasionalmente se enrijecem ou voltam a se desfazer, tais visões do mundo, irrealis enquanto configuradas como grupos particulares de idéias e sentimentos (como ideologia, como secreção pessoal), são tão corriqueiras no dia-a-dia, que em geral nem chegam a ser encaradas como êxtase, embora constituam seu estado preliminar, mais ou menos como o palito de fósforo resguardado do fogo numa caixa representa o estado preliminar de um palito de fósforo que queima.

No último trecho, Ulrich ainda anotara que uma visão essencialmente extática do mundo se manifesta também nos casos em que o sentimento e as idéias que a ele servem têm precedência absoluta sobre a ponderação e reflexão; trata-se da visão do mundo exaltada, sentimental, da vida arrebatada, que encontramos em certas épocas literárias, sendo provável que também tenha existido parcialmente na realidade, dentro de comunidades de diversas dimensões. Mas, nessa lista, faltava mencionar exatamente aquilo que, para Ulrich, era o mais importante, o único estado d'alma, e do mundo, que considerava um êxtase comparável à realidade; entretanto, seus pensamentos o afastavam do assunto, pois se quisesse decidir como apreciar essa sedutora exceção, seria imprescindível — inclusive para escapar à precária alternância com que falava ora de um *mundo* do êxtase, ora simplesmente de uma *visão* do mundo — conhecer primeiro a relação que existe entre nosso sentimento e o mundo real, ou seja, o mundo que assim qualificamos em oposição às ilusões do êxtase.

Mas quando se trata de circunscrever esse mundo, empregamos medidas e partimos de condições próprias do conhecimento; e este — por maiores que sejam as dificuldades que nosso entendimento encontra ao tentar se aproximar de uma exposição exata de seus limites e de sua validade — apresenta, justamente em suas relações com o sentimento, uma particularidade importante e facilmente constatável: para conhecer, precisamos tanto quanto possível deixar de lado nossos sentimentos. Nós os suprimimos, para julgar com “objetividade”, ou nos colocamos em uma situação na qual os sentimentos remanescentes se anulam reciprocamente, ou, ainda, nos entregamos a um grupo de sentimentos frios, que, tratados com atenção, favorecem o próprio conhecimento. Os resultados obtidos nesse estado de sobriedade servirão como termo de comparação quando, em outros casos, viermos a falar das “ilusões” provocadas pelo sentimento. Assim, um estado zero, um estado de neutralização, em suma, um certo estado de sentimento é o pressuposto implícito das experiências e processos de pensamento graças aos quais consideramos como meramente subjetivas as sugestões provenientes de outros estados de sentimento. Uma experiência milenar confirmou que a melhor maneira de correspondermos permanentemente à realidade consiste em

retornar sempre a esse estado, necessário também para quem não quer pura e simplesmente conhecer, e sim agir. Nem mesmo o boxeador é capaz de prescindir da objetividade, que, no seu caso, se chama “sangue frio”; para não levar a pior, ele, dentro do ringue, deve evitar a cólera não menos que o desânimo! Para se ajustar à realidade, nosso comportamento sensível não depende portanto apenas dos sentimentos que momentaneamente nos inspiram ou de seus impulsos subterrâneos, mas sim, ao mesmo tempo, de um estado de sentimento contínuo e repetido que possibilita a compreensão da realidade e é de hábito tão pouco visível quanto o ar que respiramos.

Essa descoberta pessoal de um vínculo ao qual geralmente não se dá muita importância seduzira Ulrich a prosseguir suas reflexões sobre a relação do sentimento com a realidade. Aqui, é preciso fazer uma distinção entre percepções sensoriais e sentimentos. Também as primeiras nos “enganam”; sabidamente, a imagem sensível do mundo por elas apresentadas não é a própria realidade, e, por sua vez, mesmo não dependendo de idiossincrasias pessoais, a imagem intelectual que dela deduzimos tampouco independe de nossa humana maneira de pensar. Mas embora não haja qualquer semelhança palpável entre a realidade e as imagens que dela possuímos, por mais exatas que estas sejam, existindo antes uma falta de semelhança abissal e impreenchível, e embora jamais nos deparemos com o original, somos capazes de decidir, de uma maneira complicada, se e em que condições essa imagem é correta. No caso dos sentimentos, a situação é diversa. Para continuarmos nos expressando da mesma forma, estes também nos fornecem uma imagem falsa, não deixando, porém, de cumprir igualmente a tarefa de nos manter em harmonia com a realidade, só que de maneira diferente. Talvez essa exigência de manter-se em harmonia com a realidade exercesse uma atração especial sobre Ulrich; seja como for, ela caracteriza tudo o que se afirma na vida; e por isso, dela se deduz uma excelente fórmula abreviada, que, embora não abrangente, serve como teste para determinar se uma imagem fornecida pela percepção e o entendimento é correta e verdadeira: exigimos que as conseqüências da imagem espiritual que fizemos da realidade correspondam à própria imagem espiritual das conseqüências reais, e só então consideramos correta uma imagem intelectual. Dos sentimentos, pode-se dizer pelo contrário que, sem parar, nos levam de um erro para outro, um anulando o outro numa seqüência interminável.

Trata-se entretanto da mera conseqüência de uma divisão de trabalho, na qual a percepção, servida pelos sentidos, e os processos de pensamento, por ela bastante influenciados, se desenvolveram e, com poucas palavras, se transformaram em fontes de conhecimento, enquanto que ao campo dos sentimentos restou apenas o papel de propulsor mais ou menos cego; pois na origem, tanto nossos sentimentos quanto nossas impressões sensoriais se encontravam unidos na mesma raiz, o comportamento do qual participa toda a criatura quando era atingida por um estímulo. A divisão de trabalho que sobreveio mais tarde pode ainda hoje ser perfeitamente definida dizendo que os sentimentos fazem sem conhecimento aquilo que fariamos com conhecimento se chegássemos a fazer qualquer coisa sem outro impulso além do conhecimento! Caso nos fosse possível esboçar uma única imagem do comportamento sensível, teria de ser esta: supomos que os sentimentos mancham, deformam e descaracterizam a realidade. Tanto a ciência quanto o comportamento cotidiano incluem o sentimento entre as “subjetividades”; partem do pressuposto que ele modifica apenas “o mundo que vemos”, e consideram que se volatiliza depois de certo tempo,

sendo passageiras as transformações que efetuou na imagem do mundo, de maneira que, cedo ou tarde, “a realidade voltará a se impor”.

Ulrich achara bastante significativo que, como *pendant* e contrapartida desse estado de sentimento parcialmente paralisado, no qual a experiência científica e o comportamento objetivo se baseiam, a superação do sentimento se repetisse como característica da vida temporal. Pois a influência de nossos sentimentos sobre aquilo que permanece válido em sua verdade e necessidade, sobre as idéias objetivas de nosso espírito, praticamente se anula, tanto ao longo do tempo, como na extensão do simultâneo; e quanto à influência do sentimento sobre as representações não objetivas, sobre as idéias e ideologias vacilantes nascidas de sua alternância, pensamentos, opiniões e posições que dominam sucessiva e concomitantemente a existência histórica, também ela se anula, embora para transformar-se no contrário da certeza, em algo pior que o nada, no acaso, na desordem e mutabilidade impotentes, resumindo, naquilo que Ulrich, irritado, denominava “questão de sensibilidade”.

Ao reler essas indicações, ele teve vontade de detalhá-las melhor; isso era todavia impossível, já que a própria reflexão que fora transcrita até esse ponto e prosseguia em tópicos estava a exigir que concluísse algo de mais imediato. Pois se a imagem intelectual do mundo, a imagem correspondente à realidade (a imagem correta, ainda que mera imagem) é traçada a partir de um determinado estado de sentimento, caberia agora perguntar o que aconteceria caso outros sentimentos nos dominassem com igual eficácia. Que essa questão não carece de sentido, já se depreende do fato que qualquer afeto mais intenso deforma à sua maneira a imagem do mundo; e seres profundamente melancólicos ou de alegria doentia poderiam objetar, diante das “ilusões” de uma pessoa neutra e equilibrada, não serem sombrias ou alegres por causa do sangue que lhes corre nas veias, e sim pelo que viveram num mundo coberto de pesadas sombras ou pleno de leveza celestial. E assim como podemos conceber uma imagem do mundo baseada na predominância de um sentimento ou grupo de sentimentos — o orgiástico, por exemplo —, é igualmente possível ela se fundamentar na primazia do sentimento em geral, como acontece no caso de indivíduos ou comunidades imbuídos de fanatismo ou sentimentalismo; e é perfeitamente corriqueiro o mundo pintar-se de forma diversa e a vida ser diversamente vivida com base em determinados grupos de idéias, passando mesmo às raías do absurdo.

Ulrich não estava minimamente inclinado a considerar o conhecimento um erro, ou o mundo uma ilusão, mas lhe parecia lícito falar não apenas de uma imagem modificada do mundo, como também de um outro mundo, sempre que predominasse um sentir diferente daquele que propicia uma adaptação à realidade. Esse mundo seria “irreal”, no sentido que lhe faltaria quase qualquer objetividade; nele, não haveria representações, cálculos, decisões e ações ajustadas à natureza, e as desavenças entre os homens talvez desaparecessem por longo tempo, sendo, porém, praticamente insanáveis uma vez surgidas. Mas, no Fim das contas, isso seria apenas quantitativamente diferente do que ocorre em nosso mundo, a possibilidade dependendo exclusivamente de saber se a humanidade seria capaz de sobreviver em tais condições e se poderia obter uma certa constância em meio aos fluxos e refluxos das interferências externas, bem como em seu próprio comportamento. É concebível eliminar ou substituir muitas coisas na realidade, sem que surja com isso um mundo onde os homens não possam mais viver. Há muita coisa capaz de realidade e de mundo que simplesmente não se encontra num determinado mundo e realidade.

Ulrich não ficou nada satisfeito com o que escrevera, pois não queria que todas essas possíveis realidades parecessem estar no mesmo pé de igualdade. Levantou-se e caminhou pelo quarto. Ainda faltava uma espécie de diferenciação entre “realidade” e “realidade plena”, ou entre “realidade para alguém” e “realidade real”, ou, com outras palavras, faltava ainda explicitar as diferenças de nível quanto à pretensão de valer como realidade e mundo, e justificar por que concedemos àquilo que em quaisquer circunstâncias consideramos real e verdadeiro uma supremacia — ligada a condições de exequibilidade — sobre o que vale apenas em circunstâncias particulares. Pois também um animal se orienta com muito acerto na realidade, e como decerto não o faz com alma totalmente entrevada, mesmo dentro dele deve haver algo que corresponda às representações que fazemos do mundo e da realidade, sem que, *por isso*, precise ter a mínima semelhança com elas; por outro lado, nem mesmo nós possuímos a verdadeira realidade, podemos apenas melhorar, num processo infinito, as representações que dela fazemos, enquanto no tumulto da vida chegamos até a utilizar paralelamente representações de profundidade bastante diversa; o próprio Ulrich verificara isso no decorrer daquela hora, diante do exemplo de uma mesa e de uma bela mulher. Depois de ter feito mais ou menos essas reflexões, sua inquietação passou e ele decidiu que era o bastante; pois tudo o que ainda poderia ser dito não era privilégio seu, nem daquela hora. Certificou-se apenas mais uma vez de que em seu apanhado nada existia que viesse possivelmente a prejudicar uma explanação mais exata, e anotou *honoris causa* algumas palavras que apontavam na direção do que faltava.

Isso feito, interrompeu completamente sua atividade, contemplou através da janela o jardim que se estendia lá fora na luz da tardinha, e chegou mesmo a descer por uns instantes, para expor sua cabeça ao ar. Quase temia poder agora afirmar demais ou de menos; pois o que o aguardava para ser escrito lhe parecia mais importante que todo o resto.

## ULRICH E OS DOIS MUNDOS DO SENTIMENTO

“Qual a maneira mais propícia de começar?”, perguntava-se Ulrich perambulando pelo jardim, enquanto o calor do sol e folhas frescas de sombra se alternavam sobre seu rosto e suas mãos. “Será que devo dizer logo de saída que todo sentimento existe de dois modos, podendo dar origem a dois mundos tão diversos como dia e noite? Ou será melhor partir da importância que o sentimento cético tem para nossa visão do mundo, seguindo então o caminho inverso, para chegar à influência que a visão do mundo surgida da ação e do saber exerce sobre a imagem que fazemos de nossos sentimentos? Ou será que devo definir como êxtase aquilo que indiquei serem mundos em que os sentimentos não se anulam uns aos outros?” Mas, enquanto ainda se fazia essas perguntas, ele decidiu começar com tudo ao mesmo tempo; pois o pensamento pelo qual se angustiava a ponto de ter interrompido seu manuscrito era tão cheio de implicações como uma velha amizade, e nem mesmo se podia dizer como ou quando surgira. Ulrich fora se aproximando dele durante o trabalho sistemático,

empreendido, aliás, com esse único intuito, e agora que chegara ao fim, atrás das névoas dissipadas encontraria a clareza ou o vazio. Passou por um instante sofrido ao formular as primeiras palavras, que não tiveram continuação: “Em cada sentimento residem duas possibilidades de desdobramento fundamentalmente diversas, que, de hábito, se fundem numa só; mas elas também podem se impor de maneira isolada, o que sucede sobretudo no êxtase!”

Resolveu dar-lhes a denominação provisória de evolução externa e interna e abordá-las por seu lado mais inofensivo. Dispunha para tanto de muitos exemplos: agrado, amor, ira, desconfiança, generosidade, asco, inveja, desalento, medo, desejo..., que ordenou mentalmente numa seqüência. Formou então uma segunda seqüência: benevolência, ternura, irritação, suspeição, desprendimento, temor, anseio, faltando apenas os elementos para os quais não encontrou um nome. Comparou as duas. A primeira continha sentimentos definidos, despertados em nós sobretudo por uma conjunção precisa; a outra continha sentimentos indefinidos, tanto mais fortes quando não sabemos o que os despertou; mas, em ambos os casos, tratava-se dos mesmos sentimentos, em estado geral ou particular. “Direi portanto que, em cada sentimento, devemos distinguir dois desenvolvimentos, um levando à definição, o outro à indefinição”, pensou. “Mas é melhor anotar primeiro todas as diferenças relacionadas com esse ponto.”

Teria podido enumerar a maioria delas até durante o sono, e qualquer pessoa há de considerá-las familiares, basta que — embora Ulrich tenha preferido evitá-lo — empregue a palavra estados de espírito para designar os “sentimentos indefinidos” da segunda seqüência por ele formulada. Distinguindo entre sentimento e estado de espírito, fica fácil observar que o “sentimento definido” se refere sempre a alguma coisa, brota de uma situação de vida, tem um objetivo e se manifesta num comportamento bastante claro, enquanto que um estado de espírito expressa mais ou menos o contrário de tudo isso; ele é abrangente, indeciso, disperso, inativo, contém algo de indefinido apesar de toda a nitidez, sendo capaz de se derramar sobre qualquer objeto, sem que nada aconteça ou que ele próprio se modifique. Ao sentimento definido corresponde um comportamento igualmente definido com relação a alguma coisa; ao indefinido, um comportamento geral, um comportamento com relação a tudo, e enquanto um nos puxa para dentro de um acontecimento, o outro apenas nos deixa participar dele atrás de uma janela colorida.

Ulrich se demorou por um instante nessa diferença de comportamento externo, que separa os sentimentos definidos dos indefinidos. Disse para si mesmo: “Vou acrescentar o seguinte: evoluindo para a definição, o sentimento em certa medida se aguça, estreita seu objetivo e termina afinal, por dentro e fora, como que num beco sem saída; leva a uma ação ou resolução, e, embora não deixe então de existir, segue seu curso ulterior transformado, como água de moinho. Evoluindo, pelo contrário, para a indefinição, parece não dispor de nenhuma energia. Mas enquanto o sentimento que se definiu lembra um ser com garras, o indefinido modifica o mundo como o céu muda de cor, sem pretensões, desprendido, e é como as nuvens no céu que, dentro dele, as coisas e acontecimentos se transformam; o sentimento indefinido tem diante do mundo um comportamento algo mágico e — Deus me proteja! — possui um quê de feminino em comparação com o definido!” Depois dessas palavras, ocorreu-lhe um pensamento altamente sedutor: pois, naturalmente, é sobretudo a evolução em direção ao sentimento definido o que acarreta a inconstância e fragilidade da vida psíquica.

Que não possamos reter o instante em que sentimos; que os sentimentos murchem, mais rápidos que as flores, ou se transformem em flores de papel quando pretendem perdurar; que a felicidade e a vontade, a arte e o ideário sejam passageiros — tudo isso decorre do caráter definido do sentimento, que lhe imprime um destino e o empurra para dentro do curso da vida, onde será dissolvido ou modificado. O sentimento que se mantém sem definições e limites é, pelo contrário, relativamente imutável. Veio-lhe uma comparação: “Um morre, como um indivíduo, o outro permanece, como uma espécie ou gênero.” Quem sabe se, de fato, mesmo que indiretamente, não se reproduz assim na disposição do sentimento uma disposição geral da vida; ele não conseguia avaliar, mas também não se deteve, pois acreditava jamais ter enxergado com tanta clareza.

Estava pronto para voltar imediatamente a seu quarto, mas deixou-se ficar no jardim por mais algum tempo, porque ainda queria recapitular por alto todo o plano, antes de fixá-lo por escrito. “Falei de duas possibilidades de evolução e de dois estados de um mesmo sentimento” — refletiu —, “nesse caso, porém, é claro que já na origem do sentimento deve haver uma certa predisposição para isso. E realmente, os próprios impulsos, que alimentam nossa alma com uma vida quase de sangue animal, mostram essa dupla propensão. Um impulso preme à ação, e essa parece ser sua principal tarefa; mas ele também afina a alma. Antes que encontre um objetivo, pode-se mesmo observar com muita nitidez como se dilata e estende de maneira indefinida, e não faltarão pessoas que vêem exatamente aí o indício para o despertar de um impulso, o sexual, por exemplo, mas é claro que há também uma ânsia da fome e de outros impulsos. Assim, encontram-se no impulso o definido e o indefinido. Vou acrescentar” — pensou Ulrich — “que os órgãos do corpo, que contribuem quando o mundo exterior desperta em nós um afeto, podem eles próprios despertá-lo em outras ocasiões, em que o estímulo vem de dentro; mais não é preciso, para chegar ao êxtase!”

Recordou então que, segundo resultados de pesquisa — para não falar da interpretação que lhes dera em seus escritos —, supunha-se que o ponto de partida para um sentimento poderia servir igualmente a outro sentimento, sendo que nenhum deles jamais chegava a um fim determinado no processo de sua configuração e consolidação. Caso isso fosse correto, nenhum sentimento atingiria um estado de perfeita definição, e, muito provavelmente, nem mesmo de perfeita indefinição, não havendo um sentimento totalmente definido, nem totalmente indefinido. É, de fato, quase sempre ocorre as duas possibilidades se ligarem, formando uma realidade comum, na qual existe tão-somente a predominância de uma ou de outra. Não há “estado de espírito” que não contenha sentimentos definidos que dentro dele se formam e voltam a se dissolver; e não há sentimento definido que não deixe transparecer a característica do indefinido, pelo menos nos momentos em que se pode dizer que ele “brilha”, “envolve”, “age por si mesmo”, “cresce”, ou incide “diretamente” sobre o mundo, sem movimento externo. O que não exclui a existência de sentimentos muito próximos de um caso ou de outro.

As palavras “definido” e “indefinido” apresentam naturalmente um inconveniente. Nenhum sentimento jamais é suficientemente definido. Nesse sentido, o sentimento definido permanece indefinido, fato que, porém, se distingue, com facilidade da indefinição essencial. “Fica faltando apenas descobrir por que o sentimento indefinido, em seu caráter e formação, é considerado menos real que seu oposto”, pensou



Ulrich. “Ambos são parte da natureza. Se lhes atribuimos valores diferentes, é provavelmente porque, a nosso ver, a evolução externa do sentimento é mais importante que a interna, ou porque achamos a definição mais importante que a indefinição. E se não fosse assim, nossa vida teria mesmo que ser diferente do que é! Uma particularidade óbvia da cultura européia consiste em declararmos a torto e a direito que o ‘mundo interior’ é a coisa mais bela e profunda da vida, enquanto, apesar disso, o tratamos como mero anexo do exterior. E um verdadeiro segredo contábil, como essa cultura consegue realizar tal operação, embora não seja segredo para ninguém: o mundo exterior e a ‘personalidade’ são colocados frente a frente; supõe-se que o mundo exterior desencadeie numa pessoa processos internos que deverão capacitá-la a reagir de maneira adequada; e, estabelecendo em pensamento essa rota que leva de uma modificação do mundo a outra modificação do mundo através da modificação de uma pessoa, atingimos aquela ambigüidade característica que nos permite venerar o mundo interior como o verdadeiro território da soberania humana, exigindo ao mesmo tempo que tudo o que nele sucede cumpra a tarefa precípua de desembocar devidamente num efeito externo.”

Passou pela cabeça de Ulrich que deveria examinar nessa ótica o comportamento da civilização diante da religião e da arte; mas era mais importante seguir na direção que seus pensamentos tinham tomado. Em lugar de “mundo interior”, podia-se dizer simplesmente “sentimento”, pois sobretudo este ocupa a posição ambígua de constituir propriamente o interior, sendo, porém, tratado na maioria dos casos como a sombra do exterior; e, é claro, isso vale particularmente para aquela evolução interna e indefinida do sentimento, que Ulrich acreditava poder distinguir. Já aí se constata serem quase sempre tomadas do exterior as expressões que usamos para descrever o domínio interno. Essa transposição do acontecimento externo, com seu caráter ativo, para o interno, cuja índole é diversa, fica evidente mesmo ao falarmos de atividades para descrevê-lo, como emanar, ligar, comover e assim por diante: pois essas imagens, tomadas do mundo exterior, se tornaram significativas e usuais para o mundo interior tão-somente por, dentro dele, não dispormos de melhores. As próprias teorias científicas que descrevem o sentimento como entrelaçamento ou justaposição igualitária de ações externas e internas fazem uma concessão a essa prática, exatamente por viverem falando de um agir, sem fazer caso do distanciamento da ação próprio daquilo que é puramente interior. E já por esses motivos é simplesmente inevitável que a evolução interna do sentimento nos pareça um mero anexo da externa, uma repetição, uma imagem embaçada, que dela se distingue pela menor nitidez das formas e ligações mais turvas, causando assim a impressão um tanto descuidada de acontecimento secundário.

Mas não se trata naturalmente apenas de um modo de exprimir-se ou de uma primazia mental: o que sentimos “na realidade” depende de mil maneiras da realidade e, portanto, também da evolução definida e exterior do sentimento, à qual a interior e indefinida se subordina, mais ainda, pela qual é como que absorvida. “Os detalhes não têm importância” — decidiu Ulrich —, “mas cada um deles serviria de exemplo para, por um lado, mostrar que ao conceito que estabelecemos de nossos sentimentos cabe a função de assimilar a parte ‘subjettiva’ destes às representações que fazemos da realidade, e, por outro, que no próprio sentir os dois potenciais se confundem num processo global que manterá ligadas as evoluções externa e interna. Simplificando: somos seres ativos; necessitamos a segurança do pensamento para nossa ação; também

necessitamos portanto um sentimento passível de neutralização: a forma particular de nosso sentir deriva do fato de nós o inserirmos na imagem da realidade, e não fazermos o inverso, que seria o comportamento extático. E, exatamente por isso, deve existir dentro de nós a possibilidade de sentir de forma inversa e experimentar o mundo de forma diversa!”

Tinha agora pressa de escrever e estava seguro de que seus pensamentos poderiam resistir até mesmo a um exame mais detalhado. Ao entrar no quarto, acendeu a luz, pois as paredes já se encontravam na sombra. Não havia sinal de Ágata. Hesitou por um instante, antes de começar.

Ficou inibido ao lembrar que, na impaciência abreviadora de quem elabora um plano, acabara usando seja os conceitos de “exterior” e “interior”, seja os de “pessoa” e “mundo”, como se a distinção entre as duas efetividades do sentimento correspondesse a eles. Naturalmente, não era assim. Uma vez aceita, a diferenciação peculiar que Ulrich fizera entre as possibilidades de configuração em sentimento definido ou indefinido atravessa as outras diferenças. Tanto no curso externo, para o mundo, quanto no interno, para dentro da pessoa, o sentimento evolui dos dois modos. Procurou uma expressão justa, pois as palavras “definido” e “indefinido”, embora indicativas, não lhe agradavam muito. “A diferença originária de vivência reside — da maneira mais enxuta e, no entanto, mais significativa — em que, para fora e para dentro, existe tanto uma exteriorização quanto uma interiorização do sentimento!”, refletiu, a princípio contente, até achar essas palavras tão insatisfatórias quanto todas as outras, inclusive as dez ou doze que ainda viria a experimentar. Mas isso não abalou minimamente sua convicção, pareceu-lhe apenas uma dificuldade prática que o aguardava, provocada porque a língua não foi criada para esse lado da existência. “Depois de conferir tudo mais uma vez e achar que está correto” — decidiu —, “não devo ligar se por fim acabar falando apenas de nosso sentimento comum e de nosso ‘outro’ sentimento!”

Sorrindo, apanhou da estante um livro em que se encontrava uma marca de leitura, e precedeu as próprias palavras das seguintes palavras alheias: “Embora o céu, como a Terra, esteja submetido a uma seqüência de acontecimentos diversos, os anjos não têm a menor noção ou idéia de espaço e tempo. Lá também os fenômenos se sucedem uns aos outros, em perfeita conformidade com o mundo, mas, mesmo assim, eles não sabem o que significa o tempo, pois no céu não há anos e dias, vigoram apenas modificações de estado. Onde há anos e dias, vigoram os tempos, onde há modificações de estado, estados. Como os anjos, ao contrário dos homens, não têm nenhuma idéia do tempo, lhes falta também sua determinação; eles nem mesmo conhecem a divisão em anos, meses, semanas, horas, em amanhã, ontem e hoje. Quando ouvem um ser humano falar a respeito — e Deus sempre fez anjos acompanharem os homens —, entendem estados e determinações de estado. O homem pensa a partir do tempo, o anjo a partir do estado; assim, o que nos homens é idéia natural, se transforma nos anjos em idéia espiritual. No mundo espiritual, todos os fenômenos de movimento se realizam através de modificações de estado. Como isso me preocupava, fui alçado à esfera celeste e à consciência dos anjos, e conduzido por Deus através dos reinos do céu até os astros do Universo, em espírito, entende-se, enquanto meu corpo ficava no mesmo lugar. Todos os anjos se movem dessa maneira de um local para outro, razão pela qual não existem distâncias para eles, e, por conseguinte, também não existe longitude, mas apenas estados e modificações de estado;

toda aproximação é uma semelhança de estados interiores, todo afastamento, uma diversidade; os espaços no céu nada mais são que estados externos que correspondem aos internos. No mundo espiritual, qualquer um fica visível para o outro assim que sente um desejo premente de sua presença, pois, então, se coloca em seu estado; existindo repulsa, ele, pelo contrário, se afasta. Da mesma forma, alguém que muda de paradeiro em seu meio, em átrios ou jardins, chega mais depressa quando anseia por isso, e mais devagar quando o anseio é menor, o que observei freqüentemente e sempre me causou espanto. E como os anjos não podem conceber o tempo, a idéia que eles fazem da eternidade é diferente da dos homens terrenos; eles entendem por eternidade um estado infinito e não um tempo infinito.”

Ulrich encontrara essa passagem por acaso, ao folhear alguns dias antes uma edição das obras escolhidas de Swedenborg, que possuía, mas nunca chegara a ler direito; e se a transcrevera tão extensamente, comprimindo-a um pouco, era porque apreciava ouvir esse velho metafísico, esse engenheiro erudito — que, aliás, causara impressão nada desprezível sobre Goethe e até mesmo Kant —, falar do céu e dos anjos com tanta segurança como se se tratasse de Estocolmo e seus habitantes. Isso condizia tão bem com sua própria ocupação, que a diferença restante, também ela nada desprezível, se destacava com enorme nitidez. Sentia grande prazer em insistir nessa diferença e em recriar aquelas afirmações de um vidente, decerto secas e despidas de sonho em sua precoce convicção, mas nem por isso menos extravagantes, partindo dos conceitos formulados com maior cautela por um século ulterior.

E escreveu assim o que pensara.

\* \* \*

## NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

Os primeiros manuscritos do que viria a ser *O Homem Sem Qualidades* datam do começo da década de 20, provavelmente mesmo de 1919. O romance projetado tinha então o título provisório de O ESPIÃO.

O primeiro volume, contendo, em duas partes, os 123 capítulos do primeiro livro, veio a público em 1930. Nessa época, já existia, em diversos graus de elaboração, farto material para o segundo livro, correspondendo a uma concepção geral da obra. Entretanto, como sempre acontecia quando Musil fazia planos, tudo ficava em aberto; o destino subsequente de *O Homem Sem Qualidades* será exatamente este, Musil continuará aproveitando e reescrevendo material já preparado, fazendo estudos, tomando notas, redigindo novos capítulos e, mesmo, enfatizando novos complexos temáticos. O romance prossegue pela confluência do projeto “inicial” (que, de resto, a publicação do primeiro livro viera de certa forma a fixar) com as determinações que se impõem durante o próprio trabalho pelo desenvolvimento da ação e das personagens, para não falar no peso dos acontecimentos históricos de uma época conturbada e vertiginosa.

Por insistência do editor, que queria aproveitar o sucesso do primeiro volume, Musil, em grandes dificuldades financeiras — que persistirão até o fim de sua vida —, libera 38 capítulos do segundo livro (terceira parte), que são, finalmente, publicados em março de 1933. Hitler acabara de tomar o poder. Musil abandona Berlim, onde estava vivendo, e retorna a Viena. A exemplo do que existira na Alemanha, é organizado na Áustria um novo círculo, que contribui financeiramente para que o autor possa continuar seu trabalho. Um novo editor republica o primeiro volume, pressionando Musil a concluir, pelo menos, mais uma parte do segundo, com vistas a uma nova edição. Musil prepara 20 capítulos. Recebe as provas de prelo no momento em que a Áustria é anexada pelo *Terceiro Reich*. O destino da publicação estava selado. Musil irá fixar-se em Genebra, na Suíça, onde será particularmente ajudado por seu amigo, o pastor Robert Lejeune.

As provas de prelo são revistas e corrigidas; Musil elabora, também, alternativas para alguns dos capítulos e tenta dar prosseguimento ao romance. Morre aos sessenta e um anos em 15 de abril de 1942, no curso desse trabalho.

Do gigantesco espólio referente a *O Homem Sem Qualidades*, sua mulher, Martha Musil, selecionou 40 capítulos, que publicou por conta própria em 1943, em regime de subscrição.

Terminada a guerra, derrotado o nazismo, e abrindo-se assim novamente espaço para a literatura alemã, era preciso definir uma nova edição da obra, para, de fato, relançá-la. Pois, como escreveu o suplemento literário do *Times* de Londres em 1949, Musil, “o mais importante romancista de língua alemã deste meio século”, era ao mesmo tempo “um dos escritores menos conhecidos de nossa época”.

Adolf Frise entregou-se a esta tarefa, entusiasmado pela descoberta do espólio e pela perspectiva de apresentar uma versão “completa” de *O Homem Sem Qualidades*. Partindo de observações de Musil, estabeleceu uma arquitetura em que, aos 123 capítulos do primeiro livro (primeira parte, mais curta, à guisa de introdução; segunda parte, longa, tendo como eixo o tema da “ação paralela”), correspondiam 128 do segundo, destacando, entre outros complexos temáticos, o eixo representado pelo relacionamento entre Ulrich e Ágata, e concluindo o romance. Frise não chegou a separar explicitamente uma quarta parte, que, como contraponto à introdução, seria um tempo curto, à guisa de conclusão. Musil previra duas linhas entrelaçadas para finalizar o romance, uma delas levando — é óbvio — à eclosão da guerra, para a qual tudo converge, e outra, ligada à evolução do pensamento de Ulrich e a sua utopia de vida, abandonada pairando num momento de seu curso, como pausa feita durante a subida de uma montanha.

Não podemos entrar em maiores detalhes dessa edição de 1952 — de importância capital para a redescoberta de Musil —, nem da polêmica que ela originou. O próprio Frise confessara as dificuldades em estabelecer a seqüência de vários capítulos e, mesmo, grupos de capítulos; e as diferenças no nível de elaboração e no próprio teor do material selecionado do espólio eram patentes: incluía desde parte das provas de prelo e outras páginas sublimes até trechos de esboços, rascunhos de estudos, fragmentos, elaborados em diversas épocas.

Ao mesmo tempo, a polêmica, desencadeada, entre outros, pelos tradutores ingleses (aos quais, mais tarde, se associou o tradutor francês), girava em torno das possíveis intenções de Musil nos últimos anos de vida. Não tinha, de fato, sentido negar que a continuação do romance passara, então, por uma profunda crise, e não apenas de cunho material. Os tradutores ingleses, particularmente, afirmavam que Musil abandonara seu plano inicial. Ele não teria dado mais tanta importância à explosão da guerra como momento conclusivo. O mesmo valeria para diversos outros desenvolvimentos, principalmente — ponto delicado e importante — para o incesto entre Ulrich e Ágata. Este não mais se consumaria. O romance terminaria em aberto, com o incesto devidamente sublimado na fusão mística dos irmãos com o mundo, que caracteriza em particular uma variante para o capítulo 52 das provas de prelo (ou um possível capítulo 61 ou 6...), da qual existem diversas versões, sempre mais lapidadas, e datadas dos últimos anos de vida do escritor.

Para satisfazer a curiosidade do leitor brasileiro, diga-se de passagem que, segundo planos mais antigos de Musil, Ulrich tenta libertar Moosbrugger, Clarisse enlouquece, e, depois de consumado o incesto, a relação entre Ulrich e Ágata termina em náusea e desespero. Isso para não falar na introdução da problemática social, com seus diversos esboços e anotações, para cuja elaboração Musil queria ainda aprofundar seus conhecimentos de economia política.

Frise reviu em seguida sua posição, estabelecendo novos critérios perfeitamente objetivos para uma ulterior edição de *O Homem Sem Qualidades*, que veio a ser publicada nos anos 70, podendo considerar-se definitiva. Nela, o desenvolvimento da narrativa é mantido até as provas de prelo de 1937/38. Seguem-se os manuscritos dos últimos anos de vida, correspondendo a diversas versões de alternativas para alguns capítulos das provas de prelo e a tentativas de dar-lhes seqüência. Já este material é organizado em ordem cronológica regressiva, ou seja, 1941/42, 1939/41, etc. Sempre seguindo esta ordem, os rascunhos de capítulos (ou possíveis capítulos) de elaboração anterior são agrupados por complexos temáticos. Em seguida, vêm as anotações, estudos, observações, planos de trabalho, etc, referentes a complexos temáticos, grupos de capítulos, ou, finalmente, de caráter geral, remontando até os anos de 1919/20. São incluídas ainda versões iniciais de certos capítulos, publicadas previamente em separado entre os anos de 1921 e 1933. O conjunto chega a mais de duas mil páginas.

Na língua original, uma tal edição não apenas se justifica, mas, no caso presente, é a única concebível, mesmo que grande parte do material só vá despertar o interesse de germanistas e, particularmente, dos estudiosos de Musil: trata-se de uma obra capital, mas “inacabada”, sendo difícil determinar as intenções do autor quanto à sua continuação. Rascunhos e anotações de épocas diversas ampliam o horizonte, aprofundam problemas, dão indicações de como Musil refaria até mesmo partes já publicadas. Além disso, a própria história da publicação de *O Homem Sem Qualidades* cria um certo pudor em fazer quaisquer cortes.

É óbvio que uma tradução tem objetivos mais modestos, e não pode pretender seguir os mesmos critérios e considerações. Pode-se fazer (e foi feito) um esforço para publicar a obra em um só volume, de uma só fornada, evitando a diluição no tempo. Mas o problema do corte se coloca, e quem gosta de Musil e edita *O Homem Sem Qualidades* não consegue escapar da sensação de que um corte é sempre arbitrário; mais que todos, aliás, o que se deu a 15 de abril de 1942 numa pequena casa do Chemin des Clochettes, em Genebra.

À parte isso, era indispensável assegurar uma compreensão geral da obra através de um desenvolvimento, em todos os seus aspectos, do complexo temático Ulrich/Ágata. Optou-se, assim, por encerrar a edição brasileira com o último grupo substancial de capítulos interligados, preparado por Musil para a publicação, ou seja, os 20 capítulos das provas de prelo, devidamente revistos e corrigidos por ele, embora não estivesse ainda completamente satisfeito.

Não foram consideradas as alternativas em que ele trabalhava nos últimos anos de vida. A tradução de diversas versões de um mesmo capítulo coloca problemas que são também — mas não apenas — técnicos, tanto mais quando todas elas apresentam um alto grau de elaboração.

Por outro lado, fazer uma seleção de capítulos originais, sejam eles alternativas para capítulos anteriores, ou representem uma continuação do romance, repropõe ao infinito as questões tratadas ao resumirmos a história da edição alemã. Acaba-se caindo na tentativa pessoal de dar prosseguimento à obra, ou, então, rompendo qualquer estrutura coerente, pela inclusão de uma “seleta do espólio” segundo os critérios de beleza formal ou profundidade de pensamento de determinado rascunho. O que não quer dizer — muito pelo contrário — que tais capítulos não mereçam ser traduzidos em outra ocasião.

Faz parte da grandeza e do fascínio da obra de Musil que ela, mesmo interrompida, nunca pareça inacabada, com suas linhas de força sempre apontando para a catástrofe que desponta no horizonte, com sua abertura sempre reproposta na tentativa de transcender a desilusão assumida com o vazio de um mundo.

# ÍNDICE

## LIVRO SEGUNDO

### TERCEIRA PARTE

#### RUMO AO REINO DOS MIL ANOS [OS CRIMINOSOS]

1. A irmã esquecida .....	477
2. Confiança .....	481
3. Manhã numa casa enlutada .....	488
4. “Ah, eu tive um companheiro” .....	494
5. Eles agem mal .....	498
6. Por fim, o ancião poderá descansar .....	504
7. Chega carta de Clarisse .....	506
8. Família a dois .....	509
9. Ágata, quando não consegue falar com Ulrich .....	516
10. Continua o passeio pela Schwedenschanze. Moral do próximo passo .....	521
11. Diálogos sagrados. Começo .....	530
12. Diálogos sagrados. Continuação com vicissitudes .....	535
13. Ulrich retorna e o general o informa de tudo o que perdeu .....	548
14. Novidades entre Walter e Clarisse. Um exibicionista e seu público .....	555
15. O testamento .....	564
16. Reencontro com o diplomático marido de Diotima .....	571
17. Diotima mudou de leituras .....	576
18. Dificuldades de um moralista ao escrever uma carta .....	584
19. Ao encontro de Moosbrugger .....	589
20. O Conde Leinsdorf se mostra cético quanto à propriedade e cultura .....	597
21. Jogue no fogo tudo o que tiver, até os sapatos .....	606
22. Da crítica de Koniatowski da tese de Danielli ao pecado original. Do pecado original ao enigma afetivo da irmã .....	614
23. Bonadéia, ou a recaída .....	624
24. Ágata chega realmente .....	634
25. Os irmãos siameses .....	639
26. Primavera na horta .....	646
27. O General Stumm logo descobre Ágata para a sociedade .....	661
28. Alegria demais .....	666
29. O Professor Hagauer pega da pena .....	673
30. Ulrich e Ágata procuram posteriormente um motivo .....	678
31. Ágata quer se suicidar e conhece um homem .....	684
32. Nesse meio tempo o general leva Ulrich e Clarisse ao hospício .....	692
33. Os loucos saúdam Clarisse .....	696



34. Prepara-se um grande acontecimento. O Conde Leinsdorf e o Inn.....	707
35. Prepara-se um grande acontecimento. Conselheiro Meseritscher.....	709
36. Prepara-se um grande acontecimento. E encontramos conhecidos.....	714
37. Uma comparação.....	722
38. Prepara-se um grande acontecimento. Mas ninguém notou.....	728

## OBRA PÓSTUMA

Vinte capítulos liberados para a impressão em 1937-38, cujas provas de prelo foram, porém, recolhidas e retrabalhadas por Musil; eles deveriam dar continuação ao *Livro ■Segundo*, mas não concluí-lo.

39. Depois do encontro .....	745
40. O fazobém.....	748
41. Os irmãos na manhã seguinte .....	753
42. Peregrinação à casa de um estranho.....	757
43. O fazobém e o fazomal. Mas também Ágata.....	760
44. Uma tremenda discussão.....	765
45. Começa uma série de estranhas ocorrências.....	771
46. Raios de luar durante o dia.....	775
47. Perambulando entre os homens .....	781
48. O amor é cego. Ou dificuldades onde não são procuradas.....	788
49. O General von Stumm lança uma bomba. Congresso Mundial da Paz.....	794
50. Ágata descobre o diário de Ulrich '.....	801
51. Grandes mudanças .....	807
52. Para seu desprazer, Ágata encontra um resumo histórico da psicologia dos sentimentos .....	813
53. Os dossiês “D” e “L” .....	819
54. Descrição ingênua de como se forma um sentimento .....	826
55. Sentimento e comportamento. A insegurança do sentimento .....	831
56. O fazobém canta...-.....	839
57. A realidade e o êxtase .....	849
58. Ulrich e os dois mundos do sentimento .....	854
<i>Nota à edição brasileira</i> .....	861

Este livro foi impresso na cidade de São Paulo, em agosto de 1999,  
pela Lis Gráfica e Editora, para a Editora Nova Fronteira.

Os fotolitos do miolo foram feitos pela

Minion Tipografia Editorial, e os da capa pela Madina Fotolitos.

O papel do miolo é Chambril 75g/m<sup>2</sup> e o da capa, cartão supremo 250g/m<sup>2</sup>.

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo reembolso postal à

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, 25 - Botafogo - 22251-050 - Rio de Janeiro - RJ